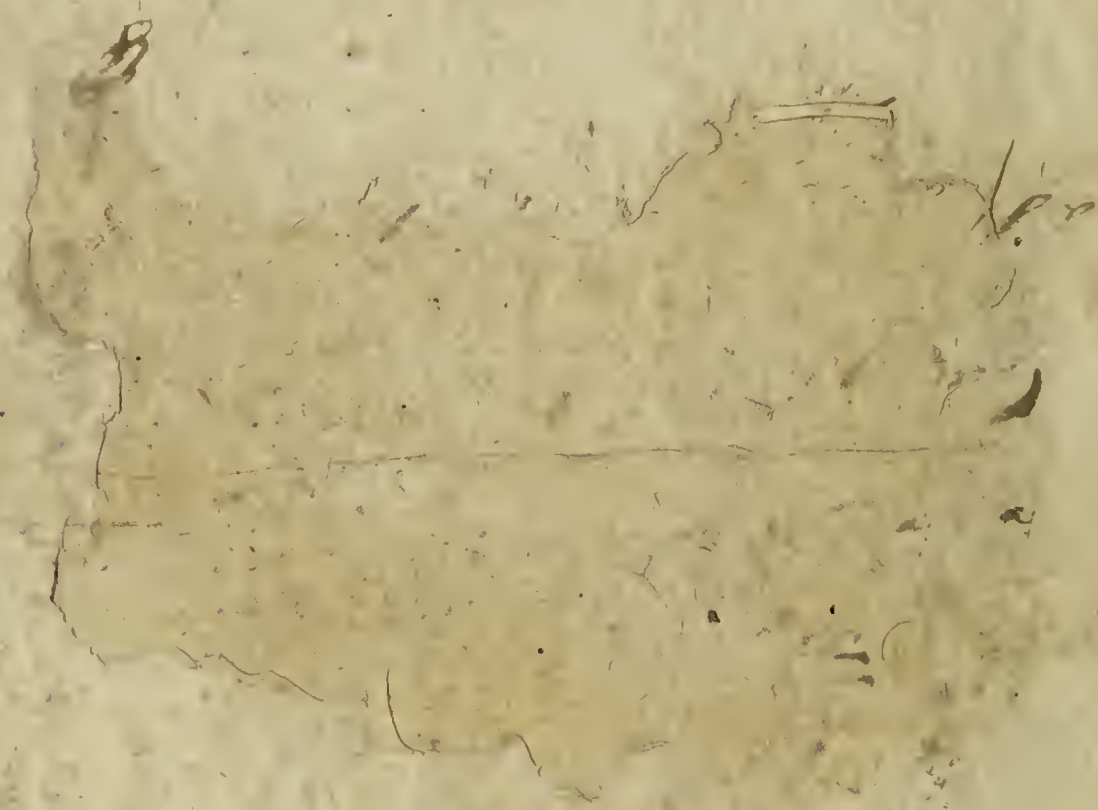
Bo 10 37652/c



JOSE, de Jesus Maria

MSS

3397 6

ACADEMIA
SINGULAR, E UNIVERSAL,
HISTORICA, MORAL, E POLITICA,
Eccleſiaſtica, Scientifica, e Chronologica.

CONSTITUTIVO DE HUM VARAM PERFEITO
deſde o inſtante primeiro, que ſe gera no ventre materno, ätè o inſtante ultimo, que no clauſtro da ſepultura ſe reſolve,

COMPREHENDE TODOS OS ESTADOS,
operaçõeſ,e modos da vida humana: Artes Scientificas, Liberaes,Politicas, Mechanicas,e Serviz,

AUTHORIZADA COM VASTISSIMAS NOTICIAS,
primeiros principios, e antiguidades celebres,

EXTRAHIDAS NAM SO' DA ESCRITURA SAGRADA, SANTOS
Padres, e Doutores da Igreja, mas de outros quaſi infiniros Eſcritores, que do Orbe todo univerſalizado, e ſingularizado hiſtoriàraõ.

TOMO UNICO.

QUE AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE
DOM FRANCISCO
Senhor da Caza do Infantado, e Gram Prior do Crato, da Ordem, e Milicia da Sagrada Religiaõ de S. Joaõ de Jeruſalem neſte Priorado de Portugal,

OFFERECE, E DEDICA
Fr. JOZE' DE JESUS MARIA,
ULYSSIPONENSE,

Religioſo da Ordem de S. Franciſco,na Provincia da Arrabida, Prégador de Sûa Alteza,Miſſionario por S.Mag.que Deos guarde,no Eſtado do Braſil,Sãcriſtaõ mór, e Commiſſario Viſitador da Veneravel Ordem Terceira na Sacra, e Real Baſilica de N.S. e Santo Antonio junto a Mafra, agora terceira vez eleito Guardiaõ no Convento de S.Catherina de Ribamar.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de Pedro Ferreira, Impreſſor da Auguſtiſſima Rainha N. Senhora.

M.DCCXXXVII.
Com todas as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.
A' cuſta de hum parente do Autor.

WELLCOME
HISTORICAL
MEDICAL
LIBRARY

AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

DOM FRANCISCO

Senhor da Caza do Infantado, e Gram Prior do Crato da Ordem, e Milicia da Sagrada Religiaõ de S. Joaõ de Jeruſalem neſte Priorado de Portugal.

DEDICATORIA.

SENHOR

SE as Maximas de Plataõ, e os conſelhos de Seneca naõ deſſem alentos ao meu diſcurço, deſvanecendo a cobardia do meu temor, nem aminha idéa romperia neſte exceſſo, nem me precizaria o credito, e amor da Patria a cabir

hir neſte abſurdo. Abſurdo denomîno por dous principios a acçaõ que obro: tendo o primeiro por berço a minha temeridade, e o ſegundo por timber o meu reconhecimento.

No primeiro, porque me arrojei temerario (tal vez que a pezar de meus Antegoniſtas) a expender em laconico eſtilo neſta Academia Singular, e Univerſal, materias taõ alheas da minha profiſſaõ, tratando em hum unico, e abreviado tomo o que infinitos Authores (quaſi de omni ſcibili) *eſcrevéraõ na compoſiçaõ de muitos mil volumes, pertendendo talves que logre a Patria aquella meſma gloria que tantos Reinos, e Imperios do Mundo por ſeus Nacionaes Eſcritores, merecéraõ.*

No ſegundo, porque ſerei criticado de meus emulos (que mais infeliz me conhecéra naõ os tendo,) pois que para obra taõ pequena, porque minha, imploro o patrocinio de taõ Regio, e Soberano Patrono; e ſe a lizonja no Mundo faz Gigantes de Pigmeos, tendo nome, e ſendo homem ſó aquelle que tem homem, bem me quer parecer ſahi de mim, pois naõ tendo homem, pertendo tenhaõ minhas obras nome, achando em ſeu favor a V. Altеza a quem Plataõ reconheceo mais do que homem; (1) *ſe he proprio da Real ſoberanîa o naõ admittir adulaçoens, ſem eſtas pertendo que fique com mayor credito o meu reconhecimento.* (2)

(1) Plato in Repub. Principes, Deos Appellat.

(2) Joan. Sisbar. l. 3. Policrat. cap. 4.

Tem eſte duas cabeças, e fica ſendo monſtro na grandeza: conheço o que devo a mim, e reconheço o muito que a V. Altеza devo; e ſe os Princepes fazendo honras aos que dellas ſaõ dignos, devem aos indignos ſó por benevolencia diſpenſar mercês, (3) *nas elevaçoens da minha indignidade dignificada por V. Altеza com beneficios, e honras tantas vezes, podéra erradamente o amor proprio ficar deſ-*

(3) Senec. lib. 4. de Benefitiis cap. 28.

deſvanecido ſenaõ conhecera a V. Alteza, e me naõ reconhecèra; em acçoens taõ generoſas quiz V. Alteza moſtrar o ſer de Princepe, tendo do Sol propriedades.

Mais ſóes, e com mayor luzimento do que o Poeta vio no Ceo.

Ecce ego tres vidi incerta caligine Soles.

Reſiſtavaõ com ventura os meus olhos no ſolio deſte Luzitano Imperio, obſervando em todos os meſmos movimentos que neſſe Ceo faz o Sol, pois deſte he o Princepe retrato:

Quam bene quam ſimilis Rex Solis habetur Imago.
Sol ut agit Cælo, Rex agit in Solio. (4)

Mas como nem de todos he facil a hum pequeno alcançar a benefica influencia de ſeus favores, (5) eu que com os de V. Alteza me conſidero taõ enrequecido, vendome na mayor perplexidade com o diſcurſo ſopîto no mais attencioſo reſpeito, ſoçobrado com os temores de naõ parecer ao Sol ingrato como aos Bithinios ſuccedeo, (6) e naõ intentando que V. Alteza com me deixar, me caſtigue como a elles fez o Sol (7) buſco reverente deſſe brilhante Sol os beneficos influxos, naõ examinando como Aguia ſeus ſoberanos reſplendores.

Offerto a V. Alteza eſta obra que dedico, com o rendimento mais profundo; ſe parecer (Senhor) injuria, anima-me que naõ poem dezar à Mageſtade; (8) e ſe no ſentir do Imperador Bazilio. Quanto mayor he a Mageſtade de quem perdoa, tanto mais brilhante faz a acçaõ que obra, (9) ſendo o diſſimular acçaõ propria de Princepes, como outro excelſo Princepe Carlos V. proferio, (10) confio na piedade de V. Alteza perdoe tudo o que em mim for culpa, diſſimulando os meus erros, e obrando como quem he com Real generoſidade. (11)

(4) Apud Emman. Thomas no Fenix da Luſitania.
(5) Vide Seneca illuſtrado.
(6) Raviſ. Textor in officina.
(7) Maxim. Tyrius tom. 2. Euſebiata. Julian. Cæſar. in Inſt. ad Imperat.
(8) Carolo Paſchaſio Ethic. 21.
(9) Baſil. Imper. cap. 50.
(10) Apud Seneca illuſtrado.
(11) Alcinous lib. de Doctr. Platonis. Propertius lib. 1. Geſtius. Libanius Policrates. Ariſtides.

Como

Como pois V. Alteza taõ discretamente sabe unir as inteirezas de Principe com as afabilidades de Senhor, merecendo applausos da Magestade nas prerogativas de benevolo, conservando sempre do Sol propriedades, dà confiança à minha obrigaçaõ para fazerlhe holocausto do meu agradecimento, naõ conhecendo possa haver outro caminho para o meu dezempenho, mais que este exercicio que dou a V. Alteza para lograr em mim o seu amparo.

Pelo que na sua Regia protecçaõ sahe à luz este livro, e noticioso artefacto, confiando certamente naõ terà opposstos que o critiquem, sendo V. Alteza quem o protège. Digne-se pois, V. Alteza de o favorecer com seu amparo, que eu nesta acçaõ faço o que Seneca, e Themistio me aconselhaõ, (12) *supposto vejo, que gratificando como posso tantos favores recebidos; venho a pedir novas mercés, parecendo a Dedicatoria deste livro agradecimento, e sendo empenho, porque naõ podendo dezobrigar a divida, indivîdo mais a obrigaçaõ; mas nisto se parecem os Principes com Deos, que reconhecendo o que se gratifica, naõ se satisfás recebendo, senaõ dando. De-me V. Alteza exercicios à promptidaõ da respectiva obediencia com que o venero, e receba benigno esta humilde offerta, parto de hum coraçaõ que humilde, e reverente o respeita. Deos guarde a V. Alteza por felicissimos annos, &c.*

(12) Seneca de Benefitiis. Themistius orat. 3.

De V. Alteza

Humilissimo, e fidelissimo C.

Q. S. M. B.

Fr. JOZE' DE JESUS MARIA.

PRO-

PROLOGO
AO LEITOR,
E Defençaõ do Titulo deſte livro.

AMigo, ou inimigo, ſabio, ou inſipiente Leitor, quem quer que fores: para me conformar com o eſtilo commum, e exemplos modernos totalmente repugnantes à norma ſeguida dos antiguos, que julgando por infructuoſo trabalho dos Eſcritores o fazerem Prologos, e darem ſatisfaçoens para abonar ſuas obras, como ſe os que leſſem houveſſem de ſe governar naõ tanto por ſeu proprio juizo, quanto por alheas deſculpas, e razoens, pego na penna, e jà declaro que totalmente deſpido do amor proprio naõ he o meu intento dar ſatisfaçoens affectadas aos Criticos meus Antegoniſtas, que com a mordacidade das ſuas linguas, e pouco recta intençaõ ſe empregarem talvez com emulaçaõ envejoſa, ou parciaes impulſos nos meus desluſtres, accuſando com exceſſo atè venialidades, ſó ſim pertendo dar aos amigos, e dezapaixonados ſolida razaõ do meu dito, ou da idèa com que eſcrevo.

No theatro deſte Mundo ſahem agora ſegunda vez fazendo papel as minhas obras, e ficando muito aggradecido a quem ſe dignou de querer honrar meus eſcritos na vulgar aceitaçaõ achando-os ſegunda, e terceira vez impreſſos quando do Eſtado do Brazil a eſte Reyno me reſtituhi, na preſente occaſiaõ outra vez offereço aos teus olhos, e exponho à tua leitura eſte volume, que por ſer de curioſas noticias todo cheyo,

poderà ter ainda mayor aceitaçaõ na tua urbanidade; ſe aſſim for, continuarey com outros a que tenho dado principio, e ſe naõ for aſſim, eſpero que pegando na penna me excedas, que como he para credito da Patria, cederey, e me darey por venturoſo quando vir que ſervi à tua inercia de eſtimulo para fazer obras melhores.

A inſcripçaõ deſte unico volume he Academia Singular, e Univerſal; e ſe Plataõ na ſua famoſa Academia naõ conſentia que com mal aparada penna ſe ſingularizaſſe nos eſcritos quem naõ foſſe no engenho unico, e nas ſciencias univerſal, reprehenſivel conheço a minha temeridade; mas anima-me a eſperança de que nos animos generozos, e illuſtres heide merecer deſculpa, eſtimando mais como Antimaço a aceitaçaõ de hum Plataõ (que por tal venero ao heroe ſcientifico) do que a approvaçaõ de todos os que o naõ forem: *Plato enim mihi inſtar eſt omnium.* (1)

(1) *Apud Tullium lib. 3. de clara oratione.*

Bem ſey que aos criticos parecerà o meu arrojo temerario, olhando para o titulo deſte livro, e reparando no aſſumpto deſta obra; porque ſe os Romanos, como Bergomenſe eſcreve, não conſentião que a penna, e a eſpada do Valerozo Julio Cezar ſe viſſe em outras mãos a que não foſſe poſſivel imitalo nas proezas (2) tambem a mim certamente o não ſeria dezempenhar o titulo, e a empreza; porque ſendo empreza da Real Academia deſcrever inclitas façanhas com que pela penna, e pela eſpada florecèrão neſta Luſitania Sacra, tantos Varoens illuſtres, eu proteſto que a am biçaõ de tanta gloria me naõ cega a querer tirar nem a eſpada, nem a penna de mãos alheas;

(2) *Bergomẽſ de Geſtis Roman. cap. 30.*

lheas; e ſe a imitaçaõ nos homens he louvavel (3) deſculpeme a mayor prudencia, e tenha que me dever a Patria vendome ſeguir com imitaçaõ reverente as pizadas dos que, ſe naõ com a eſpada, com a penna, ſe fizèraõ no Mundo inſignes. (3) *Senec. hist.*

Aſſim pois Singular, e Univerſal intituley eſta obra: Univerſal, porque todos nella tem tudo; Singular, porque tudo a todos ſe reparte, achando cada hum ſingulariſado para ſi o que em todos ſe acha univerſaliſado. Expendo ſummariamente em hum *Tomo unico* o que muitos mil Autores em infinitos volumes eſcrevèraõ, fazendo o que Caſſiodoro em hum ſeu amigo elogiou: *Coligens quaſi in unam Coronam germen floridum per quot librorum campos paſſim fuerat ante diſperſum* (4) e ſe a diſcreta Abelha naõ tira o mel de toda a flor ainda que curioſamente a veja, e toque: *Apes non in omnibus floribus inſidunt, neque ex eis ad quos accedunt omnia auferre conantur, ſed quantum ipſis ad opus neceſſarium fuerit comprehendentes, reliquum dimittunt* (5) antes regeita a que lhe naõ he util; muitos livros inuteis, e apocrifos dimitti, e ſó dos que ſerviaõ para a exacçaõ da minha idèa me aproveitey. Tivera Licio motivo de me acuſar, ſe no erro de Glauco com Diomedes eu cahira (6) e o diſcreto occaſiaõ de reprehenderme ſe eu como o experto Quimico naõ fizèra, pois ſe eſte naõ eſcolhéra as plantas de que tira a quinta eſſencia, fora certamente ruina a meſma compoſiçaõ do remedio. (7) (4) *Caſſiodor. Epiſt. 26.* (5) *D. Baſilius hom. 24. de legend. lib. Geneſ. 2.* (6) *Maxim. Tirius ſer. 23.* (7) *Gaylhardas Doctor Pariſienſ.*

Naõ deve aſſeverar o diſcreto, e douto ſer inutil eſte livro, pois para todos os eſtados, e condiçoens de gente ſerve, ficando a minha curioſidade irreprehenſivel, porque ſupoſto diga

(8) *Marc. Tul.* Cicero *Non omnium librorum eadem eſt utilitas* (8) neſte pòdem todos achar utilidade. Menos a achàraõ ſem duvida antiguamente os curioſos lendo os livros de Democrito que tratavaõ do numero quarto, os que Meſſala eſcreveo ſobre cada huma letra do Abecedario, os que ElRey Juba compoz tratando da erva Euforbio, os que Phanias imprimio tratando ſó das ortigas, os com que ſahio Synezio ſó dè louvores dos Cravos, os com que ſe occupou Dionde tratando das Cabeleiras, os que Luciano fez quando eſcreveo das Moſcas, os com que Maron ſe divertio eſcrevendo dos Moſquitos, os que eſtampou Antemio tratando nelles do moſto, os que divulgou Homero quando eſcreveo do vinho, os que finalmente outros muitos Autores eſcrevèraõ em outras muy pouco importantes materias, dando com inutilidade ao prello numeroſidade de livros; e ſe o Eccleſiaſtes eſtà dizendo que - *Faciendi plures libros nullus eſt finis: frequenſque meditatio carnis aflictio eſt* (9) e no capitulo primeiro *Et agnovi quod in his.... multa fit indignatio, & qui addit ſcientiam, addit, & laborem* (10) tudo eu quiz obviar neſte tomo unico que compuz.

(9) *Eccleſiaſtes cap. 12.*

(10) *Eccleſiaſtes cap. 1. in fine.*

Eſta certamente foy a cauſa porque denomino a eſte *Tomo unico* parecendo abreviada Biblioteca em que exponho no Laconico eſtilo as univerſaes materias ſingularizadas, fiando da tua piedade naõ te eſcandelizes ſe vires que trato algumas à minha proffiſſaõ improprias, em o que naõ me parece faſſo pouco em ſatisfaçaõ do meu aſſumpto. Se em alguma couſa parecer diſſonante no que digo, a quem primeiro o diſſe me remetto, que ſe depois da Fé Divina ha Fé humana, ambas

reſpeita

reſpeita com a diſtinçaõ devida a minha credulidade, ſem que o apurar verdades ſeja minha empreza; porque como todas as materias ſaõ no Mundo opinativas, os que ſeguirem opinioens contrarias poderàõ naõ as reputar ſem ſiniſtro acordo.

Se te parecerem couſas do outro Mundo, ou alheas da verdade as que neſte livro leres, *Interroga maiores tuos, & dicent tibi.* (11) Vè as hiſtorias, ou corre o Mundo, que ſe jà houve quem diſſe que todo na famoſa Lisboa compendiado ſe diviza, *Vidi Orbem in Urbe*, tem a certeza, q̃ nem todo em todo Portugal ſe encerra. Se por falta de noticias julgares impoſſiveis varios ſucceſſos notaveis q̃ relato, achando-ſe no teu animo a incredulidade de Thomè, ſe quizeres, vè, e crè; e ſe a tua frouxidaõ, e tibieza impedir eſte arrojo, rindote como zoilo, ou hezitando como neſcio, lè os livros, ou corre os Reynos, e logo naõ pareceràs mixilhaõ na conxa.

(11) *Deuteron. cap. 22.*

Nenhuma Monarquia conſeguio mais applauſos do que Roma, em quanto ſeus alumnos a exornàraõ com eſcritos, ſem temer dos emulos cenſuras, e quando acçoens taes ſe ſuſpendèraõ, logo as glorias de Roma ſe acabàraõ. (12) Quatrocentos mil corpos de livros ſe abrazàraõ na Biblioteca Real de Alexandria, tendo ſido empenho de diſcretiſſimos Monarcas (13) e contendo quaſi todos (como he crivel) fataes ſucceſſos de todos, duvidarias ſe os leſſes, aſſim como lendo os que te exponho, e ſaõ de muitos mil Autores extrahidos, podes (ſe fores ignorante) duvidar, porque as naõ viſtes com teus olhos.

(12) *Lucio Anæo.*

(13) *Senec. c. 9.*

Bem

Bem vez ſer a materia taõ vaſta que menos me cuſtaria fazer mais tomos na formalidade com que eſcrevo; mas ſe as arvores naõ pelo verde da gala, nem pela multiplicidade das folhas ſe eſtimaõ, ſó ſim pela ſingularidade da planta, e qualidade dos frutos, moſtro-te que naõ eſcrevi para avultar, e ſó ſim para ſervir, ficando por tal principio ſingular, e unico eſte tomo, em que offerto ao teu goſto (ſó neſta unica planta) os delicioſos frutos que mais de mil e novecentos Autores com que allego em quaſi infinitos livros que ſaõ das arvores figura (14) quaſi todos peregrinos, porque eſtrangeiros tinhaõ perpendiculares. Aggradece-mo, pois te poupo o mayor trabalho, e te modifico o dezembolço.

(14) *Silvius.*

Em fim: quizera merecer a tua benevolencia por premio de meu laborioſo diſvelo, perdoando os mais defeitos, e diſſimulando as minhas faltas, ſe for a minha locuçaõ taõ deſvalida que para ſahir a publico neceſſite os teus favores; mas porque a ſabedoria Divina repartio a cada hum os talentos conforme a capacidade dos ſogeitos, e nem todos podem ter a meſma clareza, e relevancia nos diſcurſos, a meſma elevaçaõ, e vivacidade nas idèas, a meſma forſa no expreſſivo dos conceitos, a meſma abundancia de loquella no bem limado das palavras, parecendo groceira, e toſca toda a fraze que ſe naõ accomodar com a elegancia pullida do que for ſabio, e mais diſcreto Leitor, reconhecendo eu a minha deficiencia na vulgaridade do eſtilo, a pobreza do meu engenho no conceituoſo dos diſcurſos, e a limitaçaõ da copia no alinho das palavras, humilde, e

reverente

reverente lhe ſuplico queira disfarçar benigno, e attento os meus erros diſſimulando todas as minhas faltas neſte livro, e por eſta repetida ſupplica.

A ti (oh Leitor menos experto, mas curioſo) digo que ſe a multidaõ de livros (como Lucano eſcreve) mais opprime do que enſina, e naõ faz curial, e noticioſo ao homem o ter muitos, pois ſe os naõ uſa, fica parecendo a ſua caza loge de hum mercador livreiro *Si librorum copia doctum redderet, eum qui comparaſſet, magni profecto prætii res eſſet* (15) a naõ quereres abrir todos, e ler muitos como eu fiz, abre, e lé com paciencia eſte livro que por hora dou ao prello, e acharàs noticias que extrahi dos muitos que diverſas Naçoens do Mundo eu abri, e li; para iſſo evita o ocio, ou furta tempo ao ſono, que ſe eſte da morte he figura como o Poeta diſſe. (16)

(15) *Lucan. ad indoct. & mult. ement. lib.*

(16) *Ovid. Poeta.*

Stulte quid eſt ſommus? Gelidæ niſi mortis imago: deſperta, e converſa com os mortos, que nelles has de achar mais proveito que na murmuraçaõ dos vivos. O concelho he de amigo: bem vejo que mo naõ pedes, e ſe em to dar te offendo, naõ me tires o CHAPEO.

VALE.

LICENÇAS
DA ORDEM

FR. Juan de Soto Lector Jubilado, Theologo de Su Mageſtad en la Real Junta de la Immaculada Concepcion, Miniſtro General de toda la Orden de nueſtro Padre S. Franciſco, y Siervo, &c.

Por el tenor de las preſentes, e por lo que a nòs toca concedemos nueſtra benedicion, y licencia para que pueda dar-ſe a la prenſa un libro que hà compueſto el P. Fr. Jozè de Jeſus Maria, Predicador de S. A. Miſſionario Appoſtolico, y Guardian de nueſtro Convento de Alferrara de nueſtra Provincia de la Arrabida, cuyo titulo es - Academia Singular, y Univerſal, &c. con condicion que le vea, y examine de Orden nueſtro el R. P. Provincial actual de nueſtra Provincia de la Arrabida (a quien le cometemos) y que de ſu aprobacion in ſcriptis para que ſe imprima con eſta nueſtra licencia; y en todo lo de màs ſe obſervaran los Decretos del Santo Concilio de Trento, ac cæteris de Jure ſervandis. Dada en eſte nueſtro Convento de S. Franciſco de Madrid en 9. de Noviembre de 1735.

Fr. JUAN DE SOTO
Miniſtro General.

Loc. ✠ ſig.

P.M. de Su Rma.
Fr. Diego de Eſpinoza
Secretario General del Orden.

CENSURA, E APROVAC,AM

Do noſſo cariſſimo Irmão Fr. Antonio do Naſcimento ex-Leitor de Theologia, e digniſſimo Miniſtro Provincial actual da Provincia da Arrabida, em que (com autoridade do N. Revereudiſſimo P. Geral de toda a Ordem) approva eſte livro, e concede poſſa uſar da licença do N. Reverendiſſimo P. Geral para ſe imprimir eſte livro.

POr commiſſaõ do N. Reverendiſſimo P. Frey Joaõ de Soto, Leytor Jubilado, Theologo da Mageſtade Catholica na Real Junta da Conceiçaõ, e Miniſtro Geral de toda a Ordem de N. P.S. Franciſco, vimos o livro intitulado Academia Singular, e Univerſal, Hiſtorica, Moral, e Politica, Eccleſiaſtica, Scientifica, e Chronologica, &c. Autor o cariſſimo Irmão Fr. Jozè de Jeſus Maria benemerito filho deſta noſſa Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Sereniſſimo Senhor Infante Dom Franciſco, Miſſionario Apoſtolico, e Sanchriſtaõ mór neſte Real Convento do noſſa Senhora, e S. Antonio junto à Villa de Mafra; e ſe a licença que o N. Reverendiſſimo P. Geral concede ao Autor para imprimir eſte ſeu livro, a ſubordîna à noſſa approvaçaõ, pòde o Autor aproveitarſe da ditta licença, por quanto em todas as materias que trata neſte ſeu livro ſe naõ encontra dictame contra a Real Politica, e Doutrina Catholica; antes para conſtituhirſe hum varaõ perfeito em qualquer dos eſtados, operaçoens, e modos da vida humana, he eſta obra utiliſſima; porque inſtruindo os coſtumes com a advertencia dos Exemplos, diſpoem as acçoens para o governo mais ajuſtado, moſtrando documentos ſingulares para o acerto das reſoluçoens; encaminha os deſignios para conſervaçaõ dos eſtados; e prevenindo regras para a reforma dos vicios, adverte a cautella para reparo dos erros; e ſe parece

que

que na expoſiçaõ de alguns ſuceſſos, e expecialidade das noticias periga a eſcritura na pureza da verdade, de tal ſorte illuſtra o Autor as maximas da inteireſa, quanto moſtra eſta ſua obra calificada com a liçaõ das Autoridades que refere, com as quais deſvanece as duvidas que podia alterar a repugnancia, por naõ dever couſa alguma à fé dos eſcrupulozos, e aſſim he merecedor de todo o applauſo eſte ſeu livro; pois ſem ſe afaſtar do eſtillo proporcionado ao Hiſtorico, comprehende no Laconico o que facilitou o licito. Pelo que o julgamos digniſſimo de conſeguir por meyo do prèlo o que merecem as obras que ſe fazem dignas de ſe darem à eſtampa. He o que nos parece, &c. Real Convento de N. Senhora, e Santo Antonio junto a Mafra 23. de Janeiro de 1736.

Fr. ANTONIO DO NASCIMENTO.

Miniſtro Provincial.

DO S. OFFICIO

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Alberto de Saõ Jozè Col, Religioſo do Carmo da antigua Obſervancia, Qualificador do S. Officio, e Conſultor da Bulla da Santa Cruzada.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Emirencia vi com todo o cuidado o livro intitulado Academia Singular, e Univerſal, que pertende dar ao prelo ſeu Autor o Reverendiſſimo P. M. Fr. Jozè de JESUS Maria benemerito filho da exemplariſſima, e reformadiſſima Religiaõ de S. Franciſco da Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Sereniſſimo Infante D. Franciſco, Miſſionario por Sua Mageſtade, que Deos guarde, nos Eſtados do Brazil, Guardiaõ nos Conventos de Salvaterra, Alferrara junto a Setubal, e Sanchriſtaõ mòr do magnifico, e Real Convento de Mafra; e ſendo os preceitos de V. Eminencia credores de toda a obſervancia, eſte foy para mim o de mayor eſtimaçaõ, naõ ſó pelo anticipado proveito, que tirey da liçaõ deſte erudito livro, como tambem pelo exceſſivo goſto que tive de o ler. Com grande propriedade ſe intitula eſte livro Academia Singular, e Univerſal, e parecendo eſte titulo à primeira viſta involver entre ſi alguma oppoziçaõ, ſó lhe vem de molde ſemelhante titulo. Singular he eſte livro pelo admiravel eſtylo com que he compoſto, tendo entre todos huma taõ notavel differença no unico, e ſingular methodo com que foy ideado, que ſobre digno apreço, ſe faz merecedor de veneraçaõ. He tambem Singular pela ſua recopilaçaõ, porque

ſoube

ſoube o Autor clauſurar em hum ſó Tomo tantos, e taõ avultados volumes, que naõ ſó fizèraõ ſuar as imprenſas, mas tambem enchèraõ as livrarias com a multidaõ de ſuas differentes materias. He Univerſal eſte livro, porque nelle ſe vem tratadas todas as ſciencias, e Artes Liberaes, Politicas, Mecanicas, e Serviz, taõ conformes às leys da Hiſtoria, que nem em hum apice ſe deſvia dellas, eſcritas com ſumma elegancia, ſem que pareça a fraze affectada, nem a ſua conciſaõ, noticia deminuta, diſpoſtos com tal engenho os innumeraveis cazos, que reffere, que naõ parecem materias amontoadas, nem impertinentes aos lugares, donde os ajunta. He tambem eſte livro Univerſal, porque para todos ſervem os documentos, que traz para a refformaçaõ da vida, e coſtumes, podendo cada hum com a ſua liçaõ conſtituir-ſe varaõ perfeito, unica baliza, a que o Autor encaminha o incanſavel trabalho de obra taõ util, e proveitoſa para o governo mais ajuſtado das operaçoens humanas. Em fim eſte livro aſſim como he parto ſingular de hum unico engenho, ha de ter univerſal applauſo, quando ſahir a luz, porque nelle naõ acharàõ os mais eſcrupuloſos couſa, que ſeja contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes: e aſſim havia de ſer; porque ſendo hum dos titulos do Autor o de Miſſionario que com effeito propagou a Fé, he certo, que naõ havia de eſcrever couſa que nem levemente a encontraſſe, ou offendeſſe os bons coſtumes. Por eſta razaõ julgo fazer-ſe o livro digno da eſtampa para que ſe pede licença a V. Eminencia, que mandarà o que for ſervido. Carmo de Lisboa Occidental 2. de Julho de 1736.

Fr. Alberto de S. Jozè Col.

Cen-

Cenſura do M. R. P. M. Jubilado Fr. Manoel de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Emminencia, revi o livro intitulado, Academia Singular, e Univerſal, Hiſtoria Moral, e Politica, que pertende imprimir ſeu Author o M. R. P. M. Fr. Jozè de JESUS Maria, Digniſſimo filho da Reformadiſſima, e Exemplariſſima Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Sereniſſimo Infante D. Franciſco, Miſſionario Apoſtolico nos Eſtados do Brazil, Guardiaõ nos Conventos de Salvaterra, e Alferrara, e Sancriſtaõ mòr do Magnifico, e Real Convento de Mafra; e nelle naõ achey couſa que encontre a pureſa da noſſa Santa Fé, ou rectidaõ dos coſtumes; antes ſim huma empreſa taõ grande a todas as luzes, que me parecem inadequados por diminutos, os epitetos que lhe dà a profunda humildade do ſeu Autor, intitulando-a Singular, e Univerſal, ſobrenomes que por ſerem poſitivos, naõ declaraõ cabalmente huma grandeſa ſuperlativa. Empreſa taõ alta, e taõ prodigioſa merece intitularſe Singulariſſima, e Univerſaliſſima; porque naõ ha ſingularidade, nem univerſalidade que naõ comprehenda; todas as ſciencias declara, todas as Artes enſina, todas as noticias manifeſta, todas as utilidades communica, as temporaes para a conſervaçaõ do corpo, e as eſpirituaes para a ſalvaçaõ da Alma, com taõ profundo Laconiſmo, que ſoube unir o mais breve eſtillo com o mais claro, recopilando em hum ſó volume todas as Livrarias do Univerſo; pelo que ſe manifeſta digniſſima de todo o aplauſo eſta Academia, e o ſeu Autor da licença que pede a V. Eminencia que

mandarà

mandarà o que for ſervido. Convento de noſſa Senhora de JESUS de Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1736.

Fr. Manoel de Santa Maria.

VIſtas as informaçoens, pode-ſe imprimir o livro intitulado Academia Singular, e Univerſal; e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dàr licença que corra ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1736.

Fr. R. Alancaſtro. Teixeira. Silva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO

POde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 25. de Agoſto de 1736.

Gouvea.

DO

DO PAÇO.

Cenſura do M. R. P. M. Jubilado Fr. Antonio de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Prior actual do ſeu Convento de N. Senhora da Boa hora dos Agoſtinhos Deſcalços.

SENHOR.

FOy Voſſa Mageſtade ſervido mandarme viſſe eſte livro, a quem recomenda o Autor, ennobreſſe o titulo, e exalta o Patrono: o Patrono em tudo Real: o titulo em tudo heroico, e o Autor ſempre egregio: egregio o Autor; porque asſuas obras o comprovaõ: heroico o titulo porque as ſuas doutrinas o manifeſtaõ; e Real o Patrono porque o Regio do ſeu ſangue o firma: ſó eſte livro era digno de tal Patrono, acredor de tal titulo, e capaz de tal Autor; por iſſo egregio, heroico, e Real. O Autor merece ſublimadas honras por letras, e virtudes: o titulo he hum epilogo de todas as ſciencias humanas, e divinas: e o Patrono hum Infante de Portugal, Sarafim no nome, e na realidade. Ao Patrono devemſe-lhe adoraçoens: ao titulo reſpeitos, e ao Autor tirarſelhe o Chapeo, e abaxaſelhe a cabeça. A cabeça do Autor he mais precioſa que a que ſonhou Nabuco na eſtatua. O titulo do livro he mais eſpicioſo, que o que gravou Jacob na pedra. O Patrono he mais auguſto, que o que buſcàraõ tantos ſabios nos ſeus Mecenas: o Mecenas he o Sererenisſimo Senhor Infante Dom Franciſco: eſtà ditto tudo: o titulo do livro he Academia

mia Singular, e Universal: comprehende quanto se pode dizer, e o Autor he o ornamento da Religiaõ Serafica, o credito da Santa Provincia da Arrabida, a honra dos Prègadores Appostolicos mais eloquentes, o exemplar dos Religiosos mais reformados: e o Prototipo dos estudiosos mais incansaveis; mas ainda julgo diminuta diffiniçaõ, e por isso imperfeita, este elogio: só em o seu nome explicarey bem todas as prefeiçoens, dotes, e atributos, e predicados que o exornaõ, e illustraõ: o P. Fr. Jozé de JESUS Maria naõ ha mais que proferir; porque tudo o mais he menos, quanto se pode recitar sem adulaçaõ sem vaidade, e sem afectaçaõ. Quem falla com os Monarcas deve detestar, e fugir a estes execrandos, e abonaveis vicios: por isso com a minha costumada innocencia, e sinceridade digo que naõ achey, nem acharà o mais severo Critico neste volume cousa alguma que offenda às Leys do Reyno, e Real serviço de Vossa Magestade que mandarà o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boa hora dos Agostinhos Descalços aos 9. de Outubro de 1736.

Fr. Antonio de Santa Maria.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà a eſta Meza para ſe conferir, taixar, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correrà Lisboa Occidental 16. de Outubro de 1736.

Teixeira. Rego.

EStà conforme com o ſeu original. Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa Occidental 25. de Outubro de 1737.

Fr. Manoel de Santa Maria.

VIſto eſtar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Fr.R. Alancaſtro. Teixeira. Silva. Soares. Abreu.

VIſto eſtar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Gouvea.

QUe poſſa correr, e taixaõ em papel, em mil e novecentos reis. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Pereira. Teixeira. Rego.

AO AUTOR

ROMANCE.

QUe empenho he eſte oh Eſcritor famoſo,
Pois vendo eſtou em voſſo grande eſtudo,
Que ou o Mundo atè hoje he limitado,
Ou que deſde hoje naõ ha jà mais Mundo?
Ver reduzido ao ſer de hum ſó Volume
Tanta acçaõ, tanta gloria, tanto triunfo,
Ou he moſtrar que os actos foraõ poucos,
Ou que para a eſperança acaba tudo.
Porèm poucos! Se o circulo dourado.
Que forma o Sol no ambito rotundo,
Repartidos a inſtantes os ſuceſſos,
Nos de huma hora comumita os Luſtros?
Acabar a eſperança quando os Pollos
Nos firmes exos ainda eſtaõ ſeguros,
E que cabem no eſpaço de hum ſó dia,
Em cada hora muitos mil aſſumptos?
Pois como vejo neſte livro raro
Em hum ſó corpo tantos corpos juntos?
Se para crer que he muito o vulto he nada,
E para crer que he nada, o objecto he muito.
Mas oh prodigio de hum engenho claro,
Taõ perſpicaz, tam prompto, e taõ agudo,
Que, ainda ſendo taõ vaſto eſte argumento,
Elle faltou, e ſobejou deſcurſo?
Os tempos ſummulou taõ finamente,
Que em paſſados, preſentes, e futuros,
Dos que paſſáraõ nos formou retrato,
E eſte retrato aos outros he tranſumpto.

O milagre alcançou da concha, e cova.
Que ao Santo Douto fez ficar confuzo,
Se as materias de hum vulto dilatado,
Rezumir ſoube em taõ pequeno vulto.
Maõ de Deos eſte livro me parece,
Pois para encherſe a ſemilhança em tudo,
Tras ao homem do nada para a vida,
E da vida o conduz para o ſepulcro.
Cedaõ deſde hoje eſſas eſtatuas de ouro,
A quem o entendimento rende culto,
Que à viſta deſte livro os outros livros,
Mais que eloquentes devem ficar mudos.
Se o ſeculo temera aquelle eſtrago,
Que outro ſentio, de barbaros impulſos
Em que para acabar de todo a gloria
Do entendimento ſevingou o inſulto.
Mas que tudo acabàra, e ſe perdèra,
Como do incendio nos ficarà eſcuzo
Eſte livro, ou padraõ marmoreo, adonde
Artes, e ſciencias nome tem ſeguro.
Seja do typo a ultima fadiga,
Dar a eſte livro o literal debuxo,
E deſcance dos mais; porque ſó elle
Faz para os outros ſem proveito o uſo.
E vós Douto Varaõ, ficay logrando
Ver, por elle que a ſeu reſpeito auguſto,
Naõ para a acclamaçaõ do nome voſſo,
De ſilencio ſe encheu hum, e outro vulgo.
Em quanto elle durar, durarà ſempre
Que o orbe da razaõ nunca he caduco,
Naõ ſe atenda a outra voz que ao voſſo aplauſo,
Nem haja outra liçaõ, que o voſſo eſtudo.

Do Doutor Vitorino Vitoriano Xavier do Amaral.

RO-

ROMANCE
AO AUTOR

QUem ha que louvar poſſa, oh varaõ douto,
Do voſſo livro a Univerſal hiſtoria,
Se tem todo o Parnazo em voſſo obſequio
Baixa voz, curta lingua, eſtreita boca.
Que furor haverà, que enthuziaſmo,
Que ao que vòs mereceis, louvarvos poſſa,
Se por mais que o furor naſça valente,
perde o ſer, perde a ancia, e perde a força.
Que penna pòde haver, naõ ſendo de Aguia.
Que ao Sol do voſſo engenho os raſgos mova,
Se por mais que remonte a penna os raſgos,
Menos ſobe, anda pouco, e nada voa.
Só o grande Clarim da voſſa fama
Decantarà no Mundo as voſſas obras,
Porque como he trovaõ, no que retumba,
Rompe o Ar, fere o Pollo, o Mundo atroa.
Por ſer taõ ſingular o voſſo engenho
Só com a admiraçaõ he que ſe louva,
Porque para ficar ſuſpenſa a lingua
Falta a voz, falta o plectro, o paſmo ſobra.
Eſte livro darà do voſſo engenho
Cabal conhecimento, e cabal prova,
Porque na vaſtidaõ deſtas noticias
O exalta, o aclama, e o abona.
Univerſal do livro ſe intitula.
A ſabia Academia, a liçaõ douta;
E quanto mais generica ſe oſtenta,
Mais luz tem, mais luz dà, mais nome logra.

Se o Sol tocha do Ceo, Alma do dia,
Com luz univerſal deſterra as ſombras,
Com luz univerſal brilha eſte livro,
Como Sol, como dia, e como Aurora.
Eſte geral eſtudo, eſte Volume
Serà liçaõ de todos proveitoſa,
Que para haver de aproveitar a todos
Muito tem, muito diz, e muito toca.
Que he mais que univerſal voſſa ciencia
Bem neſte livro ſe eſtà vendo agora,
Pois nella a fazeis vòs por abundante,
Taõ patente, taõ clara, e taõ notoria.
Univerſal do livro he a materia
Sendo do meſmo ſingular a fórma,
Que haveis vòs unir eſta implicancia
Por mais timbre, mais luſtre, e por mais gloria.
Mais que em mãos de papel, em folhas de ouro
Devia andar eſta Academia voſſa,
Que para em folhas de ouro ſer gravada
He digna, he Singular, faſſe Credora.
Por ficar voſſo engenho eternizado
No livro eternizais voſſa memoria,
Tendo no voſſo livro o voſſo engenho
Mais brazaõ, mais penacho, e mais Coroa.
Se o tempo gaſtador conſome tudo;
E triunfando de tudo, a tudo poſtra,
Vòs do tempo alcançais para vós meſmo
O laurel, o triunfo, e a victoria.
Levantando eſte livro ao voſſo nome
Tantas Eſtatuas quantas ſaõ as folhas,
Jà nos Aſtros, nos Ceos, e nas Eſtrellas
Vos poem, vos entroniza, e vos colloca.

De Franciſco Manoel de Brito Maſcarenhas.

AO

AO AUTOR
DECIMA

ESte Univerſal Tratado
Da voſſa elegancia empenho
He do voſſo grande engenho
Diſcretiſſimo treslado:
Só por vòs fora ideado
Eſte volume fatal,
Pois neſta liçaõ geral
Nos moſtra a experiencia
Que huma univerſal ciencia
Faz hum livro univerſal.

Do Doutor Antonio Soares de Carvalho.

IN LAUDEM TANTI VIRI.

EPIGRAMA.

EST Liber inſignis, qui totam continet artem,
Unicus eſt author, qui bona jura docet.
Lucet at in tenebris, ut Sol, qui circuit orbem,
Idcirco in terris unicus ingenio.

Ex. S. S. S.

Dom Franciſco Antonio Vanicheli.

AU-

AUTHORIS
ENCOMIASTICON
ODE

Dicolos Tetraſtrophos.

QUod decus vates proprium laboris,
Dulcis Euterpe, dabit, aut honorem,
Dic, figuranti genus omne mentis
More palæſtræ?

Finxit argillâ tenui Prometheus
Corpus humanum, neque vivus illi
Spiritus molles animarât artus
Abſque Minerva.

Sed dedit pænas Scythico revinctus
Aſperas clivo; quoniam imperitum
Solus audacter voluit renaſci
Non ſine furto.

Tum Prometides hominum figuras
Saxeas mundo, comitante Pyrrhâ,
Pone dejecit, ſobolem daturus
Inde revulſam.

At Deus cæli ſapiens creator
Condidit perfectum hominem, ac ſcientem,
Cui dedit cunctam ſubito domare
Ordine prolem.

Sic

Sic quidem formas hominem, ac docendo
Conſtruis doctum, tribuis politum:
Ergo laudandus meritis perinde es
Omnipotentis?

Abſit. Hoc nunquam citharâ canendo,
Mitis Euterpe referas; ſed, o, dic:
Proximos illi tamen occupabit
Author honores.

Quippe ſublimis, gravis, & decorus
Arte, doctrinâ ſuperans magiſtros
Cuncta recluſit, micet inter omnes
Sidera tangens.

D. & O.

Æmidærius Hœſipus Luſitanus Setobricenſis Barbaricus.

ER-

ERRATAS PRINCIPAES QUE SE ACHAM NESTE LIVRO

àlem das faltas de virgulas, e pontos que fazem ſentido confuzo.

NO PROLOGO.

Pag. 1. fazendo papel - leg. fazendo ſeu papel. P.5. ſucceſſos de todos, duvidarias - leg. ſem a virgula ibi: ſim ubi ſucceſſos, ibi regra ultima porque as naõ viſtes - leg. os naõ viſtes. P.7.regr.1. lhe ſupplico queira - leg. te ſupplico queiras. Ibi regr.3. e por eſta repetida ſupplica. - leg. ſem o ponto. Ibi p.7. dos muitos que diverſas naçoens - leg. de diverſas naçoens. Ibi p.7. como o Poeta diſſe. - leg. ſem o ponto.

LIVRO PRIMEIRO.

Cap.1. ſe propagaſſe,ſe a tempo, - lege ſe propagaſſe; e a tempo que &c. C.2.pag.6. outral icita - leg. outra licita couſa. Ibi p.8. do que vejo - leg. do que veio. C.4.p.25. pariraõ meninos machos - leg. pariraõ as molheres meninos machos. C.11.p.70. choveo lá - leg. choveo lan. C.12.p.71. Arclebiades- leg. Aſclebiades. C.13.p.82. a averigua -leg. a averigu'ar. C.15.pag.91. a que chamvaõ - leg. chamavaõ Epagomenas. Ibi o anno politico Juliano foy o que- leg. o anno politico Juliano, foy o que &c. C.15.p.92. o digreſſo que faz o ſol - leg.o digreſſo que faz de huma Eſtrela.

LIVRO SEGUNDO.

Cap.2.pag.135. morte afrontaza - leg. morte afrontoza. C.6.p.153. no tempo de Sercucho - leg. no tempo de Sereucho. C.6.na 1.regra eſte impoſſivel. - ſem o ponto. Ibi apareceá com o Padre, com o Filho &c. - leg. como Padre, como Filho, como Eſpirito S. C.7. p.170.que apoſtando leg.-que apoſtatando.C.11.jacer p.189. -leg. jazer.C.12.p.192. ubi 381. e logo 341. - 341. e depois 381. Nos Cap. deſte 2. livro que trataõ dos Hereziarcas,e hereges, vaõ pontos poſtos de mais entre os nomes dos contheudos, e ſeus dittos, ſem os quaes ſe deve ler, pois vai a oraçaõ continuada, e com elles em varias partes ſe trunca ou preverte o ſentido.

LIVRO TERCEIRO.

Cap.3.pag.204. opiniaõ ſolida que Moueſſ - que Mouzes. C.6.p.225. matou otio - leg. matou o tio. C.8.p.262. aprazivel, e nelle fund- leg. aprazivel, nelle fundàraõ. C.8.p. 266. o Pretor Cayo Lolio - leg. Cayo Lelio. Ibi Fabio Enſileano - leg. Fabio Emiliano. C.10.p. 275. lem attenderem - leg. ſem attenderem. Ibi pag. 276. preocupado - leg. preocupada. C.11.p.287. pelos annos de 717. - leg. de 617. C.12.p.294. da nobreza do Paíz - leg. da nobieza dos Paes.

LIVRO QUARTO.

Cap.1.pag.301. adondo - leg. adonde. C.3.p.309. tambem o mandou - leg. tambem mandou. Ibi p.310. regr.1. feſtiva, tem - leg. feſtiva, o que tem. C.5.p.317. ſer eleito Papa) a hum - leg. hum. C.6.p.323.Menas mor.an. de 532. -leg. anno de 552.C.8.p.336. Heroner. an. de 71. - leg. anno de 109. Ibi p.339. em o numero dos Patriarchas 58. - leg. 59. Ibi p. 340. ubi 1098 - leg. 1058. Ibi ubi 1580. - leg. 1085. Ibi ubi 1610. - leg. 1091. Ibi ubi 1736. leg. 1136. C.9.p.342. creado no anno de 206. leg. de 296. Ibi p. 344. na primeira regra ubi 755. - leg. 799. C.12.no titulo, e compso - leg. e compoz. C.13.p.362.Apoſto I. Paulo -leg. Apoſtolo S.Paulo. C.16.p.379.devotas de tam longe -leg. devotas de ſam longe.

LIVRO QUINTO.

Cap.1.pag.390. adonde eſtão os numeros 253. 343. 113. 18. 271. 303. 307. 340. -leg. ſem atençaõ aos pontos, que vaõ de mais, e vareaõ o ſentido. C.2.p.396. chellas - lege chélas. C.3.pag. 397. que em Relegioens, Conventos - lege em Religiozos Conventos. C.7.p. 415. o numero - leg.o numerar. Ibi e ſe eſtas ſó o meſmo Deos - leg. e ſe a eſtas ſó o meſmo Deos.

LIVRO SEXTO.

Cap. 3. pag. 44. teve ſubſiſtenria - leg. ſubſtencia. Ibi p. 445. regr. ult. os Romanos quizeraõ- leg. os Romanos que quizerão. Ibi p.446.in fine os Maſagetas,e &c. - leg.outros Maſageras, e Britanos. C.4.p.452. o grande Emperador - leg. Imperador & ſic in cæteris. C.6. p.460. tendo linda molherde - leg. tendo Linda molher de &c.

LIVRO SEPTIMO.

Cap.2.p.474. Lyracuſanos - leg. Cyracuſanos. Ibi Monelao - leg. Menelao. C.3.p.476.

Cadmo

Cadmo Milegio - leg. Mileſio. C.4.p.482. (eſpecializando S. Jeronimo a Budas. - leg. S. Jeronimo) a Buddas. C.5.p.485 parte da Filozofia modernos alleveraõ - leg. parte da Filozofia, como os Filozofos modernos alleveraõ. C.8.pag.504. in fine ſe devide - leg. ſe devida. Ibi p.505.cap.28. de Jacob - leg. de Job. Ibi pag.506. dividiſe - leg. devidele. Ibi pag.519. neſta, e outras mate ias - leg. neſtas, e outras materias. C.12.pag.522. mais nobres - leg. de natureza mais nobre. Ibi p.523. màs opiniaõ - leg. màs a opininaõ. Ibi p.526. ẽ mais miudeza - leg. e com mais miudeza. Ibi neſte Ceo ſe collocaraõ. - leg. ſe collocaraõ as aguas C.13.p.529. os PP. e DD. attendo - leg. attendendo. Ibi p.530. ſendo diffinitivo. - leg. ſendo diffinido. Ibi p.533. Guarneccio. - leg. Guarneric. Ibi p.533. Chercano - leg. Cheriano. C.15. Prædicator dicitur Ælcandens - leg. Æs candens. Ibi p.547. Peccatorum incantat. - leg. incantator.

LIVRO OITAVO.

Cap.3.pag.558. lhe fabricaõ eſſe fabrefacto - lhe applicaõ eſte fabrefacto.

LIVRO NONO.

Cap.1.pag.568. á marge. lege (6) Geneſ. C.2.p.569.Elemento pelos influxos da Lua-leg. Elemento, e tendo pelos enfluxos, &c.

LIVRO DECIMO.

Cap.3.pag.592. in ind. Miravelte - leg. Miravette. C.5.p.605. ElRey Sotis a quatro - leg. a quarta. C.7 p.613. in fin. a Schede - leg. a Schedel.

LIVRO UNDECIMO.

Cap.1.pag.625. que chamara Oſiris - leg. que ſe hamara Oziris. C.2.pag.631. in fin.com a ruſticidade - leg. como a ruſticidade. C.10.p.657. à marge - leg. (2) In vita S.P. Franciſci. C.11. p.666. participandoſe, e no fim - leg. participando-ſe, emfim. C.11.p.664. no rio Beló - leg. no rio Belo. Ibi p.660. participandoſe,e no fim - leg. emfim. ibi 661. ſem livros - leg. cem livros.

LIVRO DUODECIMO.

Cap.1.pag.673. do que ervio ſentendeo - leg. do que ſervio entendeo. C.2.p.676.677. ubi jogadores - leg. jogadores. C.7.p.699. pobres,e corruptos - leg. podres, e corruptos. C.8.p. 702.in fin, e naõ como - leg. e naõ tomo. C.9.p.705. de tres oras - leg. de tres horas. Ibi p.709. variaõ - leg. variavaõ. C.10.p. in numer. 613. - lege 713.

INDICE I.

No § antes do primeiro Index in fine preza da Fé - leg. pureza. No Index I. Col.3.p.720. Antonio Maria Groza - leg. Gioiozi. Ibi Antonio Muza Barjabolo - leg. Barzabulo. Ibi p. 721. col.1. Antonio Reislingar - leg. Reislinger. Ibi p.722.col.3. in princ. S. Gyrilo Hyeroloſomit. - leg. S. Cyrillo. Ibi Concilio Claramoncence - leg. Claramontence. Ibi p.755.col. 1. George Buc amenſe - leg. Bucanence. Ibi p.727.col.3.in princ. libio Pedovano - leg. libio Padovano. Ibi p.729.col.1. Niculao Lanlei - leg. Niculao Lancelai. Ibi col.2. Oldrado - leg. Oldrando. Ibi p.730 col.2. Pompciano - leg. Pompeiano. Ibi p.731.col.1. Salzado - leg. Salzedo. Ibi pag732.col.2. Wernero Rolcuvind. - leg. Roleuvind.

INDICE II.

Pag.733. Geovani .... en la hiſtoria - leg. Giovani .... ne la hiſtoria. Ibi Bonardo Trategiano - leg. Frategiano ... ne la &c. Ibi Giovania Maria Bonardo - leg. Giovani. Ibi p. 735. Reginaldo Pelo - leg. Reginaldo Pollo. Ibi p.736. Bartalo Marlio. - leg. Bartolo Marlio. Ibi p.738. in princip..... in Hiſt. la lachimoſa - leg. lachrimoſa. Ibi p. 739. in pr. Athanazi Chicger, Honumento da China - leg. Monumento. Ibi in §.ult. p.743. molaſtia na leitura - leg. moleſtia.

INDICE III.

Pag.748 cap.9. Sciſmatieos - Sciſmaticos. C.10. Pontifices - leg. Pontifeces. C.11.... no naſcimento - leg. do naſcimento. Ibi p.750.l.4.c.2. na primitiva Igreja - leg. primitiva. Ibi ad cap. 3. Ita Miſſa eſt - leg. Ite.

NOTA

No Corpo deſte volume por repetiçoens, faltas de aſſentos, ou plicas, exceſſos, e diminuiçoens de virgulas, e pontos, com eſpecialidade adonde vaõ as notas dos numeros que apontaõ as alegaçoens das marges, vaõ muitos defeitos, e nas marges varios erros; rogo ao ſabio, e diſcreto Leitor os deſculpe, e emmende.

ACA-

ACADEMIA SINGULAR,
E UNIVERSAL,
HISTORICA, MORAL, E POLITICA.
LIVRO PRIMEYRO
Das Primeiras acçoens, e Operações da Creatura Humana.

CAPITULO PRIMEYRO
Da Exiſtencia da primeira racional Creatura, e como adulterou, o fim para que foy por Deos creada.

DEPOIS de formada pelo Artifece mais ſupremo eſta ſumptuoſa fabrica do Univerſo, creado jà o Ceo, e a Terra, eſtando ainda eſta de eſcuridoens toda cheya, deſterrou as trèvas, preparou as luzes, cercou os abiſſos, formou a esfera, deſatou as fontes, deu ley às agoas, ſinalou os termos, ligou os fundamentos, ſogeitou os brutos, e domou as féras, em o dia ſexto, que na melhor opiniaõ (1) correſponde aos vinte e cinco de Março, diſſe Deos: *Façamos o Homem* (2) à noſſa Imagem, e ſemelhãça (razaõ ſem duvida porq̃ depois Trimegiſto lhe chamou Deos immortal)

Geneſ. 1. 1.

(1) *Diogo Matute de Penafiel na Profapia de Chriſto. Idade 1. cap. 1. §. 3. Fr. Jozè de Jeſus Maria na vida, e excel. de N. Senhora l. 3 c. 17. n. 4. Pedro de Mevia na Sylva de var. liç. l. 3. c. 27.*

(2) *Geneſ. 1. 2*

(3) Trimeg. in Pimand. & ad Aſclep.
(4) Mag. ſentent. l. 2. diſt. 13. §. 16.
(5) Perer. in Geneſ. l. 4. in Præfat. n. 3. Bened. Fern. in Geneſ c. 1. ſect. 9. n. 2. in fin.
(6) Magiſter ſentent. l. 2. diſt. 16. §. 4.
(7) D. Thom. p. 1. q. 93. & art. 6.
(8) Gloſ. interlin
(9) Eugubin. ſup. Pſ. Domine prob. me. & alii apud Fon. ſec. de Amor. Dei c. 10. & cap. 38. prope fin.
(10) Bened. Fern. in 2. Geneſ. ſect. 6. n. 1.
(11) Genebrard. in Chronograph.
(12) Pineda d. c. 5. §. 3.

(3) Naõ falou Deos com ſom de voz, mas ſó eſta voz ſe referio à natureza do Verbo Eterno (4) ainda que muitos PP. e DD. a attribuem ao Eterno Pay que falàra ao Filho, e ao Eſpirito Santo (5) iguaes em a natureza, e poder. Fez o homem à ſua Imagem, e ſemelhança no interior (6) que he o verdadeiro Homem (7) e na juſtiça original: (8) ſe bem alguns Eſcritores dizem, que para formar ao Homem, tomou Deos Imagem, e ſemelhança humana. (9)

Em o Campo Damaſceno (chamado aſſim) (10) ou porq̃ Damaſech ſignifica miſtura de ſangue (11) ou porq̃ tomou o nome de DamaſcoElier, ſervo de Abrahaõ (12) que mereceu ſer primeiro Emporio do Mundo, e baze fundamental dos poſteriores ſeculos; por empenho ſoberano deſſa Trindade beatifica foy formado o primeiro homem logo em idade (13) perfeita, com o corpo de lodo (14) para que conheceſſe era terra (15) ainda que eſcolhida (16) no roſto lhe inſpirou os vitaes alentos (17) em parte ordenados com ſentidos (18) chamoulhe Adam (19) que em Hebreo ſignifica terra vermelha (20) côr que dizem tinha a de que o formàra (21) pozlhe Deos o nome, e naõ elle a ſi como aos outros animaes fizera: (22) illuſtrou-o com bens naturaes e ſobrenaturaes, eſpecialmente da juſtiça original, que no ſentir dos Theologos era huma rectidaõ da natureza humana, pela qual tinha perfeito dominio ſobre as forças ſuperiores

(13) Magiſt. ſentẽt. l. 2. diſt. 17 §. 3.
(14) Geneſ. 2. 7.
(15) D. Chriſoſt. in Gen. homil. 13.
(16) Phil. 1. de Mundi Opif. circa fin.
(17) Geneſ. 2. 7.
(18) Mag. ſentent. l. 2. diſt. 17. §. 2.
(19) Geneſ. 5. 2.
(20) Polyanth. verb. hom. verſ. alii hominem.
(21) Diogo Matute Proſap. de Chriſto idade 1. c. 2. Joaõ Franciſco Loredano uel Adamo.
(22) Geneſ. 2. 19.

(23) iſto, ou logo no inſtante em que lhe creou a Alma, ou depois, materia em que diſputaõ os Doutores (24) e nelle foy dada eſta rectidaõ, e juſtiça original a toda a natureza humana, do modo que os Theologos o explicaõ. (25)

Em o ameno, e delicioſo boſque do Paraizo poz Deos no meſmo dia ſexto à hora de Terça a Adam, jà illuſtrado com a graça, (26) guiando-o hum Anjo (27) ao qual lugar, jà antes do homem, o meſmo Deos creàra (28) ſem q̃ os Authores aſſentem ſe era realmente corporeo eſte Paraizo, ou ſó intellectualmente a Adam repreſentado, havendo entre muitos diſſonancias ſobre o lugar da ſua exiſtencia. (29) Foraõ logo por movimento que Deos lhe dèra, ou por miniſterio de Anjos (30) os animaes todos a renderlhe obediencia (31) e Adam por determinaçaõ Divina hia pondo os nomes a cada eſpecie. (32)

Achava-ſe jà Adam conſtituhido Principe, e com a poſſe do logro de hũa ſciencia infuſa, que Deos lhe concedèra, entendendo ao meſmo tempo, e falando a lingoa Hebrea; (33) porèm achando-ſe ſó no Paraizo, entendeo a Sabedoria increada lhe naõ era conveniente (34) e lhe quiz dar huma mulher por companheira (que naõ falta quem diga, elle meſmo a pedira) (35) para que tiveſſe filhos, que a Deos ſerviſſem, e com elles o genero humano ſe propagaſſe (36) e a tempo, que no Paraizo Adam ſe achava

(23) *D. Thom. 2 Sct. diſt. 21 quæſt 2 art. 3. Perer. in Geneſ. 3. diſp. de tertia excel. Stat. innocent. ex n. 86. Bened. Fern in Geneſ. 3 Sect. 17. n. 2.*

(24) *Reſ. Pineda Monarch. Eccleſ. l. 1. c 5. §. 2.*

(25) *Per. d. l. 5. in diſp de 2. excell. ſat. innoc. 9. 3. & 4.*

(26) *Moyſes Barſ pha de Paradiſo. Pined. Monarch. Eccl. l. 1. cap. 11. §. 1.*

Matute na Prozapia de Chriſto idade 1. c. 1 §. 3.

(27) *Bent. Per. in Geneſ lib. 4. n. 112.*

(28) *Geneſ. 2. 8.*

(29) *Refert. Perer. ſup. ex n. 12. Joan. Micræl. Syntag. hiſt. l. 1. ſect. 1. n. 5. & 6.*

(30) *Perer. in Geneſ. l. 5. n. 9 Fernãd. in Geneſ. 2. ſect. 10. n. 1.*

(31) *D. Chriſoſt. in Geneſ. homil. 9. & 14.*

(32) *Geneſ. d. c. 2. 19 20.*

(33) *D. Chriſoſt. hom. 30. in Geneſ. Pineda d. l. 1. c. 12. §. 3 & 4.*

(34) *Geneſ. 2. 18.*

(35) *Fernand. d. ſect. 10. n. 2. & cap. 1. ſect 8. n. 6. ad med.*

(36) *D. Thom. 1. p q. 92. art. 1.*

todo ſopìto com hum profundo ſono (37) tempo em que myſterios reconditos, e altiſſimos lhe foraõ revelados (38) lhe tirou Deos hũa coſta, conforme alguns Authores dizem, naõ do lado direito, mas do eſquerdo (39) da qual edificou a mulher ſemelhante a elle. (40)

Mandou Deos a ambos eſtes conſortes, q̃ multiplicaſſem, e povoaſſem a terra (41) tempo em q̃ Adam repreſentava idade perfeita de trinta annos (42) e paſſados oito dias de conſervaçaõ da juſtiça original, por induſtria da caviloſa Serpente a perdèraõ, incorrendo primeiro Eva, e logo Adam no original peccado, porque ambos contra o preceito Divino comèraõ da arvore vedada o prohibido pomo (43) e aſſim ficando logo noſſos primeiros Pays ſogeitos a todas as miſerias, naõ ſó ficàraõ elles, mas nelles todos nòs perdidos (44) transferindo Adam eſta miſeria a todos nòs ſeus deſcendentes. (45)

Entrou Deos a ſindicar daquella culpa, e o meſmo Paraizo que tinha ſido feliz theatro da mayor delicia, foy cada-falſo infeliz da mayor diſgraça, pois nelle foraõ noſſos primeiros Pays ſentenciados por Deos, como ſuas culpas mereciaõ, ainda que a Miſericordia Divina conciliou na ſentença a juſtiça com a piedade, favorecendo os Reos, por quem, quando humanado, determinava morrer. A primeira cauſa motiva da ſentença q̃ contra Adam proferio, foy porque tinha ouvido a voz de ſua mulher (46) e a ſentença

(37) *Geneſ hic.*

(38) *D. Aug. l. 9. de Geneſ. ad lit. c. 19. D. Bernard. Serm. in Vigil. Nativit.*

(39) *Geneſ. 2. Magiſt. d. diſt. 18 §. Pineda d. l. c. 8. 4.*

(40) *Aug. Bernard. ubi ſup. Hyeron. & alii apud Fernand. ſect. 11. n 1.*

(41) *Geneſ. 1. 28.*

(42) *Hiſtor. Scholaſt. c. 25.*

(43) *Geneſ. 2. 9. & 3. 17.*

(44) *Geneſ. Omn. in Adam peccav.*

(45) *Conc. Trident. ſeſſ. 5. de peccato orig. Mag. Sent. l. 2. diſt. 30. & 31.*

(46) *Geneſ. 3. 17.*

tença foy, que pois peccou em comer, comeſſe do ſeu trabalho (47)que a terra lhe ſeria neſte pouco favoravel: (48) que com trabalhos comeria della todos os dias da ſua vida: (49) e que lhe produziria eſpinhos, criando tambem ervas com que ſe ſuſtentaſſe. (50) A Eva, nome que teve tanto que peccou, e ſignifica Mãy dos viventes (51) tendo-os ella jà mortos, pois de antes ſe chamava Virago, nome que Adam lhe tinha poſto quando a vio (52) condenou-a Deos dizendo: que lhe multiplicaria as miſerias, e os ſeus partos (53)que com dores pariria os ſeus filhos (54) que eſtaria debaixo do poder de ſeu marido, e eſte a ſenhorearia (55) principiando por ella eſte ſuplicio, pois por ella principiàra a diſgraça. A ſentença executada em a multiplicidade dos partos, intimada na conceiçaõ dos filhos, e obſervada na geraçaõ dos fetos ſerà do ſeguinte Capitulo o argumento.

(47) *Geneſ. 3. In Sudore vultus tui veſe pane.*

(48) *Geneſ. ib. Maled. terra in opere tuo.*

(49) *Geneſ. ibi 3. In labor. com. ex ea*

(50) *Geneſ. ibi. Spin. & turib. germ. tibi.*

(51) *Geneſ. 3. 20.*

(52) *Geneſ. 2. 24.*

(53. 54. 55.) *Geneſ. 3. 17.*

CAPITULO II.

Da Geraçaõ, e Formaçaõ da Creatura humana em o ventre materno, e ſuas operaçoens deſde o inſtante primeiro.

NAõ ſaõ vicioſos os conceitos no ſentir do famoſo, e Sapientiſſimo Salamaõ, ſe em ſeu lugar ſaõ poſtos, e trazidos a ſeu tempo por quem quer que ſejaõ explanados (1) pelo que ſuppoſto a materia preſente ſeja alhea à minha profiſſaõ, e talvez q̃ criticada, reſpectivamente ao meu inſtituto, uſarei das palavras

(1) *Eccleſiaſt. 3. 11.*

palavras mais modeſtas, e eſtilo mais laconico, ou farei com que por mim fallem os que antes de mim com mais liberdade, e ſciencia na materia, a ſouberaõ filoſofica, e ſcientificamente expor.

He certo ſer a formaçaõ da creatura humana a obra em que a natureza mais ſe esmèra, e ſaõ as acçoens humanas muitas vezes, quando para eſta fabrica concorrem, as que mais a deſconcertaõ: a vergonha, e honeſtidade, diz Ariſtoteles, que he propria à paixaõ do entendimento, e qualquer que ſe naõ offender com nomes, ou acçoens de impudicicia moſtra carecer deſta potencia. (2) Com eſte indicio deſcobrio Cataõ que Manilio, Varaõ illuſtre, era falto de entendimento, porque em huma occaſiaõ oſculàra ſua mulher na preſença de huma filha ſua, o que baſtou para ſer removido do lugar de Senador que era, ſem mais nunca ſer em tal numero admittido. (3) Do Paraizo foraõ expulſos noſſos Pays primeiros (4) quando depois de perderem o entendimento, conhecèraõ que ſe achavaõ ambos deſcompoſtos, e todos nùs (5) acçoens em que muitos filhos de Adam moſtraõ carecer de entendimento.

(2) *Ariſtotel. 3. de Anim. & 4. Topic.*

(3) *Cato Maior.*
(4) *Geneſ. 3. 23. & 24.*
(5) *Geneſ. 3. 7.*

Move Ariſtoteles hum Problema: *Cur homines rem agere veneream cupientes, confiteri ſe cupere maxime pudet;* e ſe tem vontade de comer, ou beber, ou qualquer outra licita couſa, ſe naõ pejem de o manifeſtar: E reſponde que ha em as humanas creaturas deſejo de muitas couſas

couſas neceſſarias, certamente à ſubſiſtencia da vida humana, e algumas taõ importantes, que com a falta dellas perigaria a meſma vida, mas que *rei venereæ libido ſuperfluit, & abundantiæ index eſt*; (6) porèm ſem duvida he taõ falſa a repoſta, como eſcuſada a pergunta: o que a meſma natureza com as ſuas operaçoens comprova; porque naõ ſó a natureza, e em os ſeus effeitos as racionaes creaturas ſe pejaõ do que Ariſtoteles expoem, mas tambem do que Ariſtoteles nega; pois actualmente eſtamos vendo que naõ ſó os expertos na civilidade politica, mas ainda muitos que nella ſaõ menos verſados ſe pejaõ de comer, e dormir, e muito mais de dar ſatisfaçaõ ao expulſivo cõmum; do que tem muitas vezes ſuccedido, que irritada a natureza por ſuprimida, occaſionou a morte pela retençaõ. (7) Eſte meſmo perigo [diz Galeno] provèm a muitas creaturas: *in difitientia rei venereæ*, e na opiniaõ commua dos Doutores da Medicina *in ſexu miliebri* principalmente ſe verifica, ſuppoſto Ariſtoteles ſeja de contrario parecer. (8)

(6) *Ariſtotel. 4. Problem. 30.*

(7) *Experient. Magiſtra.*

(7) *Idem Ariſt. & com. DD. Medic.*

(8) *Galen. lib. 6. de locis affect. cap. 6.*

Ex conjunctione maris, & feminæ ſabem todos que reſulta a propagaçaõ do Univerſo, e a formaçaõ da creatura humana em o ventre materno: o modo deſta, ainda que recondito, naõ menos na geraçaõ, muitos Filoſofos antigos, famoſos na arte Medica, o explicàraõ: Galeno diz, que entre muitos excrementos, e humores que ha em o corpo humano, ſó de hum ſe aproveita a natureza para

para a geraçaõ, e formaçaõ da humana creatura, e eſte he o ſangue ſorozo, que ſe gèra em o figado, e veyas, no tempo que os quatro humores, ſangue, fleuma, colera, e melancolîa alcançaõ a fórma, e ſubſtancia que haõ de ter (9) e a iſto que Galeno chama excremento, Hipocrates lhe chama *Vehiculum alimentorum.* (10)

(9) *Galen. lib. 1. de Sem c. 15.*

(10) *Hipocrat. lib. de Aliment.*

De tal licor como eſte uſa a natureza para digeſtir o alimento, e fazer que paſſe pelas veyas, e apertados caminhos, a levar o ſuſtento a todas as partes do corpo, cujo ſoro atrahiſſem a ſi os rins, lançando-o à bexiga, e dahi fóra do corpo, livrando a creatura do pendor que lhe podia occaſionar; porèm vendo, tinha certas qualidades convenientes à geraçaõ *in utroque ſexu*, proveo a natureza às racionaes creaturas de duas veyas, que levaſſem parte aos teſticulos, e vazos ſeminarios, com alguma porçaõ de ſangue, tudo por Providencia Divina, para que *cum ſemine tali* a geraçaõ humana ſe propagaſſe, ſendo ſua qualidade, como Galeno eſcreve, compoſta de certa acrimonia, e mordacidade irritante pelo ſalgado (11) do que vejo chamarſe aos homens mui laſcivos *ſalaces*, e para a feliz compoſiçaõ deſta fabrica humana, proveo a natureza a parte direita de muito calor, e ſequidade, e a parte eſquerda de muita frialdade, e humidade, como Hipocrates, e Avicena dizem (12) em ambos os ſexos, para que com a comunicaçaõ ſe aprefeiçoaſſe o compoſto.

(11) *Galen. lib. de Genit.*

(12) *Hipocr. Avic.*

Galeno

Galeno verifica, que para ſe gerar no clauſtro materno a creatura humana, hade neceſſariamente haver ſimultaneo concurſo *ex utrâque parte*, de tal ſorte, que de huma das partes ſe hade concorrer para a formaçaõ, e da outra para o alimento do feto(13) o que tambem comprovaõ Hipocrates, e Plataõ, ſuppoſto Ariſtoteles diga, que o ſexo feminino ſó concorre *recipiendo*, ſem mais cooperaçaõ alguma (14) o que he refutado por todos os Authores modernos, affirmando contra as opinioens anteriores ſer directamente preciſo ao meſmo tempo de ambas as partes o concurſo para a perfeita formaçaõ, de tal ſorte, que prevalece a parte de que houver mais exceſſo *per quantitatem*: do que reſulta, que *Si fuerit ex parte hominis* o que naſcer, ſerà macho, *& ſi ex parte muliebri fuerit* ſerà femea (15) e do tal exceſſo acontece terem naſcido de hum parto, tres, e ſinco, e mais crianças, ſuppoſto que por atenuadas na ſubſtancia ſe malogrem, ſendo mui commum o naſcerem duas, e ſucceder que em qualquer parto por accidente, ou haja por movito mao ſucceſſo, ou naſça a creatura aos ſete, ou aos oito mezes, com minoridade de ſubſtancia, pois o eſpaço de nove mezes he o tempo determinado pelo Author da Natureza para naſcer a creatura perfeita; das que naſcem aos ſete mezes, vivem muitas, mas naõ dos que aos oito mezes naſcem, pela mà influencia do Planeta, que entaõ occorre (16) e finalmente quanto ao numero dos

(13) *Galen. lib. 1. de Sem. c. 8. & 15. Hipocrat. & Plat. hic.*

(14) *Ariſtot. de gen. Sem.*

(15) *Ita Joan. Wazning Alemaõ famozo, e he com. nos AA. da Arte Medica modernos.*

(16) *Tomaſo Tomainel ſuo Giardino del Mondo.*

filhos, que a mulher pòde parir de hum ſó parto *per excellentiam, & potentiam humani ſeminis*, na opiniaõ de Aſclepiades, ſaõ ſete, *ſi intra omnia receptacula matricis, mulier ſemen receperit.* (17) E de Margarida Condeça de Hollanda, em o anno de Chriſto de 1314. ſendo Emperador Arrigo de Luzzemburgo, pario de hum ſó parto trezentos ſeſsẽta e tres filhos vivos, os quaes todos chegàraõ a ſer baptizados (18) porèm tudo como acima jà diſſemos, he accidente.

(17) *Aſclepiad. hic apud Bapt. Fulg.*

(18) *Merula Boerio J.C. nelle ſue Auree Deciſioni n.* 148. *Baptiſta Fulgoſo. Ludovico Dominichi nel lib* 4. *della ſua varia.*

O modo porque ſe fórma, e organiza o corpo da humana creatura em o ventre materno, he certamente hum dos mais eſtupendos prodigios da natureza: os Anatomicos, e mais celebres Authores da Medica, verificaõ, que apenas *Mulier recipit more debito humanum ſemen in debito vaſe matricis*, retendo-o ao menos por eſpaço de ſete dias, ſe fórma daquella tal materia tres pequenos foles, de que reſultaõ as tres partes principaes do corpo, coraçaõ, cerebro, e figado (ſuppoſto naõ falta quem diga he ſó hum o limitado folle,) e reduzidas aquellas tres partes pela natureza a conveniente figura, e proprios lugares atè o eſpaço de quinze dias, complectos eſtes, ſe originaõ do figado as veyas, do coraçaõ as arterias, e do cerebro os nervos (19) logo tambem os bofes que à maneira de huma eſponja atrahem o ar com que refreſcaõ o coraçaõ, do qual Galeno affirma, ter hum calor taõ activo, que naõ ſeria poſſivel o aturarſe ſe ſe lhe pudeſſe pôr hum dedo, mas o cerebro, pelo contrario, he frigidiſſimo

(19) *Tamaſo Tomai ubi ſup. & comun. AA.*

(20)logo ſe vay formando à creatura o eſtomago, bexiga, inteſtinos,e mais partes todas do corpo dentro de huma pelicula que defende eſta miſterioſa fabrica, atè eſtar nos dias que jà diſſemos, perfeitamente formada a organizaçaõ, e figura do corpo humano, que por evitar mayor digreſſaõ naõ individúo, e a pòdem os curioſos ler em Joaõ Uvazungo Alemaõ, ou em Aleſſandro Paſcoli Peruziano, que eſcreveo na lingua Italiana mais commua do que aquella em o noſſo Portugal, ambos Authores modernos, aquelle no anno de 1644. eſte a ſegunda Impreſſaõ com clariſſimas eſtampas no de 1712. e ultimamente o Douto Mirandela Portuguez. (21)

(20)*Galen. de gener. & format.*

(21) *Neſtas materias diſcorrem com muita variedade os modernos. Sed quid, quid dicant.*

CAPITULO III.

Da Parturiçaõ, e naſcimento da racional Creatura, occrrencia de perigos, ſucceſſos notaveis, e monſtruoſidades, que no Mundo ſe admiraõ por exceſſo, ou defeito, accidente, ou ſuperfluidade da Natureza humana.

IEM ſeu naſcimento natural a perfeita Creatura humana aos nove mezes (como jà diſſemos) depois de concebida; e ſendo neſtes os perigos muitos em a Mãy que a gerou, he de todos o mayor perigo na occcaſiaõ em que a chega a parir, naõ ſó pela activa vehemencia das dores que tollèra (1) mas pela tolerancia da morte a que na parturiçaõ ſe expoem. (2)

(1) *Comun.*

(2)*Galeno. Hipocr.*

Sahe do clauſtro materno ao Mundo a

Creatura humana, jà racional pela Alma infundida antes de raciocinar; naſce com a cabeça para diante por Providencia Divina, para que entrando neſta vida temporal veja logo o Mundo, e os ſeus defeitos, conhecendo a poucos annos a ſua fatal miſeria; porèm muitas vezes acontece com mais inſtantaneo perigo alterar por accidente a natureza, ou o ſucceſſo eſta fórma, pois algũas vezes tem acontecido naſcer a criança com os pès para diante, outras lançando primeiro algum braço, e outras atraveſſadas, ou de ilharga, ſendo precizo abrirſe a Mãy para ſe reſalvar o filho; iſto ſuccedeo a Juſtina mulher do Emperador Marco Aurelio; e aos famoſos Auguſto Cezar; Scipiaõ Africano, e Andrè Doria, entre outros, ſendo de muitos obſervada a boa inclinaçaõ, e genio dos que aſſim naſcèraõ; e pelo contrario verificada no crudeliſſimo Nero, em quem foy preſagio de deshumana tirania o naſcer com os pès para diante. (3)

(3) *Raviſ. in Off. Aſtolf & alii.*

Em outras creaturas humanas ſe viraõ diverſidades raras; pois como Solino eſcreve, nunca Marco Craſſo ſe rio em ſua vida, Socrates nunca foy viſto melencolico, Eſtrabo nunca cuſpio, Lucrecio Poeta nunca eſpirrou, o Emperador Tiberio de noite às eſcuras via tanto como de dia, Pirrho Rey dos Epirotas tinha em lugar de dentes, ſem a fórma deſtes, hum oſſo mociço, Lucio Filerio naſceu com dentes, Zoroaſtro Rey, e inventor (como alguns dizem) da arte magica

magica naſceu rindo, e Timon Athenienſe naõ podia ſoffrer o ver, nem tratar com gente, ſendo inimigo capital dos homens, e aſſim nem entrava em caza alguma, nem conſentia, que alguem lhe entraſſe em caza. (4)

(4) *Solinus.*

Muitos Doutores, que filoſofárão eſta materia, attribuiraõ taes ſucceſſos à influencia dos Planetas, e diverſidade de Signos, e ſó por ſiniſtros effeitos da natureza entendèraõ provinha a algumas racionaes creaturas a traſmutaçaõ accidental dos ſexos que muitas peſſoas menos noticioſas tem por paradoxo, ſendo certo, como Galeno verifica, naõ diferir o homem da mulher mais do que em ter os membros genitaes fóra do corpo; (5) o que muitas vezes tem ſido obſervado pelos mais peritos Anatomicos; e aſſim, ou eſtejaõ as creaturas dentro ainda, ou jà fóra do ventre materno, para a natureza converter a femea em macho, ou o macho em femea, naõ tem mais que ou extrahir, ou recolher as ditas partes, ſem que neſtas concorra outra couſa mais que hum exceſſo de calor, ou frialdade, ſabendo-ſe que o calor dilata, e a frialdade reſtringe. (6)

(5) *Galen. lib. de diſſect. vulva, & lib. 2. de Sem. c. 5.*

(6) *Juan Huarte cap. 5.*

Iſto que para alguns poderà ſer admiraçaõ, e novidade, ſe comprova com ſucceſſos acontecidos: Plinio affirma, que no tempo que eſcrevia ſua hiſtoria, achando-ſe em Africa, vira huma femea tranſmutarſe em macho, em o dia que ſe havia ajuntar primeira vez com ſeu marido (7) a qual depois ſe chamou Lucio Coſſiro: Pontano verifica ſucce-

(7) *Plin. in Hiſtor.*

ſuccedèra o meſmo à mulher de Antonio Speſſa, Cidadaõ de Ebole, chamada Emilia, depois de eſtar dès annos com ſeu marido. (8) Ludovico Dominichi eſcreve, que duas filhas de Ludovico Goarna, Cidadão de Salerno, chamadas Franciſca, e Carlota, chegando à idade de 15. annos ficàraõ *per exitum genitalium* tranſmutadas em homens, com os nomes de Franciſco, e Carloto, mudando os veſtidos; e que o meſmo acontecèra a outra moça, na primeira noite que ſe ajuntou com ſeu marido, de tal ſorte, que reſtituindo-ſe outra vez com diverſa fórma à ſua caza, teve por ſentença em hum pleito, que poz, que outra vez (pois jà eſtava homem) o dote ſe lhe reſtituiſſe. (9)

(8) *Pontanus.*

(9) *Ludovico Dominnella varia hiſtoria lib. 4.*

Dos que naſcem hermofroditas moſtrando em hum compoſto ſó ambos os ſexos, naõ haverà [por mais ſabido] em os leitores, duvida taõ grande: muitos ſe tem viſto; e eu vi hũ em o Eſtado do Brazil no anno de 1728. era gentio de huma das duas Naçoens, que cathequizei, e aldeei, e lhe puz o nome de Manoel, em o Bautiſmo. Os Filoſofos, e Aſtrologos atribuem ſemelhantes effeitos da natureza ao influxo dos Planetas, dizendo, que coſtumão ordinariamente naſcer na terceira face de Tauro, ſenhoreada por Saturno; e por Conſtituiçoens Apoſtolicas naõ pòdem eſtes uſar mais que de hum ſexo, e conveniente veſtido, ſob penna de ſerem por Ley Eccleſiaſtica, e Real ſeveramente punidos. (10)

(10) *Vid. Conſtit. Apoſtol. e a Ordenação do Reino.*

De

De muitas creaturas, que do ventre materno naſcèrão monſtruoſas, tratão os Hiſtoriadores, ſem apontar ſolidamente o motivo, ou cauſa efficiente deſtas monſtruoſidades. A que Ariſtoteles aponta, he a aprehenção imaginativa de algum dos que ſe ajuntaõ em acto (11) opinião a que os Filoſofos naturaes aſſentem, entendendo que no tempo da formação, e não do naſcimento recebe a creatura ſuperficialmente por alteração das Eſtrelas a participação dos quatro humores (12) mas a opinião certa, e infalivel he, porque, ou pela malignidade dos taes humores, ou por caſtigo, ou por accidente, ou por exceſſo, ou por defeito da natureza, Deos o permite aſſim.

(11) *Ariſtoteles ſect. 10. Problem. 12.*

(12) *Hipocrates. Plato. Ariſt. Galeno.*

Na Cidade de Milaõ anno de 1452. naſceu de huma mulher chamada Fauſtina, hũa criança, que tinha os olhos em as coſtas. (13) No Caſtello de Canoſſo em Lombardia, pario outra mulher huma criança com o corpo cheyo de pennas, e as orelhas tão grandes, que lhe cobrião todo o corpo. (14) No anno de 1560. naſceo outra monſtruoſa creatura com cara de homem, tres ordens de dentes, e corpo como Leão. (15) Junto à Cidade de Agnani pario a mulher de hum Paſtor, huma menina perfeita em todo o corpo, mas com os pès de cavallo. (16) No tempo do Imperio de Nero, no Caſtello de Ravenna, que deſtruhio Luitprando, Rey dos Longobardos, naſceo hum menino com duas cabeças, comia com ambas as bocas, huma

(13) *Lampognani lib. 2 de prodig.*

(14) *Gisberto nele ſue Chronic.*

(15) *Tomaſo Tomai cap. 19.*

(16) *Aurelio Creſcentino p. 3. Centur.*

huma cabeça dormia, e a outra vigiava, hũa boca ria, e chorava a outra: morreu hum alguns dias depois do outro. (17) Neſta Corte de Lisboa vi eu pelos annos de 1719. (com pouca differença) hum homem eſtrangeiro, com duas cabeças, das quaes huma lhe ſahia do peito, e tinha ſeu movimento, moſtrava dẽtes na boca, e cabello comprido na tal cabeça. Iſto não me admirou, tendo lido no douto Chroniſta Fr. Bernardo de Brito, q̃ neſte noſſo Reyno junto a Braga naſcèrão dous meninos, cada hum com duas cabeças. (18) E em outras partes ſe vio hum com quatro, e outro com ſete cabeças (19) e outro em tudo ſemelhante ao que eu acima diſſe que vi, eſcreve o noſſo famoſo Portuguez Antonio de Souſa de Macedo vira em Madrid no anno de 1629. e depois em Inglaterra no anno de 1641. (20) ao que daõ os Medicos, e Filoſofos ſuas razoens concernentes. (21)

(17) *Tomaſo Tomaſeli ſua hiſtor. de Ravena.*

(18) *Fr. Bernard. de Brito na Monarch. Luſitana p. 1. l. 1. c. 10.*

(19) *Brito ſupr. p. 2. l. 6. c. 9.*

(20) *Antonio de Souſa de Macedo p. 2. c. 48 n. 10.*

(21) *Franco in cãp. Elyſ. q. 45. n. 24. 44. & 45. Hyeronimo Cortes nos ſecret. natur. rat. 5. c. 7.*

Sobre tudo he de admirar o que não ſó em peſſoas particulares, mas em naçoens inteiras, nas partes mais remotas do Mundo ſe diviſou: Eſcreve-ſe em o livro intitulado *Ætas mundi*, authorizado com Santo Agoſtinho, Iſidoro, e Plinio, que os homens Cynocephalos tem corpo humano, e a cabeça de cão, fallão ladrando, e veſtem-ſe ſó com pelles de animaes. Os Cycoples na India tem ſó hum olho na teſta, acima do nariz, chamão-ſe monoculi, comem ſó carne de féras, e fazem guerra aos Grifos Aves. Outros não tem peſcoço, nem cabeça, e tem o roſto

roſtro no peito, do tamanho do meſmo peito. Outros ſem nariz, com o roſtro plano, e o corpo direito, e hirto. Outros q̃ naſcem ſem lingua. Outros ſem beiço de cima na boca. Outros ſem boca, a quem os Medicos fazem hum foramen, para com huma penna beberem agoa. Outros com o beiço de baixo tão grande, que com elle cobrem o roſtro todo, quando dormem. Outros em Scithia chamados Pannothos tem orelhas tão grandes, que lhe cobrem o corpo todo. Outros em Ethyopia chamados Artabritas andão como o gado. Outros homẽſinhos, chamados Satyros, tem nariz disforme, cornos na teſta, e pès de cabra. (22)

In Geſtis Magni Alexandri ſe eſcreve, que na India ha homens com ſeis mãos. Outros, que nos pès, e mãos tem ſeis dedos. Outros, que ſaõ chamados Apothamos, vivem nas agoas; tem da cintura para cima figura de homem, e para baixo corpo de cavallo. Outros nùs, e cobertos de pello, que habitão nos rios. Mulheres com barbas atè o peito, e a cabeça liza ſem algum cabello. Na Ethyopia occidẽtal ha homens com quatro olhos. Na Epiria homens de boa eſtatura, mas com peſcoço de grou muito grande, e com bico de Ave no lugar da boca. Outros com o peito direito de homem, e o eſquerdo de mulher, e muito grande. (23) Na Ethiopia occidental hà homens ſó com hum pè muito disforme de grãde, a que chamão Unipedes, não dobrão a perna, correm como hum cavallo;

(22) *Ætas mundi in 2. mundi ætate fol. 12. D. Auguſt. lil. 16. de Civitate Dei c. 8. Iſidorus Ethi. l. 11. cap. 3. Plinio lib. 7. cap. 2.*

(23) *In geſtis Alex.*

vallo; e diz Plinio, q̃ de Verão ſe deitão na terra, e fazem do tal pè chapeo de Sol. (24) Outros em Scithia, chamados Ipopedes, tem forma humana; mas os calcanhares para diãte, e os pès para tràs, e aſſim andão muito: diz Megaſchenis, q̃ tem oito dedos em cada pè. (25) Em Africa ha familias de gente, q̃ tem duas meninas em cada olho, com elles quãdo irados matão gẽte, e ſeccão arvores. (26) Nas ſolidões de Africa, diz Clitarco q̃ ha homẽs cõ taes unhas, q̃ torrãdo-as ao Sol, fazem dellas paõ, com q̃ ſe ſuſtentão. (27) Creſſias eſcreve, q̃ algumas mulheres na India ſó hũa vez parem, e immediatamẽte os filhos ſe vão enchendo de caãs. (28) Outros q̃ naſcem ſem boca, nũca comem, nem bebem; e ſó ſe ſuſtẽtaõ pelo olfato cõ o cheiro das ervas, flores, e pomos. (29) Outros, q̃ vivem 130. annos, nunca ſe fazem velhos, e neſta com o em ſua meya idade morrem. (30) Outros, que vivem 200. annos, todos de cabellos brãcos, e na velhice ſe lhe fazem pretos. (31) E na Ilha Trabona ha homens, que vivem muitos annos, e nunca tem enfermidade alguma. (32)

(24) *Plinio ubi ſupra l. 7.*

(25) *Megaſchenis apud Plin. hic.*

(26) *Iſigono. Memphodoro.*

(27) *Ctiarc. in geſtis Alex*

(28) *Creſſias de rebus Indis.*

(29) *Idem ibi.*

(30) *Oneſcricio.*

(31) *Creſſias ubi ſup.*

(32) *Artemidoro.*

Eſtas, e outras muitas fatalidades, que em diverſas partes do Mundo ſe tem viſto, obſervando-ſe por mõſtruoſidades grandes, ſe aos menos lidos nas hiſtorias forem cauſa de admiraçaõ; aos mais doutos, e ſcientificos, poderão ſer incentivo de filoſofar, ſe foraõ exceſſo, defeito, accidente, ſuperfluidade, ou gracejo da humana natureza; ou ſe pelo Supremo Author da meſma natureza iſto aſſim foy permittido com algũ motivo. CA-

CAPITULO IV.

Continua-se, e confirma-se a materia antecedente com caſos ſingulares, e ſucceſſos eſtupendos.

HE principio entre os Filoſofos muy commum, que a natureza tanto ama o neceſſario, quanto aborrece o ſuperfluo (1) e ſendo Deos ſó quem radicalmente conhece, ſe os effeitos nas creaturas obſervados, e monſtruoſidades viſtas ſaõ ſuperfluidades, ou abortos da natureza, que talvez poderàõ ſer por alguma occulta cauſa diſpoſiçoens Divinas, devendo jà ſer de admiração aos homẽs o que no anterior Capitulo referi, não menos ſerà de paſmo, e aſſombro em a propria materia, o que neſte exporei: que ſuppoſto, parte talvez occaſionarà incredulidade nos animos, naõ ſaõ materias de fé Divina, reſalvo-me em a humana, com os primeiros que o eſcrevèraõ.

(1) *Ita com. Philoſophi.*

Diſſe eu com a opinião commua, e experiencia obſervada, que aos nove mezes depois de concebida, naſce a perfeita racional creatura, ſendo na opinião de Aſclepiades atè ſete os filhos, que de hum ſó parto pòde hũa mulher parir. (2) Mas entre monſtruoſidades infinitas, que no Mundo ſe tem viſto, tambem muitas em os partos ſe tem admirado.

(2) *Aſclepiad. ubi ſup apud Bapt. Fulgoſ.*

Em Alexandria (eſcreve Flegonte Traliano) huma mulher em quatro partos deu ao Mundo vinte filhos, ſinco de cada vez, e

que outra parira cento e ſincoenta filhos.(3) Na meſma Cidade (eſcreve Paulo Juriſconſulto) pario huma mulher cinco filhos de hum ſó parto:e dahi a quatro dias pario mais hum, ao qual quiz ver Adriano Emperador. (4) Huma Senhora no Reyno de Heſpanha pario hum filho, paſſadas algumas horas pario outro, e dahi a algumas poucas de horas pario mais ſeis filhos. (5) Em Salamanca Cidade do meſmo Reyno huma mulher de hum Livreiro pario nove filhos de hum ſó parto. Na Cidade de Oſtia pario outra de huma vez oito filhos. No Peloponneſo pario outra vinte filhos em quatro partos.(6) Em Cracovia, Margarita mulher do Conde Vitboslao no dia 20. de Janeiro de 1269. pario trinta e ſeis filhos. (7)

Em Meſſina no anno de 1430. eſcreve Nicolao Serpetro, parira de huma ſó vez hũa mulher onze filhos todos machos; e outra que pario ſettenta de huma vez. A Condeça de Querfurt que parira nove, Iſmetrude mulher de Uſnebert Conde de Aſtolf, q̃ parira doze, e outra Senhora, que parira ſeſſenta filhos em doze vezes ſempre ſinco em cada parto.(8) No tempo de Frederico II. Emperador, q̃ reinava pelos annos de 1218. Mattilde Condeça, queera de Ermemberg, filha de Florentino IV. Conde de Batavia pario mil quinhentos e quatorze filhos de hum ſó parto, aos quaes baptizou Ottone ſeu tio, Biſpo de Trajetto, e logo morrèraõ. (9)

Margarita, filha do Conde Florentino, e

(3) *Fleg. Tral. apud Cel. Rodigin. . . c. 3. Men. p. 5. c. 7. Cẽtur.*

(4) *Paul. Juriſconſ.*

(5) *Paul. Maſſini c. 1.*

(6) *Martino Crom. l. 9. de Repub. Pol.*

(7) *Nicolao Serpetr. Merc. de le Maravig. Port. 1. log. 2. off. 6.*

(8) *Avent. l. 7. de gl. Anim Berlaim p. 1 c. 6 fol 58.*

(9) *Menoch. p. 5. c 7. Centur 9. Ludovic. Guizardini. Geogr. de lla Fiàd. Ludovic. Vives. Berlaim p. 1. c. 58. Anton. Torquem. ad Nicul. Serp. Ergeſt Brot. l. 4. Enr. Euzeb. Bapt. Fulgoz. l. 1. c. 6. Andr. Eborenſe Anel de Oland. Albert. Crantiz. in Vandalia. Genebrãdo in Clem. 6.*

e de Matilde filha de Henrique Duque de Brabancia, do anno de 1276. em idade de quarenta e dous, na seſta feira Santa pelo meyo dia pario trezentos seſſenta e quatro filhos, e todos foraõ baptizados pelo Biſpo de Guido, os machos com o nome de Joaõ, e as femeas com o de Iſabel; viveraõ pouco, e foraõ ſepultados na Igreja de S. Bernardino, onde ſe vè ſua memoria. Referem graves Authores, ſe vira tal ſucceſſo, porque hindo huma pobre, que tinha baſtantes filhos pedir huma eſmolla a eſta ditta Margarita, a eſcarneceo com palavras injurioſas, dizendolhe não era poſſivel que todos aquelles filhos foſſem de ſeu marido; ao que a pobre reſpondèra que permittiſſe Deos, tiveſſe ella tantos de hum ſó parto, que os não conheceſſe. (10) Artaxerxes Rey da Perſia, teve cento e ſeis filhos. O Rey de Zambra, teve trezentos e vinte e ſinco. O Rey de Gilolo ſeiscẽtos. O Rey Jeronymo de Arabia outros ſeiscẽtos. Outro do meſmo Reyno, ſeiscentos e cincoenta. E Erotino tambem Rey da Arabia teve ſetecẽtos filhos valeroſos Soldados, com q̃ pelejou contra Siria, e Egypto. (11)

(10) *Niculao Serpetro Por. 1. log. 3. off. 6. f. 28. con Mar. Polo Ven. Luigi Contarini f. 111.*

(11) *Albert. Mag.*

Em huma Cidade de Alemanha, pario huma mulher muito rica cento e cincoenta filhos em hum ſó parto: como eſcreve Alberto Magno. (12) De outra fazem menção Nicolao Florentino com Avicena, a qual pario ſettenta filhos de hũa ſó vez. (13) Combe por ſobrenome Calcide na Grecia, pario cem vezes ſucceſſivamente. (14) Refere Nicolao

(12) *Nicul. Fiorent. nel Serm. 6. del nono de gl. Animali, con Avicena.*

(13) *Apud Paul. Maſin cap. 1.*

(14) *Niculao Serpetro.*

Nicolao Serperto, que em Heſpanha houvera hum ruſtico, cujos filhos chegàraõ a povoar huma Aldea de cem cazas; e que hũa velha deſta deſcendencia dizia, falando com outra da meſma progenie: Oh filha da minha filha, dize a tua neta [iſto he à filha da tua filha] q̃ o filho da filha de ſua filha chora. (15)

(15) *Roſar. f. 20. à 34. Secmara c. 75. Luige Contarini f. 124.*

Em Pavîa, no anno de 674. referem graves Authores, que naſcèrão hum menino, e huma menina juntos, hum com a cabeça de cão, outro com a cabeça de gato. Na meſma Cidade anno de 1474. huma mulher pario hũa gata com face humana. No meſmo anno em a Cidade de Verona naſceo huma menina com duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, e todos os mais membros duplicados. Em Navarra anno de 1471. naſceo hum menino com tres cabeças, huma de homem, outra de caõ, e outra de gato. Na Hungria pario hũa mulher a hum menino com a cabeça de Elefante. (16) Em huma Povoaçaõ de Auſtria pario huma mulher tres gatos, dous machos, e huma femea. (17) Huma mulher na terra de Turingia, eſtando tres dias com activas dores de parto, ao naſcer do filho ſe lhe ouvio no ventre hum eſtouro como de hũa peça de artelharia, com tantas chamas, q̃ abrazàraõ os pannos da parida, as mãos, e quaſi o roſto da Parteira, ficando cheya a caza por muito tempo de hum horrivel fetido, que parecia ſulfureo. (18)

(16) *Felice Geràrd. ſuo Mercurio ſeſol. 17 f. 233. 205. 225.*

(17) *Aſcanio Centoriano, Aſtolfo ſua Officina. l. 2. c. 24.*

(18) *Donato Calv. Effem. Sotto na parola prodigi di natura f. 222.*

Refere Donato, q̃ na Cidade de Bergamo anno de 1628. aos 7. de Março naſceo de huma

huma mulher civil hum horrivel monſtro à ſemelhança de hum Demonio vivo, que em diverſas partes do corpo tinha figura de Paſſaro, de Mono, e de Peixe; e logo começou pela caſa a ſaltar. (19) Eſcreve Martin del Rio, que em Bolduch de Flandres houvera hum homem vexado do Demonio, o qual querendo ajuntarſe com ſua mulher, e dizendo por zombaria naquelle acto, que queria gerar hum Demonio, aſſim aconteceo; pois pario ſua mulher hum filho com cara, e aſpecto de hum Demonio, ſaltando logo pela caſa com mais vivacidade da que imitão os que lhe repreſentaõ a figura. (20) O meſmo Author diz, que em Witemberg naſceo hum menino com o roſtro ſemelhante a hum cadaver; dizem que fora, porque a mãy ſe aſſombràra com outro cadaver que tinha viſto. (21) Averroes affirma, que da imaginaçaõ, com que ſe eſtà *in actu generationis*, procede muitas vezes o parir monſtruoſidades: e tràs por exemplo huma mulher, que pario huma Serpente, porque no tempo que ſe ajuntàra com ſeu marido, eſtivera com o ſentido em huma Serpente que no tecto, ou pavilhao tinha pintada. (22) Neſta opinião aſſentam Galeno, e Avicena, entendendo que a cauſa porque os filhos adulterinos às vezes ſe parecem mais com o marido, da adultera, do que com o pay, que os gerou, he pela imaginaçaõ, e medo com que eſtà de que aquelle naõ venha, e a apanhe no delicto. (23)

(19) *Martin del Rio Diſquiſit. Mag. Menoch. p. 1. Cent. 1. cap. 96.*

(20) *Ibi.*

(21) *Averroes.*

(22) *Galen. Avicena.*

(23) *Raſell. in lib. Judic.*

Alibano

Alibano Raſello eſcreve, como teſtemunha de viſta, naſcèra hum filho a hum Rey, em cuja Corte aſſiſtia, o qual nas primeiras vinte e quatro horas, que ſahio à luz, começou perfeitamẽte a fallar, e menear as mãos, profetizando como ſeu pay havia perder o Sceptro, e ver o Reyno deſtruhido. Logo morreo. (24) A Pruſſia Rey de Bithinia naſceo hum filho com todos os dentes de ſima, e baixo iguaes no feitio, e grandeza. Marco Curio, Egneo Papiro, e Carbone naſcèraõ com todos os dentes. (25) O famoſo, e celebrado Hercules naſcèo com tres ordens de dentes, como eſcreve Jonnechio. (26) A Valerio Maximo (diz Genitio) que naſcèraõ duas pontas na cabeça. (27) Secinàra diz que no an.de 1010. naſceo em Folinho na Umbria hum menino com ſeis dentes. (28) Em Sagunto no tempo que Annibal deſtruhio aquella Cidade, hum menino, que nàquella meſma hora naſceo, tornou a fugir para dentro do vẽtre, donde ſahio. (29)

Na Bretanha, em huma Ilha chamada a Ilha Santa, nenhuma mulher pejada pòde parir ſem que ſaya para fóra della; e ſe algũa o naõ faz aſſim, tem a morte certa. (30) Na juriſdicçaõ do Conde de Ortemberg nos confins de Tirol hà huma Igreja chamada Sãta Maria de Lugau, ſobre cujo Altar ſe ſe poem os meninos mortos no parto, logo revivem, ou reſuſcitaõ atè que poſſaõ receber a agoa do Bautiſmo: o q̃ feito, logo morrem outra vez, e ſaõ authenticados os milagres.

(24) *Pedro Meſſia. Mambrin Roſco. Franc Sanſovino Selva rinovata p. 1. c. 33. fol 106 c. p. 5. c. 32 fol. 119. P lin. 3.*

Luigi Contrarini f. 113.

(25) *Jonechio.*

(26) *Genitio.*

(27) *Secinara trat. 1. f. 13.*

(28) *Idem omnia ſupr. apud Valer. l. c 5. de Mirandis. Tomaſo Garſoni in Serv. App. prod. Stanz. 2 fol. 190.*

29) *Pietra Santa Tom. 1. cap. 25. f. 241.*

(30) *Euſt. Rud. Pietro Alfaroli Fulgentino. Kuẽ Servita e Silv. Pietra Santa. tom. 3. c. 25. f. 241.*

(31)

(31) Em Soria Seleuco por atteſtaçaõ de Apiano Alexandrino ha huma familia, cujos deſcendentes todos naſcem com huma ancora impreſſa em huma coxa. (32) Sigiberto filho de Dogoberto Rey de França aos quarenta dias de naſcido, baptizando-o S. Amando, com clara voz reſpõdeu *Amen*. Megero conta de Felippe X. Conde de Flandres, que aos tres dias depois de naſcido, falàra claramente. (33) Eſcreve Amato Luſitano, que em Ancona no an. de 1551. em o mez de Dezembro do dito anno pariraõ meninos machos, e ſe alguma femea naſceo, morreu logo; pelo contrario no an. de 1553. todas as crianças que naſcèraõ, foraõ femeas, e ſe algum macho naſceo, eſpirou. (34) Em a Cidade de Nocian, Provincia do Graõ Caõ dos Tartaros, he coſtume, quando pare algũa mulher, hir logo depreſſa o marido para a cama com a criança, e nella eſtà quarenta dias de regimento, recebendo as viſitas dos parentes, e amigos, e comendo os manjares, que havia a parturiente comer, ſendo a mulher quem lhos miniſtra, e naquelles quarenta dias o governa. (35)

(31) *Apiano Alexandrino Guerra Civil de Roma Giacomo Certani Ab. la verità vendicata l. 2. f. 158. Alexandro Braccio.*

(32) *Megero apud Menoch. p. 5. Cent. 10 c 34. Petrus à Natalibus in vita Sanctorum.*

(33) *Amato Luſitano Centur. 4. Menoch. p 5. Cetur. 10. 76.*

(34) *Marco Pol. Venet. c. 89.*

(35) *Plin. l 7. cap 4. Anton. Torquemada tr. 1. fol 42.*

Confirma-ſe tambem ultimamente a opiniaõ, e materia em que tratamos da mutabilidade dos ſexos. No livro dos Annaes de Roma, ſendo Conſul Publio Licinio Craſſo, e Caio Caſſio Longino, ſe vio huma moça, filha de Caſſino, que tinha de antes ſido homem. (36) Lucio Muſſiano affirma ter viſto em Argo hum homem chamado

(36) *Lucio Mutiano. Antonio Torquemada trat 1. fol. 42 Tomaſo Garzoni ſuo ſer. fol 664*

Areſconte, que primeiro tinha ſido mulher, chamada Areſcuſa, naõ tinha barba, e cazou com hũa mulher do meſmo povo. O meſmo refere de outro moço na Cidade de Smirna. O proprio comprova ter viſto em Africa, e ſer ſuccedido a Lucio Cidadaõ de Tingitana. (37) No tempo de Alexandre VI. anno de 1492. huma noiva antes de ſe ajuntar com ſeu marido, cantando, e dançando com exceſſo, junto com a mais cometiva das ſuas vodas, ſe tornou homem. (38) Joſciano Pontano Author grave, eſcreve, que huma mulher na Cidade de Gaeta depois de eſtar quatorze annos em caſa de hum Peſcador, ficou homem. (39) O meſmo conta de hũa Matrona, na Cidade de Ebole no anno de 1490. a qual depois de eſtar 12. annos com ſeu marido, mudou o ſexo, e ficando homem, caſou com hũa mulher de quem teve filhos. O meſmo, e ainda com mais circunſtancia refere de outra mulher, que depois de caſar, e parir hum filho, mudou o ſexo, e ficando homem, caſou de novo com outra mulher da qual tambem teve filhos.

(37) *Luigi Contarini ſuo Giardino.*

(38) *Joſciano. Torquemada tr. 1. fol. 42.*

Julio Cezar de ſolis fol. 74.

(39) *Iidem ibi.*

Naõ quiz ſe queixaſſem os leytores de que eu me fazia avarento de noticias, por iſſo (ainda que a diſpendio do ſeu trabalho) neſte Capitulo lhe reſtituhi as que nos Capitulos antecedentes, por não ſer extenſo, lhe uſurpei.

CAP.

CAPITULO V.

Da Conſtituiçaõ ſubſtancial, corporea, e quantitativa da Creatura humana, depois que do ventre materno he naſcida. Trata ſe dos Gigantes, e Pigmeos.

IEriaõ, ou, como certamente lhe parece, tem razaõ de ſe admirar os homens, e ainda de ſe queixarem da humana natureza, culpando-a de que ſendo Mãy amante, naõ faça para com os filhos as partilhas muito iguaes: pois que tendo todos os homens eſſencialmente a meſma natureza, eſta ſe diverſifica tanto nos ſogeitos, a quem liberalmente ſe communica individuada; porèm a mim me parecia que contra Adaõ, e Eva noſſos Pays primeiros, ficaria mais juſtificada eſta querela, pois da culpa em que cahiraõ, reſultou por ſua culpa os poſteriores ſucceſſos, que acontecèraõ.

Naõ parece filoſofáraõ aſſim Plataõ, Ariſtoteles, Galeno, e outros muitos Authores, quando obſervando a conſtituiçaõ ſubſtancial, corporea, e quantitativa das humanas Creaturas; e vendo ſerem os homens huns muito valentes, e outros muito fracos, huns mui bem diſpoſtos, e outros muito magros, huns de improporcionada eſtatura, por pequenos tendo annos, e outros deſproporcionada corpulencia, por grande, tendo talves menos idade, attribuhiraõ eſtes accidentes a outras cauſas. Plataõ dà a entender que iſto procede de alguma irritaçaõ do vi-

cio do temperamento, e conſtituiçaõ dos humores. (1) Ariſtoteles diz, que o animo, e valentia natural procede do muito calor. (2) Galeno julga que eſtas diſparidades provem das qualidades do comer antes do acto da geraçaõ. (3) Outros querem que proceda *ex plurimo, vel pauco ſemine expulſo in generationis actu* (4) e outros que provenha do ordinario comeſtivel, provado com a experiencia; porque os que ſaõ creados nas Cortes v.g. com manjares delicados, e muito mimo, naõ ſaõ ordinariamente de tanta ſubſtancia, forças, e muitas vezes corpulencia, e ainda nem lograõ tanta ſaude como os Camponezes, ruſticos, e trabalhadores, que com comeres groſſeiros, e ſortes ſe alimentaõ, e recebem ſem policia o ſuſtento. (5)

(1) *Plato. Dialog. de Natura.*

(2) *Ariſtotel. ſect. 14 probl. 15.*

(3) *Galen. lib. de Cibis boni & mali ſucci.*

(4) *Tomaſo Tomai cap. 20.*

(5) *Juan Huarte.*

He a minha opiniaõ (e cuido naõ me engano no que digo) que o ſerem muitos homens fracos, puſilanimes, cobardes, e tìmidos, de pouca ſubſtancia, pouca força, e apoucada corpulencia, procede tudo de ſe depravarem os animos pelas culpas, e de ſe eſtragarem as naturezas com a infinidade de peccados, em que ſaõ os homens taõ peritos, com eſpecialidade os que nas Cidades, e Cortes mais tratados, que a poucos annos de naſcidos ſe diviſa nelles anticipada a malicia ao uſo de razaõ: a experiencia o moſtra, e a doutrina dos Santos Padres o confirma. (6)

(6) *S. Ambroſ. Homil. S. Auguſt. Serm. & Homil. S Joan. Chriſ Hom. S. Joan. Dam. Serm. S. Petr. Chriſol. Serm. S. Antoni Ulyſſipon. Opera & Sermones, ac communiter PP. & DD.*

Logo no principio do Mundo, ſe buſcarmos a Sagrada Eſcritura, acharemos ſe prevaricàraõ

varicàraõ alguns dos primeiros filhos de Adam, pois ou pelo mao exemplo de ſeus pays, ou por inficionado inſtinto da natureza, adulteràraõ as normas da razaõ. Naõ ſó logo em Caim, mas nos ſeus deſcendentes, e nos de Seth iſto ſe vio verificado; eraõ os filhos de Seth chamados filhos de Deos, pela virtude, e os de Caim filhos dos homens, como filhos da culpa (7) e por iſſo Adam lhe prohibio que ſe ajuntaſſem, ou cazaſſem hũs com os outros (8) mas iſſo naõ obſtante vendo jà com malicia os filhos de Seth, que as filhas de Caim eraõ fermoſas [ſuppoſto as de Seth o ſeriaõ tambem muito,] recebèraõ aquellas por mulheres, e naõ ſe livràraõ do peccado. (9) Oh quantos males vem ao Mundo por mulheres!

(7) *Geneſ* 6.2. *D. Chriſoſt. in Geneſ. homil* 22.

(8) *Joſeph. de Antiquit. l.* 1. *c.* 3. *Hiſtor. Scholaſt. c.* 31.

(9) *Geneſ.* 27.6 2.

Nos tempos antigos, quando o luxo, e a laſcivia naõ dominavaõ tanto em os Imperios do Mundo, e os homens naõ eraõ taõ perdidos por mulheres, nem uſavaõ tanto dos comeres delicados, que inventou o apetite, eraõ Varoens fortes, robuſtos, e corpulentos, e da meſma ſorte os filhos que geravaõ, pela ſubſtancia que tinhaõ, ſendolhe tambem a vida mais duravel: o Texto Sagrado no livro quarto de Eſdras parece que claramente o eſtà inſinuando (10) e Santo Agoſtinho, Homero, Juvenal, e Plinio o eſtaõ tambem dizendo. (11) Aſſim ſe vaõ diminuindo as forças à proporçaõ dos corpos, como Santo Agoſtinho diſſe (12) e Virgilio o reconheceu tambem. (13) Galeno o confirmou. (14) De

(10) *Eſd. l.* 4. *c.* 5. *n.* 54

(11) *D. Auguſt. de Civit. Dei l.* 15. *c.* 9. *Homer. apud Plin. l.* 7. *c* 16. *Juvenal Satir.* 15. *Plin. d c.* 16.

(12) *D. Auguſt. d. l.* 15 *cap.* 9.

(13) *Virg. Æneid.* 11.

(14) *Galen. com.* 2. *de fract. tex.* 27. *&* 6. *aphor.* 28. 29. *&* 30.

De homens muito forçoſos que no Mundo houve, fazem os Hiſtoriadores mençaõ: de Polydames filho de Artaxerxes ſe eſcreve, que pegando no pè de hum touro furioſo o teve atè lhe deixar a unha na maõ, e detinha as carroças que corriaõ a quatro cavallos com toda a furia. (15) Tuſio Salvio ſubia eſcadas, levando nos pès duzentos arrates, nas mãos outro tanto, e outro tanto em cada hombro. (16) Athanato paſſeou em hũ theatro veſtido de ſincoenta couraças de chumbo, e com huns çapatos que pezavaõ quinhentos arrates. Plinio affirma que o vio. (17) Amelongo Soldado de Ramualdo Rey dos Longobardos com o bote de hum bordaõ tirou da cella a hum Cavalleiro Grego, e o lançou para o ar por ſima da cabeça. (18) Huma mulher velha vio-ſe andar com hum touro grande nos braços. (19) Cynegiro Athenienſe na guerra contra os Perſas, deteve com a maõ direita huma nao contra a força do vento, cortandolha a deteve com a eſquerda. (20) Milon natural da Cidade de Croton na Italia corria pela poſta com qualquer homem hum eſtadio Romano (que ſaõ 125 paſſos) ſem tomar o alento, levando às ſuas coſtas hum touro vivo: tal força tinha que tambem matava hum touro de huma punhada. (21) Seleuco Nicanor Emperador de Azia fugindo hum touro que eſtava para ſer ſacrificado, o teve com huma mão por huma ponta. (22) Mais que iſto ſe conta do noſſo grande Monarca o Senhor Rey Dom Pedro

(15) *Celius l.7.c.56.*

(16) *Plin. l.7.c 20*

(17) *Plin. ibidem.*

(18) *Textor in offic. p.1. ex Paulo Diac.*

(19) *Stobeo Ser. 29. in 1.tom.*

(20) *Textor in officina p 1.tit. fortiſſimi ex trogo, & Herodoto.*

(21) *Alexia l.1. c. 19.*
Jul.de Caſtilho hiſt. dos Godos l. 3. diſcur.3.
Agrid.nos lug. com Verbo Milon 70.
Celius l.11.c.69.

(22) *Genebrard. Chronol l.2.*

Pedro II. que ſanta gloria haja, o qual tinha tal pulſo, e tal força, que fazendo na ſua real tapada,ou picadeiro huma ſorte ao mais brabo touro, no tempo que o inveſtia, aparava com a maõ a pancada, e logo pegandolhe em huma ponta, o virava no chaõ.

Deſte meſmo Rey de Portugal,e de outros ſeus glorioſos anteceſſores ſe recontaõ muytos cazos de grande força,e valor, o que certamente indícaõ as armas com que ſe veſtiaõ, as eſpadas,e maſſas de que uzavaõ: eu vi algumas das que por memoria ſe concervaõ no Real Convento da Batalha,as quais foraõ dos famozos Reys D. Joaõ I. e D. Joaõ o II. que confeſſo mè cuſtàraõ a levantalas de hum bofete com as maõs ambas. Das forças de outros inſignes Portuguezes ſe referem maravilhas grandes,e muy ſabidas; naõ ficando em ſilencio o celebre Condeſtavel D. Nuno Alveres Pereyra, e aquelle abraço que deu a certo cavalheiro, partindolhe os oſſos, e tirandolhe a vida: Naõ fallo em acçoens que nos noſſos tempos outros Portuguezes fizeraõ, tendo com os braços abertos dous homens em pé, hum em cada palma da maõ. Outros que com huma maõ pegando pelo pé de huma cadeira, levantavaõ a hum homẽ nella aſſentado. Outros que com as maõs partiaõ pelo meyo duas ferraduras juntas; Outros a huma moeda de ouro pelo meyo; Outros que reſgavaõ hum baralho de cartas junto. Outros que deſpedaçavaõ grilhoens de ferro. Ultimamente nos noſſos dias ſe

fez

fez conhecido hum homem chamado por ironîa o Menino do freixo, era de comprida eſtatura, e botava a barra donde ninguem chegava.

Houve certamente homens de grande eſtatura (ſem ſerem Gigantes,) e com mais ſuſtancia, e forças do que hoje nos noſſos tempos: Poro Rey da India a quem Alexandre venceo, tinha quatro covados, e hum palmo. Gabara Arabio, no tempo de Plinio, tinha mais de nove. Agatho Athenienſe imperando Adriana, tinha de alto oito pès. Ao Emperador Maximino ſerviaõ de aneis os braceletes da Emperatriz ſua mulher, (23) O grande Patriarca S.Bento, tinha dez para onze palmos de altura. (24) ElRey D. Joaõ o II. cujo corpo eſtà incorrupto, no Real Convento da Batalha, repreſentou-ſeme ter mais de nove palmos. No anno de 1634. mudãdo-ſe a ſepultura do Infante D.Pedro, filho de ElRey D. Diniz, e achando-ſe inteira a armaçaõ dos oſſos, tinha de comprido quaſi onze palmos e meyo. (25)

Do Texto ſagrado conſta, que logo no principio do Mundo tivèraõ os Gigantes ſeu principio; e na Cidade de Henoch, que fundàra Caim (26) e conſta, que de entaõ atè os proximos ſeculos houvèra ſempre Gigantes. (27) Deſtes fabulàraõ muito os Poetas, e lhe dèraõ varios naſcimentos: huns diſſeraõ, que eraõ filhos da terra; outros que de Neptuno, e Iphimidea, outros lhe deraõ diverſa origem. De alguns ſe diſſe que preſumiraõ

(23) *Textor ſupra cum Plinio d.l.7. c. 16.*

(24) *O Doutor Fr. Joaõ de S. Thomàs na Benedictina Luſitana no fim do tomo 1.*

(25) *D. Fr. Franciſco Brandaõ na Monarchia Luſitana. p. 5. l. 17. cap. 3.*

(26) *Geneſ. 6. Benedict. Perer. in Geneſ. cap. 19. n 3.*

(27) *D. Auguſt. de Civit. Dei l. 17. cap. 9 Caſſion. de Gigantib. cap. 6.*

ſumiraõ lançar do Ceo a Jupiter, e aos mais Deoſes, intentando fazer eſcadas de altos mõtes (28) e q̃ os Deoſes fugiraõ para Egypto dõde em varias fórmas de animaes ſe diſfarſáraõ. (29) Que fizeraõ fatal guerra contra o Ceo, atirando em lugar de pedras com os mayores montes. Que o Gigante Briareo atirava juntas cem pedradas deſtas, porque tinha cem mãos, e outros tantos braços. (30) Outros, que Atlas ſuſtentava o Ceo com os hombros. (31) Outros que Egeo tinha 50. bocas (32) e a muitos fingiraõ ter extraordinaria grandeza. Mas deixando fabulas, e buſcando a verdade da hiſtoria, he certo que houve Gigantes de deſmarcada grandeza, e tambem homens Pigmeos de muy limitada eſtatura.

(28) *Virg. Georg. l. 1. Ovid. Methamorph. lib. 1. fabul. 5.*

(29) *Ovid Methamorph. l. 5 fabul. 5.*

(30) *Virg Æneid. l 6.*

(31) *Ovid. Methamorph. l. 9. & faſtor. 5 Virgil. Æneid. 6.*

(32) *Virg. Æneid. 10.*

CAPITULO VI.

Continua-ſe a materia do Capitulo antecedente, authoriza-ſe, e comprova-ſe com varias noticias.

PAra facilitarmos a credulidade humana em acçoens juſtiſſimamente admiradas, porque nos ſeculos preſentes menos viſtas, e para capacitarmos aos homens qual foſſe a providencia da natureza nas creaturas naſcidas (quando menos ſe depravavaõ) obſervada, continûo a materia antecedente, comprovando-a com vaſtiſſimas noticias de couſas viſtas jà em outros ſeculos.

De Milon, natural de Cortona, diſcipulo (como alguns dizem) de Pithagoras, eſcrevem

vem Juvenal, e Gellio, era taõ forçoſo, que poſto em pè, nenhuma outra peſſoa por mais força que tiveſſe, o movia, nem lhe tirava da maõ couſa que nella tiveſſe: nos jogos Olympicos, matou de hũa punhada a hum Touro, e levando-o á ſua caſa ſobre as coſtas, por eſpaço de hum eſtadio, o comeo todo em hum dia: nota-ſe que era o Touro grande. Eſtando o meſmo Milon em huma caſa converſando com outros Filoſofos, vio tremer huma columna que ao edificio ameaçava ruina, teve-a mão com as coſtas, e mandando ſahir a todos, deu elle hum velociſſimo ſalto, e as caſas cahirão logo ſem perigo de algum. (1)

(1) *Juvenal. Gelio.*

Cleomedes Aſtipaleſe, tendo hum deſafio com Lacco Epidannio o matou de huma ſó punhada, e rompendolhe com a meſma mão o coſtado, tiranamente lhe arrancou fóra o coraçaõ, e os inteſtinos. (2) Lizimaco, Capitão de Alexandre Magno, em caſtigo de dar veneno ao Filoſofo Cliſtene, foy expoſto a hum grande Leaõ para o devorar, e traçando a capa no braço eſquerdo, a tempo que o Leaõ o inveſtia, lhe meteo pela boca a mão direita, pegandolhe fortemente na lingoa, atè que o matou. (3) Junio Valente foy tão forçoſo, que com huma mão ſuſpẽdia o velòs curſo da Carroça mais ligeira, puxada pelos mais deſtros cavallos. (4) Tritão ſendo deſafiado a duello por hum esforçadiſſimo homem, e mandado a buſcar armas, ſem eſtas, e ſó com as ſuas mãos ſe poz em

(2) *Plutarco na vida de Rom.*

(3) *Curcio. Juſtino. Diodoro.*

(4) *Velleio.*

em campo matando ao inimigo armado, e pegando logo nelle, o foy lançar na ſua tenda. (5) (5) *Plin. 7.*

Polidamante Grego, achando-ſe ſem arma alguma, matou no monte Olympo a hum Leão de inuſitada grandeza. Entrou em hum rebanho, e a hum grande touro que hia correndo, pegou com a mão direita pelo pè, e o não largou, ſenão quando na mão lhe deixou a unha. Retinha com a mão huma carroça no mayor correr dos cavallos. Pela fama das ſuas forças o chamou ElRey Dario, dandolhe hum groſſo eſtipendio, e não quiz eſtar com eſte Principe mais tempo, do que em quanto, por fazer experiencia, o deſafiarão a duello tres famoſos Cavalleiros Perſianos, aos quaes matou logo elle ſó. (6) M. Servilio homem Conſular, vinte e tres vezes combateu corpo a corpo, e ficou ſempre vencedor. (7) Biton pegava em hum grande touro debaixo do braço, ou o punha às coſtas de caminho. (8) Euthimio Locreſſe levou às coſtas huma pedra de notabiliſſima grandeza, tal que encoſtando-a às portas da ſua Cidade, as não poderão abrir. (9) Pluto esforçado mancebo, a tempo que quatro mil Numantinos vinhão ſobre Italia, elle ſó os poz a todos em fuga, atonitos das ſuas forças. (10) Brancio de Loſchi, fazia em pedaços huma corda nova por mais groça que foſſe, pegando nella, e dandolhe huma ſacada com as mãos; com eſtas tambem quebrava groſſos ferros; e no lutar tinha tal força,

(6) *Celio l. 7.*

(7) *Plutarco vit. de Emil.*

(8) *Pauſanias apud Cel.*

(9) *Volaterr.*

(10) *Eutropio. Floro.*

que ſe não achou em toda a Italia outro ſemelhante (11) e aſſim finalmente houve no Mundo outros muitos a quem dotou a humana natureza de forças incomparaveis.

(11) *Julio Barbarano.*

Naõ falando na quantidade de Gigantes de que (àlem dos jà ditos) os Poetas fabulàraõ, entre os quaes ſaõ memoraveis Typheo, Japeto, Pophirion, Adamaſtor, Numas, Aſtreo, Antheo, Polyfemo, Ephialtes, Aleo, e Encelado: houve outros muitos, e muy notaveis de q̃os Hiſtoriadores curioſamente eſcrevèraõ. Bartholomeu Marliano que eſcreveo das antiguidades de Roma, e outros mais Authores que allego, citando a Filoſtrato, fazem menſaõ de Hillo, filho de Hercules, e de Deyanira, ſepultado na Frigia, e dizem, era Gigante taõ grande, que occupava morto nove geiras de terra, que ſegundo a opinião de Tanara, e Columella, huma geira he 240. pès, e conforme Marliano he de 120. Em Candia ſe achou outro cadaver de quarenta e ſeis covados de altura. Na Ilha de Leno ſe achou outro corpo humano de tal grandeza, que ſó a caveira levava duas pipas de vinho. (12) Na Polonia ſe extrahio de hum ſepulchro o cadaver de hum Gigante com tal grandeza, ou comprimento, que hum anel, que tinha no dedo mèminho ſervia de bracelete a qualquer homem ordinario. (13)

(12) *Barthol. Mar'. de ant. Romæ c.7. fol.18 Niculao Serpetro. Port 1.log. offic. 1. fol.19. Vincent. Tanara Encom. l. 5. Lucio Jun. Moderato Columella, e Pedro Lonro de Agricultura l. 5. cap. 1. fol.89. Filoſtrato. Tanara. Columela. Marlian.*

(13) *Joan. Stephan. Menoch. p.3. Cent.5. cap.44.*

Na Cizilia junto à Cidade de Trapani, ao abrir os alicerces para fazer humas cazas, ſe achou huma grandiſſima grutta, e nella hum

hum corpo morto de quaſi incrivel comprimento: eſcrevem graves Authores, tinha hum bordão nas mãos, tão grande como hũa entenna de Navio;e medido o comprimento do cadaver,referem q̃ tinha duzentos covados, e que no caſco da cabeça lhe cabia hum bom moyo de trigo. (14) Em Candia ſe achou outro cadaver de trinta e tres covados, dentro de hum ſepulchro,e outro em outra occaſiaõ, de quarenta e cinco covados. (15)

(14) *Joaõ Bocacio, Sinforiano Camp. Jno Horto Galico. Antonio Torquemada t.1 fol.28.*

(15) *Antonio Torquemada Tr.1 f 27.*

Na Cizilia nova an.de 1516.cavando-ſe a terra em hum lugar chamado Campo Mazarino ſe achou o cadaver de hum Gigante com dezoito covados de altura, cujos dentes tinhão de comprimẽto quaſi hum palmo Romano.No an.de 1548.foy achado outro de vinte covados. No an.de 1552.todos os cadaveres que ſe achàraõ, tinhão oito covados de altura. (16) Em hum lugar da Provincia de Cilicia, no tempo de Juſtino Emperador, ſe vio huma mulher Giganta, que era mais alta hum covado do que qualquer grande mulher. Na India de Lontano 4. legoas da Cidade de Mexico abrindo-ſe alicerces a huma caza,ſe achàraõ oſſos de algũs Gigantes, e hum dente, tamanho como o punho fechado de huma mão. (17) Na Ilha de Candia ſe achou o cadaver de hum homem de tão grande eſtatura, que era mais comprido,do que a altura das cazas: tinha a ſepultura eſte letreiro: Pallante filho de Evandro o qual matou Turno. (18)o Padre

(16) *Apud Ant. Paul. Maſini c.35*

(17) *Pietro Simon. Aldrovano. Ambroz ſupra c.fol.37. 38.*

(18) *Filipo da Berg. Anton. Torquem. à Cel. Malaſp. t.3 fol. 27 Thomas Garzor. Serr de Stup. App. Moſt.Stan.1.fol.15.*

Mendonça

Mendõça diz, que posto em pè este Gentio, podia chegar às ameas dos muros de Roma, (19) e Virgilio lhe encareceo sua grandeza. (20)

(19) *P. Mendonça in Viridar. l.4 problem.2 n.8.*
(20) *Virgil. Aneid. 11.*

Em hum Mõte de Creta se descobrio por occasião de terremoto, hum corpo de quarenta e seis covados: alguns quizeraõ dizer era o de Orion, e outros de Oton. (21) Arthacus Persa, Eleazaro Hebreo, Arnathas Bebricio, Orestes, Hartbene, e Gemagog, tinhão de cinco atè doze covados de alto. Tudo referem Historiadores de credito: eu o dou mayor (porque com elles o refere o grande Agostinho) que na costa de Africa em Utica, se vio hum dente queixal de corpo humano, do qual parecia se poderia bem formar hũ cento dos nossos (22) e finalmente de S. Christovão se escreve, e o confirmaõ antiquissimas pinturas, tinha figura, e corpulencia giganteſca; na Igreja de Coria se venèra por reliquia sua, huma queixada; e parte de hum dente molar se acha na Igreja de Astorga, tão grande como hum punho fechado de huma mão. (23)

(21) *Josefo de Antiqd. 18. cap.6. Plin l.7. cap.16. Textor in offic p.1.*
(22) *D. Augusst. de Civitate Dei l. 25. cap.9. Anton. Torquem t.1. fol.19. Joan. Pio Bolhonès. Sinforiano Campeg. in horto Galico. Ulises Aldrovando Bartholom. Ambrozini l. de monstris. Sigesb. in Chronica.*
(23) *Anton. Torquem. t.1. fol.29. Constanzo Felici suo Kalend. die 25. Jul.*

Com verdade indubitavel achamos na Sagrada Escritura a noticia do Gigante Goliath, que era de seis covados, e hum palmo de alto, e as armas que trazia, erão de tal pezo, que pareceria incrivel, se a mesma Escritura o naõ differa (24) como tambem que o Rey de Bazan era da casta dos Gigantes, e em Rabbath se mostrava o seu leito, que era de ferro, tinha nove covados de comprido,

(24) 1. *Reg.* 13.

e

e quatro de largo(25)e no 3.livro dos Reys se faz menſaõ de hũ Adoniras(26)de q̃ Menochio eſcreve,q̃ pouco diſtante da porta da Cidade de Sagunto, q̃ hoje ſe chama Soria, na Heſpanha,anno de 1580. ſe achou hum grande ſepulchro de pedra com caracteres Hebraicos, que diziaõ: *Hic eſt tumulus Adoniram filius Regis Salomonis,qui venit ut exigeret tributum.*(27)

(25) *Deuteron.* 3. 11.
(26) 3.*Reg.*4.6.
(27) *Menoch.* p.2. *cent.*5.*c.* 44.

Que de facto houveſſe tambem homens Pigmeos, o comprovaõ graviſſimos Authores, e S. Alberto Magno com Avicena entendem q̃ os hà, ſuppoſto, Cardamo,e Marco Antonio Aſten o neguem,dizendo os haveria ſó no tempo antiguo.(28) Deſta caſta de homens ſe faz menſaõ *In geſtis Alexandri*; e delles eſcreve Plinio que habitavaõ na ultima parte dos montes da India: o meſmo diſſerão Homero,e Ariſtoteles (29) e tambem Ovidio no ſeu Methamorphozis o inſinúa. (30) He a eſtatura do ſeu corpo ſó tres palmos,e 8.annos he o mais tempo que vivem; as mulheres deſta naçaõ (diz Solino) parem ao quinto anno; tem eſtas gẽtes guerra continua com as Aves, chamadas Gralhas, ou Grulhas, contra as quaes formão exercitos acavallo em carneiros, ou cabras,armados de ſettas,e deſcem às prayas a quebrar os ovos, e matar os filhinhos daquelles paſſaros inimigos. Plinio diz que das caſcas dos ovos, e pennas das meſmas Aves formão eſtes Pigmeos as cazas em que habitão. (31)

(28)*Vide eſtas opinioens, Viana no Coment. a Ovid. Metham.d.l.6.n.5.*
(29)*Plinio l 7 c.2. & l.3 c.23. Homer. Iliad. l.1. circa princip. Ariſtotel. de natura anim.l.8.c.12.*
(30) *Ovid. Metham.l.6.*
(31) *Plinio ſupra.*

Em certo lugar da India Mediterranea ha outra caſta de Pigmeos ainda mais galantes,

porque

porque ſaõ negros, tem palmo e meyo, ou meyo covado de altura, cabellos compridos atè os pès, e barbas grandes atè os giolhos; e ſendo aſſim cubertos todos de cabelos, com elles ſe cingem, e cobrem, ſervindolhe de veſtido:os ſeus boys,e cavallos ſaõ taõ grandes como hũa cabra, e os machos, e jumentos como hum pequeno carneiro. Deſtes Pigmeos tem o Rey daquella Provincia tres mil da ſua guarda. (32)

(32) *Nicolao Serpetro Port.1.log.3. oſſ.2. Antonio Pigafeta de rebus Moſt.l.3.*

Na Provincia Dondina que tem 54.grãdes Ilhas,ha em huma deſtas homens de eſtatura mui pequenina, como Pigmeos, ou Anoens, tem em lugar de boca hum bico a donde poem hum canudo pelo qual comem, e bebem; não tem lingua, nem fallaõ,mas ſó aſubião, e ſe tratão por aſſenos com que ſe entendem. (33)

(33) *Apud Anton. Paul.Maſini Bolonhes c.41.*

Em hũa terra do Reyno do Grão Cão dos Tartaros ha hũa gente de tão limitada eſtatura como Pigmeos, q̃ tem, com pouca differença tres palmos:ſaõ galantes,e gracioſos, caſaõ em a idade de ſeis mezes,e em dous atè tres mezes parem as mulheres: não vivem mais q̃ ſeis atè ſete annos,ſaõ de ſubtiliſſimo engenho,e muito induſtrioſos.(34) Na Ilha, e Cidade chamada Fracan,ha gentes mui pequeninas, como Pigmeos, que vivem ſó do cheiro dos pomos, e frutos, ſaõ peſſoas ſimplices, e beſtiaes (35) parecendo por galanteyo talvez da natureza eſtes todos na eſtatura meninos recem naſcidos,ſem ſerem Gigantes os que nos preſentes ſeculos eſtamos vendo naſcer.

(34) *Joaõ Mandavilla cap.19 148. 151.*

(35) *Joaõ Mandav. ibi.*

CAP.

CAPITULO VII.

Da Creaçaõ que na ſua primeira infancia ſe deve dar à Creatura naſcida; como as Mãys ſe naõ devem deſprezar de ſer as proprias que com ſeu meſmo leite criem a ſeus filhos; e a naõ ſer aſſim, condiçoens que haõ de ter as Amas que os criarem. Expoem-ſe ſucceſſos notabiliſſimos.

NAſce certamente com os filhos grande penſaõ a ſeus Pays, jà na duvida de quaes ſeraõ (1) porque ſe ſahem bons, ainda que dem goſto (2) cauſaõ cuidado grande em tratar delles (3) e ſe ſahem maos, ſobre a triſteza que cauſaõ (4) occaſionaõ a ſeus Pays terriveis pennas (5) ſentindo os ſeus maos ſucceſſos, mais do que os proprios (6) jà pelo grande trabalho que em os criar haõ de experimentar ſuas Mãys; porque ſuppoſto a triſteza grande, que antes de parir tiveraõ (7) lhe eſqueceſſe com o goſto de ver o filho naſcido (8) logo com outras novas penas (ſe eſtà claro o diſcurſo) lhe fica o coraçaõ perturbado.

(1) *Eccleſiaſtic.* 3. 18. & 19.
(2) *Proverb.* 10. 1. & c. 15. 20. *etiam* 23. 15. & *n* 24.
(3) *Virg. Æneid.* 1.
(4) *Proverb.* 1. 1.
(5) *Eccleſiaſtic.* 22. 3.
(6) *In l. iſti quidem §. in fin. ff. quod met. cauſa. §. ſed veteres, Inſt de noxal. act.*
(7) *Joan.* 16. 21.
(8) *Idem ibi.*

Principia, e às vezes continùa, de dia, e de noite a chorar o filho, e com deſaçocego principia a affligirſe, e laſtimarſe a Mãy, naõ tendo jà outro remedio, mais que, ou dimittilo de ſi, ou applicarlhe o peito para mamar; e parecendolhe emfim tiranamente mais acomodada do que eſta aquella acçaõ, voluntariamente ſe priva da figura, e obrigaçaõ de Mãy, faltando logo à criaçaõ do filho, entregando-o a outrem para o lactar, como

ſe da tal Mãy, apennas naſcido, deixaſſe lo-
(9) *Sapientiæ 5.13.* go de ſer filho. (9)

Platão, Galeno, e Hipocrates tem por certo, e com elles quaſi todos os Filoſofos na Arte Medica peritos, q̃ da criação primeira, e do leite que ſe dà aos filhos, procede a boa, ou mà inclinação, com que depois de adultos ſe aſſinalaõ (10) obſervando-ſe por certo, que ao leite, que nos criou, devemos o trofeo, ou a mortalha; o valor, ou a cobardia (11) porque ſuppoſto a arvore boa coſtuma produzir bons frutos (12) e pela qualidade dos frutos ſe conheça a ſingularidade da arvore (13) a experiencia moſtra, que ſe aquelles ſe colhem logo quando naſcidos antes de eſtarem ſazonados, e não queremos eſperar que com ſua propria ſubſtancia, e licor os crie a meſma Mãy, que os gerou, tanto logo degeneraõ, que por todos os principios ficão totalmente adulterados.

(10) *Plato. Galeno. Hipocr. hic.*

(11) *Trivienſis de Educatione.*

(12) *Matthæi 3.7.*

(13) *Matthæi 12 33.*

A Providencia Divina nos dous peitos com que criou as mulheres, lhe deu duas fontes com que criaſſem os filhos (14) e a malicia humana lhe tem feito entender naõ ſerem aquelles tanto neceſſarios para alimento dos filhos, quanto trofeos da ſenſualidade (15) boas para paineis, não para Mãys, como Clemente Alexandrino eſcreveo (16) pois na falta da criação, e na do proprio leite privão (ao menos moralmente) os pays aos filhos da poſſe que o Direito lhe dà, que os repreſentem. (17)

(14) *Plutarch lib. de Educandi liber.*

(15) *D Gregor in Epiſt. ad Aug Cãtuar.*

(16) *Clem. Alex l. 1. Pedagog c. 2.*

(17) *L. 1. §. 1. ff. de ſuis. & legit hæred. § cum filius & § ult. inſtant. de hæredit. Authenth. de hæred. ab inteſt. in princ. collat. 9.*

O Direito Civil (não ignoro, mas não

ſey

ſey com que razão) iſenta as mulheres nobres da criação dos filhos (18)porèm não as pòde excluhir da obrigação o amor,e o foro da conſciencia (19) e tem o luxo introduzido ainda nas mulheres mui ordinarias, ou por affectarem nobreza, ou por ſe livrarem do trabalho,eſquecidas do ſer de Mãys,buſcarem Amas às vezes com o genio , e procedimento, q̃ ſuccede, para criarem,e darem o peito a ſeus filhos, ſem attenderem ao q̃ fica dito, q̃ no leite ſe participa as inclinaçõeſ, e os genios;iſto ſe eſtà vendo em ſucceſſos,infinitos, e eu o obſervei curioſamente no Eſtado do Brazil, adonde fui mandado,vendo que ſem diſtinção as mulheres daquelle Paiz coſtumão quaſi todas dar os filhos a criar, e lactar às ſuas pretas, ou a outras que alugaõ para iſſo , ſendo eſtas no proceder depravadas,nos genios incorregiveis,e nos humores preverſas, hontem gentias, e hoje fazendo figura de Mãys pouco Catholicas;poriſſo me não admirei de muitas couſas , que por irremediaveis,com ſilencio obſervava : exponho iſto por exemplo para que as Mãys que ſe prezaõ de Catholicas, ſe naõ criarem ſeus filhos, cuidem muito nas Amas, q̃ lhe derem, admittindo ſó as em que conhecerem docilidade no genio, clareza em o diſcurſo, recta inclinaçaõ, virtude, e pureza de Alma.

(18) *Tiraquella de Nobilitate cap.* 20. *n.*78.
(19) *Idem ibi. n* 93.

Por ſe livrarem de perigos, que do contrario acontecem, era Ley entre os Romanos,e Lacedemonios, que as Mãys criaſſem,

e lactaſſem a ſeu proprio peito os ſeus filhos (20) e os Alemães caſtigavaõ como adulteras as mulheres, que a ſeu proprio peito os naõ criaſſem (21) por iſto huma mulher Romana ſupoz obrigaçaõ de ſuſtẽtar com o leite de ſeus peitos a ſua mãy, de quem o tinha recebido, e ſe achava em neceſſidade (22) e Cruvena mulher Eſpertana, pelo contrario, porque achando-ſe ſua mãy, e ſua ama perecendo ambas à fome, e pedindolhe que as ſoccorreſſe, tirou o peito, e dãdo-o à ama, o negou à mãy, ou ao menos a pospoz, dizendo: tenho obrigaçaõ de antepor eſta que me creou, a vòs que ſó me geraſtes. (23) Não fizeraõ grande reparo as mulheres que nos cercos de Roma, Jeruſalem, e Samaria, comèraõ a ſeus filhos. (24) Naõ julgàraõ os Romanos pela mayor tirania em Nero o matar Agripina ſua mãy; nem fez Irene reparo em tirar os olhos a ſeu filho Conſtantino (25) porque taes filhos, ao menos certamente eſtes ultimos naõ foraõ creados ao peito de ſuas mãys.

(20) *Tacitus lib. de variis orationibus.*

(21) *Idem. & Tiraq.*

(22) *Valer. Maxim. de pietate erga parentes.*

(23) *Jeronim. Baptiſta Palacio de diſciplina puerum.*

(24) *4. Reg. 6. 28.*

(25) *Floscul. hiſt. p. 2. cap. 3. in fin.*

CAPITULO VIII.

Continùa a meſma materia com diviſaõ eſpecial aos que por naſcimento ſe deſtinguem Principes, e Senhores.

HE ſem duvida, a couſa mais apetecida no Mundo pelas mulheres, que naſcèram de nobre ſangue, com eſpecialidade as Senhoras mais illuſtres, ou titulares, e muito mais as que com o Regio caracter ſe illuſtraõ, o ter filhos

filhos para perpetuar a deſcendencia das familias, para continuar os blazoens das ſuas caſas, para naõ ſe extinguirem neſtas os morgados, Commendas, e Titulos, e finalmente para terem ſucceſſaõ nos Principados, Reynos, e Imperios. Se ſe lhe difficulta eſte bem, ou por cauſas naturaes, ou por diſpoſiçoens Divinas, com mil extremos o ſentem, invejando-o talvez em as miſeraveis, e pobres, queixando-ſe a Deos, que ſó àquellas os filhos ſe multipliquem, e mil deprecaçoens fazem; ſe ſe lhe facilita eſta fortuna, naõ fazem o que devem ao ſer de mãys, pois, nem criaõ, nem dão o peito a ſeus filhos, ou por natural melindre, ou por attençaõ à Ley jà dita, ou por razaõ de Eſtado.

Bem reconheço, que das entranhas da terra naſce toſco o Diamante, e para ter toda a perfeição, e luſtre, baſta que ſeja pelo lapidario polìdo; porèm vejo, e conſidero, que Principe mais illuſtre, e perfeito he aquelle que ſendo lactado pelo ſangue de que naſceo, por quem o pario he creado, naõ ſe dedignãdo de lhe dar o leite quem lhe deu o ſer, pois ſó fica ſendo mãy incomplecta de ſeus filhos aquella que os naõ alimentou aos ſeus peitos.

Naõ teve desluſtre na grandeza, nem dezar na Mageſtade a Rainha Hecuba, porque a ſeus peitos criou ſeu filho Hector, e Penelope a ſeu filho Thelemacho. Naõ teve por oprobrio Teſalonica, criar, e dar o peito a

Antipater

Antipater ſeu filho,e mais correſpondeulhe ingrato; nem Cornelia tão celebrada dos Romanos, ſe pejou de ſuſtentar a ſeu filho o primeiro Graco a ſeus peitos; fazendo-ſe decantada em o Mundo a Mãy do Emperador Honorio, que a ſeus peitos o lactou.(1) Em noſſos tempos ſe fizeraõ com ſoberana gloria aplaudidas as duas eſclarecidas Rainhas de Portugal, e de França: eſta a famoſa Maria de Medices, aquella a Sereniſſima D. Felipa, mulher de ElRey Dom Joaõ o primeiro de glorioſa memoria, as quaes com maternal amor, e raro exemplo, trouxèraõ em ſeus braços, e criàraõ a ſeus proprios peitos todos os filhos,q̃ pariraõ, tendo ſó Amas por razaõ de Eſtado, reconhecendo como ſenhoras taõ diſcretas,q̃ naõ deviaõ tirar ſeus amantes filhos do ſeu bàfo, porque ſe do leite, e primeira criaçaõ procedia aos Infantes os genios,condiçoens, e inclinaçoens que depois haviaõ ter, naõ degeneraſſem aquelles das heroicas acçoens com que ſe ennobreciaõ no eſplendor de ſeu ſangue eſtas glorioſas Mãys, que os criàraõ. (2)

(1) *Claudianus Panig.4.*

(2) *Fr Raſael. de Jeſus.*

Grande parte certamente tem neſte louvor a Sereniſſima Rainha de Portugal D. Maria Sofia, que muito a pezar do noſſo ſentimento he para a vida morta, e em os noſſos coraçoens ſempre viva; pois lembrada que era Mãy dos Soberanos principes ſeus glorioſos filhos, os naõ tirava nunca do ſeu bàfo, cuidando na ſua primitiva criaçaõ muito ſolicita, ſem que as reprehenſoẽs que lhes

lhes dava, e temor q̃ com o ſeu reſpeito lhes infundia,diminuiſſe a Mageſtade, participandolhes aſſim os ſingulares dõs da natureza, e da graça com que no Mundo floreceo, inclinando-os ſempre para o culto Divino, como tão Catholica, e virtuoſiſſima Senhora ; e com eſta criação ſe tem feito diſtinguir no Mundo entre os mais Principes ſeu Soberano filho o noſſo Invicto Monarca, e Senhor D. Joaõ V. q̃ ſempre viva, cujo genio,e inclinaçaõ louvavel deſde ſua infancia (pela educaçaõ materna)foy ſempre a couſas de Deos, Templos ſeus, e Altares ſagrados:no q̃ muito mais ſe eſmerou, quando ao Regio throno ſubio, oſtentando ſeu taõ catholico zelo na reforma das Religioens, na veneraçaõ às Igrejas, no reſpeito aos Sacerdotes,e nas erecçõeſ de muitos Templos,tudo teſtifica o Regio augmento em que hoje ſe diviſa a Santa Igreja Patriarcal, a ſoberania, e multiplicidade de Miniſtros, que nella louvaõ a Deos, o grande augmento em que poz a S. Sè do Parà, e o reformadiſſimo Convento das Religioſas do Louriçal, que fez com hum Lauſperenne devotiſſimo, tudo para gloria de Deos,gaſtando ſem reparo muitos milhoens com o Rey dos Reys que lhos miniſtra, e moſtrando para tudo o que he ſerviço de Deos hum animo, mais que o de Salamaõ, generoſo. Deixo em ſilencio as infinitas eſmolas que actualmente diſpende a Igrejas pobres, e Conventos Mendicantes, e ſó exponho o que achãdo-me eu preſente,

lhe

lhe ouvi, ficando admirado, e ſuſpenſo. Fez eſte Soberano Monarca huma eſmola ao Convento de S. Jozè de Riba-mar, adonde eu morava, ſendo Provincial deſta Provincia da Arrabida Fr. Manoel da Purificaçaõ, nelle aſſiſtente, e em huma tarde que Sua Mageſtade da Quinta de Pedrouços ali foy, lhe gratificou reverente o dito Provincial a eſmola, tẽdoo jà hido fazer o Guardiaõ, ao que ElRey reſpondeo: *Naõ falle o Padre niſſo, porque depois que ſou Rey, nunca dei nada, que me pareceſſe dava alguma couſa.* Nem hum Alexandre tal diſſe! Tudo faz a inclinação às couſas de Deos, e tudo procede da criaçaõ que as Mãys daõ a ſeus filhos.

Naõ ſó nos Ayos, mas com eſpecialidade nas Amas dos Principes, e Senhores deve haver para a eleiçaõ, grande cuidado, reſpectivamente à meſma criaçaõ; porque ſe Aurelia Mãy de Julio Cezar, e Actia Mãy de Cezar Auguſto ſe gloriavaõ de que as acçoens heroicas de ſeus filhos procedião da criaçaõ, e leite que ellas peſſoalmente lhes dèraõ (3) as Mãys que o não puderem aſſim fazer, devem pôr diligencia grande em que as Amas ſejaõ bem inclinadas, virtuoſas, e de illuſtre naſcimento: aſſim o fez Andraſto Rey dos Argivos, eſcolhendo para Ama dos Principes ſeus filhos a Alceſte, Eſpoſa de Admeto Rey de Theſalia (4) os Principes Pays de Liber Pater, elegèraõ para Ama deſte filho a Ino, filha de Cadmo, e Armonia (5) de tão illuſtre ſangue, e nobreza, que caſou

(3) *Phavorinus Herodotus.*

(4) *Raviſius in offic. verbo Nutrices.*

(5) *Raviſius ibi.*

zou ſegunda vez com Athamas Rey dos Thebanos, e de tal virtude, que a venerou a Gentilidade por Deoſa. (6) Finalmente, às ſingulares virtudes com que era dotada D. Auzenda, peſſoa nobiliſſima, e Ama, que foi do grande, e memoravel Rey de Portugal D. Affonço Henriques, ſe atribuhio parte das inclitas virtudes deſte Soberano Monarca, a quem Chriſto Jeſus Crucificado fez no Campo de Ourique, aquella grande mercè taõ ſabida; e para a gratificaçaõ, e reconhecimento às Amas, que rectamẽte os criaraõ, tem os Principes exemplo no grãde, e famoſo Notho; q̃ vindo vitorioſo de hũa illuſtre batalha, e eſperando-o no caminho Cornelia ſua Mãy, e Ama que o criou, querendo diſpenſarlhe donativos dos deſpojos que extrahio, deu a ſua Mãy hum anel de prata, e à ſua Ama hum colar de ouro: na acçaõ fez a Mãy reparo, vendo ſiniſtra antepoſiçaõ na precioſidade da prenda, ao que lhe reſpondeo o filho, „Naõ he juſta, Mãy minha, a voſſa „ queixa; porque ſe vòs me trouxeſtes nove „ mezes em voſſo ventre, eſta me trouxe „ dous annos em os ſeus braços, cõmunican„ dome cõ o ſeu leite o valor, e o ſuſtẽto; vòs „ concebeſteme pelo amor q̃ tiveſtes a ou„ trem, e ella crioume pelo affecto q̃ me teve „ a mim; ella me recebeo em os ſeus braços „ quando vòs apenas me pariſtes, logo me „ deſterraſtes dos olhos. Eſte, e outros prodigioſos ſucceſſos, que por fugir à extenſaõ, naõ repito, pòdem os curioſos ver nos AA. q̃ à margem aponto. (7)

(6) *Dictionar. Hiſtor. verbo Ino.*

(7) *Antonio Paulo Maſini de Bolonha. Scuola del Chriſtiano.*
Lucio Ampelio noticie del Mondo.
Joaõ Felice Aſtolfo Officina hiſtorica.
Tiraquela de Nobilitate cap. 2. n. 92.

CAPITULO IX.

Propoem-se lances singulares de amor de Pays, e Mãys para seus filhos, e destes para seus Pays, e Mãys.

PAra graciosamẽte expor aos Pays, e Filhos, a materia deste Capitulo presente, lhe devia propor por exemplar mais catholico, a primeira Mãy, e o primeiro Filho, que illustrãraõ a Ley da Graça (1) mas como naõ seja licito: *Miscere Divina profanis*, advirto só que he preceito Divino (como consta da Escritura Sagrada no Exodo, e Deutoromio, que os filhos honrem, e amem a seus Pays (2) que com reverencia os temão, como no Levitico manda (3) mas que naõ seja este amor que lhe tiverem, de tal sorte, que amem os Pays mais do que a Deos, como o mesmo Christo por S. Matheus insinúa. (4) Tambem os Pays entendaõ devem amar a seus filhos, dando-lhe todo o bom conselho (5) de tal sorte que quando for necessario, pareçaõ effeitos do amor a reprehensaõ, e o castigo. (6) Narrarei pois só alguns successos de amor quasi gentilico entre Pays, e Filhos, para que dos que forem licitos, ou se admirem, ou formem idèas ao Divino os que se prezarem de Catholicos.

(1) *Luc.* 2. 7. 44. 48. & 51.

(2) *Exod.* 20. 12. *Deuteron.* 5. 16.

(3) *Levit.* 19. 3.

(4) *Matth.* 10. 37.

(5) *Prov.* 1. 8.

(6) *Apoc.* 3. 19.

Micerino Rey do Egypto teve hũa filha, a quem com mil extremos amava, esta morreu antes de cazar; e seu Pay para mostrar o extremo do seu amor, mandou fabricar hum boy de ouro, dentro do qual meteu aquelle cadaver,

cadaver, e o fez collocar em o altar entre os ſeus Deoſes, para ſer de todos adorada. (7) Egeo naõ conſentindo que Thezeo ſeu filho ſe apartaſſe delle, pelo muito que o amava, lhe conſentio em huma occaſiaõ, fizeſſe hũa viagem maritima, com condiçaõ de que naõ foſſe grande a demora, e que quando ſe recolheſſe, para ſinal de que vinha vivo, trouxeſſe a nao huma bandeira branca, e ſe foſſe morto, puzeſſem os marinheiros a bandeira de que uſavaõ; ao recolherſe naõ houve lembrança do preceito, pelo goſto com que Thezeo vinha, pela vitoria do Minotauro, que tivera, e naõ vendo o triſte Pay a bandeira que determinara, ſupondo morto a ſeu filho, com impaciente amor atirou comſigo ao mar, e ſe afogou. (8)

(8) *Catullo.*

Pittio de Bithinia, peſſoa grande, e poderoſa, taes extremos fez na morte de hum ſeu filho, a quem ElRey Xerxes mandàra tirar a vida, que aborrecendolhe a communicaçaõ dos homens, renunciou em ſua mulher todos os dominios, e mandando fabricar huma limitadiſſima caza na circunferencia do lugar em que ſe tinhaõ enterrado os oſſos de ſeu querido Filho, deixando nella ſó hũa mui pequena freſta, por onde ſe lhe deſſe de comer, ali ſe meteu ſem mais ſahir, chorando ſempre, atè que emfim perdeu a vida. (9)

(9) *Dicn. Alic.*

Architas Tarentino, homem taõ grande Geometrico, e peritiſſimo em o governo Monarquico, vio-ſe precizado pelo amor, repetidas vezes andar brincando com as ſuas

criancinhas, como ſe fora menino. (10) A-
(10) *Celio.* gezilao Rey de Lacedemonia, vendo hum dia a hum menino ſeu filho, brincar em hũa ſala publica do Palacio acavalo em huma cana, tanto ſe eſqueceo de ſi, e ſe traſportou do amor, que fez o meſmo acompanhando a
(11) *Plutarco.* criança. (11)

Anio Rey de Toſcana, tendo huma filha, em cuja beleza quazi idolatrava, chamada Salia, furtandolha Cateo do ſeu palacio, cativo do amor, da ſaudade, e da penna, deſeſperado ſe foy precipitar em hum arreba-
(12) *Dioniſio.* tado rio. (12) Gordiano (o velho) Emperador de Roma, tendo a noticia de que era morto hum filho ſeu, a quem amava muito, naõ querendo tambem jà mais viver, com ſuas mãos ſe affogou, morrendo deſeſperado. (13) Orode Rey dos Parthos, ſabendo q̃
(13) *Diodoro.* Pacoro ſeu filho amado combatendo contra Ventidio Romano, perdera a vida, tanto ſe ſufocou com a penna, que (como ſe fora caõ)
14) *Diodoro idem.* morreu danado. (14) Priamo Rey de Troya vendo cativa, e queimada a ſua Cidade, e que ſe achava cativo com ſeus filhos, ſabendo, que hum deſtes por nome Polite, a quem muito amava, era morto por Pirro, proferindo deſeſperadiſſimas palavras, quaſi arre-
(15) *Virg. 2. Æneid.* bentou com penna. (15)

Hecuba ſabendo que Poliodoro ſeu filho fora morto por Polineſtor ſeu genro, ſupoſto a eſte venerava, de tal ſorte ſe ſufocou com o nimio amor que ao filho tivera, que naõ ſocegou atè naõ ver tirar

os olhos fóra a ſeu genro (16) Thomiris Rainha dos Scithas amou com tal extremo a Sargapiſſe ſeu filho, que ſabendo era eſte morto por maõs de Ciro, naõ ſó cuidou de ſe martirizar a ſi propria, mas colhendo às mãos a Ciro em huma batalha, o fez pôr baſtantes horas em huma Cruz: depois mandando-o tirar, lhe fez dar muitas punhaladas, e aſſim quente o corpo determinou o meteſſem em hũ odre cheyo de ſangue, dizendo ella: já bebi o ſangue de que eu tinha tanta ſede. (17) O exceſſo de amor ao filho a preciſou a eſta tiranîa.

(16) *Diodoro.*

(17) *Plutarcho.*

Antigno, pelo amor, e veneraçaõ que tinha a ſeu Pay, a tempo que alcançou huma famoſa vitoria, vencendo, e pondo em fuga ao inimigo, naõ quiz que a ſi, ſenaõ unicamente a ſeu Pay ſe atribuiſſe o triunfo, e lhe deu logo a poſſe do Reyno de Chipre em que o poz, privando a ſua peſſoa deſta honra q̃ pelas armas alcançàra. (18) Leaõ o menor, governando hũ anno ſó o ſeu Imperio, pela veneraçaõ, e affecto, que tinha a ſeu pay, ſe privou voluntariamente da Coroa, e lha poz em a cabeça, collocando-o logo em o throno, naõ conſentindo que como filho pudeſſe ter mais, nem tanta authoridade como ſeu Pay. (19)

(18) *Paulo Diacono*

(19) *Zonaras*

Anfinono, e Anapio, Cizilianos, e Irmãos, vendo, que naõ ſó a Cidade de Catania, mas toda a Ilha de Cizilia ſe ſufocava em cinzas, pelos coſtumados incendios do monte Ethna, que quaſi a abrazavaõ, e ſe

achavaõ

achavaõ em perigo inſtantaneo os habitadores, incitados do paternal amor, a toda a preſſa carregàraõ ambos com ſeus Pays às coſtas, livrando-os, e ſalvandolhe a vida.
(20) *Silio.* (20) O meſmo eſcreveraõ de Eneas com ſeu Pay Anchizes em os incendios de Troya.
(21) *Virgilio.* (21) Oppio ſabendo que ſeu amado Pay era buſcado, e perſeguido por Scila para lhe dar a morte, e que por ſer ja pezado, e velho naõ poderia fugir, carregou com elle às coſtas por montes, e matos até o pôr em Cizilia,
(22) *Dioniz.* aonde lhe ſalvou a vida (22) Cleobe, e Biton ambos irmãos, vendo que Argia ſua Mãy por falta de cavallos naõ podia ir ao templo na carroſſa, e naõ eſtava bem ao ſeu decoro ir apé, porque era gran Sacerdotiſſa, com amor mui reverente ſobmetèraõ os
(23) *Cicero. Claudiano.* peſcoços ao jugo, e aſſim a conduziraõ. (23)
Scipiaõ ſendo ainda mancebo, e achando-ſe com ſeu Pay na batalha de Ticino (ou de Trebia, como outros dizem) vendo ao dito ſeu Pay cercado de muytos Carthaginenſes, que aos fios da eſpada certamente o mataváõ, intrepidamente os inveſtio a todos, ſem recear o ſeu proprio, e maior perigo, fazendo aberta, pela qual ſeu Pay pudeſſe fugir, como fez por ſalvar a vida. (24) Anti-
(24) *Livio. Stacio.* gono II. filho do Rey Demetrio, vendo a ſeu Pay prezo, por induſtria de Seleuco ſeu inimigo, para o precizar aſſim a entregarlhe algumas Cidades do ſeu Reino, que por armas lhe naõ podia tirar, cõſentindo-ſe induſtriozamente ao Rey prezo, que eſcreveſſe a

Antigono

Antigono seu filho, o avizou, e capacitou pelo contrario a que de nenhuma sorte cedesse hum ponto da sua regalia, nem entregasse Reyno, ou Cidade alguma, que de todas queria ficasse legitimo herdeiro, e para isto se lhe naõ dava de morrer naquella prizaõ: Antigono pelo contrario o fez, porque antepondo com excesso de amor a honra, e liberdade de seu Pay a todas as honras, e conveniencias proprias, escreveo logo a Seleuco soltasse a toda a preça seu Pay Demetrio, e lhe daria todas as terras que tinha á sua obediencia. (25)

(25) *Ravisio.*

Jacopo de Piero em a Villa de S. Agada do Cõdado de Firenze, matou a outro moço seu companheiro, e sabendo-o logo seu Pay o aconselhou que fugisse; buscando-o logo a justiça, e naõ o achando prendeo, o Pay, que por naõ padecer o filho (se apareceSSe) confeçou de plano ter elle sido o pessoal homicida; pelo que tendo logo sentença de morte natural, e indo já para o lugar do suplicio, sahio o filho ao encontro com lagrimas, e gritos, requerendo à justiça que soltassem logo aquelle innocente Pay, e o enforcassem a elle, porque elle era o que tinha feito tal delicto; Suspendeo-se a execuçaõ, e presentouse o novo Reo à Senhoria, ou Magistrado, repetindo o mesmo, com assombro dos que o viraõ, e quizeraõ todos livrar a ambos, se a Ley naõ fora irrefragavel, pelo que com lagrimas do povo todo, morreo decapitado Jacopo, honrado filho (26) sendo logo seu Pay livre, e solto.

(26) *Matteo Vill. lib. 10. cap. 32.*

O

O Conde Hugolino Pizano achando-ſe prezo com dous filhos em huma alta torre, cujas chaves ſe lançàraõ em hum rio, vendo os filhos, que ſeu Pay deſeſperado com fome, mordia as ſuas proprias mãos, lhe pediraõ com inceſſante ſupplica que os comeſſe a elles, e de fome não pereceſſe. (27) Raſſimonda, filha do Rey de Gepidi, ſabendo que outro Rey inimigo, dera morte afrontoza a ſeu Pay em huma batalha, ſem que a fizeſſe eſquecer deſta injuria, o eſtar feita Rainha, porque logo cazada com Alboino Rey dos Longobardos, o mayor empenho que com ſeu marido teve, foy o apanharſe às mãos aquelle Rey tirano, para ſe lhe dar caſtigo. (28) Outra filha, vendo prezo a ſeu amante Pay em hum carcere, e condenado à pena ordinaria de morrer à pura fome, deſprezando todos os perigos da vida, ſuſtentou ao Pay com o leite de ſeus peitos; vendo os guardas que eraõ paſſados mais de ſete dias, ſem aquelle homem morrer, pozſe de vigia o Carcereiro, e preſenciando o ſucceſſo, e cauſa, foy dar conta ao Magiſtrado, ſendo a filha conduzida, a qual com razões, e lagrimas, de tal ſorte os convenceo, que a Pay, e filha ſe lhe deu logo graciozamente a liberdade. (29)

(27) *Dante.*

(28) *Paulo Diacono.*

(29) *Celio.*

CAP.

CAPITULO X.

De como os Pays cuidadozamente devem procurar o Sacramento do Baptiſmo a ſeus filhos recem naſcidos, naõ lho demorando. Moſtra-ſe a qualidade de Baptiſmos que ſe uſáraõ, quaes os que admite a Igreja, quem foraõ ſeus Inventores, e as primeiras peſſoas, que no Mundo os receberaõ.

NAſce a Creatura humana concebida em a original culpa(1) pois todos a contrahimos em noſſos primeiros pays (2) e porque eſta punha obice à Graça, nos acudio logo Chriſto, como Medico ſoberano, com o remedio, applicandonos o banho mais ſaudavel em a Sagrada fonte do Baptiſmo, capacitando-nos ſó com eſte o podermos entrar no Reino do Ceo (3) havendo certamente occaſioens em que o Baptiſmo baſta ſó para ſalvar. (4)

(1) *Pſ.* 50. 7.

(2) 1. *Corinth.* 15. 22. *Conc. Trid.*

(3) *Joan.* 3. 5.

(4) 1. *Petr.* 3. 21. *Conc. Trident.*

O primeiro modo de Baptiſmo que ſe praticou jà no tempo da Ley da natureza, e depois no da Ley eſcrita, foy a Circunciſaõ, da qual foy Deos Senhor noſſo o primeiro Inventor, determinando-a ao Patriarca Abrahaõ, como conſta do Genezis (5) e logo aſſinalou o tempo que podia ſofrer demora, qual foy o de oito dias (6) Abrahaõ que jà ſe achava com muita idade, quiz logo ſatisfazer ao preceito Divino, e foy neſte Mundo a primeira creatura que ſe circuncizou, tendo noventa e nove annos (7) o meſmo ſe fez logo a Iſmael ſeu filho, que jà tinha treze annos, e à mais familia toda. (8) Eſte era o Baptiſmo que deſde entaõ

(5) *Geneſ.* 7. 10. 11.

(6) *Geneſ.* 7. 12.

(7) *Geneſ.* 7. 24.

(8) *Ibi. uſq ad* 27.

atè a vinda de Chriſto ſe praticou ſempre no Mundo, como de toda a Sagrada Eſcriptura claramente conſta, tendo-ſe nella repetidas vezes tratado. (9)

Sabido pois que foy a Circunciſaõ o mais antigo de todos os mandamentos, e preceitos, como diz S. Joaõ Chriſoſtomo (10) e nem antes de Abrahaõ, nem de Mouſés houve alguem que puzeſſe preceitos ſemelhantes, como Joſepho eſcreveo (11) daqui ſe paſſou a muitas, e muy diverſas naçoens, quais foraõ os de Phenicia, os de Arabia, e Sarracenos. Plinio diz ſó tiveraõ os Judeos, os Ethiopes, e os Egypcios. (12) Theodoreto, e com eſpecialidade Herodoto affirma o obſervàraõ os Colchos, e os Egypcios (13) tambem; e por ſe guardar neſta acçaõ o mandamento de Deos, entre os Judeos valia para apagar o peccado original, como diz S. Gregorio (14) aſſim como agora nos valle a nòs o Sacramento, e agua do Baptiſmo, faltandolhe ſó naquelle a Graça, que ſe nos participa neſte.

He de Fé, o Texto Sagrado o comprova, que o Inſtituhidor do Santo Sacramento do Baptiſmo em a Ley da Graça, foy Chriſto: e mandando a ſua voz qual era o Baptiſta Precurſor (15) a eſte (diz S. Lucas) foy feita a palavra do Senhor em o anno quinto decimo do Imperio de Tiberio Cezar (16) e ſahira o Baptiſta por toda a regiaõ do Jordaõ a prègar o meſmo Baptiſmo com tanto fruto, que como diz S. Matheus lhe ſahio logo toda

(9) *Exod.* 4.25. *Idem.* 12.44.48. *Levitic.* 12.3. *Deuter.* 10 16. *Idem* 21.12. & 30.6. *Joſue cap.* 5. 2.3.5. 7.8. *Judith* 14. 6. *Jerem* 4.4. & 9 25. 1. *Macab.* 1.63 64 & 2.46. 2. *Macab* 6.10. *Luc.* 1.59. & 2. 21. *Joan* 7.22. *Act.* à *cap.* 7. *uſque* 21. 1 *Cor* 7.18. *Galat.* à *cap.* 2. *uſq. ad* 6. *Philip.* 3. 5. *Colon.* 2.11. *Rom.* a 2. *uſque ad* 15. *Epheſ.* 2.11. 4. *Eſdr.* 1. 31.

(10) *D. Joan. Chriſoſt. homil.* 52. *in Math.*

(11) *Joſeph. de antequit cõtra Apion.*

(12) *Plin. hic.*

(13) *Herodoto.*

(14) *D. Gregor. P.*

(15) *Luc.* 3.4.

(16) *Luc.* 3.1.

toda a Cidade de Jeruſalem, toda Judéa, e todos os povos que avizinhavaõ com o Jordaõ, aos quais neſte meſmo rio o Precurſor de Chriſto baptizava (17) confeſſando todos primeiro os ſeus peccados, a qual acçaõ no ſentir de S. Cypriano conduzia para ſe inſtruhirem os peccadores, e aparelharſe para receberem a Fé (18) Chriſto Jeſus noſſo Divino Meſtre quiz tambem ſer baptizado por Joaõ para exemplo, e tambem para approvar, e confirmar o tal Baptiſmo. (19)

(17) *S. Marth. 3.5. & 6.*

(18) *S. Cypriano.*

(19) *Math. 3. 6. Marc. 1. 9.*

Aqui teve principio a Religiaõ Chriſtãa, porque deſpois de inſtituhido, e poſto em praxe o Baptiſmo, recebendo os Apoſtolos o Eſpirito Santo, comeſſáraõ logo a prègar a Doutrina de Chriſto, a cuja acçaõ deu principio S. Pedro na meſma Cidade de Jeruſalem, com razoens taõ efficaciſſimas que logo naquelle dia ſe baptizàraõ tres mil peſſoas entre homens, e mulheres (20) e para confirmaçaõ da verdade da Fé, ſárou S. Pedro, meſmo ahi á entrada do Templo junto à porta Eſpecioſa, hum homem coxo, e tolhido deſde que naſcèra, dandolhe ſaude em nome de Jeſu Chriſto (21) do que rezultou grande creſcimento à Igreja pela multidaõ de gentes que concorriaõ aos Apoſtolos para ſerem curados huns, e baptizados outros, propagando-ſe aſſim a Fé, e Religiaõ Catholica (22.)

(20) *Acta Ap.* 41.

(21.) *Acta Apoſt.* 3. 7.

(22) *Acta Apoſt.* 5. 16.

Neſte tempo Filippe, hum dos ſete Diaconos converteu os Samaritanos à Religiaõ Chriſtaã, e baptizou a Simaõ Mago, a cuja

confirmaçaõ acudiraõ Pedro, e Joaõ. S. Paulo deu tambem logo principio a publicar a Doutrina, Felippe o imitou chegando atè Ethiopia; e indo por mãdado de Deos (como consta dos Actos dos Apostolos) (23) à Cidade de Gaza, baptizou hum Eunucho mordomo de Candaces, Rainha de Ethiopia, e depois o mesmo Eunucho baptizou a Rainha com toda a sua familia, e muita parte do povo. S. Pedro saindo da Cidade de Joppe, a donde resucitou Tabinta defunta (24) foy para a Cidade de Cezarèa, e ali baptizou a Cornelio Centuriaõ com toda a sua familia, e foy o primeiro Gentio que recebeo o Santo Baptismo; e a Cidade de Antioquia tem a gloria de ser a primeira em que os homens se appelidàraõ Christãos. (25)

(23) *Acta Ap.* 8 *a n.*29.*usque* 40.

(24) *Acta Ap.*9.40.

(25) *Acta Ap.* 11. 26.

Para o exercicio de propagar a Fé, e administrar o Baptismo se repartiraõ os Apostolos por diversas partes do Mundo: a S. Thomè coube por destribuiçaõ ir aos Parthos; a S. Pedro as Provincias de Galacia, Pontho, Bithinia, e Capadocia: a S. Andrè a Scythia; a S. Matheus a Ethyopia; a S. Bartholomeu a India citerior; a S. Joaõ a Azia; e os mais Apostolos foraõ tambem por diversas partes, e Cidades, prègando, baptizando, e fazendo singulares prodigios, que os Doutos curiozos poderaõ ler nos Actos Apostolicos *à Capite* 12. *usque ad finem.*

Hæc in Act. Apostolorum.

A forma do baptizar que os Apostolos tiveraõ, foy a mesma que Christo lhe deu: *Baptisantes eos In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Santi,* fazendo

fazendo cada hum dos Miniſtros peſſoal a acçaõ *Ego te baptizo* (26) a qual fórma conſerva a S. Igreja Catholica. A materia do Baptiſmo he agoa natural elementar, e o naõ pòde ſer eſtilada de quaes quer flores. O Miniſtro deve ſer o proprio Parroco, ou outro Sacerdote com licença, e em cazo de neceſſidade pòde baptizar qualquer creatura humana, com intençaõ de fazer o que faz a Igreja, proferindo as palavras juntamente quando lançar a agoa, iſto he, ajuntando a materia com a fórma. O modo pòde ſer de tres ſortes, ou por abluçaõ, ou por aſperſaõ, ou por immerſaõ. O Baptiſmo pòde ſer de tres modos: Baptiſmo de ſange, Baptiſmo de fogo, Baptiſmo de agoa: o ultimo he o precizo, ſe for poſſivel; q̃ a naõ o ſer, qualquer dos primeiros dous: iſto he o do martirio, ou o do dezejo, com contriçaõ viva baſtaõ para pôr a creatura em Graça. (27)

(26) *Math.* 28.19.

(27) *Sacer Conc. Trid. Conſtitut. Apoſt. Decreta Pontific. Ritual. Rom. & comuniter Theologi.*

O tempo que aquelles Pays que ſe prezarem de Catholicos, devem demorar o Baptiſmo a ſeus filhos, hade ſer por determinaçaõ Eccleſiaſtica, e conſelho Apoſtolico, o menos que puderem, deſpois da Creatura ſer naſcida; naõ ſó por lhe naõ dilatarem a Graça baptiſmal, mas pelo perigo que devem evitar de morrer pagãa. Em Inglaterra, Reino a donde floreceo tanto o Chriſtianiſmo, ſe obſervava o coſtume de baptizar as Crianças no meſmo dia de naſcidas; e S. Cypriano eſcreve, ſe devia entre todos os Chriſtaõs aſſim fazer, reputando-o por acçaõ muy

muy Catholica. (28) Os Judeos expunhaõ as crianças ao ſeu Baptiſmo, ou Circunciſaõ no ſeptimo dia reſpectivamente ao mandato Divino. O meſmo obſervavaõ os Romanos, imitando aos Hebreos, e chamavaõ ao tal dia ſeptimo --Laſtrico,-- porque nelle ſe lavavaõ, e limpavaõ os Meninos. Plutarco, pela razaõ natural, e Medica o aprova, dizendo que eſte ſetêno dia he para os meninos muito perigoſo, principalmente ſe do ventre materno trouxerem alguma enfermidade. (29)

(28) *D. Cyprian. Epiſt. 3. ad Fidum.*

(29) *Plutarch. hic.*

Hyginio, Pontifice Romano, determinou que ao Baptiſmo de qualquer criança aſſiſtiſſe hum Padrinho, para que eſte Sacramento ſe naõ reiteraſſe, como por Decretos Pontificios he prohibido : iſto ſe entende àlem da Comadre, que vay conduzir a Creatura para ſe lhe adminiſtrar o Sacramento. (30) O Sagrado Concilio Tridentino manda que a eſte acto aſſiſtaõ indiſtinctamente dous Padrinhos (31) eſtes ſer vem de teſtemunhas por diſpoſiçaõ Eccleſiaſtica (32) e para terem fé pela criança innocente, que a naõ pòde ainda ter.

(30) *Hyginus P. M. Decreta Pontificia.*

(31) *Conc. Trident. cap. 2. ſeſſ. 24.*

(32) *Eccleſ. Conſtit.*

CAP.

CAPITULO XI.

Continùa a materia do antecedente, confirmada com opinioens de ſelectiſſimos D.D e Theologos. Admiraõ-ſe prodigios da Sagrada Fonte Baptiſmal, e deſcrevem-ſe de outras notaveis fontes (como materia apta) ſingulares maravilhas.

SAbido jà como deixàmos dito, que Chriſto Senhor noſſo foy o primeiro Inventor,ou Inſtituidor do Santo Sacramento do Baptiſmo, como àlem da collecçaõ do Texto o diffinio o Sacro Concilio de Trento, e o declaràraõ os SS. PP.e DD.da Igreja(1)alguns Theologos queſtionàraõ ſe o Senhor fizera eſta prodigioſa acçaõ antes da ſua morte, ou ſe depois de reſuſcitado?Naõ faltando quem ſiga a opiniaõ ſegunda(2)ſaõ muitos mais os que verificaõ, e comprovaõ a primeira, com ſolidos fundamentos. (3)

Negaõ alguns Authores,que o tempo,dia, e hora em que Chriſto para remedio noſſo inſtituhio eſte Sacramento, foſſe aquelle em que por Joaõ foy baptizado (4) mas tem-ſe por opiniaõ mais certa, e provavel, que na hora dita em que foy Chriſto baptizado, foy por Chriſto o Sacramento do Baptiſmo inſtituhido (5) dando por fundamental razaõ, que no meſmo dia em que Chriſto foy baptizado pelo Baptiſta, fora o Baptiſta baptizado por Chriſto , naõ com o meſmo, mas com outro Baptiſmo, donde ſe infere fora eſte de novo por Chriſto inſtituhido

(1) *Conc.Trid.ſeſſ.7. can.1 de Sacr.ingenere & can.1.de Baptiſmo. omnes PP. Ss & DD.Vide Navarr. cap. 23. n. 2. Henriques l. 2. c. 1. n.8.Covar.l.1.var.c. 23.Suar.tom.3.diſp. 19 ſect. 1. Reginald.lib.27.n.5.*

(2) *Ruperto lib.4.in cap.3.Joan. Alex. Ales q. 12. art.1.Canon.8 de Locis c 5 Sum.Theolog. 6.loco pag. 121.*

(3) *Ex cap.1.Joan. & 4 Auguſt.tract.5. Magiſt. ſent. in 4. diſt.3. D.Thom.3.p. q. 66. Henriq. l. 2. c.2.n. 3.& c.5 valentia q. 1.punct 4.Granados tom. 5. in 3. parte Ochagavia q 2.n.3. & 6. Villalobo trat. 5.diff. 2. Hurtado diſp 1. de Bapt.Peſantius , Leandro, Vaſques ,Palaus,Reginaldus , Vega, Dicaſtillo , Franciſcus, de Abra cum Auguſt. Cirill. & Hyeron.*

(4) *Sotus in 4. diſt. 3. q. 4 art 1. Suar. diſp.19 ſect 2.in fine. Ægidius q. 66. art.2.Hurtad. diſp. 1. diff. 13. Layman tr. 2. cap. 2.Bart.ab Angelis dialog.4.§.7*

(5) *Nazianz. orat. 40 in Bapt D. Chriſoſt.hom.22.D.Hyeron.in Math. c. 3. Imperf. ibi. D.Thom. 3.p.q.38. art 6.Graffius deciſ. aur. p. 2. l. 1. c. 3. Mag. ſent.in 4.diſt. 3.Sotus diſt.3.quæſt. unica Caiet. 3. p. q. 66. art. 2.Vaſques diſp. 140. c. 6,*

tuhido (6) verificando-se com probabilidade por muy famosos Authores, que a promulgaçaõ do Baptismo fora complectamente feita trinta annos depois de Christo padecer, quando Vespaziano, e Tito destruhiraõ a Jerusalem, e os Apostolos sahiraõ pelo Mundo a prègar a Evangelica Doutrina (7) supposto haja Authores que digaõ se promulgàra no dia do Pentecostes (8) ao que se naõ assente, porque ainda depois do Pentecostes, Paulo circuncizou a Thimotheo, e Pedro guardou os Legaes. (9)

Para Ministro deste Sacramento he necessario Creatura humana (como dissemos) e os D.D. o confirmão, (10) sem que baste hum Anjo bom, ou mao, como Luthero com insolencia escreveu (11) e só de poder de Deos absoluto poderà hum Anjo do Ceo baptizar. (12) Victor Papa XV. extendeo este indulto ás pessoas de ambos os sexos em cazo de necessidade; para o que, supposto eu disse era necessario fé, e intençaõ em quem baptiza para mayor perfeiçaõ, como alguns Authores dizem (13) he certo, e diffinido por muytos Sagrados Concilios que esta fé do Ministro naõ he essencialmente necessaria para o valor do Sacramento (14) ainda genericamente, ou geralmente fallando, de todos os Sacramentos. He necessario este Sacramento do Baptismo a todas as racionaes, e humanas creaturas *necessitate medii, & necessitate præcepti* para se haverem de salvar: colligese o primeyro do Sagrado Concilio Tridentino,

(6) *Magist. Sent. ubi supra Soto. Caietan. Vasques, vide Leandro de S. Sacram. tom 1. tract. 2 q 5. Petrus Ledesma de Bapt. c. 2. Vivaldus de Bapt. c. 1. n. 15. Filiuc. tract. 2. c. 1. q 4. n. 9. Bart. de Ledesma. Valentia. Belarmin. Granad. Suar. Sayrus Bonac. Emman. Rodrig. Emm Suares. Vega*

(7) *Scotus dist 3. q 4. D. Thomas 1. 2. q. 106. art. 4. ad 4 Bonac. disput. 2. q. 2. punct 2. n. 13. Henriq. l. c. 2. n. 7. Archãgelus dist. 3 pag. 29. Leandro de S. Sacram t. 1. tr. 2.*

(8) *Belarm. de Bapt. cap 5. Ægid. q 69. n. 24. Petrus de Canedo de Bapt. c. 1. Suar. & Filiuc.*

(9) *Actor. 10.*

(10) *Belarmin Suares, Lugo, Raconius, Caetan & comun.*

(11) *Lutherus de Missa privata apud Berlarmin. l. 1. c 24.*

(12) *Ita DD. supra ex lege communi.*

(13) *D. Cyprin. Ep. 70. & 71. & 73 Agrippinus Episc. Cartag.*

(14) *Conc. Nicen. 1. can. 19 alàs 17. Conc. Canthagin. 1. can. 1. Conc. Constant. sess. 8. Conc. Trident. sess. 7. can. 4. & can. 12. de Sacr. in genere. D Thom. Belarm. Suar. Vasq.*

Tridétino(15)e colhe-se do Texto Sagrado. (16) O meſmo Sacro Concilio expreſſamente verifica o ſegundo, anathematizando a quem o contrario differ. (17) Finalmente entendaõ os Pays, ou quem ſeu lugar tiver, o ſolicito cuidado com que ſe haõ de haver, em que ſe naõ dilate o ſacro Baptiſmo aos meninos, porque em obrar o contrario, peccaõ mortalmente contra a caridade, pelo grande perigo da damnaçaõ a q̃ expoem aquella innocẽte creatura,como Nazianzeno diz(18)e tambem, porque coopèraõ contra o antiquiſſimo coſtume da Igreja,como Soto, Tabiena, Bellarmino, e outros muitos DD. eſcrevem, e Pedro de Ledeſma clariſſimamente o expoem (19) ſem q̃ deſte preceito ſe eſcuzem os adultos, pois a todos igualmẽte a Divina Ley obriga (20) e naõ pòdem ſalvarſe ſem chegar à Sacra fonte Baptiſmal.

(15) *Col. ex Trid. ſeſſ. 6. cap. 4. Suar. Filuc. Ægid.*
(16) *S. Joan. cap. 13.*
(17) *Conc. Trid. ſeſſ 7. cant. 5.*
(18) *Nazianz. orat. 40.*
(19) *Sot. diſt. 3. q. 10. Tabien. bapt. 5 § 12. Bellarm. de Bapt. c. 8.*
(20) *Conc. Trid. ſeſſ. 6. can. 21.*

Deſta ſagrada fonte, e ſua prodigioſa virtude ſe eſcrevem ſingulariſſimos prodigios, dos quaes exporei alguns para corroborar a Fé della aos Catholicos,e tambem de outras fontes, como materia remota do Baptiſmo,reſpectivamente às ſuas agoas,por encher aos curioſos de noticias, expenderei algumas maravilhas. Martino de Roà na Vida da Veneravel D. Sancha de Carrilho, eſcreve, que querendo Deos Senhor noſſo fazer huma mercè grande àquella ſua ſerva, ao tempo,que ſe achava na Igreja Paroquial, ſendo conduzidos alguns Meninos para a Sacra fonte Baptiſmal, vio, que a cada hum

daquelles a quem o Baptiſmo ſe conferia, Chriſto Jeſus, como abrindo o ſeu peito, lhe parecia que os regenerava pela Graça. (21) Gregorio Turonenſe diz, que em a noſſa Heſpanha hà hum lugar, em cujo Templo exiſte huma pia de Marmore famoſa, a qual enchendo-ſe de agoa milagroſamente, e ſem concurſo humano, e ſendo benta pelo Biſpo com effuſaõ dos Santos olios em Sabbado Santo, aproveitando-ſe os fieis em muitos, e diſtinctos vaſos deſta agoa, naõ tem algũa diminuiçaõ; mas tanto que ſe entra a baptizar os Meninos, tambem miraculoſamente ſe diminue, de tal ſorte, q̃ acabado o ultimo Baptiſmo, ſe naõ vè na Pia algũa agoa. (22)

(21) *Tomaſo Auriemma Stanze del Anima c. 1. f 4.*

(22) *Grègor. Turonenſe de Gloria Martyrum l 2. cap. 24. Menoch. p. 2. cãs. 4. c. 85.*

Em o carcere Mamertino hà huma Fonte, que milagroſa, e repentinamente naſceo a tempo que o grande Apoſtolo S. Pedro ali ſe achava prezo, e foy eſta a Fonte baptiſmal em que o meſmo Apoſtolo baptizou a Proceſſo, e Martiniano: dizem que ainda hoje ſe conſerva de tal ſorte, que correndo a ella os fieis a tirar quantidade de agoa, nunca neſta fonte diminuhio, nem creſceo. (23) Em França, e na Heſpanha, ſe diz haver algumas Fontes Baptiſmaes, que ſem obra humana, e ſó por ſi meſmas ſe enchem de agoa no dia da Paſcoa da Reſurreiçaõ, ſegundo o uſo da Igreja. (24)

(23) *Jacomi Boſi. l. 6. cap. 4. fol 596. Tomás Bozius de Sigz. Ecc. l. 1. cap. 15. Pietra ſancta T. 3. c. 17.*

(24) *Maſſini cap. 3. f. 339.*

Da fonte Salmace em Caria, eſcreve Bonardo, que todo o Menino, que nella ſe banhava, ficava femea, e toda a Menina ficava macho, com os ſexos tranſmutados, e as acçoens

çoens de tal ſorte, que os que tinhão ſido machos, ficaõ timidos, fracos, e cobardes; e as que tinhaõ ſido femeas, ficaõ valentes animoſas, e varonîs. (25) Na India Occidental em hũa Ilha chamada Boiuca hà hũa fonte, cuja agoa bebida faz cahir da cabeça as cans, e torna os homens moços. (26) Em Mamonia de Hibernia hà huma fonte, em cuja agoa qualquer peſſoa que ſe lava, fica com a cara de velho, e os cabelos logo brancos. Na Ultonia ſe acha outra fonte, que pelo cõtrario, torna os cabelos de brãcos em pretos. (27) No Egypto hà huma fonte, que faz ficar calvo a quem della bebe. (28) Em Sua outra fonte, cuja agoa faz cahir os dentes; e em Grecia a fonte Clitorio, faz quem a bebe aborrecer para ſempre o vinho, e goſtar com exceſſo a agoa. (29)

(25) *Joaõ Maria Bonardo Minera del Mondo l.1.cap. 11.*

(26) *Franciſco Lopes da Camera hiſtor.das Ind.Occid c. 41.45.*

(27) *Joan. Lorenço Anania Fab. del Mondo.T. 1. 3.*

(28) *Joaõ Maria Bonard Miner. del Mondo l.1. cap.11.*

(29) *Idem.ibi.*

Em Cypro ou Chypre hà hũa fõte chamada Atamaſto, q̃ nas creſcẽças da Lua metendo-ſelhe hum pao, ou hum madeiro, de repẽte ſe acende. (30) Em Navacria, Cidade de Arcadia, hà huma fonte taõ fria, que ſua agoa correndo pelo chaõ, fica logo pedra. (31) As agoas da fonte Capriolo, correndo ao rio ſe convertem em pedras, de tal ſorte q̃ ao meſmo rio, ajuntando montes, impede o ſeu curſo, fazendolho buſcar por outra parte. (32) Na China ha hũa fonte, cuja agoa converte a terra em pedra. Em Calabria hà duas fontes chamadas Grati, e Sibari, as quaes fazem o cabelo de côr de ouro, a quem as bebe. Em Granoble no Delfinado ha huma

(30) *Idem ibi.*

(31) *Idem ibi.*

(32) *Idem ibi.*

fonte chamada fonte de Epiro, que ſuſtenta hum lenho acezo, e ſe eſtà apagado o acende logo, eſta atè o meyo dia ſe ſeca, e tornando a creſcer, eſtà pela meya noite cheya toda. (33) Em Ethiopia nos Garamantis hà huma fonte chamada fonte do Sol que de dia faz, ou tem a agoa doce, e taõ fria, que ſe naõ pòde beber; e de noite taõ quente, que metendolhe a maõ, ſe naõ pòde ſuportar. Em Ethiopia ha huma fonte, cujas agoas fazem o meſmo effeito, que o azeite, e uſa dellas a gente para ſe alumear. [34]

(33) *Meſſina. Roſeo. Sanſovini.*

(34) *Pedro Mexia Silva de var. liç. p. 2. c. 28. Caio Plinio. Joan. Baptiſta Fidelis Cent. 4. cap 49. Arnano Quinto Curſio. Diodoro Siculo hiſt. de Alexãdro Magno. Plinio, Solino, Mexia p. 1. cap. 28. Maffei grad. 2. c. 15.*

Santo Agoſtinho, e Petrarca, dizem que no boſque, ou mato Dodonea ha huma fonte, cuja agoa apaga o fogo acezo, e acende o fogo apagado. (35) Herodoto faz menção de duas fontes, huma de Cardiane junto a Daſcile, cuja agoa ſabe a leite; e outra que corre ao rio Hipano, que amarga como fel. (36) Entre Rafanea, e Atea, Cidades de Soria, ha hũa fõte, a qual por tempo de ſeis dias eſtà ſequiſſima, chegado o dia ſetimo corre copioſiſſimamẽte, mas entrando o outro dia fica ſeca como de antes, atè outra vez tornar o dia ſetimo, razaõ porque lhe puzeraõ o nome de Sabatina. (37) No alto de Alemanha ha huma fonte que ſe alguem falla perto della, faz-ſelhe logo a agoa turva, e ſe eſtà com ſilẽcio tem a agoa perfeita, e clara. (38) Em Illirico hà huma fonte de agoa doce, que abraza como fogo tudo o que a ella chega. (39) Em Armenia, nos confins do Jordaõ, hà huma fonte, cuja agoa he como perfei-

(35) *D. Auguſt. l. 5. de Civitat. Dei. Petrarcha tom. Garſi ſuo Serr. f. 701.*

(36) *Pedro Mexia Barthol. Dionigi ſecunda Silv. p. 1. c. 2. f. 39. Herodoto.*

(37) *Ibidem Mexia, & Dionigi p. 1. c. 2. f 39.*

(38) *Iidem. ibi.*

(39) *Joaõ Bapt. Fulgoſo. Pedro Mexia. Mambrino Roſeo. Franciſco Sanſou Silv. renov. p. 2. c. 28. f. 192. v.*

perfeitiſſimo azeite, do qual ſe uſa para o comer, para alumear, e delle ſe carregaõ navios. (40)

Ultimamente(naõ fallando em rios, por naõ fazer prolixa a hiſtoria) concluo a narraçaõ das fontes ſó apontando por aſſombro o ſeguinte: Em Genova, anno de 933. hũa fonte lançou ſangue em lugar de agoa hum dia todo. Em Pullia, anno de 890. correo ſangue de outra fonte. Em Lorena, anno de 1006. huma fonte de agoa clara ſe converteo tambem em ſangue. Em Toſcana, anno de 478. choveo ſangue, e depois leite. Em Lombardia anno de 563. Em Roma, anno de 600. e no de 847. em Conſtantinopla, anno de 547. Em França, anno de 822. Em Polonia, e Breſcia, anno de 847. e em outras partes de Italia, anno de 1006. choveo tambem copioſo ſangue. [41] Em Conſtantinopla anno de 1006. tambem hum dia todo choveo cinza. Em Amiterno choveo terra. Em Interamma anno de 2774. correo hum rio de leite. Em Roma, anno de 647. choveraõ pedras. Na Cidade de Horchia em Germania, anno de 827. chovèraõ taõ grandes pedras, que matàraõ gentes, e beſtas. (42) Em França, no tempo do Papa Eugenio II. houve tal tempeſtade, que refere o famoſo Illeſcas na Hiſtoria Pontifical, que entre as pedras que chovèraõ, e matàraõ muita gente, choveo huma de gelo coalhado, que tinha quinze pès de comprido, e ſeis de largo. (43) Na terra de Rivolta, territorio

(40) *Marco Polo Venet. Maravil. del Mondo c.* 11.

(41) *Joſepho Roſacio 6. idade do Mũdo fol.* 19. 27. *Felipo Secinara tr. de Terrem. c.* 59. *à c.* 63.

(42) *Roſacio fol.* 23. *a fol.* 30 *Secinara c.* 52. *à c.* 59. *Julio Cezar de Solis d. fol.* 70. 73.

(43) *Illeſcas Hiſtor. Pontifical t.* 1. *fol.* 180. *Joan. Stef. Menochio p.* 1. *Cent.* 1. *cap.* 66.

ritorio de Bergamo no dia 9. de Março, anno de 1300. eſtando o Ceo ſereno, cahio delle huma pedra taõ grande como a cabeça de hum homem. (44) No territorio de Breſſia, e no de Cremona anno de 1234. choveo ſaraiva da groſſura de hũa noz, nas quaes ſe diviſavaõ caracteres, que diziaõ JESUS. (45) Em Amaterno, e Avinhaõ, anno de 860. dous dias continuos choveo lá. Neſte meſmo anno, em França, choveo leite, e em Genova pedaços de carne. (46) Em o territorio Bolonhez, anno de 1537. naõ ſó choveo ſangue, mas pedaços taõ grandes, e condenſos de tempeſtade, que pezàraõ 21. libras. (47) E em Bolonha, anno de 850. chovèraõ Serpentes. (48.)

(44) *Donato Calvio na palavra prodigio fol.282.*

(45) *Ludovico Caviteli hiſtor. de Cremona.*

(46) *Nicol. Talone apud Maſſini c.18.*

(47) *Niculao Talone hiſt. Sancta l.5 c. 19.*

(48) *Maſſini c.18. fol.148.*

CAPITULO XII.

De como logo na primeira flor da puericia, tendo jà a Creatura de poucos annos algum uſo de raſaõ, a devem hir applicando ao conhecimento do verdadeiro Deos, inſtruindo-a na Catholica Doutrina. Moſtra-ſe a diverſidade de Deoſes, quaes foraõ os primeiros da Gentilidade, os primeiros Templos, Idolos, e Idolatras.

JA' ſe contaõ annos à Creatura humana, de quem o Santo Job eſcreve, que ſaõ muy breves os dias (1) e como hum dia, que hontem jà paſſou, conta David Profeta Rey, diante de Deos, os annos; (2) porèm he ſem duvida, que ſe os annos em ſervir, e amar a Deos, ſe occupaõ logo, ſaõ annos que parecem dias; e os dias que em diſtrahiçoens humanas ſe empregaõ, ſaõ dias

(1) *Job. 14.5.*

(2) *Pſ.89.4.*

dias, que se naõ devem computar, nem em mezes, nem em annos. (3) Desejaõ ordinariamente os pequenos por idade, parecerem homens pelos annos, sem considerar que estes annos, os quaes na idade se lhe augmentaõ, na vida se lhe diminuem; e o mais util he ser pequeno em a terra, para ser grande no Ceo (4) pois lograõ com excellencia feliz grandeza no Ceo os que saõ pequenos em a terra. (5)

(3) *Job.* 3. 3. & 6.

(4) *S. Math.* 18. à n. 3.

(5) *S. Math.* 23. 12.

Muitas creaturas houve no mundo que sendo em sua primitiva infancia creadas cõ o leite, ou delicioso nectar das virtudes, contàraõ tantos annos de vida, quantos tambem de Santidade; e outras a quem por paternal incuria esta creaçaõ faltou puxando-os mais para o mal a propençaõ, e natural destino, quazi se lhe devem reputar por morte os dias, e annos da sua vida. (6)

(6) *Psl.* 54. 16. & 68. 39.

Dos Deoses a quem a Gẽtilidade adorou, e supoz serem eternos, dizem os antigos, q̃ o sahirem taõ virtuosos, e alentados, procedèra da boa creaçaõ que em pequenos dèra Amaltéa a Jupiter, a Neptuno Calphurnia, a Alexandre Hellanica, Ericlia a Ulises, Caetana a Eneas, Amida a Arclebiades, e a Eupheme as Musas; e se a estes veneràraõ por Deoses sendo homens, he certo que a natural junto com a espiritual creaçaõ pòde constituir aos homẽs quazi Deoses, fazendo a vontade de Deos. (7) Attendaõ pois os Pays que se prezarem de Catholicos, a diligencia, e cuidado que devem ter em que seus filhos tanto

(7) *Mathei* 12. 50.

to que fallarem, e tiverem qualquer, ainda que pouco, uſo, ou conhecimento de razaõ, creſçaõ juntamente na idade, e na virtude, enſinandolhe os primeyros rudimentos da Fé, com a Doutrina, e Oraçoens, indo pouco a pouco capacitando-os no conhecimento do noſſo verdadeiro Deos. (8)

(8) *S. Matris Eccleſiæ communiſſ. doctrina & S.S. P.P.*

Quando nos tempos antigos (ſendo Deos mais antiguo do que os tempos) (9) naõ havia em os homens conhecimento, nem fé de que eſte Senhor Soberano era hum em a Eſſencia, e Trino em as Peſſoas (10) adoràraõ os homens as peſſoas em que ſe lhe repreſentava com ignorancia terem de Deoſes a Eſſencia, tributando primariamẽte eſtes cultos aos ſeus Reys, ou adulando niſto a felicidade preſente, ou pelas conveniencias que lhe provinhaõ deſta lizonja, e adoraçaõ que lhe tributavaõ, antepondo ſempre aquelles em quem conſideravaõ mais relevantes virtudes, e aſſim deſde entaõ principiàraõ logo a levantarlhe ſimulacros. (11)

(9) *Eccleſiaſtici.* 42. 21. *Eccleſiaſtes* 1. 10.

(10) *Symbol. S. Athan. & com Theologor. doctor.*

(11) *Poliod. Virg. lib.* 1. *cap.* 5.

S. Cypriano eſcreve que eſtas acçoens gentilicas foraõ a baze fundamental da vaã, e ſuperſticioza religiaõ, doutrinando neſta os Pays aos filhos, e os filhos aos netos, e deſcendentes. (12) Em o tempo de Jupiter (diz Lactanio) ſe erigiraõ os primeyros templos, e ſe offerecèraõ neſtes as primeyras oblaçoens aos Deoſes, ou que pouco antes deſte tempo; pois conſta que antes de naſcer Jupiter, ou ſendo ainda menino, Meliſſo que o creava, ordenou os primeyros ſacrifi-

(12) *S. Cyprian. lib. Deorum.*

cios

cios a Saturno, e à Terra, pays do meſmo Jupiter (13) iſto foy pelos annos 2222. antes da guerra de Troya, e pelos de 3180. depois da creaçaõ do Mundo, no qual tempo ſe diz por opiniaõ de Theophilo, fora tambem adorado Bello, pelos Babilonios, e Aſſirios. (14)

(13) *Lactantius lib. 2. cap. 11.*

(14) *Theophilo in lib. de Tempor. ad Autolicum.*

Na adoraçaõ, e culto de infinitos Deoſes, a quem a Gentilidade idolatra venerou, ſaõ tambem as opiniões infinitas. Herodoto, e Eſtrabo, querem q̃ os Egypcios foſſem os que primeiro que todos levantàraõ templos, altares, e Eſtatuas aos Deoſes. (15) Outros affirmão com Diodoro, que tivéraõ principio em o Rey Mennes, e em outro Capitulo, que os primeiros que os honràraõ foraõ os de Ethiopia. (16) Outros dizem, que Mercurio foy o primeiro que inventou ſacrificios aos ſeus Deoſes; outros, que os Ethiopes inventàraõ primeiro para veneraçaõ dos Deoſes, prociſſoens, ſacrificios, e ſolemnidades, do que dà teſtemunho com muitos, e muy antigos Authores, Homero na ſua Illiada a Jupiter, e outros Deoſes (17) ſuppoſto Lactancio aſſevèra que Melliſſo Rey de Candia teve neſtas acçoens a primazia. (18)

(15) *Herodoto lib. 2. Eſtrabo lib. 17. de Geograph.*

(16) *Diodoro lib. 1. Idem lib. 4.*

(17) *Homero in Illiada ad Jov.*

(18) *Lactant. lib. 1. de Inſtitut.*

Muitos outros AA. nas opiniões ſe diverſificaõ: dizem hũs q̃ nos tempos de Reuvel, ou Rageu, a quem varias naçoens chamaõ Belhahah, Baalim, Beelphegor, Beelzebù, pelos annos de 2773. ſe principiou a adorar por Deoſes aos Principes (19) outros q̃ Jupi-

(19) *Hartman Schedel in 6. Mundi ætate fol. 16. in fine.*

ter em Arcadia foy o primeiro, que mandou adorar Deoſes, inſtituhio Sacerdotes dos Idolos, e levantou Altares, e então lhe puzeraõ o tal nome de Jupiter, pela vivacidade, e engenho, e o adoràraõ por Deos, ſendo antes Lizania o ſeu nome (20) e principiàraõ a adorar Deoſes particulares; logo o fizeraõ a Membrot filho de Jupiter, e lhe chamàraõ Deos Sol (21) e a Diana ſua irmã adoràraõ tambem, e foy a primeira Deoſa. (22)

(20) *Apud eundem in 6. Mundi ætate fol. 25.*

(21) *Idem ibi*

(22) *Idem ibi cum Iulio.*

Outros Authores dizem, que Fauno inſtituhio em Lacio eſte culto; outros que ahi meſmo fora Jano; outros, que em Roma o erigio Numa Pompilio; outros que Orpheo na Grecia; outros, que Cadmo, natural de Phinicia, e filho de Agenor o enſinou aos Gregos; outros, que Orpheo o fez em Thracia; outros que Cecrope Rey de Athenas foy o primeiro que invocou a Jupiter; que eſte enſinou aos de Thracia os ſacrificios Orgias, e que o templo primeiro, e mais antigo dos Deoſes foy o de Dodoneo em Grecia, e ultimamente entre muitos, a ter os Deoſes com generalidade, tendo ſido ſó eſtes homens grandes; pois naõ ſó intitulàraõ a Jupiter Deos do Ceo, mas a Plutaõ Deos do Inferno, a Eolo Deos dos ventos, a Vulcano Deos do fogo, a Marte Deos da Guerra, a Saturno Deos das trèvas, a Neptuno Deos das agoas, a Apollo Deos da Muſica, a Cupido Deos do Amor; a Bacco Deos do vinho, a Ceres Deoſa do paõ; a Diana

Deoſa

Deosa dos bosques, a Minerva Deosa da Sabedoria, a Venus Deosa da fermosura, e finalmente outros muitos, que por superflua cousa naõ repito.

Alem destes, foraõ os Idolatras infinitos, porque naõ fazendo mensaõ de Eneas com os seus Pennates, nem de outros particulares, e sem conto, de que os Antigos escrevèraõ, só digo, que os Chinas tem Idolos sem numero a que adoraõ; porque naõ só adoraõ ao Sol, e ao Diabo, mas só no Templo da Cidade de Ucheu se lhe contaõ 112. Idolos (23) e de varios Idolos em outras partes do Mundo, faz mençaõ Isiodo, ou Heziodo, dizendo que por elles davaõ respostas falsas trinta mil Demonios. (24) Cento e quatorze vezes cada dia se costumaõ lembrar de seus Deoses em diversos Idolos os Reys de Malavar na India; e para que esta obrigaçaõ lhe naõ esqueça, trazem ao pescoço hum colar com outras tantas perolas grossas. (25) Entre os da famosa Cidade de Alexandria, houve hum celebre Idolo de Seràpis, que mandou fazer o Rey Sesostres, e se compunha de todos os metaes, pedras, e madeiras de mayor estimaçaõ, e preço. (26)

Dos metaes mais precioSos mandou Nabuchodonosor fazer hum Idolo, ou Estatua sua, para que todos os Babilonicos nella o adorassem. (27) Em hum Novilho de ouro chegàraõ os Israelitas a idolatrar cegamente. (28) Os Persas adoràraõ ao Sol, e os

(23) *Fr. Pedro de Alfaro teste an. de 1580.*

(24) *Hesiod. apud Clem. Alex. in Exortat. ad gentes. Euseb. Cæsar. de Preparat. Evangelica l. 5. c. 15.*

(25) *Paul. Venet. in histor. rerum Oriēt. l. 3. c. 23.*

(26) *Spondano an. 389. n. 15.*

(27) *Dan. 2. 32.*

(28) *Exod. 32. n. 4. & 5.*

(29) *Celio Rodigino l.18.cap.7.*

Egypcios a terra (29) muitos na Mauritania, a Lua, e os Pretos na Asia, e Africa as cobras. Na America muitos Gentios os imitaõ; e duas naçoens destes, com mixtos de outras, das quaes eu tive experiencia depois que os domei, e sogeitei, nada adoravaõ, e só era seu Deos o seu ventre. Na Europa houve muita idolatria, nos tempos antigos, e ainda em o nosso Portugal ha memorias de templos a diversas Deidades, erectos algum dia pelo Gentilismo.

Das Nynfas pelos Poetas celebradas houve tambem muitas idolatrias, e conforme os lugares em que estas lhe apareciaõ, lhe davaõ differentes nomes, sendo tambem diversos os lugares em que as adoravaõ: As Nynfas Dryades, e Hamadryades nos bosques; às Napêas, nos valles; às Lemoniades, nos campos; às Dorides, e Nereidas, ou Nerinas, no mar; às Potamides, nos rios, às Nayades nas fontes; às Lymnades, ou Limnèas nos lagos, e tanques; às Anigrades em o rio Nigro; os Faunos, nos bosques; às Corycedes, no Parnazo; às Harpias, Furias, e Diras, em Diversas partes; finalmente: os Lares, os Pennates, os Tirios, Silenos, Duzios, de que Santo Agostinho falla (30) os Tervictos de que escreveo Alberto Krantzio (31) pelos quaes entendemos os Duendes, os semicapros, Silennos, Silvanos, e Satyros petulantes, de quem o nosso Camoens faz mensaõ em suas Eglogas na pessoa de Agrario (32) tudo foraõ Deo-

(30) *D. Dug. lib. 15. de Civitate Dei.*

(31) *Karantz in ...nia l. 2. cap. 24.*

(32) *Camoens Eglog. 6.*

ses

ſes, a quem a barbara,e cega gentilidade idolatrou, àlem de outros, em o numero quaſi infinitos, cuja materia mui diffuſamente alguns Authores trataõ,aos quaes me remeto, e a omitto(33)ſendo a minha opiniaõ illuſtrada com a luz da Fè, e Eſcrituras, que nenhum de todos os expreſſados era Deos, mas ſó ſim, todos huns Demonios. (34)

(33)*Gyrald.in Hiſtoria Deorum. Natal com.in Mytologia.*

(34)*Pſalm.95. 5.*

Que ha Deos certamente exiſtente, conhecem todas as humanas creaturas, que tem qualquer luz de intelligencia; pois como Damaſceno eſcreve: a meſma natureza humana naturalmente o eſtà ditando (35) e Tertuliano tambem o verifica, dizendo: que o primeiro dotte da Alma racional, he a noticia de Deos. (36) Que eſte Deos Soberano he ſó hum a quem todo o Chriſtianiſmo reverente adora, o deviaõ jà ter por certo todos os Idolatras,e hereges, que unido o Polyteiſmo com o Atheciſmo tem ſido infinitas vezes convencidos na adoraçaõ que a tantos Idolos, e a tantos Deoſes tributàraõ; e ſegundo diz Tertuliano, menos impio parecia negarſe a exiſtencia de hum ſó Deos, que affirmar de muitos Deoſes a exiſtencia. (37)

(35) *Damaſcen. l. 7.de Fide cap.1.*

(36) *Tertul. lib.1 adverſus Marcionem.*

(37) *Idem ibi.*

Saiba pois o Mundo todo, que Deos aſſim neceſſariamente he unico, que he abſolutamente impoſſivel o haver muitos Deoſes; aſſim o enſina a Fè, o propuzeraõ os Theologos, os DD. e PP. o defendèraõ; e meu grande Meſtre o Subtil Eſcoto o provou em ſeus ſapientiſſimos Eſcritos por ſete razões:

razoens: 1. pelo ſeu infinito entendimento: 2. pela infinita vontade: 3. pela infinita bondade: 4. pelo infinito poder: 5. pela meſma razaõ de infinidade: 6. pela neceſſaria exiſtencia: 7. pela ſua Omnipotencia. (38) He eſte verdadeiro, e unico Deos, que adoramos em tres Peſſoas diſtinctas, como a Fè nos manda crer: *Ut unum Deum in Trinitate, & Trinitatem in unitate veneremur* (39) e todas as tres Peſſoas diſtinctas ſaõ ſó hum Deos verdadeiro (40) ſem que entre a Eſſencia, e attributos Divinos, haja diſtinçaõ Eſſencial, nem Real, como os Sagrados Concilios diffiniraõ, e os Theologos enſinàraõ (41) ſuppoſto houveſſe tantos Hereſiarcas, e Sectarios, que com barbaridade grande o quizeraõ totalmente controverter, cujos ditos, e inſolentiſſimos eſcritos foraõ em diverſos Concilios, e Synodos refutados, e condenados. De tudo daremos noticia a ſeu tempo.

(38) *Doctor Subt. in 1. diſt. 2. q. 3.*

(39) *Simbol. S. Athan. & com. Theolog.*

(40) *Idem ibi.*

(41) *Cõcil Lateran. cap. Firmiter. Concil. Tolet. 11. Concil. Florent. Fraſen. Baſol. &c.*

CAP.

CAPITULO XIII.

De como os Pays deſde a meninice devem dar principio a applicar ſeus filhos no aprender a ler, eſcrever, e contar, pondo-os em aptidaõ para qualquer vida, que bajaõ de ſeguir. Expoem-ſe quem foram daquellas tres Artes os Inventores, e que uſos obſervàraõ diverſas naçoens do Mundo.

HUma das couſas mais neceſſarias, e preciſas com que os Pays devem mandar inſtruir ſeus filhos a poucos annos de naſcidos, tendo para iſſo aptidaõ, he o ler, eſcrever, e contar; e julgo eſta prenda taõ util à perfeiçaõ da creatura humana; que naõ reputo homem perfeito ao que nella naõ foy exercitado.

Quem foſſem os Inventores das letras, e quaes as primeiras letras, que inventàraõ para a percepçaõ commua das couſas todas, ha nos Eſcritores antigos, e modernos opinioens quaſi infinitas. Plinio depois de haver referido diverſos pareceres neſta materia, e ter dito, que os Aſſirios foraõ os primeiros que inventàraõ as letras; que Mercurio as achaſſe no Egypto; que os Pelaſgos as levàraõ a Italia; que os Fenices as conduziraõ a Grecia; q̃ o famoſo Capitaõ Cadmo achaſſe ſó dezaſeis letras, e Palamedes na guerra de Troya accreſcentaſſe mais quatro, dà o ſeu acertado parecer dizendo, que entende terem principiado as letras com o Mundo. (1)

(1) *Plinius.*

Epulemo Author Grego, e celebre eſcritor do ſeu tempo diz, que os Chinas ſe vanglo-

vangloriavaõ muito de ſerem os primeiros Inventores das Letras. (2) Diodoro verifica, que Mercurio no Egypto; mas quaſi ſe contradiz em outra parte, attribuindo aos Ethiopes eſta gloria. (3) Olao magno eſcreve, que Carmenta, vindo com Evandro de Grecia a Oſtia, e terras de Roma, fora quem primeiro as enſinàra. (4) Lucano Principe da hiſtoria Grega, quer que os Fenices as inventaſſem na Grecia. (5.) Outros finalmente dizem, q̃ Trimegiſtro as achou, e Simonides as accreſcentou no numero.

(2) *Epulemo apud Viana no Prologo.*

(3) *Diodor. Sicul. lib. 1.*

(4) *Olao Magno.*

(5) *Lucano lib. 3.*

As opinioens mais attendiveis, porque entre outras, mais provaveis, ſaõ, ou a que refere Crinîto com os ſeguintes verſos, que affirma ter achado em hum pequeno livro da Biblioteca Septimana:

Moyſes primus Hæbraicas exaravit literas,
Mente Phœnicès ſagaces condiderunt Atticas;
Quas Latini ſcriptitamus, edidit Nicoſtrata.
Abraham Syras, & idem reperit Chaldaicas.
Iſis arte non minori protulit Ægyptias
Gulfila prompſit Getarum, quas videmus ultimas. (6)

(6) *Crinito apud Joan. Felic. Aſtolfum Officin. hiſtor. c. 12. pag. 327.*

Ou o que ſeguem Genebrardo, e Cedreno, affirmando que Seth, e Enós ſeu filho, levantàraõ humas columnas, de ladrilho huma, e outra de pedra (das quaes Joſefo faz menſaõ) em as quaes elles eſcrevèraõ as primeiras letras, que inventàraõ. (7)

(7) *Genebrard. in Chronograph. lib. 1. Cedren. in Com. hiſt. Joſeph. de antiquit. lib. 1. cap. 3.*

Naõ faltàraõ Authores, que diſſeraõ, terem-ſe achado as letras em o tempo de Nino; mas Plinio na opiniaõ diſcorda, eſcrevendo, que em Babilonia ſe achàraõ ladrilhos com letras eſcritas; e regulando o tempo

po que aponta, foy isto mais de trezentos annos antes do diluvio, e mais de setecentos annos antes do tempo de Nino. (8) O certo he, que pelos annos do Mundo 987. que foraõ antes do diluvio 669. deixou Henoch escrito hum livro de que S. Agostinho faz mensaõ (9) o qual conservàra Noè no tempo do diluvio; e ao depois se perdèra (10) como referem Tertuliano, e Beda.

Nem obsta a esta opiniaõ o dizer Berozo que Noé escrevera muitas cousas (11) nem que hum anno logo depois do diluvio se principiou em Caldèa a escrever tudo o que succedia. (12) Tambem naõ o que Varro, e Genebrardo referem da Sibilla Persica, ou Caldea, que escrevéraõ (13) nem o que Pineda, e Estrabo escrevèraõ de Tubal, filho de Japhet, dando Leys por letra. (14) No Sacro Texto achamos que pelos annos de 888. em a sahida do Egypto deu o Senhor Ley escrita aos Hebreos, e o Santo Job que viveo pelos annos de 740. deixou para nosso exemplo escritos os seus successos. (15)

(8) *Plinius lib. 7. cap. 56.*

(9) *D. Augst. de Civit. Dei lib. 15. cap. 23.*

(10) *Tertul. de habitu mulier Beda in d. Epist. Jud. Thad.*

(11) *Beroso lib. 1. de flor. cald.*

(12) *Beros. idem d. l. 1.*

(13) *Varro apud Lactant. Genebrard. supra an. mundi 1887.*

(14) *Pin. da Monarchia Eccles. p. 1. l. 1. c. 13. § 4. e cap. 23. § 4. Strabo l. 3.*

(15) *Matute d. c. 6. ex Ant. Beuter.*

A opiniaõ que sigo, e me parece entre todas a mais solida, he, que Adam nosso Pay primeiro, a quem Deos participou todas as sciencias, e intelligencia das cousas, foy o que primeiro inventou as Letras, modo explicativo das gentes; e logo seus filhos, e netos, de cuja intelligencia Henoch participou, pois se diz alcançou ainda vivo Adam, e o tratara; e Noè as percebeu, e

guardou, ſendo com anterioridade inventadas.(16) Deſta opiniaõ foram Santo Agoſtinho, e Euſebio.(17)

(16) *Vide Jo Felic. Aſtolf. Off. hiſtor. lib. 3 ad fin.*
(17) *D. Aug. de Civ. Dei. Euſeb. l. 10. de præparat. Evangelica.*

Que figura porèm tiveſſem eſtas letras na idèa de ſeu primario inventor, eu me naõ reſolvo a averigua; mas ſó tenho por certo naõ ſerem da fórma, e figura que moſtraõ as letras de que hoje nòs uſamos. Franco, e Zonaras eſcrevèraõ, que as taes letras primeiras eſcritas por Seth, e Enòs, que jà diſſemos, parte eraõ como figuras de animaes, e outras como hieroglificos que ſignificavaõ huma ſó palavra inteira, ou todo hum conceito (18) e Mexia faz mençaõ de hum livro compoſto deſtas letras por Oro Apollo Eſcritor Grego.(19)

(18) *Frãc. in camp. Elyſ. q. 3. n. 2. Zonaras anal. 1. de liter. hierogl.*
(19) *Mexia na Silva de varia liçaõ.*

Das letras que hoje nòs uſamos, foraõ diverſos os inventores: Silvio, dizem que inventàra o H, K, e Q; que o X, e o Z, foraõ mendicadas dos Gregos no tempo de Santo Agoſtinho (20) mas Ravizo verifica, que Sep-Carbilio Grammatico inventàra o G, e Claudio Centiniano o h, (21) Eupolemo Author Grego defende a opiniaõ pela parte dos Egypcios, dando a eſtes por Inventores das letras, que uſamos, e dizendo, que as aprendèraõ de Mercurio Trimegiſtro. (22) Outros aſſeveraõ, que a figura das letras que uſamos, foraõ quatro inventadas por Palamedes na guerra de Troya, outras quatro por Simonides Medico, e ſeis por Cadmo. (23) Os Ethiopes uſavaõ ſó de ſete letras, e cada

(20) *Apud Aſtolf.*
(21) *Raviz. officin.*
(22) *Eupolem. apud Vianna no Prolog. do com. a Ouvidio*
(23) *Plin. l. 7. c. 56. Tacit. annal. 11. Alex. ab Alex. Gen. 12. Herodat. lib. 5. Diodor. Sicul. l. 6. c. 18. Apollon. Tyan. lib. 4. Georg. Valla Placent. lib. 31. de expet.*

cada huma tinha quatro significados. (24) Os Hebreos, Syrios, e Chaldeos tinhaõ vinte e duas. (25) Os Latinos tiveraõ quinze, depois chegaraõ a vinte e tres, acrecentando o F, K, Q, X, Y, Z, H, tomando o F, dos Eolios, o O, eo Y, dos Gregos, acrecentando estes tambem as suas letras (26) Dos Eolios se tomou tambem o ph, em lugar do f, muy uzado, como v. g. Orpheo por Orfeo; e Claudio Cezar mandou que o f se uzasse em lugar de u, escrevendo, fixit pro vixit. (27) Os Alemaens na sua latinidade (dis-se) que ainda hoje o uzaõ

(24) *Alex. ab Alex.*

(25) *S. Hyer. Prolog ad lib. Reg.*

(26) *Cornel. Tacit. Cicero. Priciano.*

(27) *Cornel. Tacit.*

Eu em labyrinto tal de opinioens, nem affirmo, nem refuto, terem as letras que nòs hoje uzamos, a mesma figura que tiveraõ as que tè aqui tratàmos; porque tendo os Gregos letras proprias, como mostraõ os seus escriptos, tambem os Hetruscos tiveraõ proprias letras, as quaes diz Cornelio Tacito na Historia Imperial que Demarato Corynthio lhas ensinou (28) e Cicero verifica, que os de Phrygia tiveraõ tambem letras proprias. (29) Titolivio dà a entender o mesmo quanto aos Romanos (30) e Plinio o julga respectivamente aos Assiyrios (31) pelo que venerando a opiniaõ do D. Maximo, e inclinandome muito à do nosso famozo Britto, mais me persuado que as letras em diversos tempos, e ainda em huma naçaõ por algum sinistro succesSo, tiveraõ variedade nas fórmas, e nas figuras. (32)

(28) *Cornel. Tacit. lib. 11. Histor. Imp.*

(29) *Cicer. lib. de Natura Deorum.*

(30) *Titoliv. l. 6. de Fundat. Rome*

(31) *Plinius lib. 7. de Histor. naturali.*

(32) *D. Hyeron. in Prolog. ad lib. Reg. Brito na Monarch. Lusitana p. 1. l. a. c. 3.*

CAPITULO XIV

Continûa a meſma materia, moſtrando o modo antigo com que ſe eſcrevia, e a fórma com que as letras ſe eſtampavaõ. Trata-ſe de peſſoas que nos poſteriores ſeculos foraõ neſta acçaõ eminentes.

NO antecedente Capitulo jà diſſemos que o primario modo por que eſcreviaõ os Antigos era com letras que tinhaõ figura de animaes, e outras como hyeroglificos ſignificativos de huma palavra inteira: neſta fórma certamente he, que ſe achavaõ eſcritas as columnas de Seth, e Enòs (1) e eſte coſtume, em parte, obſervaõ ainda os Hebreos no ſeu modo explicativo de eſcrever (2) e tambem os Gregos, e Hebraicos; os Romanos quazi os imitavaõ uzando de certos ſinaes, porque entendiaõ o expreſſivo de algumas couſas (3) Os Portuguezes o naõ reprovaõ quando por rubricas ſe aſſinaõ; Cicero o enſinuou a Pompeo, quando querendo eſte grande Principe pôr ſeu nome, e titulo no famozo Templo da Vitoria que havia edificado, tomando pareceres de doutiſſimos Romanos, eſtes ſe encontravaõ, e o Principe da eloquencia ſendo conſultado, reſpondeo determinando que ſe eſtampaſſem ſó as primeiras letras. (4)

(1) *Zonaras Annal. 1. de lit Hierogl. Franco in Camp. Elyſ. q. 3. n. 2.*

(2) *D. Hyeron. tom. 2. Epiſt. in Epiſt. ad Paul. de interpret. Alphabeti.*

(3) *Alex. ab Alex. cap. 30 ad fin. l. 2.*

(4) *Ferreira de Vera no Prolog.*

A fórma que ſe obſervava no eſcrever, tem diverſidade grande, aſſim como em o ler: os Egypcios eſcreviaõ fazendo as regras às aveſſas, iſto he da parte direita para a eſquerda,

querda, acabando as ſuas adonde as noſſas principiaõ, e aſſim meſmo liaõ (5) eſte coſtume obſervaõ ainda hoje os Arabigos, praticaõ os Siriacos, e na Berberia o imitaõ muitos Mouros, e outras naçoens. Os Ethiopes naõ faziaõ as regras de lado a lado, mas ſim de ſima para baxo. Plinio, e Tacito dizem que a letra de que uſavaõ antigamente os Gregos era quazi como a Latina (6) e hoje eſtà diverſificada; em a Heſpanha depois que foy dominada dos Romanos, e admittida a letra Latina, ſe praticou, e uzou muito a gotica, cujos letreiros ainda ſe vem hoje em muitas partes eſtampados.

(5) *Alexander ab Alex. ubi ſupra.*

(6) *Plin. l. 7. c. 58. Tacit. ubi ſupra.*

O em que antiguamente ſe eſcrevia, e lia eraõ ladrilhos de barro, pao, chumbo, e pedra, de que ainda hoje em o noſſo Portugal ſe achaõ cipos, e veſtigios antiquiſſimos, e hum vi eu bem perto de Lisboa, em o Convento de Chelas do tempo das Virgens Veſtaes. Muitos Autores dizem, que o primeiro uzo de eſcrever fora em folhas de Palma (7) eu o naõ duvido, porque em folhas de outra arvore, naõ hà muitos annos recebi cartas, e as mandey, eſcrevendo-as com a ponta de huma cana, achando-me nos matos, ou certoens do noſſo Brazil. Das taes folhas pois, dizem ſe deduzio o chamarſe folha ao papel em que ordinariamente eſcrevemos. Os Italianos lhe chamaõ charta, de huma Cidade aſſim chamada perto de Tyro, talves porque alli primeiro ſe fabricàra, aſſim como ao pergaminho ſe poz o

(7) *Plinius l. 13 cap. 11.*

nome

nome por ſe inventar na Cidade de Pergamo em Azia, reinando nella Eumenes. (8)

(8) *Alexander ab Alexandro d. c. 30. poſt princip.*

Tambem antiguamente ſe eſcrevia nos entrecaſcos das arvores, ou teas ſubtìs extrahidos das arvores, tirada primeiro a cortiça; e por ſe chamar a iſto liber em a lingoa Latina (9) ficou eſte nome aos livros; aſſim como do junco Papyro, achado em Syria junto ao rio Euphrates, e no Egypto junto ao Nilo (10) feito em maſſa com outros mixtos, e formado delle huma tal qualidade ſe derivou o nome que hoje damos ao papel, uzando-ſe entaõ daquelle para a eſcrita antes jà de reinar Numma Pompilio em Roma. Eſcrevia-ſe tambem antiguamente em pannos de linho preparados com outros materiaes, como tambem em taboas lizas enceradas, e em delgadas laminas de chumbo, com penas de cana, que para iſſo aparavaõ, e lhe chamavaõ eſtylos, donde veyo (ou foſſem de ferro, ou de cana) quando hum homem eſcreve bem com elegancia, o dizer-ſe, que tem bom eſtilo. Hoje eſtà pratico em todas as Naçoens o uzo commum do papel, fabricado de panno de linho pizado, e feito em polme dentro da agoa, no qual eſcrevemos de huma, e outra parte, o que antiguamente ſe naõ fazia, pois ſe naõ coſtumava eſcrever nas coſtas do que jà eſtava eſcrito; algũs Francezes ainda hoje o praticaõ; e o uzo dos pergaminhos em cartas de Officios, Foraes, Privilegios &c. He em o noſſo Reino praticado.

(9) *Ambroz. Callep. Verbo Liber.*

(10) *Ouvid. Metham. lib. 19.*

Neſta

Neſta boa prenda do ſaber bem eſcrever, teve eminencia antiguamente Eſtrabon, de quem fazem menção Plinio (11) e Cicero (12) os quaes dizem que com grande perſpicacia eſcrevera em letra taõ miuda a grande Iliada de Homèro, que coube no vaõ de huma nòs (valha a verdade.) Com eſta poſſo eu verificar que entre todas as Naçoens do Mundo, ſem que a exceda a Franceza, tem a Portugueza, na materia, primazia em ambos os Sexos, e diverſidade de peſſoas, em o que naõ devemos tirar a palma por mais generalidade aos noſſos Vianezes. Em os noſſos tempos ſe admiràraõ neſta Corte de Lisboa pennas notaveis, que naõ fallando por veneraçaõ em Reaes peſſoas, ſerà injuſto deixarmos de reſpeitar as Excellentiſſimas cazas de Abrantes, Valença, Calharîz, e Ericeira, em preclariſſimas Senhoras, àlem de infinitas peſſoas particulares.

(11) *Plin. l. 7 c. 21.*

(12) *Cicer. 4. Academ.*

Na minha Provincia da Arrabida floreceo com eſta prenda, entre outras, o famozo Fr. Franciſco de Negreiros, que na penna foy certamente admiravel, e ſe achaõ ainda hoje letras ſuas em livros, e em eſcritos que parece de eſtampa, ou de forma, ſendo tambem no debuxo taõ eminente, que à penna bordou em ſetim branco hum veſtido para o Senhor Rey D. Pedro II. que Santa Gloria haja, do qual aquelle Monarca muyto ſe prezou; naõ fallando por mais notorio em o celebrado Meſtre de S. Vicente, Compoſitor famozo na materia, e em outros

tros muytos, que compondo huns neſta materia, e eſcrevendo outros, foraõ certamente muy notaveis, naõ ſó no eſcrever, mas no contar; ſendo ſabido dos homens diſcretos, e lidos nas hiſtorias, que he conta Arabica, e por eſta naçaõ inventada o algariſmo de que os Portuguezes uzamos, e em as mais das Naçoens hoje ſe pratica, devidida em quatro eſpecies, àlem de outras ſutilezas de conta inventadas.

CAPITULO XV.

Dos Celebres, e antiquiſſimos modos de contar, praticados em diverſos Imperios, Reynos, e Naçoens de todo o Mundo.

NAM me pareceo era rezaõ (naõ obſtante o ſuccinto com que eſcrevo) deixar de noticiar aos curiozos a multiplicidade nos modos de contar, que em diverſas partes do Mundo ſe obſervou por muitos ſeculos. Os Vulſinos, e depois delles os Romanos na ſua primitiva creaçaõ, antes de terem noticia dos modos de contar, contavaõ pelo modo que as noſſas velhas ignorantes pelas ſuas contas, contaõ; pois para numerar dias, ou annos, muitos aggregavaõ montes de pedras, e para ſignificarem com mais certeza o numero dos annos, uzavaõ de pregos de metal que lhe ſerviaõ de letras como entre nòs o algariſmo, e os pregavaõ nas portas de ſeus Templos, para ſignificar o numero dos ſeus annos. (1)

(1) *Liv. Dec. 1. l. 7. in principio. Alexander ab Alex. Genial. l. 1. c. 6. & vide Atlas Mundi.*

Uzaraõ

Uſáraõ depois os Romanos de numeros reprezentados por figura de riſcas, determinando por evitar confuzoens que a tal conta chegaſſe ſó a quatro; que duas riſcas unidas pela parte inferior valeſſem ſinco, fazendo como fórma de hum V, donde veio que duas letras deſtas unidas por ambas as partes inferiores como hum -X- valleſſem dez, hum L- ſincoenta, hum C- cento, hum D- quinhẽtos, hum M- mil; logo variáraõ, querendo que eſta figura IↃ valleſſe tambem quinhentos, e eſta CIↃ mil. Outros uſáraõ de eſcrever por cifras, e diz Euzebio que Tyro, criado de Cicero, diſto fora inventor (2) a que ſe chamava eſcrever furtivo. Deſte modo uſou Julio Cezar, como refere Suetonio (3) e hoje entre muitos curioſos ſe uſa em eſcritos de ſegredo, eſcrever por letras de algariſmo, por pontos, ou por cifras.

(2) *Euzebio. Gelio.*

(2) *Suetonius.*

Os Gregos uſáraõ de modos mui diverſos no expreſſivo, aſſim do eſcrever, como do contar, porque com mui deſſemelhantes figuras nos Caratheres, e acrecentàraõ no ſeu Alfabẽto mais tres letras. Naõ me reſolvo a expôr aqui, nem abreviaturas, nem nottas, porque entre nós ſaõ inuzitadas. Por Calendas, Nonas, e Idus ſe contavaõ tambem antiguamente; e o modo com que o faziaõ, moſtro nos ſeguintes verſos aos curiozos, expreſſados.

Prima dies Menſis cujuſque, eſt dicta Kalenda:
Sex Nonas Maius, October, Julius, & Mars;
Quatuor at reliqui: dabit Idus quilibet octo.

Os Hebreos contavaõ os annos por luſtros, e a cada luſtro era ſinco annos; tambem por Trietères, que cada hum era o computo de tres annos. Os Gregos contavaõ por Olympiadas, e cada hũa era o eſpaço de quatro annos: principiou-ſe eſte computo aos ſinco annos do Reinado de Ozias Rey de Judà (4) que ſegundo a calculaçaõ de Euzebio foraõ 4424. annos depois da creaçaõ do Mundo; 25. annos antes da fundaçaõ de Roma; e 774. annos antes do Naſcimento de Chriſto. (5) Os Gregos, e Romanos uſáraõ tambem de contar por Epactas, e eraõ os dias de exceſſo que fazia o anno cõmum Solar ao Lunar; de Cyclo decemnovenal, que era periodo de 19. annos; de Aureo numero; de Indiçoens, que cada huma he Cyclo de quinze annos communs, cujo uſo ſe atribue ao tempo de Conſtantino Magno, pelos annos de Chriſto 312. o que Baronio, e Eſcaligero ſupoem muito mais antigo. (6)

(4) *Tirinus in chronico.*

(5) *Euzeb. in Calcul. tempor.*

(6) *Baronio Scaligero.*

Neſte Capitulo me parece naõ ſer improprio fazer menção da muita variedade com que antiguamente, e em parte ainda hoje ſe praticavaõ os annos, dias, e horas. O Anno Egypcio, ſegundo o Chronicon Alexandrino, era primariamente hum ſó dia, depois foy hum mez, a que chamavaõ huma idade da Lua, ultimamente o contàraõ com 360. dias, e no fim lhe acreſcentàraõ

mais

mais ſinco dias, a q̃ chamvaõ Epagomenas. (7) O Anno Turqueſco ſe contava, e conta pelas Luas, ſeis cheyas, e ſeis mingoantes, e fica ſendo de 354. dias. O Anno Arabigo tem o meſmo numero, e fórma, mas conta-ſe do dia da fugida de Mafoma da Caza de Mecca, que dizem foy quinta feira 25. de Julho do noſſo Anno de Chriſto de 622. e na ſeſta feira principia o ſeu anno, tendo o tal dia por Domingo ſeu.

(7) *Alexandrin. in Chronicon.*

O Anno dos Arcadios tem tres mezes. O Anno dos Gregos principia no Solſtiticio eſtivo. O Anno Iphito era da meſma ſorte calculado por hum homem grande chamado Iphito no anno de 777. antes de Chriſto. (8) Os Annos Agonaes, iſto he, das lutas eraõ de quatro annos noſſos, e os inſtituhio Domiciano Auguſto no anno quinto do ſeu Imperio. O Anno vago foy introduzido por Nabonaſſar introduzido Rey de Babilonia, principiava a 26. de Fevereiro, dia da ſua felicidade, e tinha 365. dias ſem contar mais horas.

(8) *Livius l. 27. Pindarus Ode 3. Stropha. 2. Baron. Anno Chriſti 88. Ex Ceſorin. de Die natali c. 14.*

O Anno Sabbatico dos Iſraelitas era o anno ſetimo. (9) O Anno Romano Priſco praticou-ſe no tempo de Romulo, e tinha 354. dias com dez mezes. Numa lhe acreſcentou mais dous mezes, Janeiro, e Fevereiro. O Anno politico Juliano foy o que introduzio o famozo, e primeiro Emperador Julio Cezar para emendar os mais, dandolhe 365. dias, e 6. horas, porèm ſem mais differença: cauſa porque ainda depois foy

(9) *Levitic. 25. 4.*

corregido; e parece ſer o que uſamos. O Anno biſſexto tem mais hum dia q̃ o ſolar ordinario, pela correcçaõ Gregoriana. O Anno de Saturno dizem que tinha 40. dos noſſos annos. O Anno Climaterico he o que enſerrava ao juſto tantas vezes ſete. O Anno Platonico, a que outros chamaõ anno magno, queriaõ alguns que tiveſſe 12954. annos dos noſſos, outros que tinha 15000. e outros que 16000. ſendo deficil o ſeu movimento, e mediçaõ de ſe averiguar (10) e o anno Enneatico, he aquelle que comprehende tantas vezes o numero de nove.

(10) *Vide Ciceronem in Hortens. Macrob. l. 2. cap. 11.*

Os Mathematicos, e Aſtrologos admitiraõ Anno Solar Sydereo, que he o que gaſta o Sol, deſde o digreſſo que faz o Sol de huma Eſtrella fixa, atè o regreſſo para a meſma, que ſaõ 365. dias, 6. horas, 9. minutos, 39. ſegundos, conforme a calculaçaõ de Dechales: mas conforme a Ricciolo, os meſmos dias, e horas, porèm ſó 8. minutos, 57. ſegundos, e 25. terceiros. (11) Anno Solar Tropico, o qual tem 365. dias, e 6. horas menos 5. minutos, ou menos 11. eſte foy emendado no Kalendario Gregoriano, anno de 1582. mandando o Papa Gregorio XIII. que a 5. de Outubro do dito anno ſe contaſſem 15. do mez. O P. Ricciolo dà ao tal anno ſolar 365. dias, 5. horas, 48. minutos, e 40. ſegundos; a qual divizaõ do anno em 355. dias attribuem os Rabinos doutos a Henoc, ſexto neto de Adam. (12) O modo de dar principio à conta dos dias deſte

(11) *Vide P. Andrea Taquet lib. 5. Aſtronomiæ. c. 1. n. 15.*

(12) *Athan. Kirker. Turrie Babel l. 2. c. 4.*

deſte tal anno entre os Hebreos, era do Equinocio verno; entre os Gregos, do Solſticio; entre os Epypcios, do Outono; e entre os Romanos, do Inverno. O Anno Lunar Aſtronomico commum tem 12. Luas que ſaõ 364. dias, 8. horas, 48. minutos, e 36. ſegundos. O Civil naõ tem mais que os dittos 354. dias.

Mez Aſtronomico he o movimento que faz o Sol, ou melhor digo, he o movimento ſynodico que faz a Lua, quando ſe aparta do Sol, e torna a recorrer com elle; em cujo Cyclo gaſta 29. dias, 12. horas, 44. minutos, e dous ſegundos. O Mez Civil, ſaõ os mezes que ſeguimos, e obſervamos, e correſponde ao Hebraico, ſupoſto que naõ em a igualdade, porque os noſſos mezes naõ ſaõ todos iguaes nos dias, e horas, como pela experiencia, de todos he ſabido.

Havia antiguamente ſemana de annos, e era em cada ſetimo anno que deſcanſava a terra, e os frutos que por ſi naſciaõ, eraõ para todos os viventes, communs; deſta ſe fala no Levitico. (13) Havia ſemana de mezes, quando no mez ſetimo jà recolhidos os frutos ſe celebrava o dia da propiciaçaõ, e diſto fala tambem o Levitico. (14) Havia ſemana da ſemana de Annos, e era os 49. annos antecedentes ao Jubileo, em que ſe tocavaõ Eſtrombetas, e tornava a poſſeſſaõ de todas as naçoens a ſeus antigos donos, e naquelle anno naõ ſe cultivavaõ as terras. Houve ſeculos de Daniel, e tinha cada huma ſete annos.

(13) *Levitic.* 15.

(14) *Levitic.* 23.

nos. Houve ſemana de ſemanas, e era os 49. dias antecedentes à feſta do Pentecoſtes, e no dia 50. ſubio Moyſès ao monte, e recebeo de Deos a Ley eſcrita. Ultimamente houve, e hà ſemana commua, e he a que obſervamos, conſta de ſete dias civîs, ou vulgares, e foy inſtituhida pelo meſmo Deos, que creou o mundo nos primeiros ſeis, e deſcançou no ſetimo. (15) Os Judeos contaõ eſta ſemana de Sabado a Sabado; os Turcos de ſexta a ſexta feira, e os Chriſtãos de Domingo a Domingo.

(15) *Genenſ.1.*

Quanto aos dias, havia dias de Deos (de quem o ſaõ todos) e os hà, e ha de haver, porque no ſentir de Bolducio, Vatablo, e S. Odo Abbade Cluniacenſe ſignificaõ a Vida do meſmo Deos, ou a Eternidade. (16) Dias do Ceo, que na opiniaõ do grande Agoſtinho ſaõ a Eternidade dos Bemaventurados. (17) Dias do Lenho, que conforme S. Jeronimo, Procopio, Lira, e Ozorio, tambem ſaõ a Eternidade dos Bemaventurados (18) e conforme Damaſceno ſaõ a duraçaõ da Ley da Graça, e Igreja Catholica, deſde que o Lenho da Cruz no Calvario ſe levantou. (19) Dia humano, que he a duraçaõ da vida dos mortaes. (20) Dia Amphidronico, que era o quinto dia do nacimento da criança, no qual os Gentios [illegible] em o lar da chaminè ajuſtavaõ, e punhaõ o nome à criança que naſcia, rito que [illegible] hoje dizem ſe eſtila nos ruſticos de [illegible] (21) Dia natural he o ſemicirculo [illegible] deſte

(16) *S. Odo l.16.in Job. Vatabl. Bolducius.*

(17) *Aug.ibi, & l. 3.de Verbis Domini.*

(18) *Ex Iſaia 65. 22 D.Hyer. Procop.Lira. Ozor.*

(19) *D. Joan. Damaſc.*

(20) *1.Corinth.4.3. Hyerem.17.16.*

(21) *Ex Dominic. Macro. in Hierolexic.*

creve o Sol deſde o Naſcente ao Poente. Dia Artificial, e he em quanto o Sol apparece ſobre os Orizontes, e hà luz no dia. Dia Egypciaco, que era o primeiro de Janeiro, em que a Gentilidade fazia muitos ritos, e ſe pediaõ Janeiras. Ultimamente (por naõ ſer extenſo) Dias Curiaes, poſtriduaes, decretorios, comiciaes, feriaes, faſtos, profeſtos, nefaſtos, e criticos. Finalmente: Dia civil, ou vulgar, que com os Romanos antigos, todos os ſogeitos à Igreja obſervamos, contando de meya noite a meya noite. Os Hebreos, Babilonios, Perſas, e Baleares o contavaõ (como eſcreve Clavio) (22) da naſcença do Sol a outra naſcença; os Egypcios de Occaſo a Occaſo, e os Umbros, como tambem os Athenienſes, de meyo dia a meyo dia.

(22) *Clavius in 2.6. de Spara.*

Quanto à intelligencia das horas, he de ſaber, que eſte vocabulo, Hora no ſentir de alguns doutos Eſcritores, he derivado do nome Hortus, que na lingua Egypciaca quer dizer Sol, porque eſte no ſeu curſo faz as horas; e pela repartiçaõ que fez Hermes Trimegiſtro, era a duodecima parte do dia inteiro, e valia por duas horas das noſſas; (23) tanto dizem valer ainda hoje as horas na Conchinchina. (24) Horas do anno ſaõ ſuas quatro Eſtaçoens: Inverno, Primavera, Eſtio, e Outono: Euſtachio o dà a entender na Iliade de Homero. (25) Horas dos Hebreos: cada huma continha tres das noſſas, e compunha-ſe de quatro cada hum dia.

(23) *Hermes Trimeg.*

(24) *Noticias ſumar. da Conchinchina.*

(25) *Euſtach. in Iliad. Homeri.*

Horas

Horas do dia, e horas da noite: reputavaõ-ſe 12. de luz, e 12. de trèvas, o que Dechales reprovou pela neceſſaria incerteza que admitiaõ. (26) Hora Civil he a que nòs admittimos conpondo-ſe com 24. deſtas, pelo que Joaõ Noviomago chamou à hora, meya onça do dia. (27)

(26) *Dechales Mũdi Mathematici. Tr. 31. propoſitione 1.*

(27) *Joan. Noviomago.*

Eſta hora ainda ſe divide em quadrantes, e cada quadrante he o meſmo que hum quarto de hora. Subdivide-ſe em eſcrupulos, que na opiniaõ de Ptolomeo eraõ dous minutos de hora. (28) Dos Eſcrupulos Judaicos cabiaõ mil e oitenta em cada hora. Tambem em minutos, dos quaes contèm 60. huma hora: os Mathematicos outra vez ſubdividem hum minuto em 60. ſegundos, e o ſegundo em 60. terceiros: Em Momentos tambem; e antiguamente ſe compunha de 40. huma hora; e Beda diz que os Mathematicos dividem cada hum em 60. oſtenſos. (29) Tambem finalmente: em pontos, inſtantes, e àtomos, tudo quazi vale o meſmo; ſempre admitida diminuiçaõ diſcreta nas abreviadas partes daquelle limitado todo.

(28) *Ptolomæus.*

(29) *Beda l. de Temporum ratione.*

CA-

CAPITULO XVI.

De como he convenientiſſimo para o trato da Civilidade, a aplicaçaõ da Orthografía; moſtra-ſe o como ſe deve uſar na loquella, e na eſcrita; aponta-ſe os que houve mais eminentes, e primeiros Inventores; expoem-ſe diverſidade de linguas, e ſeu principio.

NAM baſta certamente a quem curioſo aprende o ſaber no papel eſtampar as letras, conhecerlhe na leitura as figuras, e comprehender das ſommas o algariſmo; mas tambem ſe lhe faz preciſo para a perfeiçaõ da obra, e clareſa do diſcurſo, e expediçaõ da lingua o ſaber Orthografía: pois com ſuas regras, e dictames, quem aprende cabalmente, ſe aprefeiçoa, ſem a nota de dezares na Civilidade politica.

Antiguamente ſe naõ cuidava em tal materia neſſas idades primeiras: porque ſendo a lingua Hebrèa a primeira que ſe ouvio no Mundo, articulada por Adam noſſo Pay primeiro (1) confundida eſta por Deos nas ſetenta e huma familias deſcendentes dos tres filhos de Noè por ſupplicio da ſua culpa (2) ſó em Heber quarto Neto de Noè, eſta ficou obſervada, e nos deſcendentes eſtabalecida; donde veyo o chamarem-ſe Hebreos de Hèber (3) e logo entaõ veyo a ficar o Mundo com ſetenta e dous idiomas, ou ſetenta e duas linguas diverſas (4) iſto he a Hebrèa que jà diſſemos, e as ſetenta e huma das jà mencionadas familias differen-

(1) *Aponenſis, & alii, quos refert Gaſpar dos Reis Franco in Camp. Elyſ. jucundar. quaſt. c. 55. n. 14. & 15.*

(2) *Geneſ. 2. 7. Geneſ. 2. 10.*

(3) *D. Auguſt. de Civit. Dei l. 16. cap. 11. & l. 18. cap. 39.*

(4) *Genebrard. in chronolog.*

tes todas, e todas por regioens diverſas muy commummente tratadas. (5) Ainda a lingua Hebrèa, que diſſemos, ſupoſto que entre todas mais antigua querem muitos, ſe dividiſſe com Chaldaica, Syriaca, Egypcia, e Phrigia.

(5) *Gen. d. c. 10. 5. & c. 11. 8.*

Se o uſo da lingua materna em qualquer naçaõ he abſolutamente natural, ſem ſer enſinada, nem por principios de Orthografía, para ſua perfeyçaõ completa, aprendida, he entre muitos Philoſofos antiguos celebre queſtaõ; ſendo os mais quem tem a parte negativa. Antes de hum anno naõ fallaõ os Meninos, porque atè alí naõ eſtaõ diſpoſtos para ouvir diſtinctamente (6) e ſe alguns antes de tempo fallàraõ (7) foy milagre, ou foy portento. (8) Pſameticho Rey do Egypto o quiz obſervar curioſo, entregando dous meninos a hum Paſtor, para no mato os criar de ſorte, que naõ ouviſſem fallar peſſoa alguma, para ver o que fallavaõ: e reconduſidos depois de paſſados tempos, e contados annos, ſó diſſeraõ, Bec, ſendo voz que tinhaõ ouvido ao gado naquella montanha. (9) E em 30. meninos fez tambem eſta meſma experiencia o Gram Mogor, e nada fallàraõ (10) do que Fontacha veyo a entender, que ainda que o fallar ſeja natural do homem, ha de ſer aprendendo o que ha de articular (11) e Ariſtoteles veyo a inferir que hum homem por naſcimento ſurdo, ha de tambem ſer neceſſariamente mudo; porque naõ ouvindo, naõ póde ter a percepçaõ

(6) *com Ariſtotel. Mexia na Silva l. 1. c. 36 ante med.*

(7) *Plin. l. 11. c. 15. Late Franco in cãp. Eiyſ. q. 55. Appendix Marian. Scoti. an. 1117. Sophron Prat. Spirit. Camoens luziad. cant. 4. eſt. 3. Maiol. colloq. 4. ad fin.*

(8) *D. Auguſt. de civit. Dei l. 3. c. 31.*

(9) *D. Auguſt. de quant. animar. c. 18. tom. 1.*

(10) *Franco ſuper n. 24. ex Sennerto & Drexel.*

(11) *Fontacha Late luminari 2. cap. de auribus.*

do

do enſino (12) nem por conſequencia ſe pode inſtruhir nas regras da Orthografía, que no ler, e eſcrever devia obſervar para o trato commum da civilidade politica.

(12) *Ariſtotel Hiſtor. de animal.*

A Orthografía nenhuma outra couſa he, ſe naõ huma arte de eſcrever com certeſa, as vozes ſem erro articuladas, pondo as letras devidas à direita pronunciaçaõ, ſendo eſta huma voz de huma, ou muitas ſylabas, a qual ſe chama voz articulada, porque ſendo ouvida, ſe eſcreve na fórma que ſe entende; e aſſim ſe diſtingue da voz confuſa, a qual naõ repreſenta mais que hum ſimples ſom. Compoſtas pois, e unidas as letras, ficaõ ſylabas, e juntas eſtas, ficaõ diçoens, a que os Filoſofos chamaõ *termos*, e ultimamente ſe compoem clauſula, ou periodo, que conſta de varias oraçoens aſſinaladas com virgulas, pontos, ſinaes admirantes, e interrogantes, parenthezis, notas, e acentos, de tal modo que naõ he menos perfeiçaõ da Orthografía a congrua pontuaçaõ, do que o fallar, ler, e eſcrever com certeſa, que naõ poſſa ſer dos politicos criticada.

As letras, diſſeraõ os Antigos, que tiveraõ denominaçaõ de Legiteræ, que para com os Latinos quer dizer, alivio de caminho para ſaber ler; outros querem que ſe deduza de Linio, que ſegundo os Gramaticos ſignifica manchar, ou de Litura que ſignifica borraõ, reſpectivamente aos ſinaes pretos com que ſe eſcreve; ſendo certo que conforme as linguas, ou ſaõ mais, ou menos as letras, con-

forme ſuas pronuncias, ou modos de explicar; para o que os Hebreos ſe valèraõ de vinte e duas, imitando-os os Caldeos, e Sirios, ſupoſto que com diverſas figuras; e nòs com os Latinos uſamos de vinte e tres em o noſſo Alfabeto.

He pois certamente a Orthografía a baze fundamental de todas as ſciencias, pois ſem aquella nenhuma deſtas ſe pòde perfeitamente adquirir. Quintiliano o affirmou (13) cauſa porque ſendo o Filoſofo taõ ſciente, cuidou muito de enſinar eſta arte ao grande Alexandre, e os Romanos a julgavaõ por huma das mais importantes às Reſpublicas, e neſta materia foraõ eminentes.

(13) *Quintil. lib. 1. Inſt. orat.*

Julio Cezar, famozo Emperador, naõ prezado menos da penna, que da eſpada, eſcreveo ſabiamente muitos livros da Etymologia das palavras. O Emperador Auguſto Cezar ſeu ſobrinho foy à ſua imitaçaõ neſta arte peritiſſimo, e della fez taõ grande apreço, que privou de Officio a hum legado Conſular ſó por diviſar hum erro de Orthografía em huma carta que lhe eſcreveo. O Emperador Tiberio Cezar eſcreveo ſobre a Orthografía, à qual para mayor perfeiçaõ accreſcentou algumas letras, moſtrando quanto a eſtimava. O Emperador Carlo Magno, Varaõ doutiſſimo, e muy perito nas linguas, Hebrea, Grega, e Latina, ſe occupou em eſcrever, e reduzir à arte periodos de outras linguas. Marco Varraõ, homem doutiſſimo compoz livros da Analogia neceſſa-

ria

ria para o bem eſcrever; e o famoſo Orador Marco Meſſála Corvino por muitos principios illuſtre, eſcreveo hum particular Tratado ſobre cada hũa das letras do Alfabeto.

CAPITULO XVII.

Moſtra por obſervaçoens clariſſimas, que entre as mais linguas eſtrangeiras, a lingua Portugueza de que neſte Reyno uſaõ os Politicos, he no expreſſivo a mais excellente, na pronuncia a mais admiravel, e na copia a mais peregrina.

MUITO antigo he em os Eſcritores ſublimar com applauſos relevantes as excellencias, e perfeiçoens, cada hum da lingua materna com que foy educado naquelle Reyno, ou Cidade em que foy naſcido, materia em que ſubtís engenhos eſcrevèaõ jà muitos vo lumes, e aſſim ſem que ſeja intento meu fazer aqui odioza eſta acçaõ, pois que ſou Portugues por naſcimento, e nelle a famoſa Corte de Lisboa, minha Patria, naõ me parece dou aos Criticos motivo de cenſura, quando ſó laconicamente neſte abreviado capitulo intento moſtrar as perfeiçoens, excellencias, e relevantes applauſos da Luſitanica Lingua, e Portuguez Idioma.

Tanto que Deos caſtigou o Mundo com o diluvio univerſal em o tempo de Noè; e o Gigante Nembrot, neto de Cam, intentando atrevidamente reſiſtir à Divina Omnipotencia, e no meſmo tempo celebrar ſeu nome em o Mundo, quiz dar fim à conſtruc-

çaõ

çaõ, e fabrica da ſoberba torre de Babel, em
(1) *Geneſ. ubi ſupr.* que aſſima fallamos (1) ſe achou logo entre todos os Opifices das 21. familias, tal confuzaõ de linguas, que nenhum ſe entendia, ſimboliſando Babel eſſa meſma confuſaõ
(2) *Septuag. Interpr.* (2) e aſſim diſperſos por varias partes do Mundo, e participando a ſua deſcendencia tanta variedade de linguas, aportou em Heſpanha Tubal filho de Japhet, e Neto de Noè, adonde foy Setubal a primeira povoaçaõ que fundou, materia que em outro capitulo, no ſeu lugar trataremos.

Com o decurſo do tempo ſe povoou Portugal, e toda Heſpanha deſta gente na deſcendencia propagada, fallando a lingua Heſpanhola, como querem muitos Autores, mas na formalidade que tiveſſe eſta, com diſſonancia aſſentem, entendendo que na occurrencia dos tempos participarà vocabulos de outras naçoens que vieraõ, como foraõ os Gregos, Romanos, Latinos, e Godos. Dos Gregos que em companhia de Hercules, na Heſpanha ſe eſtabeleceraõ, quando Hercules a veyo governar; dos companheiros de Ulyſſes que fundou, e povoou Lisboa, razaõ porque no Latino Idioma he Ulyſſipo; ou de Luzo companheiro principal de Bacco que a fundara, cauſa porque ſe appellida Luſitania, ſe he que Li-
(3) *Variant AA.* zias o naõ fez (3) participàmos os vocabulos, que com corruptèlla entre nòs ſe uſavaõ, atè que dos ultimos Romanos que neſte Paìz eſtiveraõ, tomamos parte de alguns vocabulos

cabulos Latinos, com que defecada alguma materialidade de mal pulidos idiomas, ficou a lingua Portugueza mais excellente, e hoje purificada de todo por peritiſſimos Orthogràfos, dimittidas pelos politicos algumas pronuncias antiguas: a que entre os diſcretos com civilidade ſe pratìca, parece ſer entre as das mais naçoens do Mundo com juſtiſſima cauſa, eſtimada.

Antiguamente ſe fallava entre as Naçoens do Mundo com mais generalidade, que todas, a lingua Grega: ſendo com excellencia grande mais que todas eſtimada pela copia das palavras, abundancia de frazes, e graça no dizer, que com ſuperioridade à Latina lhe reconheceo Quintiliano (4) por mais que Cicero o refutàſſe conſiderando na Latina a arrogancia, e a brevidade com que ſe explica. (5) Mas he de advertir, que cõſervando-ſe atè o cattiveiro de Babylonia anteriormente a lingua Hebrèa, e logo miſturando-ſe com a Chaldea, deſtas ſe aperfeiçoou depois a Grega; e vindo finalmente os Romanos a Portugal, nos participàraõ a lingua Latina em muita parte, e pela congruencia, e connexaõ que tinha com a noſſa, ficou eſta com aquella aperfeiçoada, e limada, contendo em ſi as cinco excellencias requeſitas na mais prefeita lingua; quais ſaõ, eſcrever o que falla, ſer boa na pronuncia, ſer copioſa de palavras, ſer apta para qualquer eſtylo de compor, e o ſer em alguns vocabulos taõ breve, que chega a exceder à

(4) *Quintil. l.* 12 *cap.* 10.

(5) *Cicero l.* 1. *de finibus. Macrob. in Saturn. l.* 2. *cap.* 2.

lingua

lingna Latina. Haja viſta à linguage de todas as mais Naçoens do Mundo, e digaõ-me qual he, a que cabalmente tem todas eſtas cinco excellencias? E quando outra naõ tivera a lingua Portugueza, baſtavalhe por timbre a aptidaõ, que logra para fallar todas as mais linguas, naõ tendo eſtas para expreſſar vocabulos Portuguezes, tal aptidaõ. (6)

(6) *Experient. magiſtra.*

Reconhecem todas as linguas eſtrangeiras que a lingua Latina he entre todas a mais exellente; o que ſe comprova pela univerſalidade, com que entre todas as Naçoens he eſtimada, e tratada: logo ſe a lingua Portugueza politica, he a que com a Latina tem mais propriedade, e ſemelhança, ſendo tambem a que por todas as quatro partes do Mundo com o mayor credito ſe extendeo; ſegue-ſe que entre as linguas eſtrangeiras, pela imitaçaõ da Latina he naõ menos excellente que eſta a Portugueza.

A menor deſta Propoſiçaõ praticamente aprovo: leyaõ os Latinos, e leyaõ os Portuguezes a ſeguinte proza de Manoel Severim de Faria noſſo Eſcritor, que me parece ſe naõ haõ de nella equivocar, pois em ambas as linguas ſe pòde ler.

O quam glorioſas memorias publico, conſiderando, quanto vales nobiliſſima Lingua Luſitana, cum tua facundia exceſſivamente nos provocas, excitas, inflammas: quàm altas victorias procúras, quàm celebres triumphos ſperas, quàm excellentes fabricas fundas, quàm perverſas furias caſtigas,

tigas, quam ferozes inſolencias rigoſamente domas, manifeſtando de proza, de metro, tantas elegancias Latinas. (7)

(7) *Emmanuel Severim de Faria in tom.*

Veja-ſe, e lea-ſe eſte Soneto de Jozè Barrozo de Almeyda, em ambas as linguas juntamente. (8)

(8) *Jozè Barroz de Alm. em louvor do Commentador, commentou em Portug. as Georgicas de Virgilio.*

Cantando-te per modos eminentes,
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excuſando ſtàs muſas humanas,
Quantò a Divino ſtylo differentes.
De Phebo ſpera tu palmas florentes,
De cujo ſolo, ò bella Aurora manas,
Ante confuzas nubes Virgilianas
Manifeſtando luzes refulgentes.
Eternamente docta, Phenix rara,
Viva feliz, per modos peregrinos
Mantuanas reliquias renovando;
A cuja gloria es Luſitania clara
Mantua, dando ſtylos tam divinos,
Patenope memorias conſervando.

Que foſſe a lingua Portugueza reſpeitada em todas as quatro partes do Mundo naõ ſó Europa, mas Azia, Africa, e America o teſtificaõ os infinitos Imperios, Reynos, e Naçoens que pagàraõ a Portugal tributo, e em ſeu lugar o prometo moſtrar aos curioſos expreſſado; naõ ſendo tambem pequena gloria para a Igreja Romana a eſpiritual conquiſta que ao meſmo tempo fez a Igreja Luſitana. (9)

(9) *Leyaõ nos Chron. Luſitanos que diffuſamente o eſcrevèraõ.*

Que aos Portuguezes ſeja ſua lingua taõ propria como a Latina, e eſta taõ natural

como a propria ſe tem viſto repetidas vezes em caſos de facto acontecidos, que corroboraõ o meu dizer, pois ſe faz memoria de crianſas que humas de poucos mezes, e outras de poucos annos, fallàraõ, e entẽdiaõ Latim naturalmente ſem lho enſinarem. Leaõſe os Autores, que à marge aponto. (10)

(10) *Manoel de Faria e Souza no Epitome das hiſtor. Portuguez. Franciſco de Monſaõ no Eſpelho de Princip. Chriſtaõ. Dom Manoel de Guſmaõ no Epitome do Emper Carlos V nota os Heſpanhoes.*

Ultimamente: ſe o louvor dos eſtranhos faz prova mais efficàz, ſejaõ os noſſos poucos affeiçoados, e famozos Caſtelhanos o celebrado Poeta Lopo da Vega Carpio (11) e o famoſo Miguel de Cervantes (12) q̃ admitindo aquelle na lingua Portugueza ſuperioridade ainda à Latina, e Toſcana, eſte a poem com a Heſpanhola em competencias.

(11) *Lopo da Vega Carpio na ſua deſcriçaõ da Tapada de Villa Viçoza.*

(12) *Mig. de Cervant. nas Excelenc. de Valença.*

CAPITULO XVIII.

Como os Pays deſde a puericia devem coſtumar, e criar ſeus filhos com a moderaçaõ devida, e ſem exceſſos no comer, bèber, e dormir. Apontaõ-ſe com ſucceſſos muy notaveis, as perniciozas conſequencias que do contrario ſe ſeguem.

A Conſervaçaõ da vida humana he nos racionaes individuos de Direito natural, e Divino, e ſendo os filhos pedaços da Alma de ſeus pays, muitas vezes acontece que os pays (ſem querer) concorrem para a perdiçaõ da Alma, e vida de ſeus filhos, pois repreſentandoſelhe util o que he deſneceſſario, e verificando-ſe o Axioma Filoſofico que (1) ninguem appetece o mal como mal, ſe naõ debaxo da razaõ de bom, em muitas occaſioens eſſe bem que entre mimos, e delicias

(1) *Ita Philoſoph. cum Ariſtol.*

para

para a ſua nutriçaõ,e creſcimento lhe conciderao bom, ſe converte com deterioridade ſua em grande mal.

Bem conheço que ſem comer, beber, e dormir ninguem pòde naturalmente viver, mas he certo que ſe neſtas acçoens humanas faltar a ſobriedade, fica ſendo à creatura muy nocivo; e ſe os pays elevados no amor dos filhos ſem parcimonia os criaõ, ficaõ para ſempre mal coſtumados, e vicioſos, diviſando-ſe irremediaveis os erros que da ſua mà creaçaõ lhe provieraõ, ſe depois com o conhecimento intellectual naõ os emmendàraõ.

Naõ ignoro que ſem iſto, ſó por força de genio, e inclinaçaõ do vicio muitas creaturas no Mundo ſe dezordenàraõ, mas he certo que indagada ſua creaçaõ primeira,em os mais, deſta haõ de proceder os vicioſos erros com que ſe achaõ preocupados, tendo no comer, beber, e dormir mil demaſias, ou affectadas com luxo, e delicia nos que ſaõ por naſcimento Senhores, do que muitos o prezumem ſem o ſer, pelo dinheiro que tem, ou procuradas por vicio, e loucura nos que ſaõ com effeito humildes, e pobres.

Em os Hiſtoriadores antigos, e modernos, em as letras Divinas, e profanas encontro com a curioſidade da leitura,caſos notabiliſſimos de mil exceſſos na materia,por diverſos, e extravagantes modos, de que refirirei alguns para confuzaõ dos vicioſos, e recreaçaõ dos que o naõ forem.

He bem ſabido que Ezaù pela gula vendeo o ſeu morgado reputando-o por bem pouco. (2) He bem notorio que o avarento rico, deſejava ſer todo bocas para melhor ſe fartar. (3) He bem conſtante a ſuperflua, e louca demaſia de Aſſuero, Heliogabalo, e Nabuchonozor todos perdularios, e perdidos pelo exceſſo dos ſeus banquetes. O Imperador Caligula gaſtou unicamente em banquetes a opulencia de riquiſſimos thezouros. (4) O Imperador Vitelio que em hum ſó banquete de iguarias exquiſitas pelo ſeu apetite gaſtou dez mil cruzados. (5) Cleopatra Rainha do Egypto em ſó outro que deu a Marco Antonio, gaſtou quazi quinhentos mil cruzados. (6) Clodio Ezopo deu hum prato avaliado em 600. ſeſtercios, que cada hum ao menos tinha dez mil reis. (7) Metridates Rey de Ponto foy taõ diſſoluto no comer, e beber, que prometia premios a quem o excedeſſe, ou igualaſſe, e naõ ſe achou no Mũdo quem lhe levaſſe ventajem. (8) Galba Imperador fez em ſua vida mais guerra às cozinhas, q̃ às Naçoens eſtrangeiras (9) Xerxes Rey de Perſia indo a Grecia com hũ Exercito poderoſo ſó com premios aos cozinheiros, moſtrou liberalidades, e acçoens de Principe (10) e finalmẽte Gathia Rainha de Siria foy taõ deſatinada em a gula, que perdendo a gala, mandou botar bando na ſua Corte, que com penna de morte natural ninguem fizeſſe banquete a amigos, ou parentes ſem primeiro a ella convidarem. (11) Luculo

(2) *Geneſ.*

(3) *S. Math.*

(4) *Textor T. de Guloſ. Divn.*

(5) *Nicetus in vitel.*

(6) *Plin. l. 9. c 35.*

(7) *Cardozo, de Moneta.*

(8) *Appiano.*

(9) *Flavio Vop.*

(10) *Virgil.*

(11) *Laertio.*

Luculo por fantaſtica deu a Pompeo, e Cicero huma cea avaliada em mil duzentos e ſincoenta eſcudos de ouro. (12) Azinio cujas obras condiziaõ com o nome, appeteceo comer hum Barbo (pexe bem rediculo) porque o naõ havia, e pagou por elle a quem o deſcobrio, duzentos eſcudos de ouro. (13) Demetrio Principe, gaſtava todos os annos as ſuas rendas em vinho, e varios comeres com a gente mais baxa, e vil da ſua Corte. (14) Quartorupo de Moravia ſintio mais huma ruina que experimentou a ſua adega, do que ſe perdeſſe os ſeus dominios. (15) Celio riquiſſimo tudo vendeo, e gaſtou em vinho, e ſuperfluos comeres. (16) Filoſſeno quiz excogitar modo com effeito com que tiveſſe peſcoço de Grou, para mais tempo eſtar goſtando o que comia (17) acçaõ em que com diligencia muitos no Mundo o imitàraõ.

(12) *Plutarco.*

(13) *Plutarco.*

(14) *Zeuclo.*

(15) *Silvio hiſt.*

(16) *Virgil.*

(17) *Clearco.*

Se de mais peſſoas neſta materia viciоſas quiſermos fazer mençaõ, acharemos hum Domicio Afro, que naõ tinha coraçaõ para ſe levantar da menza, ficando nella couſa de comer, que era muito (18) hum Clodio Albino, que comeo em huma manhãa quinhentos figos, cem peſſegos, dez melloens, vinte arrates de uvas, quarenta oſtras, e cem tordos. (19) Milon de Crotona comeo de huma vez junto vinte e dous grandes pezos de carne, outros tantos paens, e tres quartas, ou vaſilhas de vinho. (20) Theogenes de huma vez comeo hum javalì, hum carneiro,

(18) *Ericlides.*

(19) *apud Aſtolfo.*

(20) *Theodoro.*

hum

hum grande leitaõ, cem paens, e bebeo hum odre de vinho. (21) Infinitos foraõ outros em o numero; deixemolos, pois he vergonhoſa a materia, e faz contra o meu intento muy prolixa a hiſtoria, ainda que por ſer couſa de comer, a alguns ſeja de goſto. Pouco menos he a quantidade de peſſoas em que os hiſtoriadores fallaõ, que no dormir ſem horas, nem limitado tempo, foraõ mui viciosas e exceſſivas; * tambem naõ as deſpertemos do ſeu ſono, e ſó vejamos os ultimos effeitos que deſtes vicios, talves que muitas vezes occaſionados da mà criaçaõ que muitas peſſoas por mimo, e culpa de ſeus pays tiveraõ, lhe rezultàraõ.

(21) *apud Macedo.*

* *De hoc lege Paulo Maria Maſſini, e muitos outros Authores que niſto fallaõ.*

Valentiniano Imperador perdeo a vida arrebentandolhe interiormente huma vea pelo exceſſo com que huma vez comera, e bebera. (22) A Septimio Severo Imperador reſultou da meſma cauſa ter dores taõ activas que lhe tiràraõ a vida. (23) Childerico de Saxonia pelo exceſſo de huma cea, amanheceo morto. (24) Niſſeo tiranno de Siracuſſa por ſemelhante principio cahio morto de repente. (25) Tarquinio Priſco querendo naõ perder huma groſſa eſpinha de peixe que goſtava, morreo afogado com ella. (26) Archezilao tanto bebeo, que ſe achou morto (27) e finalmente ſendo na materia os ſuceſſos infinitos, ſobejavaõ para exemplo os que continuamente eſtamos vendo, diante dos noſſos olhos no meſmo Chriſtianiſmo; pois em huns por mà criaçaõ (como diſſemos)

(22) *apud Aſtolf.*

(23) *Seſto Aurelio.*

(24) *Gregor. Turonenſe.*

(25) *Tomás Fac.*

(26) *Fulgozo.*

(27) *Ermippo.*

diſſemos) outros por luxo, e vangloria, outros por moda, e capricho, e muitos ſó por vicio, com eſtes exceſſos taõ peccaminoſos perdem a vida por colicas, eſtupores, poplexias, parlezias, e outras enfermidades ſemelhantes, que no ſentir de Ariſtoteles, Hipocrates, Galeno, e Avicena provèm daquelles principios; e o mais he a laſtimoſa perdiçaõ das ſuas Almas.

CAPITULO XIX.

De como os Pays devem coſtumar ſeus filhos deſde ſua adoleſcencia em o honeſto modo de trajar, e veſtir, conforme a qualidade das peſſoas. Expoem-ſe o coſtume que em diverſas Naçoens do Mundo ſe praticou. Quem foraõ ſeus primeiros Inventores. Abomina-ſe o luxo, e declaraõ-ſe as perniciosas conſequẽcias, que do contrario ſe ſeguem.

POR mais que Chriſto em ſua doutrina Santa aos homens encomende naõ ſejaõ ſolicitos dos veſtidos com que haõ de compor ſeu corpo (1) naõ he poſſivel fiarem da altiſſima providencia de Deos, que os attenda; porque com o mayor diſvelo os vejo tratar tanto do ſeu adorno, e ornato; e ſem conciderar que noſſos primeiros pays quando jà no eſtado da culpa ſe achàraõ nûs, logo com gala de verdura ſe veſtiraõ (2) os ſeus filhos com multiplicadas culpas ficaõ, quando com tanta verdura, e profanidade de veſtidos ſe adornaõ, ſendo eſtes indicativo certo de que alli ha vicios; pois como S. Bernardo affirma: naõ ſe daria ao corpo taõ precioſo culto

(1) *S. Math.*

(2) *Geneſ. 3.7.*

culto das galas, ſe ao animo ſe déſſe cultura das virtudes. (3)

(3) *S. Bernardus in Apolog.*

A materia de que a noſſos primeiros pays cortou Deos a gala primeira, foy de lã, ou de pelles de animaes com que os veſtio (4) e deſta ſorte em os ſucceſſivos ſete ſeculos continuàraõ veſtidos de pelles em o Mundo, ſupoſto Lucrecio o duvidou, ou o naõ entendeo aſſim (5) e ſó paſſado eſte tempo, Noema ſexta neta de Adam, por ſeu filho Caim, inventou o lanificio (6) e tambem da meſma materia veſtidos. (7) Logo muitas mulheres neſte exercicio a imitàraõ; e foy eſte o miniſterio em cuja occupaçaõ louva o Eſpirito Santo huma mulher perfeita. (8) Neſte tempo em que o luxo (talvez que por falta de meyos) ainda naõ ſe conhecia, naõ haveria modas, pois lendo, e buſcando curioſamente os antigos Eſcritores, naõ achei que formalidade aquelles veſtidos tiveſſem.

(4) *Geneſ.* 3. 21. *Abulenſis in cap.* 3. *Geneſ.*

(5) *Lucretius l.* 5.

(6) *Floſcul. hiſtor. p.* 1. *c.* 1.

(7) *Benedict. Fernand. in Geneſ. Sect.* 19. *n.* 7.

(8) *Proverb.* 13. 19.

Depois do diluvio (diz Berozo) que Titea, a que outros chamàraõ Veſta, mulher de Noè, a qual foy na curioſidade eminente, enſinou a fiar (9) e a tecer as mulheres deſte novo Múdo. (10) Suppoſto Juſtino eſcreve, q̃ os Athenienſes foraõ os primeiros q̃ uſáraõ de lavrar a lã, dando algum feitio aos veſtidos (11) e a opiniaõ entre todas mais ſeguida, tem a Minerva por authora, pois exiſtio muitos annos antes, que ſe fundaſſe Athenas. Os Povos de Phenicia, diz Poliodoro, foraõ os primeiros que uſáraõ trazer veſtidos

(9) *Berozo l.* 3. *de Flor. Chaldaic.*

(10) *Matute na Prozap. de Chriſtidad.* 2. *cap.* 1.

(11) *Juſtin. l.* 2.

veſtidos de lã; ou pelo de animaes (12) o que nos ſeus deſcendentes ſe perpetuou, e com a continuaçaõ do tempo em diverſas Naçoens do Mundo ſe eſpecialiſáraõ modos em o veſtir, pela idèa dos inventores.

(12) *Poliodoro. V. l. 3.*

Os Celtas uſavaõ de roupas atè o giolho com o feitio quaſi de tunicela. (13) Os Romanos uſavaõ de hum veſtido a que chamavaõ Laticlavo, inventado pelos habitadores das Ilhas Balleares, os quaes foraõ os primeiros que uſáraõ pôr, ou trazer certo modo de guarniçaõ à roda das mãos. (14) Julio Cezar a uſou, e foy no Mundo o primeiro que trouxe huns cravos bordados, porque intertextos na veſte de que uſava, a que deu o nome de tunica palmata clavicata. (15)

(13) *Plin.*

(14) *Suetonio Tranquilo.*

(15) *Idem Suet. Tranquil.*

A primeira que inventou fazer, e trazer ſaya foy Tanaquil, Rainha de Roma antiquiſſima, para ſua compoſtura. (16) A fórma de capa inventàraõ primeiro os Gregos. O veſtido a que chamavaõ Dalmatica, que naõ era muito larga, mas comprida, foy invento dos povos de Dalmacia (17) e os Gregos inventàraõ outro que uſáraõ muitos ſeculos quaſi com o meſmo feitio, porèm mais largo que a Dalmatica, e com mangas muito largas; como tambem inventàraõ, e uſaraõ de outra fórma de veſtido, a que chamavaõ Mantian, donde vem a palavra Mantèlo, ou Mantelum, que ſe entende por huma capa pequena (18) eſta ainda hoje ſe reputa pelo veſtido mais grave, que ſe pratica nas Cortes.

(16) *Solino Servio Suet. Tranq.*

(17) *Plinio.*

(18) *Celio. Plin. Suet. Tranq.*

Os Macedonios, e Gregos uſáraõ de outros diverſos veſtidos, que inventàraõ; mas para hum, e outro ſexo tinhaõ por veſtidos mais graves, e honeſtos humas roupas largas atè o chaõ com mangas pouco largas (como hoje em as ſenhoras Portuguezas he a melhor moda,) e ſe entaõ ſe diſtinguiaõ porque as mulheres lhe punhaõ certa guarniçaõ pela fimbria, e os homens as traſiaõ com hum cinto apertadas; eſte meſmo uſo tiveraõ os Romanos, e dizem alguns que deſte traje foraõ elles em diverſos tempos os inventores. (19) Para os Militares inventàraõ tambem os Gregos, e uſáraõ os Macedonios hum veſtido curto chamado Chlamyde, e outro chamado Leva, que he o meſmo que cotta, ou ſaya de malha. (20)

(19) *Berozo. Juſtino. Polliodar.*

(20) *Poliod.*

Os Francezes antiguamente inventàraõ hum certo veſtido a que chamavaõ Bragas, cuja fórma ſuponho ſer a dos calçoens, ou ſiroulas que hoje ſe pratica variada. Os de Phrygia que habitavaõ no monte Yda, foraõ os inventores de fazer roupas, veſtiduras, e meyas de agulha. Os Hetruſcos, e Toſcanos uſávaõ antiguamente de trazer capotes feitos deſta ſorte. Os de Sidonia, deſpois que Arachne donzela de Lydia inventou o uſo do linho (21) foraõ os primeiros que praticàraõ, e uſáraõ os Sindones, a que chamamos hoje lençoes, e lenços. O uſo dos manguitos de peles, ou forrados dellas foy invento dos Inglezes (22) os Schytas o praticàraõ muito (23) e os Romanos o prin-

(21) *Plinio l. 7.*

(22) *Polliod. V. na hiſtor. de Inglat.*

(23) *Ouvid l. 3. de Triſtibus*

principiàraõ a uſar em o tempo de Nero Imperador para deffença do frio, fazendo-os das peles mais mimoſas, móda que ainda hoje vejo praticada. (24) As luvas inventàraõ os Gregos, e Chaldeos, para ſó as uſarem os Sacerdotes dos ſeus Deoſes; e hoje por taõ ridiculadas que andaõ por mãos de todos, ſaõ os Sacerdotes do verdadeiro Deos os menos que as trazem.

(24) *Seneca in Epiſtol.*

Tambem ſe uſava antiguamente outra qualidade de veſtidos com que hoje rariſſimas peſſoas ſe acomodaõ, ſendo a móda que mais deviaõ uſar, a eſtes ſe chamava cilicio, tecido de ſedas aſperas de animaes, ou de cabelos de cabra com fio dobrado, do que foraõ primeiros invèntores os de Cilicia, donde ſe lhe deriva aquelle nome (25) entaõ cobriaõ os Gentios ſuas coſtas, e peito deſtas veſtes, hoje as peſſoas Catholicas com a mayor profanidade deſcobrem por móda o peito, entrando aſſim atè nos Templos de ſeu Deos, e apennas cobrem as coſtas; entaõ achavaõ os Gentios lhe fazia conta, e ainda era util para a deffença dos inimigos do corpo o trazelo veſtido de cilicio atè a cintura, hoje fazem que naõ entendem os Chriſtãos, nem lhe faz conta o trazer ao menos quatro dedos de cilicio na cintura de ſeu corpo, ſendolhe taõ util para a deffença dos inimigos da Alma; e ſe os Iſraelitas, e Ninivitas para conſeguir, e merecer darlhe Deos o perdaõ das ſuas culpas ſe veſtiraõ de cilicio, lançando cinza ſobre

(25) *Varro o teſtifica.*

(26) *Danielis* as ſuas cabeças (26) erradiſſimamente entendem que o haõ de merecer, e conſeguir os que botando tantos pòs em a cabeça talvez naõ os tendo para a boca, e veſtindo cambrayas, e ollandas por cilicio, talvez que à cuſta de outrem, preſumem de ſer Catholicos.

A JESU Chriſto noſſo Redemptor fez Maria ſua Mãy Santiſſima, quando o educava huma tunica inconſutil de lã branca, inteiriça, e feita com agulha por ſuas Virginaes mãos; veſtio eſta a ſeu amoroſo Filho quando teve ſinco annos de idade, pois ſó atè eſte tempo trouxe camiſa de linho pouco fino, e ſe concerva huma por precioſa Reliquia na Igreja de Santa Maria Mayor em a Cidade de Roma. (27) Concervou Chriſto aquella tunica toda a ſua adoleſcencia, creſcendo a meſma tunica com o corpo (28) atè que os Judeos lha deſpiraõ, e deſpedaçàraõ taõ tiranamente; ſobre eſte como cilicio da tunica inconſutil uſou Chriſto ſó de outra tunica atè os pès, e de hum manto, ou capa tudo de lã, como praticàvaõ os Paleſtinos Orientaes, os Farizeos, e os Hebreos, tendo a eſtes Deos determinado que os ſeus veſtidos foſſem de huma ſó materia, ou todos de lã, ou de linho todos. (29)

(27) *Joaõ Tiepoli tr. 5. fol. 29. Lorenço Macelli l. 5. cap. 26.*

(28) *Maſſini, e Maſelli.*

(29) *Numer. c. 15. num. 11.*

Com eſte honeſtiſſimo modo de veſtir foy educado Chriſto em ſua adoleſcencia por Maria ſua Mãy Santiſſima, e por Jozè ſeu putativo Pay; e ſupoſto eraõ por ſanguinidade deſcendentes da Real familia de David,

vid, naõ ſe deſpreſando Jozè do Officio de pobre Carpinteiro, ou tambem Ferreiro, como alguns Authores dizem (30) quizeraõ que aquelles, os quaes de Chriſto Chriſtãos ſe appellidaõ, ao meſmo Chriſto imitaſſem: cuidem pois os Pays em coſtumar ſeus filhos deſde ſua adoleſcencia ao honeſto, e parco modo de veſtir para que naõ ſe demaziem depois com a ſuperfluidade do luxo, pois ſaõ as galas invento, e redes do Diabo. (31)

(30) *Baron. Pedro à Natal. Alapide.*

(31) *S. Ambroſ. S. Aug. S. Bern. D. Jozè de Barzia Zambrana. Deſp P. Manoel Bernardes Floreſt.*

Pernicioſas ſaõ por mil principios as conſequencias que do contrario ſe ſeguem; pois querendo o filho do Carpenteiro, Ferreiro, ou qualquer homem mecanico, ou pobre, tratarſe com boas cabeleiras, ollandas, pannos finos, ſedas, e tiſſús, ſe poem em perigos de furtar, deſpreſando a ſeus pays; e ſuas filhas, que como aquelles querem andar, e nas galas, e biſarrias deſde o bico do pè tè à cabeça, a todas as peſſoas nobres, e ricas que tem póſſes, querem exceder, ſe expoem ao perigo de ultrajar a ſua honra, e fama, para conſervar o luxo, e biſarria, fazendo-ſe alvo infeliz da murmuraçaõ de todos. Em fim conheça-ſe cada hum, evite o luxo, corte o ſuperfluo, viſta como póde, traje como Chriſtaõ, e pague como deve.

CA-

CAPITULO XX.

De como em os que naſcèraõ Principes, e Senhores para diſtinçaõ da Peſſoa, e eſplendor da Mageſtade póde ſem vicioſa cenſura, ſer admitido o exceſſo em as gallas, a riqueza, e precióſidade nos veſtidos.

EM toda a materia (entende o vulgo) naõ ha regra ſem excepçaõ, e eu lhe quero fazer o goſto admitindo-a jà neſta materia. Em o Capitulo precedente fallámos na ſuperfluidade dos veſtidos, e luxo em o Mundo praticado com módas, e diverſidade de coſtumes; ſuppoſto daqui ſe origina a deſtruiçaõ de muitas cazas, e ſe tinha viſto no Mundo ruina de inteiras Monarquias, naõ obſtante ſerem os Principes eſpelho de ſeus vaſſallos, e naõ terem mayor obrigaçaõ de ſer, e parecer Catholicos os vaſſallos, do que os Principes, he racionavel, e juſto que pois em o poſterior naſcimẽto ha deſſemelhança, tambem em o tratamento da peſſoa haja real differença.

Bem ſey que alguns com eſcrupuloſa critica me quereràõ dizer, que todos os filhos de Adam naſcemos nùs; e que naõ ſaõ de materia diverſa, todos os que de Adam exiſtem filhos, pelo que ſe em os vaſſallos todo o luxo de gallas, e veſtidos he arguido, em os Principes, que nos devem dar exemplo deſde ſua adoleſcencia, devia mais ſer toda a ſuperfluidade, e luxo das galas reprovado; quanto mais que os Principes naõ

ſe

ſe conſtituem taes pelos veſtidos, mas ſim pelo naſcimento, ou caracter, e aſſim como os Sacerdotes immediatos pela regalia ao Principe, ou ſejaõ Eccleſiaſticos, ou Regulares ſe diſtinguem pela Coroa, e veſtes compridas atè os pès, deſſemelhando-ſe ſó nas cores, como antiguamente (diſſemos) ſe praticava, mas ſem precioſidade, ou luxo; aſſim os Principes ſem luxo, e precioſidade de veſtidos ſe poderiaõ bem tratar, e muito bem conhecer.

Reſpondo que naõ reputo louvavel aos Principes exceſſos, e demaſias occaſionadas pelo luxo, de ſorte que hajaõ de dar nota, e mao exemplo aos vaſſallos; e ſupoſto eſtes, e aquelles igualmente naſcèraõ nùs, moſtrando que de hum ſó Adam exiſtem filhos, vejo que quando Deos creou Principe a Adam logo de todas as irracionaes Creaturas, que ſó immediatamente houve no Mundo, em que lhe deu dominio (1) o diverſificou; e na veſte o diſtinguio, e finalmente como Principe que era, foy em o naſcimento Adam a todos os mais deſſemelhante. (2)

(1) *Dominamini piſcibus maris, & volatilibus Cæli. Geneſ.*

(2) *Geneſ.*

Ainda nas meſmas irracionaes, e vegetativas Creaturas parece que a Providencia do Creador Divino admitio ſe reconheceſſe excellencia com diſtinçaõ; quiz naſceſſe o Leaõ, e ſe cubriſſe o ſeu corpo com mayor gadelha, diſtinguindo-ſe entre os animais no poder, e fortaleſa, e diviſandoſelhe na cabeça a fórma de huma Coroa, porque na Républica das Feras havia exiſtir Principe.

Quiz

Quiz naceſſe a Aguia com diſtinçaõ na mageſtade de ſeu corpo, e ornato da Coroa que na cabeça lhe formaõ ſuas pennas, porque na Republica das Aves havia a Aguia ſer Rainha. Quiz que o Giraſol ſe acreditaſſe flor gigante por força de naſcimento, e nelle ſe divizaſſe huma dourada Coroa, porque na Republica das Plantas lograva o Principado. Quiz que a Roza ſe reveſtiſe de purpura, ſe adornaſſe de gala, e em ſi ſe viſſe a mais mimoſa fragrancia, porque na Republica das Flores havia a Roza ſer Rainha. Quiz que o Cedro com a mayor mageſtade dilataſſe o copado de ſeus ramos, e ſe diſtinguiſſe na pompa, e creſcimento aos mais lenhos, porque ſe havia reconhecer Principe em a Republica das Arvores; e finalmente ainda admitindo o Creador Divino algũa diſtinçaõ nos particulares, aos animaes veſtio de differentes cores, às aves de diverſas pennas, às plantas de deſſemelhantes folhas, às flores de deſiguais tintas; a tudo (ſem culpa) conſentio Deos diverſidade para fermoſura do Mundo; e aos Principes (ſem vicio) deve o Mundo conſentir diſtinçaõ na pompa ſem grande exceſſo, conciderando niſſo gloria accidental do meſmo Deos, que lho permite.

Nos Principes julgou Seneca conveniente veſtirem com eſplendor por decoro da Mageſtade (3) e com razaõ certamente; porque ſe os Principes como homens dos outros ſe naõ diſtinguem; juſto he que como

(3) *Senec. l. 1. Palat. Rub. in Rub. de denot §. 11. n. 10.*

mo Principes, dos que o naõ saõ, se differencem, pois naõ ha Ley Divina, nem politica humana que permita ao humilde igualar no traje ao illustre, nem conceda ao illustre imitar ao Principe em as galas. Os Romanos quando senhoreàraõ o Mundo, o determinàraõ assim por Ley expressa, assinalando com distinçaõ os vestidos, conforme as qualidades. Aristoteles louvou em Alexandre o tratarse com preciosas galas mostrando que era Rey (4) e nosso famoso Rey o Senhor Dom Manoel todos os dias (sem excesso) vestia alguma peça nova (5) pelo que sendo licito só ao Principe as ricas galas, deve sempre se he Catholico, evitar nellas o vicioso excesso, attendendo o parecer de Augusto Cezar com virtudes moraes Principe Gentio, o qual dizia: que o excesso demasiado nas galas era bandeira da soberba, e ninho da luxuria. (6)

(4) *Aristot. in princ. Epist. ad Alexandr. in lib de Rhetor.*

(5) *Damiaõ de Goes na Chron. del Rey D. Manoel p.4 cap.84.*

(6) *Sueton. in vita Augusti cap.73.*

Para os Principes só propriamente se destinàraõ no Mundo os vestidos preciosos, merecedores de estimaçaõ pelo colorado, e pelo rico. Foy a Purpura achada pela Ninfa Tiros por diligencia de Hercules (7) e em Roma só se permitia o uso della aos Senadores, e Magistrados, com tanta reputaçaõ que em tempo do Emperador Augusto Cezar custava hum arratel de purpura em tinta cem dinheiros, ou dez escudos de ouro Hespanhoes. Ao Emperador de Constantinopla Juliano se deu por mimo condu-

(7) *Pollux lib. 1. de Verb. ad Commod. Imper.*

ſido da India a ſemente dos bichos da ſeda, para que deſtes extrahida, pudeſſe fabricar-
(8) *Procopio Grego.* ſe para ſi huma gala rica. (8)

Principiaría muito antes em outras partes o uſo da ſeda, pois Solino, Servio, Plinio, e Virgilio lhe aponta diverſos naſcimen-
(9) *Plinius l. 7.* tos (9) huns dizem foy achada a ſeda pelos Seres, Povos de Scythia, outros que nos
(10) *Virg. Georgic.* de Ethiopia (10) outros que pelos da Ilha de Coa, de cuja materia ſe faziaõ entaõ para os Principes as veſtiduras bombiſſinas; Pamphilia filha de Platis inventou o modo
(11) *Ariſtotel. lib. de animalib. Plinius lib. 2.* de fiar, ou tirar, e tecer a ſeda (11) e o primeiro que de ſeda ſe veſtio foy o Empera-
(12) *Lampridius.* dor Antonio Heliogabalo (12) teve a ſeda tal eſtimaçaõ dos Principes, que no tempo do Emperador Aureliano cuſtava huma li-
(13) *Vopiſco.* bra, ou arratel de ſeda outro de ouro (13) depois ſe fabricàraõ em Damaſco ſedas a que ſe deu eſte nome, outra de lã, e ſeda, que ſe inventàraõ em Flandres, ao que ſe ſeguìraõ varios inventos de tafetàs, ſetins, veludos, ſendo ultimamente Italia, e França ſingulariſadas neſta obra com mais inventos.

Ainda ſó para os Principes, e Senadores Romanos havia mais diverſidade de veſtidos pois naõ fallando em a Toga, havia outro veſtido precioſo chamado Bulla de ouro para os Infantes; e tunica Senatoria, que era hum veſtido ſem mangas, que traſiaõ os Principes, e Senadores ſobre a carne,

aſſim

assim como usaõ hoje das camizas, a roupa Real, a que tambem chamàraõ Toga, ou veste undalata, parecida com o chamalote que hoje ha, foy invento de Caya Cecilia chamada por outro nome Tanaquil (14) e Servio Tulo Rey de Roma foy quem primeiro o usou. Os Babilonicos inventàraõ meter diversidade de cores em as teas de lã, e seda que servissem para vestidos dos seus Principes (15) e Attalo Rey de Azia inventou o tecer fio de ouro com a seda. (16) Ultimamente para que ainda as mesmas paredes dos Palacios em que habitaõ os Reys estivessem muy ricamente vestidas, os antigos lhe inventàraõ tapeçarias precioſas, pois como Servio escreve, se achàraõ as primeiras no Palacio delRey Attalo de Azia, quando o Povo Romano a quem deixou por herdeiro, chegou a hir tomar posse (17) tudo conduſia ao externo esplendor, e distinçaõ da Magestade.

(14) *Plin l.8.*

(15) *Marcial.*

(16) *Plinius l.8. & lib. 33.*

(17) *Servius lib.3 Georgic.*

Estas ricas vestes permitidas sem excesso aos Principes ainda na sua educaçaõ, tambem saõ permitidas às Princezas, e Senhoras grandes, mas naõ ao commum das mulheres; a estas em a Naçaõ Romana, donde se vio o governo mais acertado, prohibia a Ley Oppia trazerem vestidos de cores, e pôrem em si mais de meya onça de ouro. (18) O Emperador Heliogabalo lhe deputou lugar como Senado, adonde consultassem que vestido, e calçado haviaõ de usar, e se lhe ha-

(18) *Valer. Maxim.lib.9.c.1.n.5.*

via conceder,ou prohibir,conforme o naſcimento de cada huma. (19) Para o adorno das Senhoras, e boa eleiçaõ de galas, eſcreveo Cleopatra Rainha do Egypto hum curioſo livro, aquelle perdeo-ſe, e eſte acabouſe.

(19) *Maxia l.2. c. 29.*

LIVRO SEGUNDO

Da Vida Eſpiritual.

CAPITULO I.

De como para qualquer eſtado que hajaõ de tomar, e ter os filhos, ou ſejaõ Principes, ou nobres, ou mecanicos, ou plebeos, devem os Pays inclinalos logo em o principio ao caminho das virtudes; moſtrando-lhe que he raiz de toda a Santa humildade.

POUCO importa à racional Creatura que naſceo com a luz da Fé em o gremio da Igreja o dizer que he Catholica, ſe pela falta da boa educaçaõ, obrando mal, o contradiz; porque ſe nas trèvas do Gentiliſmo cego, ſe faziaõ venerados os que nas virtudes moraes mais reſplandeciaõ; muito melhor para com Deos ſe fazem attendidos os que com o leite das eſpirituaes virtudes ſaõ criados.

Capacitado pois o Catholico (como diſſemos) nos primeiros rudimentos da Fé, tenha o ſer que Deos em o naſcimento lhe permitiſſe, ſiga depois qualquer rumo, a que o leme do ſeu entendimento, e vontade o inclinar, ſempre para o exercicio das virtudes, por inſtrucçaõ paterna deve propender;

der; e como ſem alicerce naõ ha ſolido edificio, deve ſer a virtude da humildade o ſeu mais ſolido fundamento.

Pelo Evangeliſta S. Matheus nos manda Chriſto aprender eſta virtude (1) Maria Santiſſima Máy de Chriſto a praticou, e por ella tanto mereceo (2) todos os mais Heroes Santos de hum, e outro Teſtamento felizmente os imitàraõ, fazendo-ſe por eſte principio muito illuſtres, ainda diverſificando-ſe na fortuna do naſcimento; porque ſe quem mais ſe humilha, mais ſe exalta; (3) e naõ ha mayor nobreſa que a virtude, (4) pela da humildade fica mais ſuperiormente engrandecido, aquelle que eſtà nella mais fundado.

(1) *Math.* 11.20.

(2) *Luca* 1.48.

(3) *S. Math.*

(4) *S. Gregor. P. in lib. Moral.*

Dous generos de humildade ſe pratìca haver no Mundo, huma herdada, outra adquirida: aquella ſe diſtingue nos grandes, e nos pequenos: eſta ſe differença nos malignos, e nos virtuoſos; tratando pois ſó deſtes quando fallo da Humildade Virtude, digo novamente que ha duas humildades, huma do entendimento, e a outra da vontade; mas ſendo jà eſta muy excellente virtude, pois nas acçoens Fiſicas, e Moraes exemplarmente ſe exercita, aquella ſem duvida he mais ſublime, porque muito remontada ſe eleva.

He a humildade do entendimento hum conceito baxo que de ſi propria faz a Creatura, procedido, e gerado da verdade que penetramos de noſſas miſerias, e defeitos; e quanto

e quanto mais he eſte conceito pelo entendimento elevado, tanto mayor he o da vileſa que de nòs formamos. Huma, e outra humildade he dom ſobrenatural, que como hum grande peſo inclina o coraçaõ a buſcar o centro do ſeu nada, e o lugar mais infimo a baxo das Creaturas. (5)

(5) *S. Bernard. Ser. 42. in Cant.*

Pergunta o Doutor Angelico ſe deve o homem ſogeitarſe a todos pela humildade? E fazendo diſtinçaõ ao que o homem tem de ſi, que ſaõ ſó deffeitos, e miſerias; e ao que tem de Deos; que he tudo o que toca à perfeiçaõ, e ſalvaçaõ, diſſolve a duvida, reſpondendo: que pelo que o homem tem de Deos naõ requer forçoſamente a humildade que ſe ſogeite aos outros, pelo que tambem elles de Deos tiverem; mas que pelo que o homem tem de homem, deve ſogeitarſe humilhado a qualquer outro homem, pelo que eſte homem tiver de Deos. (6)

(6) *S. Thom. 2. 2. quæſt. 161. art. 3.*

Com eſta, e deſta ſorte florecèraõ infinitas Creaturas de hum, e outro ſexo, ſeguindo no Mundo a vida eſpiritual; e ſendo impoſſivel referir as acçoens, e nomes de todas, o naõ ſerà expôr alguns por exemplares. O S. Rey David em muitos lugares de ſeus Pſalmos ſe confeſſa o mais humilde de todas as Creaturas (7) e ficou com mayor luſtre ſua Regia Coroa. S. Paulo por humilde, ſe reputou pelo peccador mayor dos que Chriſto veyo ſalvar (8) e ficou no Apoſtolado com o mayor credito. Franciſco meu Patriarca Santo, ſe reconheceo o mais

(7) *Pſalm. repet.*

(8) *1. Thimot. 1. 15.*

mais vil de quantas Creaturas humildes no Mundo havia (9) e nem poriſſo (como foy revelado ao V. Fr. Rufino) deixou de ſe lhe preparar no Ceo entre os Seraſins huma excelça Cadeira, que perdeo Lucifer por ſoberbo. (10) S. Vicente Ferreira tanto ſe humilhou, que ſe conciderava o mais fétido, e aſqueroſo pelas ſuas culpas, e miſerias (11) e mais era Varaõ taõ Santo, que ſe acclamou Anjo do Apocalypſe.

(9) *Cornejo tom. 1. liv. 2. cap. 23.*

(10) *Cornejo ibi Roboledo na Chron. lib. 1. c. 29.*

(11) *P. Andreas Ferrer. na vida do Santo l. 2 cap. 2.*

Naõ quero individuar mais exemplares; e em huma ſó palavra digo tudo: que entaõ foraõ os Santos mayores Santos, quando à imitaçaõ de Chriſto mais ſe abatèraõ, e humilhàraõ; pois he a Santa humildade em todo o Sacro Imperio de Chriſto a melhor joya, e entre todas as Religioens Sagradas, a melhor prenda com que o que preſumir de mais Catholico ſe ha de ennobrecer; e ſe a humildade que os Santos tinhaõ naõ parava na do entendimento que elles aprendèraõ de ſi meſmos mediante a luz ordinaria, mas paſſava tambem à da vontade, que aprendèraõ, e participàraõ de Chriſto mediante a luz extraordinaria, ſem alli envolver erro, que toque à parte intellectiva (12) cuidem os peccadores com todos os affectos do ſeu entendimento, e vontade a aprender, e eſtimar eſta virtude da humildade Santa, que Chriſto como Meſtre taõ Divino lhe moſtrarà ſem embaraços grandes o caminho porque ſe haõ de ſalvar, naõ lhe fazendo obſtaculo qualquer vida activa em que ſe exercite,

(12) *Diogo Alveres da Paz. t. 2. de Inquiſ. pacis. p. 3. l. 4. cap. 5.*

exercite, para que deixe ſempre de ſeguir ao meſmo tempo a vida eſpiritual, em que he muy ajuſtado buſcar ſolido director.

Se neſta virtude eſpecial da Santa humildade quizerem os diſcretos cultivar mais o ſeu diſcurço, alèm de muitos livros modernos em que ſaõ dignamente eſtimaveis todas as obras eſpirituaes do P. Manoel Bernardes, P. Manoel Conciencia, P. Fr. Manoel de Deos, e outros, leyaõ as prodigioſas Vidas de Santa Thereza de JESUS, e do meu S. Pedro de Alcantara ſeu director, em que acharàõ dictames ſolidos da humildade; a Vida de Dona Marina de Eſcobar, que a Deos atribuhia o claro conhecimento de ſeu humilde ſer, e em fim muitos outros tem; e de Padres acharà eſta ſingular virtude tratada, e bem eſcrita por S. Agoſtinho, S. Gregorio M. S. Bernardo, S. Thomàs, S. Anſelmo, S. Dorotheo Archimandrita, S. Bazilio, S. Joaõ Climaco, S. Diadoco Biſpo, Caſſiodoro, e outros muitos. (13)

(13) *P. Bernard. Exercic. Spirit. Flor. &c.*
P. M. Concienc.
P. Fr. Man. de Deos. Obras, e vida de S. Thereza, e vida de S. Pedro de Alcant.
P. Pinto Ramires na vida da V. Marin. de Eſcobar p. 2. e 3.
D. Aug. lib. Moral. & ſerm.
D. Gregor. l. 9. Moral.
D. Bernard. Opera & ſerm. de grad. humilit.
D. Thom. 2. 2. q. 161.
D. Anſelm. lib. de ſimilitud. Cap. 100.
D. Doroth. Arch. doctr. 2. de humilitate.
D. Bazil. de abdic.
S. Joan. Clim. grad. 25.
S. Diad. de perf. cap. 95.
Caſſiodor. Colat. 11.

CAPITULO II.

De como os Pays deſde a adoleſcencia devem perſuadir, e preciſar ſeus filhos à recta obſervancia da Ley Divina, e ſeus dictames, moſtrandolhe o quanto (eſpiritual, e temporalmente) lhe he conveniente. Apontaõ-ſe para exemplo noſſo, varios caſtigos do Ceo cahidos em os erros da Gentilidade, por falta da obſervancia de ſuas meſmas Leys, dadas pelos ſeus falços Dèoſes.

EM amar a Deos, e ao proximo conſiſte toda a formalidade da Ley Divina (1) e ſendo eſte Sagrado jugo taõ ſuave, e ſua carga taõ leve (2) quem deixarà de obſervar com goſto os dez dictames em que a meſma Ley ſe individùa, ſe com diſcurſo claro, e luz da Fé ſe capacita em que eſpiritual, e temporalmente nella tem conveniencia; que como eſta arraſta os animos dos homens, ſeja embora tambem eſta quem os precize.

(1) *Fides orthodoxa cum com. PP. & Theolog.*

(2) *S. Math.*

He tal a Providencia, e Piedade de Deos, que em todos os ſeus preceitos attende ao noſſo bem, e utilidade propria eſpiritual, moral, temporal, e civil. Diz Chriſto no I. mandamento da ſua Ley: que o amem: neſta recta obſervancia ſe accreditaõ os homens politicos, e attentos, naõ ſendo ingratos, conhecendo o quanto devem a Deos que os criou, conſerva, vivifica, e ſuſtenta, moſtrando tambem de ſeu amor os quilates em ſe humanar, dar pelos homens a vida (3) e deixarſelhe Sacramentado para ſempre com elles aſſiſtir no Mundo, em quanto eſte durar (4) havendo dar-

(3) *Simbol Fidei, & S. S Evangeliſt.*

(4) *Joan.*

lhe

lhe em fim no Ceo a ſua Gloria com o tal merecimento. Em o II. lhe determina :que naõ jurem ; ainda que Deos o naõ mandàra, conforme a civilidade politica, nenhum homem devia tal fazer, naõ ſó porque he moſtrar ter a ſua peſſoa pouco credito no que diz, e que poderàõ naõ o crer ſe naõ jurar ; mas porque he offender em diverſos modos o reſpeito da peſſoa com quem falla, faltando à corteſia.

No Mandamento III. em que Chriſto diz que naõ trabalhem os Domingos, e dias Santos, moſtra tambem o amor que tem aos homens ; porque dandolhe ſeis dias para trabalhar, lhe ſolicita naquelles o ſeu deſcanço para o corpo, e lhe facilita mil bens eſpirituaes para ſua Alma, querendo com eſpecialidade neſſes dias communicarſe mais com elles na aſſiſtencia dos Santos Sacrificios, e frequentaçaõ dos Sacramentos, como nos mais exercicios Santos, permitindolhe tambem que tenhaõ honeſtos, e licitos alivios para o corpo. No IV. Mandamento lhe manda honrar os Pays ; iſto naõ ſó he taõ ſuave,que a meſma natureza o inclina, e ainda nos Gentios, e barbaros por natural deſtino (ſem haver ley que conheçaõ) ſe pratica; mas porque neſta acçaõ, àlem de ſer politica, e racional, ſe deſcobrem, e experimentaõ temporaes conveniencias.

Manda Chriſto em o V. Mandamento naõ matar : e ſendo iſto de Direito natural, nos evita Chriſto como amante o mayor

perigo para a Alma, e corpo; porque ſe quem vay a dar ſe arriſca a levar, e quem vay a matar ſe expoem ao perigo de ſer morto, perdendo algum a vida, e mais a Alma em tal conflicto, claro fica que deſta acçaõ prohibida reſulta aos homens a mayor utilidade. Em o Mandamento VI. da Ley prohibe Chriſto aos homens as laſcivias, dandolhe niſto tambem utilidade; porque ſe conforme a opiniaõ dos antigos, e modernos Autores da Medicina, eſte vicio perjudica a ſaude, diminue as forças, e encurta as vidas (5) abſtendo-ſe os homens, tem naturalmente mais vida, forças, e ſaude para ſervirem a Deos, e para ſe ſervirem a ſi ſem o padecimento de eſpirituaes, e corporaes enfermidades.

(5) *Ariſtot. Galen. Avicen. Hipocr. & com. DD. Med.*

No VII. Mandamento determina Chriſto: que naõ furtem; e niſto em que aos homens ſe podia repreſentar utilidade, tem a mayor deſconveniencia (naõ obedecendo;) por que naõ ficando nunca ſeu o que naõ he proprio, ou tem neſte Mundo de o reſtituhir, ou no outro tem de o pagar; àlem diſto ſe quem furta uſurpa os bens alheos, e às vezes ſe lhe faz preciſo tirar vidas, mal pòde fazer que ſe concervem preſervados os ſeus bens, pondo-ſe a tiro de o privarem caſual, e ainda afrontoſamente da vida propria.

Manda Chriſto no VIII. Mandamento: que naõ levantem falços teſtemunhos: iſto ſegura aos homens naõ ſe tratarem com falſidades;

ſidades; e he huma das principaes acçoens de mayor politica, fundada em o Direito das gentes, pois eſta ſó ſe preza de honrar a todos, e naõ dezacreditar algum. Em o IX. Mandamento determina: naõ dezejem a mulher do ſeu proximo; niſto acode Deos pela honra dos homens; e tendolhe no Sacramento do Matrimonio deixado remedio para a ſenſualidade, naõ podia deixar de ſer acçaõ baixa, e vil intentarem os homens com diſcredito o que he alheyo, quando com credito, e honra (do modo aſſima dito) o pòdem tambem ter proprio. No X. e ultimo Mandamento determina Chriſto: que naõ cobiçem as couſas alheas. Niſto ſolicita para os homens o melhor ſocego do ſeu animo, querendo viva cada hum contente com os bens que tem, e Deos lhe deu; porque naõ ſendo correlativo o cobiçar, e poſſuhir, he fatuidade entenderem que haõ de poſſuhir o que com cubiça ſe expozerem a deſejar.

Naõ tinhaõ certamente tal ſuavidade, e utilidade tanta as infinitas Leys que aos homens antiguamente puzeraõ ſuas fabuloſas, e fementidas Deidades, mas pela falta de obſervancia, ou de reſpeito, permitio Deos Altiſſimo para exemplo noſſo experimentaſſem do Ceo caſtigos, e ſentiſſem fatalidades.

Anthioco Rey de Azia, e de Aſſiria quando tomou à força de armas Jeruſalem, e deſpojou com inſolencia o Templo do Senhor,

nhor, abrazou os Livros das Eſcrituras Sagradas, e Ley Divina, e dedicou ao ſerviço de Jupiter Olimpico os paramentos Sacerdotaes; mas logo experimentou de Deos caſtigos em huma grande enfermidade, na qual corrompendo-ſe o ſeu corpo, e enchendo-ſe de aſqueroſos bichos, o deixàraõ ao dezemparo ſeus parentes, amigos, e vaſſalos todos, vindo Antiocho a deſpedaçarſe a ſi, e morrer dezeſperado. (6)

(6) *Lib. Machab.*

Seleuco Rey de Soria mandando em outra occaſiaõ deſpojar por Eliodoro o meſmo Templo de Deos em Jeruſalem, querendo-ſe eſte moſtrar mais obſervante da Ley humana que da Divina, entrando naquella empreza, foy graviſſimamente caſtigado por dous Anjos. (7) Cambiſſes Rey da Perſia, capital inimigo de tudo o que foſſe Religiaõ, e obſervancia de Ley ainda que Gentilica, vendo no Egypto eſtar ſacrificando hum boy ao Deos Api, dezembainhando a eſpada lhe deu por deſprezo huma cutilada em a perna; mas dahi a pouco montando acavalo, meteo, ſem querer, pela ſua perna propria a meſma eſpada, e perdeu muito a ſeu pezar a vida. (8)

(7) *Joſef. Hebreo à hiſtor. dos Machab.*

(8) *Herodoto.*

Heliogabalo Emperador querendo preciſar a huma das Virgens Veſtaes a que (naõ obſtante a inviolavel Ley que obſervava) ſe deixaſſe libidinoſamente profanar, valendo-ſe aquella de huma eſtatua da Deoza Pallas, mandou lançar no fogo a eſtatua mais a Virgem, entrando logo a diſſipar tudo

tudo o que foſſe Religiaõ, e Leys que os Romanos obſervaõ; mas teve o deſeſtrado fim de ſer apunhaladas morto, e tambem em outro ſemelhante fogo ſeu cadaver abrazado. (9)

(9) *Suetonio.*

O Emperador Commodo a tempo que os Sacerdotes em obſervancia da ſua Ley eſtavaõ huma vez fazendo Sacrificio à Deoſa Izide, os moleſtou com deſpreſo vilipendiando os ſeus meſmos ritos; mas mereceo tal odio dos ſeus proprios vaſſalos, que matando-o a punhaladas eſtando em o leito, lançàraõ ſeu corpo em o rio Tevere, deſpreſado. (10)

(10) *Suetonio.*

O Emperador Nero entrando a ultrajar as Leys, e ritos de ſeus Deoſes, como tambem tudo que foſſe Religiaõ, fazendo hũa acçaõ de deſpreſo à Eſtatua da Deoſa Siriaca, foy por todo o Senado Romano depoſto do Imperio, e fugindo por temer lhe deſſem morte affrontaſa, foy elle dezeſperado, de ſi proprio homicida. Nos Hiſtoriadores antigos acharàõ os curioſos infinitos ſuceſſos ſemelhantes; eu me ſatisfaço de propor ſó eſtes por exemplar aos Catholicos, para que na conſideraçaõ de acontecimentos ſemelhantes obſervados em os que naõ guardàraõ as Leys, nem reſpeitàraõ os Templos de ſeus falços Deoſes, cuidem muito em venerar do verdadeiro Deos os Sagrados Templos, e em obſervar à riſca os mandamentos todos da ſua Sagrada Ley. Se na materia os diſcretos quizerem mais noti-

cia

Sabelius. *Georgio Scolare.* *Coſimo Bartholi.*

cia leyaõ ao menos Sabelio, Georgio Scolare, e Coſimo Bartholi ne' ſuoi diſcorſi hiſtoric.

CAPITULO III.

De como ſe devem preſar muito de honrar a Religiaõ Chriſtã com eſpecialidade os que ſe accreditaõ Catholicos, experimentando por iſſo na vida eſpiritual, e temporal grande conveniencia. Apontaõ-ſe peregrinas acçoens de Principes, e grandes Senhores, que felizmente o obſervàraõ.

A Religiaõ Chriſtã que todos ſabem foy por JESU Chriſto noſſo Redentor inſtituhida, e pelos Sagrados Apoſtolos propagada, quando por preceito de ſeu Divino Meſtre ſahìraõ pelo mundo a prègar a Evangelica Doutrina (1) he a unica, e verdadeira Religiaõ que haõde, e devem ſeguir todos os que ſe pertenderem ſalvar. Bem he verdade ſe naõ acha dilatada eſta por todos os Imperios, Reynos, e Naçoens do Mundo; mas cumprida a palavra Divina, virà ſem duvida tempo em que no Mundo naõ haja mais que hum ſó Paſtor, e hum ſó rebanho (2) ſendo tudo Chriſtianiſmo pelo Vigario de Chriſto apaſcentado.

(1) *S. Math.*

(2) *S. Math.*

Lactancio ponderando a eſſencia da Religiaõ Chriſtã, conſidera que o Catholico por natural inclinaçaõ a deve, e appetece honrar (3) pois Deos nos criou para o amar, e ſervir, ſendo eſta por Divina inſinuaçaõ (como das Sagradas letras conſta) a vonta-

(3) *Lactantius de Ira Dei.*

de

de do Senhor (4) e nos dezeja ſempre a ſi unidos com eſtreito vinculo de amor, e caridade; e Cicero fallando genericamente deſta palavra Religiaõ, diz ſe deriva deſta outra palavra Relegere, entendendo por ella os que relèm, ou trataõ com zelo, e honra às couſas que pertenciaõ aos Sacrificios dos Deoſes, os quaes jà antiguamente ſe appellidavaõ Religioſos. (5)

(4) *Deuteron. cap. 6.*

(5) *Cicero lib. 2. de natura Deorum.*

Os Egypcios, a quem Herodoto, e Eſtrabo daõ neſtas acçoens a primaſia (6) ainda que Diodoro, e Homero ſejaõ de opiniaõ contraria (7) ſe diz que foraõ famoſos por affectivos; mas os Ethiopes de quem Homero fallou, chegàraõ a receber eſpeciaes favores de ſeus Deoſes a quem honravaõ com extremo, e nunca alguem os pode vencer, nem conquiſtar.

(6) *Herodoto l. 2. Eſtrabo. l. 17. Geogr.*

(7) *Diodor l. 1. & 4. Homero in Iliad.*

Jà no tempo da Ley eſcrita ſendo reconhecido, e venerado o verdadeiro Deos, foraõ Aram, e Mouſès em o zelo, e honra da Religiaõ eminentiſſimos, tendo-o ſido Enoch, e Elias muito aſſinalados; e imitando-os neſta taõ glorioſa acçaõ outros Patriarcas, e Varoens Santiſſimos, de cujos eſclarecidos nomes as letras Divinas, e humanas daõ ſolida noticia, deixàraõ feliz exemplar aos Catholicos, e naõ menos aos ſeus Principes, dos quaes honrando a Religiaõ Chriſtã, e prezando-ſe diſto muito, foſſem exemplo a ſeus vaſſalos, reconhecendo huns, e outros por experiencia as conveniencias eſpirituaes, e temporaes, que lhe reſultavaõ.

O famoſo Emperador Conſtantino Magno, cujo renome mereceo por ſuas inclitas virtudes, tanto honrou a Religiaõ Chriſtã, que ſendolhe dadas no Concilio Calcedonenſe culpas de alguns Sacerdotes por eſcrito, naõ as quiz ler, e as queimou, lembrado ſerem Miniſtros de Deos, a quem o meſmo Senhor honràra. (8)

(8) *Sabelins. lib. 9. Decad. 7.*

O Emperador Theodozio querendo ſahir com Eugenio, e Arbaſte em batalha, naõ confiou tanto de ſuas valeroſas armas, quanto do Divino poder, e occupando o primeiro dia em oraçaõ, e exercicios da Religiaõ Chriſtã, naõ ſó reconheceo conveniencias eſpirituaes, mas temporaes, pois conſeguio por ajuda de Deos huma glorioſiſſima vitoria. (9)

(9) *Sabelius.*

O famoſo Carlos Magno por honra, e credito da Religiaõ Chriſtã naõ temendo os incomodos occaſionados pela inclemencia do tempo, ſubio duas vezes em peſſoa à aſpereſa dos montes Alpes, huma em deffença de Adriano Papa invadido por Deziderio Rey dos Longobardos; e outra em ſocorro do Pontifice Leaõ III. a quem queria expelir o povo Romano ſublevado. (10)

(10) *In ejus vita & Chron.*

Clodoveo Rey de França, a quem converteo Clotilde ſua mulher Catholica, filha de Gundebaldo Rey de Borgonha, e foy baptizado por S. Remigio Biſpo de Rems, teve a dita de lhe aparecer do Ceo huma candida Pomba, trazendo oleo Santo para o ungirem entaõ verdadeiro Rey, e aos Monarcas

narcas ſeus ſucceſſores, accreditando-o Deos eſpiritual, e temporalmente por honrar a Religiaõ Chriſtã. (11)

(11) *Hiſtor. de França.*

Fernando Rey de Caſtella chamado o Catholico experimentou grandes mercès de Deos peleijando valeroſamente pela exaltaçaõ da Fé em honra da Religiaõ Chriſtã. O meſmo fizeraõ Pelagio, Alfonço II. o caſto, e Alfonço VIII. tambem Rey de Caſtella (12) e ſe por eſtas, e outras heroicas proeſas feitas em deffença da Igreja, e honra da Religiaõ conſeguiraõ aquelles Monarcas o titulo de Reys Catholicos, que concervaõ, tambem Pipino Rey de França acudindo ao Pontifice Eſtevaõ por honra da Religiaõ Chriſtã quando Aiſtulfo Rey dos Longobardos com violencia de poderoſas armas a perſeguia, mereceo para ſi, e ſeus futuros ſucceſſores o titulo de Reys Chriſtianiſſimos.

(12) *Juan Botero*

Ivo Rey de Inglaterra proſperou com o mayor exceſſo no ſeu Reyno a Religiaõ Chriſtã, em que ditoſamente, e com fortunas grandes floreceo; e naõ ſó fez o ſeu Reyno feudatario à Igreja, mas determinou que às familias principaes daquella Monarquia ſe ſingularizaſſem neſta acçaõ. Edelwulfo tambem Rey de Inglaterra em tempo do Papa Leaõ IV. foy a Roma peſſoalmente (como Ivo) levar reverente o ſeu tributo: Neſta Catholica acçaõ ElRey Cunton levando immenſos donativos o imitou; e ElRey Joaõ, filho de Richardo em honra da Reli-

giaõ Chriſtã fez feudataria à Igreja em ſetenta libras de ouro cada anno, Bertanha, e Hibernia. (13)

(13) *Aſtolf. com muytos A.A.*

Mas bem reconheço merecer dos meus Nacionaes juſta cenſura, pois ſendo os Monarcas de Portugal, quem com ſingular exceſſo a todas as Naçoens do Mundo honràraõ com ſuſpenſivo credito a Religiaõ Chriſtã, concervando-ſe ſempre eſte Reyno em a pureſa da Fé, ſem hereſia alguma introduſida; ſem vaguear o meu diſcurço, aqui ſó tinha muito que dizer, pois bem ſabia que ſendo todo Portugal, e ſuas Conquiſtas todas antiguamente ſenhoreadas por inimigos da Fé, a impulſo das valeroſas Armas Portuguezas, com cuſto de tanto ſangue, e golpe de tantas vidas, ſe erigio o mayor troféo à Religiaõ Chriſtã, por eſta Naçaõ taõ reſpeitada, e ſempre por Deos favorecida, com o logro de tantas mercès eſpirituaes, e temporaes.

Em o primeiro Rey de Portugal D. Affonço Henriques ſe vio logo verificado o mais actívo zelo, e honra da Religiaõ Chriſtã, ſendo o Campo de Ourique theatro primeiro de ſuas glorias, e todo Portugal hum compendioſo mapa de muy repetidos triunfos, e mereceo lograr eſte inclito Monarca, e ſeu Reyno, eſpiritual, e temporalmente, favores do Ceo taõ relevantes, como adiante veremos. (14)

(14) *Leyaõ a Chronica deſte Rey.*

O famoſo, e notavel Rey de Portugal D. Manoel, cujo ardente, e generoſo peito

ſe

ſe abrazava com zelo da Religiaõ Chriſtã, honrando-a, e dilatando-a na execuçaõ de glorioſos deſignios, e enchendo o Occeano de repetidas armadas, mereceo ſer appellidado Emperador do Oriente, pois a impulſo de ſuas valeroſas armas conquiſtando neſſa India a Goa, Malaca, e Ormús, expelindo, e debelando os inimigos de Chriſto em mar, e terra com miraculoſas batalhas. (15).

(15) *Leyaõ a Chronica deſte Rey*

Mas com que eſtou, ſe intento fugir à extençaõ na eſcrita? Tem os curioſos em as Chronicas de Portugal o aſſumpto deſte capitulo verificado, ſe quizerem ler com admiraçaõ as repetidas Conquiſtas feitas por Monarcas de Portugal, naõ ſó ecclipſando tantas vezes as Luas Ottomanas, mas triunfando do barbariſmo nas quatro partes do Mundo com a mayor honra da Religiaõ Chriſtã, e dilataçaõ da Fé.

Por outro modo naõ menos excellente honràraõ outros excelſos Monarcas Luzitanos (com utilidade eſpiritual) a Religiaõ Chriſtã, naõ ſó mandando repetidas vezes Miſſionarios às ſuas Conquiſtas a enſinar, e inſtruhir na Evangelica doutrina, mas ainda a propagar noſſa Santa Fé, aos que na cegueira do gentiliſmo lhe faltaſſe eſta Divina luz, do que eu em peſſoa poſſo ſer boa teſtemunha, pois a eſta inclita, ainda que ardua empreſa fuy mandado, deixando duas Naçoens de Gentios barbaros, e brabos, jà totalmente ſogeitos, pelo zelo de hum taõ Catholico Rey.

Lar-

Largo campo ſe eſtava agora repreſentando ao meu diſcurſo na ponderaçaõ de infinitas acçoens Catholicas que em honra da Religiaõ Chriſtã tem feito em ſua vida (que por muitos annos a logre) noſſo Auguſtiſſimo Monarca exiſtente o Senhor Rey Dom Joaõ V. jà no reſpeito com que trata os Sacerdotes,naõ conſentindo que algum diante de ſua Regia Peſſoa ajoelhe ; jà no cuidado que tem em que as Religioens ſe reformem; jà no zelo Catholico de que os Moſteiros de Freiras ſe naõ profanem ; jà na inclinaçaõ affectiva , e devoçaõ cordeal aos Altares , e Templos Sagrados , naõ reparando em as mayores deſpezas no culto Divino,ſó para que Deos ſeja com a mayor perfeiçaõ louvado , e com a mayor honra accidentalmente engrandecido,

Bem ſe verificaõ eſtas acçoens de ſeu Catholico zelo , e generoſo animo (entre outras infinitas que naõ repito) na famoziſſima Prociſſaõ de Corpus que inſtituhio, na magnificencia , e Eccleſiaſtica pompa da Santa Igreja Patriarcal que eſtabaleceo , e na ſumptuoſiſſima fabrica doRegio Convento, e Santa Bazilica Mafrenſe que fundou , naõ reparando em mais de quatorze milhoens de deſpeza, * ſendo todo o ſeu intento querer que Deos foſſe com a mais activa perfeiçaõ louvado , e ſua Religiaõ Catholica tiveſſe a mayor honra. Neſta materia fuy eu jà extenſo em outra occaſiaõ , quando fuy mandado eſcrever a funçaõ toda , e ſuas protentoſas

* *Hoje que pela ocupaçaõ em que o A. ſe acha neſte Real Convento , e obſerva a precioſidade e magnificencia que nelle ſe contem , entende que a deſpeza referida talvez ſe duplicou , com o que tem concorrido.*

toſas occurrencias, ſendo eſta a mayor que todo Portugal, e Europa vio na admiravel Sagraçaõ daquelle Templo; e ſe meus eſcritos naõ ſahirem à luz publica, ſatisfaço-me com a inexplicavel honra de ſe acharem por depoſito em mãos Reaes.

CAPITULO IV.

Moſtra, que com actos internos da vida eſpiritual deve indifferentemente qualquer Catholico honrar a Deos, fugindo de o offender com a torpeſa dos vicios. Applicaõ-ſe por ſaudaveis remedios penitencias, e jejuns. Apontaõ-ſe os modos, e inſtitubiçoens que antiguamente ſe praticàraõ.

NAõ conſiſte ſó nas acçoens, e operaçoens externas a eſſencia de hum Catholico perfeito; porque podendo-ſe reputar muitas como virtudes moraes, eſtas ſe diviſávaõ em Gentios, a quem a luz da Fé faltava; mas he precizo ao perfeito Chriſtaõ, que com animo puro, e ſincero ſeja o meſmo que parece, amando interiormente com todos os affectos da ſua Alma a Deos, e cuidando de andar na ſua preſença ſem admittir os vicios, inimigos capitaes da vida eſpiritual.

Bem conheço que a malicia humana, e propria fragilidade mais ſe facilita com propençaõ à vida licencioſa, do que ſe inclina aos apertos de huma eſpiritual vida, appetecendo os alivios mais que as mortificaçoens; porèm he certo por experiencia obſervada que ſe o Chriſtaõ ſe naõ eſquece de ſi, e de Deos ſe lembra, todas as mortificaçoens

ficaçoens por amor de Deos lhe saõ alivio, e todas as laxidoens periculosas à sua Alma, lhe saõ tormento.

Sempre Deos se acha propicio para acudir com sufficientes auxilios ao peccador que despois de qualquer lapso se arrepende; mas quer tambem que o peccador faça de suas culpas penitencia, que se antes de as cometer bastaria a espiritual, mortificando activamente todas as suas paixoens, e sentidos, depois de cahir saõ saudaveis remedios os jejuns, e penitencias, porque precizas para alcançar de Deos misericordia

Para os mesmos Gentios terem propicias suas fabulosas Deidades, e tambem para applacarem a ira de seus Deoses, faziaõ antiguamente, e muitos ainda hoje, penitencias indiziveis; porque os Indios Occidentaes, como consta da Relaçaõ do novo Reino de Granada do anno 1643. costumavaõ fazer hum convite em que se embriagavaõ com excesso, e em obsequio de seus Deoses se nomeava hum, que voluntariamente posto nù em pè entre os de mais, todos às dentadas lhe tiravaõ pedaços de carne, e comendoo assim vivo em quanto a tinha, lhe deixavaõ em fim os ossos esburgados. (1)

(1) *Na Relaçaõ do novo R de Granad. pag.* 107.

Outros barbaros Indianos chamados Bissanaressos costumaõ levar pelas ruas da Cidade todos os annos o principal Idolo de seu Deos, e para lhe darem obzequioso culto com acçoens de penitencia se lançavaõ por terra huns esperando a fortuna de que por

sima

ſima do ſeu corpo paſſem as rodas da triunfante carroça em que vay collocado o Idolo, e outros tem pela mayor fortuna em que abertos forames no ſeu corpo, poſſaõ hir por elles enfiados naquellas cordas (2) entendendo naõ podem fazer mais grato ſacrificio a ſeu Deos.

(2) *Nicoló de Conti.*

Os Abiſſins na Ethiopia que adoraõ por Deos ao ſeu Rey, ſe eſte por algum incidente perde hum olho, ou quebra alguma perna, elles fazem o meſmo voluntariamente a ſi, e quando morre o tal Rey reputado por elles Deos, muitos ſe mataõ a ſi, e os mais ſe envergonhaõ muito de ficar com vida, vendo ſem ella ao ſeu Deos. (3) Os Perſianos, os Scithas, os Pados, os Dragolas, os Giavos, os Ormuzios, os Arabios, e outras muitas Naçoens gentilicas tinhaõ diverſos modos de penitencia para terem benevolos os ſeus Deoſes, modificandolhe a ira, e merecendo ſeus auxilios; huns tinhaõ por ventura enterrarſe vivos nos alicerces em que ſe erigiaõ templos a ſeus Deoſes; outros lançavaõ-ſe vivos no fogo em ſacrificio, outros ſe percepitavaõ nos rios, outros com ferros deſpedaçavaõ as proprias carnes; e finalmente faziaõ outros ſemelhantes deſatinos. (4)

(3) *Luca de Liuda trat. delli Tapuij*

(4) *Ludovico Bartemo. Marco Polo. Menochio. Gaſparo Nuguz. Pietro de la Valle. Juan Botero. Giovani Felic. Aſtolfo.*

Eſtas imprudentiſſimas penitencias naõ aconſelho eu aos Catholicos, ſó para confuſaõ propria lhas proponho, ſervindolhe de eſtimulo o que os Gentios (que tambem eraõ homens) obravaõ, para merecer a gra-

ça benigna de ſeus Deoſes, animando-ſe aſſim com a luz da Fé os que eſtaõ no gremio do Chriſtianiſmo a fazer alguma penitencia por ſuas culpas, pois ſem eſta (como as Letras Sagradas em muitos lugares verificaõ) tem a ſua ſalvaçaõ muito arriſcada, e com ella podem merecer a Divina Graça tendo a Miſericordia de Deos ſempre propicia. (5)

(5) *Jerem. D. Hieron. & com. PP. & DD.*

Entre as penitencias que na Chriſtandade ſe praticaõ, he o jejum huma penitencia ſuave, e ſaudavel. Foy Chriſto para exemplo noſſo o primeiro que na Ley da Graça o inſtituhio, e em ſi proprio o obſervou; à ſua imitaçaõ o fez S. Pedro, e mais Apoſtolos Sagrados; muitos diſcipulos tiveraõ, e a Igreja por determinaçaõ de ſeus Pontifices o eſtabeleceo. (6)

(6) *Math. 26. S. Ignatius M. Epiſt. 8. Origin. hom. 10. in Leviticum. Baron. an. Dom. 57. n. 202.*

O jejum (ſabe o Leytor entendido) que deſde o principio do Mundo, e todo o tempo da meſma Ley da natureza foy, por ſeu modo, praticado. Adam foy o primeiro a quem Deos o poz como preceito, quando da arvore vedada lhe prohibio comeſſe os pomos (7) e S. Ambrozio entende que no ſexto dia da creaçaõ do Mundo foy eſte Divino preceito com univerſalidade intimado (8) ſendo eſte o preceito primeiro que Deos poz em o Mundo, e nos primeiros ſeculos ſe obſervou, de que moſtra o Texto cabal prova em Noè, Mouſés, Elias, e outros muitos: tambem os Ninivitas (9) e dizem ſe chama eſte modo de penitencia

(7) *Geneſ.*

(8) *Ambroſ. in lib. de jejun.*

(9) *Sacra Pag. in mult. loc.*

jejum,

jejum, porque ſegundo Cornelio Celſo tem eſte meſmo nome huma certa tripa que ha no eſtomago, a qual nunca eſtà repleta do alimento que a creatura come, porque ſe o recebe, logo aos inteſtinos o deſtribuhe. (10)

(10) *Cornel. Celſ. lib. 4.*

Mas tornando nòs à Ley da Graça, em cujo tempo falavamos, achamos nos PP. e DD. que dos Apoſtolos proviera o coſtume de jejuar com eſpecialidade as quartas, e ſextas ferias (11) no que Clemente Alexandrino deſcubrio miſterio (12) na Igreja Oriental ſe prohibio o jejuar com eſpecialidade nos Sabbados, e Domingos, que tambem alguns uſavaõ (13) e nos Cannones Apoſtolicos ſe acha a meſma prohibiçaõ, exceptuando ſó Sabbado Santo (14) o fundamento que para iſto houve, foy occaſionado pelas inſolencias de Simaõ Mago, Saturnino, Menandro, Carpocrates, e Baziliades (15) mas como o fogo das ſuas herezias ſe extinguio logo pelos motivos que S. Agoſtinho, e Caſſiano apontaõ, o jejum do Sabado ſe innovou (16) como conſta dos Concilios (17) mas o do Domingo deixou prohido o Papa Teleſphoro, e S. Gregorio Papa fez o meſmo, como tambem Melchiades Papa.

(11) *S. Ignatius Epiſt 8. Origenes Hom. 10. in Leviticum. Tertul. adverſ. Pſycheos c. 14. Baronius an. 57. num. 202.*

(12) *Clem Alex. lib. 7. Stromat.*

(13) *S. Ignat. Ep. 8. Azor Inſtit. Mor. l. 7. c. 26. q. 3.*

(14) *Cannon. 55.*

(15) *S. Epiphanius hereſ. 21. uſque 28.*

(16) *D Auguſt. Ep. ad Caſulanum 86. Caſſian. collat 3. cap. 10.*

(17) *Conc. Eliberinum. Conc. Agathenſe.*

O jejum das quatro Temporas he tradiçaõ dos Apoſtolos, como affirmaõ Calixto I. e Leaõ I. Pontifices Romanos; e tambem o do Advento do Senhor; que o da Quareſma ſabido he foy o meſmo Chriſto quem o

(18) *S. Math.*

(19) *Conc. Cabilonense in Decret.*

(20) *S. Leaõ Papa ſer.* 4.

(21) *S Hyeronim. Epiſt.* 28. *&* 97.

inſtituhio. (18) O jejum das Vigilias dos Santos atribuem huns a S. Gregorio Papa, e outros ao Concilio Cabilonenſe. (19) O jejum do Sabbado admitio a Igreja à honra de N. Senhora; o dos Domingos, e ſegundas innovàraõ os Manicheos (20) e os Farizeos obſervavaõ nas ſegundas, e quintas ferias jejuavaõ. (21) A quem naõ pòde obſervar a formalidade de jejum que a Igreja por determinação dos Concilios pratica, aconſelha Origenes que ao menos jejuem de todo o peccado, não recebão o manjar da malicia, não goſtem as viandas do deleite, nem toquem o vinho da laſcivia.

CAPITULO V.

De algumas virtuoſas acçoens, e exercicios utiliſſimos à vida eſpiritual. Prova-ſe o quanto eſta he eſtimada de Deos, para credito da Religiaõ Chriſtã. Moſtraõ-ſe ſucceſſos infeliciſſimos de Principes que a naõ eſtimàraõ, e a perſeguiraõ.

QUazi infinitos ſaõ os excercicios, e virtuoſiſſimas as acçoens que em ſi contem a vida eſpiritual, principalmente ſendo ajuſtadas à recta razaõ, e norma prudencial de quem as ſaiba dirigir, ſendo de todos o melhor modo, que baſta ſeja Deos quem as conheça, porque das exterioridades julgaõ os mundanos como querem, pois vem que muitas peſſoas affectaõ exteriores acçoens em que parece ſe rediculaõ, fazendo outras pela diſtinçaõ que de ſi fazem, ſe prezuma

tem

tem jactancia no que obraõ. (1)

(1) *Joan. de Avila. Lysieux Philoſoph. Chriſt.*

Tantas ſaõ as acçoens, e exercicios da vida eſpiritual, que na ponderaçaõ de ſuas ſolidas doutrinas parece que o animo deſmaya em as ſeguir, antes que as poſſa executar; e expoem-ſe ſe quizer abraçar todas, a naõ poder com perfeiçaõ conſeguir huma. De todas he o exercicio da Santa Oraçaõ a baze fundamental: e podendo aquella ſer mental, vocal, ou mixta, pela mental com eſpecialidade ſe eleva tanto a Creatura, que ou na via purgativa, ou na illuminativa, ou na unitiva, pòde extrahir para ſi eſpirituaes augmentos, e alcançar de Deos eſtupendiſſimos favores. (2)

(2) *Alonço Rod. Adcodato Cont. Fr. Luis de Gran. Fr. Mart.*

Chriſto no ſeu S. Evangelho aconſelha que o bom Catholico ſe retire ao interior da ſua caſa, e fechada a porta ore a ſeu Eterno Padre; e os Padres inſinuaõ que para a boa diſpoſiçaõ ſaõ utiliſſimas ſeis partes, ou circunſtancias que devem concorrer: Liçaõ, Preparaçaõ, Meditaçaõ, Acçaõ de graças, Offerecimento, e Petiçaõ; mas naõ repugna iſto a que ſem taes circunſtancias, fóra de caſa, na rua, na praça, no campo, e em qualquer ſerviço occupada a Creatura, poſſa mentalmente orar, ainda naõ eſtando em os Sagrados Templos de JESU Chriſto. (3)

(3) *Math. 6. 6. Henriq. Arpio. Alma inſtruida. Arbiol.*

Eſte he o Santo exercicio com que as acçoens internas, e externas da Creatura ſe ſabem dirigir a Deos ſeu Creador, jà com o reconhecimento do muito que a eſte Senhor devemos pelo beneficio da Creaçaõ, Concervaçaõ,

vaçaõ, e Redempçaõ: já para que lembrandonos concideradamente o muito que por nòs padeceo Chriſto, nos animemos a padecer tambem por ſeu amor: já por nos vermos fortificados por aquelle meyo para deſterrar de nòs todos os vicios, e abraçar as virtudes todas: já por merecermos ſer fortificados na Fé, Eſperança, e Caridade: já para animoſamente nos vencermos, ſem que em alguma operaçaõ ſe ſogeite o eſpirito à carne: já para o claro deſengano da ligeireſa da vida, e infalibilidade da morte: já para bem podermos diſtinguir o temporal do eterno: já para nos animarmos a deligenciar o premio ſem cahir na infelicidade de merecer o caſtigo: já para deſprezar os deleites, e glorias do Mundo, ſuſpirando ſó pelas glorias, e delicias do Ceo. (4)

(4) *Poente. Ludovic. Bloz. S. Thereza de J. Enzeb. Nemb. P. Bernard. Arbiol.*

He muito util aos exercicios deſta vida a liçaõ dos livros eſpirituaes (ſem que ſe deixe a obrigaçaõ pela devoçaõ) a aſſiſtencia aos Santos Sacrificios da Miſſa, e cuidado de ouvir a palavra de Deos com atençaõ proveitoſa; a frequencia nas Confiſſoens, e Communhoens, mas naõ tanto a miudo que inconcideradamente o faſſaõ por uſo, ou coſtume, indo para a menza da Sagrada Communhaõ com a meſma facilidade que o official mecanico para a logea: devem muito conſiderar o ajuſtado da conciencia, e a pureſa da Alma que he preciſa para receberem em ſeu peito o Diviniſſimo Sacramento, ſem incorrerem na ſentença do Apoſtolo,

Apoſtolo, o qual diz que quem recebe indignamente o Corpo de Chriſto, recebe a condennaçaõ eterna. (5)

(5) *Joſeph Lopes na Lucerna Miſtica. Fr. Luis de Gran. Alonço Rodr. Barthol do Quent. Ad Coronth.*

Sabido he que foy Chriſto, e logo ſeus Apoſtolos Sagrados os primeiros Inventores, e directores primeiros da vida eſpiritual, ſendo o meſmo Chriſto quem no Horto enſinou primeiro a orar, e deſpois no Cenaculo inſtituhio o Eucariſtico Sacramento, deixando aquelle Senhor eſte nectar taõ Divino para eſpiritual ſuſtento dos que verdadeiramente o amaõ, ficando aſſim de Deos muy queridos, e eſtimados; e ſupoſto ſe deva fazer juizo que mais o amaõ aquelles que mais ſe chegaõ, olhem que tem mil perigos eſta eſpiritual vida, e lhe concidero tanto utiliſſimas quanto frequentiſſimas as Communhoens eſpirituaes. (6)

(6) *Math. Joan. Cum Sequela PP. & DD.*

Tanto eſtima Deos, e correſponde amante aos que o ſeguem, e buſcaõ em a vida eſpiritual, quanto aborrece, e caſtiga aos que ſe lhe oppoem, e perſeguem; porque como a Piedade, e a Juſtiça ſaõ em Deos atributos iguaes, he bem que cada hum receba como merece; e como nos Principes, e Senhores he mayor a culpa, porque mais eſcandaloſo o erro, apontarey caſtigos de Deos experimentados por quem commeteo tal culpa. (7)

(7) *Henriq. Arp. Ludovic. Bloſ. Com. Theolog. Fr. Luis de Gran.*

Domicio Nero que foy o primeiro Principe Romano que quiz eſtorvar a doutrina dos Apoſtolos, e a alguns mandou tirar a vida, vio-ſe por caſtigo de Deos preciſado

ſado a pedir que lhe tiraſſem a propria, experimentando oprobrios. Domiciano por ſemelhante culpa foy caſtigado de Deos, permitindo que ſeus proprios Camariſtas o mataſſem, dandolhe ſete punhaladas. Vario Eliogabalo foy com deſprezo lançado em o lugar mais immundo, e extrahido ſeu cadaver foy botado em o Tevere para nem ficar delle memoria. Julio Maximino foy prezo por ſeus meſmos Soldados, que executando nelle acçoens muy vìs, lhe tiràraõ afrontoſamente a vida. (8)

(8) *Pier. Valer. Plutarc. Aſtolfo. Emilio Probo. Dioniſ Cartuz.*

Valeriano ſendo vencido por Sapor, Rey de Perſia, foy metido em huma gayola de ferro, e deſpois ſervio de eſtribo para nelle pôr ſeus pès o Rey vencedor. Maximiano chegou por juſto caſtigo de Deos a tal miſeria, que os bichos o comèraõ vivo, dandolhe muy cruel morte. Licino que perſeguio a Conſtantino Magno, foy morto às eſtocadas pelos ſeus. Juliano Apoſtata infame perſeguidor do nome de Chriſto querendo confundir com a renovaçaõ de huma infame ſecta os que ſeguiaõ a vida eſpiritual, foy caſtigado por Deos com peſte, em ſuplicio da ſua inſolencia, reſplandecendo ſempre a Miſericordia, e a Juſtiça Divina, conforme os merecimentos. (9)

(9) *Raviſo. Cornel Tacit. Donato. Egeſippo. Apollodor.*

CAPI-

CAPITULO VI.

Dos Hereziarcas, hereticos inventores de perniciozas doutrinas, e Sectarios que no Mundo tem havido naõ ſó antes da vinda de Chriſto, mas nos primeiros quatro Seculos depois. Tocaõ-ſe os pontos principaes de ſeus erros condennados.

AFfirma S. Epiphanio que antes de intentarem os homens aquelle louco edificio da Torre de Babel de que ſe lhe occaſionou talvez a confuſaõ das linguas, naõ houvera herezia, ſecta, nem diſſençaõ em opinioens (1) e ſó depois que ſe ouvio multiplicidade de linguas, he que os erros deſtas principiàraõ.

(1) *S. Epiphan lib. 1. adverſus hereſes cap. 5.*

Antes do Naſcimento de Chriſto.

Houve vinte herezias, ou ſectas, que todas ſe reduzem a eſtas mais principaes: Barbariſmo, Scythiſmo, Heleniſmo, ou Greciſmo, Judaiſmo, e Samaritaniſmo.

O Barbariſmo principiou dos filhos de Adam por dez geraçoens, e perſeverou atè o tempo de Noè, intentando ſeus profeſſores pôr Leys à morte, e aſſinalar termos à vida, de que naõ conheciaõ autor certo.

O Scythiſmo durou do tempo de Noè atè a diſtruiçaõ da torre, e dahi a poucos annos ſe extinguio.

O Heleniſmo principiou no tempo de Sercucho, e aqui teve principio o culto dos Idolos, e ſe originàraõ as ſuperſtiçoens, cultos, e ritos. Dividio-ſe o Heleniſmo em duas ſectas: Pythagoricos, e Platonicos, de

que naſcèraõ os Peripateticos; Clemente Alexandrino (2) diz que em quatro, pondo tambem os Stoicos, e Epicuros.

(2) *Clem. Alex.*

O Samaritaniſmo teve huma Religiaõ mixta do Judaiſmo, e Gentiliſmo; e ſe dividiraõ ſeus profeſſores em quatro Sectas, como ſegue Tertuliano (3) Gothenos, Seveos, Eſſenos, e Daſitheos.

(3) *Tertulian.*

Os Judeos, ou judaiſmo ſe dividio em ſete Sectas.

1 Eſcribas peritos na Ley, e tradiçoens recebidas de ſeus mayores, eraõ obſervantes, mas ſuperſticioſos.

2 Farizeos, que affectavaõ vida Santiſſima com preſumida excellencia aos mais: obſervavaõ as tradiçoens dos antigos, guardavaõ continencia atè certo tempo, jejuavaõ, lavavaõ muitas vezes os corpos, e os ſeus veſtidos ſe differençavaõ muito dos de mais.

3 Saduceos, que tivèraõ em Sadoc o ſeu principio, negavaõ a reſſurreiçaõ dos mortos, e que havia Anjos, e Eſpiritos.

4 Hemerobaptiſtas, que naõ differiaõ dos Judeos, mais que em ſeguir naõ ſer merecedor de eterna vida, ſe naõ o que cada dia ſe lavaſſe.

5 Oſſenos, que tudo faziaõ quanto na Ley eſtava eſcrito, mas punhaõ additamentos ſeus às Eſcrituras, e negavaõ alguns dos poſteriores Profetas.

6 Nazareos, que prohibiaõ o uſo das carnes, naõ comiaõ couſa animada, naõ eſta-

vaõ

vaõ pelos ditos de alguns Profetas, e repugnavaõ os Patriarcas, de que trata o Pentateuco, dando só credito a Abraham, Izaac, Jacob, Mouſés, Aram, e Joſuè.

7 Herodianos, os quaes ſeguiaõ que Herodes era Chriſto, e lhe applicavaõ a veneraçaõ, e nome que a Chriſto ſe tributava; os ultimos foraõ Theodas Judeo, e Judas Galileo: do primeiro ſe faz menção nos Actos dos Apoſtolos (4) o qual ſe jactava ſer Profeta, e dizia ter poder para dividir as aguas do Jordaõ, e ſuſpender ſuas correntes. Do ſegundo faz memoria Jozefo, (5) o qual enſinava deviaõ ſer extinctos todos os magiſtrados dos Judeos, e que a hum ſó Deos por Senhor, e Rey ſe havia conhecer.

(4) *Actor. 5.*

(5) *Joſeph. de Bello Judaico lib. 3.*

Todos os erros ſupraditos que houve antes da vinda de Chriſto, ſe naõ devem ſuppôr, e appellidar tanto herezias, quanto differtaçoens vans, e erroneas ſentenças da verdade, ou Religiaõ. *Nota.*

Dos que houve nos primeiros quatro Seculos deſpois de naſcido Chriſto.

SECULO I.

SImaõ Mago (diz S. Epifanio, (6) que foy o primeiro, e primeiras que todas as ſuas herezias; delle ſe faz menção nos Actos Apoſtolicos (7) e foy baptizado por S. Felippe. Vendo que pela impoſiçaõ das mãos dos Apoſtolos ſe dava o Eſpirito Santo, quiz precizar aos meſmos Apoſtolos que por dinheiro lhe concedeſſem a meſma virtude de conferir a propria graça, e naõ

(6) *D. Epiphan.*

(7) *Actor. 8.*

conſeguindo eſte impoſſivel.

1 Entregou-ſe à arte Magica, e por virtude do Demonio enganou a muitos.

2 Enſinou que elle era Deos, o qual em Samaria apparecera com o Padre, em Judea com o Filho, e nas gentes com o Eſpirito Santo.

3 Affirmava que Deos naõ criàra eſte Mundo.

4 Negava a Reſſurreiçaõ da carne.

5 Perſuadia a que indeferentemente ſe havia uſar das mulheres; e de huma por nome Elena que apropriou a ſi, fabulou mil inſolencias hereticas. (8)

(8) *Vide Fraſen. tom. 2. Theolog. in Ind. Hæres.*

Os Pſeudo-Apoſtolos; de tal ſorte recebiaõ de Chriſto o Evangelho, que praticavaõ ſer a obſervancia da Ley neceſſaria para a ſalvaçaõ. Contra eſtes ſe juntou o primeiro Concilio dos Apoſtolos em Jeruſalem. (9) Deſte numero ſe eſcreve foraõ os Thebucianos, os Cleobanos, Doſitheanos, Gortheanos, e Masbotenos. (10)

(9) *Actor. 15.*

(10) *Nicephorus ex Egeſipo.*

Os Nicolaitas, deſtes ſe faz mençaõ no Apocalipſe (11) tiveraõ por cabeça a Niculao, hum dos ſete Diaconos, como ſe diz. (12)

(11) *Apoc. 2.*

(12) *Apud D. Auguſtinum.*

1 Eſte praticou que qualquer homem pudeſſe licitamente uſar da mulher que quizeſſe, e appeteceſſe. Niſto houve grande Secta.

2 Que o Mundo naõ fora feito por Deos.

3 Que outros certos Principes, cujos nomes horrendos expreſſava para occaſionar terror,

terror, foraõ os que tinhaõ formado o Mundo.

Alexandre, Himeneo, e Phileto descahiraõ da Fé.

1 Ensinando que naõ havia ressurreiçaõ alguma.

2 Que as ceremonias Moisaicas se deviaõ observar. (13)

(13) *Thimot. 1. 1.*

Hermogenes, e Phigelo com os Azianos foraõ Schismaticos todos, e cahiraõ em muitos erros.

Os Menandrios de Menandro discipulo de Simaõ Mago.

1 Ensinava que elle era a força de Deos mandada do Ceo para a salvaçaõ do genero humano. (14)

(14) *Tertul. lib. de præsc. cap. 46.*

2 Que elle tinha sogeito a seu mando as Angelicas virtudes que edificaraõ o Mundo. Em o mais naõ defiriaõ de seu iniquo Mestre.

Os Nazarenos confessavaõ a Christo por Messias, e Filho de Deos; mas affirmavaõ, e deffendiaõ que com a mesma Ley de Christo se havia observar em tudo a mesma Ley de Moisés.

Os Cerinthianos de Cerintho, ou Merintianos de Merintho.

1 Diziaõ que o Mundo fora feito pelos Anjos.

2 Que a Circuncizaõ se havia observar.

3 Que o Testamento velho se havia guardar inviolavel.

4 Que JESU Christo fora só homem.

5 Que naõ ressuscitàra ainda, mas havia ressuscitar.

6 Que

6 Que mil annos depois de ſe acabar o Mundo, nos quaes os eſcolhidos haviaõ reinar com Chriſto, ſe haviaõ entregar aos appetites corporeos.

1 Os Ebronitas affirmavaõ que Chriſto fora ſó homem.

2 Que os Mandamentos da noſſa S. Ley ſe haviaõ guardar ao modo errado que elles obſervavaõ, que era o Judaico. S. Lucas os condenou na Igreja Anthioquena.

Os Bazilidianos de quem foy cabeça Bazilides ſeguiaõ.

1 Que havia 365. Ceos, para que com ſeu numero ſe conſtituhiſſe o numero perfeito dos dias de cada hum anno.

2 Que o Author deſtes Ceos era hum Deos chamado Abcazas.

3 Que eſte Mundo, e o homem naõ fora feito por Deos, mas ſim pelo trecenteſſimo ſexageſſimo quinto Ceo.

4 Que Chriſto S. N. naõ fora crucificado pelos Judeos, mas que em ſeu lugar fora poſto na Cruz, Simaõ Cyrineo que a ajudou.

Heriſiarcas do ſegundo Seculo.

OS Saturninos de Saturno diſcipulo de Menandro.

1 Affirmavaõ que o Mundo fora creado *præter ſcienciam Dei Patris* por ſete Anjos, os quaes entre ſi unidos compuzeraõ a fabrica do homem à ſemelhança da quella ſuprema virtude em que elles meſmos ſe deleitavaõ.

2 Que vendo o naõ podiaõ aperfeiçoar, eſtava

eſtava jà o homem concebido com exiſtencia como de hum bixinho ſem ſe poder levantar, entaõ aquella virtude celeſte o atendeo como perfeita imagem ſua; e communicandolhe a ſua força o erigio com vida.

3 Que hum daquelles Anjos fora o Deos dos Judeos, que como os outros desfalecèra na virtude, e por iſſo de commum concelho de Deos Padre fora elle dito Saturnino mandado para ſeu director, havendo de ſalvar os que nelle creſſem.

4 Que as vodas eraõ inatendiveis como pelo Demonio inventadas.

5 Que ſe deviaõ abſter os homens de comer animaes viventes, para aſſim voarem mais ligeiros ao Ceo.

6 Que as Profecias foraõ humas feitas pelo Demonio, e outras pelos Anjos fabricadores do Mundo, aos quaes, e ao meſmo Deos dos Judeos reziſtira Sathanàs.

Carpocrates Filozofo mui ſabio, diſſe.

1 Que Chriſto fora mero Homem, naſcido de Maria, e Jozè.

2 Que o Mundo naõ fora feito por Deos.

3 Que nada era mao por natureza, ſim ſó por opiniaõ.

4 Que os Anjos maos ſe aplacavaõ com os peccados da torpeza.

5 Que as mulheres deviaõ ſer commuas para todos.

6 Que as Almas hiaõ de huns para outros corpos, para mais peccar.

Os Valentinianos de Valentino, proferiraõ

raõ mil diſparates fabulozos, e hereticos, que naõ repito: entre os erros principaes.

1 Seguiaõ que Chriſto vivera com corpo Celeſte, e nada de Maria.

2 Que do 30. ſeculo fora gerado o Diabo, e delle naſcèraõ os outros.

3 Que naõ havia reſſurreiçaõ da carne, e ſó a Alma, e Eſpirito he que recebiaõ de Chriſto a ſalvaçaõ. (15)

(15) *Tertul. impug. & Zachæus Cæſarienſis anathematiſavit.*

Os Secundianos, Ptolomeos os ſeguiraõ diminutos. (16)

(16) *Diodor. Ep. Cretenſ. damnavit.*

Os Heraclianos, e Colabarſinos os reiteràraõ. (17)

(17) *Clemens P. punivit. S. Theodor. Epiſc. ultimos anathema tiſavit.*

Os Ophitos denominados a *Colubro*, pois Ophis (*grece*) he cobra.

1 Diziaõ que Chriſto fora a cobra, que enganàra Adam, e Eva.

2 Adulteravaõ com huma cobra as adoraçoens a Euchariſtia.

Os Caianos davaõ culto a Caim, e a Judas Iſcariotes, a quem atribuhiaõ alguma divindade, julgando haver predeſtinaçaõ na entrega para o fim da ſalvaçaõ humana; e daqui

1 Blasfemavaõ noſſa Santa Ley.

2 Negavaõ a Chriſto ſeu Author, e a reſſurreiçaõ da carne.

Os Setianos, Anticatas, Abelianos, ou Abeloitas, e Peratas tiveraõ varios erros; os ultimos que Chriſto tinha tres corpos.

Os Arconticos, Marcioniſtas, e Apellitas alguns erros graves tiveraõ. Os ultimos diziaõ que Chriſto aſſumira carne humana

dos

dos Elementos, outra vez lha reſtituhira quando ſubio para o Ceo, adonde entràra ſem ella. (18)

Os Cerdonianos 1 Negavaõ que o Deos da Ley, e dos Profetas era bom, nem foſſe Pay de Chriſto, mas que o Pay de Chriſto era bom.

2 Que Chriſto naõ naſcera de mulher, nem padecèra, e tudo o mais que nòs ſeguiamos, e tinha a Fé, era huma mera ficçaõ. (19)

Os Severianos negavaõ a reſſurreiçaõ da carne, &c.

Os Tacianos, e Engratitas, negavaõ o Sacramento do Matrimonio. (20)

Os Cathaphriges negavaõ haver tres Peſſoas na Trindade Santiſſima, e ſeguiaõ não haver mais que huma ſó peſſoa na Trindade; iſto entre outros muitos erros que S. Jeronimo, e S. Agoſtinho lhe apontaõ. (21)

Os Pepuzianos dizem haver duas Igrejas. (22)

Os Artotiritas e Quartodecimanos tem erros rediculos. (23)

Os Adamianos andavaõ ſempre nùs como Adam, e negaõ o Santo Matrimonio.

Os Helcezeos adoravaõ duas mulheres por Deoſas.

Os Thedotianos affirmavaõ que Chriſto era ſó Homem. (24)

Os Melchizedechianos diziaõ que Melchizedec naõ fora homem.

Os Bardeſſanitas diziaõ que a Creatura da Alma era boa, mas que a da carne era mà. (25)

(18) *Diodor. Arcoticos condemn. Tertul. Marcion. cenvicit.*

(19) *S. Apolonius damnavit.*

(20) *S. Epiphan. conv. Idem ibi.*

(21) *D. Auguſt. D. Hyeron. Ep. 54. ad Marcelam.*

(22) *Apolon. Ep. Convicit.*

(23) *Dioniſ. Epiſc. & Victor Roman. damnavit.*

(24) *Dioniſ. Epiſc. refutavit.*

(25) *Teocritus convicit.*

Os Noecianos, que Chriſto he o meſmo Pay, e Eſpirito Santo. (26)

(26) *Hos Traquilus Epiſcop.*

Os Valezios caſtravaõ-ſe a ſi, e aos ſeus hoſpedes: tinhaõ mais erros. (27)

(27) *Iſtos Synodus Achaia damnav.*

Os Catharos naõ admitiaõ ſegundas vodas; e negavão a Penitencia. (28)

(28) *Cornel. Epiſc. refutavit.*

Os Angelicos enſinavaõ ſe devião adorar os Anjos. (29)

(29) *Iſtos Theophilus Epiſcop.*

Os Apoſtolicos viviaõ com ritos ſeparados da Igreja. (30)

(30) *De his S. Auguſtinus.*

Os Sabelianos, e Praxeanos, enſinavão haver huma Peſſoa ſó em Deos, e que eſſa meſma he Padre, Filho, e Eſpirito Santo.

Os Origenarios diſcipulos de Origenes, deffendião o peccado nefando.

Outros Origenarios, ou Adamancios

1 Negaõ a reſſurreiçaõ futura dos mortos; dizem que o Eſpirito Santo fora Creatura; e entendem não haver Ceos mais que ſó por allegoria. Tem mais erros. (31)

(31) *Apud D. Auguſtinum.*

Os Paulianos, que Chriſto não fora mais que homem, e ſó tivera principio deſde o tempo em que naſcèra de Maria.

Os Manicheos, ou Manes Perſa, pois Manicheo lhe chamàraõ os ſeus Diſcipulos, teve muitos, e graviſſimos erros em a Fé.

1 Negavaõ a Santiſſima Trindade.

2 Dizião haver dous principios coeternos; hum bom, outro mao.

3 Repudiavaõ o antiguo Teſtamento.

4 Negavaõ que Chriſto verdadeiramente padecèra.

5 Proferiaõ blasfemias contra a pureza da Senhora.

6 Dizia

6 Dizia que o peccado era a ſubſtancia do homem.

7 Chamava-ſe aſi Chriſto, e Paracleto, &c.

Meleſſio interpolou os dogmas de Novato; foy hereje.

Os Meleſſianos ſeus Sectarios tiveraõ uniaõ com os Arianos.

Os Hierachitas de quem foy author, e meſtre Hieraca.

1 Negavão a reſſurreiçaõ da carne.

2 Recebem a ſi todos o que não cazaõ, cuja acção repugnaõ.

3 Deffendem não pertencer os meninos ao Reyno do Ceo, porque naõ ha nelles merecimentos alguns com que os vicios ſe reparem.

DO III. SECULO.

ARio Africano, enſinou que o Filho de Deos era Creatura; porèm não coeterna, e ſubſtancial ao Padre.

Os Donacianos de Donato, ou Donatiſtas, primeiro forão Sectarios, depois herejes; e a eſtes em ſeus erros ſe ajuntàraõ os Circumcelioens inſolentes, grandes homicidas de ſi, e dos outros. (32)

(32) *Melchiad. Papa damnavit.*

Os Meſſalianos, Euchetas, Eufemitas, Eſpirituaes, e Martinianos, vivéraõ com ſeus erros neſte tempo.

Macedonio enſinou que o Filho era em tudo ſemelhante ao Pay, mas que o Eſpirito Santo era Creatura; e que todas as Creaturas tinhaõ alguma parte da eſſencia do Eſpirito Santo. (33)

(33) *S. Damaſus Papa, & Concil Conſtantinop. I.*

Aecio, que o Filho de Deos não era ſemelhante ao Pay.

Apolinar, ou Apolinario, pay, e filho enſinàraõ

1 Que o Verbo Divino encarnàra ſem Alma racional.

2 Que as Divinas Peſſoas naõ erão iguaes.

3 Que o Eſpirito Santo era grande, mayor o Filho, e maximo o Padre.

Os Urcicinos, Autropomorphitas, e Andropianos, foraõ Sectarios, e ſeguiaõ que Deos tinha forma humana; tiveraõ mais.

Os Antidicomaritas negavão a Virginal pureſa da Santiſſima Virgem Maria, profe-
rindo blasfemias indiziveis. (34)

(34) *Theodoretus Epiſc. contra hoc egit.*

Os Meſſalianos tivèraõ erros muy redi-
culos.

Os Paternianos enſinavão que as partes inferiores do corpo humano foraõ feitas pelo Diabo, e não por Deos, erão impuros.

Os Tertulios dizião que as Almas dos homens maos ſe convertiaõ em Demonios, ou ao menos em beſtas, &c.

Os Patalorinquitas, em hereticas acçoens ſe rediculavão.

Os Metangiſmonitas contra a Peſſoa do Padre, e do Filho proferiaõ tal blasfemia, que por execranda a não repito.

Os Seleucianos, ou Hemelianos, entre mais herezias

1 Dizem, que a Alma naõ pertence a Deos, nem foy della Creador.

2 Negão que Chriſto ſe acenta à maõ direita do Padre.

3 Negaõ

3 Negaõ o Real Pariſo.

4 Naõ recebem com agua o Baptiſmo.

5 Dizem que a reſſurreiçaõ da carne não he futura, e ſó na propagaçaõ humana em os filhos ſe verifica.

Os Proclianitas ſeus Sectarios, negaõ de mais a Encarnaçaõ.

Os Patricianiſtas, dizem que a ſubſtancia da carne humana não fora criada por Deos, mas ſi n pelo Demonio. (35)

(35) *Optatus, contra eguz*

Os Aſcitas erràraõ na acçaõ de hum louco diſparate.

Os Aquarios fazem na Miſſa o Calix ſó com agua, dando frivolas, e ſofiſticas razoens deſte ſeu erro.

Os Colutianos, e Florianos tivèraõ erros muito loucos.

Os Antidicomarianos, a quem Joviniano ſeguio, cahiraõ em famoſos, e graves erros.

Os Priſcilaniſtas, àlem de outras muitas herezias

1 Enſinavaõ que o corpo mao provinha do Demonio.

2 Negavaõ a reſſurreiçaõ dos corpos.

3 Affirmavão que as Almas eraõ ſubſtancia de Deos.

4 Que era licito jurar, e perjurar.

5 Deteſtavaõ o Sacramento do Matrimonio, entendendo que os meninos nelle naſcidos naõ pertenciaõ a Deos, ſó ſim os que eraõ, ou foſſem concebidos do Eſpirito Santo.

DO IV. SECULO

OS Hidroteutas diziaõ, que a agua era Deos; naõ tinha principio nem fim, lavava as culpas, perdoava peccados, e tinha o Eſpitito Santo.

Os Ametritas diziaõ haver innumeraveis Mundos, do que ſe ſeguiaõ grandes erros.

Os Pſycopneumones, diziaõ que as Almas boas dos homens ſe convertião em Anjos, e as dos maos em eſpiritos de Demonios.

Os Adecerditas, que quando Chriſto deſceo aos Infernos, lhe ſahio ao encontro toda a multidaõ de Almas q̃ creraõ, e ſe ſalvaraõ.

Os Nudipedales entendiaõ mal a Ley na deſcalcès. (36)

(36) *De his. S. Auguſtinus.*

CAPITULO VII.

Dos Hereziarcas, Hereges, Sectarios, que houve nos ſeis ſeculos ſeguintes.

NO SECULO V.

PElagio dizia 1 Que ſó elle contrahira o peccado de Adam.

2 Que naõ houvera peccado original algum na ſua poſteridade.

3 Que as oraçoens a Deos eraõ inuteis para o bem obrar, porque eſte ſó dependia do livre arbitrio da humana Creatura.

4 Que a morte naõ era penna do peccado, mas condiçaõ da natureza.

5 Vilipendiava as veſtiduras Sacerdotaes, e Epiſcopaes.

Celeſtio em Africa foy ſeu Sectario.

Vigilancio, 1 diſſe era vã a invocaçaõ dos Santos. 2 Que

2 Que era Idolatria o culto que se dava às Reliquias.

3 Reprobava os jejuns, e o Celibato dos Sacerdotes.

Nestorio, 1 Affirmava haver em Christo duas pessoas.

2 Negava que a Santissima Virgem Maria fora Mãy de Deos.

3 Consagrava, e commungava em paõ fermentado, com duas especies.

Eutiches, àlem de outras propoziçoens hereticas, ensinou que em Christo havia só huma natureza. Seguiraõ a este Hereziarca muitos Sectarios insolentes; e foraõ os Monophysitas, os Tritheitas, Acephalos, Severitas, Julianistas, Theodozianos, Contocaptilas, Angleitas, Agnoitas, que se dividiraõ em Damianos, Paulianos, e Petreanos. Os Jacobitas, e os Armenios, estes diziaõ, e ensinavaõ

1 Que Christo naõ encarnàra nas entranhas de Maria.

2 Que Christo tivèra corpo incorruptivel no instante de concebido.

3 Que por si só, e por propriedade da natureza se havia adorar.

4 Que em Deos havia quaternidade de Pessoas.

5 Que a Divindade padecera.

A estes se ajuntou Pedro Cnafeo, que dizia: toda a Trindade Santissima fora crucificada.

Os Pacificantes faziaõ uniaõ entre Catholicos, e Eutiches (37)

(37) *Concil. Calcedon. condemnavit.*

DO

DO VI. E VII. SECULO.

OS Menothelitas admitiaõ em Chriſto 1 ſó vontade. (38)

(38) *Concil. Conſtantinopol. 3. damnavit.*

O Mahometiſmo, de que o perfido Maſoma foy Author

1 Enſinava que Deos tinha eſſencia corporea dotada de Alma.

2 Que em Deos naõ havia tres Peſſoas.

3 Que Chriſto naõ era Deos, mas ſó grande, e Santo Profeta.

4 Que naõ padecèra, e aos Judeos ſe offerecèra em ſeu lugar huma fantaſma.

5 Que as ceremonias Moizaicas ſaõ neceſſarias para a ſalvaçaõ.

6 Que as boas obras naturaes merecem a vida eterna.

7 Que a vida eterna conſiſte nos goſtos temporaes.

Teve, e tem ainda infinitos Sectarios.

DO VIII. SECULO.

OS Iconomacos negavaõ a adoraçaõ das Imagens. (39)

(39) *Micana Synodus 2. damnavit.*

Os Agonyekitas deffendiaõ ſe naõ ajoelhaſſe orando.

Os Aldebertinos, em materia de Reliquias, erràraõ.

Os Albanenſes enſinàraõ

1 Que naõ houvèra algum Juſto antes da vinda de Chriſto.

2 Admitiaõ dous principios, hum bom, e outro mao.

3 Criaõ que Deos naõ previa o mal, e eſte ſe fazia por miniſterio dos Demonios unicamente.

4 Faziaõ

4 Faziaõ o Mundo eterno, e que eternamente duraria.

5 Diziaõ, que não havia algum peccado original.

6 Que Deos naõ creava Almas de novo, mas eſtas hiaõ de huns para outros.

7 Que o juramento de nenhum modo era licito.

8 Que os Sacramentos naõ tinhaõ força alguma ſendo conferidos por mãos dos Miniſtros.

9 Que não havia neceſſidade alguma de ſe confeſſar o homem.

10 Que nenhum homem preverſo podia ſer Biſpo.

11 Que o Matrimonio era illicito.

12 Que nada em a Igreja ſe havia poſſuhir, ſe naõ em commum.

13 Que naõ havia de haver reſſurreiçaõ dos corpos.

Elipando dizia que Chriſto ſó fora Filho adoptivo de Deos.

Os Paulianiſtas, àlem da Secta dos Manicheos que proffeſſavaõ, tinhaõ erros no Baptiſmo, e Santiſſima Euchariſtia. Negavaõ o culto à S. Cruz; regeitavaõ os Sacerdotes, e a ſi chamavaõ Chriſtãos.

DO IX. E X. SECULO.

GOteſcalco, que renovou a herezia dos Predeſtinados

1 Diſſe (àlem do mais) que Chriſto não morrera por todos.

2 Que Chriſto não queria a ſalvaçaõ de todos. (40) (40) *Concil. Mogunt. cond*

Claudio Taurinenſe ſeguio a Secta de Neſtor Jenoclaſta : e Ario

1 Foy fatal inimigo dos Santos.

2 Condenava as peregrinaçoens aos lugares Sagrados.

3 Reputava nullo o Baptiſmo ſem o ſinal da Cruz. (41)

(41) *Jonas Epiſc. Aurelianenſis ſcripſit contra.*

Protho, que ſeguio o Schiſma dos Gregos, renovado quatorze vezes. (42)

(42) *Concil Conſtantinop 4. cond.*

Joaõ Scoto (não o Doutor ſubtil) mas o diſcipulo de Beda que apoſtando, diſſe que no Euchariſtico Sacramento eſtava ſó a figura de Chriſto corporal. (43)

(43) *Concil. Vercellenſ. cond. Ita Landfrancus Epiſc.*

CAPITULO VIII.

Dos Hereziarcas, Herejes, e Sectarios que tem havido nos ultimos ſete Seculos.

SECULO XI. E XII.

BErengario diſſe, e enſinou aos ſeus Sectarios

1 Que na Eucariſtia ſó eſtava o corpo de Chriſto figurativamẽte.

Depois revocando o erro

2 Diſſe que a ſubſtancia do pão eſtava com o corpo de Chriſto.

3 Que os Meninos ſe naõ haviaõ baptizar. (44) Morreu Catholico.

(44) *Vincentius Bellovac refert. l. 26. cap. 30.*

Os Simoniacos introduziraõ a Simonia na Igreja.

Os Bengomilos 1 Negavaõ a Trindade na Divindade.

2 Diziaõ que Deos tinha forma humana.

3 Que o Mundo fora creado pelos Demonios.

4 Que

4 Que às Imagens ſe naõ havia dar culto, nem obzequio.

5 Que o ſeu Baptiſmo, e naõ o noſſo, era de Chriſto.

6 Que a ficçaõ em materias de Religiaõ era licita.

7 Que o Archanjo S. Miguel he o que encarnàra.

Tandeno, ou Tanquelino 1 dizia quê ſó a Fé juſtificava.

2 Que a Eucariſtia era deſneceſſaria.

3 Que a copulaçaõ carnal era licita indiferenter

Os Petrobuzianos tinhaõ com errada doutrina

1 Que o Baptiſmo naõ era neceſſario aos meninos.

2 Que Chriſto naõ eſtava realmente na Eucariſtia.

3 Que os ſuffragios eraõ inuteis aos mortos.

Pedro Abailiardo, entre outros erros, dizia, e enſinava

1 Que o Padre era plena potencia; o Filho certa potencia; o Eſpirito Santo nenhuma potencia.

2 Que o Eſpirito Santo naõ era da ſubſtancia do Pay.

3 Que o Eſpirito Santo era Alma do Mundo.

4 Que Chriſto não aſſumira natureza humana para nos livrar do Demonio.

5 Que não peccàraõ os que crucificàraõ a

Chriſto com ignorancia.

Gilberto Porretano Theologizou com erros a natureza de Deos. (45)

(45) *Conc. Remenſe cond.*

Os Henricianos ſeguirão o meſmo que os Petrobuzianos.

Os Apoſtolicos novamente revivèrão com mais erros.

1 Affirmando que o Matrimonio não era licito.

2 Que os meninos ſe não deviaõ baptizar.

3 Que elles eraõ os Appoſtolos mandados immediatamente por Deos.

4 Que naõ havia Purgatorio, nem ſe deviaõ fazer preces por Defuntos.

5 Condenavaõ os effeitos, e eſſencia de todos os Santos Sacramentos.

Os Valdenſes inſolentiſſimos, que exiſtiraõ pelos annos de 1181. negavaõ (unico verbo) e contradiziaõ quaſi tudo o que uſa, e pratica a S. Igreja Catholica Romana, com mil blasfemias. (46)

(46) *Lucius Papa damnavit.*

Pedro Joaõ hereticamente blasfemou contra a Igreja. (47)

(47) *Guido Carmel, & Bernardus de Lutcemburgo in Catalog. hæreſum.*

Almarico contra a Peſſoa de Deos teve dez erros conhecidos. (48)

(48) *Rigordus in vita Philippi ref.*

Os Albigenſes perſeguiraõ a Igreja com opinioens, e com armas. Punhaõ em Deos dous principios coeternos, hum bom, e outro mao, imitando os Manicheos; e proferiaõ outros erros ſemelhantes. (49)

(49) *S. Antoninus in ſum. hiſtor. p. 3. tit. 19. cap. 1.*

DOS SECULOS XIII. E XIV.

GUillelmo de S. Amor, e Deziderio Longobardo inimiciſſimos dos Religioſos

ſos Mendicantes, aquelle enſinou, que ſó era licito deixar tudo, ſem ſer para iſſo obrigado; e eſte acreſcentou, que não era licito inſtituhir, nem entrar em Religiaõ que naõ tiveſſe poſſeçoens ao menos em commum. Tiveraõ outros varios erros.(50)

(50) *S. Thomas in Opuscul. contra Impug. Relig. S. Bonav. in Opuſc. Variis.*

Os Traticelos com Dulcicio Navarienſe, proferiraõ varias blasfemias hereticas contra a Santa Igreja Romana. (51)

(51) *Caleſt. P. damnavit. Vide Nauclarum.*

Os Begardos, e Beguinas, tiveraõ ſemelhantes erros. (52)

(52) *Vide Alvarum de Plantu Eccleſia.*

Lolardo Gualter diſſe que Lucifer fora injuſtamente condennado por Deos. (53)

(53) *Thritemius in Cronico. a. 1325.*

Marſilio de Padua, e Joaõ de Janduno, tiveraõ erros grandes em a Fé. (54)

(54) *Joan. Papa damnavit.*

Os Flagetantes 1 enſinavaõ que ninguem ſe podia ſalvar, ſem ſe baptizar primeiro com o proprio ſangue açoutando-ſe.

2 Deſpreſavaõ os Sacramentos.

3 Negavaõ haver Purgatorio na outra vida. (55)

(55) *Vide Bernardum de Lutxemburgo in catalago Hæreſ. & Niculaum Sanderum de Viſib. Monarch Eccl.*

Joaõ Wicleffo pelos annos de 1352. a quem ſuccedeo Joaõ Hus fatais Hereziarcas, com ſemelhança nas impias doutrinas, proferiraõ, e enſinàraõ tão horriveis, e blasfemas propoſiçoens, que me naõ reſolvo a repetilas, por não offender os pios ouvidos dos Leitores. (56)

(56) *Vide Sedulium. Lege Fraſenium in Ind. Hæreticorum.*

Jeronimo de Praga os imitou, e todos foraõ punidos. (57)

(57) *Concil. Conſtantinienſe. Seſ. 15.*

Os Huſiſtas ſe dividiraõ em varias Sectas: huns ſe chamàraõ Orebitas, outros Thaboritas, outros Orfanos, outros Adamitas, e

outros

outros Pichardos; ſendo Pichardo Francès de naçaõ, que enganou a muitos de Bohemia, dizendo que elle era o Filho de Deos, e ſe chamava Adam. (58)

(58) *Vide Æneam Silvium de Origine Bohemorum cap.40. uſque ad 47.*

Hermano Rieſvich erradamẽte enſinou

1 Que a Alma morria com o corpo.
2 Que naõ havia Inferno.
3 Que em Chriſto houvera ignorancia.
4 Que a noſſa Santa Fé era fabuloſa.
5 Que o Evangelho era falço. (59)

(59) *Bernardus de Lutxemberg. in Catalog. Hæreticorum.*

DOS SECULOS XV. XVI. E XVII.

MArtinho Luthero naſcido em o anno de 1383 (dizem que de hum Demonio incubo) Hereziarca inſolentiſſimo, em que parece ſe vè recopilada a perfida doutrina dos mais todos, imitador do pay dos Hereziarcas Simaõ Mago, profferio blasfemias indiziveis, verificando que elle era a ſumma virtude de Deos, e Evangeliſta do Senhor, com outros mais erros que tais principios ſe ſeguiraõ, os quaes foraõ examinados, e cenſurados pelos Theologos Parizienſes. (60)

(60) *Eraſmus Roterodamus. Vide Thomam Illiric. apud D. Bail in apparat. ad Conc. Trid.*

Andrè Carloſtadio primeiro diſcipulo de Luthero junto com Huldrico Zuinglio, e Joaõ Oecolampadio principiàraõ todos a herezia Sacramentaria no anno de 1526. enſinando que no Eucariſtico Sacramento naõ eſtava o corpo de Chriſto, *niſi in ſigno*; e que as Imagens de Chriſto, e dos Santos ſe deviaõ deſtruhir. (61.)

(61) *Vide Joan. Cochleum in lib. de Actis Lutheri an. de 1527.*

Balthezar Pacimontano, e Bernardo Rothmano inſtituhiraõ a Secta dos Anabatiſtas

no

no anno de 1527. a qual tambem he veneno do Lutheraniſmo, e ſe dividio em varias Sectas comprehendendo muitos erros. (62)

(62) *Lege Card. Hoſium lib. 1. de Hæreſibus noſtri temporis. & Joan. Colcheum de actis Lutheri*

Felipe Melanchton diſcipulo de Luthero em o anno de 1530. foy author da Secta dos Confeſſioniſtas, admitindo ſó duas partes no Sacramento da Penitencia: Contriçaõ, e Fé. (63)

(63) *Vide ibi. Colcheum.*

Joaõ Calvino, ou Cauvino, diabolico Hereziarca, naſcendo no anno de 1509. foy conhecido pelo homem mais impio, e mais blasfemo contra Deos, e eſpalhou por toda Germania, França, e Italia erros infinitos contra principaliſſimas verdades de noſſa Santa Fé, e Sacramentos, cujas inſolencias me naõ reſolvo a proferir. (64)

(64) *Vide Prateolum; Bolzecum. Fraſenium.*

Miguel Serveto Heſpanhol de idade de 25. annos publicava que elle era o mayor Profeta do Mundo: eſcreveo ſete livros de erros da Trindade Santiſſima com mil diſparates. Calvino o fez queimar no anno de 1555. (65)

(65) *Vide Joan. Colcheum ſupra. ad an 1532. Lege Surium in hiſtor. ejuſdem. anni.*

David Georgio Batavienſe publicava ſer o mayor de todos os Profetas, e filho de Deos mayor que JESU Chriſto, e que tres annos depois da ſua morte havia reſſucitar, e reſtituhir o Reyno de Iſrael. (66)

(66) *Lege Surium in tota hiſtoria ann. 1555.*

Gaſpard Suvenchfeldio Confeſſioniſta inventou ſeus particulares dogmas; verificou que a Natureza de Chriſto humana, depois que ſubio ao Ceo, ſe tranſmutou em Divina; e que os homens ſó com o eſpirito nos devemos contentar. (67)

(67) *Vide Fredericum Staphilum de Concordia Lutheranorum.*

André

Andrè Oſſiandro Confeſſioniſta inventou novos erros, enſinando que a Caridade, Juſtiça, e Sabedoria pelas quaes o homem he juſto, e ſabio, he a meſma Eſſencia de Deos; e que Chriſto juſtificava os homens ſó quanto à natureſa Divina. (68)

(68) *Vide Fredericum ibi. Lege Surium in hiſtor. an. 1561.*

Joaõ Brintino Confeſſioniſta diſſe mais: que a Humanidade de Chriſto deſde que encarnou, eſtivera ſempre em toda a parte. Daqui naſceo a Secta dos Ubiquiſtas. (69)

(69) *Vide Frederic. & Surium in hiſtor. an. 1564.*

Mathias Illyrico Lutherano, entre errados dogmas de que foy Author, enſinou que o peccado original era ſubſtancia.

Os Libertinos 1 que ha ſó hum eſpirito immortal.

2 Que os Anjos, e as Almas dos homens naõ eraõ immortaes.

3 Que Chriſto verdadeiramente naõ morrera na Cruz.

Valentino excitou novamente o Arianiſmo, enſinando propoſiçoens hereticas no myſterio da Santiſſima Trindade. (70)

(70) *Belarminus citat Benedictum Aret. authorem damnatum.*

Franciſco David com muitos Tranſilvanos enſinou hereticas propoziçoens contra o miſterio inefavel.

Os Puritanos em Inglaterra tiveraõ principio no tempo que a Rainha Elizabeta ſe ſeparou da Igreja Catholica: jactavaõ-ſe de Calviniſtas reformados, e tiràraõ do fim dos Pſalmos o Gloria Patri, &c.

Os Pacificadores quizeraõ unir a Religiaõ Catholica com a Calviniſta, dizendo atrevi-

atrevidos, que eſſencialmente naõ deferiaõ.

Os Armenianos, ou Romonſtrantes perfidos Calviniſtas ſeguiraõ as opinioens daquelle Hereziarca.

Conrado Voſtrio errou nas perfeiçoens Divinas.

Os Metaforiſtas admitiaõ em Deos metaforas tudo.

Martinho Luthero ſahio com 95. propoziçoens ſó contra Indulgencias, e ſe contaõ na ſua herezia mais de quinhentos artigos todos falços, e hereticos. Por Leaõ X. foraõ todos condenados com ſeu impio Autor, como ſe pòde ver na Bulla deſte Santo Pontifice. (71) Deſte infame Hereziarca ſahiraõ treze ramos de Sectas, que foraõ

(71) *Leo 10. in Bul Colcheo, an. 1517. Prateolo. Eraſmo Preſat. in hiſtor. & acta Lutheri.*

Os Autonomos, Oſſiandros, Eſtancarianos, Mayoriſtas, Amſtorfianos, Synergiſtas, Flaccianos, Adiaphoriſtas, Subſtanciarios, Accidentarios, Peffingeros, Muſculanos, e Ubiquiſtas.

Sahiraõ mais do meſmo tronco outras Sectas Collateraes; e ſaõ

Os Leutheropapiſtas, Lutherioziandrinos, Lutherocalvinianos, e Lutherozinlhanos.

Em fim foy Luthero taõ impio, que naõ ſó os Autores Catholicos diſſeraõ mal delle, mas tambem ainda os proprios Herejes, como foraõ Eraſmo, Buccero, Conrado Geſnero, os Theologos Tigurinos, Joaõ

Campano, Franciſco Eſtancaro, Eſtaphilo, Vicelio, Brunio, como ſe vè nos ſeus livros.

A Secta dos Calviniſtas, Autor Joaõ Calvino, de quem aſſima tratàmos, o qual por ſua doutrina moſtra juntamẽte ſer Arriano, Manicheo, Donatiſta, Neſtoriano, Judeo, e Mafometico, condennado em o Santo Concilio de Trento, ſe diverificou em os nomes pelo diſcurſo do tempo, conforme as Naçoens em que ſe propagou; porque os de Inglaterra chamaõ-ſe Puritanos; em França Hungonotes; em Hollanda Genſeos; em Bohemia Picarditas; em Helvecia Sacramentarios, ou Zuwinlhanos.

Conc. Trident. condemn.

Diſcordaõ ainda em os nomes eſtes perfidos Sectarios, pela diverſidade dos dogmas que ſeguiraõ; porque huns ſe chamaõ Trinitarios, outros Samoſatenos, outros Anglocalvitas, ou Anglocalviniſtas, outros Antipurianos, outros Piſcatorianos, outros Arminianos, outros Gemmarianos, outros Voſtrianos, outros Libertinos, outros Calvinopapiſtas, outros Calvinoturciſtas.

Theodoro de Beza diſcipulo de Calvino Hereziarca

1 Negou ſer Deos Omnipotente.

2 Negou que ſe devia orar pelos grandes peccadores.

3 Diſſe que nenhum peccado he mortal, ou venial para os predeſtinados.

4 Que o Diabo perſuadira a invocaçaõ dos Santos.

5 Pre-

5 Preverteo os ſentidos da Sagrada Eſcritura, &c. (72)

Janſenio ſeguio nos erros a Luthero, Calvino, e Buccero; eſcreveo mil inſolencias em nome de S. Agoſtinho para as introduzir paulatinamente no Chriſtianiſmo. (73)

Paulo Suave Hereje impugnado pelo Cardeal Esforſa. (74)

Molinos Sectario infame, com o pertexto da Oraçaõ de quiete praticou em Roma, e eſpalhou na Chriſtandade doutrinas impias, e perniciosas, que por ſe acomodarem à vida licencioſa que a natureza mais abraça, tem nella cahido muitos ignorantes.

Outros mais Sectarios tem havido: para noticia baſtaõ eſtes.

(72) *Eſcreveo delle Conrado Sehluſſelburgio Lutherano.*

(73) *Vide Eſtefano de Camps; e o cond. a Academia Lovianenſe.*

(74) *Card. Esforſa.*

CAPITULO IX.

Perſeguiçoens que a Santa Igreja Catholica tem padecido por ſeus inimigos: Annos em que as experimentou occaſionadas por barbaros, Sciſmaticos, e Herejes.

SEmpre o Paraizo da Igreja ſe vio invadido de atrevidas feras, que perſeguindo o rebanho de Chriſto ahi apaſcentado o pertendèraõ devorar, e com effeito parte eſpalhàraõ, e diminuiraõ, nas eras que para noticia ſuccintamente exponho, àlem das que nos annos de 34 e 63. ſe movèraõ contra os Apoſtolos.

Em o anno de 66. e nos dous ſeguintes fez o Emperador Nero primeira perſeguiçaõ à Igreja.

Em o anno de 92. foy a ſegunda perſeguiçaõ pelo Emperador Domiciano.

Em o anno de 100. foy a terceira perſeguiçaõ ſendo Emperador o impio Trajano; e ſe continuou no Reynado de Adriano pelos annos 120.

Em o anno 164. foy a quarta perſeguiçaõ no tempo de Marco Aurelio Antonio; e ſe renovou no anno 17. do ſeu Reynado.

Em o anno de 204. foy a quinta perſeguiçaõ no tempo do Emperador Septimio Severo.

Em tempo do Imperio de Maximino foy a ſexta perſeguiçaõ.

Em o anno de 257. imperando Decio principiou a ſetima, e continuou no tempo dos Emperadores Galo, e Voluziano.

Em o anno de 259. foy a oitava imperando Valetiano, e Galieno.

Em o de 273. foy a nona imperando Aureliano, e continuou no tempo de Numeriano, anno de 283. e no de Diocleciano em o de 284.

Em o anno de 301. foy a decima perſeguiçaõ imperando Diocleciano, e Maximiano, continuou em tempo do Imperio de Maximino Galerio, e Maximino an. de 304.

Em o de 316. foy a undecima imperando Licinio, e durou na Perſia reynando Sapor 2. annos de 343.

Em o anno de 361. foy a duodecima perſeguiçaõ em tempo de Juliano Apoſtata.

Em o de 376. principiou a dos Arrianos

12. e continuou em ſeis partes diverſas eſtando vigoroſa atè o anno de 483.

Deſtas ſe occaſionàraõ

No an. de 504. hũa perſeguiçaõ em Africa.

No anno de 511. outra pelo Emperador Anaſtacio Maniqueo.

No anno de 536. outra por Theodorico em Italia.

No anno de 546. outra em Italia por Totila Rey dos Godos.

No anno de 573. outra pelos Longobardos na Italia.

No anno de 588. outra por Leovegildo em Heſpanha.

No anno de 609. outra pelos Judeos em Antioquia.

No anno de 614. outra por Coſroas na Perſia.

No anno de 657. outra em Conſtantinopla por Conſtante.

No anno de 713. outra em Africa por Ulit Rey dos Sarracenos.

No anno de 718. outra por Haumar ſegundo Sarraceno.

No anno de 726. atè 734. outra por Leaõ Iſaurico Emperador.

No anno de 772. outra no Egypto pelos Sarracenos.

No anno de 812. outra pelos meſmos na Syria.

No anno de 816. outra em Conſtantinopla por Leaõ Armeno.

No anno de 850. outra em Cordova por ElRey Abderamo.

Nos

Nos annos de 857. 859. 870. 884. as houve particulares em diverſas partes do Mundo, e ſe difundiraõ nos annos de 925. 938. 975. 980. 997. 1008. 1076. 1113. 1130. 1142. 1183 1028. 1220. 1266. 1305. 1338. 1415. 1430. 1470. 1510. 1529. 1535. 1558. 1559. 1562. 1605. 1630.

Baſta para noticia ao curioſo Leytor.

CAPITULO X.

Sciſmas que houve contra a Santa Igreja Catholica, e Sciſmaticos Pontifices nos dezaſete Seculos depois do Naſcimento de Chriſto.

NAõ he de admiraçaõ para os Catholicos ter emulos a Igreja de Chriſto, pois aſſim o tinhaõ anteriormente vaticinado os Profetas; e ſe o Sol porque tanto reſplandece, naõ faltaõ atrevidos vapores que o aſſombrem, a Igreja de Deos mais que o Sol reſplandecente, tem muitos que com temeridade a perturbem. Tais foraõ os Antipapas, que ajudados de varios Sciſmaticos quizeraõ ſubſtituhir o lugar dos legitimos Succeſſores de Pedro occazionando mil horrores, e infundindo repetidos erros nos animos bem intencionados dos Fieis. Para noticia, exponho.

SCISMA I.

Novato I. Antipapa de Naçaõ Romano, ambicioſa, e atrevidamente no anno de 254. agregou diſcipulos à ſua falſa doutrina, e lhe pôz o nome de Limpos Sciſmaticos

Nova-

Novatianos, e o reconhecèraõ cabeça da Igreja, ſendoa entaõ S. Cornelio Papa.

SCISMA II.

Felix II. Diacono de Liberio (eſtando eſte impiamente deſterrado pelo Emperador Conſtantino) foy em ſeu lugar intruzo pelos Sciſmaticos Arrianos, e feito Antipapa, pois Liberio legitimamente o era. Socedeo em o anno de 355.

SCISMA III.

Urſicino Antipapa III. eleito, conſtituhido e obedecido pelos Sciſmaticos ſeus ſequazes, ſendo entaõ legitimo Pontifice S. Damazo Portuguez, em o anno de 367.

SCISMA IV.

Eulalio Antipapa IV. achando-ſe com parcialidades Roma, foy eleito a favor de Simmaco Perfeito daquella Cidade, ſendo Bonifacio I. o verdadeiro, e legitimo Pontifice que exiſtia em o trono, pelos annos de Chriſto 418.

SCISMA V.

Lourenço Antipapa V. condenado depois em hum Concilio Romano no anno de 499. e antes eleito no de 498. contra S. Simaco, que era entaõ o verdadeiro Pontifice.

SCISMA VI.

Dioſcoro Diacono eleito Antipapa excõmungado por Bonifacio II. legitimo Pontifece anno de 530.

SCISMA VII.

Vigilio Diacono Antipapa por induſtria ſendo vivo Silverio legitimo Pontifice, anno

no de 538. por morte deſte Santo Pontifice foy entaõ legitimamente eleito ;

SCISMA VIII.

Theodoro, e Pedro Romanos, foraõ eleitos , e introduzidos Pontifices na Igreja em o anno de 686.

SCISMA IX.

Paſcoal , e Theodoro Pontifices Sciſmaticos , ao meſmo tempo divididos em contendas, atè que Sergio foy legitimamente eleito no anno de 687.

SCISMA X.

Theophilato illegitimamente eleito Pontifice, e reconhecido por tal, depoſto pela legitima eleiçaõ de Paulo I. em o anno de 757.

SCISMA XI.

Conſtancio Antipapa no anno de 767. e da meſma ſorte Felippe no de 768. expulſos pela legitima eleiçaõ de Eſtevaõ IV. anno de 768.

SCISMA XII.

Zinzino pouco tempo Antipapa , expulſo pela eleiçaõ de Eugenio II. anno de 824.

SCISMA XIII.

Joaõ Diacono Antipapa intruzo por força, expulço pela eleiçaõ de Sergio II. anno de 844.

SCISMA XIV.

Anaſtacio Antipapa eleito por Luis II. ſendo legitimo Pontifice Benedicto III. anno de 855.

SCISMA XV.

Sergio Antipapa, ſendo Formoſo o Pontifice, anno de 891.

SCISMA XVI.

Benedicto Antipapa, expulſo pelo Pontifice Eſtevaõ VII. anno de *697*.

SCISMA XVII.

Leaõ dito VIII. Antipapa eleito por Othon I. ſendo Papa Joaõ XII. anno de *962*. ſegunda vez intruzo contra o Pontifice Benedicto V.

SCISMA XVIII.

Bonifacio Cardial Antipapa fazendo matar ao Papa Benedicto VI. foy expulſo por Benedicto VII. no anno de *975*.

SCISMA XIX.

Joaõ B. de Placencia introduzido Antipapa por Creſcente tirano de Roma ſendo Pontifice Gregorio V. foy expulſo, e mandado matar pelo Emperador Othon III. em o anno de *996*.

SCISMA XX.

Gregorio Antipapa intruzo em o anno de 1012. ſendo Papa Benedicto VIII. e foy expulſo no anno de 1013.

SCISMA XXI.

Benedicto IX. Silveſtre III. e Joaõ XX. Antipapas todos tres ao meſmo tempo em Roma; expulſos na eleiçaõ de Gregorio VI. anno de 1044.

SCISMA XXII.

Joaõ B. intruzo Antipapa no anno de 1058. degradado pelo Pontifice Niculao I. anno de 1059.

SCISMA XXIII.

Cadaloo B. dito Honorio II. Antipapa, contra Alexandre II. no anno de 1061.

SCISMA XXIV.

Guilberto dito Clemente III. Antipapa pelo Emperador Henrique IV. contra Gregorio VII. no anno de 1080.

SCISMA XXV.

Silveſtre III. Antipapa contra Paſchoal II. anno de 1106.

SCISMA XXVI.

Mauricio Francez Antipapa intruzo pelo Emperador Henrique V. contra o Pontifice Gelazio II. no anno de 1118.

SCISMA XXVII.

Theobaldo Cardeal dito Celeſtino II. cedeo a Lamberto no anno de 1122. canonicamente eleito no de 1124. dito Honorio III.

SCISMA XXVIII

Pedro Leaõ, dito Anacleto Antipapa contra Innocencio II. no anno de 1130. morrendo no de 1138. elegeraõ ſeus parciaes outro, chamandolhe Victor IV. eſte cedeo ao verdadeiro Pontifice Innocẽcio II. no anno de 1138.

SCISMA XXIX.

Octaviano chamado Victor no anno de 1159. a quem ſucedeo Guido chamando-ſe Paſcoal III. anno de 1170. e a eſte ſucedeo Joaõ Abbade chamando-ſe Calixto III. no anno de 1176. todos tres Antipapas, ſendo Pontifice Alexandre III. anno de 1178.

SCIS-

SCISMA XXX.

Pedro de Carbare introduzido pelo Emperador Luis de Baviera, chamado Niculao V. anno de 1328. ſendo Pontifice Joaõ XXII.

SCISMA XXXI.

Roberto Cardeal, dito Clemente VII. Antipapa, ſendo Pontifice Urbano VI. no anno de 1378.

SCISMA XXXII.

Pedro de Luna Antipapa chamando-ſe Benedicto XIII anno de 1392. depoſto no Concilio de Conſtancia, anno de 1416.

SCISMA XXXIII.

Gil Munhoz chamado Clemente VIII. Antipapa eleito por Affonço Rey de Aragaõ, anno de 1424. ſendo Põtifice Martinho V.

SCISMA XXXIV.

Amadeo Ermitaõ, Duque, que tinha ſido de Saboya, Antipapa intruzo, reconhecido pelos Alemaens com o nome de Felix V. em o anno de 1439. contra Eugenio IV. Pontifice verdadeiro. Cedeo no anno de 1449. e teve entaõ mais ſocego a Igreja Catholica, experimentando a Nau de Pedro, mais bonanças depois de taõ tiranas tempeſtades.

CAPITULO XI.

Dos nomes, numero, e vaticinios das Sybillas que prediſſeraõ os ſucceſſos miſterioſos do Naſcimento, Vida, Morte, e Reſſureiçaõ de Chriſto, fundamento originario da vida eſpiritual.

AS Sybillas, cujo nome por opiniaõ de Suidas quer dizer Profetizas, cujos ditos, e eſcritos naõ faltou quem reputaſſe por apocrifos, mas pelos ſucceſſos ſe acreditàraõ veroſimeis, e ſaõ reſpeitados com atençaõ pelos Eſcritores Catholicos, cujo numero contaõ atè onze, foraõ naſcidas em as trevas da Gentilidade, mas cheyas de virtudes moraes ſe reputaõ illuſtradas pela Sabedoria Divina, tivèraõ nomes diverſos reſpectivamente às patrias em que naſcèraõ, e nos ſeus vaticinios, ou profecias ſe diverſificàraõ.

A primeira Sybilla foy a Perſica, que outros chamàraõ Caldèa, ou Babilonica, e viveo no anno 2733. da creaçaõ do Mundo. Eſta profetizou: Que o Verbo invizivel ſerà palpavel: que ſendo Deos grandiſſimo naſcerà de huma Virgem caſta; e que naſcido de huma Mãy Virgem ſe aſſentarà em hum jumentinho, &c.

A Sybilla ſegunda foy a Erythrea, natural de Erytra, Cidade de Jonia em Grecia, ſeu proprio nome dizem que foy Heraphile, e florecéra no anno de 2842. da creaçaõ do Mundo, e foy a ſubſtancia da ſua Profecia: Na ultima idade ſe humilharà a geraçaõ Divina:

vinà : unirſehà a Divindade à Humanidade: o Cordeiro hade jacer no feno: Deos, e Homem ſerà nutrido como menino: elegerà o numero doze nos Peſcadores humildes, e hum diabo; e quatro animaes ſe levantaràõ para ſuas teſtemunhas, &c.

Terceira Sybilla foy a Cumana, natural de Cumis, Cidade de Jonia em Grecia. Floreceo no anno da creaçaõ do Mundo 2877. dizem huns fora Deiphobe o ſeu nome proprio, outros verificaõ ſe chamou Amalthea. Foy ſua Profecia, ou vaticinio: Entaõ virà aos mortaes o ſemelhante aos meſmos mortaes na terra, Filho do Pay Omnipotente veſtido de corpo. Continuou por diante moſtrando em anagrama de letras Gregas o Santiſſimo nome de JESUS.

Quarta Sybilla foy a Phrigia, que floreceu no ſobredito anno de 2877. e vaticinou em Aneyra. Sua Profecia foy: O vèo do Templo ſe raſgarà: huma tenebroſa noite opprimirà por tres horas o meyo dia; e com ſonno de tres dias pagarà o fado mortal, &c.

Quinta Sybilla foy a Delphica, ſendo ſeu proprio nome Themis, ou Authemis, e a fazem muitos natural de Delphos, Cidade de Beocia; floreceo mais de cem annos antes da guerra de Troya. Foy ſua Profecia: Iſrael lhe darà bofetadas, e o cuſpirà com malvada boca; darlhehà a comer fel amargoſo, e vinagre duro, &c.

Sexta Sybilla foy a Lybica, e ſe naõ averigua adonde naſceo, e floreceo, conforme o nome

o nome ſe entende que foy na Lybia. Eſta profetizou: Virà dia em que o Senhor alumiarà o denſo das trevas, e ſe diſolverà a Synagoga, &c. A Virgem Senhora das gentes o terà no regaço, reynarà a Mizericordia; e o ventre de Sua Mãy ſerà a balança de todos.

Setima Sybilla foy a Samia, chamada por outros Pithia, que floreceo no anno de 3589. Diſſe em ſua profecia: Virà o dia, e naſcerà da pobrezinha, e as beſtas da terra o adoraràõ, e ſe dirà: louvai-o nos Ceos, &c.

Oitava Sybilla foy a Heleſpontica naſcida em Marmeſſia, ou Marpeſſo Aldea de Troya. Foy eſta ſua Profecia: Eſtando eu em meditaçaõ profunda, vi enriquecer a huma Donzela caſta com huma dignidade engrandecida, julgando-a Deos por digna de parir em grande reſplendor hum Filho que ſerà geraçaõ fermoſa, e verdadeira de Deos ſummo, &c.

Nona Sybilla foy a Cumèa, aſſim chamada pela Cidade de Cuma principal das trinta Cidades Eolicas: dizem vaticinou em Italia. Foy ſua Profecia: Quando Deos enviar do alto Ceo o Rey, entaõ darà a terra aos miſeros mortaes frutos abundantiſſimos de paõ, vinho, azeite: o Ceo choverà mel, e correràõ mananciaes de leite: o povoado eſtarà cheyo de bonanças, e tudo vivirà em fartura, &c.

Decima Sybilla foy a Tyburtina, e ſe chamou Albunea, a qual vaticinou em Tibuli

naõ

naõ muito diſtante de Roma, em tempo de Auguſto Cezar. Foy ſua Profecia: Naſcerà o Ungido em Bethlem, e ſerà anunciado em Nazareth, reinando o Touro pacifico, e fundador da quietaçaõ, &c.

Undecima Sybilla na opiniaõ de varios Authores foy a Agripa, a qual dizem profetizou: Chorarà Deos alegria eterna, e ſerà pizado pelos homens, &c. Se na materia quizerem os Leytores mais noticia, leyaõ a Varro, Salmeiraõ, Leaõ Sancio, Menochio, Pannuino, Virgilio, Beda, e outros, cujos nomes vaõ inſertos no Indice geral dos Autores com que ſe acredita eſte volume.

CAPITULO XII.

Concilios geraes celebrados pela Univerſal Igreja para refutaçaõ de erros, eſtabelecimento da Fé, deffença do Chriſtianiſmo, e credito da vida eſpiritual.

SEmpre cuidàraõ muito por obrigaçaõ preciza os Pontifices Romanos como vigilantiſſimos Paſtores em acudir ao rebanho de Chriſto que lhe era commetido, porque ſe o meſmo Chriſto deixou noventa, e nove ovelhas no dezerto por hir buſcar huma que ſe lhe perdia, ſeus ſubſtitutos em a terra tambem cuidàraõ ſempre muito na conſervaçaõ deſte rebanho para que naõ ſe eſpalhaſſe, nem por omiçaõ ſua, alguma ovelha ſe perdeſſe.

Ainda em tempo dos Sagrados Apoſtolos deſde o anno 34. atè o de 78. do Naſcimen-

cimento de Chriſto ſe celebràraõ ſinco Concilios; e em diverſas partes, depois dos Apoſtolos ſe celebràraõ mais doze atè o anno de 319. depois dos quaes ſe celebrou o

I. Concilio geral Niceno em tempo de S. Silveſtre Papa no anno de 325. ſendo Prezidentes, e Legados do meſmo Pontifice Ozio, Vito, e Vicente, aſſiſtindo 318. Padres.

II. Concilio geral Conſtantinopolitano a que aſiſtiraõ 150. Biſpos, e ſe celebrou no annno de 381.

III. Concilio geral Ephezino, a que preſidiraõ Arcadio, e Projecto Legados Apoſtolicos com aſſiſtencia de 200. Biſpos em o anno de 341.

IV. Concilio geral Calcedonenſe, a que preſidiraõ Paſcaſino, Lucencio, e Juliaõ Legados do Papa com aſſiſtencia de 630. Biſpos no anno de 451.

V. Concilio geral, e ſegundo Conſtantinopolitano a que preſidio Euthiquio Patriarca aſſiſtindo 165. Biſpos. Vigilio Papa o aprovou no anno de 553.

VI. Concilio geral, e terceiro Conſtantinopolitano a que preſidiraõ Abundancio de Paterno, Joaõ Biſpo Portuenſe, e Joaõ de Reggio Legados Apoſtolicos, com aſſiſtencia de 166. Padres, anno de 680. e 681.

VII. Concilio geral Niceno ſegundo em Bythinia a que preſidiraõ Pedro Arcediago, e Pedro Abbade Legados do Papa, e Tharazio Patriarca de Conſtantinopla, com

aſſiſ-

assistencia de 250. Padres, anno de 787.

VIII. Concilio geral Constantinopolitano quarto, ao qual presidirão Donato, Marino, Estevão, e Ignacio Legados do Papa, com assistencia de 102. Bispos, anno de 879.

IX. Concilio geral Lateranense primeiro, no qual presidio em propria pessoa o Papa Calixto II. com mais de 300. Bispos, em o anno de 1122.

X. Concilio geral Lateranense segundo, a que pessoalmente presidio o Papa Innocencio II. com assistencia de mil Bispos, anno de 1139.

XI. Concilio geral Lateranense terceiro, presidindo o Papa Alexandre III. com assistencia de 300. Bispos, anno de 1163.

XII. Concilio geral Lateranense quarto, a que presidio Innocencio III. assistindo com alguns Patriarcas, e Legados, 70. Arcebispos, 400. Bispos, mais de 800. Abbades, e varios Embaixadores de Principes, anno de 1215.

XIII. Concilio geral primeiro de Leão, a que presidio o Papa Innocencio IV. assistindo muitos Cardeaes, e Patriarcas com 114. Bispos, anno de 1243.

XIV. Concilio geral segundo de Leão, a que presidio Gregorio X. com assistencia de 500. Bispos, 60. Abbades, 4. Prelados, e 2. Embaixadores, anno de 1274.

XV. Concilio geral Vienense, a que presidio o Papa Clemente V. a que assistirão 3.

Reys, 3. Patriarcas, 300. Biſpos, e muitos Abbades, anno de 1311.

XVI. Concilio geral Ferrarienſe a que preſidio Eugenio IV. com aſſiſtencia do Emperador, e muitos Cardeaes, e Prelados; anno de 1438. continuou em Florença, anno de 1439.

XVII. Concilio geral, e quinto Lateranenſe, a que preſidio o Papa Julio II. com aſſiſtencia de muitos Prelados no anno de 1511. continuouſe ſendo Papa Leaõ X. anno de 1513. e ſe acabou no anno de 1517.

XVIII. Concilio geral Tridentino, no qual preſidiraõ os Legados Apoſtolicos de Paulo III. anno de 1545. Os de Julio III. no anno de 1551. e os de Pio IV. no anno de 1560. com aſſiſtencia de 4. Legados, 2. Cardeaes, 25. Arcebiſpos, 168. Biſpos, 7. Abbades, 7. Geraes de Ordens Regulares, 39. Procuradores de Biſpos auſentes, muitos Padres, e varios Embaixadores de Principes Chriſtãos. Concluhio-ſe no anno de 1564. Outros muitos Concilios houve naõ geraes, que ſe naõ julgar diſconveniente a ſua individuaçaõ por difuſa, a ſeu tempo a moſtrarey.

LIVRO TERCEIRO

Da Vida, e Eſtado Real.

CAPITULO I.

Da Eſſencia Qualitativa de hum perfeito Monarca, ſublimidades que logra, e laboriozo diſvelo a que ſe ſogeita neſta vida.

NAõ pòde huma Creatura humana em o Mundo chegar a mayor ſublimidade do que verſe em hum trono coroado Rey, ſendo ſubſtituto, e vivo ſimulacro do ſupremo, e Divino Monarca que rege a toda a terra (1) e Vice-Rey deſte ſoberano Senhor em o Mundo. (2) Ephantes, e Plataõ verificàraõ ſer ſua qualitativa eſſencia eminente à humana natureza, e a fabrica de ſua compoſiçaõ huma Divindade humanada, ou huma humanidade quazi divinizada. (3) A todo ſeu Imperio manda, e governa, ſendo ſó Deos quem o governa, e manda.

(1) *Belarmin. de Officio Principis lib. 1. cap. 1.*
Plutarc. de doctr. Principis.
Simano de Repub. l. 3. cap. 6.
(2) *Plat. Plutarc.*
(3) *Ephantes apud Stobeum Ser. 47. Plat. de Repub.*

Naſce Rey, ou he eleito; porèm muitas vezes Deos o elege antes de naſcido. Tem da luz as excellencias, que quando mais alto eſtà poſta, entaõ mais brilha; do Sol as propriedades, quando como Principe generoſo diſpende luzes, e cuidadoſamente

he benefico para todos. Do Ar tem a valentia, quando com hum furibundo ſopro derruba ſoberbos edeficios, ſe lhe reziſtem. Do Fogo a actividade, quando aos que atrevidos muito ſe lhe chegaõ, abraza. Da Terra a providencia quando ſe dezentranha para com a precioſidade de ſuas riquezas utilizar a todos. Do Mar ſingularidades, quando ninguem lhe acha fundo, e de todos he temido.

Mas oh que penſionada vida he a de hum Monarca, ſogeita a hum laborioſo diſvèlo, e expoſta aos olhos de todos! jà quando cenſuraõ deſte Mar o precipitado das ondas; da Terra o que deixa levar das aguas; do Fogo o que deſtroe com ſuas lavaredas; do Ar a deſconveniencia de ſeus impetos; jà quando do Sol motejaõ os eclipſes, e da luz o alheyo com que luſtra.

He precizo a hum Rey ſer Argos em a viſta, para que tudo atenda, e a nada falte, ſendo ſuas acçoens taõ rectas, e bem dirigidas que poſſa ſer eſpelho a ſeus vaſſalos, pois aſſim ſem occazionar eſtimulos, pòde com rectidaõ ſeveramente punir os deſmanchos, e erros de ſeus ſubditos, e evitado o ocio naõ preciſo, muito tem que cuidar na ſua Monarquia com trabalho, e com diſvelo ſe ſe quiſer accreditar Principe perfeito

Eſta certamente foy a cauſa porque Themiſtocles diſſe que os Principes devem ſer criados com apertos, para que entre os trabalhos alcancem as glorias (4) e Egezippo,

(4) *Themiſtoc. orat.*

que

que devem ser educados com amor à sua Republica (5) applicados ao governo politico, e pratico, para se industriarem no exercicio, (6) exercitando-se o engenho (7) modificandose-lhe com prudencia as iras, e paixoens dezordenadas (8) e fazendo com que atendaõ ao bem de seus vassalos (9) mostrandolhe com respeito, amor.

Os Cetros que foraõ mais obedecidos no Mundo, foraõ de Agusto Cezar, Alexandre Magno, Seleuco Rey de Azia, Tiberio Cezar, Crasso Romano, e Vivaldo Rey de Inglaterra, pelo amor que tivèraõ a seus vassalos, mostrando que eraõ Pays, e mais Senhores (10) pois he a clemencia virtude propria nos Principes (11) e com esta se vem os subditos emmendados, e corregidos, (12) vecendo-se assim melhor, que com a soberania (13) de que os animos às vezes se estimulaõ.

Entre os grandes trabalhos que o bom Principe experimenta com continuos disvelos no regimen da sua Monarquia, deve applicarse às virtudes, à liçaõ dos livros, e ao exercicio das armas (14) naõ obstante o trabalho que tiver no seu expediente, no despacho das partes (15) na vigilancia dos Ministros (16) no cuidado da observancia das Leys (17) na recta disposiçaõ dos governos, em castigar os delinquentes, e premiar os benemeritos. (18)

He sem duvida que a humanidade dos Monarcas he como a dos outros homens, e

(5) *Egesip. l. 1. cap. 11.*
(6) *Leo Imperat. cap. 2. Tractic.*
(7) *Catsiu. Embl. Ethicor. 29.*
(8) *Dionis. Cassiodor.*
(9) *Simmachus l. 9. Epist. 82. Hierocles c. 6. ad carm. Pythagor. Dion Prusæus orat. ad Trajan. Franc. Patric. hist Dialog. 5.*
(10) *Maximus Tyrius.*
(11) *Isidor. Pelusiota.*
(12) *Gruterus tom. 2. lib. 3. t. de Clem.*
(13) *Themist. or. 3. Propercio. Grutero. Zonaras. Policracio.*
(14) *Policrates cap. 14. S. Hyeron. Ep. 30. Aristides orat. 2. Joan. Sarisbar. lib. 7. Bruschens. in Hermet. Baldesano in Stim. Vit. adol. l. 1. cap. 13. D. Diogo. Sávedra Emprez. 17. Polit. Hierocles c. 52. Lucian. Seneca. Auzonio.*
(15) *Joan. Sarisbar. Egesippo.*
(16) *Batillo.*
(17) *Catsio. Joaõ Dantico.*
(18) *Propecio. Alcinoo.*

appete-

appetecendo todos o deſcanço, e o divertimento, he miſeria que hum Rey (a ſatisfazer os encargos da ſua Monarquia) naõ pòde ter divertimentos, nem deſcanço. (19) Quanto mais alto he o poſto que cada hum logra, tanto mais he o trabalho, e pençoens a que ſe ſogeita. (20) O Emperador Sardanapalo ſó huma vez no anno apparecia em publico. (21) Os da China rariſſima vez ſaõ viſtos, e por vidraças. Cezar appetecendo divertirſe nos jogos Olympicos, ſe abſteve, conſiderando que naõ tinha igual com quem competiſſe. ElRey Dom Joaõ II. de Portugal ſaindo a eſpairecer em as ribeiras do Tejo, querendo por divertimento correr em o cavalo, diſſe a huns Miniſtros que tambem a cavalo o ſeguiaõ, correſſem; ao que reſpondèraõ: que tal naõ faziaõ com hum Principe, e ſó atras de ladroens corriaõ, &c. Felippe Rey de Macedonia dormitando a tempo que tinha de deſpachar, deu a Machetas hum deſpacho pouco conforme à razaõ, ao que exclamou o Pertendente, appelo; e o Rey deſpertando lhe perguntou com ira, para quem? ao que reſpondeo, de ElRey dormindo, para ElRey acordado. (22) Tirana vida! cruel officio! pois ſendo hum Rey Senhor dos outros, parece naõ pòde ſer ſenhor de ſi, pois nem ſe pòde divertir, nem deſcançar.

(19) *Eraſmus. Eſtoles Embl. Harmon. polit.*

(20) *Belarm. de officio Principis Natal. com. in mithol. S. Salvianus. S. Iſidorus.*

(21) *Tzetzes apud Bulg. de Imper. lib. 1. cap. 11. Drexelio in Gazoph. f. 1. c. 2.*

(22) *Floscul. hiſt. Fern. Mend. Pint. Fr. Raph. de S. Marianna. Belarmin. Sávedra. Quinto Curc. Plutarc.*

CAPI-

CAPITULO II.

Explica-se a inteligencia deste nome Rey, e se mostra como, e quem foy o Rey primeiro que no Mundo houve, modos de governo, fórmas de Coroa, e Cetro, e seus primeiros Inventores.

SAnto Izidoro, a quem na opiniaõ seguiraõ S. Salviano, e Scipiaõ Amirato, querendo sabiamente explanar a inteligencia, ou significado deste nome Rey, escreveo estas palavras: *Reges a recte agendo vocati sunt: ideoque recte faciendo Regis nomen tenetur: peccando amittitur. Recte ergo illi Reges dicuntur, qui tam semetipsos, quam subditos bene regendo modificare noverunt* (1) E incluindo-se em palavras taõ sentencioſas, e poucas, a obrigaçaõ que chega a contrahir quem com o excelso nome de Rey se pòde no Mundo apelidar, julgo na materia desnecessario todo o mais dizer.

(1) *D. Isidor. lib. 3. de sum bon. S. Salvianus. Scipiaõ Amirat. dissert. polit. l. 2.*

Tres saõ os modos de governo que especialmente se tem no Mundo praticado, os quaes Plataõ insinuou: Monarchico, Aristocracio, Democracio; o primeiro he quando hum só manda, e he Senhor: o segundo, quando determinadas pessoas principaes mandaõ, e governaõ: o terceiro, quando o povo rege, e determina. (2) Todos estes modos se praticàraõ antiguamente em Roma no tempo dos Emperadores barbaros (3) e hoje só se observaõ no modo que em diversos Paizes se pratica.

(2) *Plato in lib. de Regno.*

(3) *Alex. ab Alex. Ravis. Text. in offic.*

Os Egypcios (escreve Plinio) foraõ os pri-

primeiros que admitiraõ, e praticàraõ Senhorio Real (4) porque julgaraõ ſerlhe impoſſivel o viver ſem Rey (5) e foy Menes o primeiro que tiveraõ, como Herodoto eſcreveo (6) mas com tal condiçaõ, que nenhum era eleito Rey, ſem ſer primeiro Sacerdote, e algumas vezes que por aclamaçaõ do povo o contrario ſocedeo, era preciſado o Rey eleito a logo ſer Sacerdote. (7)

(4) *Plin. l. 7.*

(5) *Herodoto l. 2.*

(6) *Idem ibi. & Diodor. l. 1.*

(7) *Plato in lib. de Regno.*

Os que primeiro deraõ alguma formalidade ao governo Monarchico, diz Plinio, que foraõ os Athenienſes, ſendo Cecrops o ſeu primeiro Rey, contemporaneo de Mouſés (8) e Nino Rey, dos Aſſirios foy o primeiro que prevaricou ambicioſo à ſeria rectidaõ dos Reys, fazendo-ſe Senhor de toda a Azia, excepto a India. (9)

(8) *Plinio ſupra Juſtino l. 2.*

(9) *Euzeb. l. 20. de Prepar. Evang.*

Ao governo Democracio (diz Jozefo) deraõ principio os Hebreos, e entre ſi o praticàraõ (10) naõ obſtante Plinio com menos fundamento atribua tambem aos Athenienſes (11) porque computados os annos, tiveraõ muito mais anterioridade os Hebreos, a tempo que naõ exiſtia Athenas.

(10) *Joſepho l. 20. de Antiquit.*

(11) *Plin. ſupra.*

Ao governo Ariſtocracio naõ ſe pòde averiguar com certeza quem deu principio, ſó conſta acharſe entre os Romanos no tempo que dimitiraõ os Reys; mas entende-ſe haverem ſido os Hebreos quem primeiramente o praticàraõ; pois conſta que em tempo de ElRey Nino os Hebreos mais nobres, e principaes governavaõ, e adminiſtravaõ a Republica dos Egypcios pelos annos

da

da Creaçaõ do Mundo 3185. no qual tempo ſe diz naſcèra Abraham. (12)

O primeiro que no Mundo inventou Coroa, diz Plinio, que foy Libero pay de Bacco, e a pôs em ſua cabeça (13) eſta parece foy de Era; e de varios ramos de arvores ſe praticou o fazerem-ſe coroas para os governos, para os triunfos, para os Sacrificios, e para os jogos, mas de flores as inventou Glicera com idèa de Sycionio ſeu amante (14) ou de Pauzanias que o ſubſtituhio (15) e no Inverno que naõ havia flores, ſe uſava fazer coroas de humas varinhas pintadas, quando muito douradas, ou prateadas. (16)

Quem primeiro oſtentou coroas de ouro, diz Plinio, que foy Craſſo para os triunfos (17) mas reputa-ſe veroſimel por opiniaõ de Euzebio, que Mouſés muito tempo antes as inventou, e dedicou a Deos (18) o que Jozefo confirma (19) e ſendo os Athenienſes, Egypcios, Romanos, e Perſas os que mais as praticàraõ vulgarizadas, fazendo-o tambem os Gregos, e outras Naçoens que entaõ jà havia no Mundo, quando de ouro, prata, ferro, Cinamomo, Oliveira, Azinheiro, Louro, Hera, Parras, Eſpigas, e couſas ſemelhantes para diverſos miniſterios as uſavaõ, dandolhe nomes diverſos, como era, Coroas Reaes, Triunfaes, Civicas, Militares, Caſtrenſes, Muraes, Obſidionaes, Navaes, Valares, Gemmatas, Roſtratas, de que Plutarco, Plinio, Jozefo, Valerio Maximo,

(12) *Joſefo. de Antiquit. Apion. Raviſio Tex. Dioniz. Alicarn.*

(13) *Plin. l. 7. & lib. 16.*

(14) *Plin. l. 35. & l. 29. ante.*

(15) *Idem ibi.*

(16) *Idem ibi.*

(17) *Plin. l. 21.*

(18) *Euzeb. l. 10 de Præparat. Evang.*

(19) *Joſefo l 3. ant.*

Tito Livio, Euzebio, e outros fazem mençaõ; (20) e ſe tem por opiniaõ mais commua que Coroas Reaes foraõ os Cezares Romanos os primeiros que com formalidade as uſáraõ, ſendo para Monarcas propriiſſima no uſo, e a Duques, e outros Senhores permitida pelos Reys com diverſa fórma, por razaõ de Eſtado, praticando-ſe eſte honorifico indulto pelos Emperadores Romanos.

(20) *Plutarc. in lib. & cap. diverſ. Plin. in diverſ. Joſef. de Antiq. Valer. Max. Titol. in diverſ. Euzeb. in Prep. Evang.*

No uſo, e fórma dos Cetros, e tambem veſtes Reaes houve diverſidade no Mundo. Dionizio, Eſtrabo, e Lucio Floro com outros muitos Eſcritores dizem que os doze povos de Toſcana, a quem Tarquino Piſco ſogeitou, foraõ os primeiros que inventàraõ eſtas inſignias Reaes, ſendo o meſmo Tarquino quem por determinaçaõ do Senado Romano as uſou. (21) O Cetro Real que entaõ ſe praticava, eraõ certas varinhas atadas, e entre ellas huma machadinha. (22) As veſtes com diſtinçaõ para os Principes eraõ largas, e compridas, de côr purpurada, e tunica palmata, que era bordada, tecida, ou guarnecida de prata, e ouro (23) hoje uſaõ os Monarcas Cetro, e veſtidos na fórma que em ſeus Reynos ſe pratica, e elles querem, porque como Senhores Soberanos o pòdem fazer ſem offença da Mageſtade.

(21) *Dioniſ. l. 3. Eſtrabo. l. 5. de Gerograph. Lucio Flor. l. 5.*

(22) *Eſtrabo. Plutarc. Plin. Luc. Flor.*

(23) *Dioniſ. Eſtrabo. Lucio Floro ſuprà. alleg.*

CAPI-

CAPITULO III.

Da Invençaõ das Leys, determinaçaõ de Carceres, privilegio de Azilos, impoſiçaõ de Tributos, inſtituiçaõ de Juſtiças, e outras acçoens ſó proprias de Reys, ou Principes Soberanos.

VAſtiſſima he eſta materia; como quazi todas as mais que neſte volume eſcrevo; mas como em os Eſcritores he trabalho grande o querer em pouco dizer muito, naquelles digo, que ſeguirem empreſa ſemelhante à que ideei, he ſó o meu intento tocar, e abreviar.

Dar Leys aos homens he propriiſſimamente ſó de Deos; e depois de Deos ſó he proprio dos Monarcas aos ſeus vaſſalos que regem, por permiſſaõ Divina; ſaõ as Leys como Chriſippo (1) e outros muitos explicàraõ, huma obſervancia, e conhecimento das couſas Divinas, e humanas, determinaçaõ das couſas juſtas, e prohibiçaõ das inconvenientes, e injuſtas.

(1) *Chriſippo & alii quamplur.*

Sabemos todos que foy o Monarca Soberano do Ceo, e terra quem primeiro deu Leys ao Mundo, e Adam o primeiro homem que foy punido, porque as quebrou. (2) Reconhecemos todos ter havido Ley da Natureza, Ley Eſcrita, e a Ley da Graça, em que como Catholicos vivemos; mas a Ley da Natureza (reſtricta) foy depois por varios Principes a certas normas reduzida preciſamente, permitindoo Deos para governo do Mundo, paz das gentes, e civilidade dos homens.

(2) *Geneſ. cap. 2. & 3.*

Deſta pois, que aqui falamos, entendèraõ os meſmos Gentios ſem conhecimento do verdadeiro Deos, que fora Jupiter a quem tinhaõ por ſeu primeiro Deos, o que a inventou. (3) Ouvidio dà eſta primaſia à Deoſa Ceres (4) e Herodoto he deſte ſentir. (5) Por opiniaõ de muitos, foy Rhadamanto o primeiro que fez Leys no Mundo, e outros ſuceſſivamente o imitàraõ fazendo outras, e dandoas a Naçoens diverſas, como Dracon primeiro que outro aos Athenienſes, Solon aos Egypcios, Q. Mercurio aos Ethiopes, Minos aos de Creta, e Candia, Licurgo aos Lacedemonios, Caronda aos de Cartago, Chandaro aos de Tyro, Phoroneo aos Argivos, Apolo aos Arcades, Pytagoras aos Italianos, Romulo aos Romanos, Druide aos Francezes, os Magos aos Perſas, Trimegiſto aos Thebanos, Zalmolſis aos Scythas, Phido aos de Corintho, e finalmente outros muitos que naõ repito (6) mas tenho por opiniaõ ſolida que Mouéſs foy o primeiro homem depois de Adam que deu no Mundo Leys, e eſtas aos Hebreos, as quaes na eminencia do Monte Sinay participou do Supremo Legislador. (7) A' Luſitania as deu Tubal pelos annos 150. depois do diluvio. (7)

(3) *Cicero. Plutarch. &c.*
(4) *Ovidio 5. Metham.*
(5) *Herodot. l. 6.*

(6) *Iſidor. l. 5. ety. Diodor. l. 3. cap. 5. Raviſ. in offic. Lampridius. Plato. Aloyſius de Piza Andreas de Padua. Euſeb.*
(7) *Exod. 32. Euzeb. l. 10. de Præparat. Evang. Abul. in Exod.*
(7) *Fr. Hector Pinto Brito. Faria. Souza de Macedo. Vaſco Mouzinho.*
(8) *Eutropius.*

Os Carceres para mandarem os Reys priſionar delinquentes, ſupoſto haja quem diga que foy invento dos Romanos, como tambem as algemas, e grilhoens, e Eutropio o atribua a Tarquinio Soberbo (8) fas-ſe atendivel

divel o ſentir de Titolivio, que mais antigamente ElRey Anco o inventàra, e uſára (9) ſe he que naõ foy ainda mais antigo eſte invento, como o entendem Joſefo, e Herodoto (10) ſupondo-ſe com opiniaõ mais provavel que Nembroth primeiro tirano, foy ſeu primeiro inventor.

(9) *Titolivius.*

(10) *Joſeph. de Ant. Herodot.*

Os azilos a que ſe acoitaõ os delinquentes, dizem Servio, e Stacio, que foy invento dos filhos, e deſcendentes de Hercules, os quais temendo ſerem juſtiçados pelos inimigos que a ſeu Pay tinhaõ occaſionado a morte, edeficàraõ hum Templo em a Cidade de Athenas, a que chamàraõ Miſericordia, ou azilo, alcançando dos Principes indulto para que toda a peſſoa que a elle ſe recolheſſe, naõ pudeſſe por violencia ſer extrahida. (11)

(11) *Servius in l. 8. Aneid. Stacius in l. 12. de Thebaid.*

A impoſiçaõ dos tributos eſpecialmente nas fazendas pela ſua avaluaçaõ, e rendimentos, diz Titolivio, que foy Servio Tulo quem primeiro o praticou (12) mandando reſiſtar em ſinco livros diverſos as poſſeſſoens, conforme a graduaçaõ das peſſoas, julgando ſer aſſim mais conveniente para a ſubſiſtencia do Imperio, do que o modo atè eſte tempo praticado de ſe pagar tributo, ou cenſo por cabeças, como coſtumavaõ os Romanos. A opiniaõ que concidero mais certa, he que muitos annos antes de haver Romanos no Mundo, foy Mouſés que inventou, ou determinou eſte cenſo, ou tributo por cabeças ao povo Hebreo, impondo-ſe eſpecial-

(12) *Serv. Tulo.*

cialmente aos que tiveſſem de vinte annos para ſima: conſta da Eſcritura Sagrada. (13)

(13) *Exod* 30. *Vide Nath.* 22.

Mandar bater, e cunhar moeda, diz Herodoto que foy inventado pelos de Lidia, aſſim em ouro, como prata. (14) Os Emperadores Romanos a mandàraõ fazer de ouro no anno de 647. da fundaçaõ de Roma, e ao primeiro dinheiro que ſe fez, chamàraõ Ducado (15) tomando-ſe poſteriormente o coſtume de eſtamparem na moeda as effigies de ſeu Soberano; e no anno de 484. tambem da fundaçaõ de Roma ſe principiou a cunhar dinheiro de prata, e na tal moeda ſe eſtampava huma carroça tirada por dous, ou quatro cavallos. (16) Eutropio ſe diverſifica na opiniaõ reſpectivamente aos annos de antiguidade mais, ou menos. (17)

(14) *Herodot. l.* 1. *hiſtor.*

(15) *Plin. l. hiſtor.*

(16) *Titolivius.*

(17) *Eutropius.*

Deixemos para outro lugar a Inſtituiçaõ das Juſtiças, porque ſem demora quero aqui expor hum Catalogo curioſo dos Monarcas do Mundo, todos os de que achey noticia, incluindo como taes os Pontifices Romanos; e como Portuguez direy finalmente alguma couſa do Imperio Luſitano.

CAPI-

CAPITUO IV.

CATALOGO

De todos os Principes, Reys, Emperadores, Pontifices, e mais Potentados que tem havido no Mundo deſde o principio da ſua creaçaõ atè o tempo preſente.

Deſcendencia de Adam.

Annos do Mundo.

1 Adam creado por Deos.
15 Caim.
30 Abel.
130 Seth.
} filhos.
235 Enòs, de Seth.
325 Caiman, de Enòs.
395 Malalael, de Caiman.
460 Jared, de Malalael.
622 Enoch, de Jared.
687 Matuſalem, de Enoch.
874 Lamec, de Matuzalem.
1056 Noè, de Lamech.
1556 Sem, e outros Irmãos, de Noè
1656 O Diluvio univerſal.
1658 Arfaxad, de Sem.
1693 Sale, de Arfaxad.
1723 Heber, de Sale.
1757 Faleg, de Heber.
1787 Reu, de Faleg.
1819 Sarug, de Reu.
1894 Nachor, de Sarug.
1878 Tarè, de Nachor.
1948 Abraham, de Tarè.
2023 Entrada na terra da promiçaõ.
2047 O incendio de Sodoma.
2048 Iſaac, de Abraham.
2108 Jacob, de Izaac.
2110 Florece Jozè.
2369 Naſce Aram.
2372 Naſce Mouſés.

Antes da vinda de Chriſto.

Juizes dos Hebreos.

2452 Mouſés.
2492 Jozuè.
2526 Othoniel.
2558 Aioth.
2638 Debora.
2678 Gedeaõ.
2718 Abimelec.
2721 Tola.

2744 Giair.
2766 Geſte.
2768 Eſebon.
2779 Aialon.
2789 Labdon.
2797 Sanſaõ.
2817 Heli.
2857 Samuel.

Reys dos Hebreos.

2869 Saul.
2897 David.
2937 Salamaõ.

Reys de Judà

2977 Roboaõ.
2994 Abias.
2997 Aſa.
3038 Jozafat.
3063 Joram.
3071 Ochozias.
3072 Athalia.
3079 Joâz.
3119 Amazias.
3140 Azarias.
3200 Jonathas.
3216 Achàz.
3232 Ezechias.
3261 Manaſſes.
3316 Amon.
3318 Jozias.
3349 Joachaz
3349 Joachim.
3360 Jeconias.
3361 Sedechias.
3372 Tranſmigraçaõ de Babilonia.

Reys de Iſrael.

2977 Jeroboaõ.
2999 Nadab.
3001 Baaſa.
3025 Hela.
3025 Zambri.
3027 Ambri.
3039 Acab.
3050 Ochozias.
3063 Joram.
3075 Gieu.
3103 Joachàz.
3120 Joàz.
3136 Jereboaõ.
3177 Zacharias.
3177 Mananehen.
3187 Faceia.
3189 Facea.
3190 Ozeas.

Reſtituiçaõ do Povo Hebreo à ſua antigua liberdade.

3442 Liberaçaõ dos Hebreos.
3557 Judith Rainha.
3776 Onias Pontifice.
3786 Simaõ.
3787 Nova perſeguiçaõ do Povo.

3788

3788 Jaſon.
3791 Menelao.
3793 Nova perſeguiçaõ.
3794 Os Machabeos.
3795 Matatias.
3797 Judas Macabeo.
3803 Jonathas.
3820 Simaõ, outro.
3828 Hircano.
3861 Ariſtobolo I.
3862 Alexandre.
3889 Alexandra.
3898 Hircano, e Ariſtobolo II.
3919 Antipatro Idumeo.
3920 Antigono I.
3925 Herodes I.
3926 Antigono II.
3928 Herodes II.
3929 Annanael.
3930 Ariſtobolo III.
3936 Herodes III.
3955 Herodes IV.

2104 Tagete.
2146 Sicano.
2176 Evachio.
2206 Apis.
2216 Leſtrigon.
2261 Hercules.
2291 Tuſco.
2318 Altheo.
2325 Heſpero.
2336 Atlante Italo.
2355 Margete.
2375 Corito.
2408 Jaſio.
2458 Coribante.
2506 Turreno.
2557 Tracon Priſco.
2580 Abante.
2595 Olano.
2616 Verbeno.
2658 Oſcho.
2692 Darcon.
2736 Tiberino.
2776 Mezencio.

Reys de Italia.

1765 Noè.
1798 Gomero Gallo.
1856 Otho.
1906 Cham.
1925 Noè.
2007 Crano Raſeno.
2066 Arunno.

Reys antigos de Germania.

1798 Tuiſcon.
1864 Mano.
2037 Ingevon.
2074 Iſtevon.
2124 Hermion.
2118 Marſo.
2234 Gambrino.

2278 Suevo.
2324 Vandalo.
2365 Teuton.
2392 Alman.
2455 Boio.
2516 Ingrame.
2568 Adalogerico.
2617 Laerte.
2668 Ulizes.

Reys antigos da Hespanha, a qual deve á nossa Lusitania o berço glorioso de seu nascimento, como a diante mostrarei.

1800 Tubal.
1954 Ibero.
1991 Jubula.
2055 Brigo.
2106 Tago.
2137 Betto.
2164 Geriaõ.
2194 Os Gerioens.
2255 Hercules Libio.
2256 Hispalo.
2263 Hispano.
2291 Hercules.
2314 Hespero.
2325 Atlante.
2336 Oro.
2383 Sicano.
2413 Eleo.
2458 Luzo.
2488 Ulo.
2548 Testa.
2622 Roma.
2657 Palante.
2727 Euno.
2805 Gorgori.
2882 Abido.

Reys antigos de França.

1805 Giavan.
1958 Mago.
2010 Saro.
2068 Briusso.
2080 Bardo.
2140 Longo.
2209 Lucio.
2223 Celte.
2274 Galate I.
2315 Narbon.
2235 Ludo.
2388 Belgio.
2456 Alobrogo.
2516 Roma.
2551 Paris.
2590 Lemanio.
2648 Olbio.
2668 Galate II.
2709 Hanno.
2754 Remo.
2792 Franco I.
2818 Franco II.

Monar-

Monarcas dos Assirios.

1789 Nembrote.
1851 Bello.
1906 Nino primeiro Monarcha.
1958 Semiramis.
2000 Zamei Ninias.
2038 Arrio.
2068 Aralio.
2108 Baleo.
2138 Armatrite.
2176 Belloco. I.
2211 Baleo.
2263 Altade.
2295 Mamiro.
2325 Mancaleo.
2365 Ifereo.
2375 Mamelo.
2405 Espareto.
2445 Ascatade.
2485 Aminta.
2530 Belloco. II.
2555 Bellopar.
2585 Lampride.
2617 Sosare.
2637 Lampare.
2667 Pania.
2712 Sosarmo.
2731 Mitreo.
2758 Tautane.
2790 Teuteo.
2830 Timeo.
2860 Dercilo.
2900 Eupale.
2938 Laostene.
2983 Pintidia.
3013 Ofarteo.
3033 Ofraganeo.
3083 Ascrazape.
3125 Sardanapalo.

Reys dos antigos Sicioens.

1875 Egialeo.
1927 Europo.
1972 Estelchino.
1992 Api.
2017 Telazio.
2069 Egidio.
2103 Tarimaco.
2148 Leucippo.
2201 Mesapo.
2248 Erato.
2294 Plemmeo.
2342 Ortopoli
2405 Marato. I.
2435 Marato. II.
2455 Echiteo.
2510 Chorace.
2540 Epopeo.
2575 Laomedonte.
2615 Sicion.
2660 Polibo.
2696 Adrasto.
2700 Inaco.
2742 Festo.

2750 Zeuzippo.
2754 Polifide.
2785 Pelasgo ultimo.

Reys dos Argivos.

2109 Inaco I. Rey.
2159 Foroneo.
2219 Apis.
2254 Argo.
2324 Graffo.
2378 Forba.
2413 Troifa.
2459 Crotofo.
2480 Efteleno.
2491 Danao.
2541 Linceo.
2581 Abante.
2602 Preto.
2619 Acrizio ultimo.

Reys de Lacio.

2336 Roma filha d' Atlante famoſa Luſitana.
2382 Romaneſſo.
2453 Pico Priſco.
2510 Fauno Priſco.
2540 Amno Faunigena.
2594 Vulcano.
2630 Marte.
2653 Ceculo Saturno.
2689 Pico II.
2723 Fauno II.
2747 Latino.
2786 Enéas.
2789 Aſcanio.
2827 Silvio.
2856 Eneas Silvio.
2887 Latino Silvio.
2937 Alba.
2986 Atis.
3000 Capi.
3028 Capetto.
3041 Tiberino.
3049 Agrippa.
3089 Aremolo.
3108 Aventino.
3145 Proca.
3168 Amulio.

Reys dos Romanos.

Depois de fundada em o monte Capitolino de Italia a entaõ pequena povoaçaõ de Roma por Atlante Italo XIV. Rey da Luſitania donde governava Heſpanha, e tambem Italia, concorrendo para eſta acçaõ ſua filha Roma naſcida em Portugal, tendo ſido eſta a primeira Senhora de Roma impondoſelhe o ſeu nome; paſſados muitos annos, o que primeiro a reedificou, e governou como Rey, foy no anno de 3210

3210 Romulo.
3211 Rapiſce Sabina.
3247 Romulo foy morto.
3248 Numa Pompilio.
3289 Tullo Hoſtilio.
3321 Anco Marcio.
3344 Tarquinio I.
3381 Servio Tullo.
3415 Tarquinio II.
3450 Acabàraõ os Reys de Italia.

Reys do Egypto.

2242 Amaſi I. Rey.
2267 Chebron.
2280 Amenoſi I.
2301 Meſte.
2313 Mifarmutoſi.
2339 Tuternoſis.
2348 Amenoſi II.
2379 Oro.
2417 Achencre.
2429 Achori.
2438 Chencre.
2454 Chenchreachecre.
2462 Cherre.
2477 Armeodanao.
2482 Rameſſe.
2550 Menofi.
2590 Zeto.
2645 Rampſe.
2711 Amenoſi III.
2751 Attizano.
2777 Tuori.
2784 Rapſimite.
2926 Vafre.
2960 Seſac.
2986 Chemis.
3036 Cleobs.
3092 Cefrene.
3142 Micerino.
3171 Azichi.
3177 Anizi.
3178 Salaco.
3227 Seton.
3260 Os Dinaſtas.
3277 Pſametico.
3331 Necaqui.
3350 Pſamite.
3354 Vafre.
3385 Amaſi
3437 Pſametico II.
3546 Amiteo.
3553 Nefre.
3563 Achori.
3572 Nettanabo I.
3589 Nettanabo II.

Reys de Athenas.

2408 Cecrope I. Rey.
2458 Granao.
2467 Anfitreaõ.
2477 Ericbtonio.
2527 Pandio I.
2567 Eritheo.
2617 Cecrope II.

2657 Pandio II.
2682 Egeo.
2730 Thezeo.
2760 Menesteo.
2784 Demofonte.
2817 Ossinte.
2829 Asida.
2836 Timoete.
2838 Melanto.
2875 Codro.

Reys de Troya.

2484 Dardano I. Rey.
2515 Erittonio.
2590 Troe.
2650 Ilo.
2705 Laomedonte.
2741 Priamo.
2784 Acabou o Reyno.

Reys de Mecenas.

2656 Euristeo I. Rey.
2702 Atreo, ou Trieste.
2768 Agamenon.
2786 Egisto.
2792 Oreste.
2829 Afida.
2830 Pentillo.
2836 Timoteo.
2861 Titamene ultimo.

Reys de Lacedemonia.

2862 Euristo I. Rey.
2904 Agide.
2905 Acheftrato.
2940 Labote.
2977 Dosisto.
3006 Agelizao.
3050 Archelao.
3110 Teleco.
3150 Alcamene ultimo.

Reys de Corintho.

2862 Atlete I. Rey.
2897 Trion.
2934 Agilao.
2971 Primina.
3006 Baci.
3039 Agela.
3071 Eudemo.
3096 Aristomedes.
3131 Egemon.
3147 Alexandre.
3172 Felesteo.
3184 Ansomene.
3185 Acabou o Reyno.

Reys de Tiro.

2923 Hira I. Rey.
2955 Balestrato.
2971 Adastrato.
2983 Astrato.

2995

2995 Aſtarino.
3004 Felette.
3620 Itobalo.
3035 Badeſoro.
3045 Margeno.
3052 Tiro.
3070 Pigmaliaõ ultimo.

Reys dos Caldeos.

3140 Fulbellocco.
3188 Fullaſſar.
3217 Salmanaſſar.
3230 Senacherib.
3240 Aſſaradon.
3247 Merodach.
3299 Benmerodach.
3320 Nabuchodonozor I.
3345 Nabuchodonozor II.
3390 Fulmerodach.
3420 Regaſſar.
3423 Labbaſſar.
3429 Balthazar ultimo.

Reys dos Medos.

3140 Arbace.
3168 Mandane.
3218 Soſarmo.
3248 Articarmo.
3298 Arbiano.
3320 Arceo.
3360 Artino.
3382 Aſtibaro.
3402 Apanda ultimo.

Reys de Macedonia.

3149 Granao I. Rey.
3178 Ceno.
3190 Tirima.
3228 Perdica I.
3279 Argeo.
3317 Filippe I.
3355 Europo.
3481 Alcete.
3410 Aminta I.
3460 Alexandre. I.
3503 Perdica II.
3532 Archelao I.
3559 Archelao II.
3563 Oreſte.
3566 Pauzanias.
3567 Aminta II.
3598 Alexandre II.
3594 Ptolomeo. I.
3598 Perdica III.
3604 Filippe II.
3627 Alexandre Magno.
3640 Arideo.
3647 Caſſandro.
3664 Antipatro.
3668 Demetrio.
3672 Pirro.
3673 Lyſimaco.
3679 Ptolomeo II.
3681 Soſtene.

3683

3683 Antigono I.
3718 Demetrio II.
3728 Antigono II.
3743 Filippe III.
3778 Perſe ultimo.

Reys de Lydia.

3184 Ardizio I. Rey.
3222 Aliates. I.
3224 Mele.
3246 Candaulo.
3263 Giges.
3299 Ardo.
3336 Sadiato.
3351 Aliates II.
3417 Creſſo.
3432 Teve fim.

Reys da Perſia.

3418 Ciro I. Rey.
3437 Cambiſſes.
3440 Dario.
3476 Xerxes I.
3496 Artabano.
3497 Artaxerxes.
3537 Xerxes II.
3537 Sogdiano.
3538 Dario.
3557 Mnemon.
3597 Ocho.
3625 Arſame.
3626 Dario.

3632 Acabou-o Alexandre Magno.

Reys de Alexandria.

3632 Alexandre Magno.
3637 Ptolomeo I.
3677 Ptolomeo II.
3715 Ptolomeo III.
3741 Ptolomeo IV.
3758 Ptolomeo V.
3782 Ptolomeo VI.
3817 Ptolomeo VII.
3847 Ptolomeo VIII.
3862 Ptolomeo IX.
3872 Ptolomeo X.
3880 Ptolomeo XI.
3911 Cleopatra.
3918 Cahio nos Romanos.

Reys de Siria.

3638 Seleuco I.
3689 Anthioco I.
3703 Anthioco. II.
3718 Seleuco II.
3737 Seleuco III.
3740 Anthioco o grande.
3776 Seleuco IV.
3787 Anthioco IV.
3797 Anthioco V.
3802 Demetrio I.
3811 Alexandre I.
3818 Demetrio II.

3826 Anthioco VI.
3835 Demetrio III.
3839 Alexandre II.
3841 Anthioco VII.
3853 Anthioco VIII.
3871 Seleuco V.
3874 Anthioco IX.
3875 Anthioco X.
3876 Demetrio, e Felipe.
3879 Felippe ſó.

Reys de Azia.

2643 Antigono.
2661 Demetrio.

Reys de Pergamo.

3679 Fileteto.
3699 Eumenes I.
3721 Atalo.
3765 Eumenes II.
3808 Atalo II.
3829 Atalo III.
3884 Acabou nos Romanos.

Reys dos Parthos, antes da Vinda de Chriſto.

3719 Arſace I.
3740 Arſace II.
3760 Pampacio.
3772 Farnace.
3780 Mitridate I.
3827 Fraate I.
3855 Artabano.
3857 Pacoro.
3880 Fraate II.
3890 Mitridate II.
3903 Orode.
3934 Fraate III.
3956 Fraate IV.

Emperadores Romanos.

3912 Julio Cezar.
3918 Octaviano Aug.

Em o anno 42. do ſeu Imperio, e ſeguida a opiniaõ mais ſolida, em o anno 5199. da Creaçaõ do Mũdo, depois do diluvio 2952. annos na hebdomada 65. na Olympiade 194.

Naſceo JESUS Chriſto noſſo Redemptor.

Annos de Chriſto.

15 Tiberio.
38 Caligola.
42 Claudio.
56 Nero.
69 Galba.
70 Othon.
70 Vitelio.
71 Veſpaziano.
80 Tito.
83 Domiciano.
97 Nerva.
99 Trajano.

118 Adriano.
139 Antonino Pio.
162 Antonino Vero.
181 Commodo.
194 Pertinace.
194 Juliano.
194 Severo.
211 Baſſiano.
218 Macrino.
219 Heliogabalo.
223 Alexandre.
236 Maximino.
238 Balbino.
239 Gordiano.
245 Felippe.
250 Decio.
253 Gallo.
254 Emiliano.
254 Valeriano.
269 Claudio.
269 Quintilio.
271 Aureliano.
276 Tacito.
277 Floriano.
277 Probo.
283 Caro.
283 Numeriano.
284 Diocleciano.
285 Conſtanço, e Galerio.
313 Conſtantino Magno.
337 Conſtantino II. e os Irmãos.
362 Juliano Apoſtata.
363 Joviniano.
364 Valentiniano.
374 Valente.
375 Graciano.
385 Valentiano III.
391 Eugenio.
394 Honorio.
423 Joaõ.
425 Valentiniano III.
455 Maſſino.
456 Avito.
457 Maiorano.
462 Severiano.
468 Antemio.
472 Retimero.
472 Olibio.
473 Glicerio.
475 Nepote.
476 Auguſtolo.

Emperadores do Oriente na diviſaõ do Imperio.

364 Valente.
379 Theodozio.
394 Arcadio.
408 Theodozio II.
450 Marciano.
457 Leaõ.
474 Leaõ II.
479 Zenon.
491 Anaſtacio.
518 Juſtino I.
527 Juſtiniano I.

565 Juſtino II.
576 Tiberio II.
583 Mauricio.
602 Foca.
611 Heraclio.
641 Conſtantino III.
641 Heracliano.
641 Coſtante.
664 Conſtantino IV.
686 Juſtiniano II.
712 Felippe.
715 Artemio, ou Anaſtacio II.
716 Teodozio III.
717 Leaõ III.
741 Conſtantino V.
775 Leaõ IV.
780 Conſtantino, e Irene.
802 Niceforo.
811 Michel Curopa.
813 Leaõ V.
821 Michel Phrigio.
829 Theofilato.
822 Michel III.
867 Bazilio.
886 Leaõ VI.
908 Alexandre.
909 Conſtantino VII.
221 Romano.
948 Conſtãtino iterum.
962 Romano iterum.
964 Niceforo Foca.
970 Joaõ Gemiſco.
976 Bazilio II.
1026 Conſtantino VIII.
1029 Romano.
1035 Michael Paflagonio.
1041 Michael Calafate.
1042 Theodora I.
1042 Conſtantino IX.
1054 Theodora II.
1056 Michael Stratoico.
1057 Izaacio Commeno.
1060 Conſtantino X.
1067 Eudoxia.
1068 Romano Diogenes.
1071 Michael Paraponacio.
1078 Niceforo.
1081 Aleſſio I.
1118 Caloiano.
1143 Manoel I.
1180 Aleſſio II.
1183 Andronico I.
1185 Izaacio.
1195 Aleſſio III.
1203 Aleſſio IV.
1204 Aleſſio. V.
1205 Baldovino.
1205 Henrique.
1216 Pedro.
1221 Roberto.
1228 Baldovino.
1260 Michael. VIII
1282 Andronico II.
1325 Andronico III.

1338 Joaõ I.
1354 Joaõ II.
1384 Andronico III.
1387 Manoel II.
1418 Joaõ III.
1421 Joaõ IV.
1445 Teve fim.
1453 Em Conſtantino.

Emperadores Romanos deſde Carlos Magno.

801 Carlos Magno.
814 Ludovico I.
840 Lotario I.
855 Ludovico II.
875 Carlos Calvo.
877 Ludovico Balbo.
879 Carlos Craſſo.
888 Arnolfo.
899 Ludovico III.
912 Conrado. I.
919 Henrique I.
636 Othon I.
973 Othon II.
983 Othon III.
1002 Henrique II.
1024 Interregno. - - - - -
1025 Conrado II.
1039 Henrique III.
1056 Henrique IV.
1106 Henrique V.
1125 Lotario II.
1139 Conrado III.
1152 Federico I.
1119 Henrique VI.
1198 Felippe II.
1208 Othon IV.
1220 Federico II.
1250 Interregno. - - - - -
1273 Rodolfo.
1291 Interregno. - - - - -
1292 Adolfo.
1299 Alberto I.
1309 Henrique VII.
1313 Interregno. - - - - -
1314 Ludovico IV.
1347 Carlos IV.
1379 Wenceslao.
1400 Roberto.
1411 Segiſmundo.
1438 Alberto II.
1440 Federico III.
1449 Maximiliano I.
1519 Carlos V.
1559 Fernando I.
1566 Maximiliano II.
1576 Rodolfo II.
1612 Mathias.
1619 Fernando II.
1638 Fernando III.
1658 Leopoldo.
1705 Jozeph Jacob.
Carllos VI.

Summos Pontifices.

44 S. Pedro.
57 Lino Toſcano.
78 Cleto Romano.
90 Clemente Romano.
102 Anacleto Grego.
109 Evariſto Grego.
118 Alexandre Romano.
128 Xiſto Romano.
139 Telesforo Grego.
149 Igyno Grego.
153 Pio Aquileienſe.
164 Aniceto Siro.
173 Sothero Campano.
180 Eleutherio Grego.
195 Victor Africano.
207 Zeferino Romano.
218 Caliſto Romano.
223 Urbano Romano.
231 Ponciano Romano.
236 Antero Grego.
237 Fabiano Romano.
251 Cornelio Romano.
253 Lucio Romano.
255 Eſtefano Romano.
257 Xiſto II. Grego.
260 Dionizio Monacho.
271 Felix I. Romano.
275 Eutichiano Thoſcano.
283 Cayo Damalcino.
296 Marcelino Romano.
304 Marcello Romano.
310 Euzebio Grego.
311 Melchiades Africano.
314 Silveſtre Romano.
336 Marcos Romano.
336 Julio Romano.
353 Liberio I. Romano.
359 Felix II.
361 Liberio II. iterum.
366 Damazo Portuguez.
385 Siricio Romano.
398 Anaſtacio Romano.
402 Innocencio Albano.
416 Zozimo Grego.
419 Bonifacio Romano.
423 Celeſtino Campano.
432 Xiſto III. Romano.
440 Leaõ Thoſcano.
461 Hilario Sardo.
467 Simplicio Tiburtino.
483 Felix III. Romano.
492 Gelazio Africano.
496 Anaſtacio II. Romano.
498 Simaco Sardo.
514 Hormiſda Campano.
523 Joaõ I. Toſcano.
526 Felix IV. de Samo.
530 Bonifacio II. Romano.
532 Joaõ II. Romano.
534 Agapito Romano.
535 Silverio Campano.
577 Vigilio Romano.

555 Pelagio Romano.
560 Joaõ III. Romano.
575 Benedicto I. Romano.
579 Pelagio II. Romano.
590 Gregorio I. Romano.
604 Sabiniano Toscano.
607 Bonifacio III. Romano.
608 Bonifacio IV. Romano.
615 Deodato Romano.
619 Bonifacio V. Napolitano.
622 Honorio Campano.
635 Sede Vacante.
637 Severino Romano.
683 Joaõ IV. Damalcino.
640 Theodoro Grego.
647 Martinho Toscano.
653 Sede Vacante.
654 Eugenio Romano.
657 Vitaliano Campano.
672 Deodato II. Romano.
676 Dono Romano.
679 Agaton Siziliano.
682 Leaõ II. Siziliano.
683 Sede Vacante.
684 Benedicto II Romano.
685 Joaõ V. Antioqueno.
686 Cannon de Tracia.
687 Sergio Soriano.
701 Joaõ VI. Grego.
705 Joaõ VII. Grego.
707 Sizinio Siro.
707 Constantino Toriano.
716 Gregorio II Romano.
731 Gregorio III. Siro.
741 Zacharias Grego.
752 Estevaõ II. Romano.
752 Estevaõ III.
757 Paulo Romano.
768 Sede Vacante.
772 Adriano Romano.
796 Leaõ III. Romano.
816 Estevaõ IV. Romano.
817 Pascoal Romano.
824 Eugenio II. Romano.
827 Valentino Romano.
828 Gregorio IV. Romano
844 Sergio II. Romano.
847 Leaõ IV. Romano.
847 Leaõ V. Romano.
853 Joaõ
855 Benedicto Romano.
858 Niculao Romano.
867 Adriano II. Romano.
872 Joaõ VIII. Romano.
882 Martinho II. Francez.
884 Adriano III. Romano.
885 Estevaõ V. Romano.
891 Formozo Portoense.
895 Bonifacio Toscano.
896 Estevaõ VI. Romano.
897 Romano Romano.
897 Teodoro II. Romano.

897 Joaõ IX. Romano.
897 Benedicto IV. Rom.
902 Leaõ V. de Ardea.
902 Christovaõ Romano.
902 Sergio III. Romano.
910 Anastacio III. Rom.
912 Lando Romano.
913 Joaõ X. Romano.
928 Leaõ VI. Romano.
928 Estevaõ VII. Rom.
930 Joaõ XI. Romano.
935 Leaõ VII. Romano.
939 Estevaõ VIII. Alemaõ.
942 Martinho III. Rom.
946 Agapito II. Rom.
956 Joaõ XII. Romano.
963 Leaõ VIII. Romano.
965 Joaõ XIII. Romano.
972 Dono II. Romano.
972 Benedicto V. Rom.
974 Bonifacio VII. Rom.
975 Benedicto VI. Rom.
984 Joaõ XIV. Romano.
985 Joaõ XV. Romano.
995 Joaõ XVI. Romano.
995 Gregorio V. Saxonio.
998 Silvestre II. Francez.
1003 Joaõ XVIII. Rom.
1003 Joaõ XIX. Romano.
1009 Sergio IV. Romano.
1012 Benedicto VII. Tuscul.
1024 Joaõ XX. Romano.
1036 Benedicto VIII. Tuscul.
1045 Silvestre III. Rom.
1045 Gregorio VI. Rom.
1047 Clemente II. Saxonio.
1048 Damazo II. Bavaro.
1049 Leaõ IX. Alemaõ.
1055 Victor II. Alemaõ.
1057 Estevaõ IX. de Lorena.
1059 Niculao II. de Saboya.
1061 Alexandre II. Milanez.
1073 Gregorio VII. Saonense.
1086 Victor III. de Benevento.
1088 Urbano II. Francez.
1099 Pascoal II. Toscano.
1118 Gelazio II. de Caieta.
1119 Calixto II. Borgonh.
1124 Honorio II. de Imola
1130 Innocẽcio II. Rom.
1132 Celestino II. Toscan.
1144 Lucio II. Bolonhez.
1145 Eugenio III. Pizano.
1153 Anastacio IV. Rom.
1154 Adriano IV. Ingles.

1159

1159 Alexandre III. de Sena.
1181 Lucio III. Toſcano.
1185 Urbano III. Milanez.
1187 Gregorio VIII. Beneventano.
1188 Clemente III. Romano.
1191 Celeſtino III. Romano.
1198 Innocencio III. d' Anagni.
1216 Honorio III. Romano.
1227 Gregorio IX. d' Anagni.
1241 Celeſtino IV. Milanez.
1243 Innocencio IV. Genovez.
1254 Alexandre IV. d' Anagni.
1261 Urbano IV. Francez.
1265 Clemente IV. Narbonez.
1271 Gregorio X. Placentino.
1276 Innocencio V. Borgonhez.
1276 Adriano V. Genovez.
1276. Joaõ XXI. Portuguez.
1277 Niculao III. Rom.
1281 Martinho IV. Turonenſe.
1285 Honorio IV. Rom.
1288 Niculao IV. Eſculano.
1294 Celeſtino V. d' Iſernia.
1294 Bonifacio VIII. Romano.
1303 Benedito II. d' Tervigi.
1304 Sede Vacante.
1305 Clemente V. Aquitano.
1314 Sede Vacante.
1316 Joaõ XXII. Francez.
1334 Benedito XII. Tolozano.
1342 Clemente VI. Francez.
1352 Innocencio VI. Frácez.
1362 Urbano V. Francez.
1370 Gregorio XI. Frác.
1378 Urbano VI. Napolitano.
1389 Bonifacio IX. Napolitano.
1404 Innocencio VII. Salmonez.
1406 Gregorio XII. Veneziano. 1409

1409 Alexandre V. d' Candia.
1410 Joaõ XXIII. Napolitano.
1417 Martinho V. Rom.
1431 Eugenio IV. Veneziano.
1447 Niculao V. d' Sarzana.
1455 Calixto III. Hesp.
1458 Pio II. Senense.
1464 Paulo II. Veneziano.
1471 Xisto IV. Saonense.
1484 Innocencio VIII. Genovez.
1492 Alexandre VI. Hespanhol.
1503 Pio III. de Senna.
1503 Julio II. Saonez.
1513 Leaõ X. Florentino.
1522 Adriano VI. Flamengo.
1523 Clemente VII. Florentino.
1534 Paulo III. Romano.
1550 Julio III. Florentin.
1555 Marcelo II. Senez.
1555 Paulo IV. Napolit.
1560 Pio IV. Milanez.
1566 Pio V. Alexandrino.
1572 Gregorio XIII. Bolonhez.
1585 Xisto V. Marchiano.
1590 Urbano VII. Rom.
1590 Gregorio XIV. Milanez.
1591 Innocencio IX. Bolonhez.
1592 Clemente VIII. Florentino.
1605 Leaõ XI. Florent.
1605 Paulo V. Romano.
1621 Gregorio XV. Bolonhez.
1623 Urbano VIII. Florentino.
1644 Innocencio X. Rom.
1655 Alexandre VII. Senense.
1667 Clemente IX. de Toscana.
1670 Clemente X. Rom.
1676 Innocencio XI. Milanez.
1689 Alexandre VIII. Veneziano.
1691 Innocencio XII. Napolitano.
1700 Clemente XI. Rom.
1720 Innocencio XIII. Romano.
1725 Benedicto XIII. Napolitano.
1730 Clemente XII. Florentino.
Viva.

Reys dos Parthos, depois de naſcido Chriſto.

4 Fraate V.
13 Orode.
14 Bonon.
20 Artabano II.
42 Bardano.
50 Sotario.
51 Vologez I.
91 Artabano III.
109 Pacoro.
114 Coſroas.
150 Vologez II.
198 Vologez III.
212 Artabano IV.

Reys da Perſia.

228 Artaxerxes.
242 Sapor I.
273 Ormiſda.
274 Vararano I.
277 Vararano II.
293 Vararano III.
293 Narſeo.
301 Miſdac.
309 Sapor II.
379 Artaxerxes II.
389 Sapor III.
395 Vararano IV.
405 Iſdigete.
426 Vararano V.
446 Vararano VI.
463 Perize.
483 Valente.
487 Canade.
532 Coſroes I.
580 Ormiſda.
588 Coſroes II.
627 Siroe.
628 Adhezir.
628 Sarbara.
629 Bornaro.
630 Hormiſda.

Duques de Brabancia.

375 Taſſandro.
416 Anſtgizio.
436 Carlos I.
460 Lando.
478 Auſtrazio.
504 Carlos II.
536 Carlos III.
586 Carlos IV.
620 Pipino I.
647 Grimoaldo.
660 Bega.
685 Pipino II.
714 Carlos V.
741 Pipino III.
768 Carlos VI.
814 Luis I.
841 Carlos VII.
877 Luis II.
880 Carlos, e Luis.
886 Luis III.

889

889 Odon.
901 Carlos VIII.
927 Rodolfo.
929 Luis IV.
954 Carlos IX.
1001 Othon.
1004 Gerbriga.
1108 Gotfredo I.
1140 Gotfredo II.
1142 Gotfredo III.
1185 Henrique V.
1230 Henrique VI.
1247 Henrique VII.
1260 Joaõ I.
1296 Joaõ II.
1312 Joaõ III.
1355 Margarita I.
1385 Margarita II.
1404 Antonio.
1405 Joaõ IV.
1426 Felippe I.
1430 Felippe II. o Bom.
1467 Carlos X.
1477 Maria.
1481 Felippe III.
1506 Carlos XI.
1549 Felippe IV.
1599 Alberto por Izabella.

Reys dos Longobardos.

390 Agilmundo.
423 Lamiſſo.
426 Letho.
466 Gildeoche.
482 Claffon.
487 Tadon.
507 Uvacon.
511 Valtarito.
522 Andoino.
545 Alboino.
571 Clefi.
583 Antari.
588 Agilulfo.
604 Adoaldo.
627 Arioaldo.
637 Rotaro.
652 Rodoaldo.
656 Ariperto.
666 Partaro.
666 Grimoaldo.
675 Graribardo.
675 Partaro.
692 Cuniperto.
705 Luitperto.
706 Godiberto.
707 Ariperto.
712 Aſprando.
713 Luitprando.
743 Aldiprando.
744 Racchizio.
750 Aiſtalfo.
756 Deziderio.

Reys de Heſpanha.

411 Ataulfo.

417 Sigerico.
418 Uvallia.
441 Theodoreto.
454 Thuriſmundo.
457 Theodorico.
469 Eurico.
485 Marico.
506 Gezelarico.
510 Amalarico.
531 Thendio.
548 Theodizelo.
549 Agila.
552 Atanagildo.
563 Loiva I.
572 Leonegildo.
586 Recaredo.
601 Loiva II.
603 Huterigo.
610 Gondemaro.
612 Siſebuto.
621 Ricaredo.
621 Suentilla.
631 Sizenando.
635 Chintilla.
639 Toelga.
641 Flavio.
651 Receſvindo.
669 Bamba.
680 Ervigio.
687 Egica.
701 Vitizza.
711 Roderico.
714 Interregno.

717 Pelagio.
736 Favilla.
738 Affõſo I. Catholico.
757 Froila I.
768 Aurelio.
774 Silo.
783 Mauregato.
788 Veremundo I.
791 Affonſo II. o Caſto.
814 Ramiro I.
851 Ordonho I.
862 Affõſo III. o grãde.
910 Garcia.
913 Ordonho II.
923 Froila II.
924 Afonſo IV.
931 Ramiro II.
950 Ordonho III.
955 Sancho I.
967 Ramiro III.
982 Veremundo II.
999 Affonſo V.
1028 Veremundo III.
1038 Fernando I.
1065 Sancho II.
1073 Affonſo VI.
1109 Affonſo VII.
1126 Affonſo VIII.
1157 Sancho III.
1158 Affonſo IX.
1214 Henrique.
1216 Fernando II.
1252 Affonſo X. o Sabio.

1284

1284 Sancho IV.
1295 Fernando III.
1310 Affonſo XI.
1350 Pedro o Cruel.
1369 Henrique II.
1379 Joaõ I.
1390 Henrique III.
1407 Joaõ II.
1454 Henrique IV.
1474 Fernando IV.
1506 Felippe I.
1517 Carlos I.
1558 Felippe II.
1598 Felippe III.
1621 Felippe IV.
1665 Carlos II.
1700 Felippe V.
1724 Luis I.
Interum Felippe V.

Reys de França.

420 Faramundo.
430 Clodio.
449 Meroveo.
461 Childerico I.
484 Clodoveo I.
516 Childeberto.
561 Clotario I.
565 Ariberto.
573 Chilperico I.
587 Clotario II.
631 Dagoberto I.
645 Clodoveo II.
663 Clotario III.
668 Childerico II.
680 Theodorico I.
693 Clodoveo III.
698 Childeperto.
716 Dagoberto II.
720 Clotario IV.
722 Chilperico II.
726 Theodorico II.
741 Clodoveo IV.
751 Pipino.
768 Carlos Magno.
814 Luis Pio I.
841 Carlos Calvo.
877 Luis II.
880 Luis, e Carlos Magno.
886 Carlos o gordo.
889 Othon.
901 Carlos o ſimples.
927 Rodolfo.
929 Luis IV.
946 Lotario.
987 Luis V.
988 Hugo Capetto.
997 Roberto Pio.
1030 Henrique.
1061 Felippe I.
1109 Luis VI.
1138 Luis VII.
1181 Felippe II.
1224 Luis VIII.
1227 Luis IX. o Santo.

1271 Felippe III.
1286 Felippe IV.
1314 Luis X.
1316 Felippe V.
1321 Carlos.
1328 Felippe VI.
1350 Joaõ.
1364 Carlos o Sabio.
1380 Carlos de Valois.
1424 Carlos VII.
1460 Luis XI.
1483 Carlos VIII.
1497 Luis XII.
1515 Franciſco I.
1547 Henrique II.
1559 Franciſco II.
1561 Carlos IX.
1574 Henrique III.
1589 Henrique IV.
1610 Luis XIII.
1643 Luis XIV.
1715 Luis XV.

Doges de Veneza.

421 Principio de Veneza.
453 Augmento deſta Cidade.
697 Pauluccio I. Doge.
717 Marcello.
726 Orſo.
737 Deodato.
738 Galla.
739 Domingos.
741 Mauricio.
742 Joaõ.
742 Beato.

Com mayor ſublimidade.

809 Angelo.
828 Juſtiniano.
829 Joaõ I.
837 Pedro I.
864 Orſo I.
881 Joaõ II.
887 Pedro II.
888 Pedro III.
909 Orſo II.
932 Pedro IV.
939 Pedro V.
941 Pedro VI.
959 Pedro VII.
976 Pedro VIII.
978 Vital I.
979 Tribun.
991 Pedro IX.
1009 Othon.
1026 Pedro X.
1032 Domingos I.
1043 Domingos II.
1071 Domingos III.
1084 Vital II.
1096 Vital III.
1102 Ordelafo.
1120 Domingos IV.
1130 Pedro XI.
1148 Domingos V.
1156 Vital IV.

1173 Sebaſtiaõ.
1178 Orio.
1192 Henrique
1205 Pedro XII.
1229 Jacome I.
1249 Marino I.
1252 Rhinier.
1268 Lourenço I.
1275 Jacome II.
1280 Joaõ III.
1289 Pedro XIII.
1312 Marino II.
1313 Joaõ IV.
1328 Franciſco I.
1339 Batholomeo
1392 Andrè I.
1354 Marino III.
1355 Joaõ V.
1356 Joaõ VI.
1361 Lourenço II.
1365 Marcos.
1367 André II.
1380 Miguel I.
1381 Antonio.
1400 Miguel II.
1413 Thomàs.
1423 Franciſco.
1457 Paſcoal.
1462 Chriſtovaõ.
1471 Niculao I.
1473 Niculao II.
1474 Pedro XIV.
1476 Andrè III.
1477 Joaõ VII.
4485 Marcos.
1485 Agoſtinho.
1501 Leonardo.
1521 Antonio.
1523 André IV.
1538 Pedro XIV.
1545 Franciſco.
1553 Marcos.
1554 Franciſco.
1556 Lourenço.
1559 Jeronimo.
1567 Pedro XV.
1570 Luis.
1577 Sebaſtiaõ.
1578 Niculao.
1585 Paſcoal.
1595 Marino.

Reys de Eſcocia.

422 Ferguzio.
440 Eugenio I.
461 Dongardo.
465 Conſtantino I.
465 Conſtantino II.
482 Congallo.
501 Conrano.
535 Eugenio II.
568 Convallo I.
578 Chinatilho.
580 Aidano.
606 Chenneto I.
606 Eugenio III.

620 Ferquardo I.
632 Donaldo I.
647 Ferquardo II.
664 Malduino.
684 Eugenio IV.
688 Eugenio V.
697 Ambrecheleto.
699 Eugenio VI.
716 Mordaco.
732 Etfino.
762 Eugenio VII.
765 Ferguzio II.
767 Solvacio.
787 Acayo.
819 Convallo II.
824 Dongalo.
830 Alpino.
834 Chenneto II.
855 Donaldo II.
860 Conſtantino III.
874 Etho.
876 Gregorio.
893 Donaldo III.
903 Conſtantino IV.
906 Malcolmo. I.
959 Indolfo.
968 Dulfo.
972 Culeno.
976 Chenneto III.
1000 Conſtantino V. o Calvo.
1002 Grimo.
1011 Malcolmo II.
1040 Duncano.
1047 Macabeo tirano.
1061 Malcolmo III.
1097 Donaldo IV.
1098 Doncano.
1098 Donaldo V.
1100 Edgaro.
1109 Alexandre.
1125 David I.
1153 Malcolmo IV.
1165 Guilhelmo.
1214 Alexandre II.
1249 Alexandre III.
1280 Odoardo.
1293 Joaõ.
1306 Roberto.
1329 David II.
1371 Roberto II.
1390 Roberto III.
1406 Roberto IV.
1424 Jacome I.
1437 Jacome II.
1460 Jacome III.
1488 Jacome IV.
1533 Jacome V.
1542 Maria.
1564 Jacome VI.
ou pode-ſe ler Jacobo, &c.
Carlos filho de Jacobo.

Reys dos Wandalos.

429 Genſerico.
470 Honorico.

478 Guntamundo.
495 Trasimundo.
522 Hilderico.
529 Gilimero.

Duques de Baviera.

456 Aldegerio.
504 Theodo I.
512 Theodo II.
537 Theodo III.
569 Theodeberto I.
598 Garibaldo.
612 Theodo IV.
630 Theodeberto II.
650 Theodo V.
690 Theodo VI.
708 Theodo VII.
735 Odilon.
765 Tassilon.
785 Carlos Magno.
814 Luis I.
840 Lotario.
855 Luis. II.
875 Carlos Calvo.
877 Luis III.
879 Carlos III.
888 Arnolfo I.
899 Luis IV.
912 Arnoldo.
937 Arnolfo II.
953 Henrique I.
955 Henrique II.
994 Henrique III.
1001 Henrique IV. o Santo.
1071 Guelfon I.
1101 Guelfon II.
1118 Henrique V.
1125 Henrique VI.
1139 Henrique VII.
1180 Othon I.
1183 Luis V.
1231 Othon II.
1249 Luis VI.
1253 Henrique VIII.
1290 Othon III.
1294 Luis VII.
1312 Henrique IX.
1333 Joaõ I.
1347 Estevaõ I.
1379 Estevaõ II.
1388 Joaõ II.
1393 Federico.
1394 Henrique X.
1397 Ernesto.
1438 Alberto. I.
1450 Luis VIII.
1479 George.
1502 Alberto II.
1508 Guilherme I.
1550 Alberto III.
1579 Guilherme II.

Reys de Italia.

477 Odoacre.
494 Theodorico.

526 Atalarico.
534 Theodato.
536 Vitige.
539 Ildovardo.
540 Ararico.
541 Totila.
552 Teia.

Mais modernos.

801 Pipino.
813 Bernardo.
818 Luis I.
823 Lotario I.
844 Luis. II.
877 Carlos Magno.
879 Carlos II.
888 Berengario, e Guido.
894 Berengario, e Lamberto.
898 Berengario só.
900 Luis, e Berengario.
923 Rodulfo.
926 Ugo.
947 Berengario II. e Ugo.
949 Berengario só.

Exarchos de Ravenna.

569 Longino.
583 Esmaragdo.
587 Romano.
998 Gallicano.
602 Esmaragdo.
612 Lamigio.
616 Eleutherio.
628 Izaccio.
641 Theodoro.
648 Olimpio.
952 Theodoro.
686 Joaõ.
702 Theofilato.
725 Paulo.
727 Euthico.

Califes dos Sarracenos.

623 Mahometo.
631 Eubocara.
634 Aomar I.
948 Ozmen.
956 Muhamad.
660 Ali.
661 Alacemo.
680 Moavia.
683 Giezid I.
684 Abdalon.
707 Abdimelech.
716 Zulami.
719 Aomar II.
721 Giezid II.
724 Euclid.
742 Giezid III.
743 Joes.
744 Maruan.
745 Abubala.
755 Abedella.
756 Abdala I.
772 Madiz.

786 Mouſés.
788 Aaraõ.
809 Mahometto.
820 Abdala.
832 Maamad.

Reys de Polonia.

700 Lecho.
728 Gracco.
728 Lescho I.
730 Vanda.
750 Primislao.
780 Lescho II.
801 Lescho III.
815 Popelo I.
830 Popelo II.
842 Piaſto.
895 Semovito.
902 Lescho IV.
921 Semoſmilao.
962 Mieſco.
999 Boleslao I. Romano.
1025 Mieſco II.
1041 Caſimiro I.
1068 Boleslao II.
1082 Uladislao I.
1103 Boleslao III.
1140 Uladislao II.
1146 Boleslao IV.
1174 Mieslao.
1178 Caſimiro II.
1194 Lescho V.
1243 Boleslao V.
1279 Lescho VI.
1290 Henrique I.
1295 Primislao II.
1300 Wenceslao.
1306 Uladislao III.
1333 Caſimiro III.
1370 Luis.
1472 Iduvige.
1486 Jaleaõ.
1487 Uladislao V.
1490 Cazimiro IV.
1490 Joaõ.
1501 Alexandre.
1507 Sigiſmundo I.
1548 Sigiſmundo II.
1574 Henrique II.
1576 Eſtevaõ.
1588 Sigiſmundo III.

Reys de Inglaterra.

805 Egberto I. Rey.
837 Edelfo.
857 Ethelbaldo.
858 Ethelberto.
863 Ethelredo.
872 Aluredo
901 Odoardo, ou Duarte I.
925 Adelſtano.
940 Edmundo.
946 Eldredo.
955 Edvino.
959 Edegardo.

975 Odoardo, ou Duarte S. II.
978 Etheldredo.
1016 Edmundo.
1017 Canuto I.
1036 Haraldo.
1041 Canuto II.
1043 S. Odoardo, ou &c. III.
1066 Hrraldo II.
1067 Guilherme I.
1088 Guilherme II.
1101 Henrique I.
1136 Eſtevaõ.
1154 Henrique II.
1189 Ricardo I.
1201 Joaõ.
1217 Henrique III.
1273 Odoardo IV.
1308 Odoardo V.
1327 Odoardo VI.
1377 Ricardo II.
1400 Henrique IV.
1414 Henrique V.
1423 Henrique VI.
1461 Odoardo VII.
1484 Odoardo VIII.
1484 Ricardo III.
1486 Henrique VII.
1510 Henrique VIII.
1552 Odoardo IX.
1553 Maria.
1558 Eliſabetha.
1602 Jacobo I.

Adonde digo Odoardo, lem outros Duarte, e Eduardo outros.

Reis de Aragaõ.

829 Junico.
860 Garcia.
891 Sancho Garcia.
927 Garcia Sancho.
962 Sancho.
1035 Ramiro.
1063 Sancho.
1094 Pedro I.
1108 Affonço I.
1126 Ramiro.
1147 Ramundo.
1163 Affonço II.
1196 Pedro II.
1213 Jacobo.
1276 Pedro III.
1283 Affonço III.
1291 Jacobo.
1327 Affonço IV.
1335 Pedro IV.
1387 Joaõ.
1396 Martinho.
1410 Fernando.
1416 Affonço V.
1458 Joaõ II.
1476 Fernando II.
1516 Carlos de Auſtria.
1555 Felippe I. Rey de Heſp. 1598

1598 Felipe II.

Reis de Navarra.

829 Ennico Conde de Bigorra.
860 Garcia I.
891 Sancho I.
927 Garcia II.
962 Sancho II.
1035 Garcia III.
1076 Sancho Garcia.
1080 Ramiro.
1134 Garcia IV.
1151 Sancho IV.
1195 Sancho V.
1234 Theobaldo I.
1253 Theobaldo II.
1270 Henrique I.
1274 Felipe formozo.
1305 Luis.
1316 Joanna I.
1349 Carlos I.
1386 Carlos II.
1425 Joanna II.
1478 Franciſco.
1482 Joaõ.
1518 Henrique II.
1572 Henrique III.

Duques de Saxonia.

842 Lodulfo.
859 Bruno.
880 Othon.
916 Henrique
936 Othon Magno.
964 Hermano.
986 Bannon.
1010 Bernardo.
1063 Odulfo.
1073 Magno.
1086 Lotario.
1125 Henrique ſoberbo.
1139 Henrique Leaõ.
1180 Bernardo II.
1212 Alberto I.
1260 Alberto II.
1297 Rodulfo I.
1356 Rodulfo II.
1370 Vvenſeslao.
1388 Rodulfo III.
1420 Alberto III.
1424 Federico I.
1428 Federico II.
1464 Erneſto.
1486 Federico III.
1525 Joaõ.
1532 Joaõ Federico.
1547 Mauricio.
1553 Auguſto.
1586 Chriſtiano.
1511 Chriſtiano, e os Irmãos.

Prin-

Principes de Hollanda, Zelanda, e Senhores da Frizia.

863 Theodorico I.
903 Theodorico II.
988 Arnoldo.
993 Theodorico III.
1039 Theodorico IV.
1048 Florentino.
1062 Theodorico V.
1092 Florentino.
1123 Theodorico VI.
1163 Florentino III.
1190 Theodorico VII.
1203 Ada.
1204 Guilherme I.
1223 Florentino IV.
1235 Guilherme II.
1255 Florentino V.
1296 Joaõ de Hollanda.
1300 Joaõ II.
1305 Guilherme III.
1337 Guilherme IV.
1340 Margarita.
1351 Guilherme V.
1358 Alberto.
1414 Guilherme VI.
1417 Joaõ III.
1424 Jacoba.
1433 Felipe o bom.
1467 Carlos o guerreiro.
1477 Maria Carlezia.
1481 Maximiliano.
1494 Felipe d'Auſtria.
1506 Carlos V. Emperad.
1549 Felipe II. de Auſtria.
1599 Alberto por Izabela.

Principes de Flandres.

876 Baldovino I.
879 Baldovino II.
918 Arnolfo o grande.
954 Baldovino III.
967 Arnolfo II.
989 Baldovino IV.
1035 Baldovino V.
1068 Arnolfo III.
1070 Roberto I.
1072 Roberto II.
1111 Baldovino.
1118 Carlos.
1127 Guilherme.
1128 Theodorico.
1168 Felipe.
1191 Margarita I.
1194 Baldovino VI.
1205 Joanna.
1244 Margarita II.
1279 Guido.
1305 Roberto.
1322 Luis.
1346 Luis.
1388 Margarita III.
1404 Joaõ.
1429 Felipe.
1463 Carlos.

1477 Maria Carlezia.
1481 Filipe de Auſtria.
1506 Carlos V. Emperad.
1549 Felipe de Auſtria II.
1599 Alberto por Izabel.

Reys da Noruega.

878 Araldo I.
931 Henrique.
932 Aquino I.
959 Araldo II.
974 Aquino II.
994 Olau I.
1011 Aquino III.
1013 Olau II.
1028 Suenon.
1040 Magno o bom.
1046 Araldo.
1066 Olau III.
1092 Magno II.
1102 Sigivardo.
1116 Magno III.
1125 Araldo.
1130 Siuardo.
1139 Ingon I.
1155 Aquino IV.
1157 Erlingo.
1168 Magno IV.
1178 Suero.
1203 Aquino V.
1204 Gutor.
1205 Ingon II.
1217 Aquino VI.

1263 Magno V.
1280 Henrique
1299 Aquino VII.
1319 Magno VI.
1364 Aquino VIII.
1380 Olau IV.
1387 Margarita q̃o unio com a Dania.

Reys de Ungrîa.

997 S. Eſtevaõ I. Rey.
1039 Pedro Alemaõ.
1040 Aba.
1041 Pedro-outravez.
1047 Andrè I.
1059 Bella.
1063 Salamaõ.
1074 Geiza I.
1077 Ladislau I.
1095 Calomano.
1116 Eſtevaõ II.
1135 Bella II.
1145 Geiza II.
1165 Eſtevaõ III.
1176 Bella III.
1198 Emerico.
1201 André II.
1235 Bella IV.
1275 Eſtevaõ IV.
1278 Ladislau II.
1291 André III.
1301 Vvenceslao.
1304 Othon.

1310

1310 Carlos.
1342 Luis.
1382 Maria.
1386 Sigiſmundo Emperador.
1438 Alberto Emperador
1440 Uladislau.
1445 Ladislao III.
1458 Mathias.
1489 Ladislau IV.
1516 Luis.
1527 Joaõ.
1540 Fernando de Auſtria.
1564 Maximiliano Emperador.
1572 Rodolfo Emperad.
1608 Mathias II. Emper.
1618 Fernando II.
1625 Fernando III.
1647 Fernando IV.

Duques de Saboya.

998 Bertoldo I. Conde.
1027 Umberto I.
1045 Amadio I.
1080 Umberto II.
1100 Amadio II.
1148 Umberto III.
1201 Thomaz.
1233 Amadio III.
1240 Bonifacio.
1256 Pedro
1268 Felippe.
1285 Amadio IV.
1322 Eduardo.
1329 Amadio V.
1342 Amadio VI.
1383 Amadio VII.
1398 Amadio I. Duque.
1434 Luis.
1465 Amadio IX.
1471 Felisberto I.
1485 Carlos I.
1489 Carlos II.
1497 Felisberto II.
1504 Carlos III.
1554 Manoel.
1580 Carlos.

Reys de Dania.

1046 Suenon.
1074 Araldo.
1076 Canuto.
1088 Olau.
1090 Henrique I.
1102 Niculao.
1134 Henrique II.
1136 Henrique III.
1210 Vademarco.
1242 Henrique IV.
1250 Abel.
1252 Chriſtovaõ.
1259 Henrique.
1286 Henrique.
1321 Chriſtovaõ.

1333 Valdemaro.
1340 Valdemaro.
1375 Margarita.

Reys da Noroega, e Dania, depois de Margarita.

1412 Henrique.
1439 Chriſtovaõ.
1448 Chriſtieno I.
1481 Joaõ.
1513 Chriſtieno II.
1532 Federico.
1533 Chriſtieno III.
1559 Federico II.
1588 Chriſtieno IV.

Reys de Perſia modernos.

1051 Zadocco.
1053 Bogaſſa.
1056 Aſpaſal.
1066 Moleco.
1070 Belſeroco.
1098 Incognito.
1240 Hollon.
1265 Abriga.
1283 Argon.
1298 Caſſano.
1351 Carbadago.
1390 Tamerlao.
1402 Eſcarocco.
1438 Uſumcaſſano.
1478 Jacuppo.
1485 Aluante.
1494 Iſmael.
1525 Tamas.
1576 Caidar.
1577 Mehemet.
1595 Abbas.

Reys de Napoles, e Sezilia.

1060 Roberto.
1085 Rogerio Duque.
1110 Guilherme I.
1127 Rogerio II. Rey I.
1153 Guilherme II.
1166 Guilherme III.
1189 Tancredi.
1195 Guilherme. IV.
1195 Henrique.
1198 Federico II. Emperador.
1250 Corrado.
1254 Manfredo.
1265 Carlos de Anjú.

Reys de Sezilia.

1281 Pedro.
1285 Jacobo.
1296 Federico.
1336 Pedro.
1342 Luis.
1355 Federico.
1378 Maria.
1402 Martinho.
1408 Martinho.
1410 Joanna.

1413 Fernando.
1416 Affonſo.
1458 Joanna.
1477 Fernando.
1516 Carlos.
1555 Felippe
1598 Felippe.

Reys de Napoles.

1285 Carlos.
1309 Roberto.
1342 Joanna I.
1382 Carlos.
1400 Ladislao.
1414 Joanna II.
1434 Affonſo.
1438 Renato.
1442 Affonſo II.
1458 Fernando I.
1474 Affonſo.
1495 Carlos.
1495 Fernando II.
1496 Federico.
1501 Luis.
1503 Fernando.
1515 Joanna III.
1517 Carlos V. Emperador.
1555 Felippe I. de Heſpanha.
1598 Felippe II.

Reys de Bohemia.

1087 Uratislao I. Rey.
1093 Corrado,
1199 Primislao.
1231 Uvenceslao.
1254 Othocaro.
1278 S. Uvenceslao.
1305 Uvenceslao.
1307 Henrique.
1307 Rodolfo d'Auſtria.
1308 Henrique.
1311 Joaõ.
1346 Carlos IV. Emperador.
1378 Uvenceslao VII. Emperador.
1420 Sigiſmundo Emperador.
1438 Alberto Emperad.
1439 Ladislao.
1458 George.
1471 Uladislao.
1516 Luis.
1527 Fernando Emperad.
1564 Maximiliano Emperador.
1576 Rodulfo Emperador.

Reys de Jeruſalem.

1099 Gotfredo.
1010 Baldovino I.

1118 Baldovino II.
1131 Fulcaõ.
1142 Baldovino III.
1152 Almerico I.
1173 Baldovino IV.
1174 Baldovino V.
1185 Guido.
1196 Almerico II.
1210 Joaõ.

Reys modernos de Portugal.

Seu principio, excellencias, grandeza, e antiguidade exporey em outro capitulo, por naõ confundir a ſerie no Catalogo.

1113 Henrique de Lorena.
1113 Affonço I. Rey.
1185 Sancho I.
1212 Affonço II.
1224 Sancho II.
1246 Affonſo III.
1279 Dionizio, ou Dinis.
1325 Affonſo IV.
1357 Pedro I.
1368 Fernando.
1383 Joaõ I.
1433 Eduardo, ou Duarte.
1438 Affonſo V.
1481 Joaõ II.
1495 Manoel.
1521 Joaõ III.
1557 Sebaſtiaõ.
1578 Henrique Cardeal.

Por falta de ſucceſſaõ atenuado o Reyno na decima ſexta geraçaõ, governàraõ intruzos.

1580 Felippe I. de Heſpanha.
1598 Felippe II.
1621 Felippe III.

Pôs Deos os olhos neſte Reyno que eſtabelecéra Imperio para ſi, e foy acclamado por ſeu Rey natural

1640 Joao IV.
1667 Affonſo VI.
1683 Pedro II. como Regente, e como Rey.
1706 Joaõ V. noſſo Auguſto Monarca que muitos annos viva, tendo entre ſeus legitimos ſucceſſores a Jozè I. em o nome, Principe jurado.

Duques de Auſtria.

1146 Henrique.
1177 Leopoldo I.
1194 Federico I.
1198 Leopoldo II.

1232 Federico II.
1246 Margarita.
1281 Alberto I.
1308 Federico III.
1330 Leopoldo III.
1346 Alberto II.
1358 Rodulfo.
1363 Alberto III.
1395 Alberto IV.
1404 Alberto V.
1439 Federico IV.
1493 Maximiliano.
1504 Felippe.
1506 Carlos, e ſeus Succeſſores.

Reys de Suecia.

1150 S. Henrique I.
1160 Carlos.
1168 Canuto.
1192 Suerchero.
1210 Henrique II.
1218 Joaõ.
1222 Henrique III.
1250 Valdemaro.
1277 Magno I.
1290 Begero.
1319 Magno II.
1363 Alberto.
1395 Margarita.
1396 Henrique IV.
1438 Chriſtovaõ.
1470 Carlos.
1482 Stenon I.
1513 Suanton.
1532 Stenon II.
1560 Goſtano.
1576 Henrique V.
1592 Joaõ.
1602 Sigiſmundo.
1607 Carlos.
1632 Guſtavo Adolfo.
Chriſtina.

Reys de Chipre.

1210 Hugo I.
1223 Henrique I.
1256 Hugetto.
1266 Hugo II.
1283 Joaõ I.
1285 Henrique II.
1292 Guido.
1296 Almerico.
1316 Hugo III.
1353 Pedro.
1371 Pedrinho.
1383 Jacobo I.
1412 Giano.
1432 Joaõ II.
1460 Carlotta.
1463 Jacobo II.
1473 Jacobo III.
1475 Catherina, a quem os Venezianos tomàraõ o Reyno; e no anno de 1571. o tomaraõ os Turcos aos Venezianos *Du-*

Duques de Ferrara.

1195 Azzo Marquez de Este.
1212 Aldobrandino.
1213 Azzon.
1266 Obizzo.
1293 Azzon.
1308 Ricciardo.
1336 Azzon.
1352 Aldobrandino.
1361 Niculao.
1388 Alberto.
1393 Niculao.
1441 Leonel.
1450 Borso I. Duque de Ferrara, Modena, e Regio.
1471 Hercules I.
1504 Affonso I.
1534 Hercules II.
1559 Affonço II.
1595 A. S. Igreja de Roma.

Duques de Lituania.

1240 Stroinato.
1264 Vorsalio.
1270 Vitano.
1300 Gedimino.
1326 Olgerico.
1381 Giagelon.
1387 Scargelon.
1392 Vitoldo.
1430 Suidrigello.
1432 Sigismundo.
1440 Cazimiro.
1447 Alexandre.

Senhores dos Turcos.

1300 Othomano.
1328 Orcanna.
1350 Amorat I.
1390 Baiazetto I.
1397 Calepino.
1411 Mousés.
1414 Mahomet I.
1422 Amorat II.
1451 Mahomet II.
1482 Baiazetto II.
1512 Selimo I.
1520 Solimaõ.
1566 Selimo II.
1574 Amorat III.
1595 Mahomet III.
1604 Achmat.

Duques de Milaõ.

1395 Joaõ I. Duque.
1402 Joaõ Maria.
1412 Felippe.
1446 Francisco Sforsa I.
1466 Galeazzo.
1477 Joaõ.
1490 Luis.
1508 Maximiliano.

1522

1522 Franciſco Sforſa II.
1535 Carlos Emperador.
1555 Felippe I. Rey de Heſpanha.
1598 Felippe II.

Duques de Urbino.

1444 Federico I. Duque.
1508 Guidobaldo I.
1538 Franciſco I.
1578 Guidobaldo II.
1582 Franciſco II.

Duques de Mantua.

1519 Federico I. Duque.
1540 Franciſco.
1550 Guilherme.
1587 Vicente.

Duques de Florença, e Toſcana.

1530 Alexandre I. Duque
1537 Coſmo.
1574 Franciſco.
1587 Fernando.

Duques de Parma.

1537 Pedro Luis I. Duque.
1547 Octavio.
1586 Alexandre.
1592 Raunucio.

CAPI-

CAPITULO V.

Eſpecializa-ſe quanto a Portugal a materia do antecedente Cap. Moſtraõ ſe os principios, e antiguidade da Luſitania, ſua primeira fundaçaõ, e Reys primeiros mais individualmente; como tambem a fundaçaõ de Lisboa; e de outras povoaçoens ſuccecivas.

POr naõ confundir a ſerie do antecedente Catalogo, reſervey para agora ſummariamente explanar os primeiros principios da Luſitania, e ſeus antiguos Reys, evitando a confuzaõ que pòde haver nos curioſos reſpectivamente aos Monarcas de Portugal, e Caſtella; e ſe aos criticos parecer que neſtes Capitulos me afaſto alguma couſa do aſſumpto que prometi, deſculpem-me, pois ſou de Naçaõ Portuguez, e ſem offença da verdade exponho o que nos Authores eſtrangeiros, e naturaes achey, e tenho lido, ſem que haja neſta materia de fazer affectada opiniaõ por mim.

Pelos annos de 1656. ſolares da Creaçaõ do Mundo, em que acabava a primeira idade delle com a occaſiaõ do diluvio em tempo de Noè, repartio eſte a ſeus tres filhos Sem, Cham, e Jafet deſtinandolhe partes diverſas para habitarem, e propagar o Mundo; deu Azia a Sem, Africa a Cham, e Europa a Jafet, o qual antes de vir para ella

ella, teve ainda lá na Armenia hum quinto filho chamado Tubal, que eſcolheo para ſua habitaçaõ a ultima parte da Europa em que ſe acha ſituado eſte Reyno de Portugal.

Tubal jà com muitos deſcendentes (que entaõ dava-os Deos com abundancia) ſahio pelo mar mediterraneo atè chegar ao eſtreito que chamamos hoje de Gibraltar, e vindo ao Occeano, lembrado do anterior perigo, o temeo; pelo que coſteando ſó a terra, deu na foz de hum rio alegre, e viſtozo adonde portou, e ahi fez a primeira povoaçaõ fundando-a para nella habitar, a que chamou Cetubàla, que quer dizer ajuntamento, ou povoaçaõ de Thubal, a que hoje corrupto o vocabulo chamamos Setubal, celeberrima Villa de Portugal, ſendo eſta de toda a Heſpanha a povoaçaõ primeira, como muitos Autores moſtraõ, e pelo decurſo do tempo, àlem da innundaçaõ das aguas que padecia com incomodo grave dos habitantes, ſe reſtabeleceo, ſim à borda da mar, mas em breve diſtancia fronteira, e em terra firme, ficando a ſituaçaõ antigua chamada hoje Troya.

Com Jafet, e ſeu filho Tubal veyo (entre muitos companheiros) Eliza, que de Tubal era ſobrinho, e biſneto de Noè, e fundou no meſmo tempo a Lisboa chamandolhe Eliza, ou Elisboon, que quer dizer habi-

habitaçaõ de Eliza, ao qual chamàraõ os antigos Luzo, e Lizias, e outros o apelidàraõ Phoroneo, ou Prometheo, de quem ſe diz foy o primeiro inventor do fogo. Vejaõ os curioſos o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha na Hiſtoria Eccleſiaſtica, àlem de muita quantidade de Eſcritores que por fim allegarey para probabilidade do que neſtas materias pertencentes a Portugal eu diſſer.

D. Rodr. da Cunha Hiſt. Eccleſ. 1. p. cap. 2. & 3. e outros muitos Authores.

Naõ faltaõ tambem Autores que eſcreveſſem (o que eu naõ duvido) que reinando Gorgoris, vindo pela deſtruiçaõ de Troya hum Rey ſeu por nome Ulyzes fugitivo, e ſeguindo caſualmente a meſma viage que Jafet, e Tubal trouxeraõ, entrando pela boca do Tejo, e chegando ao Porto de Lisboa, a reedeficàra, e Gorgoris Rey que naquelle tempo exiſtia, lhe dèra huma filha com quem cazára, e muitos Luſitanos para povoarem, e que deſte Ulyzes tomàra Lisboa o nome, que em Latim he *Ulyſſipo*; mas ſendo invadido pelos Gregos ſe retirou, ficando Lisboa reedificada pelos annos de 1180. antes da vinda de Chriſto ao Mundo; ſupoſto haja outros Autores que neſta materia ſigaõ mui ſiniſtro parecer, naõ querendo houveſſe tal Ulyzes, nem apareceſſe em Portugal; e que Homero falando delle, foy por figura, ou idèa de hum Capitaõ perfeito.

Tubal, de quem diſſemos ſer o primeiro fundador de povoaçaõ na Luſitania, logrando eſta a primazia na Heſpanha toda, foy

dos Portuguezes o primeiro Rey pelos annos 145. do diluvio, 1801. da creaçaõ do Mundo, e 2161. antes da vinda de Chriſto. Reynou Tubal 155. annos, morreo aos 300. annos depois do diluvio, e foy ſepultado no Promontorio dito, hoje Cabo de S. Vicente; conſervou a lingua Hebrea, e obſervou a Ley da Natureza com o conhecimento de hum ſó Deos; deixou muita deſcendencia, para com ella ſe eſtabelecer eſta parte primeira de toda Heſpanha.

O ſegundo Rey de Luſitania, e jà naſcido nella que diſſemos foy Hibero, ſe extendeo mais em os dominios, porque acompanhado de Nembroth ſeu ſegundo primo, neto de Cham, e biſneto de Noè, fizeraõ povoaçoens na Heſpanha, que do tal Hibero ſe chamou Hiberia, e foy eſte Rey o primeiro inventor da peſcaria. Reynou 33. annos, e morreo aos 333. depois do diluvio.

A Hibero neto de Tubal ſucedeo ſeu filho Jubeda, ou Jubalda, em cujo tempo morreo na Italia em idade de 900. annos ſeu treſavò Noè; Reynou 66. annos, morreo aos 400. depois do diluvio deixando jà feitas muitas povoaçoens na Cantabria chamada hoje Caſtella.

A Jubeda ſucedeo em Rey da Luſitania, e parte fundada de Heſpanha ſeu quarto filho Brigo, que por muito afeiçoado aos Luſitanos com quem vivia, lhe fundou muitas Cidades com o cognome de Briga, como a Cidade de Lagos no Algarve, a que chamou

Lago-

Lagobriga; a de Coimbra, a que chamou Conimbriga, &c. Reynou 51. annos, e mandou povoar a Hibernia.

Seu filho Tago, que foy o quinto Rey da Luſitania, de donde governava as terras, e povoaçoens fundadas na Heſpanha, foy quem deu o nome ao noſſo celebrado Rio Tejo; e em 30. annos que reinou, quiz moſtrar aos poſteriores, e Catholicos Reys de Portugal, o brio do ſangue Luſitano com que naſcèra, pois a outras duas partes do Mundo com dominaçaõ ſe extendia, mandando povoar Berberia na Africa, Fenicia, e Albania na Azia.

O ſexto Rey da Luſitania, e filho de Tago chamado Beto, dilatou mais na Heſpanha o ſeu dominio, e eſta tomou delle o nome apelidando-ſe Betica, e hoje Andaluzia; reinou pouco mais de 30. annos, morreo no de 2167. da creaçaõ do Mundo. 511. annos depois do diluvio, e 1190. antes do Naſcimento de Chriſto; e nelle porque naõ teve ſuceçaõ, acabàraõ os primeiros legitimos, e naturaes Reys da Luſitania.

CAPITULO VI.

Reys que ſe ſeguiraõ, e Pavoaçoens que ſe continuàraõ. Moſtra-ſe como Luſitania deu origem a Troya, ſer a Caſtella, fundaçaõ a Roma, e reſtauraçaõ a Cezilia.

VAga a Coroa Luſitana pela razaõ jà dita, veyo de Africa o fatal Gigante Geriaõ Deabo, e com ſimuladas caricias atrahio a ſi os animos dos Portuguezes pela invençaõ de novos Sacrificios, e muitos Deoſes, e o elegeraõ por ſeu Rey, que foy o ſetimo, ſendo eſte o inventor primeiro de achar minas, e extrahir dellas ouro, e prata, como logo fez na Luſitania; mas os Andaluzes, a quem dava Leys, naõ o ſofrendo, chamàraõ ſecretamente o celebre Capitaõ de Italia Oziris Dionizio, que vindo com bom exercito, deu batalha a Geriaõ, junto do Guadiana, e o venceo, tirandolhe tambem a vida, pondo em vergonhoſa fuga a ſeus tres filhos chamados todos Gerioens Luminicos, a quem depois chamou Oziris, e fez a todos tres em diverſas partes Reys de Luſitania, e Heſpanha, deixando intruza a Idolatria tè a vinda dos Apoſtolos, que foy 1760. annos depois, e introduſido o modo de contar annos de quatro mezes, como ſe contàvaõ no Egypto, que depois os Romanos alteràraõ, contando-os de doze; e retirouſe Oziris outra vez para Italia.

Os tres Irmãos Gerioens, de quem falàmos, foraõ oitavo, nono, e decimo da Luſi-

tania

tania Reys, e tambem das terras povoadas na Heſpanha, os quaes temèraõ muito a Thyphon Governador do Egypto, Irmão mais velho de Oziris, e em fim os matou a todos tres; pelo que fazendo-ſe conſtante eſte facto a hum filho que ficàra de Oziris chamado Orco, e depois Hercules Libio, naõ ſó matou Otio, e ao Gigante Antheo Senhor da Libia, mas intentou dominar a Luſitania. Outros Eſcritores dizem ſer Hercules, e naõ Thyphon quem matou aos tres Reys Gerioens em dezafio, e levantou por credito do ſeu esforço, e triunfo as duas colunnas celebradas.

Hercules naõ pode por mais que quiz, dominar os Luſitanos, e temendo-os porque lhe via eſtimulados os animos, conſeguio ſó delles por termos cortezes, e politicos elegeſſem Rey a Hiſpalo ſeu filho; foy eſte o undecimo Rey jà de toda Heſpanha por tempo de 14. annos, e lhe ſocedeo ſeu filho Hiſpaõ, ou Hiſpano, de quem provèm o nome radical de Heſpanha, pelos annos 604. do diluvio, e 1702. antes do Naſcimento de Chriſto; reinou 33. annos, e morreo ſem filhos; o que ſendo noticiado a Hercules, deixou Italia, e veyo ſoceder na Coroa ao neto. Reinou 20. annos, morreo no de 656. depois do diluvio, 2312. da creaçaõ do Mundo, 1670. antes do Naſcimento de Chriſto; e os de Cadiz o adoràraõ por Deos.

Antes de Hercules morrer, nomeou para

ra decimo quarto Rey da Luſitania, e Heſpanha hum irmão, ou parente ſeu, chamado Heſpero, de quem novamente Heſpanha tomou o nome de Heſperia, ou Heſperida; a eſte com repetidas batalhas deſpojou do Reyno ſeu Irmão Atlante Italo, tendo jà governado 11. annos; e foy Atlante taõ affectuoſo aos Portuguezes, que ſempre viveo com elles, pelo valor, e generoſo animo que lhe conhecia, governando da noſſa Luſitania todas as terras de que tinha ſenhorio em Heſpanha, e Italia toda, ſendo o decimo quinto Rey.

Soube Atlante na Luſitania, que Heſpero fugitivo para Italia, lá ſe hia ſenhoreando de toda ella, tomou o expediente de là hir com hum exercito de Portuguezes, pois do ſeu valor muito ſe fiava, e reſultou deſta execuçaõ do ſeu deſignio, que vendo Heſpero tal gente de quem a experiencia lhe tinha jà dado a conhecer o animo, da neceſſidade fez virtude, e promptamente ſe rendeo; porèm recõcentrando a ſenſibilidade da ſua penna, dahi a poucos dias perdeu a vida, deixando hum filho por nome Saturno com quem ElRey Atlante cazou Electra ſua filha, naſcida em Portugal, e os mandou povoar, e governar as terras que tinha junto aos montes Alpes.

Ainda na ſua companhia levava Atlante mais outra filha, chamada Roma tambem em Portugal naſcida, e vendo o grande amor que eſta tivera ſempre aos ſeus naturaes, lhos

deu em Italia por vaſſalos, pois levava muita gente em tom de guerra na ſua comitiva, e lhe fundou huma povoaçaõ no monte Capitolino, a que poz o nome de ſua filha, chamandolhe Roma, de que a meſma ficou logo conſtituhida Senhora; a qual povoaçaõ com o decurſo dos tempos deſtruhida, foy muito depois por Romulo reedificada, e vindo de antes a ſer aſſento dos Emperadores, hoje he dos Pontifices ſupremos da Igreja mageſtoſo ſolio. Sim ha Eſcritores que atribuaõ a primitiva fundaçaõ de Roma a outra Roma filha de Aſcanio, e neta de Eneas; outros, a huns Gregos ali chegados de Troya, mas eu reputo a opiniaõ primeira por mais provavel, e conforme ao que li na Monarquia Luſitana. A fundaçaõ de Roma dizem alguns que foy 678. annos depois do diluvio, 1334. da creaçaõ do Mundo, 1628. antes da Vinda de Chriſto; mas pareceme que implica, e naõ me intrometo a averiguar.

Fez Atlante deſta vez ſua reſidencia na Italia, deixando em Heſpanha a Sicoro ſeu filho com o caracter de Rey, e foy o decimo ſexto, eſtabelecendo na Luſitania o ſeu trono. Sicano ſeu filho lhe ſocedeu no Reino, que foy o decimo ſetimo, e governou em paz 31. annos, mas ſabendo que em Italia ſe achavaõ os Luſitanos perſeguidos dos Aborigenſes, e Enotrios reſpectivamente à fundaçaõ de Roma, ſe reſolveo a là hir com hum exercito de Luſitanos, e Anda-

luzes,

luzes, e logo naõ ſó os deſtruhio, mas aos Gigantes Cyclopas, e Litrigoens, que roubavaõ a Tinacria, em cujo obſequio aquelles povos obrigadiſſimos a Sicano, chamàraõ àquellas terras Sicania, e depois Cezilia, reſtaurada, e habitada pelos Luſitanos naquelle tempo.

O decimo oitavo Rey foy Siceleo filho de Sicano; e neſte tempo jà em Italia reinava Jazio filho da famoſa Portugueza Electra, de quem jà tratàmos; e Dardano ſeu filho fundou a Troya pelos annos de 1509. antes da vinda de Chriſto, o qual matando a Jazio por traiçaõ, ficou à força de armas reinando naõ ſó na Luſitania, e Heſpanha, mas tambem na Italia.

Foy ſeu filho Luzo o decimo nono Rey da Luſitania, e Heſpanha, pelos annos de Chriſto de 1509. e os Luſitanos o coroàraõ ſolennemente no celebre templo de Herculles em o lugar chamado hoje Cabo de S. Vicente; eſte foy o que mais dilatou as terras da Luſitania com muitas fundaçoens que fez; dizem alguns Eſcritores que do nome deſte Rey ſe chamàraõ os Portuguezes Luſitanos, e eſte Reyno Luſitania; outros, que de Luzo, e do rio Ana (na lingua Mouriſca) que he o Guadiana; e outros, que de Lizias. A antigua Luſitania comprehendia as Cidades de Badajòs, Albuquerque, Merida, Guadalupe, Talavera, Alcantra, Placencia, Samora, Avila, Ciudad Rodrigo, Salamanca, e outras muitas terras da parte de Caſtella

na

na eſtremadura, e toda Galiza; hoje conſerva ainda Portugal no ſeu dominio a Provincia de Entre Douro, e Minho, que era da Galiza antigua, a Provincia de Tràs dos montes, que era do Reyno de Leaõ, e algumas terras que foraõ das Provincias Betica, e Andaluzia.

O vigeſimo Rey da Luſitania, e Heſpanha Senhor da Italia, foy Siculo, filho de Luzo, pelos annos de 2486. da creaçaõ do Mundo, 830. do diluvio, 1476. antes da vinda de Chriſto; eſte tambem foy a Italia com exercito contra os Aborigenſes, a quem fez reſtituhir as terras que tinhaõ uzurpado; tambem foy a Tinacria, e deſtruhio os Gigantes que a infeſtavaõ. Querem alguns Autores que deſte Rey Siculo tomaſſe Cezilia o nome: reinou 60. annos, e morreo ſem deſcendencia.

Concervou-ſe muitos annos Portugal em liberdade ſem querer, nem aceitar Rey algum, pelos annos 890. do diluvio, 1416. antes da Vinda de Chriſto; e ſó Heſpanha dahi a 2. annos elegeo para ſeu Rey a hum Capitaõ Africano chamado Teſta, ou Tritaõ, que os governou 74. annos, e lhe ſocedeo no Reynado (como muitos dizem) ſeu filho Romo, no anno 12. do ſeu reinado: entrou em Andaluſia com exercito de Gregos o celebre Capitaõ Bacho, de quem os Poetas fabulàraõ, e intentando franquear para Luſitania o ſeu caminho, experimentou muito à ſua cuſta qual era o valor do

braço Portuguez, mal logrando o ſeu intento; ſó induſtrioſamente conſeguio o que por forças naõ pode alcançar; porque impondo a hum filho ſeu o nome de Lyzias, praticando-ſe jà entaõ a tranſmigraçaõ das Almas, com grande ardid eſpalhou que o tal Lyzias ſeu filho tinha a alma de Luzo, e aſſim o admitiraõ por ſeu Rey, radicando-ſe entaõ mais o nome de Liſitanos por Lyzias, ou Luſitanos por Luzo; foy o Rey vigeſimo primeiro da Luſitania.

Gorgoris nacional da Luſitania foy deſta o vigeſimo ſegundo Rey; e Heſpanha tambem o aceitou, morto Eritheo que là reinava; governou 77. annos: dizem que morreo aos 1227. depois do diluvio, 1709. antes do Naſcimento de Chriſto.

Abidis ſeu filho, a quem ſe atribue o invento de lavrar, e cultivar a terra, plantar arvores, e fazer enxertos tudo com propriedade, foy o ultimo, e vigeſimo terceiro Rey dos antigos que teve a Luſitania. Dizem os Eſcriptores fora eſte o que fundou a famoſa Villa de Santarem, e delle tomou o nome chamando-ſe primeiro Abidis, logo Scalabis, ou Scala Abidis, depois Scalabicaſtro, no tempo dos Romanos Julium preſidium, e em o noſſo Santa Irene, em attençaõ a eſta Santa; hoje corrupto o vocabulo, Santarem.

CAPI-

CAPITULO VII.

Eſtragos que padeceo Heſpanha, invazoens que Luſitania teve, modo com que ſe rebateraõ, e varias povoaçoens illuſtres que conſequentemente na Luſitania ſe fundàraõ.

NOvamente ſe achava jà a noſſa Luſitania ſem Rey, e ſem querer aceitar a quem como tal a governaſſe, ao que ſe lhe ſeguio, como tambem a Heſpanha, o padecer fataes eſtragos, ſobrevindolhe huma ſeca, e eſterilidade taõ grande por tempo de 26. annos continuos que obrigou aos naturaes a ſahir das ſuas terras, pois nem agoa tinhaõ para beber, e ſe viaõ deſtituidos de todos os meyos com que ſe podeſſem alimentar, cauſa porque a muitos apanhou a morte dando os primeiros paſſos para o retiro.

Naõ muitos annos depois ſocedeo na Heſpanha o fatal incendio dos Perineos, que durou por muitos mezes; mas em fim ſendo extinto, vieraõ diverſas gentes eſtrangeiras, querendo Senhorear as terras que ſe achavaõ dezertas, e acometidos de Luſitanos que em menos diſtancia ſe achavaõ, trocàraõ por violencia eſtes com aquelles o ſeu retiro: reputa-ſe o incidente deſtes ſucceſſos ſer pelos annos de 933. antes do Naſcimento de Chriſto.

A' Luſitania, e Heſpanha tornàraõ outra vez varias Naçoens ambicioſas, pelos annos 758. antes da Vinda de Chriſto, em

que ſe diz fora reedificada Roma por Romulo, tendo ſido 873 annos primeiro fundada por Roma famoſa Portugueza, ou por ſeu pay, como diſſemos, ficando ella por primeira, e legitima Senhora. Outra vez foy Luſitania, e Heſpanha acometida de ambicioſas Naçoens, e atè Nabuchodonozor Rey de Babilonia veyo no anno de 581. antes de Chriſto, e ajuntando-ſe os povos, acudindo a eſta invazaõ fortemente os Luſitanos, naõ pode paſſar de Toledo, porque o fizeraõ preſſuroſamente retirar; pouco depois invadiraõ os Phenices a Heſpanha, e principiou Carthago a ſenhorear parte della no anno de 509. antes da Vinda de Chriſto.

Veyo depois Annibal de Carthago a favorecer os ſeus; e ſó os valeroſos Luſitanos lhe reſiſtiraõ, havendo taõ fatal batalha, q̃ de huma, e outra parte ficàraõ mortos 80000: os Luſitanos finalmente o matàraõ, fogindo logo o reſto dos Africanos que no exercito trazia.

Em o anno de 501. antes do Naſcimento de Chriſto achando-ſe Heſpanha deſtruhida, invadiraõ os Luſitanos, e puzeraõ fóra das ſuas terras a huns barbaros que daquella parte vinhaõ fugitivos, que ſe entende eraõ do illuſtre ſangue dos Chaldeos, e por elles em fim foy a Cidade de Vizeu fundada.

Em o anno de 434. antes do Naſcimento de Chriſto tornou de Carthago huma

ma armada de Africanos que no rio Douro com infelicidade naufragou; e com licença que aos Luſitanos pediraõ, fundàraõ a Cidade de Brachara, ou Bragada, hoje Braga. Outros Eſcritores dizem que fora fundaçaõ dos Egypcios; outros, que de huns Francezes Celtas chamados Bracharos 296. annos antes de Chriſto; e outros, que huns Gregos a fundàraõ pelos annos de 1150. antes de Chriſto, e ſó 30. annos depois de Lisboa.

Em o anno de 372. antes da Vinda de Chriſto chegàraõ à noſſa Luſitania 4. navios de Gregos vindos do Peleponeſo com gentes da Provincia Laconica, e huns povos chamados Colimbrios, os quaes depois, e com licença fundàraõ junto do Rio Munda, ou Mondego, a Cidade que chamàraõ Colimbria, e hoje dizemos Coimbra.

Em o anno de 372. antes de Chriſto, alguns deſtes Gregos paſſando a diante, e fazendo aſſento em hum ſitio apraſivel, e nelle fundàraõ huma povoaçaõ com o nome de Talabrica, ou Talabriga, a que hoje chamamos a villa de Aveiro.

Em o anno de 347. antes de Chriſto, e 3615. da creaçaõ do Mundo, eſtando em Andaluzia Rohodes Cappitaõ Carthaginez, ſe paſſou à noſſa Luſitania com pertexto de mercancias, e introduſido familiarmente com os Portuguezes do Algarve, com licença ſua, fundou ali a Cidade de Lacobriga, dita hoje Cidade de Lagos.

Em o anno de 250. antes de Chriſto

veyo

veyo hum Carthaginez Hemilear, tendo chegado outro Maherbal, ambos em romaria à Deosa Minerva; e nesta Cidade cazou aquelle com huma muito nobre, e rica Portugueza, que comsigo transportou aos dominios de Carthago; e em huma das Ilhas Balleares chamada Coelheira nasceo o famoso Annibal pela razaõ dita, Portuguez, que foy terror dos Romanos, anno de 245. antes da Vinda de Christo.

Ultimamente, passados mais poucos annos, vieraõ os Romanos a Hespanha, e fazendo tambem entrada por algumas terras de Portugal, foraõ valerosamente rebatidos pelos nossos habitadores da Serra da Estrella, elegendo por seu Capitaõ ao famoso Viriato, e foraõ expulsos fugitivos os que escapàraõ de serem mortos. Outras mais Cidades, e povoaçoens se achavaõ jà fundadas em a nossa Lusitania neste tempo, e os curiosos poderàõ investigar nos Escritores que naõ forem taõ succintos como eu.

CAPITUO VIII.

Mostra-se a lealdade que os Lusitanos tiveraõ sempre a seus Principes. O Valor agigantado com que deffendèraõ seus dominios; O esforço com que triunfáraõ dos Romanos em doze batalhas succecivas que lhes deraõ.

SAbido jà sumariamente qual fosse o principio, e quaes (individualmente) os primeiros Reys de Portugal, antes que de nossos Lusitanos, e Augustissimos Monarcas jà nos poste-

posteriores Seculos individue a opulencia, e dilatados dominios àquelles q̃ abusando apaixonadamente da perspicuidade de seu discurso reputaõ quasi nada este Reyno, olhando só a extençaõ limitada de seu ambito: direy primeiro para credito da Naçaõ qual seja a lealdade, valor, e brio dos Portuguezes, concorrendo Escritores estrangeiros com publica confissaõ, pera que *Laus in ore proprio non vilescat.*

O discretissimo Affonço de Mendonça em huma eloquente Oraçaõ que fez a Felipe III. de Castella, confessa que lhe pareceo tal a lealdade Portugueza, que quazi era igual com a Fé que tem a Deos, a Fé, e lealdade que observou terem ao seu Rey. Duarte Nunes de Leaõ parece que o comprova tratando d'ElRey D. Sancho de Portugal; ao mesmo tempo que deste Monarca criticou acçoens.

Ludovico Vertaman Veneziano, Senador, tendo corrido a mayor parte do Mundo, e vendo a guerra dos Portuguezes na India adonde se achou, escreveo assim: *Ego universum terrarum orbem peragravi, multis sæpe bellis interfui, sed hac gente Lusitanorum fortiorem vidi neminem.*

O diligentissimo Contextor das Chronicas de Hespanha, professor Belgico, e Salmaticense, diz assim: *Quænam gens toto reperiretur orbe, Regi suo obsequentior quam Hispani, quos cum quotidie Reges sui in remotissimas regiones ... ad oppugnandos barbaros mittant, ea accinguntur alacritate, quasi sine*

pulvere

pulvere & ſanguine rem eſſent domi geſturi ; Nota *cujus rei meo juditio palmariam ſibi laudem vendicant Luſitani, adeo Regi ſuo dediti , quaſi ex unius vita vita pendéret omnium.* Se aſſim o confeſſaõ os eſtranhos ainda com ſuſpeiçoens de inimigos , naõ he juſto o deixem de eſcrever os naturaes: Viriato famoſo Portuguez , de quem ultimamente tratàmos , com ſuas acçoens heroicas o comprove , e naõ ſe accreditando valeroſo o que vence a fracos , cobardes fugitivos, tendo ſido os Romanos naquelles Seculos por ſeu invencivel animo , e valeroſa eſpada, terror, e açoute do Mundo, vejamos como ſe houvèraõ com elles Viriato , e outros Portuguezes nas occaſioens que ſuccintamente direy , em que chegàraõ a medir eſpada.

Foy Viriato famozo Portuguez naſcido em a Cidade de Vizeu aos 200. annos antes da Vinda de Chriſto , e cazou na Cidade de Evora com huma muito nobre Portugueza ; ſendo pelos Portuguezes aclamado Rey, tendo 40. annos de idade, 160. antes de Chriſto vir.

Pelos annos 147. antes de Chriſto, conciderando Viriato a obrigaçaõ que tinha pela Regia dignidade taõ ſublime em que ſe achava, teve primeira ocaſiaõ de moſtrar aos valentes Romanos quem eraõ os valeroſos Portuguezes , pois vindo ſobre as noſſas terras 10U. daquelles , auxiliados de alguns poucos Andaluzes , governados todos pelo Pretor Romano Caio Vitelio, foy eſte preſionado,

sionado, e degolados 4U. dos seus por Viriato com exercito Portuguez. O Tenente Questor, que escapou fugindo, voltou logo com 6U. Romanos, os quaes em segunda batalha foraõ por Viriato destrossados.

Cayo Plaucio, Capitaõ Romano, vindo com exercito contra Castella, e sabendo-o Viriato o foy buscar por Toledo, adonde lhe fez emboscada, e trazendo o Capitaõ Romano 10U. homens de pè, 1300. de cavalo, ficàraõ mortos mais de 4U. fugindo os outros.

O mesmo Cayo Plaucio exasperado do succeço reforçou o exercito, e junto a Evora esperou Viriato a quem prezentou batalha, e nella com perda semelhante à primeira ficou vencido, avisando a Roma que Viriato se faria Senhor della se o intentasse, pelo seu valor.

Espedio logo Roma ao Pretor Claudio Unimano com hum poderoso exercito no anno de 146. antes de Christo, e com infelicidade sua ficou por Viriato destruhido todo, dividindo com generosa partilha a seus soldados riquissimos despojos, e reservou só para si os Romanos Estandartes, que expos nos montes mais altos da Lusitania.

Cayo Negidio Pretor Romano intentando-o despicar, invadio as terras da nossa Lusitania, fazendo entrada pela Provincia da Beira com hum exercito de gente Romana quasi innumeravel, e junto a Vizeu o buscou Viriato pondolhe apertado cerco por

eſtar intrinxeirado, e acometendo-o por duas partes, totalmente o deſtruhio, ficando todos os deſpojos, e Eſtandartes.

Antes de ſe completar o anno de 145. veyo de Roma com exercito o Pretor Cayo Lolio, e vendo a Viriato ſe pôs em fuga temendo darlhe batalha, Viriato o ſeguio entrando as terras que Roma dominava na Heſpanha, fazendo nos Romanos grande hoſtilidade em choques repetidos.

No anno de 143. antes de Chriſto, exaſperada jà Roma, mandou hum Conſul em peſſoa por nome Fabio Enſileano, que tinha vencido todo o Reino de Macedonia, Irmão de Scipiaõ que deſtruhio a Carthago; trouxe exercito de 15U. homens de pè, e 2U. de cavalo, entrou pelas ſuas terras de Heſpanha, e em lugar acommodado para batalha ſe intrinxeirou, Viriato com os ſeus Portuguezes o foy buſcar, e dezafiou, mas o Conſul cheyo de pavor a nada ſe moveo, nem aceitou batalha; Viriato repetidas vezes o picou, mas o Conſul naõ ſahio; deſtruhiolhe os campos, tomoulhe duas Cidades, matou nellas a muitos Romanos, deixoulhe preſidios Portuguezes, tomoulhe hum Comboy, e o Conſul em huma noite de Setembro com ſeu exercito fugio ſem ordem, do que Viriato ſe aproveitou ſeguindo-o duas milhas, e havendo muitas mortes.

Em o anno de 142. antes de Chriſto, vieraõ de Roma os Pretores Pompilio, e

Julio

Julio contra Viriato, trazendo hum poderoso exercito; deu batalha com taõ infelis ſuceſſo, que perdendo o exercito todo ſe retirou com muy poucos fugitivo, e Viriato entrando pelas terras dos Romanos na Heſpanha, ufano com a vitoria aſſolou tudo, e ſe recolheo à Luſitania.

Em o anno de 141 antes de Chriſto mandou Roma a Quinto Pompeo nomeado Pretor da Heſpanha com hum grande exercito; Viriato o eſperou, venceo, e deſtruhio matandolhe 5U. Romanos, e tomandolhe 27. Eſtandartes, como tambem a Cidade de Utica por elles bem preſidiada.

Aſſombrada, e dezeſperada jà Roma com 10. batalhas perdidas, tomou o expediente de mandar outra vez aos famoſos Conſules Quinto Fabio Maximo, e Lucio Metelo Calvo com exercito de 18U. homens de pè, 1600. de cavalo, 10. Elefantes encaſtelados, e armados, e 30. cavalos Numidas, ſocorro d'ElRey de Africa; Viriato depois de varios ſucceſſos que naõ repito, completamente os venceo matandolhe 5600. Romanos, fugindo hum dos Conſules com os que eſcapàraõ no conflito.

Em o anno de 139. antes de Chriſto, Serviliano Pretor Romano intentando vingarſe de Viriato lhe pôs cerco a huma praça importante: Viriato ſe introduſio nella de noite ſem ſer ſentido, e ſahindolhe ao outro dia com Infantaria, e Cavalaria Portugueza os fez fugir para hum monte adon-

de os cercou; e podendo degolar a todos o naõ fez, antes lhe concedeo tregoas que pediraõ em nome da Republica, e Senado Romano.

Em o anno de 138. antes de Chriſto veyo de Roma o Conſul Quinto Servilio Scipiaõ, e quebrando as tregoas que ſeu irmão pedira, lhe mandou Viriato tres Embaixadores eſtrangeiros ao ſeu exercito procurar as cauſas; o Conſul os ſubornou de tal ſorte, que acabando com elles (o que com Portuguezes naõ faria) tiraſſem a Viriato a vida; eſtes abuſando do nimio favor, e atençaõ com que Viriato os tratàra, vigiando-o quando dormia, atreiçoada, e aleivoſamente naquella noite o mitàraõ; e ſó deſta ſorte he que os Romanos o vencèraõ, e no anno de 136. antes de Chriſto ſe fizeraõ Senhores da Luſitania, menos da Provincia entre Douro, e Minho, adonde foraõ por vezes bem rechaſſados naõ ſó pelos homens, mas ainda pelas mulheres, que valeroſamente pelejavaõ; e ultimamente pelos Bracarenſes foy vencido em batalha campal Decio Bruto no anno de 135. antes de Chriſto, e exaſperado ſe retirou para Roma no anno 130. havendo ſuſpençaõ de armas entre eſtas duas Potencias por tempo de 55. annos.

CAPITULO IX.

Continua se a materia do Capitulo antecedente comprovada com sucessos de outras muitas batalhas em que contra os Romanos ficàraõ os Lusitanos vitoriosos.

PAra haver prova legal, conforme a disposiçaõ do Direito, devem contestar duas testemunhas ao menos, e eu para comprovar sem suspeiçaõ o que assima disse, entro já a dar o famoso Sertorio estrangeiro, suposto que depois naturalisado Portuguez, por segunda testemunha, a pezar dos valentes, e bellicosos Romanos, podendo justificadamente fazer mençaõ de outras batalhas infinitas em que diversas Naçoens das quatro partes do Mundo reconhecèraõ à sua custa qual fosse o agigantado valor desta Naçaõ Portugueza sempre de todos respeitada, e temida.

Pela suspençaõ de armas entre Lusitania, e Roma, estranhavaõ muito os Portuguezes naõ ter adonde exercitar o seu valor; pelo que em o anno de 80. antes de Christo, chamàraõ de Africa a Sertorio, que naturalisado Portuguez, e cazado na Cidade de Evora com huma Portugueza nobilissima, o constituiraõ Capitaõ, e Principe; e solicitando os Portuguezes logo nova guerra contra os Romanos, subordinando-se voluntariamente o exercito às disposiçoens de Sertorio, principiàraõ contra os Romanos a dar batalhas, e foraõ 5. as que logo em breve tempo se viraõ.

A primeira foy de huma armada Portugueza contra o Capitaõ Cota, valeroſo Romano, e ficou vencido.

A ſegunda foy contra Didio, a quem os Portuguezes, entrando o Aldaquibir, rompèraõ, e deſtruhiraõ o bom exercito Romano, em cujos deſpojos ſe achàraõ muitas armas brancas, e foy eſta a occaſiaõ primeira em que os meſmos Portuguezes, perſuadidos por Sertorio, as veſtiraõ.

A terceira batalha foy contra Phidias Pretor Romano, e nella miſeravelmente foy morto, com todo o ſeu exercito perdido.

A quarta batalha ſe deu a Quinto Metelo Conſul Romano, que mandando adiante, quando ſahio de Roma, a ſeu Capitaõ Lucio Domicio, perdeo eſte a ſua vida, e Roma o ſeu exercito.

Aquinta batalha quiz ver ainda o meſmo Conſul, mandando outro Capitaõ chamado Troyano com o reſiduo do anterior exercito que fugira, e retirando-ſe entaõ por ſalvar a vida, naõ podèraõ deſta vez eſcapar à morte.

Impacientada jà Roma juſtamente com a infelicidade de taõ ſiniſtros ſucceſſos repetidos, mandou contra os Luſitanos ao Pro-Conſul Manilio, a que outros chamaõ Lucio Lolio, com hum horrivel exercito, e muita Cavalaria Franceza; e atraveſſando os Perineos lhe ſahio o exercito Portuguez muito diminuto em o numero reſpectiva-

mente,

mente, a quem de tal ſorte temeo Manilio, que ſem aceitar, nem dar batalha ſe pôs com ſeu exercito em vergonhoſa fugida, levando ſempre nas coſtas, atè que jà com poucos dos ſeus ſe recolheo em Lerida.

Quiz Roma expelir de ſi eſte oprobrio, e mandou logo ao celebrado Pompeo juntamente com Metelo, que chegando a tempo que Sertorio com ſeu exercito Portuguez eſtava cercando huma Cidade em Valença, dimitido o cerco, inveſtio o famoſo exercito Romano a que matou 10U. homens, pondo aos mais em apreſſada fuga, e deſtruhindo a Cidade que eſtivera pondo em cerco, ſe recolheo a Evora, adonde por aqueducto de famoſos arcos que mandou fazer, meteo na Cidade a excellente agua da prata, cercando tambem a meſma Cidade de famoſos muros.

Em o anno de 75. antes de Chriſto, veyo por huma parte Pompeo, e Metelo por outra, cada hum com ſeu exercito Romano contra Luſitania: Sertorio com os ſeus Portuguezes lhe ſahio, dando taõ forte batalha a Pompeo, que gravemente o ferio, e com perda de muita gente ſalvou a vida fugindo; o meſmo ſuceſſo experimentou Metelo, a quem logo foy buſcar, e lhe fugio com os ſeus mal ferido.

Mandou Sertorio apreſtar logo huma armada ligeira, que entrando o Mediterraneo, tomou todos os ſoccorros que teve noticia vinhaõ de Roma, naõ deixando porto

to inimigo que naõ roubaſſe, nem nao Romana a que naõ puzeſſe o fogo; o que ſabido, Pompeo, e Metelo, ſe puſeraõ em fuga, eſte para hum Certaõ eſcondido, aquelle para França retirado.

Herculo Tenente de Sertorio com hum pé de exercito Portuguez, neſte tempo deu batalha a Probo Emiliano Capitaõ de Roma, ao qual matàraõ deixando 11. Eſtandartes.

Sertorio ſoube que de França vinha jà Metelo com outro exercito, e lhe ſahio ao encontro vencendo-o, tirandolhe as vidas, e ricos deſpojos.

O meſmo Sertorio foy temerariamente com pequeno exercito Portuguez atè dentro de Valença buſcar Metelo, e achando-o jà bem reforçado, ſupoſto em batalha lhe matou 8U. homens, tambem a Sertorio matou 6U. e foy vencido eſte primeira vez.

Retirado Sertorio a refazerſe de gente, viveres neceſſarios, tornou logo, e achando a Pompeo ſobre Placencia vendo que eſte acompanhava a Metelo, lhe deu fortiſſima batalha, precizando-o a vergonhoza fuga.

Naõ ſatisfeito Sertorio, foy buſcar em peſſoa a Metelo que achou com outro exercito Romano cercando Calahorra, e preſentandolhe batalha, lhe matou 3U. Soldados velhos pondo a Metelo em fuga, e a Calahorra na ſua obediencia.

A eſte tempo noticiado Sertorio, que algũs Romanos ſeus ſequazes, que trazia com-

ſigo

ſigo no exercito, miſturados com os Portuguezes, o queriaõ por traiçaõ matar, revelou-o aos confidentes Portuguezes, e eſtes fazendo logo guerra civil em dezordenada batalha, tiràraõ a vida com repetidos golpes a todos os Romanos, exceptuando ſó ao Capitaõ Pernepe, por conhecerem era muito amigo de Sertorio; e foy eſte o meſmo que atreiçoadamente deſpojou a Sertorio da vida, acçaõ taõ abominavel, e vil, que Pompeo, e Metelo ſendo neſte ſuceſſo intereſſados, matàraõ logo a Pernepe; naõ deixou Sertorio ſucceçaõ, e as duas Potencias ſe viraõ pacificadas atè que Julio Cezar veyo a Luſitania, excepto

Em o anno de 63. antes de Chriſto, em que os Luſitanos habitadores da Serra da Eſtrela ſahiraõ impetuoſamente contra as terras ſogeitas a Roma, permanentes na ſua obediencia, e neſtas fizeraõ baſtante hoſtilidade, pondo tudo em revolta, e dezaſſocego.

Acudio Roma no anno de 59. antes de Chriſto, e mandou logo ſobre Luſitania a Julio Cezar, e entrando bem à ſua cuſta, enveſtio os Serranos com perda de muita gente que lhe matàraõ, e de tal ſorte vigoroſamente lhe rebatèraõ o impeto, que naõ por força, mas por ardid militar os pacificou, e retirou-ſe a Roma.

Tornàraõ ainda os Luſitanos governados por ſeu valor, e generoſo brio, a fazer guerra contra Roma, e outra vez tornou

tambem Julio Cezar para os pacificar, como fez, e se restituhio no anno de 44. antes de Christo.

Ainda finalmente outra vez tornou a vir Julio Cezar de Roma a Lusitania, mas pacifico para melhor os observar, e entendendo que esta Naçaõ taõ fiel, e valerosa naõ se dominava por impulso de violentas armas, e só se poderia fixamente ter sogeita com politicas mercès, e generosos beneficios; sendo intitulado Emperador dos Romanos em o anno de 39. antes de Christo, mandou de Roma, adonde jà se achava, Embaixadores a Lusitania, que voluntaria se lhe respeitava sogeita, e lhe fez muitas mercès, como tambem lhe deu titulos. A Beja Cidade nossa deu o titulo de Paz Julia, e Colonia Romana; a Evora, o de Municipio Romano, e Liberalitas Julia; a Santarem, o de Colonia Romana, chamandolhe Julium præsidium; a Mertola no Algarve, o de Municipio Romano, e lhe chamou Julia Mertilis; e a Lisboa, de quem foy com honra recebido, concedeo o titulo, e privilegios de Municipio dos Cidadoens Romanos, mercè que naõ consta se concedesse a outra Cidade do Mundo.

Pareceme basta o referido para comprovaçaõ do meu conceito; e se tal foy a fidelidade, e valor dos Lusitanos em os primeiros Seculos da sua subsistencia, ainda nas mantilhas da gentilidade enfaxados, antes de ser Christo nascido, ponderem os Criticos

ticos diſcretos que das hiſtorias Portuguezas naõ tiverem plena noticia, quaes ſeriaõ dos Luſitanos as acçoens quando ajudados da Divina graça, e inſtruhidos na diſciplina militar, Chriſto lhe deu as ſuas armas, e intitulou a eſte Reyno Imperio ſeu, dilatando-ſe os ſeus dominios no Mundo todo (como diremos logo) e na materia que tratamos, ſe mais quizerem ſaber os curioſos, leyaõ os Autores, e Eſcritores que abaixo apontarey, que ao meu aſſumpto naõ pertence dizer mais, antes fujo quanto poſſo ao ſer extenço.

CAPITULO X.

Moſtra-ſe, a pezar dos Criticos, a dilatada extençaõ de Portugal, ainda a reſpeito dos mayores Imperios do Mundo, para credito da Naçaõ.

NAõ poſſo certamente com impaciente dezaſocego tolerar o pequeno vulto que Portugal ſempre fez na opiniaõ dos Eſcritores eſtrangeiros, pois regulando-ſe pelos Mapas, ou concidèraõ o Reyno de Portugal hum ponto reſpectivamente aos mais Reynos do Mundo, ou envolvem a Portugal com Caſtella chamando a tudo Heſpanha, ſem attenderem (como temos viſto) que Heſpanha, e Caſtella foy no ſeu principio pela Luſitania dominada, ainda que por incidentes depois lhe foy Portugal ſogeito, naõ deixando de ſer para Portugal grande credito, ſendo, como dizem, taõ pequeno

em o corpo, gerar hum filho taõ gigante como pintaõ, ſe naõ quizerem julgar foy aborto, ou ſuperfluidade da natureza o ver naſcido de hum parto generoſo, e forte, ainda que pequeno, hum filho menos forte, e generoſo, ainda que na eſtatura grande.

Eu naõ intento negar que a noſſa Luſitania com o decurſo de tempos infelices, e incidentes de ſucceſſos graves tendo jà ſido preocupado pelos Romanos, Godos, e Mouros ſe vio reduſida ao limitado ſer de huma Provincia, que como tal a governou o famoſo Conde D. Henrique por Affonço VI. de Caſtella, e Leaõ, com cuja filha (1) foy cazado, e delles naſceo o primeiro Rey Catholico nacional D. Affonço Henriques, Rey, digo determinado por Deos, que no Campo de Ourique ſe dignou de lhe aparecer, e dar as armas que em brilhante eſcudo logra com ſuſpenſivo credito eſta Monarquia, que o meſmo Chriſto inſtituhio com fortuna noſſa Imperio ſeu: *Volo enim in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire*, como conſta da depoſiçaõ, e juramento de taõ Catholico Rey feito nas Cortes de Coimbra em o anno de 1152. (2) mas he ſem duvida que eſte corpo por tantos inimigos deſmembrado, foy em muita parte por taõ inclito Monarca reunido, a impulſo de 17. valeroziſimas batalhas, em que ſe vio ſempre triunfante, e pelo decurſo dos tempos em repetidas conquiſtas (com inveja dos mais Reynos) ſe vio eſte muito florente, e avultado

(1) *Vide Maſcardo concl. 882. & 884. Rezende. Romaõ. Zuritta. Nunes, e aos mais que aponto in fine.*

(2) *Lege Viegas, e outros Chroniſtas que diffuſe o trataõ.*

Nota Venêro, e aſſinto às Decizioens da Real Academia.

tado no poder, na extençaõ, e na formalidade.

Bem reconheço, e confeſſo que Portugal conciderado ſó ſeu corpo conjuncto, ſem atenderem os que apaixonados o criticaõ ao muito que ſeus braços ſe extendem, he Reyno na extençaõ pequeno reſpectivamente a outros Reynos, e Imperios mayores que ha no Mundo, mas ainda aſſim ſe eu naõ me engano, para credito da Naçaõ, ſem que me cegue o amor da patria, heide logo moſtrar qual ſeja, para que a verdade ſe clarifique.

He certo que Rey ſe diz aquelle que com eſte caracter taõ ſublime rege a muitos povos com univerſalidade, e por iſſo ſe devem (*lato modo*) apelidar Reyno aquelles povos todos que por hum ſó Rey ſaõ regidos, e por ſemelhante principio ſogeitos, ſem que ſeja precizo à entidade de Reyno eſtarem unidos huns aos outros os Povos todos (3) o que nem ſempre he poſſivel, pois em muitas Monarchias ſe achaõ disjunctos, e talvez com outras potencias intertextos; pelo que (*lato modo loquendo*) concluhimos que, ou ſe denominem Eſtados, ou hereditarios, ou conquiſtados, ou ſogeitos, ſe pòde collectivamente apelidar Reyno, ſe ha quem com verdadeiro caracter de Rey os rege, tendo em todos abſoluta liberdade de dominio.

(3) *Ariſtides. Xenophonte. Oroſio. Sariſberienſis. Dio Pruſaus. Egeſippus. Philoſtratus.*

Para clareza do que intento juſtamente aſſeverar, he primeiro neceſſario atender

que

que conforme a opiniaõ dos Geografos modernos tem o ambito da terra toda em circuito 9000. legoas, e de diametro 2865. e que esta em quatro principaes partes se divide Europa, Azia, Africa, e America, sendo estas quatro em quazi infinitas partes por Monarchias, e Reynos diversos, subdivizas.

Verificaõ ter Europa 900. legoas de comprido, e 800. de largo; Azia 2000. de comprido, 1400. de largo; Africa 1600. de comprido, 1400. de largo, e America 3000. legoas de comprido, 2500. de largo, occupando a todo este terreno mais de noventa Monarcas com seus Imperios, e Reynos.

As Monarchias mayores de que os historiadores trataõ, saõ o Imperio da China, e o Imperio Ottomano, que parece bastavaõ estes para quasi preocupar o Mundo todo. Fr. Joaõ Gonçalves de Mendõça que entendo escreveo pelos annos de 1586. e mostra serem netos de Noè os primeiros povoadores da China, diz que este dilatado Imperio (chamado na sua lingua Taybinco, tem em circuito pela mensura do Paiz 69516. die, que pela conta Portugueza corresponde a 3. mil legoas, e de largo 1U800. contendo em si as 15. Provincias Paguia, Foquiem, Olaõ, Cyncay, Susuam, Tolanchia, Cansay, Oquiam, Aucheo, Honã, Xantaõ, Quicheu, Chequam, Sesuan, e Saxii, nas quaes se achaõ 591. Cidades, 1593, Villas, e nos

Fr. Jo. Gonçalves de Mendonc.

Eduardo Barboza. Ital.

Fr. Pedro de Alfaro.

presi-

preſidios de todo o Imperio ſe contavaõ ſinco milhoens 846U500. ſoldados de pè, e 948U350. de cavalo.

O Imperio Ottomano, de que eſcreveo em lingua Toſcana Joaõ Sagredo, e foy ſeu tradutor na Heſpanhola D. Franciſco de Olivares Murilho pelos annos de 1684. diz que eſta Naçaõ Turqueſca, tendo ſeu principio obſcuro, porque huns ſeguraõ a ſua deſcendencia dos Tartaros do monte Caucazo, outros lha ſupoem dos Partos quando ſenhoreavaõ os Perſas, e outros lha verificaõ dos Eſcitas, ou Numandios apoſſados do Paiz Turheſtan, donde o nome de Turcos lhe provem, he a que no Mundo mais ſe extendeo depois dos Romanos. Dizem os Eſcritores ter eſte Imperio de Poente a levante, iſto he, deſde os Eſtados Veneza atè Perſia 900. legoas de comprido, e do meyo dia ao Setentriaõ, que he da Arabia atè Jorgia 1000. tendo ſogeitos a ſi os Imperios de Conſtantinopla, Trapizondo, e Babilonia, Metropoli do Imperio Caldeo; e contendo 40. Reynos com innumeraveis Provincias, incluindo as conquiſtadas, e feudatarios, com diſparadas ſituaçoens em partes diverſas, e remotas.

Joaõ Sagredo.

D. Franc. de Oliv. Muril.

Portugal que com taes Imperios naõ pòde ter ſemelhanças, conjunctos numericamente os ſeus dominios que jà pertendo expor, os quaes nas quatro partes do Mundo ſe diviſaõ enlaçados, e menſurada logo por Arithmetica a grandeſa deſte todo em o poſſivel,

possivel, hade aparecer agora naõ só neste quadro, mas em todo o painel do Mundo, figura de respeito, para confusaõ de quem apaixonadamente lhe naõ sabe lançar as primeiras linhas ao retrato.

Na Europa sabem todos, ter esta Coroa o Reyno de Portugal com cinco Provincias.

	sua Longitud.	Latitud.
Provincia de Entre Douro, e Minho.	18	12.
Provincia do Alemtejo.	36	34.
Provincia da Estremadura.	35	18.
Provincia da Beira.	34	33.
Provincia de Tras dos Montes.	30	20.
E o Reyno do Algarve.	28	08.

Legoas.

Oliveira.

Nas Africas, e mar Atlantico.

O Reyno de Angola.	As Praças de Ceuta.
O Reyno de Congo.	Tangere.
O Reyno de Moçambique.	Arzila.
	Azamor.
O Reyno de Patè.	Safim.
E outros vinte nas Costas, e Certaõ.	Santa Cruz.
	Cabo de Aguero.
O Senhorio de Guinè.	Mazagaõ.

Botero.

Ilhas.

A Ilha da Madeira.	Ilha do Fayal.
Ilha de Porto Santo.	Ilha do Pico.
Ilha Terceira Angra.	Ilha das Flores.
Ilha de S. Miguel.	Ilha do Corvo.
Ilha de S. Maria.	Ilha de Cabo verde.
Ilha Graciosa.	Ilha de Santiago.
Ilha de S. George.	Ilha do Fogo.

Barros.
Goes.
Fructuoso.
Cordeiro.

Ilha

Ilha de Mayo.
Ilha da Boaviſta.
Ilha de S. Vicente.
Ilha de S. Luzia.
Ilha do Sal.
Ilha Braba.
Ilha de S. Antaõ.
Ilha de S. Niculao.
Ilha do Principe.
Ilha de Fernaõ do Pó.
Ilha de S. Helena.
Ilha de S. Thomè.
Ilha de Anno bom, com outras adjacentes.
Ilha de Fernaõ d'Noronha.
Ilhas Dezertas.
Ilhas de Canarias.

Portos, Cidades, Fortalezas, e Feitorias.

O Porto de Arde.
O Porto de Ocre.
O Porto de Calabar.
A feitoria de Coriſco.
A feitoria de Judà.
O Caſtello de S. George, ou Mina.
O Caſtello de Senna.
A Cidade, e Fortaleza de Loanda.
Mombaça, e Caſto.
A Fortaleza, e feitoria de Sofalla.
A Fortaleza de Quiloa. *Oliveira.*
A Fortaleza de Melinde.
A Fortaleza de Cabo branco.
E outras com povoaçoens Pequenas.

O Direito de dominio deſde o mar roxo, e golfo Perſico até Timor, Solor, Sumba, e Macau.

Na Azia, e India.

O Reyno de Ormùz feudat.
A Cidade de Calaiato.
O Vice-Reynado da India.
A Cidade, e Ilha de Goa.
A Cidade, e Fortaleza de Diu.
A Cidade de Daman.
Vailyte.
Cacil. *Oliveira.*
A Cidade de Baçaim. *Botero.*

Taná.
Chaul.
A Cidade de Macau.
A Cidade de Nagapataõ.
A Cidade de Malàca.
A Colonia, e Cidade de S. Thomè.
A Cidade de Cranganor.
Avor.
Barcelor.
Mangalor.
Calecut.
ACidade de Cochim.
A Fortaleza de Cannanor.
A Fortaleza de Manarà.
A Fortaleza de Maluco.
A Fortaleza de Bengala.
A Fortaleza de Pegú.
A Ilha de Ceilaõ.
A Ilha Banda.
A Ilha, e Fortaleza de Kiſme.
As Ilhas Malucas,&c.

Na America.

O Vice-Reynado do Brazil.
O Governo,e Capitanîa geral da Bahia.
O Governo, ou Capitanîa dos Ilheos.
O Governo, ou Cap. do Eſpirito Santo.
O Governo, ou Cap. de Porto ſeguro.
O Governo, e Cap. do Rio de Janeiro.
O Governo, ou Cap. de S. Vicente.
O Governo, e Cap. geral de S. Paulo.
O Governo, ou Cap. da Nova Colonia.
O Governo, e Cap. geral das Minas.
O Governo, ou Cap. de Sergipe.
O Governo, e Cap. de Pernambuco.
O Governo, ou Cap. de Tamaracà.
O Governo, ou Cap. da Paraiba.
O Governo, ou Cap. do Rio grande.
O Governo, ou Cap. do Searà.

O

O Governo, e Cap. geral do Maranhaõ. | O Governo, ou Cap. do Parà.

Com muitas Fortalezas, Cidades, Villas, Aldeas, e Ilhas, e o fatal Rio das Amazonas.

Pelo que como seja uso politico em os Monarcas do Mundo intitularse Reys daquellas terras que, ou por posse, ou por herança, ou por dominio, ou por Conquista, ou por Direito lhe pertencem, tendo sido, ou sendo seus (como naõ só nas Potencias Catholicas, mas ainda nas barbaras estamos vendo) suposto nas Conquistas de Africa, e Azia tenha padecido deterioridades este Reyno por invazoens injustas, pertençoens sofisticas, e dimiçoens tiranas, com especialidade no tempo em que os Felipes de Castella o governàraõ; se por algum dos modos ditos tudo o que foy, e he de Portugal, he Portugal, e se tudo o que he deste Reyno he Reyno, e por tal se pòde reputar, pois he hum só Rey o que o rege com absoluto dominio, computemos jà por Arithmetica racionavelmente, e sem excesso sua grandeza, e largueza, conciderado ao mesmo tempo junto o que pelas quatro partes do Mundo (como jà vimos) he divizo.

	Leguas. Longitud.	Latitud.
Tem a Coroa de Portugal nos dous Reynos, e cinco Provincias da Europa, pela conta assima expressada - - - - -	181 -	125.
Tem as Ilhas que saõ desta		

	Long.	Latit.
Coroa na Africa, e mar Atlantico concideradas juntas, e medidas por Geografos - -	382 -	164.
Tem as 12. Ilhas Canarias a que Portugal tem Direito, pois ſendo ſuas por deſpeza dos Infantes D. Henrique, e D. Fernando, ſe achaõ injuſtamente alienadas, atendida a grandeza da Gram Canaria, por reputaçaõ - - - - - - - -	200 -	090.
Tem os 24. Reynos da Coſta, e Certaõ de Africa aſſima ditos, concideradaracionavelmente ſua grandeza pela Longitud, e Latitud de todos como juntos - - - - - - - - -	2000 -	980.
Tem o Senhorio de Guinè taõ dilatado, por reputaçaõ, que aos ſeus habitadores ſe faz incomprehenſivel - - -	1000 -	500.
Teraõ as Cidades avulſas, Caſtelos, Fortalezas, Feitorias com ſeus terrenos que ninguem medio - - - -	030 -	012.
Tem na Azia o Vice-Reynado da India com todas as mais terras deſta Coroa aſſima expreſſadas, e tambem o Reyno de Ormùz, por reputaçaõ - - - - - - - - - - -	800 -	350.
Tem na America o Vice-Reynado do Brazil com to-		

dos

dos os governos, Capitanias, Cidades, Villas, e Aldeas, medida ſua longitud pela Coſta do mar, e ainda contando algumas Ilhas. - - - - - - - - 1041 - 600.

Sem fazer menção do Rio das Amazonas, que ha opiniaõ ter 900. leguas pela terra dentro, e tambem ſem fazer conta às terras em que eſta Coroa tem direito de Dominio, nem a outras que, ou ignore, ou por inadvertencia à comprehençaõ me eſcapem.

Pelo que tudo atendido, e ſomado à margem por Arithmetica concluimos ter o Reyno, ou Coroa de Portugal em todas as ſuas terras, ainda que diſperſas, concideradas juntas, ſinco mil ſeiscentas e trinta e quatro leguas Portuguezas. *

Longit. Leguas.	
0 1 8 1	
0 3 8 2	
0 2 0 0	
2 0 0 0	
1 0 0 0	
0 0 3 0	
0 8 0 0	
1 0 4 1	
5 6 3 4	

E meſmo aſſim tambem, atendida a Latitud de todas as terras deſta Coroa, e concideradas como juntas, ſomadas por Arithmetica à meſma marge por computo eſtimativo aquellas de cuja menſura os Eſcritores naõ tratàraõ, achamos ſer duas mil outo centas e vinte huma leguas. *

Latitud. Leguas.	
0 1 2 5	
0 1 6 4	
0 0 9 0	
0 9 8 0	
0 5 0 0	
0 0 1 2	
0 3 5 0	
0 6 0 0	
2 8 2 1	

* *Naõ ſe eſtimule o apaixonado Leitor: atenda o ſentido que dou a eſta medida; e aos graos nella naõ reſpeicte.*

CAPI-

CAPITULO XI.

Moſtra-ſe a grandeza intenſiva de Portugal, numero da gente, ſem fazer mençaõ das Conquiſtas, e reſenha ſó da famoza Cidade de Lisboa, iſto antiguamente, pois ſe acha hoje avultada.

SAbida jà a extençaõ de Portugal, ſó brevemente falta ver a ſua intençaõ, ſem que ſeja minha uſurpar, ou officio de Chroniſta, ou honra de Academico.

Joaõ Botero, e Fr. Bernardo de Brito eſcreveraõ, que quando no tempo dos Romanos mandou Auguſto Cezar: *Ut deſcriberetur univerſus Orbis*, fazendo entaõ Portugal muito menos vulto do que hoje, ſe achàraõ nelle por liſta ſinco milhoens, ſeſſenta e oito mil cabeças de familias naõ fallando nas familias deſtas; e hoje vendo-ſe eſte Reyno às quatro partes do Mundo extendido com tantas Conquiſtas, Eſtados, e Dominios, concidere attento o Leitor quantos milhoens de Vaſſalos eſta Coroa terà, e quaes tambem podem ſer as forſas deſta ſublime potencia.

Botero.

Brito in Monarch. Luſit.

Para melhor, e ſem paixaõ lhe facilitar o diſcurſo, obſervemos ſó a Cidade de Liſboa, Corte dos Reys de Portugal; que ſe houve jà quem tendo opiniaõ por ſi, e vendo Roma, diſſe: *Vidi Urbem in Orbe*, e chegando a ver Lisboa diſſe: *Vidi Orbem in Urbe*, naõ farà admiraçaõ o que Gonçalo de Avila, que por Heſpanhol naõ he ſuſpeito, aſſeverou, reputando a Lisboa por ſi ſó hum Reyno

Avila in Theatr. Matriti.

intei-

inteiro: *Uyſſipo eſt regnum per ſe.*

Tinha Lisboa quando muito mais pequena do que hoje ſetenta e ſete altas torres nos ſeus muros com vinte e duas portas, àlem de outras dezaſete ſubterraneas; depois para impedir aos inimigos a entrada pela ſua barra ſe lhe mandàraõ fazer para o mar duas grandes torres, e quatro eſtupendas fortalezas cheyas de groſſa artelharia, e ultimamente quantidade de fortes em toda a marinha, bem artelhados, e muralhas de parapeito, em que ſe he neceſſario, ſe poem tambem muita quantidade de artelharia, fazendo tudo a eſta famoza Cidade do Mundo inconquiſtavel.

O numero da gente que tem Lisboa ao certo, he reputado por impoſſivel numerarſe: Os diſcretos Coſmografos Gonçalo de Avila, e Niculao de Oliveira, que eſcrevèraõ em tempo que os Felipes governàraõ Portugal, diſſeraõ ter eſta Cidade mais de 500000. peſſoas, ſem numerar os Eſtrangeiros que ſempre excedem o numero de 20. e de 25000. e querendo como tambem Joaõ Botero fazer diſto hum curioſo Mapa contando ſó duas legoas a eſta Cidade de comprimento, lemite que hoje muito excede, porque de Bethlem atè Sacavem ſe acha tudo povoado, creſcendo actualmente os edificios, e Palacios em o numero, achàraõ naquelle tempo pelos annos de 717. ter Lisboa 40. Parroquias, e nellas mais de 29000. familias; mais de 3000. Clerigos;

Avila. *Oliveira.*

Botero.

24. Conventos de Frades, e nelles 1465. Religioſos; 18. de Freiras com 1830. Religioſas, computo que hoje taõ largamente ſe excede, que ſó os 3. Conventos S. Clara, S. Monica, e S. Anna entendo que com todas as peſſoas que tem dentro, excedem o predito numero; como tambem notàraõ à Cidade mais de 7000. quintas, e Palacios, e mais de 27000. moradas de cazas, muitas deſtas com 5. e 6 andares todos com diverſas familias, muy poucos, ou quazi nenhuns quintaes, que a eſtarem as cazas ſem ſobrepoziçaõ, e com quintaes, ou jardins, ſeria ſem duvida mayor Lisboa que Conſtantinopla, Paquim, Canzi, Pariz, Napoles, e outras, que com a tal formalidade ſe divizaõ ſituadas.

Avilaõ

Oliveira

No ambito de Lisboa, ſinco leguas em redondo obſervou Oliveira haver em aquelle tempo 59. Paroquias com 13403. fogos, e nelles 46400. peſſoas; e na frente de Liſboa àlèm do rio em ſemelhante deſtricto achou ſó 29. Paroquias com 7177 fogos, 26386. peſſoas, naõ fallando em Clerigos, Frades, e Freiras; pelo que ſendo hoje Liſboa muito mayor, e muito mais povoado de todos os Eſtados de gente o ſeu ambito, que ſó de Conventos no predito circulo achamos os Reaes Conventos de Mafra, e Odivellas, eſte com 800. peſſoas, e aquelle com 300 na meſma Corte a Santa Igreja Patriarcal com muitos Eccleſiaſticos, àlem de outras Igrejas, e Conventos de novo erectos: con-

Oliveira.

conciderem Lisboa o que agora he; e se a Felipe III. causou admiraçaõ o ver que na Procissaõ de Corpus a q̃ na dita Corte assistio em o anno de 1619. hiaõ só de Irmãos do Senhor 3388. que seria se bem se ponderasse a Regia Procissaõ de Corpus que hoje na mesma Corte se pratica.

Observou mais a curiosidade daquelles peritos Escritores para em tudo dizerem que cousa seja Lisboa, fallando só do Regio Hospital desta Corte (em que ha outros) que no anno de 1618. se curàraõ nelle 11150. pessoas, e na Real Caza da Misericordia se mandàraõ dizer por Capelaens, e mais Ecclesiasticos avulsos 28272. Missas pelos bemfeitores, do que bem se colige qual seja a numerosidade tambem do Clero; que para admiraçaõ da do Povo houve curioso no mesmo tempo dos Felipes que notando o concurso de cada dia a Lisboa, observou que pelas portas de S. Antaõ entravaõ 1500. bestas carregadas, pelas de S. Vicente 1000. e pelas da Esperança 1200. tudo para consumo da Cidade, àlem das muitas embarcaçoens de toda a sorte, que fazem as conduçoens pelo Tejo; como tambem naquelle tempo para o gasto da mesma Cidade naõ taõ grande como hoje he, reziſtou se matavaõ nos açougues della por cada hum anno 1000. carneiros, 1500. capados, e 11000. bois, cuja barata importancia passava de 55000. cruzados. *

Naquelle tempo havendo jà em Portu-

*Tudo o mencionado hoje muito se excede; e he quasi impossivel fazer ao certo o numero de tudo que existe.

gal no Estado Ecclesiastico tantas Dignidades sublimes, Priorados grandes, e no Estado secular tantos Titulos, e Cavalheiros Illustrissimos, verificaõ os sobreditos Escritores que só o Excellentissimo Duque de Bragrança que entaõ como tal existia, tinha 85000. vassalos, 1. Cidade, e 48. Villas, servia-se com 500. domesticos, dispunha de 45. Commendas, dava muitos Priorados, e Beneficios de 2000. e 2500. cruzados, punha 1300. Ministros de Justiça, e tinha servido aos Reys de Portugal com 20000. homens de armas seus; e no Ecclesiastico o Gram Prior do Crato que entaõ só tinha de renda 26000. cruzados, era Senhor de 12. Villas, 94. lugares com 6000. fogos e 30000. pessoas, dava 91. Beneficios Ecclesiasticos, e provia 2540. Officios de Justiça, com mais tres Judicaturas, e tinha jurisdiçaõ espiritual, e temporal, criminal, e civil. Isto he só indice de que cousa seja Portugal, e a Corte de Lisboa, da qual conclue as excellencias, que naõ posso referir, Gonçalo de Avila alegado por outro Escritor Veneziano dizendo que se naõ vè outra semilhante em todo o Orbe Christaõ: *Denique non est quidquam simile videre in toto Orbe Christiano.*

Avilla in Theatro Matriti.

Se fosse do meu assumpto cabalmente explicar que cousa Portugal fosse, a gente que tem, a opulencia, riqueza, e forças em taõ amplos Estados, e Dominios, seria este volume todo pequeno Mapa para o descre-

ver;

ver ; porque ſe no tempo que Fructuozo, Oliveira, e Cordeiro eſcreveraõ ſó as noſſas Ilhas pela individual computaçaõ que fizèraõ, tinhaõ mais de 11350. fogos com mais de 60000. peſſoas, naõ fallando em 26. Conventos que entaõ ſó havia nellas com 312. Frades, 420. Freiras, como tambem nas meſmas ſe achavaõ 46. fortalezas, e Caſtellos com 845. peças de artelharia, e ſó no Reyno a que os Criticos querem chamar unicamente Portugal, eſcreveo Botero Heſpanhol, ſe contavaõ 470. Caſtelos fortiſſimos, e bem artelhados em o anno de 1689. tendo entaõ ſó eſta Coroa de renda 5. atè 6. milhoens, que diria eu hoje ſe fallaſſe individualmente em tudo a que chamey Portugal, conciderando ao meſmo tempo 27. milhoens de renda a eſta taõ Regia, e taõ ſublime Coroa. Baſta, e jà peſſo perdaõ aos Diſcretos ſe capitularem por grande a minha digreçaõ, pelo impulſo do credito, e amor da Patria; e como para os curioſos naõ deſejo ſer avarento de noticias, jà aponto os famoſos Eſcritores, naõ ſó para me acreditarem todas as que neſte Livro dey, e delles as extrahi, mas tambem para que ſe fertilizem os ſeus diſcurſos, ſe quizerem com a leitura dar goſtoſo paſto aos ſeus entendimentos.

Fructuozo. *Oliveira.* *Cordeiro.*

Botero.

Authores, e Eſcritores

Com que todas as materias contidas neſte Livro ſe acreditaõ.

1 Auberto Mirreu.
2 Hieronimo de Cevallo.
3 Jacobo de Payva de Andrade.

4 Athæneo.
5 Polibio Megapolitano.
6 Marineo Cezilia-no.
7 Heſpilbergio.
8 Gaſpar Balbo.
9 Hyeronimo Coneſtagio.
10 Hugo Linſcotano.
11 Ludovico Vertaman.
12 Garibay.
13 Joaõ Doglioni.
14 Antonio de Nebrixa.
15 D. Pedro Cubero.
16 Joaõ Botero.
17 Rebulloza.
18 Gonçalo de Avila.
19 Lopo da Vega Carpio.
20 Miguel de Cervantes.
21 Frãciſco de Monſaõ.
22 Franciſco Lopes da Camera.
23 Andrè de Rezende.
24 Rodrigo Sanches.
25 Joaõ Vaz, ou Vaſeo.
26 Vaſconcelos.
27 Jozè Teixeira.
28 Damiaõ de Goes.
29 Joaõ Caramuel.
30 Marianna.
31 Ferreiras.
} deſatent.
32 D. Manoel de Guſmaõ
33 Azinheiro.
34 Mafeo.
35 Luis Marmol de Carvalhal.
36 A. de Libertate Portugaliæ.
37 Speculum Tiran. edit Paris.
38 Joaõ de Barros
39 Frutuozo.
40 P. Antonio Cordeiro.
41 D. Rodrigo da Cunha.
42 Manoel de Faria, e Souza.
43 Niculao de Oliveira.
44 Brito, e Brandaõ, &c.

Chron. de Portugal, e Heſpanha.

CAPI-

CAPITULO XII.

Vida Civil, e Politica, observada pelos illustres, e Nobres.

O Artifice soberano que fabricou o Ceo, e a terra, quiz para fermosura della se compuzesse de montes sublimados a infinitos vales; porque supposto a natureza fosse a mesma, houvesse distinçaõ em os estados. Criou arvores de diversas qualidades, permitindo que humas excedessem a outras na grandeza, e quanto mais dilatassem suas raizes pela terra, tanto mais os seus braços se extendessem, e de excelsos ramos se coroassem; assim mesmo permitio que os homens no Mundo se distinguissem, para que bem se governasse; porque supposto todos sejaõ barro, o Oleiro sabe distinguir do groceiro o mais fino, sendo este mais do que aquelle estimado.

A vida civil, e politica de que summariamente fallo, e reconheço immediata, por participaçaõ, às Magestades, quero entender daquelles Cavalheiros, e Senhores que com excelços titulos, e pomposo estado afermozeam as Cortes, e assistem a seus Monarcas, ficando seus subalternos os que sem outro modo de vida tem nobreza, sendo só de suas rendas sustentados.

Tres sortes ha de nobreza (escreveo Nazianzeno) (1) Nobreza de Origem, nobreza de Sangue, e nobreza de Obras; e

(1) *Nazianz. de Nolit.*

su-

ſupoſto na opiniaõ dos Miſticos ſeja mais illuſtre a terceira, fallaremos aqui ſó da ſegunda que nas Cidades, e Reynos com apparato luſtra, ſem ventilar a queſtaõ nas Academias repetidas vezes diſcutida, ſe he melhor a adquirida, ou ſe a herdada.

Fazem mais vida, e eſtudo da civilidade politica os de nobreza herdada, do que os que a tem adquirida, porque ſe a deſtes ſe firma nas ſuas obras, ou nas de ſeus proximos aſcendentes, a daquelles ſe eſtabelece, e clarifica no illuſtre de ſeus ſolares, expreſſando-ſe naõ ſó com ſublimados titulos, mas com apelidos certos que acreditaõ os eſcudos de ſuas armas, logrando aſſim tal excellencia, que nunca a fidalguia dos Solares deixou de ſer herança dos filhos, ſe naõ quando a gravidade da culpa os desherdou da nobreza do Paiz. (2)

(2) *l. 2. ff. de Sentenc. pac. & reſt. & tex. in d 2. ff. de interd. & relegat.*

He antiquiſſima a eſtimaçaõ, e reſpeito que ſempre mereceo a mais nobre fidalguia: Cicero para querer moſtrar a de Heraclio, e Diodoro Melitenſe a de Aulo Gelio, e Marco Orphio, ſó diſſeraõ que eraõ homens de ſolar, e nobiliſſimas origens. (3) Entre os Romanos tinha jà a nobreza illuſtre reſpeito grande, ſendo decretado por Leys eſpecialiſſimas que naõ foſſem os Cavalheiros ſogeitos às pennas dos plebeos: que ſó elles occupaſſem os primeiros degraos em o Teatro: que naõ pudeſſem ſer condennados à morte pelos Tribunos: que à morte foſſe condennado quem lhe perdeſſe

(3) *Cicer. 3. in act. 4. & 6. Varr. Idem in orat. pro Cluentio. Idem in Ep. 12. ad quinque Fratr.*

o reſpeito, e outras muitas couſas que por extenſo naõ repito; vide. (4.)

(4) *Bapt. Fulgoz. Ravizio Carvalho Illuſtr. Macara de Illuſtr. Tirraquel. de nobilit. c. 10. n. 120. Gracia de nobilit. gloſ. n. 117.*

Naõ ſó do illuſtre de ſeu ſangue, e padroens quanto mais antigos melhores, mas das mercès de ſeus Monarcas procedem aos Cavalheiros as honras; mas muitos Principes ſe offendem, ſe lhes pedem, como ſe vio em ElRey Theodorico, caſtigãdo a Selim ſeu criado benemerito; porque naõ fiára da ſua generoſidade o dezempenho (5) Outros as offertaõ, e por excelſo caprixo naõ ſe aceitaõ, como ſe vio no Sereniſſimo Duque de Bragança D. Theodoſio com Felipe III. de Caſtela vindo a eſte Reyno (6) outros quando as diſpençaõ, fazem ſer mais illuſtre o illuſtre, como ſe vio em ElRey D. Affonço II. de Caſtella com o Cavalheiro Alvaro Nunes, dandolhe generozo dous Solares (7) porèm he certo que a fidalguia illuſtre por ſi ſó ſe nobilita. (8)

(5) *Humer. Veronenſ. tractat de juſt. cap, de Ambit.*

(6) *Fr. Raphael de J. na Chron. delRe D. Joaõ IV. p. 1. cap. 4 n 7. do prel.*

(7) *Chron. de Affonço II. de Caſtel. cap. 64.*

(8) *Ita de Jure Bald. in l. ſiqua c. de ſecund. nupt. & in l. Nobiliores. cap. de comere, & merc. & in l. peradopt. ff. de adop. & in l. providendum cap. de poſeſ.*

Na aſſiſtencia a ſeus Monarcas tem exercicio a illuſtre fidalguia, mas concidero a ſua concervaçaõ muy perigoſa, porque com mais difficuldade reſtitue hum Monarca à ſua graça o vaſſalo que lhe contrariou o goſto, ou huma vez o offendeo, do que Deos a hum peccador arrrependido, que infinitas vezes contra ſua Divina Mageſtade peccou. Quantos odios, q̃ emulaçoens, que invejas, e que lizonjas ſe naõ obſervaõ em os Palacios dos Principes, a quem todos mentem, como hum Aulico diſcreto diſſe, ſendo, ou o reſpeito, ou adulaçaõ, ou a dependencia

Lucas Pennoto in l. mulier cap de Dignit. l. 12. Alberic. in rubr. ff. de ſenator. Tiraq. de nob. c 31. Joan. Plat. in l. 1. de cond.

Que

quem naõ deixa fallar o que com diſcurſo claro ſe entende, e aſſim ſe falta à verdade. Que encargos naõ terà hum Conſelheiro, que culpas naõ cometerà hum valido? Mas oh que infelicidade ſe depois de lograr excelſas honras, deſcahio o Valido, e Conſelheiro! Nas letras Divinas tem por exemplo a Aman, e nas hiſtorias humanas ao Conde Duque Dom Alvaro de Luna; diſcorra cada hum como quizer, que ſupoſto ſó eſta materia foſſe baſtante para hum volume, eu ſó a eſte Livro dou Fim.

LIVRO QUARTO

Vida Ecclesiastica.

CAPITULO I.

Do altissimo estado Sacerdotal, sua primeira instituiçaõ, dignidade excelça, e veneraçaõ grande imitada depois pelos Gentios, e posteriormente reformada por Christo na Ley da Graça.

O Sacro Ministerio Sacerdotal (de que muitos indevidamente fazem vida, pois adulterando os fins, se prevaricaõ nos modos) he o estado mais excelço que no Mundo pòde lograr huma creatura humana, pois quasi excedendo a esfera da propria naturexa (1) na pureza deve ser Anjo (2) nas acçoens parecer Christo (3) na representaçaõ existir Deos. (4)

(1) *D. Ambroz.*
(2) *Origen.*
(3) *Ad Corimth. 1.*
(4) *Ps. 81.*

Interpreta-se este nome *Sacerdote* por exposiçaõ dos P.P. *Sacer dos*, *Sacer dux*, *Sacer dans*: Dote Sagrado, Capitaõ Sagrado, Dadiva Sagrada; e tendo Caracter de Sacerdote que a Deos he dedicado, sete incumbencias lhe provèm da obrigaçaõ: Orar pelo povo, offerecer Sacrificios pelo povo, ensinar o povo, guiar o povo, encaminhar o povo, ser Juiz, e ser

e ſer Paſtor quando Miniſtro dos Sacrificios. (5)

(5) *Origines. Laureto Sylva alegor. lit. S.*

Taõ grande he o poder de hum Sacerdote, que com poucas palavras que profere, preciza o meſmo Chriſto a deſcer do Ceo à terra, e porſe em ſuas mãos ſagradas (6) taõ grande a dignidade que alcança, que em ſuas mãos quotidianamente chega Chriſto a encarnar como no ventre Sacro da Senhora (7) taõ grande a felicidade que logra, que a impulſo de ſuas vozes vindo o Senhor do Ceo à terra, faz por qualquer Sacerdote o meſmo que fez huma vez ſó pelo Mundo todo.

(6) *Ita de Fide.*

(7) *D. Petr. Dam.*

No Povo Judaico, e Hebreo aſſeveraõ os Eſcritores antigos ſe conſtituhiraõ os primeiros Sacerdotes que o Mundo vio. (8) Entende-ſe que Noè foy o primeiro, pois que em levantar altar a Deos, e offerecerlhe Sacrificios teve a primazia (9) aſſim meſmo Melchizedec, o qual igualmente ſacrificou, fazendo-o tambem depois Abraham (10) Iſac, e Jacob; advertindo porèm que naõ obraraõ taes acçoens com Sacerdotal authoridade, mas ſim ſó com huma virtuoſa, e natural Religiaõ.

(8) *Jozepho de antiq.*

(9) *Geneſ. 8. 20.*

(10) *Geneſ. 12. 7.*

Tambem Moyſés foy eſpecialiſado em levantar Altar a Deos (11) mas o primeiro que por mandado de Deos na Ley antigua foy com formalidade conſtituhido, e conſagrado Sacerdote, ſendo como tal ungido temos a Aram, cujas acçoens por diſpoſiçaõ do Senhor lhe fez ſeu Irmão Moyſés (12)

(11) *Exod. 17. 15. & Exod. 27. 1.*

(12) *Exod. 28. 1. & 29.*

ao qual neſta acçaõ ſe ſeguiraõ ſeus filhos Nadab, Abiud, Eleazar, e Ithamar (13) mas como os PP. e DD. fundados no que expreſſa o Sagrado Texto (14) denominaõ a Aram Pontifice, pois nas veſtes com que Deos mandou a Moyſés que o veſtiſſe, ſe eſpecializou, por naõ fazermos confuzaõ, fique iſto rezervado para ſeu proprio lugar.

(13) *Exod.* 28. 2.

(14) *Exod.* 28. *per totum.*

As veſtiduras que Deos mandou dar aos Sacerdotes communs, quaes eraõ os filhos de Aram jà mencionados, conſtavaõ de huns pannos menores chamados *fœminalia* de linho, tunicas, ou alvas tambem do meſmo, cingidouro de quatro cores tecido, e barrete redondo na figura de huma eſfera aberta por ſima (15) deſtas por mandado do Senhor determinou Moyſés que uzaſſem em ſerviço do Altar, e atè para os Pontifices em o meſmo miniſterio eraõ commuas eſtas veſtiduras. Logo depois foraõ inſtituhidos tambem por Moyſés alguns gràos de Ordens, figura do que hoje ſe obſerva, e em ſeu lugar tratarey.

(15) *Exod.* 28. 40. *& deinceps Joſefo de Antiq. D. Hyer. Ep. ad Fabiol.*

Vendo aſſim o ſuceſivo Gentiliſmo as honras que aos Sacerdotes ſe tributavaõ, elegeraõ tambem, ſupoſto que ſuperſticioſamente, Sacerdotes de ſeus Idolos; e tanta chegou a ſer a veneraçaõ que lhe davaõ, que entrou hum gentio a duvidar pudeſſe haver no Mundo homem taõ inſolente, e taõ bruto, que ſe atreveſſe a vilipendiar os Sacerdotes de ſeus Deoſes. (16) Era tal o reſpeito com que os tratavaõ, e de tal ſorte os

(16) *Plaut. in Rudent act. 1. Scen. 2.*

attendiaõ, que os Romanos ſem o ſeu conſelho naõ moviaõ guerra; os Chinas pela ſua direcçaõ diſpunhaõ os ſeus governos; os Caldeos naõ davaõ por valida eſcritura alguma, que por ſua maõ naõ foſſe feita; os Perſas naõ ſahiaõ às campanhas ſem ſua determinaçaõ, e finalmente tendo-os como por Vice-Deoſes em o Mundo lhe pediaõ para o outro os Chinas cartas de favor, entendendo que com ellas lograriaõ huma gloria infalivel. (17)

(17) *Jozefo de ant. Methaſtenes. Cornel. Tacit. Fernaõ Mend Pinto*

Chegou tempo em que Deos querendo acudir pela ſua honra, devendo ſer ſó por unico, e verdadeiro Deos reconhecido, permitindo encarnaſſe o Divino Verbo nas entranhas de huma Virgem pura, para reſgatar o Mundo perdido todo (18) entrando eſte Senhor depois de humanado a deſtruhir abſurdos, reformou a Ley antigua, e tranſformaraõ-ſe no figurado as figuras.

(18) *S. Athanaſ. in Simbol. Fidei.*

Foy o Cenaculo theatro glorioſiſſimo da mais feliz ſoberania; pois que ſendo Chriſto noſſo primeiro Pontifice, e Sacerdote ſoberano (19) hoſtia, e Sacrificio, em attençaõ à Ley antigua, que naõ vinha deſfazer, mas completar (20) tendo elegido doze Diſcipulos como para Pontifices, ou Biſpos, aos quaes denominou Apoſtolos, cujo numero ſe extendeo depois (como Sacerdotes menores com o nome de Diſcipulos) a mais ſetenta e dous, de que trataremos; naõ conſtando dar Chriſto àquelles outras algumas Ordens, mais que o grau de ſerem chama-

(19) *Pſ. 109. 2. ad Hæbr. 4. S. Auguſt. S. Hyeron. Origines.*

(20) *Math. 5. 17.*

chamados à ſua companhia, no Cenaculo, adondo conſagrando ſeu Diviniſſimo Corpo nas eſpecies de paõ, e vinho, os conſtituhio (com ampliſſimos poderes) Sacerdotes (21) dignificando-ſe primeiro neſta ſublimada honra o grande Apoſtolo S. Pedro. As vèſtes que para os Sacrificios depois uſaraõ os Sacerdotes, foraõ, e ſaõ com ſemelhança às da Ley antigua, inſinuadas pelos Apoſtolos, e eſtabelecidas com toda a perfeiçaõ pela Igreja.

(21) *Ita ex Sacra. pag. tenent. com. SS. PP. & D.D.*

CAPITULO II.

Faz ſe menção, para noticia, de quem foraõ os ſetenta e dous Diſcipulos de Chriſto; explica-ſe o modo porque foraõ quaſi todos Ordenados Sacerdotes; que dignidades occupàraõ na Primitiva Igreja; e de que principio provèm trazerem os Sacerdotes feita em a cabeça Coroa.

SAbido he de todos os Catholicos, pois à ſua veneraçaõ ſe faz conſtante, quem foraõ os doze Diſcipulos do Sacro Apoſtolado de Chriſto, ainda o que foy ſubſtituhido no lugar de Judas prevaricado; mas como naõ ſeja a todos taõ notorio quem foſſem os outros ſetenta e dous Diſcipulos, e quais delles exercèraõ o Sacerdotal miniſterio, moſtro ſerem ſuas incumbencias, e ſeus nomes os ſeguintes.

1 Agabo Profeta de Antiochia.
2 Alexandre Biſpo de Avinhaõ.
3 Amao, mencionado por S. Ambroſio.
4 Ampliato Biſpo de Edeſſa.

5 Ananias Biſpo de Damaſco.
6 Andronico Biſpo de Pannonia.
7 Antipas Biſpo de Pergamo.
8 Appelles Biſpo de Smirna.
9 Ariſtarco Biſpo de Apamia.
10 Ariſtono Biſpo de Salamina.
11 Archipo Socio de S. Paulo.
12 Ariſtobulo Biſpo de Bertanha.
13 Antimo mencionado por S. Paulo
14 Azinorito Biſpo de Ircania.
15 Barnabas Biſpo de Milaõ.
16 Barlimeo illuminado.
17 Ceffas Biſpo de Canea.
18 Carpo Biſpo de Macedonia.
19 Cezar Biſpo de Durazzo.
20 Clemente Biſpo de Sardica.
21 Cleofas, a quem Chriſto apareceu.
22 Creſcente Biſpo de Vienna.
23 Epafra Biſpo de Rhodes.
24 Eufrodizio Biſpo de Filipopoli.
25 Erneſto Biſpo de Pancade.
26 Hermete Biſpo de Dalmacia.
27 Hermete Biſpo de Filipopoli.
28 Herodion Biſpo de Patras.
29 Evodio Biſpo de Antiochia.
30 Filozofo Biſpo de Paflagonia.
31 Flagaõ Biſpo de Maraton.
32 Jaſſon Biſpo de Tarſo.
33 Jezu Biſpo de Cleantipoleo.
34 Joaõ cognominado Marcos.
35 Joaõ (o Evang.) Biſpo de Ephezo.
36 Jozeph de Arimathea.
37 Jozeph Juſto Biſpo de Eutropoli.

(1) *Pedro a Nalal. libr. 6. c. 100. Jacomo Filipo de Bergamo no Suplemento das Chronic. l. 8. t. 122. Antonio Monacblено D de Sorbona na Inſtit. da Relig. Chriſt. Joaõ Baptiſta Rizzoli na ſua Chronolog.*

38 Judas chamado Barzabas.
39 Ignacio Biſpo de Antiochia.
40 Janio Biſpo de Apamia.
41 Lazaro Biſpo de Marſilia.
42 Lucio Biſpo de Laodicea.
43 Lucio Biſpo de Cirenne.
44 Lucas Evangeliſta Antioch.
45 Manaem Antiocheno.
46 Marcos o Evangeliſta.
47 Marcos Biſpo de Apolonia.
48 Marcial Biſpo de Limoges em Frãça.
49 Maximino Biſpo de Aix.
50 Manaſon Biſpo de Tarſo.
51 Mathias o ſubſt. no lugar de Judas.
52 Narcio Biſpo de Patras.
53 Nathanael Biſpo Biturienſe.
54 Nicodemus que ſepult. a Chriſto.
55 Patrobas Biſpo de Napoles.
56 Priſco Biſpo de Colofon.
57 Quarto, Biſpo de Berito.
58 Ruffo Jerolozomitano.
59 Ruferio Biſpo de Tebe.
60 Celidonio Biſpo de Aix.
61 Silvano Biſpo de Tezalonica.
62 Sila Biſpo de Corintho.
63 Simeaõ Biſpo de Hyeruſalem.
64 Simeaõ Biſpo Boſtuenſe.
65 Simaõ Leprozo, a quem curou Chriſto.
66 Euſtachio Biſpo de Conſtantinop.
67 Suſipatro Biſpo de Iconio.
68 Tadeo diverſo do Apoſtolado.
69 Terzo Biſpo de Meiaido.

70 Urbano Biſpo de Macedonia.
71 Zacheo Biſpo de Cezarea.
72 Zima Biſpo de Diſciopoli, a quem outros chamaõ Zena.

Advirto que alguns Authores acho diſcordes em os nomes deſtes ſetenta e dous Diſcipulos (1) e naõ me meto a opinar.

O modo porque no tempo dos Apoſtolos ſe ordenavaõ os Sacerdotes, era pondoſelhe as mãos ſobre a cabeça, na qual acçaõ ſe lhe dava o poder mediante a graça do Eſpirito Santo (2) aſſim ſe praticou atè que os ſubſequentes Pontifices puzeraõ muitos additamentos a eſta ceremonia ſacra da Inſtituiçaõ Sacerdotal, julgando neceſſario tudo para o luſtre, e concervaçaõ honorifica da Igreja. Daqui ſe entende ſer provinda a acçaõ authoritativa de benzerem os Sacerdotes com a maõ, imitando naõ ſó aos Sagrados Apoſtolos, mas a Chriſto noſſo Divino Meſtre, pois como S. Jeronimo eſcreve, abençoava algumas creaturas que procuravaõ o tacto fizico de ſuas mãos Sagradas. (3)

(2) 1. *ad Thimotheum* 5. & 2. *ad Thimoth. Acta Apoſtol. Chriſoſt. hom.* 16. *in Ep. Paul. ad Thimot.* *D. Ambroſ. Origines.* *D. Cyprian. Ep.* 4. *ad Felicem.*

(3) *D. Hyeron. hom. in Math.*

O coſtume que ſe obſerva nos Sacerdotes, e Miniſtros da Igreja de trazer em a cabeça coroa, (a qual ſe naõ entende como muitos cuidaõ pela parte ſuperior rapada, mas ſim pelo circilio de cabelo que em roda fica,) he por outro principio, antiquiſſimo; entaõ ſe reputava eſta pela acçaõ de mayor deſprezo, o que ſe vio quando ElRey Hamon por oprobrio mandou rapar a cabeça a certos

certos vaſſalos d'ElRey David, do que ſe originàraõ guerras entre eſtes Principes (4) naõ menos quando Arichperto uſurpando o Reyno de Lombardia, mandou por afronta grande em odio do Principe Linthperto rapar a Rothario a cabeça.

(4) *Paralipomenon. livr. 1. cap. 19.*

Jozefo no livro quarto das antiguidades entende que eſte coſtume proveyo dos Nazareos, e o praticavaõ naõ por deſprezo proprio, mas ſim por culto de Religiaõ. (5) O V. Beda diz que foy eſta acçaõ recebida dos Santos Padres, e aprovada pelos Decretos para que os Miniſtros da Igreja a uſaſſem por dignidade, e honra, deſvanecendo a ſuperſtiçaõ de ter ſido opprobrio. (6) Jacome Boſſio eſcreve que os Sacerdotes com eſpecialidade Religioſos uſaõ, e trazem a tal coroa na cabeça, em memoria dos eſcarnios, opprobrios, e martirios que ſe fizèraõ a Chriſto, e lembrança da Coroa de eſpinhos que puzeraõ em ſua cabeça Sagrada. (7)

(5) *Joſefo l. 4. antiq.*

(6) *Beda in hiſtor. Eccleſ.*

(7) *Jacom. Boſſio ne Croci triunfante l. 1. cap. 4. f. 90.*

O certo he que Moyſés, attendido o ſupradito uſo dos Nazareos, como Origenes diz (8) foy quem determinou aos Sacerdotes da Ley eſcrita fizeſſem as barbas, e a coroa. Aos da Ley da Graça o decretou o Apoſtolo S. Paulo (9) o meſmo S. Apoſtolo o praticou em ſi, como S. Jeronimo eſcreve (10) e dos Pontifices Romanos foy Anacleto V. ſucceſſor de S. Pedro, o primeiro que como Ley o eſtabeleceo aos Miniſtros da Igreja.

(8) *Origen. in Numer.*

(9) *D. Paul. in Ep. 1. ad Corinth. c. 11.*

(10) *D. Hyeron. l. 1. contra Jovin.*

CAPITULO III.

Moſtra-ſe quem foy o primeiro Sacerdote que depois de Chriſto diſſe Miſſa; modo com que antiguamente ſe dizia; additamentos que lhe fizeraõ diverſos Pontifices Romanos; e razaõ porque no fim ſe diz Ite Miſſa eſt.

DAs ſantas ceremonias que por diſpoſiçaõ Divina inſinuou Moyſés a Araõ primeiro Sacerdote da Ley eſcrita para com a devida perfeiçaõ fazer Sacrificios a Deos, e da ſagraçaõ naõ ſó da peſſoa, mas dos Altares, e paramentos Sacerdotaes (1) ſe extrahiraõ alguns coſtumes obſervados ainda hoje, por determinaçaõ de Pedro, e ſeus Succeſſores, nos Sacerdotes da Ley da Graça, os quaes ſendo reduzidos authoritativamente a melhor forma, e acreſcentados pelos Romanos Pontifices para luſtre da Igreja, fazem que ſeja eſte Santo Sacrificio para Deos muito agradavel.

(1) *Exod.* 28. & 29.

He ſem duvida que depois de Chriſto foy o grande Apoſtolo S. Pedro o primeiro que diſſe Miſſa, ou ſó como hoje ſe pratica, ou juntamente com os mais Apoſtolos como Chriſto fez, o que no tempo preſente ſó ſe obſerva por diſpoſiçaõ da Igreja quando os Biſpos conferem as Ordens Sacras, porque neſte cazo com elle ſimultaneamente dizem Miſſa os que ſe ordenaõ Sacerdotes, pois o meſmo fez Chriſto com ſeus Diſcipulos quando Sacerdotes os inſtituhio.

Parece

Parece que mais ſummario do que hoje ſe fazia entaõ eſte Santo Sacrificio, pois ſó conſtava eſſencialmente de tres partes: Offerecer, Conſagrar, e Commungar. Santiago o Menor quando Biſpo de Jeruſalem, em atençaõ a alguns Myſterios Sacros foy o primeiro que fez algum additamento à Miſſa, do que poſteriormente S. Bazilio, outros Santos, e muitos Pontifices tomàraõ motivo para acreſcentar a Miſſa com mais ceremonias.

O Introito que o Celebrante diz antes de ſubir ao Altar, principiando do Pſalmo *Judica me Deus*, foy determinaçaõ de Celeſtino Papa.

A Confiſſaõ que faz em o meſmo lugar, querem alguns Autores, foſſe inſtituiçaõ de Ponciano Papa; e outros que do Papa Damazo.

A Antifona, ou Oraçaõ que ſe ſegue depois do Introito, foy inſtituhida por S. Gregorio Papa.

Os nove Kirios que ſe cantaõ, ou dizem na Miſſa, foraõ ordenados pelo meſmo Pontifice Gregorio.

A oraçaõ, ou huma, ou mais da Miſſa foy diſpoſiçaõ da Igreja, reſpectivamente à feſtividade de que ſe reza.

A Epiſtola ſe diz por mandato tambem do ſobredito Papa Gregorio.

A Alleluia ſe tomou dos de Jeruſalem.

O Tracto, e Hymnos foy compoſiçaõ do Papa Gelazio, para ſe dizerem conforme o tempo.

O Evangelho insinuou S. Jeronimo que se dicesse na Missa; e o Papa Anastacio I. determinou estivessem todos em pè ao tempo que se cantasse, ou lesse, mostrando Catholica promptidaõ para deffender a doutrina Evangelica.

O *Communio* foy determinado por S. Gregorio Papa.

O Offertorio, pela acçaõ de Christo.

O Prefacio que se diz antes do Canon, foy composto em diversas fórmas pelo Papa Gelazio; e o Papa Urbano compoz por devoçaõ de N. Senhora o das suas festividades.

O *Sanctus* triplicado, que se costuma dizerem todas as Missas, tomado como parece de Izaias, foy por Xisto Papa determinado.

O Canon, que principia *Te igitur*, foy composto, e mandado dizer por Gelazio Papa.

O *Communicantes*, pelo Papa Syricio.

O *Qui pridie, quam pateretur* atè chegar às palavras da Consagraçaõ, dispoz Alexandre I. Papa.

O *Hanc igitur oblationem* atè donde diz *Placatus accipias*, foy acrescentado pelo Papa Leaõ.

O que para diante se segue atè *Tua pace disponas*, foy acrescentado mais por S. Gregorio Papa; e se entende que tambem as palavras seguintes, *Jubeas grege numerari.*

O *Sanctum Sacrificium*, *immaculatam Hostiam*, foy composto, e mandado dizer por Leaõ Papa.

As

As palavras da Consagraçaõ, temos dito que por Christo.

As mais acçoens seguintes se entende serem determinadas com especialidade pelos Papas Gelazio, e Gregorio.

A paz que o Sacerdote dà na Missa, he à imitaçaõ de Christo, communicada aos Sacerdotes por mandato de Leaõ II. Papa; e participada aos leigos assistentes, pelo mesmo Pontifice; mas tenho por opiniaõ mais certa que o Papa Innocencio I. foy quem primeiro a mandou dar aos Sacerdotes.

A Communhaõ do Sacramento, tem a Christo nosso Divino Mestre por Soberano Autor.

A acçaõ de se virar o Sacerdote na Missa muitas vezes para o povo dizendo *Dominus vobiscum*, foy tomado das ceremonias dos Hebreos em os Sacrificios; ou imitada de outra semelhante palavra proferida por Booz, como consta do cap. 2. do livro de Ruth.

O *Benedicamus Domino* he do mesmo livro extrahida, formal resposta que a Booz se deu; e tambem he de varios passos da Sagrada Escritura, imitada.

Para as Missas que naõ forem Feriaes, ou de Defuntos, acrescentou o Papa Telesphoro, e mandou se dicesse o *Gloria in excelsis Deo*; e nas Missas Clasicas determinou por Decreto o Papa Martinho I. se dicesse o Credo; tambem o mandou o Papa Marcos o dizerse no fim da Missa, ou cantando, ou com voz intelligivel *Ite Missa est*, quando he festi-

festiva, tem seu principio algum tanto obscuro, pela diversidade de opinioens sofisticas; huns lhe assinalaõ a origem dos Egypcios, outros dos Sacerdotes de Izis, e outros dos Romanos. Advertindo-se primeiro que este vocabulo Missa naõ he Grego, ou Latino como muitos cuidaõ, mas sim Hebraico, como Joaõ Reuchlin affirma; e della por addiçaõ se deriva outra Missach, que quer dizer oblaçaõ, ou Sacrificio, se vem assim a comprovar, que se os Gregos no fim dos seus Sacrificios, como Apuleio escreve, diziaõ *Lanis epheſis*, isto he que se podia jà o povo hir embora; e os Latinos no fim dos seus, tambem diziaõ *Missio populis*, que quazi contem o mesmo; nòs tambem os Sacerdotes Christãos por determinaçaõ da Igreja dizemos no fim do Santo Sacrificio ao povo *Ite, Missa est*, que quer dizer idevos com Deos, que se acabou o Sacrificio da Missa; e no *Deo gratias* responde o Acolito por todos, graças ao Senhor.

Joa. Reuchlin Alem. l. 2. de prin. Hebraic.

O certo he que neste Santo Sacrificio naõ ha acçaõ alguma sem interpretaçaõ, incluindo em si grandes mysterios; para que rectamente os Ministros possaõ exercer ceremonias taõ Santas, e de taõ relevante autoridade, devem ser scientes em as Rubricas, noticiosos dos Decretos, e intelligentes dos Autores, cujos nomes no Indice geral vaõ expressados; e aqui para os menos expertos, tambem apontarey: vide Michael Baul, Bissos, Gavanto, Campello, o P. Martins

tins de Rebus Ecclesiasticis, o Ritual de Durando, o Ceremonial Romano, e o Ceremonial dos Bispos, e outros muitos.

CAPITULO IV.

Mostra-se quem determinou com formalidade as Vestes Pontificaes; o uso, e principio de se sagrarem os Vazos, e Paramentos Sacerdotaes; o modo com que antiguamente se conferiaõ os graos das Ordens com diversidade à forma que hoje na Igreja por determinaçaõ Pontificia se pratica.

SAbido jà quem foy o primeiro Sacerdote da Ley Escrita, notorio tambem fica quem foy o primeiro Pontifice na mesma Ley. Consta da Escritura Sagrada (1) que por disposiçaõ insinuada por Deos a Moysés quando elevou à dignidade Sacerdotal, e Pontificia a Aram, logo entaõ se instituiraõ com formalidade as Vestes Pontificaes que havia usar, com distinçaõ das vestiduras que os mais Sacerdotes communs haviaõ ter, das quaes a Igreja Catholica na Ley da Graça attencioſamente teve que imitar. (1) *Exod.* 28.

Vestio Moysés a Aram, depois que o lavou, e ungio, como Deos lhe dispozera; e observado o Sacro Texto (2) com as ponderaçoens de Origenes, S. Jeronimo, e outros Padres (3) ouvido tambem Jozefo (4) mandando-o por disposiçaõ do mesmo Deos compor com pannos menores da cintura atè o giolho, chamados *Fœminalia*, em ordem à honestidade, sem o que naõ poderia entrar no (2) *Exod.* 28. & 29. (3) *Origenes. D. Hyeron. &c.* (4) *Jozef. de antiquitatibus.*

Santua-

Santuario a fazer algum Sacrificio (5) na fórma seguinte o adornou.

(5) *Exod.* 28. *in fine.*

Lançoulhe huma tunica branca, ou alva de linho atè os pès com que o corpo todo se cobria, e pela cintura com hum cingidouro de quatro cores, encarnada, roxa, verde, e branca se atava. Sobre esta lhe poz logo huma tunicela preciosa, e mais curta, de cujas fimbrias pendiaõ setenta e duas campainhas de ouro interpostas com outras engraçadas pendulas, que tinhaõ feitio como de humas Romans, e o cingio.

Logo lhe poz a vistedura talar, chamada por outros estola, e immediatamente o superhumeral de ouro, Hyacinto, e purpura, veste que se diz tinha mangas, mas era nos hombros colhida, e em cada hum se via engastada huma pedra Onycha como o Texto diz, que Origines chama Esmeraldas, e Sardonias Jozefo (6) nas quaes se divisavaõ gravados os nomes dos doze Patriarcas mayores, e menores, filhos de Jacob, seis em cada huma dellas.

(6) *Origines. Josefo.*

Nos hombros deste superhumeral se viaõ dous aneis de ouro (naõ fallando em outros mais que tinha) pelos quaes se passava huma cadea, e desta pendia sobre o peito o Racional, que era huma lamina quadrada tudo de fino ouro, na qual se viaõ engastadas doze pedras preciosas em quatro ordens dispostas: na primeira, Sardio, Topazio, Smaragdo: na segunda, Carbunculo, Sapphiro, e Jaspe: na terceira, Ligurio Achates, e

Ame-

Amethysto: na quarta, Chrysolito, Onychino, e Berylo, em as quaes tambem se divisavaõ gravados os nomes dos doze filhos de Israel.

Ultimamente sobre a cabeça do Pontifice Aaram pôs Moysés o Cidari q̃ era hum como barrete pequeno com que lhe cobrio a coroa, como v. g. os Bispos hoje usaõ a que vulgarmente chamamos *Soli Deo*, com distinçaõ na côr, forma, e grandeza do que usa o Summo Pontifice, denominado Camauro. Logo em sima lhe pôs a Mitra de candido, e fino lenço em figura de hum globo aberto em duas partes, nas quaes se figurava hum, e outro Testamento, a cuja imitaçaõ usaõ os Bispos de Mitra com diversa fórma, no que para distinçaõ a estes, o Pontifice supremo usa de Tiara diversificada na figura; e finalmente cingio Moysés a cabeça de Aaram com huma fita, daqual pendia sobre a testa huma abreviada lamina de fino ouro em que estava esculpido o Santo nome de Deos, do que tudo se extrahiraõ as vestiduras que hoje os Principes da Igreja usaõ nos seus Pontificaes.

Com parte destas vestes, mas naõ todas mandou Deos a Moysés vestisse aos Sacerdotes menores, quaes foraõ os filhos de Aaram, permitindo que usassem de pannos menores jà ditos, tunica branca de linho (isto he Alva) cingida como dissemos, e tendo o cinto as quatro cores, e barrete em a cabeça; os mais Paramentos Sacerdotaes

de que uſaõ, deſtinàraõ para ſi, e para os mais Miniſtros da Igreja os Romanos Pontifices na Ley da Graça.

Santificados eraõ certamente todos eſtes Sacerdotaes Paramentos jà no tempo da Ley Eſcrita (7) e muito mais o foraõ na Ley da Graça, pois paſſou a ſer figurado a figura. Os Vazos Sagrados ſó neſta Santa Ley por Chriſto inſtituhida ſe praticàraõ, para o que a naõ haver determinaçoens da Igreja, para ſerem Sagrados, lhe baſtaria o fiſico contacto do Corpo, e Sangue de JESU Chriſto em o Santo Sacrificio, e entre os Hebreos na Ley Eſcrita ſó victimas ſe ſacrificavaõ.

(7) *Exod.* 28.

O uſo de Calices que na Primitiva Igreja ſe obſervava, he declarado pelos Eſcritores antigos; eſtes aſſeveraõ que foraõ de madeira os primeiros que ſe uſáraõ no tempo dos Apoſtolos; mas porque eſta naõ era materia apta, pois, ou com facilidade embebia aquelle Sacro Licor, ou abrindo ſcizuras o podia conſumir, determinou o Papa Zeferino que ſó em vazos de vidro ſe conſagraſſe; mas como neſtes ſe experimentava facil a confracçaõ, entràraõ a uſar de Calices de metal, dos quaes ſe diz que obſervando o Papa Urbano I. a aſpereza do ſabor, eſtabeleceo que ſó em vazos de ouro, prata, ou ao menos de eſtanho, ſe conſagraſſe. (8)

(8) *Gratianus. Origenes.*

O Papa Sixto I. mandou que os Corporaes foſſem de pano finiſſimo, e naõ de outra

mate-

materia, prohibindo aos seculares, e muito mais a mulheres que nem Corporaes, nem Calices, nem cousa sagrada tocassem. (9) (9) *Origenes.*

Logo depois do Sacerdocio de Aaram foraõ instituhidos por Moysés como em graos de menor Ordem os Levitas filhos de Jacob; estes em Lingua Grega se chamavaõ Diaconos, e correspondiaõ aos Nathinneos em a Hebrèa; depois de ter a idade de vinte e cinco annos eraõ elegidos, sendo seu ministerio servir aos Sacerdotes nos Sacrificios, como tambem os Subdiaconos para que aos Diaconos ajudassem, e todos em tendo sincoenta annos de idade, logo desistissem, dandoselhe entaõ outra occupaçaõ. (10) (10) *Numer. 8.*

Foraõ depois instituhidos os Acolytos, ou Acolutos para o serviço da Igreja; os Hostiarios, que por disposiçaõ da Ley haviaõ assistir no Templo para o guardar; os Leitores para ler, e explicar os livros dos Profetas (pois ainda naõ havia Evangelhos;) e tudo isto hia por succeçaõ de linhage como o Sacerdocio. Ultimamente se diz que no mesmo tempo, e Templo instituhio Salamaõ os Exorcistas para que invocassem o nome de Deos sobre os Cathecumenos, e expelissem os Demonios, cuja fórma diz Jozefo, que o mesmo Salamaõ lhe insinuou. (11) (11) *Joseso.*

Diversa desta fórma que entre os Hebreos se usava, he a que hoje na Igreja Catholica por determinaçaõ dos Romanos

Pontifices ſe pratica, recebendo primeiro os graos de Hoſtiario, Leitor, Exorciſta, Acolyto, Subdiacono, e Diacono, o que ha-de ſer elevado à dignidade de Sacerdote, ou Presbytero: he ſabido, e naõ pertendo ſer extenſo. Vide (12)

(12) *Luc. in Act. Apoſt. D. Paul. D. Cyprian. D. Hyeron. D. Joan. Chriſoſt. Origines Enzeb.*

CAPITULO V.

Das Eleiçoens dos Pontifices Romanos, ſeu poder, e authoridade em todo o Mundo. Trata-ſe da erecçaõ da dignidade Cardinalicia, e Epiſcopal.

HE bem ſabido de todos os Catholicos que foy JESU Chriſto o primeiro, e ſupremo Pontifice na Ley da Graça, deixando a Pedro por ſeu ſubſtituto, e Vigario em a terra, ao qual, e em ſua figura a todos os ſeus legitimos ſucceçores entregou as miſterioſas chaves, dandolhe ampliſſimo poder em todo o Ceo, e terra toda.

Tomou a intendencia da eleiçaõ Pontifical o Collegio dos Sacerdotes Romanos; e com o decurſo do tempo, por obviar queixas diſſonantes, e diſturbios do povo, entrou eſte ſimultaneamente com ſeus votos, ſem os quaes ſe naõ reconhecia verdadeiro o Pontifice, ſendo approvada ſua eleiçaõ pelo Emperador de Conſtantinopla, o que ſe obſervou atè o anno de 685. do Naſcimento de Chriſto.

Neſte tempo o ſer Pontifice era mais tormento que dignidade, pois experimentando de tiranos Emperadores, e ainda dos

Lom-

Lombardos inauditas insolencias, se acolhèraõ aquelles Santos Prelados ao azilo de Carlos Martelo, Pipino, e Carlos Magno Reys de França; a este nomeou Leaõ III. para confirmar dahi adiante a eleiçaõ dos mais Papas, passando esta acçaõ extrahida dos Emperadores de Constantinopla aos Emperadores, e Reys Occidentaes.

Pelos annos de 1059. o Papa Niculao II. como consta dos Decretos Cannonicos (1) commeteo, e estabeleceo a eleiçaõ dos Pontifices só aos Cardeaes que fossem curas de Almas, concorrendo com approvaçaõ os mais Sacerdotes, e povo Romano, podendo ser assumpto ao Trono Pontifical qualquer Sacerdote benemerito.

(1) *Decret. Can. dest.* 23.

Alterouse, porque se adulterou por alguns Schismaticos este costume, o que se experimentou sensivel pelos annos de 473. (entendo que acrescentados na era, ou numero assima dito) em que com seu poder se quizeraõ outravez os Emperadores introduzir, atè que finalmente se estabeleceo a acçaõ de eleger Pontifices só em os Eminentissimos Cardeaes, observando-se o costume de ser eleito Papa (que he o mesmo que *Pater Patrum*) a hum daquelle Collegio Sacro.

Este assim Cannonicamente eleito teve poder, e authoridade antiguamente de eleger os Emperadores Occidentaes: Leaõ III. assima expressado elegeo a Carlos Magno, e lhe deo a Coroa chamada Platina Diadema.

Joaõ

Joaõ XII. elegeo Emperador a Othon Rey de Alemanha, e Gregorio V. de autoridade propria querendo honrar ſua Naçaõ (como ſe eſcreve) commeteu eſta excelſa regalia aos Arcebiſpos de Moguncia, Treveris, e Colonia, ao Marquez de Brandemburg, Conde Palatino, e Duque de Saxonia, e ao Rey de Bohemia * conſervando em ſuas peſſoas outras bem ſabidas, e notorias regalias taõ exelças, e eminentes, que de juro, como Cabeça da Igreja, e Vice-Deos em a terra, ſe lhe deve a mayor veneraçaõ, e reſpeito. No Catalogo dos Monarcas Soberanos expuz aſſima o dos Romanos Pontifices como Principes ſupremos triplicadamente laureados.

* *Hoje ſaõ mais os Electores.*

A eminente dignidade Cardinalicia ſe acha na variedade dos Doutores em ſeu principio equivocada com a Epiſcopal, tendo eſta precedencia àquella na antiguidade, pois na Sede Romana teve a origem, e os Pontifices deſte titulo ſe prezàraõ. Foy o Papa Evariſto quem primeiro depois dos Apoſtolos, e Diſcipulos de Chriſto deu titulos aos Presbyteros; e depois pelos annos de 267. o Papa Dionizio poz em direcçaõ os Biſpados com aſſinalado termo, e juriſdiçaõ, e inſtituhio com formalidade Parrocos aſſim chamados, aludindo talvez a certo officio que havia entre os Romanos da meſma ſorte dito, ſendo deſtes o exercicio hoſpedar os Embaixadores, e daquelles o miniſterio enſinar, e reger aos fieis.

Do

Do titulo de Cardeal, assim chamados *Quasi Cardines Ecclesiæ*, acho ser Andrè Siculo Barbacio o primeiro que escreveo (2) foraõ deputados para Conselheiros, e assim se chamavaõ antiguamente os Bispos. Pelos annos de 236. se vio a Igreja com este titulo em formalidade, concluindo Marcelo o que fizera Ponciano; e pelos annos de 244. Innocencio IV. lhe deu sublimadas honras, e purpuradas vestes. (3)

(2) *Andr. Sicul. Barbac.*

(3) *Guid. Arced. Franc. Zabarel. Martin. Cisterc. Origenes. D. Hieron. Damaz. Platina.*

CAPITULO VI.

Da Relevante Dignidade Patriarcal. Mostra ser Constantinopla quem na elevaçaõ deste titulo em seus Prelados logrou a primazia. Aponta se quem foraõ os que teve, e termos a que sua authoritativa jurisdiçaõ se extendia.

COnstantinopla, de quem se diz ser a mayor Cidade do Mundo todo, e por avizo do Ceo como escreve Sozomeno, foy edificada (1) chamada antiguamente Bizancio pelo seu fundador Brizes em o anno 3395. da creaçaõ do Mundo, foy ao povo Romano fidelissima, em quanto Vespaziano, Nigro, e Severo a naõ privàraõ da liberdade; no que tambem os quiz imitar o Emperador Galieno, e tendo-a quasi destruida lhe concedeo se restauresse; e Constantino pelos annos de 324. a escolheo para Corte de seu Imperio augmentando-a, e lhe chamava Constantinopla, e nova Roma, adonde os Pontifices Romanos celebràraõ muitos Conci-

(1) *Sozomen.*

Concilios, e nas Igrejas do Oriente (com ſubordinaçaõ à Romana) mereceo entaõ lograr o Principado.

Foy ſeu Prelado o primeiro que na Igreja logrou no titulo de Patriarca a primazia, ſendo de antes Biſpo ſuffraganeo ao Primàz de Heraclea; aquelle titulo lhe foy dado em hum Cannon do ſegundo Concilio celebrado em a meſma Cidade, anno de 553. ſupoſto houve debates grandes entre o Emperador, e Padres do Concilio reſpectivamente aos poderes, e terras da juriſdiçaõ.

Teve eſta Sé Patriarcal de Conſtantinopla trinta e nove Arcebiſpados ſogeitos, quaes eraõ Quion, Lemno, Mileto, Moronea, Leontopolis, Bizia, Carabizia, Dercos, Selybria, Germia, Pario, Arcadiopolis, Selga, Neapolis, Nice, Clipſella, o Apros, Meſſina, Cherſaõ, Sugdaya; Cotthia, Garella, Briſſis, Lencas, Phulas, Soteropolis, Cudras, Miſthea, Pedachtoa, Pharſala, Matrache, Egina, Carpatho, Mezembria, Eroina, Contradic, Jonia, Germa, e Boſporo.

Teve tambem eſta famoſa Patriarcal Primàz oitenta Igrejas Metropolitanas ſuas ſuffraganeas, que naõ exponho por fugir à extençaõ, e com ellas entre mais Provincias que naõ refiro, occupava parte de Azia, Armenia, Cappadocia, Galacia, Bythinia, Ancyra, Thrazia, Macedonia, Lydia, Pamphilia, Paphlagonia, Theſalia, Lycaonia, Ponto, Pizidia, Calabria, Caria, Corſica,

Etholica,

Etholia, Lesbo, Acaya, Germania, e Lacedemonia.

1 Foy Patriarca primeiro de Constantinopla no sentir dos Escritores Metrophanes, Catholico, o qual tinha sido creado Bispo Bizantino em o anno de 314.

2 S. Alexandre eleito Patriarca no anno de 317.

3 S. Paulo Patriarca creado no anno de 340. e desterrado tres vezes pelo Emperador Constancio, morreo no de 351.

4 Macedonio Patriarca feito pelos Arrianos, intruso pelo impio Emperador Constancio no anno de 351. expulso do Patriarcado por Acacio no Concilio Constantinopolitano.

5 Eudoxio creado no anno de 360. tendo já sido Bispo de Germanica na Syria, e depois, de Antioquia. Foy fautor dos Arrianos.

6 Evagrio (Catholico) creado no anno de 370. expulso da sua Cadeira pelo Emperador Valente, que introdusio Demophilo.

Patr. 7 Semi Arriano.

8 S. Gregorio Nazianzeno creado em o anno de 378. foy expulso por odio dos Arrianos, mas confirmado novamente em o Concilio Universal que a hi se celebrou no anno 381.

9 Nectario (ainda Cathecumeno) foy eleito Bispo, e Patriarca de Constantino-

pla no anno de 382. e morreo no de 397.

10 S. Joaõ Chriſoſtomo creado no anno de 397. depoſto, e degradado por juſtamente arguir a Imperatrix Euxodia anno de 403. chamado brevemente, mas outravez deſterrado no de 404. morreo no de 407.

11 Arſacio, creado no anno de 404. naõ foy aprovado, nem aceito pelo Papa Innocencio por ſe conhecer herege, morreo no de 405.

12 Attico, creado no meſmo anno de 405. morreo no de 425.

13 Siſinio foy logo creado Patriarca, e morreo anno de 427.

14 Neſtorio foy eleito no anno de 428. declarou-ſe herege, e morreo infeliz no anno de 431.

15 Maximiano Varaõ inſigne foy creado vivo ainda ſeu anteceſſor, e morreo no anno de 434.

16 S. Proclo foy creado Patriarca, e morreo no anno de 446.

17 S. Flaviano, creado no de 446. foy deſterrado por calumnias de Euthyques a quem como hereg e condennàra, morreo Martyr em o deſterro no an. de 449.

18 Anatolio intruzo Patriarca, expulſo no anno de 449. declarou-ſe herege no de 453. morreo em ſeus erros no de 458.

19 Gennadio Varaõ Santo, e literatiſſimo foy creado Patriarca no anno de 458.

morreo

morreo com raros ſinais no de 471.

20 Acacio, creado no meſmo anno, fez illuſtres acçoens pela Igreja, mas em fim communicando com os hereges, morreo no de 488.

21 Phranitas no meſmo anno foy eleito, e tambem morreo herege.

22 Euphemio ſendo Catholico foy creado no anno de 489. e ſe fez herege no de 492. foy juſtamente por hum injuſto Emperador depoſto, e deſterrado no de 515.

23 Macedonio Catholico, creado no anno de 495. morreo em hum deſterro no anno de 515.

24 Thimotheo intruſo no de 511. morreo no de 517.

25 Joaõ Catholico, de Capadocia morreo no anno de 520.

26 Epiphanio Catholico creado no anno de 520. morreo no de 535.

27 Anthimo creado no dito anno, morreo hereje no de 536.

28 Menas, creado por Pelagio Papa, anno de 536. morreo no de 532.

29 S. Eutichio creado no anno de 553. morreo no de 583.

30 Joaõ III. intruſo no anno de 564. morreo no de 578.

31 S. Eutichio aſſima dito, repoſto de hum deſterro ſendo vivo.

32 Joaõ IV. creado no anno de 583. morreo no de 596.

33 Ciriaco, creado no anno de 596. morreo no de 606.

34 Thomàs, creado no anno de 606. morreo no de 608.

35 Sergio creado no de 608. morreo herege no de 639.

36 Pyrrho, creado no anno de 639. morreo no de 642.

37 Paulo II. creado no anno de 642. morreo herege no de 651.

38 Pyrrho assima dito, restituhido antes de morto, anno de 652.

39 Pedro, creado no anno de 653. morreo herege no de 656.

40 Thomàs II. creado no anno de 656. morreo herege no de 658.

41 Joaõ V. creado no dito anno, morreo herege no de 664.

42 Constantino I. creado no anno de 664. morreo no de 666.

43 Theodoro, creado no de 666. morreo herege no de 674.

44 Jorge Catholico, creado no anno de 678. morreo no de 682.

45 Theodoro neste anno foy reposto por seus Sectarios.

46 Paulo III. creado no anno de 684. morreo no de 691.

47 Calinico, creado no anno de 691. deposto no de 703.

48 Cyro Catholico, creado no de 703. desterrado no de 712.

49 Joaõ VI. creado no de 712. descuber-

to herege, governou dous annos.

50 S. Germano creado no de 714. morreo no de 726.

51 Anaſtacio intruſo no anno de 730. morreo herege no de 753.

52 Conſtantino II. intruſo no de 754. degolado no de 767.

53 Nicetas, creado no anno de 766. morreo herege no de 780.

54 Paulo IV. creado no de 780. retirouſe para o Moſteiro, e morreo ſantamente no anno de 784.

55 S. Tarazio foy compelido a deixarſe ordenar Summo Sacerdote deſta Igreja no anno de 784. morreo milagroſo no de 806

56 S. Nicephoro creado no de 806. morreo no deſterro, anno de 828.

57 Theodoro intruſo no anno de 814. herege, morreo no de 835.

58 Joaõ eleito no anno de 835. herege, expulſo no de 843.

59 S. Methodio creado no anno de 842. morreo no de 847.

60 S. Ignacio creado no anno de 847. morreo ſantamente no de 878.

61 Phocio intruſo no Patriarcado, e expulſo no anno de 858.

62 S. Ignacio, dito, reſtituhido à ſua Igreja anno de 867.

63 Phocio, dito, reſtituhido do degredo, anno de 878. depoſto no de 886.

64 Eſtevaõ, creado no an. de 886. morreo ſantamente no de 888.

65

65 Antonio, creado no anno de 888. morreo como Santo no de 890.

66 Niculao, creado no anno de 890. morreo no de 930.

67 Euthymio, creado no anno de 901. morreo ſantamente no de 920.

68 Niculao, dito, eſtabelecido no Trono, de que fora expulſo.

69 Eſtevaõ, creado no anno de 930. morreo no de 933.

70 Theofilato creado no anno de ſua idade 16. por ſer filho do Emperador Romano, foy conſagrado no de 944. morreo no de 956.

71 Polyeucto, creado no anno de 956. morreo no de 970.

72 Bazilio, creado no anno de 970. depoſto no de 975.

73 Antonio, creado no anno de 975. morreo no de 981.

74 Niculao, creado no anno de 981. morreo no de 995.

75 Sizinio, creado no anno de 995. morreo no de 998.

76 Sergio Sciſmatico, ſubrogado no anno de 998. morreo no de 1019.

77 Euſtachio eleito no dito anno, morreo no de 1025.

78 Aleixo creado no anno de 1025. morreo no de 1043.

79 Miguel creado no anno de 1043. morreo no degredo, anno de 1058.

80 Conſtantino creado no dito anno, morreo no de 1066. 81

81 Joaõ Xiphilino ſubſtituhido no anno de 1066. morreo no de 1078.

82 Coſmas, creado no anno dito, morreo no de 1086.

83 Euſtachio, creado no meſmo anno, morreo no de 1089.

84 Niculao, creado no anno de 1089. morreo no de 1117.

85 Arſenio, creado no de 1143. antes, e depois dizem haver outros.

86 Coſmas II. creado no anno de 1146. morreo no ſeguinte.

87 Caritas ſocedeo no Trono, e viveo hum anno.

88 Lucas II. creado no de 1148. morreo no de 1166.

89 Miguel Anchialo creado no de 1166. morreo no de 1175.

90 Theodoro creado no dito anno, morreo no de 1183.

91 Bazilio, creado no dito anno, morreo no de 1193.

92 Nicetas foy creado, e morreo no dito anno.

93 Adoſitheo no meſmo anno aconteceo o meſmo.

94 Jorge foy eleito no meſmo anno, e lhe ſocedeo Joaõ Camarreo.

95 Miguel IV. entrou no anno de 1206. e governou ſete annos.

96 Theodoro III. entrou no de 1213. governou hum anno.

97 Maximo, no de 1214. governou dous annos.

98 Manoel entrou no anno de 1216. governou 6. logo Germano, outra vez Manoel, e Arſenio occupàraõ o Trono.

99 Methodio principiou a governar no anno de 1240.

100 Germano III. governou no anno de 1254.

101 Nicephoro IV. entrou no de 1261.

102 Joſeph, no ſeguinte anno, e governou 13.

103 Joaõ, no de 1275. e governou 9. annos.

104 Gregorio creado no de 1284. governou 6.

105 Athanazio, no de 1290. governou 4.

106 Joaõ XI. foy creado no anno de 1294.

107 Athanazio entrou ſegunda vez no anno de 1302. governou 7.

108 Niphon governou 4. annos; e Joaõ XII. 7.

109 Geraſimo entrou a governar do anno 1320.

110 Iſaias Monge entrou no de 1322. e governou 9.

111 Joaõ XIII. Catholico, governou 15. annos.

112 Izidoro entrou no de 1346. e governou 4.

113 Calixto principiou no anno de 1350.

114 Philoteo entrou no de 1363. governou 12. annos.

115 Macario no de 1375. governou 3. annos.

116 Nilo entrou no de 1378. governou 3. annos; outros, que mais.

117 Antonio IV. entrou no de 1398. governou 5.

118 Calixto II. entrou no anno de 1403. governou 16.

119 Euthymio II. governou do anno 1419. atè 1424.

120 Jozeph II. no anno de 1439. governou mais de 15. annos.

121 Gregorio III. governou atè o anno de 1453.

122 Gennadio entrou no de 1453. e atè o de 1570. governàraõ 10.

123 Jeremias II. entrou neſte dito anno; e atè o de 1612. governàraõ 10.

124 Neophito entrou no de 1612. e governou atè o de 1618.

125 Timotheo entrou no anno de 1618.

Nota Eſtes Patriarcas foraõ Gregos; e alguns mais que ſe ſeguiraõ, depois que os Francezes tomàraõ Conſtantinopla, vide nos Annaes de Baronio.

Patriarcas Latinos ſe eſcreve foraõ.

Thomas I. anno. de 1204.	Henrique anno de 1243.
Matheus an. de 1211.	Guilhelme anno de 1345.
Niculao an. de 1230.	Paulo an. de 1364.
Pãtaleaõ an. de 1251.	Jaques an. de 1375.
Hugo an. de 1306.	Guilhelme II. an. de 1378.
Pedro, e Geſtio de Arimino.	

Angelo (foy Papa) an. de 1398. | Joaõ de la Rocha an. de 1423.

* Neſte tempo aos 21. de Mayo de 1453. foy tomada Conſtantinopla por Mafamede II. Emperador dos Turcos,

* *Ad totum hoc caput. vide. Decret. & acta Innoc. Felicis Gelaſ. Hormis, dæ Vigilii. Gregorii, Adriani, Leonis IX. Roman. Pontif.*
Concil. gener. 8. Conſt. an. 896.
Card. Baronium.
Nycephor. Theodor.
Menolog. Græcum.
Curopalates in Catalogo.
Petr. Antioquen.
Zonaras.
Michael Cærular.
Concil. Conſtantin. can. 5. vel ut alii canone 3.
Etiam cap. 22. diſt. cap fin. §. Idem Romanor. cum gloſ. 74. quæſt. 2.
Cap. Renovantes 22. deſt.
Lex Imp. Juſtin. in l. Non plures Cod. de Sacroſanta Eccleſiæ.
Lex Imp. in autent. Colat. 1.
Concil. 2. Conſtantinopol. an. 553.
Concil. gen. 8. Conſtantinopol. a. 896. ultra alegationem ſupra, declaratum Ilheſcas Hiſtoria Pontifical.
6. Synod. Conſtantinopol. a. 692.
Catalog. Græcum & Latin. Patriarc. hnjus Eccleſiæ.

CAPITULO VII.

Da ſegunda Igreja Patriarcal de Alexandria, deſtrictos a que ſe extendia ſua juriſdiçaõ, e Patriarcas Gregos, e Latinos que occupàraõ aquelle Trono.

ALexandria, famoſa Cidade do Mundo, fundada por Alexandre Magno, em o anno quinto do ſeu reinado, e 3722. da creaçaõ do Mundo, ſervio de luſtroſa Corte aos Reys do Egypto, atè que Auguſto a ſubordinou, e reduzio ao ſer de Provincia Romana.

Sua Patriarcal Igreja Primàs de todo o Egypto foy fundada por Saõ Marcos em o anno 46. do Naſcimento de Chriſto, ſendo mandado àquella Cidade por Saõ Pedro; e eſta Primazia reſpectivamente às Igrejas do Egypto foy approvada pelo Concilio Niceno, celebrado no anno de 553.

Sua juriſdiçaõ comprehendia as duas Provincias do Egyto, e duas Metropolis, ſendo eſtas nove por todas as que governa no dito Egypto, Thebaidas, Arcadia, Auguſta, Tolometta, ambas as Lybias, Alexandria, com ſeus deſtrictos; e nos primeiros ſeculos floreceo, dando ao Ceo muitas mil Almas.

1 Saõ Marcos interprete de Saõ Pedro, em cujo nome fundou esta Igreja, foy seu primeiro Prelado, anno 46. de Christo, morreo no anno 64. do mesmo Senhor, ou de seu glorioso Nascimento.

2 S. Aniano, creado Patriarca no anno de 64. morreo no de 87.

3 S. Abilio, creado no anno de 87. morreo no de 100.

4 Cerdo governou dez annos, e morreo no de 110.

5 Primo neste anno foy creado, e morreo no de 122.

6 Justo, creado no anno de 122. morreo no de 133.

7 Humenes, creado no dito anno de 133. morreo no de 144.

8 Marcos II. creado no anno de 144. morreo no de 151.

9 Celadion, creado no anno de 151. morreo no de 165.

10 Agripino, creado no anno de 165. morreo no de 182.

11 Juliano, no de 182. morreo no de 190.

12 Demetrio, creado no anno de 190. morreo no de 234.

13 Heraeleas, creado no de 234. morreo no de 248.

14 Dionizio, creado no anno de 248. morreo no de 266.

15 Maximo, creado no anno de 266. morreo no de 285.

16 Santo Thomàs, creado no an. de 285. morreo no de 300.

17 Saõ Pedro, creado no anno de 300. morreo Martyr no de 310.

18 Aquillas, creado no anno 310. morreo no de 311.

19 Alexandre, creado no anno 311. morreo no de 326.

20 Santo Athanazio, creado no anno de 326. morreo no de 372.

21 Pedro, creado Patriarca no an. de 372. morreo no de 380.

22 Thimoteo, creado no anno de 380. morreo no de 385.

23 Theophilo, creado no anno de 385. morreo no de 412.

24 S. Cirilo lhe ſuccedeo no anno de 412. e morreo no de 444.

25 Dioſcoro neſte anno foy creado, e morreo infeliz no de 451.

26 S. Proterio, creado no anno de 452. morreo no de 457.

27 Thimoteo (outro) intruzo no anno de 457. matou-ſe no de 477.

28 Thimoteo (outro) confirmado pelo Papa no anno 460. morreo no de 482.

29 Pedro, creado, e intruzo no de 482. morreo herege no de 490.

30 Joaõ, creado no anno de 482. morreo no de 484.

31 Athanaſio II. foy eleyto no anno de 490. herege, morreo no de 497.

32 Joaõ II. creado no anno de 498. herege, morreo no de 506.

33 Joaõ III. eleito no anno de 506. herege, morreo no de 516.

34 Dioſcoro à forſa intruzo no anno de 516. ſendo herege.

35 Thimoteo (outro herege) lhe ſuccedeo intruzo, e governou dous annos.

36 Aſterio, creado no anno 521. governou 14. annos.

37 Theodozio, creado no anno de 535. herege no de 536. deſterrado.

38 Paulo Catholico, creado no anno de 536. governou hum anno.

39 Zoilo, creado no anno de 537. morreo no de 553.

40 Appolinar, creado no anno de 551. Varaõ notavel, morreo no de 570.

41 Joaõ IV. creado no anno de 570. morreo no de 581.

42 Eulogio, creado no anno de 581. morreo no de 608.

43 Theodoro, creado no anno de 608. morreo no de 610.

44 S. Joaõ Elemoſinario, creado no anno de 610. morreo no de 620.

45 Jorge, creado no anno de 620. morreo no de 630.

46 Cero, eleito no anno de 630. herege, morreo no de 640.

47 Pedro, herege intruzo, governou dez annos; e entrou outro Catholico.

48 Coſmas, mais depois eleito, abjurou a herezia no anno de 742.

49 Miguel, Catholico, creado no anno de 780. como alguns dizem, ao qual ſe ſeguiraõ Alexandre, e Marcos, Patriarcas Gregos.

50

50 Santo Athanazio, creado Patriarca pelos Latinos no anno de 1219. a quem se seguiraõ Joaõ Niphon, Silvestre Melecio, Cirilo, e Gabriel; ha opinioens se a este se seguio outro Cirilo.

* *Ad totum hoc caput vide. Cannones Apostolic. 21. & 22. Concil. gener. Ephesin. Concil. Calcedon. Eucumen. Decreta Damasi, Leon. X. Felic Clement. VIII. & aliorum. Pontif. Romanor. S. Gregor. l. 6. Epist. 37. ad Eulog. Eustachium. D. Gregor. Nazianz. D. Joan. Damascen. Cosmam Ab. cap. 40. Card. Baronium. Catalog. Patriarch. hujus Eccles. Grac. & Latin.*

Dos Patriarcas Latinos acho.

Joaõ de Aragon, creado no anno de 1330. a quem dizem precedeo outro, que assistio no Concilio de Vienna, anno de 1311. Guilhelmo Bispo de Pariz, Umberto Bispo de Vienna, Arnaudo, Seguino, outro Seguino, Pedro, Simaõ, e Caetano atè o anno de 1647. *

CAPITULO VIII.

Da Santa, e famosa Patriarcal de Antioquia, sua ampla jurisdiçaõ, termos a que se estendia, e Prelados que governàraõ.

ANtioquia famosa Cidade, principal de todo o Oriente, e Metropoli de Syria, dizem os historiadores, que fora fundaçaõ de Seleuco Rey primeiro da mesma Syria no anno 12. de seu reinado aos 3754. annos da creaçaõ do Mundo; foy antiguamente chamada Quersoneso, talves, que pela vizinhança das agoas do rio Oronte, e foy Corte de muitos Emperadores gentios, logrando depois a honra de ser venturoso solio de toda a Igreja Catholica.

Nesta fatal, e celebre Cidade poz o grande Principe dos Apostolos Saõ Pedro, primeira

meira vez ſua Pontifical Cadeira em o anno 39. do Naſcimento de Chriſto, como os Eſcritores dizem, e della reza a Igreja Catholica determinadamente, tendo eſta Patriarcal Igreja a gloria de ſer primeiro berço do Chriſtianiſmo fundamental, merecendo tambem ſer chamada depois pelo Papa Innocencio, Irmãa da Igreja Romana, ſupoſto foſſe a 3. na ordem das Igrejas Patriarcaes entaõ eſtabelecidas.

Comprehendia entaõ a juriſdiçaõ deſta famoza Igreja parte de Azia, Carmania, e ambas as Armenias, Lycia, e Cilicia; como tambem as Provincias da Syria, Aſſyria, Mezapotamia, Media, Parthia, e Perſia, tendo a ſi ſogeitas 13. Sés, quaes eraõ 1. a de Tyro hoje chamada Sor, 2. Tarſo, em Cecilia, 3. Edeſſa hoje Rhaſiem Mezapotamia, 4. Apamia em Phrygia, 5. Hierapolis, 6. Boſtra, 7. Anararra, 8. Celeucia, 9. Damaſco, 10. Ameda, 11. Sergiopolis, 12. Theodoſiopolis, 13. Eveſa chamada Ems; e em todo o deſtricto da ſua juriſdiçaõ tinha 24. Biſpados, e 10. Arcebiſpados ſogeitos, e 8. Metropolis que ſubſiſtiaõ por ſi meſmas.

1 Prelado primeiro, e fundador deſta Igreja diſſemos jà que foy o grande Apoſtolo S. Pedro no anno 39. do Naſcimento de Chriſto, e ſete annos Santamente governou.

2 S. Evodio ſubrogado por S. Pedro neſte Patriarcado (e naõ S. Ignacio como querem

querem outros) morreo no anno de 71.

3 S. Ignacio, creado no anno de 71. Martyr morreo no de 109.

4 S. Heron I. creado no anno de 71. Martyr morreo no de 131.

5 Cornelio, creado no anno de 131. morreo notavel no de 143.

6 Heron II. Catholico, creado no anno de 143. morreo no de 170.

7 Thophilo Catholico, creado no anno de 170. morreo no de 182.

8 Maximo chamado por outros Maximino, creado no de 182. morreo no de 191

9 S. Serapião (celebre) creado no anno de 192. morreo no de 213.

10 S. Aſclepiades, creado no annode 213. morreo no de 229.

11 Phileto, creado no anno de 220. morreo no de 230.

12 Zebenno, creado no anno de 230. morreo no de 241.

13 S. Babilas, creado no anno de 241. morreoMartyr no de 253.

14 Fabio, creado no anno de 254. morreo no de 255.

15 Demoriano, creado no anno de 255. morreo no de 262.

16 Paulo, creado no de 262. herege expulſo do Trono no de 272.

17 Domno, creado no anno de 272. morreo no de 277.

18 Timeo, creado no an. de 277. morreo no de 283.

19

19 S. Cyrilo, creado no anno de 283. morreo no de 299.

20 Tyranno (Catholico) creado no anno de 299. morreo no de 312.

21 Vital, creado no anno de 312. morreo no de 314.

22 S. Philogonio, creado no anno de 314. morreo no de 319.

23 Paulino I. (Catholico) creado no an. de 319. morreo no de 324.

24 S. Euſtatio, creado no anno de 324. deſterrado pelo Emperador Conſtancio, e morrendo foraõ eleitos varios Patriarcas hereges, Eulalio, Euzebio, Euphronio, Placencio, Eſtevaõ, Leoncio, Eudoxio, e Aniano; logo depois Melacio no anno de 36. deſterrado tambem logo por Catholico, e ſendo intruzo pelos Arrianos Exzóio, foy expulſo, e poſto Paulino Catholico em o trono, anno de 362. o qual morreo no de 389. ſubſtituindo-o Evagrio que no meſmo anno morreo.

25 Flaviano, creado no anno de 378. morreo no de 404.

26 Prophirio intruzo no anno de 404. morreo no de 408.

27 Alexandre (bom Catholico) creado no anno de 408. morreo no de 411.

28 Theodoto (Catholico) creado no anno de 411. morreo no de 427.

29 Joaõ creado no anno de 427. morreo no de 440.

30 Domno II. (Apoſtata) eleito no anno de 440. depoſto no de 449.

31 Maximo, creado no de 499. confirmado por Leaõ Papa, morreo no de 456.

32 Bazilio (Catholico) creado no anno de 456. morreo no de 458

33 Acacio (Catholico) creado no anno de 458. morreo no de 459.

34 Martirio (Catholico) creado no anno de 459. morreo no de 476.

35 S. Eſtevaõ, creado no de 477. celebrando o matáraõ hereges no de 479.

36 Eſtevaõ ſegundo (Catholico) creado no anno de 479. morreo no de 482.

37 Calendion, creado no anno de 482. deſterrado no meſmo an. pelos hereges.

38 Paladio, herege intruzo no an. de 486. morreo no de 496

39 Flaviano (Catholico) creado no de 496. degradado pelos hereges no de 512.

40 Severo impio herege, intruzo no anno de 513. morreo no de 518.

41 Paulo, creado no anno 519. morreo no de 521.

42 Eufrazio, creado no anno de 521. morto no de 525.

43 Efrem, creado no de 526. morreo no de 546.

44 Domno III. creado no de 546. morreo no de 561.

45 S. Anaſtacio Synaita, creado no anno de 561. morreo no de 599.

46 Gregorio, creado no anno de 572. morreo no de 594

47 S. Anaſtacio Junior, creado no anno de 599. morreo no de 609. Martyr.

48 Gregorio II. creado no anno de 609. morreo no de 629.

49 Anaſtacio III. creado no anno de 629. morreo no de 640.

50 Macedonio, creado no anno de 640. morreo no de 649.

51 Macacio (pois dos que houve atè o anno de 680. ſe naõ acha noticia) foy depoſto do Trono por herege no anno de 681.

52 Theofanes Catholico lhe ſuccedeo, e morreo no anno de 685.

53 Conſtantino, creado no anno de 686. deixou eſta Igreja ſem Paſtor, pois eſteve vaga 40. annos.

54 Eſtevaõ IV. (Catholico) creado no anno de 744. morreo no meſmo anno.

55 Theofilato (Catholico) creado no anno de 744. morreo no de 761.

56 Theodoro (Catholico) creado no anno de 761. morreo no de 787.

57 Theodoreto, creado no anno de 787. e ficou vago o Trono atè o an. de 869.

58 Chriſtovaõ (Catholico) foy creado no anno de 960.

59 Theodoro lhe ſocedeo, mas naõ ſe ſabem os annos, &c.

60 S. Macacio II. creado Patriarca; ſabe-ſe que morreo anno de 1012.

61 S. Eleutherio lhe ſuccedeo, naõ ſe diz qual, nem em que tempo.

62 Pedro, creado no anno de 1050. confirmado por Sam Leaõ Papa.
63 Joaõ, creado no anno de 1098. naõ ſe ſabe quando morreo.
64 Opicio ſabe-ſe que lhe ſuccedeo.
65 Joachim foy creado no anno de 1580.
66 Hiecotheo, creado no anno de 1610.
67 Athanazio, creado no meſmo anno lhe ſuccedeo.

* *Dos Patriarcas Latinos acho.*

1 Bernardo morreo anno de 1736.
2 Rodolfo I. foy depoſto.
3 Hamecico morreo anno de 1193.
4 Rodolfo II. morreo anno de 1219.
5 Reineiro, creado neſte anno.
6 Helias, creado no anno de 1239.
7 Alberto pelos annos de 1245.
8 Chriſtiano, anno de 1268.
9 Dionizio, creado no anno de 1423.
10 Jacobo, morreo anno de 1457.
11 Joaõ de Arcour naõ ſe ſabe.
12 Geraldo da meſma ſorte.
13 Pancirolo, a eſte deu o Papa o Pallio no anno de 1646.

* *Ad hoc caput vide Decreta Cyriaci Leonis, & aliorum Pontif. Concil. Calcedon. 7. gener. Innoc. P. Ep. 14 ad Bonifac Præsbit. Martyrolog. Roman. D. Joan. Chriſoſt. D. Hyeronim. Origines. Theodoret. Dioniſ. Alexandr. Theopil. Alexandr. Belarmin. Euſeb. Evagrium. Baronium. Felic. P. in Ep ad Zen. ut videtur in 5. Synod. act. 1. Catalog. Patriarch. hujus Eccleſ. Græc. & Latin.*

CAPITULO IX.

Da quarta, e famoza Patriarcal de Jeruſalem, Patriarcas que teve, e deſtritos a que ſua ampla juriſdiçaõ ſe extendia.

JEruſalem, celebre Cidade pelos ſucceſſos que nella ſe viraõ, chamada antiguamente Salem, è depois Jebus, appelidada nas Eſcrituras Sagradas Santa

Santa Cidade, Cidade do grande Rey, foy fundada por Melchiſedech Cananeo 2177. annos antes de ſua ruina, eſteve ſugeita aos Jebuzeos atè o tempo que David a ſenhoreou, conſtituindo-a Corte, e cabeça do ſeu Reyno na Judea: Nabuchodonoſor a diſtruhio, e depois de reedeficada em parte com ſeu Templo, a ſenhoreàraõ os Aſſirios, os Romanos, e ultimamente os Ottomanos.

Foy taõ excelſa a preheminencia deſta Patriarcal (para cujo honorifico titulo concorrèra o Papa Vigilio, ſendo antes conhecida por tal em o Concilio Niceno, e depois no Concilio geral Conſtantinopolitano) que mereceo antiguamente ſer chamada *Mater aliarum Eccleſiarum*; e ao ſeu Prelado denominou Saõ Clemente: *Epiſcopo, Epiſcoporum.*

Teve eſta Santa Patriarcal na ſua juriſdiçaõ 25. Biſpados, e o entendem alguns Eſcritores, que àlem deſtes teve outros tantos ſufraganeos; como tambem quatro Sés Archiepiſcopaes, debaixo das quaes ſe comprehendiaõ 76. Biſpados; e foraõ Patriarcas deſta Igreja.

1 Santiago Apoſtolo, o qual foy creado primeiro Biſpo, e Patriarca no anno de Chriſto 34. e morreo no de 63.

2 S. Simeaõ de Cleophas, creado no anno 63. emorreo Martyr no de 109.

3 Juſto I. creado no anno de 109. e morreo no de 113.

En-

Entrou a perſeguiçaõ dos Judeos contra a Igreja, a qual durou 25. annos, e neſtes ſe contaraõ 13. Patriarcas.

S. Zacheo, S. Thobias, S. Benjamin I. S. Joaõ I. S. Mathias, Benjamin II. Felipe, Seneca, Juſto II. Levi, Ephrem, Joſeph, e Judas, todos da progenies dos Judeos.

4 Marcos foy o primeiro creado Patriarca dos Gentios em o anno de 138. e morreo no de 157. ao qual ſuccedèraõ no throno Caſliano, Publio, Maximo, Juliaõ, Cayo I. Simmaco, Cayo II. Juliaõ II. Capiton, Valente, Doliquiano, S. Narcizo, Dio, Germano, Gordio, todos Catholicos.

5 S. Alexandre, creado no anno de 199. morreo Martyr no anno de 253.

6 Mazabenes Catholico, creado no anno de 253. morreo no de 266.

7 Hymeneo Catholico, creado no anno de 266. morreo no de 296.

8 S. Zambdas, creado no anno de 206. morreo no de 298.

9 Hermon dito Thermon, creado no anno de 298. morreo no de 312.

10 S. Macacio, creado no anno de 312. morreo no de 331.

11 Maximo, creado no anno de 331. morreo no de 351.

12 S. Cyrilo, creado no de 351. morreo no de 386.

13 Joaõ II. creado no anno de 386. morreo no de 416.

14 Prylio, creado no anno de 416. morreo no de 429.

15

15 Juvenal, creado no anno de 429. morreo no de 457.

16 Anaſtacio, creado no anno de 457. morreo no de 577.

17 S. Mártirio, creado no anno de 477. morreo no de 485.

18 Saluſtio Catholico, creado no anno de 485. morreo no de 492.

19 Helias Catholico, creado no anno de 492. morreo no de 513.

20 Joaõ herege, depois Catholico, morreo no anno de 525.

21 Pedro Catholico, morreo no anno de 546.

22 Macacio II. Catholico, morreo no anno de 549.

23 Euſtoquio Catholico morreo no anno de 561.

24 Joaõ IV. Catholico morreo no anno de 594.

25 Amòs, creado no anno de 594. morreo no de 601.

26 Eziquio, creado no anno de 601. morreo no de 609.

27 Zachacias, creado no anno de 609. morreo no de 632.

28 S. Sophronio, creado no anno de 633. morreo no de 636.

29 Servio herege lhe ſuccedeo, homem tido por herege.

30 Socedeo a eſte hum Patriarca Catholico, cujo nome ſe naõ ſabe.

31 Seguiraõ-ſe Theodoro, anno de 759.

He-

Helias, anno de 787. Joaõ, an. de 755.

32 Theodozio Catholico, morreo no anno de 896.

33 Joaõ, creado no meſmo an. de 896. Catholico.

34 Oreſtes, creado no anno de 1006.

35 Simeaõ Catholico, creado no anno de 1088.

36 Lazaro he quem achey ſe lhe ſeguio no anno de 1310.

37 Joachim no de 1580. Germano no de 1583. Sofronio, 1600. Theophanes, 1618.

* *Dos Patriarcas Latinos.*

1 Daiberto, creado no annode 1095.

2 Ebremano intruzo anno de 1096.

3 Gilelino, morreo no de 1112.

4 Arnaõ no de 1118.

5 Guacimondo no de 1128.

6 Eſtevaõ, no de 1130.

7 Guilhelme, no de 1146.

8 Folqueiro, no de 1156.

9 Amaro, no de 1180.

10 Heraclio, no de 1187.

11 Miguel, no de 1199.

12 Alberto, no de 1204.

13 Rodolfo, no de 1214.

14. Geraldo, no de 1227.

15 Roberto, no de 1230.

16 Jacobo, Guilhelme, Thomàs, anno de 1263.

17 Joaõ de Vercheli, no an. de 1278.

18 Niculao, no de 1279.

19 Rodolfo, no de 1294.

* *Ad hoc caput. vide Conc. Nicæn Canone 7. Concil. gen. Conſtantinopol. a. de 381. Concil. Sardicence. Concil. Ephæſin. Concil. Calcedon. Paul. ad Cor. c. 15. Decret. Urban. II. Urban. V. Hormiſdæ, Vigilii, Gregor. & alior. Pont. D. Hyeronim. D. Gregor. Pap. D. Clem. Pap. in Epiſt. ad Jacob. Stephan. ad Synod. Romanum. Juſtinian. in Ep. ad Hormisd. P. Tertul. l. 4. contra Marcion. Nicephor. Euzeb. Bibliotec. Patr. Imp. Juſtin. in novel. Catalog. Patriarchar. Græc. & Lat. hujus Eccleſ.*

20 Bazilio, no de 1295 Seguiraõ-se Antonio, Pedro de Plana, Pedro de Caza, Pedro de Palude, dous Ghilhelmes, dous Felippes, Bernardo, Luis, que morreo anno de 1479. Maximis, que foy creado em Roma no anno de 1654.

CAPITULO X.

Moſtra o fundamento aluzivo que ſe ſupoem haver para a creaçaõ dos Biſpos, Arcebiſpos, e Patriarcas com ſuas Collegiadas; aponta-ſe a preheminencia da Veſte chamada Palio a alguns Prelados concedido; e expoem-ſe o principio que teve a acçaõ de beijar o pè ao Papa, e a maõ naõ ſó aos mais Principes Eccleſiaſticos, mas ainda ſeculares.

ANtiquiſſimo he, porque jà praticado na Ley da Natureza, e ainda no tempo da Ley Eſcrita entre os Gentios que cegamente idolatravaõ ſuas deidades fementidas, eſtabelecer ſem autoridade Miniſtros Sacerdotes de ſeus Deoſes para que nos Templos aos Sacrificios aſſiſtiſſem; e a eſtes, conforme a menor, ou mayor dignidade (pois entre ſi os deſtinguiaõ) lhe chamavaõ, Flamines, e Archiflamines, tendo eſtes a ſua reſidencia nas mais populoſas, e grandes Cidades, aquelles em as outras mais pequenas.

Iſto talves que attendido, e tranſmutado o profano em o Divino, dà a entender S. Clemente, que o grande Apoſtolo S. Pedro na Primitiva Igreja para o perfeitiſſimo culto do verdadeiro Deos inſtituhio naõ ſó

Sacerdotes particulares, mas aos Sacerdotes mayores chamados entre os Hebreos Pontifices, deu o nome de Biſpos, e Arcebiſpos. (1)

(1) *D. Clem. in Lib. de Relig. Chriſtiana.*

Jà anteriormente, como eſcreve Feſto Pompeo (2) das peſſoas mais graves, e benemeritas do Imperio Romano tinha Numma Pompilio ſeu ſegundo Emperador, eligido para o culto de ſeus Deoſes, e mayor autoridade de ſeus Templos hum Pontifice Maximo, e foy Marcio o primeiro elegido, como tambem tinha creado àlem dos Sacerdotes cõmuns, outros eſpeciaes Sacerdotes a quem particularmente deſtinguio com veſtes diverſas, e notaveis, e lhe deu Cadeiras altas em os Templos, nos quaes ſe haviaõ de achar todas as vezes que houveſſe ſolemnes Sacrificios. (3)

(2) *Feſt. Pomp.*

(3) *Plutarch. in Problem*

No Sacro Imperio da Igreja aſſim meſmo ſendo elegido hum Pontifice Maximo, foraõ creados (como jà diſſemos) naõ ſó Sacerdotes communs, mas outros eſpeciaes Sacerdotes, quaes ſaõ os Biſpos, a quem ſe deu ſublimidade de aſſento em as Igrejas, para nos dias ſolemnes aſſiſtir, e eſpecialidade ainda nas veſtes commuas de que havia uſar.

Pela continuaçaõ do tempo creſcendo o povo Catholico em o gremio da Igreja, para o ſeu bom regimen, entendèraõ os Pontifices Romanos ſer conveniente ſublimar accidentalmente eſta dignidade Epiſcopal, creando nas Cidades principaliſſimas Arcebiſpos,

biſpos, a quem os mais Biſpos daquelle deſtricto todo, foſſem ſogeitos, e eſtes ſe chamavaõ Primazes, ou Patriarcas em vocabulo Grego, que era o meſmo que Principes entre os Biſpos, como nos tempos ſucceci-vos ſe intitulàraõ os quatro de que nos antecedentes capitulos fizemos jà mençaõ.

Propagando-ſe ulteriormente a Fé por quazi infinitos Reynos, e dilatados Imperios, ſe deu o titulo de Metropolitanos aos Arcebiſpos das Cidades Capitaes, e mais populoſas, concervando o titulo de Primàs ſó aquelle, cujos anteceſſores obtivèraõ em hum Imperio, ou Reyno a primeira Cadeira, ſendo preferidos na autoridade ainda aos mais Arcebiſpos; e o Papa Aniceto por Decreto ſeu determinou que naõ pudeſſe Prelado algum lograr tal titulo, ſem autoridade da Santa Sé Apoſtolica.

O Papa Clemente ſegundo foy o primeiro que a eſtes digniſſimos Prelados concedeo trazerem Cruz levantada quando ſahiſſem fóra, permitindo a alguns para mais relevante autoridade de ſuas peſſoas, e concedendolhe uſaſſem de Palio, que he huma veſte pequena, ou inſignia branca, e redonda poſta ao peſcoço com pequenas faxas pendentes, bordadas nellas quatro Cruzes encarnadas; o que na dignidade Epiſcopal ſó foy concedido pelo Papa Marcos ao Biſpo de Hoſtia, em atençaõ de ſer eſte o que coſtuma ſagrar aos Pontifices Romanos.

Como todas as couſas com o decurſo

dos tempos mais se purificaõ, e aperfeiçoaõ, entendèraõ os Romanos Pontifices, concorrendo varias representaçoens de Principes Ecclesiasticos, e Seculares, que para mayor fermusura da Igreja, autoridade de seus Prelados, e culto perfeitissimo do verdadeiro Deos, houvesse mais Ministros com dignidades subalternas, e por Bullas Pontificias se erigiraõ Collegiadas em as Sés principalmente, tambem em Regias Capellas com Conegos, e Dignidades que hoje vemos; e nas Parroquias ordinarias se instituiraõ Collegiadas Menores com Priorados, e Beneficios.

O costume de se beijar o pè ao Pontifice, giolho aos Patriarcas, anel, ou maõ aos mais Principes da Igreja, e ainda aos mais Principes seculares he antiquissimo, e jà do tempo dos Romanos, os quaes o praticavaõ nos Pontifices, que tinhaõ sendo barbaros gentios, alguns Autores vereficaõ que entre os Hebreos se observàra; e naõ era bem se reconhecesse menos superioridade, e veneraçaõ atenta nos Pontifices, e Prelados do verdadeiro Deos. Christo Pontifice soberano como as Divinas letras o appelidaõ (4) diz o Texto que consentira lhe beijasse os pès a Magdalena, sendo mulher peccadora (5) e o Centuriaõ o quiz fazer a S. Pedro. (6)

Aos Principes Seculares (diz Plutarco (7) se praticou esta atencioſa reverencia jà desde o tempo dos Romanos para reconhecimento da Magestade. Seneca escreve (8) que

(4) *Pſ. David. D. Paul.*

(5) *Math.*

(6)

(7) *Plutarch.*

(8) *Seneca.*

que Julio Cezar foy o primeiro que o inſtituhio dando a beijar o pé ao Pompeo Africano. Os Emperadores Cayo Calligula, e Diocleciano determinàraõ poſitivamente que ſe lhe fizeſſe; porèm os mais Emperadores conſiderando talvez impropria eſta accçaõ, diz Pomponio Leto (9) ſó davaõ a maõ a beijar a ſeus vaſſalos, levantando nos braços proprios aos illuſtres, e à gente ordinaria conſentiaõ que ſó lhe beijaſſem o giolho.

(9) *Pompon. Leto.*

Hoje ſó ſe pratica, e ſe recebe por mercè muito eſtimada darem os Monarcas, e Principes Reaes ſua Real maõ a beijar aos ſeus vaſſalos, moſtrando neſta acçaõ naõ ſó a Mageſtade de Principes, mas o amor de Pays; e para que nos Principes Eccleſiaſticos eſta acçaõ tambem ſe eſtabaleceſſe, concedèraõ os Pontifices Romanos Indulgencias, e graças a todas as peſſoas que dos modos ditos aos Principes Eccleſiaſticos reverenceaſſem.

CAPITULO XI.

Da Parcimonia com que antiguamente viviaõ os Sacerdotes em Pobreza, e Caſtidade Conjugal; moſtra-ſe quem lhe concedeo os Dizimos, e Permicias, e ultimamente quem os diſpenſou em poderem ter herdades, rendas, e poſſeçoens.

PElas forças da Ley Eſcrita dada por Deos a Moyſés, ſe praticava entre os Hebreos naõ terem os Sacerdotes poſſeçoens, para que livres dos cuidados, e intendencias do ſeculo, podeſſem melhor exercer ſeu miniſterio, e occuparſe ſó em o ſerviço do Altar, e Templos do ſeu Deos, ſem haver falta em a perfeita exacçaõ dos Sacrificios; pelo que como Origines eſcreve (1) ſendo naquelle tempo os Sacerdotes licitamente cazados, como S. Agoſtinho eſcreve (2) diz Jozefo que para a ſua neceſſaria ſuſtentaçaõ todo o povo em commum promptamente concorria (3) e aſſim ſerviaõ a Deos em caſtidade conjugal.

(1) *Origenes.*

(2) *D. Aug. de bon. Matrim.*

(3) *Jozef. de Antiquit. Judaic.*

Entendendo a Sabedoria increada que eſta caridade dos homens poderia ſer deficiente em prejuizo grave dos Sacerdotes pobres, inſinuou a Moyſés eſtabeleceſſe por Ley indefectivel, como conſta das Letras Sagradas em o Exodo, Numeros, e Deuteronomio, q̃ todas as peſſoas ſem excepçaõ contribuiſſem por obrigaçaõ preciza dando a Deos (iſto he pagando aos Sacerdotes que o repreſentaõ, e ſervem) os dizimos, e permicias

micias de todos os frutos que tiveſſem (4) ainda de todos os gados que lhe naſceſſem, ou criaſſem.

(4) *Lib. Exod. Lib. Numer. Deutoronom.*

Eſta irrefragavel Ley ſe obſervava naquelle tempo em todo o ſeu rigor ſem gloſa, interpretaçaõ, ou epiquèa quando os diſcurſos dos homens ſe naõ prevaricavaõ tanto com offenſivas, e perniciosas ſutilesas, e havia mais ſinceridade, por iſſo com prompto animo, e ſem violencia pagavaõ naõ dos peyores, mas ſim dos melhores frutos os dizimos, e permicias á Igreja.

Naõ ſó das couſas minimas (como agora, e iſto em algumas partes ſe pratica) mas ainda dos generos de mayor valor como Boys, Vacas, &c. e beſtas todas que naſciaõ, dizem Origines, e S. Jeronimo (o que a Ley comprova nas Eſcrituras mencionadas) ſe pagava permicias, dando-ſe o que foſſe primeiro no naſcimento; das Creaturas racionaes que a qualquer cazal primeiro naſciaõ, ſe pagava tambem permicias aos Sacerdotes, redemindo-ſe (como o Texto diz) iſto he dando em dinheiro huma tal quantia no modo poſſivel proporcionada (5) que commumente eraõ cinco ſiclos.

(5) *Origenes. D. Hyeron. in Ezechielem. Numer. Cap. 3. & Cap. 12. Exodi.*

Eſte rito pela Ley de Moyſés eſtabelecido ſe vio em parte, ainda nos Romanos quando gentios, obſervado; Herodoto eſcreve caſos ſemelhantes, pois entre ſi os Romanos praticavaõ offerecer ao ſeu Deos Jupiter a decima parte dos ſeus frutos, e bens que tinhaõ; outros o faziaõ a Herculles;

les; e de Luculo escreve Festo que pela observancia que nisto teve, logrou as mayores opulencias, e riquezas. Cyro Rey de Persia quando venceo os de Lydia, deu a Jupiter a decima parte dos seus despojos; e o mesmo (diz Ouvidio fizera Bacho quando venceo os de Scythia. (6) Outros muitos Principes gentios, em diversas naçoens os imitàraõ.

(6) *Festo Pomp. Herodoto. Ouvid. in Fast.*

Ainda com mais rigoroza observancia se praticava antiguamente em alguns terrenos, ou Provincias a pontual satisfaçaõ dos dizimos; porque aquellas pessoas que nem por si, nem por expensas proprias fabricavaõ fazendas, e só as arrendavaõ, os que tinhaõ salarios de officios publicos, ganancia de mercadorias, lucro de vendas, renda de qualquer couza, soldada de seu serviço, e jornal, ou paga de seu trabalho, de tudo pagavaõ aos Sacerdotes dizimo, o que hoje me naõ consta que em parte alguma se observe; e só em alguns Reynos sey se estilla esta satisfaçaõ aos Monarcas, imposta por annual tributo.

Em fim attendendo os Pontifices Romanos a que os animos dos fieis se afrouxavaõ, e seria precizo correndo o tempo procederse a Censuras para se satisfazerem dizimos, conciderando o prejuizo que experimentaria o Estado Ecclesiastico, prevendo indecencias no tratamento com desluſtre da Igreja, querendo prover de remedio a indigencia dos Sacerdotes, e observando que supposto Christo na Ley da Graça recomende

de muito nas ſuas peſſoas a pobreza (7) lha naõ prohibe em commum, o Papa Urbano uſando de caritativa urbanidade os diſpenſou a que em commum podeſſem aceitar poſſeçoens, rendas, e herdades para o decorozo tratamento das ſuas peſſoas, e Sacerdotal dignidade, ſem que houveſſe meu nem teu; hoje ſe acha iſto com tal exceſſo prevaricado, que a experiencia moſtra o que eu naõ poſſo com penna eſcrever. (7) S. Math.

CAPITULO XII.

Moſtra de donde teve origem o Coro em que os Sacerdotes louvaõ a Deos nos Templos; quem inſtituhio as ſete Horas Cannonicas; quem determinou ſe cantaſſem os Pſalmos, e ordenou mais Cantos em a Igreja com Orgaõ; quem aſſinalou formalidade em a reza, e compzo primeiro as liçoens que nella ſe dizem.

DA Igreja Triunfante à Militante Igreja, entendo que ſe participou certamente o coſtume de ſer Deos louvado a Coros; porque ſendo ſete os Coros de Anjos que no Ceo continuamente louvaõ ao Senhor, era bem que em ſete horas diverſas cada dia louvaſſem a Deos em Coros no Ceo das Igrejas, Templos ſeus, os Sacerdotes, fazendo dos meſmos Anjos, por juſtiſſimas cauſas, a figura.

Jà antiguamente no tempo da Ley Eſcrita ſe diz que entre os Hebreos ſe praticava, porque Aſaph lhe enſinàra eſte modo, dandolhe nelle methodo de cantar em o

Templo, e David o pôs em melhor praxe quando (como Jozefo eſcreve (1) inſtituhio a ſete Coros com armonioſa conſonancia a muzica que ſe havia ir cantando diante da Arca do Teſtamento; naõ ſe entendendo por eſte nome Coro outra couſa no ſentir de Seneca, e Macrobio (2) mais que huma alternativa conſonancia de vozes bem ordenadas, e unidas; e Plataõ interpreta eſte nome Coro, alegria. (3)

(1) *Jozefo l. 2. de Antiquit.*

(2) *Seneca. Macrob. Verbo. Chorus.*

(3) *Plato l. 2.*

Conſta o Divino Officio que os Sacerdotes no Coro rezaõ de ſete horas Canonicas deſtinctas, quaes ſaõ Matinas com ſuas Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nona, Veſperas, e Completas, todas extrahidas, e compoſtas pelos Pſalmos do S. Profeta, e Rey David, cuja formalidade diz S. Cypriano ſer tomada do Profeta Daniel pelos tempos deſtinctos em que orava (4) S. Jeronimo diz que foraõ inſtituhidas em atençaõ àquellas em que os Sagrados Apoſtolos coſtumavaõ orar (5) fundado no que ſe refere em os Actos Apoſtolicos (6) da Sagrada hiſtoria ſe collige, que o meſmo S. Jeronimo foy o que as diſpòs, primeiro para Euzebio Cremonenſe, e depois para os Sacerdotes, o que toda a S. Igreja Catholica por diſpoſiçaõ do Papa Pelagio II. confirmaçaõ do S. Pontifice Damazo, e concelho dos SS. e antigos Padres aceitou (7) e com pontualidade ſe obſerva.

(4) *S. Cyprian.*

(5) *D. Hyeron.*

(6) *Acta Apoſt.*

(7) *Hiſtor. Sacra.*

Para mayor perfeiçaõ do culto Divino introduziraõ na Igreja os Pontifices Dama-

zo, Vitaliano, e Gelazio ſe cantaſſem todos os dias eſtas ſete horas Canonicas, conforme as ſolemnidades das feſtas; para as mayores introduzio S. Gregorio Papa o inſtrumento chamado Orgaõ, que ſe diz ſer formado por David, e propriamente feyto para os louvores de Deos, como o S. Rey Profeta obſervava; e para as feſtas menores ſem o tal Orgaõ, ſe pôs na Igreja em coſtume o uſo de canto fermo, o qual coſtume de ſe dizerem cantados em o Templo os louvores a Deos, dizem Origenes, Plutarco, Lucio Apuleyo, e Titolivio eſcrevendo da fundaçaõ de Roma ſer antiquiſſimo (8) e jà pelos Hebreos obſervado.

Ainda mais quizeraõ os Pontifices Romanos aperfeiçoar eſte Divino culto; pelo que o Papa S. Gregorio determinou ſe diſſeſſe no principio de cada hora o Verſo, *Deus in adjutorium meum intende*, extrahido de hum Pſalmo de David, acreſcentando em o fim o *Gloria Patri, &c* e do S. Pontifice Damazo ſe eſcreve ſer o que mandou ſe diſſeſſe tambem o meſmo *Gloria Patri, &c.* no fim de cada hum Pſalmo à honra da Trindade Beatiſſima, e o Credo, ou Simbolo da Fé (em voz ſubmiſſa) no principio de cada huma das ſete horas Canonicas, acçaõ que hoje ſe faz por direcçaõ da Igreja ſó a Matinas, Prima, e deſpois da Capitula nas Completas.

(8) *Origen. Plutarch. Luc. Apul. in ſuo Azin. aur. Titoliv. lib. 9. de fund. Rom.*

A introducçaõ de ſe cantarem Hymnos nas meſmas horas Canonicas, ſe atri-

bue a diverſos Pontifices ſegundo a opiniaõ de varios Autores: huns dizem que foy Gelazio, outros que Vitaliano, outros que S. Damazo, e outros que S. Gregorio Papa, e as liçoens das vidas dos Santos que nas Matinas ſe dizem, foraõ primeiro compoſtas por Uzuardo Monge, e Paulo Diacono, com pouca differença em o anno 800. do Naſcimento de Chriſto, a rogos do Chriſtianiſſimo Emperador Carlos Magno, como tambem diſpozeraõ as do commum, que a Igreja aceytou, e uſa, acreſcentandoſe outras mais na forma que hoje vemos.

O Papa Urbano II. no Concilio celebrado em Claramonte Reyno de França inſtituhio, e decretou ſe diſſeſſem ad libitum, e com mais abreviada formalidade outras ſete horas Cannonicas, compoſtas tambem dos Pſalmos de David, em honra de Maria Santiſſima Mãy de Deos, o que em muitas Religioens por obrigaçaõ ſe coſtuma.

CAPITULO XIII.

Expoem-ſe o uſo dos Sacramentos da Igreja a beneficio dos Catholicos; moſtra-ſe o principio da ſua inſtituiçaõ, e o modo de que ſe uſáraõ antiguamente.

DE todos os fieis Catholicos profeſſores verdadeiros da Ley de Chriſto he ſabido ſerem ſete os Santos Sacramentos da Igreja inſtituhidos pelo meſmo Chriſto como Autor da Ley da Graça ſimboliſados anteriormente

mente em varias figuras da Ley Eſcrita; e ſupoſto que jà em outras partes neſte volume tocamos em a materia preſente ſendo com outras envolvida, agora como em lugar proprio ſerà mais individuada.

Entre os Hebreos, e com forças de Sacramento como alguns Doutores Eſpeculativos, e Moraes aſſeveraraõ, ſe obſervou inviolavel a Circunciſaõ eſtabelecida por Ley Divina inſinuada por Deos, e por Abraham, e Moyſés fideliſſimamente obſervada, como do meſmo Sacro Texto ſe colige, e na antiquidade precede (como Jozefo, e Chriſoſtomo eſcrevèraõ) a todos os mandamentos, e preceitos que aos Hebreos foraõ dados (1) praticando-ſe por opiniaõ de graves, e antigos Autores primeira, e ſegunda circunciſaõ, eſta do Eſpirito, a quella da carne. (2)

(1) *Jozefo contra Apion. Chriſoſt. hom. 52 ſup. Math.*
(2) *Apud Origin. & Jozef. atque Lactantium.*

Em os ſucceſſivos ſeculos ſe participou eſte rito a diverſas Naçoens do mundo ainda Gentilicas, e Barbaras; dizem que os povos de Phenicia neſta exacçaõ ſe ſeguiraõ, logo os de Arabia, Sarracenos, e Mauritanos hoje ditos (3) Plinio eſcreve que os Judeos, Ethiopes, e Egypcios o obſervàraõ tambem (4) e a eſtes imitàraõ os de Colchos como Herodoto eſcreveo. (5)

(3) *Jozefo. D. Cyprian.*
(4) *Plinius hic.*
(5) *Herodotus.*

Em o anno 15. do Imperio de Tiberio Cezar tendo naſcido de Zacharias, e Izabel Joaõ que no ventre materno fora ſantificado, cõſtituhido por diſpoſiçaõ do Ceo Precurſor de Chriſto, foy o primeiro q̃ a toda a Regiaõ de Judea, Jeruſalem, e Jordaõ principiou

cipiou a prègar o Baptiſmo da Penitencia para remiſſaõ dos peccados, ſervindo eſte de diſpoſiçaõ para receber o Sacro Baptiſmo de Chriſto que proximamente naſceo, ſendo eſte Senhor o Meſſias que jà na Ley havia tantos ſeculos prometido. (6)

(6) *Luc. Evang. D. Cyprian. D. Chriſoſt.*

Eſte Sagrado Baptiſmo de Chriſto ſe conſtituhio Sacramento taõ preciſo, que ſem elle ſe naõ pòde alguem ſalvar (7) o meſmo Chriſto o honrou com ſua ſobera-na Peſſoa recebendo-o das mãos do Baptiſ-ta, ao qual tambem depois baptizou Chriſ-to (8) acçaõ que tambem participou a ſeus Diſcipulos (9) e eſtes cheyos de Eſpirito Santo principiaraõ a adminiſtrar eſte Sacra-mento, e foy S. Pedro o primeiro que bap-tizou tres mil Judeos (que convertera) ſó em hum dia; e dos Gentios foy Cornelio Centuriaõ em Cezarea com toda ſua fami-lia o primeiro por S. Pedro baptizado. (10) Deſtrohe eſte Sacramento ao peccado ori-ginal: ha de huma ſó vez ſer recebido, com agua natural adminiſtrado, por immerçaõ, aſperçaõ, ou abluçaõ, tendo a meſma èffi-cacia em os caſos jà ſabidos o de ſangue, e o de fogo; a formalidade he notoria. (11)

(7) *Math. Luc. Ad Epheſ. Acta Apoſt.*

(8) *Chriſoſt.*

(9) *Joan 3. & 4.*

(10) *Origenes.*

(11) *De hoc Vide Conſt. Papæ Hygini Victoris, & alior. PP. & Conc. Trid. Seſſ 24.*

O Sacramento da Confirmaçaõ teve tambem ſua figura na Ley Eſcrita, quando com hum certo Oleo ſe ungia primeiramen-te ſó aos Sacerdotes, e Reys, como ſe vio em Aaram, e ſeus filhos confirmando-os Moyſés; em Saul, e ſeu filho a quem o Pro-feta Samuel ungio, e confirmou. (12) Com

(12) *Joſef. l. 6. Antiquit. Lactantius.*

diverſa

diversa formalidade, e força de Sacramento se participa na Ley da Graça aos Christãos baptizados confirmando-os em a Graça no Baptismo recebida. O Papa S. Silvestre, como diz Innocencio III. nas Epistolas Decretaes deu a norma praticada (13) mandando dos Apostolos Sagrados o costume.

(13) *Innoc. 3. in Epist. Decret.*

O Sacramento da Communhaõ qual he o Eucaristico Sacramento instituhido por Christo no Cenaculo, como de todos os Catholicos he sabido, foy dado pelo mesmo Senhor nas especies de paõ, e vinho, em Cõmunhaõ primeiramente a seus Discipulos certeficando-lhe era seu Corpo, e Sangue (14) a todos os Fieis na Primitiva Igreja se participava esta Communhaõ Sagrada cada dia (15) ao principio (dizem alguns Autores) em ambas as especies, mas logo só em as de paõ. O Papa Anacleto approvou o costume de commungar todos os dias; outros Pontifices seus succesores o restringiraõ evitando indecencias, e só para os Sacerdotes ficou este indulto rezervado. O Papa Zepherino estabeleceo o preceito de commungar huma vez cada anno pela Pascoa da Ressurreiçaõ; e Fabiano decretou que tres vezes cada anno commungassem: prevaleceo na observancia com o decurso dos tempos o que Zepherino dispòs. (16)

(14) *Joan. 6. 13. 18. Math. 26. Marc. 14. Luc. 22. 1. ad Corinth.*

(15) *Tertulian. Luc. in Acta Ap.*

(16) *Vide Constit. Zepher. & Pont. Rom. Pontific.*

O Sacramento da Penitencia quanto à essencia, e quanto à fórma se entende ser por Christo instituhido quando entregando a Pedro as chaves, lhe deu poder para ligar, e dissolver,

dissolver, perdoando, e absolvendo os peccados do Mundo. (17) Este poder se participou aos Apostolos, e todos os Sacerdotes da Ley da Graça fazendo-se a Confiçaõ, acçaõ preciza a todo o peccador que se quizer reconciliar com Deos por graça, ao que nos persuadem as Letras Divinas, e nos incitaõ os Santos Padres, e Doutores. (18) Na Primitiva Igreja se usava o fazerem-se as Confiçoens publicas (19) mas conhecida por desconveniente esta acçaõ, por concelho dos SS. PP. e disposiçaõ dos Pontifices, se entrou a praticar, como hoje a Confiçaõ secreta, impondo-se aos Confessores sigillo, para naõ ser odiosa.

(17) *Vide Sacra. Evangelia.*

(18) *Pſ. in divers. Ezechiel. Proph. D. Paul. Aug. Hier.*

(19) *Origines. Theofilat. D. Cyprian.*

O Apostolo S. Paulo nas Epistolas que escreveo a seus Discipulos nos aconcelha que cheguemos primeiro à este Sacramento antes de receber o Corpo de Christo Sacramentado (20) o Papa Zepherino o determinou por formal preceito; Innocencio III. o mandou fazer a todos os que tivessem uso de rezaõ, e outros muitos Pontifices o confirmàraõ. (21) Sabido he dos Catholicos as condiçoens que devem ter os actos do penitente para ser a Confiçaõ bem feita, de sorte que se evitem nullidades, e fiquem pelos merecimentos da Sagrada Paixaõ de Christo, perdoadas as nossas culpas, alcançando absolviçaõ dos nossos peccados.

(20) *S. Paul. in Epist.*

(21) *Vid. Constit. Zepher. Innoc. & alior. Pontif.*

Jà no tempo da Ley Escrita se usava a expiaçaõ, ou Confiçaõ, suposto naõ era Sacramento: he tratada especialmente por David

David repetidas vezes em os seus Psalmos, (22) então se fazia, ou vocal, ou mentalmente só a Deos sem presença de Ministro, como hoje praticaõ os hereges, e Scismaticos. Os Gentios o faziaõ, ou lavando-se repetidas vezes, ou rosciando-se com ramos de Oliveira, como diz Virgilio (23) ou purificando-se com o calor de fogo com enxofre, como diz Ouvidio (24) ou infundindo sobre os seus corpos quantidade de ovos frescos quebrados, como escreve Juvenal, sendo tudo ritos Gentilicos, e costumes barbaros de Idolatras. (25)

(22) *Ps. in diversis Locis.*

(23) *Virg. Æneid.*

(24) *Ovid.*

(25) *Juvenal.*

O Sacramento da Extrema Unçaõ foy praticado pelos Apostolos, segundo a mente, e disposiçaõ Divina; foy instituhido para os Enfermos quando jà nos ultimos paracismos da vida, e a estes só se applica, para que ungidas pelo Sacerdote as partes em que parece tem residencia os cinco corporaes sentidos, Deos se digne de perdoar o que por elles tiver o enfermo delinquido, e afugentado ultimamente o poder do demonio que entaõ mais se esforsa vigoroso, logre a creatura (delle triunfante) a gloria do Ceo para que foy creada. (26)

(26) *S. Marc. in Evang. Epist. Cannon. B. Jacobi Ap. S. Gregor. P. Paul. 5. Rit.*

O Sacramento da Ordem, fica jà tratado neste quarto livro da presente obra em que estamos.

O Sacramento do Matrimonio que por tal foy estabelecido por Christo, e seus Discipulos na Ley da Graça, e praticado entre os Catholicos de ambos os sexos, o deixou

o Senhor na ſua Igreja para remedio da concupiſcencia, licitando-ſe por eſte principio o que aliàs ſeria illicito, porque peccaminoſo, conforme os ditames da noſſa Santa Ley, explicaçaõ dos SS. PP. e Conſtituiçoens dos Pontifices Romanos.

Na Ley Eſcrita em que o Matrimonio naõ tinha forſa de Sacramento, havia certos preceitos como conſtituiçoens que à riſca ſe obſervavaõ, a que Moyſés ultimamente pôs varias reſtricçoens, para que o Matrimonio contrahido entre os Hebreos ſe differenſſaſſe do q̃ ſe uſava anteriormente entre os Gentios, para que huns com os outros nos barbaros ritos naõ ſe aſſemelhaſſem.

Na Ley da Graça conſtituhido o Matrimonio Sacramento da Igreja, teve no principio varias permiſſoens licitas, que ou a malicia dos homens, ou o decurſo dos tempos converteo em abuſos ſendo uſos; e por obviar diſturbios que parecendo uteis à propagaçaõ do Mundo, podião ſer perniciоſos à ſalvação das Almas, e eſcandaloſos à percepçaõ das gentes, entràraõ os Romanos Pontifices a reformar, e reſtringir, fazendo conſtituiçoens para ſe haverem de obſervar, depois que o grande Apoſtolo I. Paulo a eſta acçaõ dera principio.

Eſte Santo Apoſtolo prohibio primeiramente a multidaõ de mulheres, eſcrevendo aos Corinthios ſeus Diſcipulos que tiveſſe ſó huma cada hum. (27) O Papa Fabiano prohibio que ſe naõ contrahiſſe Matrimonio entre

(27) *D. Paul. ad Corinth.*

entre parentes dentro do quinto grao (28) (já Moyſés o tinha feito no primeiro, e ſegundo. (29) O Papa Julio reſtringio mandando que naõ cazaſſe alguem com parenta dentro do ſetimo grao, o Papa Gregorio, eſtabeleceo depois eſte Decreto. (30) O Papa Innocencio III. conſultando o parecer dos PP. e DD. conciderando prejuizos graves no povo Catholico, poſteriormente modificando as ditas Conſtituiçoens Apoſtolicas unicamente prohibio a contraçaõ de Matrimonios entre parentes aſſim por ſanguinidade, como por affinidade dentro do primeiro, ſegundo, terceiro, e quarto grao, o que hoje indefectivelmente ſe obſerva, excepto quando o Romano Pontifice diſpenſa. (31)

(28) *Vide Gracian. & Conſt. Fabian.*

(29) *Lib. Exod.*

(30) *Vid. Conſt. Ap. P. Julii, & Gregor.*

(31) *Vid. Conſt. Ap. Innoc. 3. Vid. l. 4. Decretalium.*

Acreſceo mais com providencia a previdencia de outros Pontifices para excluhir eſcandalos, e evitar perigos. O Papa Theodato prohibio ſe contrahiſſe Matrimonio havendo parenteſco eſpiritual. S. Gregorio Papa prohibio os Matrimonios entre cunhados (que ſe uſava nos Hebreos,) o Papa Alexandre III. o confirmou. Os Papas Evariſto I. e Sothero prohibiraõ ſe celebraſſe eſte Sacramento ſem aſſiſtencia de Sacerdote. O Concilio Tridentino prohibe os cazamentos clandeſtinos, ſem as circunſtancias que outros Pontifices inſinuaõ, e os Theologos Moraes enſinaõ. (32)

(32) *Vid. Conſtit. Theodat. Gregor. Alex. Evariſt. & Sother. Rom. PP. Conc. Trident. ſeſ. 24. c. 2. Vide DD. & Theol. Moral.*

Do Matrimonio como cõtrato falaremos largamente, quando tratarmos da vida Conjugal.

CAPITULO XIV.

Do Originario coſtume de ſe dedicarem, e ſagrarem os Templos, de ſe guardarem as feſtas, de ſe Cannonizarem os Santos, de ſe venerar ſuas Reliquias, e pôr no Altar ſuas Imagens.

TOdas as acçoens que no Mundo obraõ as racionaes Creaturas, ſendo com acèrto dirigidas, provém de algum principio, e ſaõ terminadas a algum fim; ſendo pois pela Catholica precepçaõ bem conhecido o fim terminativo das acçoens que trata eſte prezente Capitulo, bem he que moſtremos quaes foraõ os principios de que ſe originàraõ.

Salamaõ Principe mais ſabio do Mundo, (notorio he pelas letras Divinas, e humanas) depois que edeficou aquelle magnifico, e ſumptuozo Templo, que do Orbe ſe reconheceo ſer maravilha, logo a Deos o dedicou; e para que os homens conheceſſem que era caza do Senhor, não ſó o enriqueceo, e adornou com cuſtozo apparato, e primoroziſſimo culto, mas determinou que aos dez dias do mez ſetimo foſſe ſagrado aquelle Templo; acçaõ que de novo repetio aos doze dias do mez primeiro dos Judeos que o reſtauràraõ, quando do Babilonico cativeiro foraõ livres, e deſte tempo adiante ſempre a Dedicaçaõ, e Sagraçaõ deſte Templo foy ſolemnizada. (1)

(1) *Vid. Sacram. pag. Jozef. Origen. Theopilat.*

E ſe dedicar nenhuma outra couſa he, como diz Chrizoſtomo, ſe naõ dar princi-

pio

pio a couſa ſagrada para uſar della em o culto de Deos (2) he ſem duvida que jà antes de Salamaõ, Moyſés o tinha feyto, quando edeficou o tabernaculo que dedicou, e conſagrou a Deos, como do Sagrado Texto conſta (3) e deſtes principios provèm que por determinaçaõ da Igreja ſe ſolemnize a Dedicaçaõ dos Templos, ſendo eſtes infalivelmente bentos, ou ſagrados, com deſſemelhança dos que os Gentios edeficavaõ a ſeus Idolos. (4)

(2) *Chriſoſtom. in Ep. Pauli ad Hebræos.*

(3)

(4) *Plutarch. Virgil. Origen. Ouvid. Juvenal.*

O ſolemnizar, e guardar as feſtas teve tambem principio no povo Hebreo, cujo dia principal era ſolemniſſimo, e dedicado a Deos, durando até a noite ſeu applauſo. No Sabbado faziaõ outra feſta, e neſte dia ſe naõ fazia outro ſerviço. No dia primeiro do mez ſetimo guardavaõ a feſta das Trombetas, chamada Neomenia, porque na entrada da Lua, no mez Xantico em que principiava o anno aos quatorze de Lua feſtejavaõ a ſua Paſcoa matando o Cordeiro figurativo. Em o tal mez guardavaõ ainda outra feſta, a qual era dos Paens azimos, e durava ſete dias. Depois de paſſarem ſete ſemanas tinhaõ a feſta chamada Aſarcha, ou quinquageſima, e entaõ offereciaõ os paens fermentados. Solemnizavaõ tambem a feſta dos ſete Setes em o mez ſetimo no dia Sabado. Tinhaõ tambem a feſta dos Tabernaculos chamada Scenopegia, e a da Repropiciaçaõ, que era muito ſolemne; e nòs os Catholicos temos por determinaçaõ da Igreja,

preceito

preceito ſeu, e determinaçaõ dos Pontifices muitos dias, e feſtas de guarda, huns mais, e outros menos ſolemnes, conforme as feſtividades de Chriſto, e de ſeus Santos. (5)

(5) *Origenes. in Levitic. D. Hyeron. D. Cyprian.*

O Papa Pio I. deſte nome determinou que a Paſcoa da Reſurreiçaõ ſe celebraſſe em Domingo, e ſupoſto entrou eſta materia a porſe em opinioens, novamente a eſtabelecèraõ Eleuthero, e Victor Pontifices ſucceſſivo hum ao outro. Os Domingos, e feſtas que dizemos de Sabahò foraõ ordenados para ſe guardarem, pelos Sagrados Apoſtolos, e Padres antigos da Igreja, o que os Pontifices approvàraõ, e ſe eſtabeleceo no Concilio celebrado em Leaõ de França, extendendo-ſe o indulto aos dias principaes de noſſa Senhora, Apoſtolos, e primeiros Martyres: a todos os Santos juntos (dizem alguns Eſcritores) que Gregorio IV. deſtinou feſtividade no dia 1. de Novembro; Urbano IV. o fez à Cruz Santiſſima de Chriſto, e Euchariſtico Sacramento. Outros muitos Pontifices eſtabelecèraõ feſtas de guarda às muitas celebridades que hoje veneramos. (6)

(6) *Conſti. Rom. Pontif. Pii. Eleuther. Victor. Gregor. IV. Urban. IV. ex Ap. & PP. Concil Le nenſe. Bed. Baron.*

Entre os antigos quaſi deſde o principio do Mundo foy coſtume o terem em grande conta, e veneraçaõ aos homens que, ou viaõ dotados das moraes virtudes, ou no Orbe obravaõ façanhas, pois entre os mais com ſuperioridade os deſtinguiaõ, ou nelles idolatravaõ (7) neſta acçaõ com eſpecialidade foraõ celebres os Romanos quando

(7) *Joſef. de Antiq. Aul. Gel. Strab. Plin.*

viaõ

viaõ que valeroſamente algum dava o ſangue pelo credito, e amor da patria, ou fazia alguma proeza grande, pois com graves ceremonias, e veneraçoens repetidas, ou Principes os conſtituhiaõ, ou no numero dos ſeus Deoſes os colocavaõ. (8)

(8) *Viturvius. Lucan. Diodor. Cicero. Virgil. Servius. Herodotus.*

No Sacro Imperio da Igreja ſendo Eſtevaõ, e os Apoſtolos Sagrados os primeiros que a impulſo de cruel martyrio deraõ ſeu ſangue por Chriſto, merecèraõ por ſuas celeſtiaes virtudes ſer com eſpecialidade grande venerados, e pela Santidade conhecidos, tendo conſecutivamente imitadores, pelo que dignando-ſe os Pontifices Romanos (a quem o Eſpirito Santo aſſiſte) de interporem ſua autoridade obviando qualquer perigo de idolatrias, declaraõ Santos (por inſpiraçaõ Divina) e puzeraõ em o numero dos Bemaventurados aquelles inclitos heroes de tantos merecimentos, e foraõ os Pontifices Felix, Gregorio quem annualmente lhe inſtituhio celebridade; e o Papa Alexandre III. decretou que naõ foſſe tido por Santo Varaõ algum, ainda que da mais juſtificada vida, ſem que primeiramente foſſe Canonizado pelo Pontifice Romano, iſto he declarado, e poſto em o Catalogo dos Santos ſolemnemente, o que à riſca ſe obſerva. (9)

(9) *Conſt. Ap. Felic. Gregor. Alexandre III. Epiſt. Decretal.*

Como no principio da Igreja logo o amor de JESU Chriſto entrou a penetrar as Almas dos Fieis, e muitos de hum, e outro ſexo ſe animavaõ a padecer martyrio pelo meſmo

meſmo Chriſto, o que tambem com grande gloria, e credito ſe vio nos primeiros trinta e dous Pontifices que a Igreja teve, ſupoſto ſete ſem effuzaõ de ſangue entre crueis trabalhos acabàraõ, os Catholicos que em Roma havia ſepultavaõ com occulta diligencia os ſeus corpos, e principiava Deos a manifeſtar a ſua gloria por meyo daquellas Santas Reliquias, pois ao ſeu contacto muitos enfermos ſaravaõ, ſendo tidas na veneraçaõ de todos; pelo que com attencioſa providencia os Pontifices Cleto, e Anacleto aſſinalàraõ lugares em que ſó peſſoas ſemelhantes foſſem ſepultadas, impondo o Papa Cleto pennas graves a quem prohibiſſe que os fieis viſitaſſem os Sepulcros dos Apoſtolos, e permitindo os mais Pontifices ſucceſſores a licita veneraçaõ às Reliquias ſuas, e dos mais Santos canonizados, e beatificados. (10)

(10) *Conſt. Ap. Cleti, & Anacleti Rom. Pont. & Chron. Pontif.*

Quanto a exporem-ſe nos Altares à veneraçaõ publica as Imagens de Chriſto, e dos ſeus Santos, houve varias controverſias entre os antigos Padres, pelo temor de ſe ſuſcitarem idolatrias. Moyſés porque no povo Hebreo o experimentou, tendo erecta na figura da Serpete a Imagem de Chriſto, e Cruz, aſperamente o prohibio (11) David Profeta Rey tambem o aconcelhou (12) mas como a Ley antiga era como ſombra da Ley da Graça, muitas couſas que naquella eraõ vedadas, hoje ſaõ neſta permitidas.

(11) *Exod. Levitic. D. Auguſt.*

(12) *Pſ. in diverſis.*

S.

S. Joaõ Damaſceno refere, por opiniaõ ſua, que o meſmo Chriſto eſtando neſte Mundo mandàra ſua miraculoſa Imagem a Abagaro Principe dos Eſſenios, a qual obrou maravilhas (13) e em ſua Paixaõ Santiſſima permittio deixar em duas occaſioens para a noſſa veneraçaõ, retratada com proprio Sangue, ſua Sacratiſſima Imagem. (14) Saõ Lucas repetidas vezes pintou, e offereceu a Imagem Santiſſima de Maria Mãy de Deos, para que nos Templos, e fóra delles a veneraſſemos (15) e no meſmo tempo ſe formaraõ varias Imagens dos Apoſtolos Sagrados, tidas em muita veneraçaõ dos fieis todos (16) e deſtes principios procedeu o uſo de exporem os Catholicos nos Altares eſtas, e outras ſemelhantes Imagens de Santos à noſſa pia veneraçaõ, attendendo naõ ao que ellas ſaõ em ſi, mas ſim ao que figuraõ, e repreſentaõ. (17)

(13) *D. Joan. Dam. Euzeb. de Prepar. Evangelic. & Hiſtor. Eccleſ.*

(14) *Ex SS. Evang. & PP. Eccleſ.*

(15) *Opinio cõmun. & traddicion.*

(16) *Euzeb. in Hiſtor. Eccleſ.*

(17) *D. Bazil. de Imag.*

Sendo Emperadores, Conſtantino, e Juſtiniano, ſe convocou o ſexto Concilio Conſtantinopolitano, no qual por commua opiniaõ dos Padres, ſe decretou (contra a opiniaõ dos hereges, que o impugnàraõ) foſſem as Imagens de Chriſto, e de todos os ſeus Santos collocadas nos Altares em os Templos à publica veneraçaõ de todos (18) naõ ſó para que os imitaſſemos nas virtudes, mas para que lembrando-nos pela figura o figurado, podeſſemos por eſte meyo implorar favores Divinos, e gratificar aos Santos nas ſuas figuras, que os repreſentaõ, o ſeu amparo

(18) *Acta Cone.*

e patrocinio com festivos cultos, e primorosos applausos; privativamente mandou o Papa Agatho pintar Imagens dos Santos no Portico de Saõ Pedro, dizem huns que no anno de 680. e outros, que no de 703. o que muitos attribuem ao Papa Constantino celebrando Concilio contra os erros do Emperador Filippico, nesta materia. (19)

(19) *Vid. Euzeb. & Bazil.*

O Emperador Leaõ III. obstinadamente mandou prohibir este culto com pennas graves, em todo o seu Imperio; mas fallecendo da presente vida, a Emperatriz Irene sua mulher, requereo ao Papa Gregorio hum Concilio em Nicea, no qual se ajuntàraõ 350. Bispos, desejoza de que se estabalecesse o que fosse mais acertado, e se confirmou por licito, e muito justo o culto das Imagens dos Santos em os Sagrados Templos, e Altares, como se pratica, com aquella veneraçaõ taõ sómente q̃ os Pontifices mandaõ, e os Padres explicàraõ. (20) O costume de venerar os prototipos nas Imagens he quasi taõ antigo como o Mundo, do que se achaõ cheyas as historias: Os Romanos foraõ insignes (ainda que por modo barbaro) neste culto: Outras muitas Naçoens do Mundo com o nimio culto idolatràraõ, pois levantando imagens, ou Estatuas por lisonja aos que em vida tinhaõ obrado proezas, a muitos que por meros homens conhecèraõ, cegamente por Deoses adoràraõ. (21)

(20) *Acta Conc Nicen. Const Pontif. Vid. PP. & DD. in hoc.*

(21) *Jozef. de Antiquitat. Luc. Flor. Fest Pomp. Apulleio. Juvenal. Virgil. Mar. Polliod. Virgil Aul. Gel. Laercio. Plutarch. &c.*

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Origem que teve o uſar ſe de Lampadas nas Igrejas, acender Velas, ornar Altares, tocar os Sinos, offerecer Milagres de cera, e pintados.

Ercado de fogo vio Moyſés a Deos em huma C,arça (1)e cheyo de luzes ſe lhe oſtentou Chriſto no Thabor (2) moſtrando, que entre luzes queria ſer venerado, e com propriedades de fogo conhecido. O Profeta parece que aſſim o entendeo, quando Fogo o appelidou (3) e ſe os Gentios Perſianos,como Herodoto eſcreve, adoraõ ao fogo por Deos (4) ſendo o verdadeiro Deos quem com o fogo de ſeu Amor Divino eſpiritualmente noſſos coraçoens inflama, juſto era que ou com tochas acezas em as mãos (de boas obras (5) lhe aſſiſtiſſe-mos, ou com Lampadas de fogo inextinguivel, como às prudentes Virgens do Evangelho aconteceo o acompanhaſſe-mos. (6)

(1) *Exod. in div.*

(2) *Math. 17.*

(3) *Iſai.*

(4) *Herodot.*

(5) *Luca 12. D. Gregor. P. in Lucam.*

(6) *Math. 25.*

Guardavaõ as Virgens Veſtaes antiguamente o fogo inextinguivel, è por obſequio reverente, diante dos Emperadores o preſentavaõ (7) envolvendo hum quaſi prudente acerto com hum gentilico rito; porque ſe entre todos os Elementos perduraveis, o do fogo he que ao Ceo mais ſe aveſinha, nelle queriaõ moſtrar huma Divindade do Ceo, ao Mundo participada, e concervada.

(7) *Nicolas Jonoz. Voogt.*

Por diſpoſiçaõ do Ceo determinou

(8) *Levitic.* Moyſés em o Levitico (8) ſe conſervaſſe perpetuamente o fogo em o Altar, e para iſto havia ſempre deputado Sacerdote vigilante, querendo houveſſe promptidaõ em os Sacrificios que a Deos obſequioſamente ſe offertavaõ. O meſmo Moyſés, e depois delle Salamaõ (conſta das letras Divinas, e das hiſtorias humanas) foraõ os que no Templo do Senhor introduziraõ o uſo dos Candelabros. (9) Jà no tempo dos Romanos ſe praticava pôr vèlas, ou tochas acezas diante dos ſeus Idolos (10) de cujos principios todos, querendo os Pontifices Romanos ſe dèſſe ao verdadeiro Deos reverente culto, determinàraõ que nenhum Sacerdote fizeſſe Sacrificio ſem luzes acezas, e que eſtas em oleo, ou cera ſe conſervaſſem (por diligencia dos Miniſtros) inextinguiveis na preſença de Chriſto Sacramentado em os Templos, e ſeus Altares, ſendo eſta acçaõ a todas as Santas Imagens, com a proporçaõ devida, *ad libitum* permitidas. (11)

(9) *Vid Exod. Levit. & lib. Reg.*

(10) *Herodot.*

(11) *Vid. Conſt. Apoſtol. & Decret. Epiſc.*

O coſtume de ſe ornarem os Templos, e Altares era antiguamente rito dos Gentios, os quaes quando em dias particulares feſtejavaõ os ſeus Idolos, lhe ornavaõ os Altares, e Templos com ramos de Hera, e Louro, adornando tambem os porticos, e portas com grinaldas de varias flores em obſequio daquella divindade idolatrada; diſto fazem mençaõ repetidas vezes os hiſtoriadores, e Poetas antigos; Virgilio em muitas

tas partes nos seus livros o relata. (12)

(12) *Virgil. Lucan. Juvenal.*

Martinho I. Pontifice Romano em os Decretos Canonicos prohibio estas acçoens nos Altares, e Igrejas dos Catholicos (13) Tertuliano tambem disto faz mençaõ mostrando que este rito se inhibio para desemelhança dos Gentios (14) mas observando outros Pontifices, e PP. que Moysés em o Templo, e Altar do Senhor admitio ornatos, e no Sancta Sanctorum pôs Cortina; vendo tambem que Salamaõ ornou com a mayor precioſidade, e riqueza o famoziſſimo Templo, e Altar que para Deos edeficou (15) approvàraõ que os Altares, e Templos se ornassem com o mayor primor, e composiçaõ reverente, sendo a Deos tudo devido para decoro de sua Divina Mageſtade (16) em cuja acçaõ Portugal tanto se esmera (como he notorio) que com gloria, e credito excede a todas as Naçoens do Mundo.

(13) *Decret. Can Cauſ. 26 q. 7.*

(14) *Tertul.*

(15) *Exod. Levit Reg.*

(16) *Decret. Can. Rom. Pontiſ.*

O uso dos sinos para serviço da Igreja teve principio em Moysés nas Vestes Pontificaes com que por mandado de Deos vestio a Aaram, em cujas fimbrias (como jà dissemos) se viaõ pendentes campainhas, (17) para que fosse sentido quando entrasse no Sancta Sanctorum; no que teve origem o tocarse campainhas quando no Santo Sacrificio da Missa eleva o Sacerdote a Deos Sacramentado; e o Papa Sabiniano que socedeo no Pontificado a S. Gregorio, determinou que se uzasse de sinos em as torres

(17) *Exod. Origen. in Exod. Jozef. de Antiquit.*

para

para chamar o povo à assistencia dos Santos Sacrificios Divinos em os Templos. (18) Joaõ XXII. os mandou tocar à noite para se rezarem Ave Marias. [19] Outros Pontifices, e mais Prelados da Igreja determinàraõ se tocassem sinos para diversos ministerios Ecclesiasticos, o que se faz com diversidade no modo conforme o costume do Paiz.

(18) *Constitut. Sabian. P.*

(19) *Constitut. Joan. 22. P.*

Offerecer nos Templos milagres de cera, ou pintados com figuras, em parte, ou em todo, das pessoas que recebèraõ de Deos por meyo de seus Santos algũ grande favor, ou beneficio, teve principio, mas com diversidade grande, na gentilidade (20) Dionizio Alicarnaseo escreve que os Pelasgos foraõ os primeiros que o fizeraõ, porque sendo expulsos de suas terras, e indo logo ao Templo Dodoneo de Jupiter implorar o seu favor, recebéraõ hum beneficio; mas pertendendo-o avultado levantàraõ a Plutaõ hum pequeno Templo, e a Saturno hum altar offerecendo homens a este em Sacrificio, e àquelle cabeças de homens, aos quaes Hercules dissuadio deste facto, e lhe aconselhou que em lugar das cabeças, e corpos humanos os fizessem de cera, e assim os offertassem, com o que logo achàraõ aos seus Deoses propicios, e os que de cera naõ offertavaõ estas figuras, pintadas as dedicavaõ.

(20) *Dionis. Alicarnas.*

CAPI-

CAPITULO XVI.

Mostra quem instituhio na Igreja as Litanias, e Preces; a origem de se fazerem Procissoens festivas com bandeiras, Cruzes, danças, e festins, e o costume de fazer votos aos Santos.

COmo as miserias, e trabalhos nascèraõ com os homens, pois logo o primeiro homem adulterando do favor que lhe fizera Deos experimentou trabalhos, e miserias: tanto que conhecèraõ superioridade Divina, ou verdadeira, ou fabulosa, e se achàraõ com diversas calamidades oprimidos, logo por meyo de repetidas preces que lhe faziaõ, intentàraõ ser remediados; assim o mostraõ as letras Divinas (1) e o testeficaõ em antiquissimos livros quasi infinitos Autores nos successos da cega Gentilidade. (2) Omito, porque naõ intento na escrita ser extenso; os diversos modos, e invençoens com que seus preces faziaõ diversas Naçoens do Mundo, só intento substanciar a materia em que trato, e o mais deixo à investigaçaõ dos curiosos para que (querendo) se entertenhaõ.

(1) *Vid. Exod. Levitic. Numer. Ps. in divers. Hierem. &c.*

(2) *Vid. Plat. Plutarch. Aristot. Hipocrat. Jozef de Antiq. Egesipum. Luc Apul. Virgil. Juvenal.*

Na Igreja Catholica deu Christo por Divino modo esta instrucçaõ a seus Discipulos; e estes prégando pelo Mundo a Evangelica doutrina, nos ensinàraõ que com preces repetidas poderiamos aplacar a ira de Deos justamente pelos nossos peccados merecida. (3) Paulo de Monte Cassino na historia

(3) *Vide S. Evang. Acta Apost. Expost. & PP.*

toria que escreveo dos Longobardos, diz, que experimentando Roma, e seus suburbios huma grande peste occasionada de huma innundação terrivel do Tibere, pois decrescendo suas aguas, pela corrupçaõ destas se achou a terra cheya de venenosas sevandijas com que mais se inficionàraõ os ares; entaõ para modificar com humildes preces este castigo de Deos, instituira o Papa Pelagio as Litanias mayores com suas oraçoens, o que muito aprovou S. Gregorio Papa que no Pontificado lhe succedeo, e a Igreja as aceitou. (4)

(4) *Paul. de Monte Cassin. Hist. dos Longobard. Vid. Const. Pelag. Vid Const. Greg. Rit. Rom.*

Jà anteriormente Mamerco Bispo de Vienna, na Galia Lugdunense, por causa de hum notavel terremoto (sendo Pontifice Leaõ I. deste nome) tinha instituhido outras Litanias menores com seus preces (5) e o Papa Agapeto por semelhantes causas determinou que processionalmente andando à roda das Igrejas fizesse a Deos o povo Catholico repetidas rogaçoens. (6) Tertuliano diz que este costume he muito mais antigo, e só agora seria renovado (7) consta que Moysés, e Aaram jà o faziaõ. (8) S. Gregorio diz que o Apostolo S. Paulo na Cidade de Chenchreis Provincia de Achaia o praticara. (9)

(5) *Origen. Euseb. Cezar.*

(6) *Vid Const. Agap.*

(7) *Tertul. L. 2.*
(8) *Vid Exod.*

(9) *D. Hieron. ex Gregor. contra Jovinian.*

As procissoens festivas tambem no Mundo tem antiguidade grande; pois a Gentilidade cega, querendo festejar com publico, e solemne aparato suas Deidades fementidas, para sempre lhe ser propicio o seu-

seu favor, foy quem primeiro as instituhio.
(10) Os Romanos quando mais triunfantes em o Orbe florecèraõ, com esmero grande o estilàraõ; tinhão por costume fazer sahir adiante varios jogos, e diversas danças com divertidos galanteyos (11) quantidade de donzelas bem ornadas, e com capelas de flores na cabeça que espalhavaõ outras muitas do seu regaço (12) outra ordem de donzelas se seguia diffundindo odoriferos unguentos, e espalhando pelas ruas precioſos balsamos (13) seguia-se numerosa multidão de gente, concorrendo os sexos ambos com tochas acezas em as mãos, supplicando, e aplacando a geraçaõ das Estrelas Celestiaes (14) e logo se seguia multidaõ de musicos instrumentos entre vozes mais, ou menos suaves. (15)

(10) *Nicol. Jan. Voog nos Atlas mundi. Servio. Plauto. Apulcio.*

(11) *Luc. Apul. lib. 2.*

(12) *Idem ibi.*

(13) *Idem ibi.*

(14) *Idem ibi.*

(15) *Idem ibi.*

Hia logo immediata huma companhia, ou coro de mancebos bem luzidos, levando vestidas humas roupas brancas curtas, e sem mangas; e pelo meyo desta comitiva hião pregoeiros clamando ao povo com altisonantes eccos, atenção. (16) Levavão tambem em carros, ou nos braços, ou em forma de andores as figuras dos seus Deoses, entendendo que estes estimavão de andar em pès humanos; e ultimamente hião os seus Sacerdotes (na forma que praticavaõ) revestidos, levando em suas mãos, e braços as taboas do altar (17) para o que tudo tambem toldavão, e enramavão as ruas, do que faz mençaõ Valerio Flacco, e em tudo to-

(16) *Idem ibi.*

(17) *Idem ibi.*

caõ Plataõ, Plutarco, Tertuliano, Origenes, e Dionizio com Cataõ, e Lucio Apuleio(18) e quando as prociſſoens eraõ de triunfo, levavão arvoradas para ſinal de vitoria as bandeiras que tinhaõ colhido em a bataſha. (19)

(18) *Valer. Flac. Servius. Plato. Plautus. Plutarch. Cato contr. Marcum Cecil. Tertul in Epiſt. Origenes. Dioniſ. lib. 7. Luc. Apul. l. 2.*
(19) *Nicul. Jan. Voog. Plaut. Serv.*

A Santa Igreja Catholica noſſa mãy tomando por empreza tranſmutar o profano em o Divino, depois que o Ceo permitio que Chriſto verdadeira Luz vieſſe ao Mundo (20) e com ſua Real preſença o illuſtraſſe, ſendo as trevas da Gentilidade confundidas, entràraõ os Apoſtolos Sagrados (21) e logo os Pontifices Vigarios do meſmo Chriſto em a terra a dedicar, e conſagrar a Deos aquelles meſmos Templos em que os Barbaros adoravaõ a ſeus Idolos, e nelles lhe davaõ repoſtas os Demonios; e convertidas em muy Catholicos ritos as acçoens que elles obravão, permitiraõ que com prociſſoens publicas de applauſo feſtejaſſem a Deos, e aos ſeus Santos, arvorado o eſtandarte da Cruz de Chriſto, e outras bandeiras de triunfo para ſinal de vitoria, levando as Imagens Sagradas em andores com commetiva de luzes, e finalmente tudo o que ordinariamente coſtumamos.

(20) *Joan. 1.*

(21) *Acta Ap.*

O coſtume que temos os Catholicos de fazer votos, ou promeſſas aos Santos ſe livrarmos de tal, ou tal enfermidade, ſe deſte, ou daquelle negocio alcançarmos o bom ſucceſſo que pertendemos, he antiquiſſimo. Jà no tempo da Ley Eſcrita ſe praticava

com

com Deos, e Moyſés o naõ reprovou (22) os Profetas o enſinàraõ (23) os Santos Padres, e Doutores da Igreja o aconſelhàraõ (24) mas da nimia facilidade com que muitas peſſoas inconcideradamente (no que as mulheres ſe eſpecialiſaõ) fazem promeſſas, e votos, reſulta a difficuldade nimia com que ſatisfazem ao que prometem, ſendo melhor naõ prometer, do que depois de prometer naõ pagar.

(22) *Vid. Exod. Levit. Num.*
(23) *Vid Pſ. in diverſ. & alios Phoph.*
(24) *D Cyprian. Ambroſ. Hieronim. Auguſt. &t.*

Os Gentios tambem jà antiguamente obſervavaõ eſte coſtume fazendo romarias, votos, e promeſſas aos ſeus Deoſes, e às romages que faziaõ a pè deſcalço chamavaõ, como diz Viturvio com Jozefo (25) Sacrificios Nudipedales. Neſtes foraõ os Romanos exactiſſimos; e Juvenal (ſatiricamente) com eſpecialidade faz mençaõ da celebre romaria que Vernice (Irmãa d'El-Rey Agrippa como Egezipo diz (26) fez deſcalça ao Templo de Jeruſalem (27) que jà deſde entaõ ſaõ as mulheres devotas de tam longe, e ainda que lhe cuſte, inclinadas a fazer, e prometer romarias.

(25) *Joſef. de Antiquitat. Vuurv. his.*
(26) *Egeſip.*
(27) *Juvenal.*

CAPITULO XVII.

Do principio porque aos Fieis contidos no gremio da Igreja concedèraõ os Pontifices Romanos Jubileos, Estaçoens, e Indulgencias, vigorando-se estas por meyo de Bullas Apostolicas.

SEmpre foy cuidado diligente de hum Pastor vigilante, acudir com remedio promptissimo às ovelhas que apascenta, quando por algum principio as considerar necessitadas; porque sendo o bom pasto vivere necessario para a sua vital, e quantitativa subsistencia, naõ só neste hade cuidar muito, evitando, que quando nos descuidos do pabulo influidas algum lobo faminto as naõ devore; mas estando sempre com remedios necessarios prevenido, porque como saõ viventes, pódem ter alguma mortal enfermidade.

Assim mesmo no rebanho numeroso das ovelhas de Christo, que no campo fertil da Igreja espiritualmente apascenta o Pontifice Romano seu vigilantissimo Pastor; que sendo cuidadoso, e solicito na sua espiritual utilidade, as prove de remedios saudaveis para que se aproveitem, e naõ periguem, evitando que os lobos infernaes, os quaes actualmente as perseguem, nunca façaõ nellas preza, ou as devorem; e vendo que Christo Pastor Divino deixou noventa e nove ovelhas no dezerto para ir buscar huma, que se distrahira (1) deixandolhe finalmente nos Santos Sacramentos pasto, e remedios

(1) *Math.* 18. *Luc* 15.

remedios ſaudaveis, tambem com Jubileos, Graças, e Indulgencias como ſaudaveis remedios as utiliſa, querendo que na meſma ſogeiçaõ do ſeu rebanho gozem de eſpiritual liberdade.

Entre os Hebreos ſe praticava hum indulto antiguamente a que chamavaõ Jubileo pleniſſimo, e ſe concedia de ſincoenta em ſincoenta annos, porque tantos durava; no anno deſta ampla conceſſaõ ſe ſoltavaõ todos os prezos, dava-ſe a todos os ſervos, e cativos liberdade, abſolviaõ-ſe todos os delinquentes, e diſſolviaõ-ſe todas as obrigaçoens, e contratos. (2) Origenes, e Joſefo eſcrevem que Moyſés fora o que deu principio a eſte Jubileo, e lhe chamavaõ aſſim, concedendo-o primeiro em o Sabbado dia ſetimo, e no ſetimo mez tambem a que chamavaõ Sabbado dos Sabbados (3) de cuja ſolemnidade jà fallei. No anno quinquageſimo que diſſemos, atè os campos parece que gozavaõ deſte ampliſſimo indulto, porque naõ eraõ lavrados, e ſe por ſua virtude productiva davaõ alguns frutos ſem cultura, ou ſementeira, eraõ communs para todos que os quizeſſem colher; e depois com exceſſo frutificavão. De tudo fazem mençaõ Philo, e Euzebio. (4)

(2) *Numer.*

(3) *Origen. ſup. Numer. Joſef. L. 3. Antiquitat.*

(4) *Phil. Hebr. Euzeb. L. 8. de Præpar. Evangelic.*

Na Igreja Catholica logramos com a mayor felicidade ſuperior indulto, e Divina Providencia, tambem Jubileo pleniſſimo, o qual dizem varios Eſcritores ter fundamento quando o Papa Calixto I. fundou a

Igreja

Igreja de Santa Maria Trans-Tiberim, e o Emperador Conſtantino a dos Sagrados Apoſtolos, pois ſendo eſtas logo viſitadas por grande concurſo dos fieis, lhe abrio aquelle Santo Pontifice generoſamente os ampliſſimos theſouros da Igreja; e continuando outros Pontifices ſucceſſores em erigir mais Templos a outros Santos, tambem as Indulgencias, e graças continuàraõ.

O Papa S. Gregorio, a tempo que Roma ſe vio com caſtigos do Ceo bem oprimida, referem outros Autores que para modificar a ira de Deos, implorando auxilio dos ſeus Santos, determinou em aſſinaladas Igrejas certas ſolemnidades fixas, a que chamou Eſtaçoens, naõ ſem antigo, e ſolido fundamento, pois como eſcrevem Catão, e Feſto Pompeo, chamavão tambem os Romanos, Eſtaçoẽs àquellas ſuas ſolemnidades, e ſacrificios, em que ſe recomendava eſtabelidade (5) e aos que viſitaſſem concedeu infinitas Indulgencias, e Graças.

(5) *Cato. Feſt. Pomp.*

O Papa Bonifacio VIII. correndo o tempo, e querendo abſolutamente diſſuadir o grande Jubileo que os Romanos tinhaõ com feſtividade publica de cem em cem annos inſtituhido à honra de Apollo, e Diana, por Valerio Publicola, como eſcreve Capitolino na vida de Gordiano, quando de Roma ultimamente tinhaõ ſido expulſos os Reys, e o Emperador Fellipo ultimamente a confirmàra todas as vezes que fizeſſe anno centeſſimo da fundação de Roma (6) e intentando

(6) *Capitolinus. Feſt. Pomp. Nicul Jan. Voog.*

tando eſte Pontifice converter em rito Catholico aquelle uſo Gentilico, tranſmutando em Divino o profano, inſtituhio para todos os Fieis de hum, e outro ſexo no Mundo todo exiſtentes, em o anno mil e trezentos do Naſcimento de Chriſto, o Jubileo do Anno Santo com remiſſaõ de todos os peccados, iſto de cem em cem annos, viſitando peſſoalmente em Roma os lugares determinados. (7)

(7) *Conſt. Ap. Bonif. 8. P. M.*

O Papa Clemente VI. ſabendo o laberinto de gente que por occaſiaõ deſte grande Jubileo concorreo a Roma, em que o povo (ſendo a Cidade eſpaçoza) ſe naõ podia revolver, encarecendo tambem os viveres; e que de taõ grande bem ſe poderiaõ aproveitar poucos, pois os dias da vida do homem eraõ poucos, determinou que o tal Jubileo ſe ampliaſſe, e foſſe de ſincoenta a ſincoenta annos. (8)

(8) *Vid. Conſt. Ap. Clem. 6. P.*

O Papa Xiſto IV. ultimamente reduzio eſte amplo Jubileo, permitindo o houveſſe de vinte ſinco em vinte ſinco annos para que mais Fieis o alcançaſſem, e aſſim no anno de mil quatrocentos e ſetenta e ſinco o celebrou (9) e o Papa Alexandre VII. no anno de 1500. extendeo eſte Sacro Indulto às mais Igrejas da Chriſtandade, donde emanou a conceſſaõ das mais graças, Indulgencias, e Jubileos que temos, cujo valor com diſtinçaõ excellente explicaõ os Theologos Moraes.

(9) *Vid. Conſt. Apoſt Siſti 4. P. M. Vid. Conſt. Ap. Alexandr. 7.*

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Do modo que antiguamente se praticava em dar, e aceitar os juramentos respectivamente aos de hoje; e do uso de proceder com Censuras contra os delinquentes contumazes.

DEpois que (jà antiguamente) a verdade, por se achar adulterada, e entre mil ludibrios opprimida fugio do Mundo, e para o Ceo se retirou, logo os homens ficàraõ confundidos no chaos da mayor obscuridade; e parecendo navio sem leme, sino sem som, e Mundo sem Sol, torre sem grimpa, tocha sem luz, e vianda sem sal, logo entre dezasocegos se viraõ confundidos, tendo a experimental noticia de que estavaõ gravemente perjudicados.

Para remediar falta taõ grande, achando-se como cego sem moço, ou Toupeira sem olhos, principiaraõ a andar às apalpadelas, sentindo as mãos lezas para o tacto, e a cabeça variada, estupido o discurso; mas como a vontade para o mal sempre propende, logo lhe descubrio methodo com que envolvida a verdade com a mentira, procedessem a juramentos, deixando dubios os discursos de quem ouve, porque se entaõ era como hoje, que quem mais jura mais mente, deixavaõ dubios os discursos se mentiaõ, ou se fallavaõ verdade.

Para remedio da sua credulidade procedèraõ a juramentos mais graves, e os fa-

ziaõ jurando pelos ſeus olhos, e pelos da peſſoa diante de que juravaõ (1) como Ouvidio faz mençaõ. Outros juravaõ pelos ſeus Deoſes como faz Cicero mençaõ (2) e o fez Eneas a Dido como Virgilio eſcreve (3) e outros quando por Jupiter juravaõ pegando em huma pederneira, e com ella fazendo tiro diziaõ, que aſſim Deos o arrojaſſe fóra da Cidade patria ſua como elle aquella pedra arrojava, ſe à verdade faltaſſe. Feſto o teſtefica. (4)

(1) *Ouvid. hic.*

(2) *Cicer. in Epiſt. ad Apium. Pulchrum.*

(3) *Virg. Æneid.*

(4) *Feſt. Pomp.*

O mayor juramento que os antigos faziaõ, era pela ſua boa fé, razaõ porque Núma Pompilio mandou no meyo de Roma edeficar hum Templo à Deoſa Fé, a donde ſe tomavaõ os ſolemnes juramentos (5) e ſe algum faltava à verdade, era havido por publico infame, e por tal ſeveramente punido (6) o meſmo praticavaõ os Egypcios, e outras Naçoens do Mundo; e o juramento que os Hebreos praticavaõ entre ſi, era taõ ſómente, vive Deos em verdade, em juizo, e em juſtiça (7) eſte ſe vio em Abigail com David, como do primeiro livro dos Reys ſe collige. (8)

(5) *Plutarc. Dioniſ. Egeſip.*

(6) *Bapt. Fulg. Viturv. Feſt. Pomp.*

(7) *Jerem.*

(8) *I. Reg.*

Em a Ley da Graça ſendo praticado, e licito o juramento, S. Paulo o fazia dizendo, Teſtemunha me he Deos (9) e o que hoje ſe pratica por diſpoſiçaõ do Emperador Juſtiniano eſpecialmente nos Tribunaes, ou preſença dos Juizes, he pôr a maõ direita ſobre os Santos Evangelhos, com penna de que

(9) *D. Paul.*

faltando à verdade ſer aſperamente caſtigado por perjuro.(10)

(10) *Imperat. Juſtinian. in Autent. de Santiſſimis Epiſcopis.*

O coſtume que a Igreja Catholica hoje tem em caſtigar os rebeldes, e dezobedientes contumazes, procedendo contra elles com Cenſuras, pondo Intreditos, e lançando-os dos Templos, he antiquiſſimo por ſeu modo, porque jà na Ley Eſcrita em tempo dos Hebreos, e Judeos ſe praticava, ſendo obſervadiſſimo coſtume lançarem fóra do Templo, e Sinagoga a qualquer que era dezobediente aos Pontifices contra o que a Ley diſpunha, e eſte de todos era vilipendiado. (11)

(11) *Joſef. de Antiq. Jud. Orig. Theoph.*

(12) *D. Cyprianus.*

Aos que aſſim ſaõ caſtigados chama S. Cypriano homens abſtidos (12) porque em tanto eſte ſuplicio lhe dura, em quanto com a Igreja naõ ſe reconciliaõ, porque fazendo-o, conhecendo a ſua culpa, e pedindo à Igreja perdaõ com humildade de ſeu notorio erro, a meſma Igreja como amante Mãy logo a ſeu gremio os recolhe, e abſolvendo-os, os abraça; mas era bem que ſe ſentiſſe, para que os ſubditos a temeſſem, e naõ ſe fizeſſem atrevidos com ouſadia.

Eſta foy a cauſa porque os Pontifices Romanos querẽdo acudir com providencia de remedio a obviar eſpirituaes, e perniciosos damnos, procede como vemos com Cençuras atè os termos que obſervamos, para que cheyos de pejo os Catholicos mais ainda que os Judeos, quandó da Synagoga expul-

expulsos, do que faz mençaõ o Evangelista Aguia (13) e tambem o Apostolo S. Paulo, (14) naõ sejaõ no proceder temerarios, e logo naõ experimentaràõ o castigo de expulsos, que jà antiguamente tambem davaõ os Druydas, Philozofos Francezes como refere Julio Cezar, expelindo todos os delinquentes do Templo de seus Deoses. (15)

(13) *Joan.*

(14) *I. Ad Corinth. 5.*

(15) *Jul. Cæsar. in Comentariis.*

LIVRO QUINTO

Vida Religioſa, e Monaſtica.

CAPITULO I.

Que couſa ſeja a Vida Monaſtica, e quaes os ſeus primeiros Inſtituhidores. Moſtra-ſe que muitos Principes a illuſtràraõ, e nos dezertos viveraõ.

A Religioſa vida que hoje no vulgo ſe appelida Monaſtica, antiguamente Heremitica, e em Grego Anachoretica (conſervando ainda hoje os dous primeiros titulos algumas Religioens Sagradas, com diſtinçaõ, reſpectivamente a ſeus Inſtituhidores) he certamente antiquiſſima, pois muitos annos antes da Vinda de Chriſto ao Mundo prevaleceo, e deſtas he que ao depois a formal vida Religioſa ſe deduſio.

Como todas as materias que naõ ſaõ de Fé pela Igreja diffinidas, eſtaõ expoſtas em opinioẽs varias, ſupoſto eu naõ pertenda fazer opiniaõ por mim, entendo pelo que nos livros acho, que os Eſſeos a quem Plinio chama Eſſenos jà no tempo dos Hebreos foraõ no Mundo os primeiros que neſte modo de vida ſe eſpecialiſáraõ por ſeu modo.(1)

(1) *Plin. in hiſt.*

Eſtes

Eſtes jà disjunctos, e jà conjunctos, na opiniaõ de Philo, a quem cita, e ſegue Euzebio, naõ viviaõ dentro das Cidades, habitavaõ em os montes, deſpreſavaõ as riquezas, amavaõ a parcimonia, fugiaõ às diſtraçoens, por Filoſofia natural tratavaõ de Deos, e atendiaõ a tudo que era Caridade do proximo. (2)

(2) *Philo apud Euzeb. lib. 8. de Praparatione Evangelica.*

Outros querem que o grande Profeta Elias no Carmelo, e o famoſo Baptiſta nas montanhas de Judèa foſſem os primeiros Inſtituhidores, e os exemplares primeiros de taõ ſanta vida. Outros o atribuem a Santo Antaõ, e a S. Paulo, natural da regiaõ de Thebas no Egypto. Outros lhe acreſcentaõ S. Hilario (dizendo outros que Hilariaõ) S. Bazilio, S. Jeronimo; controverſia que eſte meſmo Santo Doutor nos ſeus eſcritos expoem. (3)

(3) *D. Hyeron.*

Conſiſtia eſta Santa vida Heremitica, Anachoretica, e Monaſtica em viverem os ſeus profeſſores nos hermos, montanhas, ou dezertos, ou ſolitarios, ou com muito pouca companhia, dando voluntariamente as coſtas a tudo o que era do Mundo, fugindo deſte como capital inimigo, fazendo naquella ſoledade vida aſpera, e penitente, e ſendo ſó com Deos o ſeu trato, e familiaridade; alguns dos quaes tiveraõ infinitos imitadores enchendo-ſe os dezertos da Thebaida, Egypto, Syria, Paleſtina, e outros, que ancioſa, e ambicioſamente buſcavaõ taõ grandes meſtres de eſpirito, procurando

do

do a ſua Santa companhia todos, como a ſoberanos exemplares, do que reſultou verem-ſe aquelles Varoens Santos preciſados a fazer Congregaçoens com certo inſtituto, e regimen, que depois approvado pélos Pontifices Romanos tiveraõ titulo de Religioens. Logo moſtrarey quaes deſtes as eſtabelecèraõ, e outros que à ſua imitaçaõ as fundàraõ.

Conſta dos Eſcritores antigos (reſpectivamente à antiguidade deſta inſtituiçaõ) que em tempo do Emperador Decio no anno de 253. principiou S. Paulo a vida heremitica; que S. Antaõ o buſcou no de 343. e q̃ o dito S. Paulo paſſára deſta para a melhor vida no meſmo anno, tendo 113. de idade.

Que Santo Antaõ tendo ſó 18. annos de idade, no de 271. foy para o dezerto, e no de 303. florecia jà grandemente em Santidade ſendo buſcado de muitos.

Que S. Hilariaõ ſe retirou aos dezertos da Paleſtina no anno de 307. tendo o meſmo emprego de Santa vida.

Que S. Athanazio inſtituhio em Roma a vida Monaſtica no anno de 340. a qual foy unida ao Sacerdocio por S. Euzebio Biſpo de Vercelli no anno de 350.

Que S. Martinho a introduſio em França no anno de 360.

S. Baſilio em Grecia no anno de 362.

S. Ambrozio em Milaõ no anno de 304.

* S. Agoſtinho em Africa no anno de 391.

Neſta Santa, e exemplariſſima vida florecèraõ

* *Leyaõ os Annaes de Baronio a Hiſtor. Eccleſiaſtica. ao V. Beda. Tertuliano. Euzebio, e outros.*

recèraõ por Santidade, innumeraveis Varoens, que ſervindo por ſuas agigantadas virtudes de gloria accidental a Deos, occaſionàrão muitas admiraçoens ao Mundo; e arraſtando ainda os mais illuſtres animos forão em ſeu ſeguimento grandes Principes, dos quaes para noticia aponto os ſeguintes.

Edilredo, e ſeu filho Coenredo Rey dos Inglezes ſe fizeraõ Monges no anno de 710.

Carlos Magno Rey de França ſe fez Monge no anno de 747.

Raquis Rey dos Longobardos ſe fez Monge no anno de 750.

Anſelmo Irmão de Aſtulfo Rey dos Longobardos ſe fez Monge no anno de 752.

Lothario Emperador ſe fez Monge no anno de 855.

Affonço IV. Rey de Heſpanha ſe fez Monge no anno de 927.

Hugo Rey de Italia ſe fez Monge no anno de 945.

Romualdo grande Senhor de Ravena ſe fez Monge anno de 974.

E finalmente outros muitos que aqui naõ repito.

CAPITULO II.

Que couza seja o Soberano estado da Vida Religiosa; quem fosse seu primeiro Instituidor, e quaes as primeiras pessoas que seguiraõ este Instituto.

PAra entrar a descrever a essencia quidditativa, e excellencias sublimadas da vida Religiosa, sinto hezitante o meu discurso, entre confuzoens sopîto; naõ só porque persinto a dissonante critica de seus preversos antegonistas, màs porque asinto reverente à opiniaõ do grande Agostinho, certamente sentencioſa: *Hos mores, hanc vitam, hunc Ordinem, hoc institutum, si laudare velim, neque digne valeo, & vereor, ne judicare videar, &c.* (1) se pois a obrigaçaõ de Escritor me preciza à fiel satisfaçaõ do meu projecto, e a formalidade da minha idéa naõ consente que fique truncado este composto, jà que em materias da minha profiçaõ muito alheas temerario me arrojey a escrever, nestas que da minha profiçaõ saõ proprias intrepido entro a explanar.

(1) *D. August. lib. de Ecclesiæ moribus. cap. 31.*

Por naõ parecer que affecto o que sincero escrevo, naõ seja meu grande Mestre o subtil Escoto, mas sim o Doutor Angelico, cuja sapientissima doutrina a mais se participa, o que haja de diffinir que couza seja a vida Religiosa. *Status Religionis* (diz o Angelico Doutor) *Est quidam modus vivendi, totum hominem Divino cultui applicans sub aliqua Regula, abducendo eum a curis sæculi retardantibus a perfecta charitate, & unione cum Deo.* (2) Como se dissera em o nos-

(2) *D. Thomas ut colligitur ex 2. 2. quæst. 186.*

so

ſo idioma: A vida, ou Eſtado da Religiaõ, he hum certo modo de viver, que applica todo o homem ao Divino culto debaixo de alguma Regra que haja de ſeguir abſtraindo-o de cuidados do Mundo, q̃ o retirem da perfeita caridade, ou amor, e uniaõ com Deos.

Chamaõ commumente os Santos Padres Ceo à vida Religioſa: *Religio eſt Cælum* (3) e com rezaõ certamente, porque attendida com os ſeus apices a diffiniçaõ expoſta, e ſendo à riſca pelos ſeus profeſſores obſervada, ſe póde conciderar que eſtà no Ceo o que no Clauſtro ſe exercita em taõ Religioſa vida. Paraizo de todo o goſto, e eſpiritual deleitaçaõ lhe chamou Santo Antonino: *Paradiſus voluptatis, delectationis, & gaudii;* e logo em outro lugar a appellidou: Morte figurativa: *Sancta Religio figurative vocatur mors: unde vulgariter Religioſi dicuntur mortui* (4) tambem com ſolido, e diſcretiſſimo fundamento; porque abdicando todas as dependencias mundanas, juſto he que ſe repute morto para o Mundo, o que ſó para ſervir, e amar a Deos hade ſer vivo.

(3) *Communit. SS. PP. & DD.*

(4) *S. Antonin. P. 1. tit. 5.*

Eſta ſem duvida he a cauſa, porque em muitas Religioens Sagradas, com raro acerto ſe pratîca, quando algum profeſſa, a tempo que ſe acha com o habito veſtido, deitar-ſe como morto, cobriremlhe o corpo com hum pano preto, e dobraremlhe os ſinos como ſinaes a defunto, ſervindolhe o habito de venturoſa mortalha, e o clauſtro Religioſo de muito ditoſa ſepultura; pois hade ſupor

o que à vida Religioſa ſe ſogeita, que deſde o inſtante que profeſſa, para o Mundo morre, e para Chriſto reſſucita, conſiderando-ſe no Ceo.

O que com prudente acerto (ſem que medos lhe occaſionem ſoçobros) faz eleiçaõ da vida Religioſa, moſtra que aſſentio às inſpiraçoens do Ceo, e attendeo aos concelhos de Chriſto (5) porque ſuppoſto ſe repreſentem temores na Cruz para que o meſmo Chriſto os convida, dizendolhe que ſe o querem ſeguir a tomem (6) e mais ſe inclinem os animos tibios, e cobardes a lograr prazeres, que a ſuportar pezares, ſe attentos advertirem que em todos os Eſtados experimentaõ pezada Cruz, talvez os que naõ a quereriaõ, a da Religiaõ ſendo voluntaria, e tendo-ſe neſta acçaõ por exemplar a Chriſto, que logo inſinua naõ he a ſua Cruz carga pezada, mas jugo leve (7) vigorados aſſim os animos ſe aceita com mil goſtos eſta Cruz, por tantos juſtamente appetecida.

(5) *Vid. S. Evang. in diverſ. loc.*

(6) *Math. cap.* 16.

(7) *Math. cap.* 11.

O Inſtituidor primeiro deſta Religioſa vida com formalidade, em o gremio da Catholica Igreja, temos por certo, que foi Chriſto, o qual naõ ſó com palavras ſuas a enſinou (8) mas em certo modo com ſeu Santiſſimo exemplo a ſeguio. Os Apoſtolos ſagrados nas ſuas peſſoas a praticàraõ (9) e foy a primeira Communidade Religioſa, que houve na Ley da Graça, propagando-ſe logo com felicidade eſta religioſa vida na

(8) *Math. cap.* 19.

(9) *Math. cap.* 2. *& in diverſis.*

na grande Communidade dos ſetenta e dous Diſcipulos, que ſe aggregàraõ ſeguindo do meſmo Chriſto a doutrina, ſendo os primeiros Chriſtãos, que houve em Jeruſalem (10) imitados de outros em Alexandria, ſupoſto eſtes todos de que tratamos naõ fizeraõ Communidade em rigoroſa clauſura.

(10) *Acta Apoſt. 2.*

Neſta religioſa acçaõ de Communidade em clauſura, verificaõ Eſcritores graves, que o ſexo femenino tivera a primazia, àttribuindo a Martha irmã de Lazaro, a Marcelha, que com vozes louvou a Chriſto, e a outras virtuoſas mulheres daquelle tempo eſta excellencia; o que parece ſe comprova por verificar S. Dionizio, que no ſeculo primeiro do Naſcimento de Chriſto houvera jà dez Moſteiros, ou Recolhimentos de Virgens; ainda que ſuccedeſſe terem clauſura menos rigoroſa do que hoje. (11)

(11) *D. Dioniſ. in lib de Hierarq. Eccleſiaſt. cap. 10.*

Para ſe julgar factivel eſta probalidade, tem por ſi o ſexo femenino terſe antiquiſſimamente eſtabelecido nelle (ſupoſto que com gentilicos ritos) a primeira Communidade, que como Convento, ou Recolhimento em clauſura conſta haver no Mundo, qual foy o das Virgens Veſtaes, inſtituido primeiramente por Aſcanio, filho de Eneas em Albalonga, e no Capitolio de Roma, das quaes diz Aulo Gelio, que a primeira Virgem elegida ſe chamou Amata (12) e do Convento, ou Recolhimento de Roma a primeira ſe chamou Gigania, hindo logo ſucceſſivamente Verenia, Camila, Tarpeya,

(12) *Aul. Gel.*

e outras, ſendo Numma Pompilio, como Protector deſtes Conventos, que mais em diverſas partes ſe fundàraõ. Em o noſſo Portugal vi eu veſtigios de hum, ainda do tempo dos Romanos, e o inſinuaõ as inſcripçoens em pedra, que no ſeu Templo li, e he (tranſmutado de profano em Divino) o Religioſiſſimo Convento de Chellas junto à famoſa Corte, e Cidade de Lisboa.

Deſde o anno de 159. do Naſcimento de Chriſto o Santo Pontifice Pio decretou as Ceremonias para a conſagraçaõ das Virgens, eſtabelecendo-ſe neſte ſexo o eſtado, e vida Religioſa. (13) S. Cypriano, e tambem Tertuliano nas ſuas Obras trataõ difuſamente neſta materia, approvando no ſexo feminino eſta Santa, e religioſa vida. (14)

(13) *Decret. Pii Pontif. Max.*

(14) *D. Cyprian. Tertulian.*

CAPITULO III.

Moſtra-ſe quem foraõ na Ley da Graça os primeiros, que eſtabelecèraõ diſperſamente Conventos para vida Religioſa, e quaes os primeiros, que com formalidade de Religioſa vida inſtituiraõ Ordens, ou Religioens Sagradas com votos ſolemnes, Regra certa, e approvaçaõ Pontificia.

Ad hoc cap. vide S. Antonin. S. Petr. Dam. Caſſian. Paul. Morigia. Plati. Fleuri. Bollando. Yepes. Joſeph Pellicer. Juan Aguas. Pedr. de Pulgar. Pedr. Crecencio. Pio Roſſi. Bivar. Gueſnay. Suares. Lucas Acheri.

JÁ no Capitulo primeiro deſte Livro inſinuamos, que Santo Athanazio, S. Martinho, S. Bazilio, S. Ambrozio, e Santo Agoſtinho, cada hum com ſeus companheiros obſervàraõ a vida Religioſa; e porque naõ ſe comprova neſte caſo ſerem dezertos a ſua morada, mas ſim em Cidades de Roma, França, Grecia, Milaõ, e

Africa

Africa, a ſua ſubſiſtencia, claramente ſe deve entender, que em Religioens, Conventos que fundaſſem, ſeriaõ as ſuas moradas; mas como eſta illuſtre acçaõ como jà moſtrei (1) ſe obrou deſde o anno 340. atè 391. do Naſcimento de Chriſto, conſta de varios Eſcritores, que antes, e depois houve outros Varoens notaveis, que por ſemelhantes principios puzeraõ em praxe a Religioſa vida em diſperſas Conventualidades, pois fazendo-o Santo Antaõ no Egypto em o anno de 303. Santo Hilariaõ na Paleſtina, anno de 307. e S. Pacomio em Thebas, anno de 318. achamos fez o meſmo S. Honorato em Lerino, anno de 426. e em tempo de S. Simaõ Eſtelita ſe achou fundado o Moſteiro dos Eſtuditas em Conſtantinopla, anno de 460.

(1) *Vid. cap. 1. lib. 5. deſta obra. Vide: Maurolico. Holſtenio. Siguença. Carlos Tapia. Spondano. Pariſetti. Paul. Ant. Ranci.*

Quem foſſe o primeiro que fundaſſe Religiaõ com formalidade, com Regra certa, e profiſſaõ de votos, e com approvaçaõ dos Pontifices Romanos, tem havido notabiliſſimos debates, e apologias odioſas com diſputa de antiguidades; e como naõ pertença ao meu aſſumpto apurar verdades em materia taõ opinativa, proteſto, que naõ he o meu intento offender alguma Religiaõ Sagrada, pois todas venero reverente, nem defender o que logo eſcreverei, ficando ſempre em todo ſeu vigor as opinioens, que ſeguem ſeus ſapientiſſimos Chroniſtas, e eu farei por ſeguir as dos que por nenhuma das partes conſiderar apaixonados.

Ordem de S. Bento.

A Sagrada Religiaõ Benedictina em o commum

commum dos Eſcritores ſe venera pela Ordem mais antiga, ſendo eſta a primeira, cujos profeſſores fizeraõ os tres votos, e teve toda a formalidade com authoridade Apoſtolica. Seu Fundador foy Saõ Bento, natural de Nurcia, Cidade de Umbria na Italia, naſcido em o anno de 480. deixou o Mundo no anno de 494. retirando-ſe ao dezerto, e finalmente vindo a Sublaco, ou Sublaqueo povo, que fora dos Latinos na vizinhança de Roma, ou naõ diſtante muitas legoas, naõ ſe reſolveo a fazer aqui o ſeu aſſento; pelo que procurando o monte Caſſino, nelle lançou os primeiros fundamentos de ſua Religiaõ no anno de 510. do Naſcimento de Chriſto, ajuntando a todos os ſeus Diſcipulos, que ſe achavaõ diſperſos, e no anno de 529. edificou o Moſteiro do monte Caſſino.

Creſceo tanto eſta nova planta, que aparecendo grande arvore no Paraizo da Igreja naõ ſó extendeu ſeus braços em breve tempo a muitos Reynos, e Provincias, mas dilatou ſeus frondozos ramos nas Familias, ou Ordens Cluniacence, Camaldulenſe, Valiſumbrenſe, Monteolivenſe, Grandimontenſe, Ciſtercienſe, e Sylveſtrenſe, àlem de outras quatro que o Papa Martinho V. reduzio à Religiaõ Benedictina.

Eſta Religiaõ Sagrada deſde a ſua origem atè o Concilio de Conſtancia, dizem opinioens diverſas, que tem dado à Igreja cincoenta e cinco mil Santos cannonizados,

outros

outras que trinta mil, e outras contaõ quinze mil, ſendo certo que foraõ muitos, entrando neſta conta trinta e nove teſtas coroadas. Governou emfim eſta Religiaõ a Igreja, a quem deu trinta e ſinco Papas, duzentos Cardeaes, 1164 Arcebiſpos, 3512. Biſpos. *

A Religiaõ Benedictina tem experimentado em diverſos tempos grandes emulaçoens, e controverſias graves ſobre a ſua Primazia, moſtrando outras Ordens preferirlhes, tendo na fundaçaõ anterioridade. Naõ fallo nas que em o noſſo Portugal florecem, por naõ ſuſcitar memorias odioſas do paſſado; ſó aponto por exemplar a Ordem de S. Bazilio, que fundando-a eſte Santo Doutor ſendo Biſpo da Cidade de Cezarea na Capadocia em o anno 373. do Naſcimento de Chriſto, e dandolhe Regra em ſolemnidade de votos, precedeo ſem duvida muitos annos antes na fundaçaõ à Ordem Benedictina.

Mas porque no commum ſentir da Igreja, e intelligencia dos Doutores, he reputada por Religiaõ mais antigua a que primeiro foſſe pelos Romanos Pontifices approvada, e na calculaçaõ do Papa Innocencio II. ſe moſtra preferir na primazia da approvaçaõ a Ordem de S. Bento à de S. Bazilio ſupoſto que taõ antigua *Secundum Regulam Beati Benedicti, Baſilii, &c.* o que por outros muitos principios ſe comprova; podemos ſem temeridade entender, que a Ordem de S. Bento

* *Da antiguidade e excellencias deſta Religiaõ vide Ceſar. Baron. Card. in Annal. Belarmin. Card. Thomás Garçon de Bagnacavalo, Piazza Univerſale de tuttile profeſſioni del mondo Roberto Holchot. Benedictin. Luzit. Genebrardus. Trithemius. Pedro Raulino. Joannes Andrea. Gabriel Penoto. Boerius de Statu Eremitarum. Bonifatius Simoneta. S. Gregor. Mag. Angelus Manrique. Gofridus Card. Dioniſ. Carthuſ. Benedictus Haefrenus. Thomas a S. Cyrilo. e outros muitos.*

Legito
Lope de Olmedo, Barboza. Angel. Cherub. Hiacinte Donat. Hieron. Roman. Luis de Miranda. Octavio Pancirolo Dempſter. Marques

Ordem de S. Bazilio.

Vid.
Gabriel Pennoto. Vuſpergenſe. Baptiſta Aloviſian. Ambroz. Eſteviano. Alanzuri. Vincencio Petra. Ambroz. Coriolan. Abram Bzovio. Roberto Holcoth. Lé payge. Luitprando. Moſcon.

Vid. Innoc. II. in Decret.

to

to por ſer primeiro que todas approvada, e confirmada, he de todas a mais antigua, logrando o explendor da Primazia.

CAPITULO IV.

Da Inſtituiçaõ das Religioſas Ordens de Valumbroza, dos Conegos Regrantes, de Grandemonte, da Cartuxa, de Santo Antaõ, e de Ciſter. Fala-ſe na de S. Bazilio, Santo Agoſtinho, e outras.

Ordem de Valumbroza.

A Ordem de Valumbroza foy fundada por S. Joaõ Gualberto, filho de pays nobiliſſimos, e natural da Cidade de Florença, o qual por occaſiaõ de hum prodigio que no ſeu tempo ſe vio abaixando huma Imagem de Chriſto Crucificado a cabeça a hum homem que pedio perdaõ (na ſua preſença) de hum aggravo cometido, logo com reſoluçaõ deixou o Mundo, e no anno mil e quarenta do Naſcimento de Chriſto inſtituhio eſta Ordem Religioſa.

Conigos Regrantes de S. Agoſtinho.

Vide.
Felip. Bergomenſe
Lour. Landtmerth.
Valer. Embun.
Cochier.
Fr. Ant. da Purif.
Anton. Galonio.
Joaõ de Ipre.
Murtene.
Hyeron. Romi.
Eugubino.
Fr. Rafael de Ihi.
Geminian.
Felino. Crucio.
Caſſialupo.
Pandelfino.
Poliodor. Virgil.
Lancelloto.

A Ordem dos Conegos Regrantes tem contradiçoens reſpectivamente ao Fundador; o que ſó quero dizer he, que o Papa Alexandre II. em hum Concilio celebrado na Igreja de S. Joaõ de Latraõ determinou que os Conegos daquelle tempo adiante viveſſem a modo de Monges: iſto no anno de 1063. Mas para que naõ fique tanto em ambriaõ eſta noticia, referirey o que em diverſos Eſcritores acho reſpectivamente a eſta Religioſa Ordem.

Graves opinioens de doutiſſimos Autores

res asseveraõ que o grande Doutor Luz da Igreja S. Agostinho fora o Fundador desta Ordem, quando existindo Bispo de Hyponia reformou os Conegos daquella Sé dandolhe Regra de viver, e novo Instituto de vida: Outros depois de apontàrem sua primeira fundaçaõ no Convento de S. Salvador com o nome de Escopetinos, edeficado por Estefano, e Jacobo illustres Varoens de Senna com approvaçaõ do Papa Gregorio undecimo, dizem que em hum Convento chamado Lateranense situado no campo de Luca Regiaõ de Hetruria(a naõ ser esta Ordem aqui fundada)fora reformada,augmentada,e approvada pelo Papa Eugenio IV.equivocando talvez os nomes de Convẽto Lateranense com a Igreja de S. Joaõde Latraõ assima dita.

Outros Escritores dizem que o terceiro Convento dos Conegos Regrantes fora em Alga com o titulo de S. Jorge fundado por Lourenço Justiniano, depois Santo, natural, e Patriarca de Veneza, aos quaes destinguio dos Conegos Regulares em o modo de vida, e concervando-lhe a fórma do habito os dessemelhou na cor azul, sendo estes hoje chamados Conegos Seculares da Congregaçaõ do Evangelista, a quem vulgarmente na Corte de Lisboa respectivamente ao lugar em que fundàraõ, se chamaõ os Padres Loyos, estou pelo que sente o Reverendissimo P. M. Francisco de Santa Maria, douto, e sabio Chronista.

Congregaçaõ dos Conegos Seculares do Evangelista.

De his & sequent. Legito Indic. Scriptorum.

Outros disputaõ antiguidades entre os

Conegos Regrantes, e Eremitas de Santo Agoſtinho, e ainda entre os Religioſos Agoſtinhos Deſcalços, a que tambem o vulgo Luſitano chama, Padres Grilos, reſpectivamente à ſua fundaçaõ neſte Reyno em hum lugar chamado o Grilo junto à Corte de Lisboa, ſervindolhe de fundamento o dizer, que Santo Agoſtinho primeiro viveo no Ermo, com vida reformada, e aſpera, doque foſſe Biſpo de Hyponia. Neſtas materias nada approvo, nem reprovo, eſtou pelo commum ſentir, aſſinto ao que mais veroſimel for, e acredito o que os Sapientiſſimos Eſcritores, e Chroniſtas deſtas Religioens Sagradas (que venero) eſcrevèraõ.

Eremitas de S. Agoſtinho.

Agoſtinhos deſcalços

A Religiaõ, ou Ordem de Grandemonte foy fundada por Santo Eſtevaõ, natural de Mureto, Provincia de Aquitania; outros dizem, que por Eſtefano, natural de Alvernia, e fundada em Aquitania. Convem todos ſe eſtabeleceu debaixo da Regra de Saõ Bento, no anno de 1076.

A Ordem da Cartuxa foy fundada por S. Bruno, no anno 1080. outros dizem q̃ no de 1086. ſendo motivo deſte facto o cazo bem ſabido de hum amigo ſeu Doutor de Pariz, o qual no juizo dos homens eratido por bom, e no Juizo de Deos (como meſmo publicou depois de morto) foy condenado. Era Bruno natural da Cidade de Colonia, Cathedratico de Filoſofia na Univerſidade de Pariz; foy a ſua fundaçaõ na Dioceze de Granoble Cidade de Galia Celtica; ſeu

Ordem da Cartuxa.

Inſti-

Instituto foy aspero com abstinencia, silencio, e clausura, que hoje observaõ seus Religiosos Professores modificada.

A Ordem de Santo Antaõ, dizem os antigos Escritores ser instituhida por este Santo Eremita com modo aspero de penitente vida, e rara abstinencia; a qual Ordem se Gaston Patricio de Vienna (como outros querem) em attençaõ ao mesmo Santo, de que lhe deu o titulo, a naõ instituhio, ao menos foy por elle suscitada no anno 1095. do Nascimento de Christo. *Ordem de S. Antaõ.*

A Ordem de Cister foy fundada debaixo da Regra de Saõ Bento, posta novamente em seu primeiro vigor, por Roberto Abbade de Molisma, levando comsigo para esta reforma vinte Monges; e a estabeleceo em hum lugar dezerto, e fragozo, chamado Cistercio, no Bispado Cabilonense, Ducado de Borgonha, no anno 1098. do Nascimento de Christo. *Ordem de Cister.*

CAPITULO V.

Da Illustre Congregaçaõ da dita Ordem de S. Bernardo, da Fonteuradense, dos Humilhados, dos Permonstratenses, dos Guilhelmistas, dos Cruciferos, dos Trinitarios, Paulistas, Mercenarios, e das Ordens de Valdecouves, e Escolasticos.

A Excelente Ordem, ou Congregaçaõ de S. Bernardo se verifica foy instituhida por este Castilionense Cavalheiro, natural de Borgonha, o qual por superior impulso, como *Ordem de S. Bernardo.*

referem as Chronicas (1) tendo 22. annos de idade, recebeu na Religiaõ de Ciſter o Santo habito, e com brevidade foy eleito Abbade de Claraval, anno de 1115. amplificando de tal ſorte eſta Congregaçaõ illuſtre, que antes de ſeu glorioſo tranſito, que foy no anno de 1153. tinha fundado jà 60. Conventos.

(1) *Chronic. de Ciſter. p. 1.*

Ao noſſo Portugal ſe extendeo, adonde fez fundaçoens, e com generoſa maõ do noſſo invictiſſimo Rey Dom Affonſo Henriques ſe vê edificado o ſumptuoſiſſimo Moſteiro de Alcobaça, dandolhe muitas rendas, e a ſeus digniſſimos D. Abbades geraes o ſerem ſenhores Donatarios de treze Villas, adonde apreſentaõ Igrejas, poem Juſtiças, e nomeaõ Officiaes de guerra, ſendo tambem concedida a ſeus Geraes a honra de Eſmoler mór dos Reys Sereniſſimos de Portugal, para o que ſempre tem na Corte de Lisboa hum digno ſubſtituto. O dito Moſteiro de Alcobaça he de tal grandeza, que refere o doutiſſimo Fr. Bernardo de Brito, viviaõ nelle antiguamente 999. Monges: Para o throno de Portugal ſahio com grande credito deſta Religiaõ ſagrada o Cardeal Rey Dom Henrique. (2)

(2) *De tudo vid. Raynaud. t 9. Laurenc. Zamora. Felipe Seguino. Viegas na Chro. Angelo Manrique. Fr. Bernard. de Brito nas ſuas obras, e outros.*

A Ordem Fonteuradenſe ſe diz que foy inſtituhida com admiravel norma, por hum famoſo Roberto de Abruſſel; naõ achei com certeza em que anno, ſó ſim que ſeu fundador falecera no de 1117.

Ordem de Fonteuradenſe.

A Ordem dos Humilhados foy inſtituhida, dizem

Ordem dos Humilhados.

dizem hũs, q̃ no tempo do Emperador Henrique, outros q̃ no de Federico Emperador, por certos homẽs desterrados da Galia Cisalpina, os quaes tendo de seu Monarca perdaõ, delle alcançàraõ o indulto para esta Ordem, que fundàraõ, a qual cresceo com tanto augmento, e louvor, q̃ Innocencio III. e outros. Pontifices seus successores a confirmàraõ.

Ordem dos Permonstratenses.

A Ordem Permonstratense foy instituhida na Diocese de Lauduno por S. Norberto, natural de Lorena, em o anno de 1120. extrahindo da Regra de Santo Agostinho o aspero Instituto, e alcançou do Papa Calixto II. a sua approvaçaõ.

Ordem dos Guilhelmitas.

A Ordem dos Guilhelmitas foy instituida debaixo da Regra de S. Bento; naõ se verifica o nome do fundador, e se entende seria filho daquelle Santo Patriarca. Comprova-se ter sido no anno de 1124.

Ordem dos Cruciferos, ou Cruzados.

A Ordem dos Cruciferos, a que outros Autores chamaõ dos Cruzados, (se he que naõ saõ duas diversas) tem duas opinioens por si; pois huns supondo-a antiquissima, dizem, que fora fundaçaõ do Papa Cleto, discipulo de S. Pedro, por huma revelaçaõ que teve, estabelecendo nella em Roma Hospital dos Enfermos peregrinos, e era do seu Instituto trazerem sempre comsigo huma Cruz; outros com mais probabilidade attribuem esta fundaçaõ a Cyriaco Patriarca de Jerusalem determinando aos seus Professores trouxessem sempre huma Cruz na mão. Innocencio III. e Pio II. favorecèraõ

vorecèraõ muito eſta Ordem, e em alguns Conventos trazem os ſeus Profeſſores habito negro com cruz branca, e encarnada no peito, ſeguindo a Regra de S. Bento.

Ordem da SS. Trindade.

A Ordem dos Trinitarios a que chamamos da Santiſſima Trindade, foy inſtituhida com revelaçaõ do Ceo, diſpoſiçaõ, e approvaçaõ Pontificia por S. Joaõ da Matta, e S. Felix de Valois, que viviaõ em França junto ao campo Meldenſe; e fazendo Deos a meſma revelaçaõ ao Pontifice, lhe concedeu habito branco com Cruz no peito azul, e encarnada, ſendo ſeu Inſtituto reſgatar os Cativos, ainda a expenſas da propria vida. Foy a ſua erecçaõ no anno de 1208.

Ordem dos Pauliſtas.

A Ordem dos Eremitas de Saõ Paulo na Hungria foy eſtabelecida no anno de 1215. do Naſcimento de Chriſto.

Ordem nos Mercenarios.

A Ordem dos Mercenarios foy inſtituhida por ElRey Dom Jaime de Aragaõ com titulo de noſſa Senhora da Redempçaõ dos Cativos no anno de 1212. e trazem no peito ſobre o Eſcapulario, e habito branco hum Eſcudête com as Armas do Reyno de Aragaõ, e por ſima deſtas, huma cruz com figura de Commenda. Dizem, que no anno de 1218. foy ſua approvaçaõ pelo Papa Gregorio IX.

Ordens dos Eſcolaſticos, e de Val de Couves.

As Ordens de Valdecouves, e dos Eſcolaſticos foraõ ambas quaſi no meſmo tempo inſtituhidas, e ſe entende ſer no anno de 1219. e naõ conſta que foſſem muito ſeguidas.

CAP.

CAPITULO VI.

Das duas Sagradas Religioens Dominicana, e Franciſcana, Columnas da Igreja Catholica.

ESTes dous Santiſſimos Patriarcas companheiros, e amigos, que no meſmo tempo florecèraõ, S. Domingos, e S. Franciſco meus Padres, a quem em carne humana ainda neſte Mundo exiſtentes, por vezes, e ſó em huma vinte Anjos do Ceo ſerviraõ (1) eſtes que foraõ os dous Atlantes em cujos hombros ſe reparou a Monarquia da Igreja arruinada (2) as duas famoſiſſimas Columnas em que ſe ſuſtentou com eſtabelidade o eſpiritual edeficio (3) os dous protentoſos Cherubins que com as eſpadas do ardente zelo deffendèraõ o Paraizo Eccleſiaſtico (4) em fim eſtes dous eſclarecidos Santos hum dos quaes foy viſto no peito do Eterno Padre (5) outro no lado de JESU Chriſto (6) fundàraõ ſuas Religioens Sagradas quaſi em o meſmo tempo.

Ordem de S. Domingos.

(1) *Malvenda.*

(2) *in vita.*

(3) *Monopoli.*

(4) *Caetanus.*

(5) *Granat. Concion.*

(6) *Berchor.*

S. Domingos meu Padre, Heſpanhol de naſcimento, e da illuſtre familia dos Guſmoens, que conſervando a Virginal pureza (7) ſe applicava a todo o exercicio das virtudes, inſtituhio como famozo Patriarca ſua Sagrada Religiaõ no anno 1205. do Naſcimento de Chriſto, e logo no de 1220. foy pela Santa Sé Apoſtolica confirmada, ſendo os ſeus progreſſos tantos por virtudes, e letras

(7) *Malvenda & alii.*

letras em que ſe eſmeràraõ ſeus venturozos filhos, que merecendo o titulo de Ordem dos Prègadores, com tal exceſſo (pelos principios ditos) a illuſtràraõ, que nas Univerſidades principaes do Mundo merecèraõ as cadeiras (8) e no Ceo alcançàraõ tronos; o que bem verifica o doutiſſimo Fr. Pedro Calvo ſupoſto que Eſcritor antigo (9) apontando ſó do anno 1500. até 1618. mais de 3000. Religioſos celebres em Santa vida, ou com coroa de martirio, ſem fazer menção dos que em França Inglaterra, e Holanda em mais de 600. Conventos deſtruhidos foraõ pela Fé martyrizados, reputando-ſe 2600. em o numero.

(8) *Malvenda. Claveria. Pinelo.*

(9) *Fr. Pedr. Calv. Lima. e outros muitos. Vide Indic. Scriptor.*

Meu Serafico, e grande Patriarca S. Franciſco de Naçaõ Italiano, e naſcido em Aſſiz inſpirado por Deos, ouvindo ſeu Sagrado Evangelho, com o mayor zelo da ſalvaçaõ das Almas inſtituhio ſua Religiaõ em o anno de 1208. conforme o opiniaõ mais certa (10) governando a Igreja Romana o Papa Innocencio III. e ſendo Rey de Portugal D. Sancho I.

Ordem de S. Franciſco.

(10) *Fr. Marcos p. 1. livr. 1. cap. 7. Fr. Lucas tom. 1. in apparat. §. 5 n. 16. e an. 1208. n. 13. e an. 1210. n. 18.*

Em o anno ſeguinte ſe achou logo eſta nova planta taõ creſcida que fez vulto na Igreja de Deos, tendo jà cabeça, e membros com Prelados, e muitos ſubditos. No outro ſeguinte anno de 1210. foy vocalmente approvada pelo dito Innocencio III. e depois confirmada por huma Bulla de Honorio III. aos 29. de Novembro de 1223. tendo ſido contra a opiniaõ de alguns (11) verda-

(11) *Fr. Hier. Roman. en la Repub. livr. 6. cap. 20.*

verdadeira, e legitima aquella approvaçaõ primeira, como declarou o meſmo Pontifice no Concilio Lateranenſe anno de 1215. (12) tendo meu Padre S. Franciſco, e ſeus primeiros filhos profeſſado os tres votos ſolemnes nas ſuas mãos (13) e eſta meſma declaraçaõ fez tambem o Papa Honorio no anno de 1220. (14)

(12) *Suar. de Relig. tom. 4. l. 2. cap. 7. ex Concil. Lateran.*

(13) *Fr. Lucas anno 1210. n. 16. an. 1215. n. 33.*

(14) *apud Rodrig. in Bular.*

Rigoroſamente fallando naõ inſtituhio meu Patriarca S. Franciſco Regra a ſeus filhos, mas ſó lhe deu renovada aquella meſma Regra que Chriſto dera a ſeus Diſcipulos Sagrados, fundada no Santo Evangelho: aſſim o entendeo, e proferio o Papa Niculao III. em a Decretal *Exiit qui ſeminat* (15) razaõ porque attendido o fim do noſſo Inſtituto reſpectivamente ao dos Apoſtolos deu Gregorio IX. Alexandre IV. e o Cardeal Vitriaco á minha Religiaõ Sagrada o titulo de Ordem dos Prègadores: *Hæc eſt Religio vere pauperum Crucifixi, & Ordo Prædicatorum, quos fratres Minores appellamus.* (16)

(15) *apud. Rodrig. in Bular.*

(16) *Vid. Bular.*

Havia ſó nove annos que eſtava eſta Religiaõ approvada, e era jà o ſeu augmento taõ grande, que no Capitulo geral chamado das eſteiras ſe achàraõ mais de ſinco mil Religioſos a quem os Anjos miniſtràraõ (17) ficando nos Conventos outros muitos para ſervir as Communidades, e foraõ tantos os pertendentes que a eſte lugar concorrèraõ pedindo com inſtantes ſupplicas o Santo habito, que ſe aceitàraõ quinhentos noviços, havendo jà para a ſua recepçaõ caſas deputadas. (18)

(17) *Vid. Chronic.*

(18) *Vid. Chron.*

Vid & lege.
Marian. de Flor.
Gonzaga.
Rebolledo.
Lud. Bozio.
Pizano.
Fr. Marc. de Lisb.
Fr. Dam. Cornejo.
Miranda.
Agoſt. Manrique.
Felippe Dias.
Santes Pagnino.
Alcaçar.
Moura.
Villegas.
Garibay.
Salazar.
Fern. Lopes.
Willot.
Thritemio.
Lucio Marino.
Pelbarto.
Platina.
Matheus Alemaõ.
Ferrario.
Mariz.
Barezzo.
Vaſconcelos.
Ant. de Sliſi.
Soſpitel.
Merchancio.
Ant. de Veneza.
Franc. de S Clara.
Franc. de Mendoça.
Guilielmo Herinex.
Pedr. Berchorio.
Hieron. la Nuza.
Anton. Serpenſe.
Gaudenc. Bontemp.
E outros que neſtas materias eſcreveraõ vid. Indic. Scriptorum. ultra alegatos.

Eſta pois foy a Primeira Ordem que meu Serafico Patriarca eſtabeleceo (fundando logo com igual eſpirito Segunda, e Terceira de que farey logo mençaõ) e chegou a tal augmento, que ſupoſto hum corpo com tres cabeças pareça monſtro, eſta na grandeza o pareceo; entendèraõ os Pontifices Romanos a quem o Eſpirito Santo aſſiſte que ſe podiaõ fazer licitamente concizoens neſte myſtico, e religioſo corpo para o ſeu bom regimen, vendo-o jà taõ grande que ao Orbe todo occupava; e aſſim tendo os noſſos Padres Clauſtraes, ou Conventuaes alcançado da benignidade Apoſtolica algumas diſpenças para modificar os rigores do noſſo Inſtituto, ſe dezanexou grande parte deſte todo, ſoſtendo por mercè Divina a rigoroſa obſervancia, ſem admitir aquellas diſpenças permitidas, mas ſó concervando o Inſtituto primeiro no ſeu rigor.

Com algum exceſſo parece ſe anticipàraõ os doutiſſimos Padres Miranda, e Alva em aſſentar que a tal diſpenſa pelos Clauſtraes conſeguida fora no anno de 1226. eſtando naquelle tempo ainda taõ freſca a memoria de meu Santo Patriarca, e por ſolida opiniaõ ſe entende ter ſido no anno de 1244. concedendo-a o Papa Innocencio IV. e confirmando-a Alexandre IV. ſeu ſucceſſor.

Os que com mais agigantado eſpirito naõ quizéraõ admitir a diſpença ſolicitada em a Regra, fizeraõ entre ſi varias digreſſoens

ſoens eſtabelecendo, ou erigindo Congregaçoens diverſas, com diſparados titulos de Amadeos, Clarenos, Cezarenos, Collectaneos, Caperolos, do Capucho, ou do Santo Evangelho; os mais deſtes em fim ſe uniraõ com o titulo de Frades da mais eſtreita obſervancia, fazendo hum notavel corpo por ſi, a que deu principio Fr. Paulo de Frincis no anno de 1368. dezanexando-ſe da obediencia dos Conventuaes totalmente no anno de 1517. por Indulto de Leaõ X.

Ao primeiro Geral que eſte Pontifice nos concedeo transferio o Sello da Ordem com as mayores preheminencias (19) declarando ao dito Miniſtro geral da Obſervancia por verdadeiro, e legitimo ſucceſſor de noſſo P. S. Franciſco, com tanta ſuperioridade, e governo na Religiaõ, que por elle era confirmado no officio o Prelado Geral dos meſmos Conventuaes (20) ficando o da Obſervancia como Generaliſſimo intitulado Miniſtro Geral de toda a Ordem dos Frades Menores de S. Franciſco, gravando-ſe eſte meſmo Caracter no Sello Geral de ſeu Officio, mas deziſtio do acto da confirmaçaõ que agora diſſemos.

(19) *Bul. 1. & 2. apud Rodrigues.*

(20) *Vide P. Eſperança.*

Deſta venturoſa Obſervancia ſahio para mais reforma o P. Fr. Matheus de Baſchio Religioſo verdadeiramente Apoſtolico, e erigio no anno de 1526. ainda mayor reforma com capelo piramidal a que hoje ſe chama Ordem dos Capuchinhos (ſendo realmente a meſma Ordem, e Regra) e paſ-

Ordem dos Capuchinhos.

sados dous annos, foy por indulto Apostolico nomeado, e eleito seu Geral (21) ficando assim a Ordem Serafica com tres Geraes independentes hum dos outros, para poder governarse com mais commodidade esta vastissima, e Serafica Monarquia, intitulando-se por distinçaõ em o principio o Prelado dos Conventuaes, Mestre Geral, o dos Capuchinhos, Vigario Geral, mas o nosso da Observancia, Ministro geral de toda a Ordem, como ainda hoje se appellida, e o mostra a inscripçaõ do seu Sello.

(21) *Gonzaga pag. 61. Daça l. 3. c. 39. Fr. Hyeronim. Serbo in Compend. prævileg.*

A este se oppozèraõ com demanda, sofrendo mal este Caracter, os Conventuaes, ou Claustraes, sendo Pontifice Urbano VIII. que remetendo à Sagrada Congregaçaõ dos Ritos a decizaõ deste projecto, ficàraõ vencidos por sentença no dia 22. de Março de 1631. o qual Decreto nestas palavras finaliza.... *Sacra Rituum Congregatio respondit nihil innovandum, & Ministrum Generalem de observantia legitime usum fuisse, & uti posse titulo, & sigillo cum inscriptione Ministri Generalis totius Ordinis fratrum Minorum, & ita servari mandavit die 22. Martii, anno 1631.*

Vide Bular.

Tanto em fim cresceo em numero de Provincias, Custodias, Conventos, Hospicios, Perfecturas, Parroquias, e Religiosos, esta illustre Observancia espalhada pelo Mundo todo, que sendo impossivel ao Ministro Geral governar tudo, e difficilimo o recurso dos subditos a seu Prelado, se elegeo com unanime concenso, e indulto

Apos-

Apostolico hum Commissario Geral, dividindo-se pelos Alpes sem cofuzaõ o seu governo, ficando assim duas familias Sismontana, e Ultramontana com alternativa em Roma, e Castella, adonde os Monarcas daquelle Reyno daõ aos nossos Reverendissimos Geral, ou Commissario Geral, o titulo de Grande de Hespanha com outras sublimes honras.

E tornando nòs ao principio de minha Religiaõ Serafica, depois que meu Patriarca S. Francisco fundou a primeira Ordem dos Menores, instituhio segunda de Donas enserradas, ou Freiras pobres, que tomou o nome de Ordem de Santa Clara, por ser esta sua primeira planta, a quem meu Serafico Padre deu o habito na Cidade de Assis, anno de 1212. e logo a approvou o Papa Innocencio III. fazendolhe ainda mais solemne a approvaçaõ no anno de 1219. (22) e esta por tambem conseguir logo felicissimo augmento, se repartio em dous illustres ramos tomando humas o Instituto de Religiosas Descalças que guardaõ a primeira Regra, e outras o de Calçadas, que se denominaõ Urbanas, por ser Urbano IV. o que lhe modificou as asperezas no modo de vida, e a Reforma que S. Colleta fez, àlem de outros Institutos que destes dimanàraõ, e em todos tem havido Professoras que em Santidade florecèraõ.

Ordem de S. Clara.

(22) *Gonzaga pag. 3*

Ordem terceira Seculares.

Emfim satisfazendo obediente aos ditames do Ceo, e inspiração Divina fundou meu

meu S. Patriarca a Terceira Ordem no anno de 1221. (23) conforme o Eſpirito Santo lhe ditou como diſſe o Papa Clemente VII. (24) fazendoa para mayor reformação dos Seculares que em qualquer eſtado que ſeja vivem em ſuas cazas, como eſcreve o Collector dos Privilegios dos Mendicantes, e outros graves Autores. (25) Deulhe Regra que entaõ haviaõ de guardar, e por ſer ordenada a mortificar os vicios lhe chamou Ordem da Penitencia, e tambem lhe deu habito cor de cinza com pouca differença na figura do veſtido ordinario que os homens trazem (26) e em Italia com mais vulgaridade ſe uſa, ſupoſto houve alguns que por ſe reformarem nas veſtes o differençaraõ diſpoticamente em as fórmas.

(23) *Fr. Marcos p. 1. l. 9. c. 1. Fr Lucas an. 1221. a n. 23. Sillis prælud. 3.*

(24) *Apud Rodrigues Bul. 5.*

(25) *Bozzovio, Cordova, Miranda, Monte Olivete.*

(26) *Fr. Marcos. Fr. Lucas. Miranda Collect. Verb. cit. § quoad 1.*

Foy logo eſta Veneravel Ordem approvada por Honorio III. e Gregorio IX. a confirmou pela Bulla *Nimis patenter* dada em 26. de Mayo de 1227. depois a autenticou, e reformou o Papa Niculao IV. em 16. de Agoſto de 1289. ſendo S. Lucio, e S. Bona os primeiros que da maõ de meu S. Patriarca recebèraõ o habito. Deſta Terceira Ordem ſecular ſahio com grande gloria ſua a Ordem dos Terceiros Regulares, proferindo os tres votos ſolemnes com autoridade Apoſtolica (27) mas entre infinitas opinioens que ha no anno certo, dizem por diverſo modo os Eſcritores: Fr. Lucas entende que pelos annos de 1397. Fr. Marcos que pelos de 1401. e outros que no de

Ordem terceira Regular.

(27) *Sillis tom. 1. prælud. 3. & tom. 2.*

1362.

1362. (28) Guardaõ eſtes Religioſos em Portugal, Caſtella, e França a Regra que lhe inſinuou o Papa Leaõ X. e outra em outros Reynos.

(28) *Fr. Lucas. Fr. Marcos, &c.*

CAPITULO VII.

De algumas Ordens Religioſas que ſahiraõ da Serafica Familia, Reformas, e Fundaçoens para que concorrèraõ ſeus Filhos; e expoem-ſe primariamente no modo poſſivel a protentoza extençaõ a que no Orbe ſe dilata toda a Familia Serafica nas tres Ordens.

BEm reconheço, e confeço ſer taõ deficil como contar no Ceo as Eſtrelas, o numero na Serafica Familia ſeus venturozos filhos; porque ſendo Franciſco meu Padre o Patriarca Abraham da Ley da Graça, lhe multiplicou Deos na terra os filhos como as Eſtrelas no Ceo (1) e ſe eſtas ſó o meſmo Deos ſabe o numero (2) àquelles (com certeza) ſó Deos tambem ſabe o conto. Conforme a melhor opiniaõ naõ ſe eſpera nas Eſtrelas augmento, nem diminuiçaõ em o numero, ſó ſe quando no dia do Juizo eſtas cahirem do Ceo (3) mas no Ceo da Religiaõ Serafica parece com actualidade hum dia do Juizo ver com diminuiçaõ cahir na terra Eſtrelas, admirando-ſe logo em outras muitas grande augmento em o numero; ſe pois os Mathematicos, e Aſtrologos ſó por provaveis conjecturas, ou mental eſtimaçaõ com o dedo ſe expoem a individuar no Ceo Eſtrelas, e em que cazas moraõ, eu que o naõ ſou

(1) *Ad illud. Geneſ. 26.*
(2) *Pſ. 146.*
(3) *Matheus 24. Marcos 13.*

ſou, tambem por eſtimaçaõ mental, e provaveis conjecturas moſtrarey as cazas, e contarey no Serafico Ceo as Eſtrelas, ſem parecer obra de dedo.

Confeço ingenuamente que olhando para eſte magnifico Ceo do Orbe Serafico em que vivo, me pôs em tal perplexidade a materia em que fallo, que indagando noticias, vendo livros, e buſcando Autores, nem pude conciliar as opinioens dos Autores, nem unir os computos na variedade dos livros, nem fazer juizo certo nas noticias verdadeiras; porque devendo-ſe eſtas extrahir participadas do Mundo todo, a que eſta Serafica Familia nas tres Ordens divizas, e ſubdivizas em hum, e outro ſexo ſe extende, faltaõ os meyos, e naõ acho os modos para conſeguir indefectivelmente os pertendidos fins, muito mais havendo de hora para hora varios augmentos em os numeros.

Hà cem annos a eſta parte, porque no de 1633. eſcreve Fr. Gaſpar de la Fuente, tinha o noſſo Reverendiſſimo Geral na ſua obediencia 119. Provincias com 4000. Conventos de Frades, e 2000. de Freiras com 120000. ſubditos. (4) O douto Chroniſta Fr. Manoel da Eſperança naõ differindo em o numero dos Conventos das Freiras, diz havia nelles em o dito anno 90000. Religioſas, e fica jà o computo aſſima diminuto reſtando ſó 30000. Religioſos em os Conventos dos Frades que neceſſariamente

(4) *Fr. Gaſpar de la Fuente.*

te haviaõ exceder muito eſte numero nos duplicados Conventos. (5)

(5) *Fr. Manoel da Eſperança no preludio da Chron.*

Fr. Vital de Algeriza no anno de 1626. conta na obediencia dos Geraes Conventual, e Capuchinho 2800. Conventos, com 47000. Frades. (6)

(6) *Fr. Vital no ſeu Epilogo eſtamp. no an. de 1626.*

Sabelico eſcreve, que no ſeu tempo havia 60000. Frades. (7) Genebrardo contou jà 90000. (8) O doutiſſimo Daça vendo diſparidade taõ grande, e attendendo a que na impreſſaõ poderia haver erro, atribue o dito numero aos Conventos, e naõ aos Frades. (9) Gonzaga, e Pizano neſtes computos differem. (10)

(7) *Sabelico.*

(8) *Genebrard.*

(9) *Daça.*

(10) *Vid. Gonzaga, e Pizan. nas Conform.*

Fr. Pedro de Alva no anno de 1651. diz, que tinha a Obſervancia 140. Provincias, os Conventuaes 35. e a dos Capuchinhos 46. fazendo o numero de duzentas e vinte e huma Provincias (11) iſto ha 82. annos. Fr. Manoel Rodrigues contou 60. Provincias nos Capuchinhos. (12)

(11) *Fr. Pedro de Alva.*

(12) *Fr. Manoel Rodrigues. tom. 1. quaſt. Reg.*

Fr. Joaõ de S. Franciſco contou ſó na ſogeiçaõ do Geral da Obſervancia no anno de 1671 vinte e ſeis mil cazas, e que na relaçaõ do Capitulo geral de Toledo conſtava terem 120000. Religioſos (13) e ſe iſto ha 62. annos, tendo ſempre a Ordem toda em todos os Reynos, e Dominios do Chriſtianiſmo hum continuo, e exceſſivo augmento em o numero das Provincias, Conventos, Religioſos, e Religioſas de toda a Familia Serafica, vejaõ que numero ao certo ſe poderà contar hoje em todas as tres Or-

(13) *Fr. Joaõ de S. Franciſco.*

dens, quando ſó neſte tronco da Obſervancia ſe contavaõ hà tantos annos cento e vinte mil.

Na ſegunda Ordem que meu S. Patriarca inſtituhio (fallando ſó na que chamamos de S. Clara, ſem fazer menção dos ramos em que ſe dividio) contou hà muitos annos Thomaz Bozzio duzentas e quarenta mil Freyras ſogeitas ao Geral (14) naõ numerando os Conventos, e ſem fazer menção das que em muitas partes aos Perlados do Ordinario ſaõ ſogeitas. Concidere o Leitor quantas mais em numeroſa multidaõ ſeraõ hoje as que em todos os Conventos ſogeitos aos tres Geraes da Ordem, Arcebiſpos, e Biſpos profeçaõ o Serafico Inſtituto.

(14) *Thomaz Bozzio apud Daça.*

Na Terceira Ordem Regular (logo na ſecular fallaremos) eſcreveo Sillis tinha em o ſeu tempo ſó na Congregaçaõ de Lombardia 16. Provincias com 143. Conventos. (15) Quando o Padre Alva eſcreveo depois, jà tinha mais 4. Provincias, àlem de outras tres em França, huma em Portugal, outras em Italia, e Heſpanha, ſem mencionar Conventos diſperſos que à Provincia de Santiago eſtavaõ ſogeitos (16) dizendo relaçaõ ao noſſo Geral da Obſervancia, o qual tem na ſua obediencia tantos ſubditos, que imperando Federico III. a tempo que a Ordem naõ tinha tanto augmento, offereceo ao Papa Calixto II. trinta mil Religioſos capazes de pegar em armas para deffender

(15) *Sillis.*

(16) *Alva.*

der a Igreja da potencia Othomana, ſem eſtes na Religiaõ fazerem falta. (17)

(17) *In Chronic. Ord.*

Solicitando pois a minha curioſidade algumas relaçoens mais modernas, concideRando nas tres Ordens Regulares o continuado, e exceſſivo augmento, olhando para o computo antiguo, que aſſinaõ os Autores que anteriormente alego, entendo ter a Religiaõ Serafica com probabilidade, e ſem temeridade ao tempo preſente

Na obediencia do Reverendiſſimo Geral da Obſervancia, entrando os Reformados - - - - - - - - - - 163 Provincias, 34U Conventos.
Na dos PP. Conventuaes 040 Provincias, 04U Conventos.
Na dos PP. Capuchinhos 066 Provincias, 13U Conventos.
Os PP. Terc. acho terem 034 Provincias, 03U Conventos.
E em toda a Familia - - 020 Cuſtodias.

Acho ter a Familia Serafica nos Padres Conventuaes, Obſervantes, Reformados, Capuchinhos, e Terceiros 612 Hoſpicios.
Como tambem nos meſmos Padres - - - - - - - - 073 Perfecturas
Parroquias em que vivem, e ſervem 096
Miſſoens em que ſe exercitaõ 1104
Cazas de Noviciado 1765
Cazas de Eſtudos 2530

Religioſos profeſſos em a Familia Serafica toda naõ ſe pòde com certeza averiguar, entendo chegaõ a milhaõ.

Religioſas profeſſas, cujos Conventos ao todo pelas razoens ditas ſe naõ pódem numerar, entendo chegaõ a quinhentas, e ſincoenta mil que vivem no Serafico Inſtituto; vindo a ſer (no ſentir do doutiſſimo Fr. Luis de Granada) a Ordem Serafica ſó, taõ grande como as outras Ordens todas juntas. (18)

(18) *Fr. Luis de Granada in Concion.*

Religioſos que florecèraõ em virtude, e Santidade entrando neſte numero os jà beatificados, e Canonizados, como tambem os 900. que ſe achavaõ com informaçoens autenticas, dos quaes pelos annos de 671. pedia a noſſa Ordem ao Conſiſtorio Romano a Canonizaçaõ de 14. juntos, e muitos que padecèraõ martyrio em diverſas partes entre infieis, ſaõ todos mais de trinta e ſete mil.

Religioſos que florecèraõ em letras, entrando Doutores, e Meſtres com que inſignes Univerſidades ſe illuſtraõ em ſinco Eſcolas diverſas, a primeira de Alexandre de Ales, ſegunda a do Serafico Doutor S. Boaventura, terceira a de meu grande Meſtre o Subtil Eſcoto, quarta a illuminada de Raimundo Lulo, e quinta a de Ocamo Principe dos Nominaes, mencionando tambem 746. Eſcritores inſignes 183. Autores Clacicos, e outros muitos que deixàraõ pelas letras celebre o ſeu nome, ſaõ mais de vinte e tres mil.

Da Ordem terceira Secular para eu expender as excellencias, o progreſſo illuſtriſ-

ſimo

simo nas virtudes, as pessoas que nella em Santidade florecéraõ, as Magestades que se lhe subordinàraõ, e o numero das pessoas que recebéraõ com apresso este Serafico Instituto, carecia para isto só de hum tomo inteiro, vendo que com este Santo habito se esmaltàraõ 537. Principes da Igreja entrando Pontifices, Cardeaes, Patriarcas, Legados, Arcebispos, e Bispos, como tambem 1786. Principes Seculares entrando Emperadores, e Reys, sem fazer menção de titulares com que esta, e a Ordem Serafica toda se acredita, muitos dos quaes augmentàraõ o numero dos Santos com que a Veneravel Ordem Terceira se adorna; e mais naõ digo porque a querer contar seus venturosos professores, e virtuosos filhos, seria taõ impossivel como querer esgotar o mar todo com huma concha.

Ordem da Ascençaõ.

Algumas outras Ordens diversas nascèraõ, ou tivèraõ dependencia para se fundàrem, da nossa Serafica Religiaõ buscando a sua sombra, ou tomando Instituto.

A Ordem da Ascençaõ foy fundada à sombra da nossa Ordem, e imitando a nossa Regra, lhe poz alguns additamentos para haverem de seguir seus professores, e variàraõ no assumpto. (19)

(19) *Fr. Artur. Fr. Lucas. Fr. Pedro de Alva.*

Congregaçõ do Rebando.

A Congregaçaõ das Donnas do Robando teve por seu fundador ao V. Fr. Hugo de Dina, Religioso de meu P.S. Francisco, no anno de 1275. (20)

(20) *Fr. Marcos p. 2. Fr. Luc. an. 1278.*

Ordem dos Minimos.

A Ordem dos Minimos foy fundada por

por S. Franciſco de Paula em Calabria, naſcido por interceſſaõ de meu Patriarca S. Franciſco, em cuja Religiaõ recebeo o habito, e depois fundou a ſua com habito ſemelhante ao da noſſa. (21)

(21) *Fr. Hieron. Rom. l. 6. cap. 3. Fr. Marc. p. 3. l. 9. Ordem da Conceiçaõ.*

A Ordem das Freiras da Conceiçaõ foy fundada pela virtuoſa, e illuſtre Portugueza D. Brites da Silva, filha de Rui Gomes da Silva, e de D. Iſabel de Menezes, a qual de Dama do Paço da Rainha D. Iſabel mulher d'ElRey D. Joaõ II. de Caſtella, ſe reſolveo a buſcar a vida Religioſa, e Serafica na Cidade de Toledo. Fez a ſua fundaçaõ no anno de 1489. foy approvada pelo Papa Innocencio VIII. e por conceſſaõ de Julio II. ſe ſogeitou à noſſa Ordem. (22)

(22) *Gonzaga pag. 21. Fr. Marc. p. 3. l. 8. Salazar na Chron. l. 8. Jardim de Portug. pag. 322. Ordem da Annũciada.*

A Ordem das Freiras Annunciadas, ou dos dez beneplacitos foy fundada em Bourgez, Ducado de Berri, em França pela Infante D. Iſabel filha d'ElRey Luis II. por direcçaõ, e induſtria de ſeu Confeſſor Fr. Gilberto Niculao, Frade da noſſa Ordem: foy confirmada pelo Papa Alexandre VI. em 12. de Fevereiro de 1501. e entregue ao cuidado da noſſa Religiaõ, em tal fórma, que Paulo V. e Gregorio XV. lhe chamaõ da Ordem de S. Franciſco. (23)

(23) *Vide Bull. 28. apud Rodrig. & Bul. 2. Ordem da Milicia Chriſtãa.*

A Ordem da Milicia Chriſtã na protecçaõ da Conceiçaõ immaculada, teve na Italia por principal fundador o Duque de Mantua, com ſubordinaçaõ à noſſa Ordem em que o meſmo Duque tomou o habito no Convento de Ara Cæli, e profeſſou nas mãos do

Papa

Papa Urbano VIII. em 21. de Janeiro de 1624. (24)

A Ordem das Convertidas extincta na Cidade de Pariz pelos annos de 1493. foy reſtaurada por Fr. Joaõ Tefero Religioſo da noſſa Ordem. (25)

Ordem das Convertidas.

A Ordem das Freiras do Hoſpital, ou de S. Joaõ da Penitencia foy neſte Reyno reſtaurada pela Religiaõ Serafica em Freiras de S. Clara, ſendo eſtas as primeiras que veſtiraõ o ſeu habito pelos annos de 1540. na obediencia do Geral da Obſervancia. (26)

Ordem do Hoſpital.

A Ordem dos Carmelitas deſcalços cuja reforma fez S. Thereza de JESUS, deu gloria à Religiaõ Serafica, pois S. Pedro de Alcantara filho ſeu muito nella em auxilios da meſma Santa trabalhou. (27)

Ordem dos Carm. Deſcalſ.

A Ordem de S. Brizida foy fundada por eſta glorioſa Santa, filha de meu P. S. Franciſco na Terceira Ordem, e como tal foy em Roma ſepultada em hum Moſteiro da Ordem de S. Clara no anno de 1373. (28)

Ordem de S. Brizida.

A Ordem de S. Jeronimo em Portugal, e Caſtela foy fundada (pois ſe achava extincta) por filhos da Terceira Ordem de meu P. S. Franciſco; os que em Caſtela, no dezerto da Lupiana com approvaçaõ que lhe deu o Papa Gregorio IX. no anno de 1323. e o V. Fr. Vaſco ſeu companheiro Portuguez, e filho de S. Franciſco a fundou neſte Reyno em o Moſteiro de Pennalonga junto à ſerra de Cintra, dando-lhe approva-

Ordem de S. Hieronimo.

(24) *Fr. Vital de Algeriza in Epilog. Ord. S. Geneb. in Chron.*

(25) *Genebrard. in Chronic.*

(26) *Archivo deſte Moſteiro.*

(27) *Breviar. Serafic. & Chronic. in ejus vita.*

(28) *Fr. Artur in Martyrolog.*

(29) *S. Aninino p. 3. tit. 22. cap. 1. Veiga l. 1. cap. 7. Siguença en la Chron. p. 2. cap 1. 3. 8. Fr. Luc. an. 1377.*

Ordem dos Ermit. de S. Hyeronimo.

çaõ o Pontifice no anno de 1389. (29)

A Ordem dos Ermitaens de S. Jeronimo foy fundada nos montes de Fezula perto de Florença por D. Carlos Conde de Monte Granello, e Gualter Marſo, ambos filhos de meu P. S. Franciſco na Terceira Ordem, e com a ſua Regra entaõ foy confirmada pelo Papa Gregorio XII. no anno de 1408. (30)

(30) *Fr Luc. anno 1405. Fr. Hieron. Roman. l. 6. c. 28. Salazar p. 1. l. 6. cap. 29.*

Ordem da Caridade.

A Ordem da Caridade foy fundada no Biſpado de Chaalon em França por D. Guido, e outros ſeus companheiros filhos ambos de S. Franciſco em a terceira Ordem, com cuja Regra no anno de 1296. a aprovou o Papa Bonifacio VIII. (31) Muitas outras particulares fundaçoens ſe fizèraõ, mas iſto baſte para noticia, releve-me o Leitor a digreçaõ.

(31) *Fr. Hieron. Roman. l. 6. cap. 25.*

CAPITULO VIII.

Moſtra o principio das Ordens Cluniacenſe, Camaldulenſe, Grandemontenſe, Jeronimos, Montolivetanos, Olivetanos, Celeſtinos, e Gilbertos. Aponta a de S. Bazilio, Agoſtinho, e Jeronimo.

Ordem de S. Bazilio ad cap. 3. l. 5. Vide. Lucas Acheri. Odorico Vital. Oldrado. Joaõ Dam. de Becis. Guido de Arecio. Alagona. Pignatelli. Fr. Manoel Leal. Nebrid. d' Mundeleim. Arduino. Gravina, &c.

Uppoſto jà no Capitulo terceiro deſte quinto livro de paſſage mencioney, e em outras partes, algumas deſtas Religioens Sagradas, fugindo de diſcorrer em materias que naõ ſó ſaõ opinativas entre os Autores, mas odiozas; pouco mais ainda me quero alargar agora principalmente quando fallo nas Ordens de S. Bazilio, Santo Agoſtinho, e S. Jero-

Jeronimo, naõ diſputando (pois a ſua antiguidade lhe deixou principio obſcuro) ſe foraõ fundadas por ſeus Santos Patriarchas, ou ſe em ſeu nome foraõ poſteriormente por outrem eſtabelecidas; e vendo que ſeus ſapientiſſimos Chroniſtas na primeira parte affirmaõ o que infinitos Eſcritores negaõ, fazendo-ſe da credulidade deſtes mais provavel a ſegunda, eu como profeſſor deſte eſtado me devo inclinar à primeira, com o commum ſentir dos fieis, venerando o que em geral, ou particular tiver ſido Deciſaõ da Igreja.

A Ordem de Santo Agoſtinho, ſuppoſto, que muito antigua nos ſeus Religioſos Eremitas, foy confirmada pela Santa Sè Apoſtolica no anno de 1256. *Ordem de S. Agoſtinho. ad cap. 3. l. 5.*

A Ordem de S. Jeronimo, que tambem diſputa antiguidades, ſe entende foy inſtituida pelo meſmo Santo, edificando em ſua vida certo Convento, ou morada, junto a Belem, adonde viveo com outros companheiros, dandolhe certa Regra, e norma de vida, com aſpero Inſtituto; e ou foſſe eſte meſmo, ou outro ſemelhante (pois querem entender, que pelo decurſo dos tempos eſta Ordem ſe extinguio, e na formalidade ſe divercificou) foy approvada (dizem huns) pelo Papa Eugenio, e outros por Gregorio XII. *Ordem de S. Hyeronimo. Vide AA. ſupra citat. & ad hoc alios in Indice.*

A Ordem Cluniacence da Obſervancia de S. Bento, he antigua, e foy fundada pelo Abbade Odon junto a Maſtioca, aldeya do *Ordem de Cluni. ad c. 3. l. 5.*

Ducado de Borgonha, lugar que lhe dèra para eſte effeito, Guilhermo Pio, Duque de Aquitania.

Ordem da Camaldula.

A Ordem Camaldulence foy fundada por S. Romualdo, no monte Apenino, Regiaõ Hetruria, em hum lugar que ſe chamava Madulo, donde ſeu nome ſe deriva; deulhe aſpero Inſtituto, e he antigua eſta Ordem.

Ordem de Grande monte ad cap. 3. l. 5.

A Ordem Grandemontenſe foy inſtituhida por Eſtefano, natural de Alvernia, em hum grande monte, na Regiaõ de Aquitania; e depois a reformou Roberto Abbade de Moliſma. Tambem he Ordem antigua.

Ordem de Monte Olivete.

A Ordem dos Montolivetanos foy erecta por Bernardo Ptolomeu com outros companheiros, junto à Cidade de Senna no anno de 1407. Depois paſſados annos, mudàraõ de ſitio para hum monte veſinho, que intitulàraõ Monte Olivete, a qual Ordem com eſte nome foy approvada por Gregorio XII.

Ordem dos Olivetanos.

A Ordem dos Olivetanos foy primeiro fundada debaixo da Regra de S. Bento pelo B. Tolomei de Senna em Toſcana, no anno de 1320.

Ordem dos Celeſtinos.

A Ordem dos Celeſtinos foy fundada pelo Papa Celeſtino V. quando vivia no Ermo antes de aſſumpto ao Pontificado; teve grande augmento, e variou em alguma parte da Regra de S. Bento, que ao principio ſeguio.

A Ordem de S. Gilberto foy fundada por eſte Santo no Reyno de Inglaterra, e no Imperio de Alemanha; naõ ſe averigua em que tempo, ſabemos que he antigua, e que floreceo em Santidade. *Ordem de S. Gilberto.*

Eſtas Ordens em cuja antiguidade ha mais duvida, vaõ ſó neſte Capitulo expoſtas, para noticia do Leitor, naõ tratando de outras, que poderàõ ter havido na vaſtidaõ de todo o Orbe Catholico; e tornando outra vez à Serie em que hiamos, deixada no fim de minha Religiaõ Serafica, reſpectivamente aos annos de ſuas confirmaçoens, vejamos no Capitulo ſeguinte as que depois foraõ pelos Romanos Pontifices confirmadas, ultra das que jà apontey no Capitulo VII.

CAPITULO IX.

Das Ordens dos Sylveſtrinos, Servitas, Carmelitas, Jeſuatos, Jeronimos mendicantes, Eſcopetinos, Juſtinos, Ambrozios, Theatinos, Bernabitas, Jeſuitas, Agoſtinhos Deſcalços; e da Congregaçaõ de noſſa Senhora, dos Padres Nerios, e dos Benedictinos Reformados, das Ordens de S. Joaõ de Deos, e da de Chriſto, e de Santo Eſpirito.

ATtendido o que jà no principio deſte quinto Livro diſſe, continuamos com a Religioſa Ordem Sylveſtrina, a qual foy eſtabelecida debaixo da Regra de S. Bento no anno de 1233. *Ordem dos Silveſtrinos.*

A Ordem dos Servitas foy fundada no Pontificado de Martinho V. por Felippo, *Ordem dos Servitas.*

natural de Florença, debaixo da protecçaõ de noſſa Senhora, pelos annos de 1256. atè 86. o Papa Benedicto II. e ſete Pontifices ſeguintes a approvàraõ.

Ordem dos Carmelitas.

A Ordem dos Carmelitas diſputa com o tempo da Ley Eſcrita a ſua antiguidade, tendo por ſeu primeiro inſtituidor ao grande Profeta Elias, de quem ſe diz lançàra os primeiros fundamentos deſta Religioſa Ordem junto ao monte Carmelo em Syria, razaõ porque ſe intitulaõ Religioſos de noſſa Senhora do Monte do Carmo, e deſta eſclarecida Ordem ſe eſcrevem maravilhas. A primeira Obſervancia da Regra que profeſſaõ, hà opiniaõ fora no Pontificado de Alexandre III. pelos annos de 1170. foy approvada por Honorio III. e novamente confirmada pela Sè Apoſtolica no anno de 1286.

Ordem dos Jezuatos.

A Ordem dos Jeſuatos foy fundada em Sena por S. Joaõ Columbino, foraõ chamados no principio Varoens Apoſtolicos, ſuppoſto naõ recebiaõ Ordens Sacras, e o Papa Urbano foy quem deu approvaçaõ a eſta Ordem.

Ordem dos Hyeronimos mendicantes.

A Ordem dos Jeronimos mendicantes, (ſe naõ he a de que jà tratàmos) dizem huns ſer a propria que inſtituhira S. Jeronimo em o Ermo; outros que a augmentàra Euſebio Cremonenſe, e outros que certos Cavalheiros illuſtres a inſtituhiraõ em Fieſoli no anno de 1406.

Ordem dos Eſcopetinos.

A Ordem dos Eſcopetinos occaſiona duvidas na ſua fundaçaõ, apontando-ſelhe

Autores

Autores varios; dizem que hum Agoſtinho a inſtituhira no anno de 1408.

A Ordem dos Juſtinos, ou de Santa Juſtina, que rigoroſamente ſe fundou Congregaçaõ em Padua, foy eſtabelecida louvavelmente no anno de 1409. *Ordem dos Juſtinos.*

A Ordem de Santo Ambrozio foy com felicidade eſtabelecida em Milaõ no anno de 1433. *Ordem de S. Ambrozio.*

A Ordem dos Clerigos Regulares Theatinos foy inſtituida por Pedro Carrafa, que depois ſe chamou Paulo IV. Pontifice Romano, em o anno de 1524. *Ordem dos Theatinos.*

A Ordem dos Clerigos de Saõ Paulo, vulgarmente chamados Bernabitas, foy inſtituhida no anno de 1526. *Ordem dos Bernabitas.*

A Ordem dos Jeſuitas, ou da Companhia de Jeſus, foy fundada por Santo Ignacio de Loyola no anno de 1535. e confirmada por Paulo III. Julio III. Pio IV. Pio V. Gregorio XIII. e outros quatro Pontifices, ultimamente approvada pelo Concilio Tridentino. *Ordem dos Jezuitas.*

A Ordem da Hoſpitalidade, ou de Saõ Joaõ de Deos, foy fundada em Granada por eſte Santo Portuguez de naçaõ, ſendo Pontifice Alexandre VIII. pelos annos de 1550. *Ordem de S. Joaõ de Deos.*

A Ordem dos Agoſtinhos Deſcalços foy Reforma dos Eremitas Calçados, erecta em Roma, e Italia. Fr. Thomè de Jeſus, Religioſo daquella Ordem (dizem que filho de huma illuſtre Senhora, chamada a Grila) *Ordem dos Agoſtinhos deſcalços.*

a eſ-

a eſtabeleceu em Caſtella, outro companheiro em França, e outro chamado Fr. Manoel de Poeiros, que depois tomou o apelido de Conceiçaõ, a quiz eſtabelecer tambem em Portugal no tempo de ElRey D. Sebaſtiaõ. A Sereniſſima Rainha Mãy o fez depois na Corte de Lisboa lançando os primeiros fundamentos no Moſteiro virtuoſiſſimo das Freiras Grilas.

Congregᵃ de N. Senhora. A Congregaçaõ de noſſa Senhora foy fundada pelo B. Joaõ de la Barriera, Abbade da Ordem de Ciſter; no anno de 1577.

Congreg. do Oratorio. A Congregaçaõ do Oratorio em Roma, chamada por outros dos Padres Nerios, foy fundada por Saõ Felippe Neri no anno de 1595.

Congreg. dos Benedictinos. A Congregaçaõ dos Benedictinos Reformados de S. Mauro, foy fundada no anno 1618. e confirmada pela Sè Apoſtolica no de 1621.

Ordem de Chriſto. A Regular Ordem de Chriſto, chamada dos Cruciferos, que em Portugal denominamos Thomariſtas, reſpectivamente ao ſeu Convento capital, foy inſtituida no anno de 1198.

Ordem do Spirito Santo. A Ordem do Eſpirito Santo, chamada de Sancti Spiritus, foy primeiro fundada em Monpelher anno de 1198.

CAPITULO X.

Das Ordens Militares, e das dos Terceiros Seculares.

PAra conſervar a Fè Catholica, e defender ao Chriſtianiſmo dos repetidos inſultos com que as Luas Othomanas, e Mauritanas perturbaõ com invaſoens inſolentes o ſocego publico das Monarquias, ſe erigiraõ em varios Reynos muitas Ordens Militares, alcançandolhe ſeus Principes com ſingulares Indultos, approvaçoens Pontificias; deſtas he que eſte Capitulo preſente primariamente trata.

Ordem de Malta.

A preclariſſima, e Religioſa Ordem Militar, que a reſpeito da ſua ſituaçaõ, e Commenda, chamamos hoje ☰ de Malta, foy o ſeu nome proprio ☰ Cavalleiros de S. Joaõ de Jeruſalem, em cuja Cidade (ſuppoſto, que preocupada dos Mouros) fizeraõ ſua fundaçaõ primeira, merecendo logo aprovaçaõ do Pontifice, e Patriarca, que exiſtiaõ, ſendo Ramondo, ou Pharamondo o ſeu primeiro Gram Meſtre. Foy ſua ſituaçaõ ſegunda na Ilha de Rhodes, que tomàraõ aos Turcos, e o Papa Clemente V. nella lhe aſſinou aſſento no anno de 1308. deſta os deſapoçàraõ outravez os Turcos no anno de 1523. ſendo Pontifice Adriano VI. e na Ilha de Malta hoje aſſiſtem invenciveis, e bem preſidiados, ſendo de todas as Naçoens barbaras os mais temidos, e de toda a potencia

tencia Mauritana o açoute mais cruel que os deſtrohe.

Ordem dos Templarios.

A Ordem dos Templarios, como graves Eſcritores dizem, tiveraõ ſeu principio no anno de 1128. ſuppoſto outros lhe aſſinaõ mais 20. annos, e outros, 10. de antiguidade; foy em Jeruſalem o ſeu eſtabelecimento, ſendo Papa Gelazio II. e a ſua habitaçaõ occupava parte do Templo do Santiſſimo Sepulchro. Creſceo em famozo aumento com Senhorio de terras, poſſeſſoens, e rendas de que ſe logràraõ mais de 200. annos, de tudo foraõ privados pela culpa em que ficàraõ convencidos da concurrencia com os infieis para a perdiçaõ dos Santos lugares, pelo que foy logo aquella Ordem toda deſtruhida ſendo Papa Clemente V. e ſuas poſſeſſoens ſe dèraõ aos Cavalleiros entaõ de Rhodes aſſima ditos, e a outras Religioens.

Ordem dos Teutonicos.

A Ordem dos Cavalheiros Teutonicos teve principio em hum nobre Alemaõ; foy tambem eſtabelecida em Jeruſalèm, confirmada, e approvada pelos Pontifices Romanos; naõ ſe aceitava nella (por Inſtituto) ſe naõ nacional de Alemanha, e na profiſſaõ faziaõ juramento de defender a Cruz de Chriſto, pelejando atè perder a vida, contra os inimigos da Fé. Seu principio foy no anno de 1164.

Ordem de Santiago.

A Ordem militar de Santiago teve ſua primeira fundaçaõ em Heſpanha, dizem huns Eſcritores que no anno de 1118. e outros

tros que no de 1170. ſendo Rey de Caſtella Fernando II. e Pontifice Romano Alexandre III. que a aprovou, e confirmou; em Portugal com eſtimaçaõ ſe concerva.

A Ordem Militar de Calatrava, cujo nome tomou do lugar primeiro em que ſe fez o ſeu aſſento, foy inſtituida por ElRey D. Sancho de Caſtella, outros lhe daõ por autor D. Ordonho, Biſpo de Salamanca no anno de 1164. *Ordem de Calatrava.*

A Ordem militar de S. Bento, chamada em Heſpanha Ordem de Alcantara, porque neſta Villa foy o ſeu primeiro aſſento, teve por Inſtituhidor a ElRey D. Sancho de Caſtella no anno de 1176. Em Portugal com credito ſe reſpeita. *Ordem de Alcantara.*

A Ordem do Tuzaõ de ouro foy inſtituhida por hum Monarca de Heſpanha no ſeu Reyno em o anno de 1233. na qual ha opinioens que verificaõ (ou ſeja a meſma renovada, ou outra do meſmo nome) fora ſeu Inſtituhidor Felippe Duque de Borgonha no anno de 1430. *Ordem de Tuzaõ.*

A Ordem militar de Chriſto foy inſtituhida em Portugal por ElRey D. Affonſo IV. em o anno de 1320. e a confirmou o o Papa Joaõ XXII. a diverſos Reynos ſe participou pelos annos de 1347. Mas hei por refutada eſta opiniaõ dos Autores eſtrangeiros, porque acho nos naturaes mais verdade fora ElRey D. Dinis o que a inſtituhio. *Ordem de Chriſto.*

A Ordem da Ala ſe inſtituhio por Af- *Ordem da Ala.*

 fonſo

fonſo Rey de Portugal, mas adonde naſceo ſe extinguio.

Ordem da Eſtrela. A Ordem da Eſtrela foy inſtituhida para Cavalleiros militares por Joaõ Rey de França no anno de 1350.

Ordem da Liga. A Ordem da Liga foy inſtituhida para Cavalleiros militares por ElRey de Inglaterra no anno de 1354.

Ordem da Annunciada. A Ordem dos Cavalleiros da Annunciada foy inſtituhida por Amadeo VI. Duque de Saboya no anno de 1420.

Ordem de S. Migue'. A Ordem militar de S. Miguel foy inſtituhida por Luis XI. Rey de França no anno de 1469.

Ordem de S. Eſtevaõ. A Ordem militar de S. Eſtevaõ foy inſtituhida em Florença no anno de 1562.

Ordem do Spirito Santo. A Ordem dos Cavalleiros militares do Eſpirito Santo foy inſtituhida por Henrique III. Rey de França no anno de 1579.

Ordem da Monteza. A Ordem militar da Monteza foy anteriormente inſtituhida por ElRey Dom Jaime de Aragaõ, e approvada pelo Papa Gregorio IX.

Como todas eſtas Ordens ſe achaõ em o eſtado Secular, parece-me que aqui ſem muita violencia póde caber o fallar nas Ordens Terceiras, que naſcidas de Religioens diverſas ſe achaõ no ſecular eſtado; e ſuppoſto alguns Autores, ha muito tempo eſcrevèraõ, que ſó minha Religiaõ Sagrada tinha Ordem Terceira, pois unicamente meu Patriarca S. Franciſco inſtituhio tres

Ordens,

Ordens, naõ implica a que por denominaçaõ, ou privilegio poſſaõ outras Religioens Sagradas ter Ordens Terceiras, como tem concedido eſte Indulto por Bullas e approvaçaõ Pontificia, o que muito Doutores ſem difficuldade verificaõ.

Ordem Terceira de S. Agoſtinho.

Que tenha Terceiros a Ordem de Santo Agoſtinho, o trata, e diz Joaõ Baptiſta Confetio, Manoel Rodrigues, Silveira, e Lezana; e o confirmaõ as Bullas de Bonifacio IV. Eugenio IV. e Martinho V.

Ordem Terceira de S. Domingos.

Que tenha Terceiros a Ordem de meu Padre S. Domingos, o dizem S. Antonino, Corduba, Lezana, Silveira, Rodrigues, e o confirmaõ as Bullas de Xiſto IV. e Innocencio VII.

Ordem Terceira de S. Franciſco de Paula.

Que tenha Terceiros a Ordem de S. Franciſco de Paula, o dizem Miranda, Lezana, Silveira, e Peyrines, e o confirmaõ as Bullas de Julio II. e Leaõ X.

Ordem Terceira do Carmo.

Que tenha Terceiros a Ordem Carmelitana, o trataõ Corduba, Miranda, Maurillo, Guadalaxara, Silveſtre, Silveira, e Carthagena, e o confirmaõ as Bullas de Xiſto IV. Niculao V. e Leaõ X.

Ordem Terceira dos Servitas.

Que tenha Terceiros a Ordem dos Servitas, o dizem Lezana, Silveira, e Joaõ Baptiſta Confetio, e o affirmaõ as Bullas de Paulo II. e Martinho V. com o que ſe finalizou o quinto Livro.

LIVRO SEXTO

Vida Conjugal.

CAPITULO I.

De como entre todos os Eſtados logra o do Matrimonio a primazia pela ſua antiguidade, ſendo no principio a todos indifferente. Moſtraõ-ſe as excellencias deſte nexo, e os extremos deſte vinculo.

LOgo quando no principio do Mundo o Artifice Soberano com admiravel providencia tendo formado os Ceos, criou a terra, e a quiz povoar de racionaes Creaturas, fazendo no Campo Damaſceno (como jà diſſemos) de barro humilde, ou limo da terra ao primeiro homem (1) vendo que naõ era bom o eſtar ſó (2) e que preciſamente para a propagaçaõ do Mundo (como eſtava decretado na mente Divina) lhe era neceſſario mulher, achando-ſe jà Adam no Paraizo adormecido, de huma coſta ſua formou a Eva (3) e foraõ eſtes dous Conſortes os primeiros cazados em o Mundo, e daqui foy tratavel, e licita a vida Conjugal a todos ſeus filhos, e deſcendentes indifferentemente,

(1) *Geneſ. cap. 1.*

(2) *Geneſ. ibi.*

(3) *Geneſ. ibi.*

te, ſem reſtricçaõ nos primeiros ſeculos.

Com tal nexo de amor indiſſoluvel quiz logo Deos que aquelles dous primeiros eſpoſos ſe trataſſem, que podendo-os formar diſtinctos, os fez conjunctos, fazendo de hum ſó individuo duas diverſas entidades, para que entendeſſem deviaõ ambas ſer affectuoſamente copuladas, e ficando Eva carne, e oſſos de Adam, conheceſſe Adam que era hum pedaço de ſi proprio ſua Eſpoſa Eva; porque como o amor hade ter objecto terminativo para o ſeu emprego, e o homem coſtuma amar ſeu ſemelhante, ficaſſe o amor de Adam em Eva, como Eſpoſa ſua, radicado.

Eſte eſpoſorio que Deos fez de Adam com Eva foy figura viva, como o Texto, e Padres dizem, do eſpoſorio que nos poſteriores ſeculos havia Chriſto fazer com a Igreja ſua Eſpoſa (4) ſignificando Adam dormindo a Chriſto morto, e Eva extrahida da coſta de Adam a Igreja extrahida do Coſtado de Chriſto, ficando Adam figura, e Chriſto o figurado; do que o meſmo S. Paulo deu aos cazados ſolidos documentos, dizendo aos maridos que amaſſem ſuas mulheres, como Chriſto amou a ſua Igreja (5) que ſe por eſta ſe expoz Chriſto a padecer cruel morte, naõ temeſſem por aquella expor-ſe aos mayores riſcos da vida; e ſendo ſempre como duas almas em hum ſó corpo (6) houveſſe entre ambos pelos nexos do amor copullaçaõ de vontades, e uniaõ

(4) *Paul. ad Epheſ.* 5.

(5) *Paul. ad Epheſ.* Ep. 5.

(6) *Math.* 19.

uniaõ fiel nas exteriores, e vitais acçoens.

Muitos entendimentos diſcretos, obſervando a acçaõ Divina na formaçaõ de Eva, curioſamente reparàraõ em Deos a formar naõ de outra parte, ſe naõ do coſtado de Adam, podendo-o fazer da ſua cabeça, ou pès; da ſua cabeça para que ambos pelo meſmo diſcurſo governados, em as idèas, e diſpoſiçoens naõ ſe dezuniſſem; dos ſeus pès, para que nos paſſos, e movimentos parecendo unidos em huma ſó vontade, ſe naõ deſgermanaſſem; e com acerto diſcorrem: que do ſeu coſtado a formàra, porque tendo eſte no meyo do corpo humano ſua natural exiſtencia, e ſervindo as coſtellas de guarda fiel ao coraçaõ, que no meyo do peito ſe ſitúa, como o tal coraçaõ (conforme dizem os Filoſofos) he o principio da vida (7) e ſolio em que reſide o amor, bem era que ſó da coſta de Adam foſſe formada Eva, para que conheceſſe as obrigaçoens que tinha, devendo com o mais exceſſivo amor ſer guarda fiel do coraçaõ de ſeu marido, vivendo ambos como por huma ſó vida, e havendo em ambos huma ſó vontade.

(7) *Philoſ. cum Ariſtotel &c.*

Naõ havia antiguamente excepçaõ alguma de peſſoa a quem ſe reſtringiſſe, ou naõ foſſe licito eſte matrimonial contrato (8) nos poſteriores ſeculos foy aos Sacerdotes, e Religioſas peſſoas inhibido por mayor perfeiçaõ do ſeu Eſtado (9) ſendo eſte ſupplicio juſto à humana natureza jà corrupta, ou prevaricada.

(8) *Joſef. de Antiq.*

(9) *in Decretal.*

Saõ

Saõ ſem duvida excelças as excellencias deſte vinculo, ſe forem bem concideradas; porque havendo paz, uniaõ, amor, e conformidade entre os cazados, ſendo de ambos igualmente os pezares, e os prazeres, e naõ ſendo em as vontades diſſonantes, nem nos genios diformes, modificando condiçaõ aſpera aquelle que a tiver riſpida, ſofrendo-ſe ambos, e ambos conçolando-ſe, naõ pòde deixar de ſer goſtoſa vida; mas a ſer pelo contrario, a reputo vivo inferno conciderando batalhas, e guerras vivas entre domeſticos inimigos, com tal differença, que ſe eſtas entre quaeſquer outros inimigos com brevidade naõ ſe finalizaõ, com huma boa compoſiçaõ acabaõ; mas entre os cazados ſe as guerras principiaõ, deficilimamente ſe compoem; as incivilidades permanecem, os odios creſcem, os enredos duraõ, os diſgoſtos ſe augmentaõ, as teimas perſeveraõ, o ciume ſe acende, as conciencias ſe embaraçaõ, as leis ſe atropelaõ, a Alma ſe arriſca, e a guerra ſe acaba quando a vida ſe perde.

S. Bazilio ponderando as excellencias deſte eſtado, e vida conjugal, repara em a cauſa porque (ſendo certo por obſervaçoens repetidas) permitio Deos, que entre os cazados houveſſe ordinariamente mais amor da parte do marido para a mulher, do que deſta para o marido, e atribue eſte exceſſo à Providencia do meſmo Deos; porque creando eſte Senhor a mulher ſogeita ao homem

mem nas disposiçoens do governo, conselho, e doutrina, querendo que sem o beneplacito, e permissaõ de seu marido nem hum passo mova a mulher, o homem para que com altivez naõ se ensoberbecesse, fosse pelos effeitos do amor sogeito à mulher, ficando seu escravo ao mesmo tempo que senhor, adorando-a, honrando-a, servindo-a, e sustentando-a (10) que assim deve fazer, se naõ faltar às leys de bom marido; e a naõ ser assim, ou a vida dos cazados será morte, ou parecerá hum inferno vivo.

(10) *D. Bazil. lib. de Virginit.*

CAPITULO II.

De como no prudente acerto da eleiçaõ está todo o bom sucesso da vida conjugal. Mostra-se que a Deos se ha de recorrer. Aponta-se o que na presente materia antiguamente se praticava.

SE entre os Catholicos fora licito uzarse o que entre os Gentios, e Barbaros se pratica, nem houvera nos discretos irresoluçoens taõ grandes para tomar esta vida, nem em os nescios culpa de a apetecer com excesso; mas sendo já prohibido por qualquer causa o libello de repudio (1) com o acerto, ou dezacerto se haõ de por força accommodar. Costumaõ os Barbaros pela sua errada ley ter tantas mulheres quantas possa commodamente sustentar a sua possibilidade; e os Gentios praticaõ sem determinaçaõ de alguma ley, e por qualquer causa dimitir huma mulher, e receber outra; emmendaõ a

(1) *Math. 19. Jus Can. Jus Civil.*

sua

ſua eleiçaõ quando querem, e eſcolhem diſpoticos como lhe parece.

Se iſto ſe licitàra entre os Catholicos naõ houvera tantos arrependimentos, e taes enganos, tendo diante dos olhos o Adagio dos antigos: *Antes que cazes, olha o que fazes*; e como a vida conjugal ha de entre os dous permanecer em quanto a natural vida lhe durar, carece de prudentiſſima concideraçaõ qualquer dos dous contrahentes para o ſeu feliz acerto.

De dous modos vejo praticar no Mundo cazamentos, ou por amor, ou por contrato, mas de huma, e outra ſorte ſe experimentaõ muitas vezes mil enganos, melhor naõ conheço algum, e naõ ſey qual he peor: o amor he cego naõ buſca proporçoens, nem attende congruencias, obra exceſſos, e rompe em dezatinos; tanto que (às vezes com perigos de credito, e vida) alcança por eſpoſa a que pertende, e ve, ou que a indigencia o comprime, ou o brio ſe ultraja, ou a reputaçaõ ſe diminue, porque o preciſo lhe falta, converte-ſe o amor em odio de taõ penoza vida, e foy eſte o cazamento por amor. Se por contrato ſe ajuſta, tambem ſuccede o envolver mil enganos: e como neſte ſe naõ procura o amor, e buſcaõ-ſe ſó conveniencias, que ordinariamente ſaõ faliveis, eſtà eminente de huma, ou de outra parte (ſe de ambas naõ for) o diſgoſto, e arrependimento.

Para ſolido acerto deſta eleiçaõ devem

as peſſoas que quizerem tomar eſte eſtado
(2) *Pſ.* 30. 16. pôr nas mãos de Deos as ſuas ſortes (2) naõ intentando em peſſoa que no naſcimento, e poſſes lhe tenha ſuperior deſſemelhança, antes procurando-a, e pedindo ao meſmo Senhor lha dè com as propriedades, e dotes que o Apoſtolo S. Paulo inſinùa: prudente ſofrida, caſta, cuidadoſa, benigna, piedoſa,
(3) *ad Thimot.* 2. obediente, callada, e recolhida (3) e logo deſta ſorte haverà entre os cazados hum laço indiſſoluvel de extremoſo amor, ſem haver diſplicencias, e pezares, nem ſe fazer precizo o que hum Filoſofo antiguo aſſeverou: que a mulher naõ havia apparecer, nem ſahir mais que tres vezes: a baptizar, a cazar, e a enterrar.

Os Romanos que ſe prezavaõ muito de acertados nas ſuas eleiçoens, idéas, e maximas de governo, cuidavaõ muito (depois que modificàraõ o repudio que entre elles tambem Spurio Carvilio no anno 703. da
(4) *Dion. Alicar. lib.* 2. *Plutarc. in vit. Romuli.* fundaçaõ de Roma, introduzira (4) na mulher que para ſua eſpoſa eſcolhiaõ; e depois de a eleger lhe inſinuavaõ logo por ſinaes o como havia viver ſendo cazada, por naõ cahirem no erro em que os Hebreos delinquiraõ quando Moyſés anteriormente deter-
(5) *Jozef. de Ant.* minàra o repudio, ou o permitira. (5)

Mandavaõ à ſua preſença hum mancebo levando na maõ aceza huma tocha de panno enrolado, e candido, repreſentando-lhe a vigilancia indefectivel que havia ter na obſervancia da caſtidade conjugal; huma

capella

capella de eſpigas de trigo que ſe lhe punha na cabeça, inſinuandolhe o quanto havia zelar a providencia da ſua caza; huma roca, e fuzo com lam para logo pôr na cinta, capacitando-a que ſendo cazada naõ havia eſtar ocioſa, antes com o mayor diſvelo para ajudar ſeu eſpoſo havia de trabalhar. (6)

(6) *Joſef. de Ant. Plutarc. Homer.*

Aſ imitaçaõ dos Romanos foy antigo eſtilo em Veneza, e outros mais povos de Italia o fazer-ſe tocar à eſpoſa juntamente com o ſeu noivo fogo, e agua, dandolhe a entender que ambos deviaõ igualmente ſer puros, e limpos. (7) Entre os Alemães era coſtume mandarſe à noiva ellegida para eſpoſa hum jugo com dous Bois (8) demonſtrandolhe que lhe havia ſer companheira nos trabalhos, pois eſtes nos Bois ſe ſimbolizaõ, e ſe viraõ antiguamente por timbre ſuas effigies nas famoſas torres, e palacios de Roma, Corintho, e Cartago. (9)

(7) *Plutarc.*

(8) *Pier. Valer. Cornel. Tacit.*

(9) *Huberto. Carolo Floriano.*

Em alguns povos de França, e Heſpanha ſe uſava, e ainda hoje em muitos Reynos ſe pratica, tirar o noivo do ſeu dedo hum anel com alguma pedra engaſtada, e da-lo à ſua eſpoſa, provindo eſte coſtume de outro que mais antiguamente ſe eſtillava de uſar de hum anel com pedra para ſellar as cartas de importancia. (10) Plinio tràs a deduçaõ deſta ceremonia por hum grilhaõ com que hum amante ſe prendèra a huma pedra, donde veyo a entenderſe pelo anel a ſogeiçaõ (11) Tertuliano o comprova. (12) vejaõ os curioſos diſcretos, e Jozefo

(10) *Ateo Capito. Macrob. l 7. Saturn. Blond. l 9. de Rom. triumphante.*

(11) *Plin. l. 33. de hiſtor. naturali.*

(12) *Tertul. lib. de Velat. Virg. cap. 6.*

no livro 4. das Antiguidades, a Eſtrabo no livro 5. a Feſto Pompeo, Plutarcho, e Plinio, Catullo Poeta, Homero na ſua Odiſea, e Ouvidio em os Faſtos, acharàõ noticias divertidas de que podem extrahir utilidades para o acerto da ſua eleição os que intentarem ter a vida conjugal.

CAPITULO III.

Dos coſtumes celebres, uſos profanos, e ritos Gentilicos, que no Barbariſmo cego, e Genteliſmo idolatra antiguamente ſe viraõ, e por muitas Naçoens ſe imitàraõ, em cazamentos.

Celebres foraõ certamente os coſtumes que na antiguidade ſe praticàraõ reſpectivamente ao Matrimonio que alguns Autores apocrifamente eſcrevèraõ fora por Cecopre Rey de Athenas (antes dos tempos de Deucaliaõ) inſtituhido (1) razaõ porque o pintavão com duas caras; e ſendo certo que no tempo de Moyſés he que o Matrimonial contrato teve ſubſiſtenria (2) provindo (como diſſemos) de Adam, e Eva noſſos primeiros pays, ſupoſto que ſem fórma, o ſeu principio (3) ſe neſte, ou por carencia de Ley, ou por falta de individuos ſe licitava a contração de Matrimonio ainda entre irmãos com irmãs como ſe vio em ſeus filhos, de que o meſmo Adam foy juntamente pay, e ſogro, o que nos Hebreos em os primeiros ſeculos ſe admittio (4) naquelle poſteriormente ſó entre ſobrinhos, e ſobrinhas,

(1) *Vide apud Trogum Pompeum.*

(2) *Ex lib. Numer.*

(3) *Geneſ. ubi ſupra.*

(4) *Ex Geneſi. D. Cyprianus. Joſef. de Antiquit.*

brinhas, ou tios, e tias (proximo grau) se concedeo.

Em os dous Patriarcas Abraham, e Jacob referem os antigos Escritores, por collecçaõ do Texto se observára exemplarisado este costume, tomando aquelle por mulher dispoticamente a Sara filha de Aaram seu irmão, e este a Lia, e Rachel filhas de Labaõ seu tio. Moysés dispoz, como tambem do Texto em o livro dos Numeros se collige, que os varoens tomassem mulheres do seu mesmo Tribu, e geraçaõ (5) S. Agostinho verifica o cuidado que os antigos pozéraõ em observar este costume, para que as posseçoens, e bens que lográvaõ naõ se distrahissem, e na sua propria geraçaõ com augmento se conservassem. (6)

(5) *Ex lib. Numer.*

(6) *D. Augustin. l. 11. de Civit. Dei.*

Foy a disposiçaõ de Moysés por observancia literal do Texto: *Erunt duo in carne una.* (7) que o varaõ tivesse só huma mulher, e foy Lamech o primeiro que excedeo esta ley (8) S. Agostinho advertindo em Jacob já referido este excesso, o naõ reputa culpa, mas tolerado costume. (9) S. Joaõ Chrisostomo o comprova, fundado na carencia de prole que entaõ havia, sendo utilissimo que o Mundo se propagasse (10) adulterou-se entre o Gentilismo este rito, e naõ sem culpa grave se diffundio a varias Naçoens do Mundo todo, prevaricando libidinosamente o que para fim necessario, honesto, e justo fora instituhido.

(7) *Genes. 2. 24.*

(8) *Ex Genes.*

(9) *D. August.*

(10) *D. Joan. Chrisostom. homil. 55. in Genes.*

Os Romanos quizeraõ dar Leys a todo

o Mundo parece foraõ os primeiros que neſta ſe prevaricàraõ. (11) Os Egypcios, Numidas, Taxilos, Garamantes, Parthos, Tracios, Naſamoens, Indianos, Scitas, Perſas, e Mouros, totalmente ſe pervertéraõ; e como tinhão por fundamento, e fomento o ſenſual appetite para que tanto propende a inclinaçaõ humana, na falta de luz da Fé, outras muitas Naçoens do Mundo goſtoſamente os imitàraõ, e demaſiando-ſe com mil exceſſos a barbaros coſtumes procedéraõ.

(11) *Joſef. de Antiq. Catulo Poet.*

Os Antropophagos, Maſſagetas, Naſamoens, e Indos chegàraõ a tal exceſſo, que como ſe foſſem beſtas, ou féras irracionaes ſe ajuntavaõ com ſuas mulheres em publico, tendo muitas. (12) Os Scythas, Agartirſos, e Eſcocezes tivèraõ antiguamente as mulheres em commum, e ſeguindo a Republica de Plataõ eraõ tambem communs os filhos; com a meſma publicidade ſe ajuntavão. (13) Os de Arabia Felix obſervavão não ter mais que huma ſó mulher em matrimonio para cada huma geração, com a qual todos deſta ſe ajuntàvaõ precedendo por ancianidade, ſendolhe a morte infalivel ſe a outro de diverſa geração admitia. (14) Os Maſſagetas, e Britanos não coſtumavaõ ter mais que cada hum huma ſó mulher, e não querendo parecer ambicioſos ſe aproveitavaõ della em commum. (15)

(12) *Raviſ. Textor. in officina.*

(13) *idem ibi.*

(14) *Eſtrabo l. 16. de Geograph.*

(15) *Julius Cazar.*

Os Auxilos, e Naſamoens povos de Libia tinhaõ por coſtume quando algum ca-

zava

zava expôr ſua mulher a primeira noite a todos os convidados, iſto em honra de Venus; e depois vivia ſempre em caſtidade. (16) Os Adrimarchidas povos de Pennonia que habitavaõ junto do Egypto, levavaõ à preſença do ſeu Rey todas as donzelas que ſe queriaõ cazar, para que dellas fizeſſe primeiro o que lhe pareceſſe. (17) Os Eſcocezes praticavaõ levar primeiro ao Principe, ou Senhor do ſeu povo a dõzela que ſe havia receber, para que primeiro do que ſeu marido, uzaſſe della; e Mamoleo Rey deſta Naçaõ que foy ſeu terceiro Principe, tirou eſte horrivel abuzo, determinando que em lugar de acçaõ taõ barbara pagaſſe ao Senhor do povo pela ſua virgindade hum ducado de ouro toda a mulher que quizeſſe tomar a vida conjugal. (18)

(16) *Plutarch. Silvius.*

(17) *Herodot. l. 4.*

(18) *Raviſ. in Offi.*

Foy coſtume antiquiſſimo entre os Babilonios, e Aſſirios comprar por lanços communs em praça publica a mulher com quem algum houveſſe de cazar, uſo que poſteriormente imitàrão os Alarabes, e Mouros. (19) Nos povos de Cantabria ſe praticava dar o homem dote à mulher a quem queria receber (20) e nos de Lidia ſe concervou o abominavel uſo de ganharem as mulheres com publicidade illicita, e dezoneſtamente, os dotes com que houveſſem de cazar. (21) Os Medos, Magos, Ethyopes, e Arabes ſe deſoneſtavaõ com ſuas proprias mãys, e irmãs, e com eſtas vulgarmente he que contrahiaõ Matrimonio.

(19) *Plutarch.*

(20) *Tacit. Roſſin.*

(21) *Eraſm. Plin. Livius.*

nio. (22) Os Ctiſtos habitadores de Tracia ſe deſpreſavaõ de cazar, e viviaõ ſem mulheres. (23)

(22) *Strabo. Elian. Cornel. Tacit.*

(23) *Valer. Max. Raviſ. Textor.*

Aqui me occorre que eſcrevendo neſta materia o famoſiſſimo Plataõ, diz que naõ podem bem viver os homens com mulheres, nem tambem ſem ellas podem os homens viver bem (23) e obſervando com Ariſtoteles os Filoſofos que a natureza deſeja ſempre o mais perfeito, razaõ porque appetecendo (como verificaõ as hiſtorias) muitas mulheres ſerem homens, naõ ſe conta que algum homem appeteceſſe o ſer mulher (24) deraõ occaſiaõ a queſtionar-ſe como ſe conſervaria melhor o Mundo ſe ſó com homens ſem mulheres, ou com mulheres ſós ſem homens? (25) Tem a primeira parte opiniaõ affirmativa com o fundamento de Deos em o principio do Mundo ter criado ſó ao homem, e ſupoſto de huma coſta ſua extrahio a mulher (26) ſe o naõ fizeſſe aſſim, havia conſervarſe o Mundo ſem mulher. Naõ falta quem a eſta opiniaõ ſe incline, obſervando a Pytagoras, Ariſtoteles, Alberto Magno, e ainda ao grande Apoſtolo S. Paulo. (27) Poderſehia aſſeverar, ſe à mente Divina não foſſe repugnante. (28)

(23) *Plato in lib. de Repub.*

(24) *Philoſophi. cum Ariſtotele.*

(25) *Tortoles Academia 9.*

(26) *Ex Geneſ. 1.*

(27) *Pytagor. Phil. Ariſtol. l. 4. de Generat. animal. Alb. Mag. lib. 18. de animal. cap. 2. D. Paul. ad Corinth. cap. 11.*

(28) *Ex Geneſi. Non eſt bonum homin. eſſe ſol.*

A ſegunda parte da queſtão tem mais alguma probabilidade fundada em o ſentir de Ariſtoteles, e Galeno (29) reſpectivamente a aptidaõ da materia; mas como eſta não póde exiſtir ſem fórma, reputo apocrifas

(29) *Ariſtot. lib. de Generat. animal. Galen. lib 4. de utilitate partium.*

crifas taes opinioens, ſendo certo que ſem haver ambos os ſexos não ſe poderia o Mundo concervar.

CAPITULO IV.

Das pençoens laborioſas á que ſe ſogeitaõ os que tomaõ o eſtado, e vida conjugal.

HE tal a Providencia Divina, e diſpoſiçoens de Deos no governo do univerſo, que permitindo haja em todos, e para todos os eſtados peſſoas ſem temor expoſtas, parece lhe oculta os fins por lhe naõ deficultar os meyos, pois a naõ ſer aſſim, viviriaõ ſempre em irreſoluçoens os individuos, ſeriaõ as indigencias infaliveis, faltaria fermoſura ao Mundo, e eſte com facilidade acabaria.

Todos os modos de vida em que tem alguma ſubſiſtencia os mortaes certamente ſaõ pencionados, mas entre todos concidero a vida conjugal (pelo que reſpeita aſſim a hum como a outro ſexo) mais ſogeita a laborioſas pençoens, pois curioſo obſervo que extrahindo-ſe do gremio paternal hum homem na melhor flor de ſeus annos, não ha trabalhos a que ſe naõ ſogeite, perigos a que naõ ſe exponha, e cuidados com que não ſe atropele, jà cuidando o como ha de eſtabelecer a caza, jà como hade ſuſtentar a honra, e logo o como hade bem paſſar a vida com commodidade temporal.

Se a infelicidade de hum homem ſe encontra com huma mulher altiva, que naõ ſe ſubordine, com huma mulher louca que tudo lhe naõ baſte para galas, com huma mulher deſgovernada que ſó tenha ſobras de deſperdicios, oh que pencionada tem de ſofrer a vida conjugal! Mas que dirà de ſemelhante modo a triſte, e deſconſolada mulher ſe acerta com marido mal acondicionado, cioſo, e vicioſo! chora irremediaveis lagrimas, lamentalhe os deſcaminhos, e ſente os ſeus abſurdos; atè que vendo lhe falta ao preciſo da caza, e à ſuſtentaçaõ dos filhos tendo nos vicios exceſſo, ou ſe hade fazer eſtatua muda, ou ſe falando arguhio, logo pelo corpo pagou.

Eva foy a que pela ſua culpa occaſionou eſte trabalho ao ſeu ſexo, ficando todas as mulheres incurſas na condennaçaõ mais pennoſa à ſua altivès, ſendo eſta no Sacro Texto expreſſada: Eſtaràs no poder do marido, e elle te dominarà. (1) Tal ficou, e taõ preciza por eſte principio a ſua ſubordinaçaõ no Eſtado conjugal que a reputo pela mayor eſcravidaõ; porque ſe a qualquer eſcrava compra o que hade ſer Senhor, por ſeu dinheiro, a mulher que caza, compra com o ſeu dinheiro o ſer eſcrava; diſpende hum homem os ſeus toſtoens ſó para ter quem o ſirva, e huma mulher ſenhora por hir ſervir, e ficar cativa deſcarta-ſe dos ſeus toſtoens que podèra lograr em liberdade; doces achaõ muitas deſte grilhaõ os duros

(1) *Geneſ.* 3. 16

ros ferros, e goſtoſa a cadea em que ficaõ priſionadas, humas porque o naõ ſabem diſcorrer, e outras porque a alta providencia de Deos para a conſervaçaõ do Mundo aſſim o quer permitir.

Para final deſta ſogeiçaõ, aponta Texto aſſertivo o Direito Cannonico, dera Deos os cabellos largos à mulher, prohibindolhe que os cortaſſem ſem licença dos maridos. (2) Marianna douto Eſcritor diz que no Concilio Illiberitano celebrado em Heſpanha no tempo de Conſtantino Magno ſe prohibio às mulheres eſcrever, nem receber cartas ſem licença dos maridos. (3) Por leys de Romulo mais antiguamente lhe tinha ſido prohibido com a meſma penna capital que o adulterio, o beberem vinho ſem licença dos maridos; Blondo para comprovaçaõ, florecendo pelos annos de 1450. diz vira huma antigua eſcritura de huns Romanos feita havia jà 300. annos, em que o marido dava licença a ſua mulher para o beber por tempo de oito dias quando pariſſe. (4) Egnacio Metello matou a ſua com açoutes porque ſoube que ſem licença o fez (5) Fauno Rey de Italia, e outros muitos por eſta culpa tiràraõ a ſuas mulheres a vida. (6)

(2) *C. Quacumque 30. diſt.*

(3) *Joan. Marian. hiſt. de Heſp. l. 4. cap. 16.*

(4) *Blondo lib. de Roma triumphante.*

(5) *Idem ibi. Valer. Max. l. 6. cap. 13. de Servit.*

(6) *Viana nd Ovid. Metam. l. 1. n 16. Lactant. de falſa. relig. l. 1. c. 22.*

Da penҫaõ a que ſe expoem os cazados tendo, ou naõ tendo filhos, lhe reſultaõ em mais occaſioens exceſſivas pennas, que alegres goſtos, jà conciderando quaes ſeraõ (7) pois ſe vem a ſahir maos, ſentem os pays o ſeu mao ſucceſſo mais do que a ſua diſ-

(7) *Eccleſ. 3. 18.*

graça propria (8) ou já ainda que bem procedaõ cuidando no eſtado, e ſahida que lhe haõ de dar, pois ſe aſſim naõ fizerem, poderaõ deſpenhar-ſe em percipicios, ou prevaricarem-ſe; iſto àlem do laboriozo diſvello a que eſtaõ ſogeitos de os criar, educar, e fazerlhe prompto (talvez que naõ tendo poſſes) o veſtido, e o ſuſtento; hà em fim nos cazados deſconçolaçaõ ſe naõ ha filhos, tendo-os tambem ſaõ deſconçolados, ſendo ſempre eſte eſtado appetecido dos mais.

(8) *In leg. iſti quidem §. ſine ff. quod met. cauſ. §. ſed Veteres. inſt. de noxal. act.*

O grande Emperador Antonino Pio diſſe que morria deſconçolado porque deixava filho (9) e Creſſo Rey de Lidia verificou que deſconçolado morria porque os naõ deixava; O certo he que na vida conjugal ſaõ os mais os que dezejaõ eſta pençaõ; e certamente com juſtificada deſculpa, porque dizendo Chrizoſtomo ſerem os filhos imagem da Reſſurreiçaõ (10) quem os deixa, parece que naõ morre (11) daqui procede que os Juriſtas lhe daõ o efficaz Direito da repreſentaçaõ (12) reputando pay, e filho quaſi por huma ſó peſſoa (13) e o meſmo reſpectivamente às mãys.

(9) *Capitolin. in Anton. Pium.*

(10) *D. Joan. Chriſoſt. hom. 18. in Geneſ.*
(11) *Eccleſiaſt. 30. 4.*

(12) *L. 1 § 1. ff de ſuis, & legit. hæred. §. cum filius; & §. ult. inſtitut. hæredit.*
(13) *L. ult. in fin. c. de impuber. & aliis ſubſt.*

CAPI-

CAPITULO V.

Moſtra finezas extremozas, e exceſſos notaveis que ſe obſervaraõ em peſſoas que contrahiraõ o eſtado conjugal.

NAõ ſey o que tem as finezas, e os exceſſos que ſaõ mais ordinariamente obrados pelas mulheres, que expreſſados pelos homens, ou ſeja pela docilidade do ſexo, ou pela natural propençaõ, pois tendo da pedra Iman a propriedade de atrahir, tambem a tem para fazer deſpenhar, ſabendo muitas vezes verificar com fraudulencias o que em algumas com realidade chega a expreſſar.

Sem fineza grande, e com grave appetite celebraõ os hiſtoriadores hum ſucceſſo celebre que em Roma pelos annos de 380. ſe obſervou em huma mulher viuva, que tendo ſido cazada com vinte e dous maridos ſucceſſivos, aos quaes todos dizia que muito amara, cazou novamente com hum homem viuvo que tambem o era de vinte mulheres ſucceſſivas huma a outra com quem cazara; e dizendo que amava muito a eſta, tanto que lhe morreo, ſahio a publico pelas ruas daquella fatal Cidade com huma capella de louro na cabeça, e huma palma na maõ moſtrando que havia alcançado a vitoria. (1)

Periandro Rey de Corintho vendo morta ſua mulher a quem queria com extremo, ſe fez entaipar no ſeu palacio, a donde

(1) *Luigi Contarini Eſſempii delle donne. Pedro Mexia p. 1. cap. 34.*

de andava em hum continuo paſſeyo chorando lagrimas, e dando vozes com que chamava, e falava á defunta como ſe eſtiveſſe viva atè que morreo tambem. (2) Menno vaſſalo de Nino Rey de Africa amando muito a mulher com quem cazàra, vendo que o ſeu Monarca lha pedia, offerecendolhe para eſpoſa em ſeu lugar huma filha ſua, e quando naõ lha deſſe, a furtava como fez, Menno naõ aceitando o partido a punhaladas ſe matou. (3) M. Plancio Numidico depois de haver ſogeitado Numidia à força de armas, vendo que Oreſtilla ſua mulher perdèra a vida, naõ podendo admitir coſolaçaõ na extremoſa penna ſe atraveſſou a ſi meſmo com hum punhal. (4)

(2) *Joſefo de Antiquitat.*

(3) *Gellio.*

(4) *Valer. Max.*

Tiberio Graco cazado com Cornelia filha de Scipiaõ Africano, achando hum dia no ſeu leito duas cobras macho, e femea, e explicandolhe os agoureiros que ſe mataſſe a femea morreria ſua mulher, e ſe ao macho, morreria elle, quiz voluntariamente experimentar eſte fato por fortuna perdendo com a morte do macho a ſua vida, para que ſua mulher a quem queria muito, naõ experimentaſſe tal fatalidade. (5)

(5) *Plutarco.*

Dario Rey de Perſia ſendo vencido por Alexandre, e deſpojado de grande parte do ſeu Reyno, moſtrou taõ generoſo animo, que nem ſe perturbou, nem ſe entriſteceo, mas dandoſe-lhe a triſte nova que ſua mulher era morta, porque a amava, chorou atè acabar a vida (6) e ſem buſcarmos tanta antiguidade,

(6) *Curcio, e Arriano.*

Rodrigo

Rodrigo Sarmento Cavalheiro Heſpanhol moſtrou tal ſentimento na morte de ſua mulher que hum anno inteiro dormio veſtido, nunca mais comeo ſobre toalha, nem ſe aſſentou de alto. De modo ſemelhante ſe entende que anteriormente obrou Domingos Cataluzio Principe de Lesbo. (7) Outros fizeraõ exceſſos grandes. (7) *Academia Franceza.*

De mulheres extremoſas por ſeus maridos vio a antiguidade Laudomia mulher de Iſiclo que acompanhando-o ſempre a ſeu lado na guerra Troyana crudeliſſima, vendo-o morto lhe lançou os braços ao peſcoço ſem delle ſe apartar, e tirandolho ficou logo em terra morta às mãos do extremoſo ſentimento. (8) Antonia mulher de Germanico, e mãy do Emperador Claudio, vendo morto a ſeu marido, ſentio a ſua morte com exceſſos reputados por impoſſiveis. (9) Paulina mulher de Seneca vendo que o Emperador Nero mandára cortar a arteria a ſeu marido para que eſvaido em ſangue perdeſſe a vida, ella fez o meſmo a ſi propria acompanhando-o na morte. (10) Finalmente eſtes, e outros extremos ſemelhantes obràraõ por ſeus maridos outras muitas mulheres que no amor ſe acreditàraõ generoſas. (8) *Fulgoſo.* (9) *Maximo.* (10) *Suetonio.*

Os hiſtoriadores celebraõ os exceſſos que Artemiſa fez por Mauſoleo ſeu marido, Julia filha de Cezar por Pompeo (11) Iſicratea Rainha de Ponto por Mitridate (12) Sofia por ſeu marido Varro (13) Triaria por Lucio Vitellio (14) Tamiſia por Tito (15) (11) *Dion. Pruſ.* (12) *Appiano Alex* (13) *Mongdonete.* (14) *Plutarc.* (15) *Plutarc.*

Li-

Livia Druſſila por Tiberio Auguſto (16) Emilia por Africano (17) Chilonia por Cleombroto (18) Sulpicia por Lentulo Cruſelio (19) Liſabela de Auſtria Rainha de França por Carlos IX. (20) Liſabetta filha de Ludovico Urbino por Roberto (21) mulheres extremoſas por ſeus maridos.

(16) *Dion. Pruſ.*
(17) *Valer. Max.*
(18) *Plutarc.*
(19) *Idem.*
(20) *Cæzar Campan. lib. 3. hiſtor.*
(21) *Volaterrano.*

Semelhantes finezas experimentàraõ tambem em ſuas mulheres o Emperador Carlos IV. Ancio, Panteo, Ameto, Apuleio, Ligario, Straton Principe de Sidonia, Marco Curio, Abion, Blante, Crates Thebano, Anacarſes Scitha, Sexto Elio, Simaõ Athenienſe, Fabricio Romano, Fabio Maximo, os dous Filoſofos Democrito, e Anacreonte com outros muitos que por fugir à extençaõ, naõ repito. (22)

(22) *Apud Bugati. Appian. Plutarc. Juvenal. Marcial. Procop. Statius, Matteo Villani. Laert. Valer. Maxim. Plinio. Fulgoſ.*

Na gentilidade barbara ſe abaliſavaõ por mayores os exceſſos que as mulheres faziaõ por ſeus maridos, abraçando-ſe com ſeus cadaveres, lançando-ſe tambem com elles em o fogo, rito que ſe praticava na Azia Oriental (23) no Mogor, Ormùs, Coromandel, Bengala, Ethiopia, Perſia, Grecia, e outros muitos Reynos, ſendo tambem neſta acçaõ pontuaes os Brahamanos, e Turcos. (24)

(23) *Botero Relac. del mundo p. 1. l. 2.*

(24) *Anan. Ramuſ. Marco Polo. Vertam Luigi Contar. &c.*

CAPI-

CAPITULO VI.

Moſtra, que ordinariamente naõ pòde haver no Mundo para o homem mayor trabalho, e ruina (ou cazado, ou por cazar) do que tratar, e ſofrer huma mulher. Apontaõ-ſe por maravilha algumas em que eſte conceito ſe naõ vio verificado por heroicas acçoens que obràraõ.

A Todos ſe faz conſtante pelas letras Divinas, e humanas foraõ Adam, e Eva os primeiros dous conſortes que no Mundo houve, e que Eva logo foy a mulher primeira por quem veyo todo o mal ao Mundo; occaſionou a Adam ſeu eſpoſo a mayor ruina (1) e motivoulhe o mayor trabalho (2) teve Adam de a ſofrer todo o tempo que a tratou, pois acabàra Eva com Adam o que nem o meſmo demonio ſe atreveo a intentar, que para o preverter, por eſta mulher he que o negoceou. (3)

(1) *Geneſ.* 2.
(2) *Geneſ.* 3.
(3) *Geneſ.* 3.

Naõ baſtou eſte exemplo na cabeça alhea para que ſeus filhos, e netos achandoſe ainda ſolutos deixaſſem de participar eſte trabalho; e novamente perſuadidos os virtuoſos filhos de Seth pelas vicioſas filhas de Caim, que ſempre as mulheres para perſuadir foraõ efficazes (4) as recebèraõ por eſpoſas, e muito à ſua cuſta experimentàraõ ruinas, e diſgoſtos que ſofrèraõ.

(4) *Bened. Fern. in Geneſ. ſect.* 12. *d.*6.

Diz o Eſpirito Santo no Eccleſiaſtico, que melhor he o varaõ mao, que a mulher boa (5) ſendo quaſi o meſmo que dizer menos laſtimado, e ferido ſahirà o homem das

(5) *Eccleſ.*

mãos de seus inimigos, que das mãos de sua amiga; menos danno fez Saul a David trazendo-o desterrado, e fugitivo, do que Bersabea tendo-o em seus braços (6) de ver Sansaõ a Dalila, e cativarse de seu falço amor, resultou cazar com ella, e tambem perder a vida. (7) Valerio diz que ousada, e atrevida he a mulher para todo o que ama (8) Aureolo, e Media de Jason dizem que deve todo o homem pedir a Deos o livre de huma mulher atrevida mais que do mesmo demonio. (9)

6) *1. Reg.* 20. & 21.

(7) *Jud.* 24.

(8) *Valer. in Epist. ad Rusin.*

(9) *Aureolus. Med. de Jas.*

Entre as feras, e barbaros animaes (notou S. Joaõ Chrisostomo) que nenhuma femea mata ao seu macho (10) e só a mulher com mais crudelidade que os brutos chega a matar seu marido, depois de ter por ella tolerado mil trabalhos; de muitas que o fizèraõ, fazem mençaõ as historias; e o Douto Mexia na sua Silva, como tambem Textor na Officina contaõ successos memoraveis de impiedade. Rysimunda Princeza dos Gepidos matou a dous maridos Albino, e Hemilge Reys dos Longobardos (11) Albina Princeza de Lidia teve trinta e duas irmãas, todas cazaraõ, e matàraõ todas a seus maridos. (12) Quarenta e nove filhas de Danao (que mais teve) cazadas com outros tantos filhos de Egisto conjurando-se huma noite, matàraõ todas a seus maridos. (13) Muitas as imitàraõ, remunerando desta sorte a seus maridos o trabalho de as sofrer.

(10) *D. Joan. Chris. homil* 14.

(11) *Mexia Silv. de Var. lic. l. 2. c. 24.*

(12) *Textor in off. Volater.*

(13) *Senec. trag. in Hercul. fur. Ovid. de art. am. l. 1.*

Foy

Foy mulher a primeira creatura que no Mundo houve dezobediente à voz de Deos (14) e muitas consecutivamente perseguirão a Igreja, e os seus Santos, arruinando outras ainda as mais famosas Monarquias: perseguio Jezabel ao Profeta Elias, Herodias ao grande Baptista, Justina a toda a Igeja, concorrendo para lhe introduzir o Arianismo; e muitas fazendo que se separasse a cabeça de seus membros, extrahindo, desterrando, e tiranisando a muitos Santos Pontifices. Fez Athalia com que se destruisse Judea, Cleopatra a todo o Egypto, Helena a inexpugnavel Troya, Bernice ao Imperio Assirio, Cedaça a Lacedemonia, Theophane ao Imperio Grego, Agripina ao Imperio Romano, as duas mulheres do Emperador Otho III. ao Imperio de Alemanha, Anna Bolena ao Reyno de Inglaterra, Musonia a Italia, e Brunichilde a toda a França.

(14) *Genes.* 2.

Mas como o Mundo se compoem do bem, e mal, permitio com alta providencia o Artifice Soberano houvesse tambem algumas mulheres notaveis em o Mundo. Nas historias Divinas, e humanas achamos a fermoza Esther acudindo aos Israelitas, Judith degolando a Holofernes (15) Rahab livrando aos Soldados de Josué (16) Debora incitando aos Hebreos (17) Clotides trazendo a ElRey Clodoveo seu marido, e toda França à Fé de Christo; Gissa Irmã do Emperador Henrique fazendo o mesmo a Este-

(15) *Judith* 8. *&c.*

(16) *Josué* 2.

(17) *Judic.* 4.

vaõ ſeu marido Rey de Ungria, e a todo o ſeu Reyno: a filha de Uvincislao Rey de Bohemia reduzindo a todo o Reyno de Polonia, e a Micislao ſeu Principe com quem cazou; Tendo linda mulher de Agiulpho Rey dos Longobardos venturoſamente os converteo. Irene mãy do Emperador Conſtantino fez celebrar o Concilio Niceno, e a Emperatriz Pulcheria ao Calcedonence, eſte para deſtruhir as herezias de Dioſcoro, e Eutiches, aquelle para reſtituhir o culto às imagens Sagradas; a todas ſe aventajou na gloria a Emperatriz Helena Santa, deſcobrindo a Cruz Santiſſima de Chriſto prenda eſpecioſiſſima da Igreja, e fazendo com que o Emperador Conſtantino filho ſeu, e todo o ſeu Imperio abraçaſſe o Chriſtianiſmo. (18)

(18) *Vid. Villeg. Flav. Dextr. in Chronic. an. 311. Baron. nos an. p. 3.*

Na hiſtoria humana encontramos a Placidia, e Dominica, eſta deffendendo a Conſtantinopla, e aquella o Imperio Grego do furor dos Godos; Joanna de Lorena no tempo de Carlos VII. deffendendo a França dos Inglezes; Zenobia Rainha dos Palmireos deffendendo-os do Perſa, e huma famoza irmã de D. Pelayo occaſionando a reſtauraçaõ de Heſpanha contra os Mouros. Para complemento, e credito da vida conjugal ſe abalizàraõ as celebres Amazonas deſpicando ellas ſós com viva guerra a morte de ſeus maridos. (19) As naſcionaes de Vinsberg na batalha em que ſahio vencedor Conrado III. ſendo-lhe concedido a

(19) *Mezia na Silva l. 1. cap. 10.*

partido

partido que sahissem levando só o que podessem às suas costas, usáraõ da varonil industria de cada huma carregar com seu marido (20) As Lacenas mulheres dos Minias vendo-os prezos pelos Spartanos, e condenados à morte, a tempo que se havia executar a penna, pedindo, e dandose-lhe licença para entrar no carcere a darlhe os ultimos amplexos, os mudàraõ de habito trocando as vestiduras, e sahindo elles com veos pretos em o rostro por final de penna, a toda se quizèraõ ellas sogeitar com esta industria, achando-se por seus maridos em o carcere. (21) Socedeo isto em outro tempo, que neste ordinariamente só occasionaõ a seus maridos ruinas, e trabalhos, sendolhe precizo revestir-se de muito sofrimento.

(20) *Flosc. histor. p. 2. cap. 4.*

(21) *Valer. Max. d. l. 4. c. 6.*

APPENDIX
A ESTE VI. LIVRO

Em que summariamente se expoem a todos os estados, e qualidade de pessoas a precauçaõ, e utilidades da Vida continente.

Todas as pessoas de hum, e outro sexo em qualquer estado que vivaõ, aconcelha o grande Apostolo S. Paulo, e com elle todos os Santos Padres, e Doutores da Igreja a exacçaõ utilissima (para o espiritual, e temporal) da vida continente; e como o estado de cazados foy o primeiro que no Mundo houve,

houve, devem ser os cazados os primeiros que vivaõ em castidade conjugal (1) esquecendo-se de libidinosos appetites as pessoas que tendo já aquelle estado se achaõ no da viuvès; e naõ se lembrando, os que solteiros vivem, dos depravados gostos sensuaes com que o Mundo lhe brinda, e com tantos prejuisos espirituaes, e temporaes os intenta o demonio perturbar.

(1) *Vide Ep. D. Paul. & com. PP. & DD.*

Saõ os olhos as janellas por donde com facilidade grande a culpa entra; Jeremias lhe chama ladroens e salteadores, pois roubaõ os coraçoens das mulheres (2) e por isso o S. Job com os seus olhos fez concerto de naõ olhar para alguma (3) pelo perigo a que se expoem ainda a mesma Santidade. O Apostolo S. Pedro diz que saõ os olhos hũ adulterio dilatado, e continuo delicto (4) S. Cypriano verifica q̃ sendo os olhos do Aspide peçonha, saõ os da mulher pestilencia. (5) Naõ fora talvez David adultero, se naõ olhara para Barsabea (6) nem Aman incestuoso, se em Thamar sua irmã naõ pozera os olhos (7) Democrito sendo gentio tirou os olhos por naõ ver mulheres (8) e Alexandre Magno temeo visitar a mulher, e filhas de Dario, porque sabendo eraõ fermosas, ao mesmo tempo que se achava vencedor, receou ficar vencido. (9)

(2) *Hierem. c. 3.*

(3) *Job. 15.*

(4) *2. Petr. 2.*

(5) *D. Cyprian. l. de singul Clericor.*

(6) *2. Reg. 1.*

(7) *2. Reg. 13.*

(8) *Tertulian.*

(9) *Plutarch. Textor off.*

Nos Proverbios está dizendo Salamaõ que desviemos os passos da caza de mulher, e que naõ cheguemos ao seu portal, porque saõ portas da Morte, e do Inferno. (10) S.

(10) *Proverb.*

Agos-

Agoſtinho verifica que quem naõ evitar a converſaçaõ das mulheres cahirá na mayor ruina (11) o Sabio inſinúa que tocar huma mulher he tocar hum Eſcorpiaõ (12) e S. Nilo depois de aſſeverar que a viſta de huma mulher he ſetta ervada que ao corpo, e eſpirito mata, diz q̃ he melhor ao homem moſſo chegar-ſe a hum activo fogo do que a huma mulher, porque o ardor do fogo farà fugir a maõ, e a da mulher naõ ſabe ſe o farà. (13)

(11) *D. Auguſt.*

(12) *Eccleſ. 26.*

(13) *S. Nilo orat. 2 contra vitia.*

Summo mal dos homẽs, e lança mais aguda com que o Demonio fere, chamou S. Joaõ Chriſoſtomo ás mulheres (14) e naõ ſem cauſa o mal que Euripides deſejava a ſeus inimigos era que as tiveſſem por inimigas (15) pois ſaõ mais indomitas que os brutos, e mais vingativas do que as feras. Alimentàraõ corvos a Elias (16) Aſpides temèraõ ao Baptiſta (17) Leoens perdoaraõ a Daniel (18) e ſalvou huma Balea a Jonas (19) mas huma mulher perdeu a todos, e a nenhum perdoou, ſe com ellas quiz tratar.

(14) *D. Joan. Chriſ homil. 14.*

(15) *Euriped. in Oedip.*

(16) *3. Reg. 17.*

(17) *Chriſoſt. hom. 14. in decol. Joan. Bap.*

(18) *Dan. 6.*

(19) *Joan. 2.*

Se pois o que he Catholico quer que lhe perdoe Deos, naõ ſe perca por mulheres, conhecendo ſer a continencia a mayor virtude, e a cẽſualidade o mayor peccado; quem para remedio deſta ſe ſogeitou ás penciondas Leis do Matrimonio no meſmo eſtado ſem admitir diſtracçaõ, cuide de obſervar a Caſtidade conjugal vivendo com fiel ſubordinaçaõ à Ley Divina; Quem naõ tomou eſte eſtado deve naõ ſó ſer caſto, mas limpo, e puro,

puro, amando a virgindade, pois antecede eſta ao celibato, e o celibato ao Matrimonio, que ſe a ſorte dos cazados ſegue a natureza, a dos ſolteiros pende da Graça, e a dos Virgens participa da gloria.

Gloria grande merecèraõ certamente alguns cazados que naõ ſe contentando ſó com a felix obſervancia da caſtidade conjugal, concervàraõ ditoſa virgindade no eſtado, e vida do Matrimonio; fazem mençaõ as hiſtorias dos Santos Valeriano, e Cezilia, Juliaõ, e Baſiliſſa, Chriſanto, e Daria, Publio, e Anaſtacia, Marciano, e Pulcheria, Theophanes, e Theodora, Martiniano, e Maxima, Henrique, e Conegunda, Galaccion, e Epicteme, Eduardo com Editha, Ecardo com Catherina de Suecia, Eſtevaõ Rey de Ungria com huma filha de ElRey de Dalmacia, Ansberto com Anyadriſina, Egfrido com Edeltruda, Zacharias com Maria, Elzeario com Delfina, Boleslao com outra Conegunda, e Dom Affonço o caſto Rey de Heſpanha com Berta irmã de Carlos Magno. Deos os poz no Mundo para eſtimulo dos cazados, e protentoſo exemplar para os que o naõ forem, incitando a todos que ſe naõ merecem a gloria de virgens, ſejaõ ao menos caſtos em vida continente.

Sendo pois eſta inſinuaçaõ univerſal para todos de hum, e outro ſexo, cazados, viuvos, ſolteiros, e ainda para os que viverem em qualquer outro eſtado, devem ſer

todos

todos caſtos, e continentes, evitando naõ ſó offenças de Deos, mas a ruina de ſua propria alma, e perjuizo grave de ſeu corpo; de ſe naõ abſterem as humanas creaturas dos appetites venereos lhe provèm enfermidades, debelitaõ-ſe as forças, deſtroe-ſe a ſubſtancia, diminue-ſe a vida, e apropinqua-ſe a morte. (20)

(20) *Provebr.2.18. Luc. 15. 13. de fil. prodig.*

Reputou o S. Job ao peccado peor do que o inferno (21) e por Geroglifico de hum peccador laſcivo expoz o douto Picinello a figueira braba (que nòs chamamos do inferno) com eſte lemma *Duriſſima mollit.* (22) Ainda em muitos Gentios a quem faltava a luz da fé, era abominavel eſte vicio (23) cuidavaõ de refrear os appetites de Venus (24) e os que ſe diſtrahiaõ com exceſſo, eraõ punidos. (25) Avicena eſcrevendo na materia como quem a entendia, diz que hum ſó congreſſo ſenſual cauſa tal diſpendio de forças, como quarenta annos de emiſſaõ de ſangue na ſangria (26) e Claudiano lendo aos pès da eſtatua de Venus eſte epigrafe: *Unuſquiſque ſe eviſcerat luxurioſus* que a antiguidade pozera, diſcretamente cantou.

D. Bernard. Ab. D. Bernardin t. 1. Serm. 24. art. 1. Clem. Alex. Stro. Chriſoſt. hom. 23. Plinius. Galen.

(21) *Job. 14. 13.*

(22) *Phelip. Picinel. Mund. ſimbolic. lib. 9. n. 165.*

(23) *Tertul. Livius.*

(24) *Valer. Max.*

(25) *Plato de Legib.*

(26) *Avicena apud Biſciolam lib. 2.*

Luxuria perdulce malum, quæ dedita ſemper
Corporis arbitriis hebetat caligine ſenſus,
Membra que Circæis effæminat acrius herbis. (27)

(27) *Claudian. l. 2. de Stelic laud.*

LIVRO SETIMO

Vida Literaria.

CAPITVLO I.

Moſtra as excellencias, utilidades, e effeitos da ſabedoria; expoem o quanto para a aprehençaõ das ſciencias ſe faz preciza a Arte da memoria; apontaõ-ſe algumas peſſoas que neſta foraõ notaveis.

HUma das mais excellentes, e ſublimadas prendas com que a ſabedoria Divina adornou a creatura humana, foy o darlhe aptidaõ, e capacidade para que (ſupoſto com o diſpendio do ſeu diſvelo) aprehendeſſe todas as ſciencias: à primeira humana creatura que o Mundo vio, e algumas outras (pois he illimitavel o poder Divino) concedeo por modo ſuperior o meſmo Deos eſta ditoſa profluencia, que lhe infundio com a mayor ventura; e ſupoſto aos mais naõ poupaſſe o trabalho, quiz participarlhe a meſma gloria para os germanar em a coroa.

Das entranhas da terra ſahe o ouro, e tambem nellas ſe acha o diamante, trazendo ambos entre ſi huma uniaõ taõ conforme, que ſupoſto ſejaõ remotas as patrias,

ſempre

ſempre ambos vem a fazer companhia: ainda que nos outros metaes ſempre o diamante luſtre; no ouro como em ſeu natural he que o diamante brilha; e ſe o ouro para merecer eſte engaſte, padece primeiro incendios, bem he que quem appetecer o precizo eſmalte das ſciencias ſofra primeiro diſvelos, e trabalhos.

Toda a ſabedoria, de Deos procede (1) e o demonio para poder tentar a noſſos primeiros pays, diſſelhe que ſeriaõ ſabios como Deoſes (2) ſim he verdade que a ſciencia incha (3) mas evitado o perigo deſta culpa, diz o Eſpirito Santo que a amemos. (4) Mais do que Reynos, e Solios eſtimou Salamaõ a ſabedoria (5) e com razaõ, parece, que a preferio às armas (6) porque ſe o poder tem as forças da vontade, a ſabedoria occupa o lugar do entendimento; e ſe nos exercitos ſaõ as vigias as que avizaõ do damno para que aquelle corpo naõ pereça por deſcuido; a toda a creatura ſervem os ſentidos de Soldados, mas de todos elles he a ſabedoria cintinela.

(1) *Eccl.* 1. 31.
(2) *Geneſ.* 3.
(3) 1. *ad Corinth.* 2.
(4) *Sap.* 6. 22.
(5) *Sap.* 7. 7.
(6) *Sap.* 6. 2.

O homem que por ſua culpa he ignorante, e neſcio, ſem que às ſciencias ſe applique, naõ he homem; he hum corpo ſem alma, ou hum homem pintado, como diſſe hum diſcreto: *Homo ignorans eſt quaſi homo pictus, & homo ſimbolice* (7) ou he nau ſem leme, barco ſem remo, campanario ſem ſinos, torre ſem grimpa, relogio ſem curſo, fonte ſem agua, jardim ſem flores, arvore ſem frutos,

(7) *Ivo Capuc. Digeſt. tom.* 1. *Minoritas cognitionis.*

guiſado ſem ſal, e Mundo ſem Sol.

As utilidades, e effeitos da ſabedoria naõ ha alguem por mais ruſtico que ſeja, que as ignore; entre as que naõ repito, aclara os diſcurſos, ſopèa as vontades, expulſa os vicios, introduz as virtudes, encaminha a Alma, rege o corpo, explica os conceitos, utiliſa os homens, ferteliſa os campos, ſuſtenta os Reynos, deffende os Imperios, mede o Mundo, conta os Ceos, numèra as Eſtrelas, e trata de Deos.

Em todas as Monarquias do Mundo foy ſempre a ſabedoria eſtimadiſſima, e em muitos com exceſſo grande venerada, no que muito ſe abaliſou Grecia, Athenas, e Roma; mas ſendo neſtes, e em outros mais Imperios tantos, e taõ reſpeitados os ſabios, quantos, e quam attendidos os doutos, ſendo limitado mappa eſte volume todo para ſó delles expender hum abreviadiſſimo Cathalogo, offereço o abreviado Index ſó dos que allego neſte tomo, e remetome às obras illuſtriſſimas de todos, com que (oſtentando feliz ſabedoria) as mayores, e mais celebres Livrarias do Mundo ſe exornaõ.

Para a ditoſa comprehençaõ com que na vulgaridade ſe adquirem as ſciencias, he utiliſſima a arte da memoria, que como Plinio, e Quintiliano eſcrevem (8) foy inventada por Simonides Melico, como elle meſmo inſinùa [9] dandolhe occaſiaõ Scopas em Thezalia: foy eſta artificial, e local, carecendo o homem de aprehenſiva, e reten-

(8) *Plin. l. 7. Quintil. l. 11.*

(9) *Simonid. in l. de Orator.*

retentiva; e ſendo o entendimento, imaginaçaõ, e memoria, como partes neceſſariamente concurrentes, as officinas em que com a lima do diſcurſo ſe luſtraõ, e illuſtraõ todas as ſciencias, vejamos o como obraõ, para deſterrar ignorancias.

He o Entendimento hum lume natural que a Alma tem para entender, pois como propriedade, e natural virtude, Deos autor da natureza o deu à Alma (10) por elle, àlem de outras excellencias, ficou a creatura imagem do Creador (11) no Entendimento pouco a pouco vaõ entrando as eſpecies, e figuras das couſas, pois ſem ellas naõ he poſſivel entender (12) e ſuppoſto ſejaõ obſcuras, e confuſas, acodem as ſemelhanças ſenſiveis como exemplar, para que o Entendimento poſſa entender, trabalhando induſtrioſo, e formalizado com a repetiçaõ de actos, poſſa adquirir habito, e entre com felicidade a raciocinar, e diſcorrer.

He a Imaginaçaõ huma potencia que o meſmo Autor da natureza poz no homem, com a qual julga de todas as couſas ſenſiveis, ou eſtejaõ preſentes, ou auſentes (13) por ſer cognoſcitiva, lhe deu a natuteza perſpicacia para concervar as imagens (14) e ſubtileſa para conhecer as qualidades nas viſiveis, ſendo taõ induſtrioſa que tem poſſibilidade para fazer huma ſó imagem de todas quantas tiver na repreſentaçaõ.

He em fim a Memoria natural huma potencia, pela qual o animo repete o que perce-

(10) *P. Leandr. de Granada trat. luz de marav. diſc.* 4. § 1.

(11) *Geneſ.* 1. 26. *Eccleſ.* 17. 1. *Vid. Mag. ſent l.* 2. *diſt* 16. § 4. *D. Thom p.* 1. *q.* 93.

(12) *D. Thom. p* 1. *q.* 84. *Soar de anim. l.* 4. *cap.* 1. *&* 5.

(13) *D. Aug. l.* 12. *c.* 7.

(14) *P. Leandr. citz diſc.* 1. § 1.

percebeo (15) ſendolhe ſempre util a cultura; Ariſtoteles lhe chamou Reminiſcencia (16) e aſſim a appellidaõ muitos ſabios (17) reſpectivamente à concervaçaõ das eſpecies inteligiveis: pelo que defecado o Entendimento de toda a materialidade, informado pelas qualidades dos objectos, e pulido pelas ſutileſas do diſcurſo, ſe faz digno receptaculo de todas as ſciencias, conſtituindo a creatura diſcreta, e ſabia, ſe ſe applica à vida Literaria, iſto com a prenda da natural, ou artificial memoria.

(15) *Cicer. de Rhet. & de invent. l. 2.*

(16) *Ariſt. l. de Anim. Policrat. Galen.*

(17) *Polyanth. verb. Memor. cum multi.*

Neſta excellencia ſe fizeraõ celebres (como referem Plinio, e Solinio (18) muitas creaturas: mencionando a Cyro Rey de Perſia, que chamava por ſeu proprio nome a todos os Soldados que trazia no ſeu grande exercito. Mitridates Rey de Ponto que falava vinte e duas linguas diverſas de outras tantas Naçoens que tinha na ſua obediencia: (19) Cyneas Embaixador de ElRey Pyrro no ſegundo dia que entrou em Roma, falou pelos ſeus nomes a todos os Senadores, e muita plebe que os acompanhavaõ. (20) Julio Cezar coſtumava juntamente eſcrever huma carta, notar outra, e converſar com os que aſſiſtiaõ, o que tambem ſe diz do Emperador Adriano (21) Elio Adriano dizia os nomes de todos quantos Soldados tinhaõ militado debaixo de ſuas bandeiras (22) Scipiaõ Aziatico irmaõ do Africano repetia os nomes de todos os habitadores de Roma (23) Seneca de ſi eſcreve que di-

(18) *Plinius. l. 7. Solinus.*

(19) *Valer. & Plinius.*

(20) *Eutrop. l. 2. de la guerra Tarentina.*

(21) *Sparcian. & Plinio l. 7.*

(22) *Aurel. Vit.*

(23) *Plin. l. 7.*

zia

zia dous mil nomes pela ordem que os achava, e repetia da meſma ſorte duzentos verſos, ainda do fim para o principio (24) Ariſtophano Poeta o excedeo na preſença de Ptolomeo Rey do Egypto (25) e Themiſtocles quaſi o igualou (26) mas Gorgias Leontino com admiraçaõ de toda Grecia, e Athenas parece venceo a todos na excellencia da memoria, e lhe levantàraõ na Ilha de Delfos huma eſtatua de ouro. (27)

(24) *Seneca.*

(25) *Viturv. in præfat. 7.*

(26) *Plin. l. 7.*

(27) *Plato in Gorg. Plin. c 4. l. 33. Valer. Max.*

CAPITULO II.

Da Gramatica, e Rhetorica; moſtra-ſe a ſua origem, e ſe lhe explanaõ as excellencias.

SEndo (como he) a Gramatica baze fundamental de todas as ſciencias, pois deſta carecem todas para a ſua intelligencia, e ſolida percepçaõ, faz-ſe accredora à primaſia na ordem com que me reſolvi a eſcrever. He eſte nome Gramatica, como Fabio verifica, derivado do antiguo, e Grego vocabulo Gramma, que quer dizer Letra (1) razaõ porque tambem antiguamente aos profeſſores deſtas letras chamavaõ Literatores, e appellidavaõ a eſta engenhoſa arte Literatura, nome que poſteriormente Suetonio atribuhio genericamente naõ tanto aos que chamamos hoje Letrados, quanto aos que tinhaõ qualquer applicaçaõ às letras. (2) A'quelles pois que hoje pelo ſom, e rigor da palavra nòs denominamos Gramaticos, chama-

(1) *Fabius de Gramatica.*

(2) *Sueton. hic.*

chamavaõ os Gregos, Grammatiſtas.

Teve eſta arte ao principio [como Suetonio inſinua] ſeu mixto de Rhetorica, e Oratoria (3) pois ſendo o ſeu miniſterio conſiſtente em ſaber falar pondo acertada direcçaõ nas vozes, deduzir as palavras, formalizar os conceitos, concordar os generos, e frazear com eloquencia; iſto meſmo inculcaõ a Oratoria, e Rhetorica, ſó eſpecialiſando-ſe com propriedade a Grammatica na aprehençaõ dos primeiros principios capacitando nas nominaçoens, moſtrando os numeros, generos, e caſos, preſentes, preteritos, e futuros; para que ſabidos os tempos, declinaçoens dos nomes, cazos, e conjugaçaõ dos verbos, inſtruhido o principiante nos rudimentos, e dando às ſylabas acertada conſonancia na loquella, appareça a Oraçaõ Grammatical bem compoſta, e bem regida.

(3) *Sueton. lib. 1. de Gram.*

Nobilita-ſe a Grammatica entre todas as ſciencias, porque das ſciencias todas he baze, e fundamento a Grammatica (4) tendo entre todas as artes, e eſtudos (como Quintiliano diz) mais proveito que apparato (5) os antiguos hiſtoriadores verificaõ ter ſido a arte da Grammatica inventada por Hermippo, mas eſte como diz Laercio dà primaſia no invento a Epicuro (6) e a Plataõ, Suetonio. (7) Entre os Gregos, Egypcios, e outras Naçoens antiguas foy menos tratavel eſta arte. Entende-ſe que Crates Malote depois da morte de Ennio,

(4) *Fabius l. de Gram.*

(5) *Quintil. de Gram.*

(6) *Laertius l. 10.*

(7) *Sueton. hic.*

no

no tempo que distou entre a segunda, e terceira guerra Africana, foy o primeiro que introdusio esta arte da Gramatica em Roma sendo enviado áquella Corte por ElRey Attalo. (8)

(8) *Laertius. Eusebi. Diodor. Josefus.*

Foraõ antiguamente nesta arte eminentissimos Didymo, Marco Varro, Antonio Enipho, Marco Tulio, Nigidio Figulo, Valerio Probo, Palemon, Aristoteles, Suetonio, Theodoto, e Aristarcho; todos lhe dèraõ normas, e nella escrevèraõ, mas nos posteriores seculos houve outros bem conhecidos que reduzindoa às mais perfeitas regras, sapientissimamente a illustráraõ. (9)

(9) *Macrobius.*

A Rhetorica, arte sempre estimadissima, que no sentir dos discretos tem differença da Oratoria, e na opiniaõ de Cicero em sinco partes se divide, sendo estas as que deve ter aquelle que for bom Rhetorico (10) ensina o modo de falar com eloquencia, compor, vestir, e ornar o que se diz, e escreve, para o que dà certas regras, e tem solidos preceitos. Sem a total fermosura com que a observamos (escrevem com Diodoro antiquissimos Autores) que fora Mercurio o Inventor (11) Aristoteles atribue seu primeiro invento a Empedocles (12) e deste sentir he Quintiliano (13) tirando a primazia nesta gloria a Syrio Phenicides.

(10) *Vid. Cicer. lib. de Orator.*

(11) *Diodor. l. 1.*

(12) *Arist. de Rhet.*

(13) *Quintil. l. 3.*

Ao S. Henoch a daõ muitos SS. PP. e DD. em o anno 987. da creaçaõ do Mun-

do. (14) Depois do diluvio restauràraõ a Rhetorica os filhos, e netos de Noè, especialisando-se nesta acçaõ Tubal vindo (como dissemos) fundar, e povoar a nossa Lusitania. (15) Os primeiros que com seus escritos a exornàraõ sabendo-lhe dar preceitos, e normas certas, foraõ Corace, e Crecias Lyracusanos (16) suposto outrem diga, que Corace, e Thisia Cezilianos. (17) Gorgias Leontino, e seu discipulo Issocrates a melhoràraõ na perfeiçaõ, motivo porque os Athenienses lhe levantàraõ estatua. (18)

Inculca esta scientifica arte aos seus professores notavel honra; no povo Romano repetidas vezes se observou serem alguns Rethoricos só por esta prenda, elevados a dignidades relevantes (19) Servio Sulpicio, Appollonio, e Molon, della extrahiraõ honras, e utilidades. (20) Hermagoras, Agamenon, Theodetes, Hermogenes, Seneca, Cicero, Pericles, Monelao, Nestor, Ulyses, e Paris foraõ na Rhetorica eminentes. Em o presente seculo ElRey D. Affonso V. nosso Monarca Lusitano foy Rhetorico insigne por eloquencia, e naturalidade.

(14) *D. August. de Civit. Dei l. 15 c. 23. Beda in Eplfiol. Perrer. in Genes. l. 7. Tertul. l. de Idolatr.*

(15) *Valer. Max. Appian. Alexandr.*

(16) *Volater. apud Ant. de Souz. p. 1. cap. 27.*

(17) *Polliodor. Vir.*

(18) *Pierio Valer. l. 49 Hyerogr. fl. 485.*

(19) *Servius.*

(20) *Budeus de Asse. l. 2. Plin. l. 7. c. 28. Hector. Pint. in Dial. 2. c. 26. p. 2. Pompon. let in leg. 2. §. deinde ff. de Orig. jur.*

CAPI-

CAPITULO III.

Da Oratoria, e Poeſia; explanaõ-ſe os ſeus principios; declaraõ ſe as qualidades, e moſtra-ſe deſtas duas ſcientificas artes a relevancia. Toca-ſe na Satyra, e na Hiſtoria.

A Oratoria que em todas as idades do Mundo mereceo ſempre grande eſtimaçaõ, he huma arte ſcientifica que no ſeu expreſſivo inculca mageſtade; he o ſeu emprego louvar, e reprehender, enſinar, e admoeſtar, regulando por normas certas os ſeus dictames, attendida a mais relevante eloquencia na direcçaõ das vozes, compoſiçaõ do corpo, e correſpondencia de acçoens, ſe chega a repreſentar-ſe. Os antiguos chamàraõ à Oratoria, Sapiencia (1) e nella deſcobrem os politicos a mayor felicidade para o bem commum, pois a ſua eloquencia ſabe expellir da Republica os vicios, introduzir as virtudes, reformar os coſtumes, pacificar os animos, e ſocegar os tumultos. Moſtrou muitas vezes a Oratoria eloquente (como as hiſtorias univerſaes referem] que tinha poder para humilhar ſoberbos, entronizar humildes, desfazer exercitos, levantar cercos, conciliar Monarcas, e deffender Imperios, para bem da patria, obſervancia das Leys, e publica conveniencia; razaõ talvez porque os Emperadores Leaõ, e Anthemio chamàraõ à voz dos Oradores Voz glorioſa. [2]

(1) *Omphalius. de elocutione cap. 5. in princip.*

(2) *In l. Advocatis 14. Cod. de Advocatis. diverſ. jud.*

Na formaçaõ do ſeu invento [ſe tambem ſe naõ deve a Phenicides] ha diſputa entre os Eſcritores; verifica-ſe que entre os Oradores Gregos Demoſthenes logrou a primaſia, como Marco Tulio Cicero entre os Latinos, ſendo de toda Roma o aſſombro illuſtrando a Oratoria. Os mayores homens, e Principes que no Mundo houve ſe applicàraõ antiguamente a eſta arte, moſtrando quanto a eſtimavaõ. Os Emperadores Cezar, Tiberio, e Auguſto a honràraõ; Socrates, Aſclebiades, Salluſtio, Ulyſes, Agamenon, Iſſocrates, Menelao, Appollonio, Pollion, e Livio com outros muitos ſe moſtràraõ na Oratoria peritiſſimos. (3)

(3) *Vid. Plutarch. de Claris orator. Textor in officina; & in tt. de Orator. in princip. Cicero de perf. orat. Hector Pinto ex alus dialog. 2. c. 6.*

He alma da Oratoria a Hiſtoria, pois com eſta aquella ſe illuſtra, e exemplifica, capacitando-ſe para mais mover os animos, e occaſionar honroſos appetites dignos de gloria, e fama. O primeiro que a eſcreveo (diz Plinio) que foy Cadmo Milegio (4) Euzebio, e Plinio ſupoem anterioridade neſta acçaõ atribuindo-a aos Hebreos. (5) Jozefo, e Plutarcho a ſuppoem dos Babilonios, e Egypcios. (6) Apuleyo, e Eſtrabo daõ a Pherecides a primaſia (7) e entre os Filoſofos a teve Xenophonte como Laercio eſcreveo. (8) Foraõ hiſtoriadores famoſos Thucidides, Herodoto, e Theopompo entre os Gregos; Titolivio, Criſpo, e Saluſtio entre os Romanos.

(4) *Plin. l. 7.*

(5) *Euſeb. l. 10 de Phrapa. Evang.*

(6) *Joſef. lib. 1. contra Apion. Plutarch. l. 6.*

(7) *Apuleyo l. in florid. Eſtrab. l. 1. de Geograph.*

(8) *Laertius in vita Philoſofor.*

A Poeſia diſcreta logrou ſempre no Mundo excellencia: na antiguidade mere-

ce

ce o mayor credito, na posteridade tem naõ menor gloria: sabios se denominavaõ os Poetas [9] Santos os appellidou Tulio (10) Deoses os venerou o Gentilismo. (11) Para illustrar todas as sciencias, e faculdades apareceo a Poesia no Mundo: Deos foy o que para louvor seu a permitio, e Moysés (dizem) o primeiro que a inventou. (12) David famosamente a seguio (13) e Maria Sacratissima lhe deu o mayor lustre, compondo em metro seu soberano Cantico. (14) Foy antiguamente, e muito mais que hoje a Poesia, estimadissima, e reputava-se verdadeiramente dom de Deos; nella faziaõ os antigos seu estudo principal para se instruir nos bons costumes (15) e era entre todos como singulariſſima prenda estimada.

(9) *Plat. l. 2. de Repub.*
(10) *Marc. Tul. orat. pro Archia Poeta.*
(11) *Quintil; Plutarc.*
(12) *Euzeb l. 2. de Preparat. Evangel. Joſeſus l. 2. de Ant.*
(13) *Joſeſ. l. 7. de Antiq. D. Hyeron. in Prol.*
(14) *Maldonad. in Luc. Carthagen. p. 1. l. 6. hom. 9. &c.*
(15) *Strabo l. 1.*

Da mesma Igreja triunfante, e militante mereceo attençoens a Poesia; porque no Ceo com versos, e hymnos, a Coros, louvaõ a Deos os Anjos, e na terra, por imitaçaõ, com plausivel culto o louvaõ os homens nos Coros. (16) Para este effeito com suas obras concorrèraõ Moysés, e David, que jà mencionamos, imitando-os outros mais varoens insignes que no Mundo florecèraõ, abalisando-se nesta acçaõ o Lusitano Pontifice S. Damazo, e Urbano VIII. com outros muitos Padres, e Doutores que com hymnos para festividades proprias em diversos metros mostràraõ engenho, e lustre.

(16) *Ex Pſalmis. Eccleſia in Præfat. Miſſæ cum Angel. hymn. glor. tuæ canimus. &c.*

Em particulares versos dirigidos ao louvor Divino se esmeràraõ engenhos delicados

cados em Naçoens Catholicas; innumeraveis foraõ como os noticiosos sabem; e naõ sendo tanto de admirar no sexo varonil pela relevancia do discurso, quanto no feminil sexo; neste se fizèraõ celebres Falconia inclita Romana, que dos versos de Virgilio, e a Emperatriz Eudoxia que dos de Homero compozeraõ a vida de Christo transmutando o profano em o Divino com a mayor energia, e ellegancia.

Mas tambem pelo contrario: como a inclinaçaõ humana sempre para o mal propende, foraõ, e saõ infinitos os autores que com excesso vicioso se inclinàraõ ao profano em os seus versos, servindo alguns de escandalo aos ouvidos Catholicos, tomando exemplares gentilicos em cujas obras ha cousas indignas de se lerem, como se acham nas Eclogas de Virgilio, nos Metamorphozis, na Arte de Ouvidio, nos Epigrammas de Marcial, nos passos de Orlando de Arioſto, no Adonis, Epithalamios, e varias partes de Horacio, e de Marino. Em os nossos tempos tem havido, e ha alguns que talvez reputando suas obras mais, que as de Camoens Lusitano insigne, illustres, rompèraõ em dezatinos, e loucuras: deixo-os em silencio pois naõ quero parecer critico, e he materia odioza; quereriaõ parecer talvez Estacios, e Claudianos.

Os Gentios que com siniſtro acordo discorrèraõ, no lugar em que a Moysés demos no verso a primasia, atribuem a Orpheo a

origem do Poetico invento, seguindo-se Homero, e Heziodo. (17) Os Latinos no sentir de Tulio, e Quintiliano que escrevèraõ 510. annos depois da fundaçaõ de Roma, entendem que Livio Andronico, sendo Consules Appio Claudio, e Marco Tuditano, fora o primeiro Compositor em verso, mostrando seu raro engenho no pretexto de huma Comedia que curioso fez. (18) Os Poetas dizem que sua engenhoza arte fora ensinada por Jupiter ás Musas. (19)

(17) *Porphyrius de invent. Poet.*

(18) *Tul. l. 1. de Tuscul. Quintil. l. 10.*

(19) *Diodor. l. 6.*

Com o decurso do tempo em que sempre se aperfeiçoaõ os artefactos, variàraõ no metro os engenhos com diversidade de inventos: os que dissemos inventou Moysés, foraõ aquelles que denominamos Exametros, ou Heroicos, que Homero, e outros Poetas imitàraõ. (20) Os que David, foraõ em modos differentes, porque, ou soaõ Jambicos, logo Alcaicos, e outras vezes Saphicos, que depois Horacio, e Pindaro imitàraõ (21) suposto Horacio diga que os Jambicos fora invençaõ de Archilogo (22) tambem se inventou o Asclepiadeo, e Bucolico de que faz mençaõ Diodoro dandolhe por authora a Daphne filha de Mercurio (23) da mesma sorte se inventou o engraçado verso Lirico, e mavioso Pentametro, a que chamamos com vulgaridade Elegiaco, de quem assevera Horacio se naõ sabe o autor (23) e em fim chegando a mayor excesso a abilidade dos homens naõ só apparecèraõ discretos outros inventos latinos,

(20) *Servius.*

(21) *Josef. de Antiq.*

(22) *Horat. in Arte Poetica.*

(23) *Diodor. l. 5.*

(23) *Horat. hic.*

mas

mas em Portugal, e Heſpanha ſe fizèraõ celebres (com eſpecialidade entre outros) os Sonetos, Romances, Sylvas, Redondilhas, Tercetos, Quartetos, Quintilhas, Sextilhas, Oitavas, Decimas, Glozas, Rellaçoens, Eligias, e Epigrammas na lingua nacional, com outros, tendo em as Naçoens eſtrangeitas diverſo nome, e fórma.

Aos curioſos, e diſcretos terà moſtrado a leitura o quanto ſe depravou nos objectos eſta Poetica arte, prevertida em picantes, e vergonhoſas Satiras dirigidas (ainda por hiperboles) a deſcompor. Jà entre os Gregos Demetrio natural de Tharſo foy deſte louco engenho primeira origem (24) conſecutivamente Menippo, e Marco Varro; e entre os Latinos, e nacionaes houve tantos imitadores que me pejo de os repetir, pois rediculando os ſeus engenhos affectaõ o epiteto de loucos, merecendo ſó com a cençura ſer louvados. De huma caſta de Deoſes a quem os meſmos Gentios reconheciaõ por immundos, deſcarados, e rediculos (diz Donato) tem a Satyra ſua deduçaõ, pois aquelles taes Deoſes ſe chamavaõ ſatyros (25) ſe he que (como Feſto Pompeo eſcreve) naõ tras ſua origem de huma comida compoſta de mil mixurufadas ao goſto diſſonantes, que os Gentios antiguamente praticavaõ (26) a qual meſmo aſſim ſe chamava Satyra.

(24) *Ita Laertius. Aulo Gelio. Apuleyus.*

(25) *Donat. Calv.*

(26) *Feſt. Pomp.*

CAPI-

CAPITULO IV.

Da Filoſofia genericamente entendida. Moſtra-ſe a ſua origem, e conſiſtencia. Apontaõ-ſe os ſeus Inventores; e explanaõ-ſe os ſeus progreſſos. Toca-ſe na natural Filoſofia, e Moral.

A Moral, e natural Filoſofia, cuja denominaçaõ explica claramente a eſſencia, e por ſi meſma ſe define, he no ſentir de Boecio Severino, e outros Autores, hum diſcurſo claro, ou dom de clareza com que he por Deos dotado o entendimento humano capacitando-ſe para a feliz percepçaõ de todas as couſas deduzidas da boa razaõ, e inſtruindo-ſe na recta obſervãcia, e conhecimento das couſas naturaes, para q̃ bem reguladas as moraes acçoẽs poſſa com acerto proceder, (1) e he eſta baze fundamẽtal da eſpiculativa Filoſofia.

(1) *Boet. Severin. Plato. Seneca. Socrat. Plutarc.*

A Filoſofia eſpeculativa, que de ſemelhante modo unindo-ſe com a natural, he ſolido alicerce de todas as ſciencias, (genericamente entendida, antes que em eſpecificos methodos diſperſa) moſtra ter em Adam o ſeu principio, quando no eſtado da graça Deos lhe infundio (como nos primarios effeitos moſtrou) eſta, e todas as ſciencias. Eſcureceo-ſe nos ſeus filhos, pois lhe ficou hereditaria a ignorancia que logo participàraõ de ſeus pays (2) Suſcitou-ſe em Noè depois do diluvio eſta ſcientifica arte, ſe antes a naõ tinha jà participado aos Chaldeos. Moyſés a diffundio aos Hebreos, eſ-

(2) *Ex Geneſ.*

tes a communicàraõ aos Egypcios, e delles a tomàraõ os Gregos,a quem primeiro a ouviraõ os Romanos, e os Latinos. (3)

(3) *Joſef.de Antiq. Cicer. Porphirius. Plutarc. Laertius. Quintilian.*

Quaſi todas as mais Naçoens do Mundo ſe inſtruhiraõ neſta ſcientifica arte, vindo a florecer naquelles primitivos ſeculos entre os Perſianos, os Magos; entre os Babilonicos, e Aſſirios, os Chaldeos; entre os Indianos os Cimnoſophiſtas (eſpecialiſando S. Jeronimo a Buddas; entre os chamados Britanos Celtas, e depois Francezes, os Druydas; entre os Phenices, Ocho; entre os de Tracia, Zalmoſſis, e Orpheo; e Atlante, entre os de Libia. (4)

(4) *Laertius in vit. Philoſophor. Euzeb. de Prepar. Ev. Polibius. Aul. Gelio. Dioniſ. Alicarn. Appian. Alexandr.*

Tomou eſte nome Filoſofia ſua deduçaõ de Philo, e Sophia, vocabulos Gregos, que unidos querem dizer Amadores da ſabedoria. Sophiſtas ſe appellidavaõ muitos: e Pytagoras expellindo a vaidade que reconheceo, foy o primeiro por quem o nome de Filoſofo ſe intruduzio; mas reaſumindo os ſubſequentes Filoſofos diverſas nomenclaturas, e fazendo por ſi opinioens diverſas, algumas ſuperſticioſas, ſe naõ dimitiraõ o generico, affectàraõ nomes eſpecificos. (5)

(5) *Marc.Tul Cicer. Socrates, & alii. Cõmun.*

Na Calabria enſinou Pytagoras, e ſe denominàraõ ſeus diſcipulos Filoſofos Pytagoricos. Thales que teve por diſcipulos os ſete Sabios de Grecia, e tambem ao grande Socrates, erigio a eſcola Grega. Socrates que teve por diſcipulo ao famoſo Plataõ, deu ſeu nome à propria doutrina; Plataõ, e ſeu diſcipulo Ariſtoteles, tambem intitulà-

raõ

raõ ſuas doutrinas, Platonica, e Ariſtotelica, que depois ſe denominou Peripatetica, occorrendo tambem a dos Stoicos que erigio Zenon em Athenas, e a dos Academicos, que tambem teve por meſtre a Plataõ, ſendo em fim a doutrina Ariſtotelica a que com o decurſo dos tempos mais prevaleceo; e por ſer Ariſtoteles quem ſapientiſſimamente a illuſtrou, he appellidado Principe dos Filoſofos.

Averroes Arabe, Filoſofo inſigne, illuſtrou, e explicou a doutrina de Ariſtoteles com diſcretos, e ſcientificos Commentarios que eſcreveo; poſteriormente Alexandre de Ales, Alberto Magno, e os grandes meſtres ſeus diſcipulos, S. Boaventura, S. Thomàs, e meu ſubtil Eſcoto, eſtes com a doutrina daquelles erigiraõ as tres celebres eſcolas dos Bonaventuriſtas, Thomiſtas, e Scotitas. Tambem appareceo com luſtre a eſcola dos Nominaes erecta pelo ſabio Ochamo, a dos Reaes, e outras menos celebres em que tem lugar a dos Pyrronios, Cynicos, e Epicuros tomando o nome de ſeus Autores.

Entre os notabiliſſimos Filoſofos que antiguamente florecèraõ, temos àlem dos mencionados a Euripedes, Plutarco, Demoſthenes, Epitecto, Epicuro, Hypocrates, Galeno, Avicena, Diogenes, Heraclito, Democrito, Cicero, Cricias, Homero, Anaſſarco, Plauto, Auzonio, Zenon, Plinio, Temiſtocles, Archimedes, e outros muitos:

mas saõ os modernos em numero quasi infinitos.

Se o que naõ he professor desta sciencia quizer saber genericamente que cousa seja, qual o seu objecto, e terminativo fim, lhe mostro ser a Filosofia hum conhecimento das cousas pelas causas, em quanto pela luz natural podem ser especulativamente perceptiveis. Tem dous objectos material, e formal: material saõ todas as cousas (como dissemos) pelas causas cognosciveis; formal: saõ essas mesmas cousas em quanto por nòs certa, evidente, e naturalmente podem ser pelas suas causas, conhecidas. Seu terminativo fim he aclarar a verdade das cousas naturaes jà conhecidas; aperfeiçoar o entendimento por continuo exercicio de raciocinar; e pulir ao discurso para perceber a sciencia das cousas sobrenaturaes; pelo que sendo este o termo, e proximo fim, he o remoto chegar a possuir o que se dezeja lograr. Vamos mostrando que cousa a Filosofia seja por partes especificas.

CAPITULO V.

Da Logica, ou Dialectica. Toca-se tambem na Etica, e mostraõ-se suas divisoens, tractabilidade, e origem

DEpois que a Sabodoria Divina ainda na capacidade gentilica diffundio com alta providencia o conhecimento das cousas, permitindo que soubessem investigarlhe as causas,

ſas, entràraõ com proprias idèas a inveſtigar ſubtilezas com variedade, e novidade de dictames que ſe participàraõ à poſteridade; e appellidando-ſe Filoſofos os mais ſabios, fizéraõ na Filoſofica ſciencia, para melhor ſe aprehender, varias diviſoens.

Socrates, de quem eſcreve Cicero no livro 5. das Toſculanas, fora o que trouxera do Ceo a Filoſofia (1) fez neſta varias diviſoens com appellidos diverſos, ſupoſto que dos Hebreos, e Gregos tinhaõ ſido originados. O meſmo Cicero o imitou tambem (2) e pelo decurſo do tempo ſe achou a Filoſofia dividida em ſinco partes: Logica, Etica, Fiſica, Metafiſica, e Mathematica; mas naõ ſendo eſta, parte da Filoſofia, modernos aſſevèraõ, fundados na doutrina de Ariſtoteles, e Plataõ, pois ſó concidèra as quantidades (3) achamos hoje a Filoſofia em Logica, ou Dialectica, a que alguns tambem ajuntaõ Etica, Fiſica, e Methafiſica, devidida.

(1) *Cicer. l. 5. quæſt. Tuſcul.*

(2) *Cicer. de Orat.*

(3) *Cõment. Colleg. Conimbric.*

A Etica cujo inventor foy Socrates, (4) he no ſentir de Ariſtoteles huma prudencia verſada no bem moral (5) S. Agoſtinho lhe chama ſciencia de abraçar o bem, e fugir o mal (6) e S. Ambroſio, fonte de boas obras, conduz para a perfeiçaõ, e augmento das virtudes, e deſtruhiçaõ dos vicios. (7)

(4) *Poliod. Virg.*

(5) *Ariſt. 1. Rhet. cap. 9.*

(6) *D Auguſt. l. 1. de morib. Eccleſ. cap. 24.*

(7) *D. Ambroſ. l. 1. de Off. cap. 27.*

A Logica, ou Dialectica a quem, conforme os eſtados, aſignaõ os antigos varios inventores, e ſe entende que antes de Plataõ

taõ o fora Zenon Eleate (8) sciencia rigorosa como os Filosofos disputaõ, e chave de todas as sciencias como os sabios observão, e a luz da Igreja o confirma (9) entre dogmas infinitos explica (para clareza dos discursos, e percepção das cousas) que cousa seja o conhecimento pratico, e especulativo, em que consista sua razão, e oppoſição, se differem, ou não essencialmente, ou se pòde o mesmo conhecimento ser simultaniamente especulativo, e pratico.

(8) *apud Virg. Polliod. l. 1.*

(9) *D. August. l. 2. de Ordine cap. 13. & l. 2. de Doctr. Christ. cap. 36.*

Mostra qual seja o seu material objecto, que em boa opiniaõ só o saõ os formaes conceitos; e qual o seu formal objecto, adequado, e de atribuiçaõ, expondo seus actos, habitos, e divisoens de Docente, e Utente; se he, ou naõ [como dissemos] verdadeira sciencia, se das mais sciencias he distincta, ou huma só em especie, ou se da Filosofia parte; e se he pratica, ou especulativa,

Verifica que he simpliciter necessaria para adquirir as mais sciencias; que [sem ser por este principio) em Deos, e nos Anjos suo modo se dà logica (10) deixando in humanis perceber suas divisoens em genero, e especie; e conhecer seus termos concretos, abstractos, connotatos, absolutos, univocos, equivocos, analogos, simpleces, e complexos, positivos, e negativos, finitos, e infinitos, communs, e particulares, &c. com todas as suas propriedades, e affectos.

(10) *Vide Soares, Molina, Hurtado Aureol. Gil, Rub. Fonsec. & D. Bonav.*

Ex-

Expoem que couſa ſejaõ Enunciaçoens, e Propoſiçoens ſimples, e Cathegoricas, Compoſitas, Modaes, e Hipoteticas; como tambem que ſendo a diffiniçaõ explicativa da eſſencia da couſa, pòde bem ſer nominal, eſſencial, e accidental.

Enſina que couſa ſejaõ Entes reaes, e da razaõ nas clauſulas de exiſtente, e poſſivel, ou objectivo, dividindo-ſe no ſentido de muitos Filoſofos em negaçaõ, privaçaõ, e rellaçaõ, ſendo opiniaõ de outros haver tantos Entes da razaõ quantos os predicamentos ſaõ. (11) Diz que potencia os póde ſó fazer, e com que acto, e ſe para elle concorrem todas as tres operaçoens do entendimento; que eſpecies os repreſentaõ; e ſe Deos os póde fazer, e conhecer. Aponta o em que conſiſte formalmente toda a eſſencia dos Entes, ſuas denominaçoens extrinſecas, rellaçoens, cauſas, propriedades, e affectos.

(11) *Vide Arriaga, Hurtado. Compton. Telles. Mirandul Valeſ. Caetano. Sonc.*

Manifeſta que couſa ſeja Univerſal, e ſe ſe daõ univerſaes naturezas; como, e quando preſcindem das differenças; ſe precinde a univerſal das inferiores ſó com preſcizaõ formal, ou objectiva. Se o univerſal por natureza ſeja todo actual, ou potencial. Se a natureza commua ſe diſtingua dos ſeus inferiores, e tenha deſcenço a particulares. Se a univerſalidade conſiſta em natureza commua, ou em unidade, ou ſe em rellaçaõ, ou em aptidaõ; como tambem ſe nos predicados Methafiſicos ſe dem preſcizoens obje-

objectivas, ou ainda in Divinis.

Explica-ſe tem o univerſal unidade formal, numeral, e de precizaõ, e que diſtinçaõ entre eſtas unidades, naõ ſendo reprovada a diſtinçaõ formal de meu grande Meſtre o ſubtil Eſcoto. Se as unidades formaes differem entre eſpecies diverſas: ſe em a natureza commua ſaõ commuas, ou ſingulares. Que aptidaõ, e non repugnancia tenha em ſi o univerſal, ou como ſe deſtinguem entre ſi; e ſe a natureza na actual predicaçaõ concerva a univerſalidade.

Queſtiona (como em tudo) ſe ſe dà univerſal à parte rei no primeiro eſtado da natureza, ou ainda entre os graos Metafiſicos, ſupoſta a diſtinçaõ virtual do Doutor Anjelico; ou ainda no ſegundo, e terceiro eſtado. Inſinua qual ſeja a abſtracçaõ do univerſal, e que potencias a façaõ. Como ſe divida o univerſal em ſinco eſpecies; e ſe eſtas convem *univoce* no univerſal *genere ſummo*, apontando os particulares do meſmo univerſal, e tratando do Genero, Specie, Proprio, e accidente.

Explana todos os dez Predicamentos, e condiçoens para elles requiſitas, ſeus atributos, e qualidades, diffiniçoens, propriedades, rellaçoens, e oppoſiçoens. Trata dos ſinaes em commum, e em particular do natural, formal, inſtrumental, eſpiculativo, pratico, ex inſtituto, prognoſtico, demonſtrativo, e commemorativo, com as ſuas relaçoens, vozes ſignificativas, e o que importem ſeus conceitos. Dá

Dá finalmente a praxe de argumentaçaõ que pelos seis modos, Enthymema, Induçaõ, Exemplo, Sorites, ou graduaçaõ, Dylema, e Syllogismo: entre os Filosofos se pratica com suas diffiniçoens, e divisoens, expondo o Syllogismo em commum, e em particular, sua materia, fórma, figuras, e modos de nellas concluir, descobrindo fallacias, tirando sofismas, e ensinando as reduçoens. Tambem trata das demonstraçoens, e premissas; do Syllogismo Expositorio, Obliquo, Hypotetico, e Modal; da sciencia, e opiniaõ, complicaçoens das premissas, e dos Tropicos.

CAPITULO VI.

Da Fisica como Especulativa Sciencia. Aponta-se seu originario principio.

COmo os engenhos, e agudeza dos homens solicìta sempre os progressos, e em sempre excogitar novas idèas se empenha, vendo-se dezasocegado o discurso dos Filosofos antiguos, entràraõ estes a raciocinar scientificamente do composto humano, inventando para isso huma peculiar sciencia a que dèraõ o nome de Fisiologia, ou Fisica, nomes Gregos, como entendem muitos, trazendo com especialidade aquelle sua derivaçaõ *á Natura, & logos*, valendo o mesmo que filosofar da natureza; Euzebio insinùa se deve a Plataõ este invento (1) dizendo que dos

(1) *Euseb. l. de Preparat. Evang.*

dos Hebreos o extrahio; outros lhe daõ por autor a Ariſtoteles (2) e ſe verifica que Archelao foy o primeiro que a levou de Yonia a Athenas. (3)

(2) *Valer. Max. Plutarch.*

(3) *Poliodor l. 1. c. 16.*

Ariſtoteles que bem diffinio a Fiſica, diſſe ſer hum conhecimento do corpo natural pelas ſuas cauſas (4) e aſſim diſputa da natureza, cauſas, e propriedades do corpo natural, em commum, e em particular. Cicero lhe chamou explicaçaõ dos Egnimas da natureza. (5) Seu objecto adequado (no ſentir de Eſcoto) he o corpo natural, de tal ſorte que he a naturalidade razaõ formal do tal objecto. O D. Angelico o entende por nome de Ente movel. He ſciencia meramente eſpiculativa, pois ſó contempla o ſeu objecto; e ſupoſto parece que com a Medicina ſe envolve, razaõ porque em muitos Paizes, e ainda em partes do noſſo Portugal chamaõ Fiſicos aos Medicos, da ſciencia Fiſica tomou a Arte Medica ſó os ſeus principios.

(4) *Ariſtot. 11. Meth. cap. 6.*

(5) *Cicer. l. 2. de Divinitate.*

He da Fiſica acçaõ primaria declarar que couſa ſeja Natureza, e Natural, ou ſeja accidente, ou ſubſtancia em concreto, ou em abſtracto, dando-lhe ſua propria diffiniçaõ; ſupoſto no ſentir de Ariſtoteles tambem a materia, e fórma ſubſtancial ſe poſſa chamar propriamente Natureza. (6) Explica como convem a Natureza com a Arte, e como eſta póde fazer obras da Natureza. Expoem os principios do corpo natural, em particular, e commum, ſendo ſuas

(6) *Ariſtot 2. Phiſic. cap. 1. Text. 4.*

partes

partes eſſenciaes, *& in facto eſſe* todas aquellas couſas que intrinſecamente conduzem para a ſua compoſiçaõ, ſendo ſeu principio *in fieri* a Materia, Fórma, e Privaçaõ.

Moſtra reſpectivamente ao corpo natural, que ſe dá Materia prima (7) pela qual ſe entende hum Ente incomplecto, ou primeiro ſogeito com aptidaõ para receber qualquer fórma ſubſtancial. Que tendo a Materia, e a Fórma diverſas exiſtencias, naõ pòde exiſtir a Materia ſem a Fórma, ſendo propriedade ſua a appetencia, e ficando incognoſcivel *Sine ordine ad Formam.* Que he a Materia prima aſſim ingeneravel, e incorruptivel, que nem Deos como Autor da natureza a póde corromper ſem milagre.

(7) *Cum Ariſtot. Auguſt. Ambroſ. Baſil, & alii.*

Explica que ſendo commummente Fórma aquillo que dà ſer à couſa, ſe individua em Fórma ſubſtancial, e accidental, natural, e artificial, complecta, e incomplecta, ou informante; aponta quaes ſaõ produzidas, e creadas; Qual ſeja o ſogeito dos accidentes, e ſe da ſua potencia ſe eduzem as Fórmas accidentaes; ſe entre as peculiares Fórmas eſpecificas ſe dê Fórma Cadaverica, ou de Corporeidade, queſtaõ entre as duas eſcolas Thomiſtica, e Scotiſtica debatida; ſe pódem muitas Fórmas informar a meſma materia. Que couſa ſeja Privaçaõ, e como ſe deſtingue do ſogeito em que ſe dà.

Enſina que couſa ſeja cauſa Fiſica em commum, e em particular, e o que importa no primeiro acto. Que ha cauſas ma-

teriaes, efficientes, formaes, e finaes, com diviſaõ em cauſas fiſicas, e moraes, univerſaes, e particulares, totaes, parciaes, e per accidens, neceſſarias, e livres, ſubordinadas, e naõ ſubordinadas, mediatas, e immediatas, intrinſecas, e extrinſecas, com ſeus diverſos effeitos; e ſe Deos póde ſuprir a cauſalidade material, e formal, iſto em que genero de cauſa.

Propoem a uniaõ das couſas intrinſecas entre ſi para conſtituir o compoſto, e ſe para a tal conſtituiçaõ baſte ſó huma uniaõ entre materia, e forma. Que couſa ſeja uniaõ ſubſtancial, e como ſe deſtingua das partes. Se o compoſto fiſico conſiſta eſſencialmente em materia, fórma, e uniaõ. Se ſe deſtingue das ſuas partes *Simul ſumptis & unitis* o todo fiſico. Se o todo integral, e accidental ſe deſtingue das ſuas partes. Se o agente creado, e ſublunar póde obrar *immediate indiſtans*; e como concorra Deos com os actos maos.

Explana a Predeterminaçaõ fiſica. Se a cauſa ſegunda determine a primeira para eſpecie, ou exercicio de acto, e ſe para individuo determine a cauſa primeira à ſegunda. Se a ſubſtancia he *immediate* operativa, ou mediantes os accidentes. Se a cauſa ſegunda tenha força de produſir effeitos ſobrenaturaes. Se ſó a bondade ſeja razão conſtitutiva do fim *in eſſe finis*. Se o fim cauſe ſegundo o ſer real, ou intencional, qual ſeja a ſua cauſalidade. Se he o fim cauſa real, e

que

que agentes obraõ propter finem. Se ſe dà Caſo, e Fortuna, Fado, e Monſtro; confere as cauſas, e ſuas collaçoens com os ſeus effeitos *quo ad determinationem* aſſim em eſpecie, como em individuo, e os effeitos com as ſuas cauſas.

Trata *de Infinito, loco, & vacuo;* ſe eſte ſeja admitivel, e o continuo divizivel, ou tenha partes *In actu.* Moſtra que couſa ſeja infinito, ſe ſe admitte, qual he, que partes tem; e ſe o Cathegorematico nas creaturas he poſſivel. Como ſe dà eſpaço imaginario. Porque modos póde huma couſa eſtar na outra. Se póde alguma creatura exiſtir ſem ubicaçaõ. Se dous corpos podem juntamente eſtar em hum ſó lugar; ou ſe em muitos lugares pòde ao meſmo tempo eſtar hum corpo; e ſe ſe admitte vacuo.

Moſtra a duraçaõ das couſas, principio, e fim das creaturas. Que couſa ſeja Tempo, e ſuas partes. Se ſe pòde dar motu local in inſtanti, e mover-ſe por contrarios motus. Que diviſaõ, propriedades, e cauſas tenha o motu.

Diſputa da Geraçaõ, e corrupçaõ dos corpos, naturaes ſimplices, ou mixtos. Moſtra que couſa he Geraçaõ ſubſtancial; ſe nella *generice* ſe dà reſoluçaõ tè a materia prima; qual ſeja o ſeu termo, ſe fórma, uniaõ, ou compoſto? Com que razaõ convenhaõ para a Geraçaõ os viventes. Como ſe verifique ſer a geraçaõ de hum corrupçaõ de outro. Que couſa ſeja geração accidental,

tal, alteraçaõ, remiſſaõ, e qualidade. Se as qualidades contrarias pòdem juntamente exiſtir no meſmo ſogeito. Diz que couſa he agente, e paſſo, ſua reacçaõ, e exceſſo. Falla na acçaõ reflexa, e antipariſtiſi, na rarefacçaõ, e condenſaçaõ.

NOTANDUM.

COmo a Fiſica (famoſima ſciencia) tambem trate de *Cælo, & Mundo*, expreſſando as qualidades dos Corpos Celeſtes, lunares, e ſublunares, e todos os quatro Elementos; deſtes ſó conſecutivamente tratarey expreſſando curioſamente ao Leitor alguns incidentes da terra por fugir à extenção, pois he materia taõ vaſta que neceſſitava ſó eſta (hiſtoricamente tratada) o emprego de mais volumes; e como a materia dos Corpos Celeſtes tambem pertença à indagaçaõ Mathematica, quando deſta ſciencia, ou da Aſtrologia falarmos, entaõ (ſem confundir as ſciencias) alguma couſa tocaremos.

CAPITULO VII.

Do Elemento da Terra conforme os Fiſicos, Coſmografos, e Geografos praticaõ. Trata dos Metaes que a terra cria, terremotos que faz, evulcoens de fogo que lança.

COmo varias ſciencias (ſendo que algumas por principios diverſos) tratem as materias em que neſte capitulo ſummaria, e curioſamente fallo, ſendo meu intento (por evitar confu-

confuſoens) dar a cada huma o que era ſeu, vejo que a Fiſica, Mathematica, Geografia, e Coſmografia ſe embaraçaõ; mas pedindo venia a ſeus excelços profeſſores, digo fiſicamente com Ariſtoteles, e Ptolomeo (1) que he a Terra centro de toda a machina do Mundo, a qual mixta com o elemento da agua compoem entre ſi hum rotundo corpo, quea reſpeito do Ceo he como hum ponto de toda a maquina do Univerſo.

(1) *Ariſtot l. 3. de Zel. Ptolom. in Almag. l. 1. cap. 5.*

Deſte Elemento em que formaõ mil opinioens os Fiſicos, fallàraõ já com differença grande os Filoſofos antigos, e antiguos Padres (2) tendo por certo que na ſua concavidade exiſte hum centro de obſcuridade infinita, como jà o entendèra Epicuro. Verifica-ſe que o Elemento da Terra com o da Agua forma huma figura eſpherica, e rotundo globo, a quem em ſemelhante figura cerca o Ceo por toda a parte em igual diſtancia, ſem que haja probabilidade verofimel na diſtancia que vay da terra ao Ceo.

(2) *Chriſoſt. homil. 14. & 27. in Epiſt. ad Hæbr. Theodoret. Theophil. in Cap. 8. ejuſd. Lactant. Fermin. l. 3. de Divin. Inſtit. cap. 24.*

Entendem os que aſſima diſſemos ſer com diverſidade de ſciencias, peritos neſta, que (fundados na melhor opiniaõ de Ptolomeo, e Clavio (3) o tal corpo da terra, e agua tem de redondo 7U500. legoas, de diametro 2U385. e de ſemidiametro 1U193. como jà diſſemos em outra parte. Que a maquina do Mundo ſe divide naõ ſó em tres partes como os Filoſofos antiguos eſcrevèraõ, Azia, Africa, e Europa, mas em quatro, ſendo eſta a America que os modernos deſcobriraõ. Re-

(3) *Ex Ptololom. & Clavio.*

Reputa-se por apocrifa jà hoje a opiniaõ de Parnimedes Filoſofo antiguo que no Ceo aſſinalou ſinco Zonas, cintas, ou faxas, verificando que as regioens terreſtes que cahem debaixo das duas ultimas Zonas, eraõ inhabitaveis, por eſtarem debaixo dos Polos, ſendo frigidiſſimas, e muy diſtantes do Sol; e as que ſe achavaõ debaixo da Zona media a que denominamos Zona Torrida, eraõ inhabitaveis tambem, porque como o Sol anda por ella, occaſiona calor inſoportavel por exceſſivo, fazendo movimento o Ceo entre os Tropicos. Ariſtoteles, e Plinio jà anteriormente o ſeguiraõ. (4)

(4) *Ariſtot. l. 2. Metaphyſ. c. 5. Plin. l. 7.*

A experiencia que he meſtra de todos, refuta eſtas opinioens; porque as terras do Norte, e partes ſetentrionaes que cahem debaixo do Polo Artico, eſcreve Olao Magno como teſtemunha experta ſerem habitadas (5) e debaixo da Zona Torrida tambem ſabemos que as terras conſiſtentes ſe habitaõ, como experimentaõ os que vivem no Reyno do Menemotapa, nas terras do Preſte Joaõ, nas Ilhas Malucas, em parte do Pirú, e na noſſa Ilha de S. Thomè, ſendo eſtas terras fertiliſſimas, e abundantes de gados, paſtos, frutos, e féras, como eſtamos lendo nas hiſtorias modernas.

(5) *Olao Magn. l. 1 de Partibus Septentrional.*

A exiſtencia dos Antipodas que muitos Filoſofos antiguos, Doutores, e Padres duvidàraõ, fazendoſe-lhe imperceptivel o modo na concideraçaõ de ter a figura de hum

hum Globo o Mundo (6) he verificada pelos Filoſofos modernos com as vaſtiſſimas noticias por obſervaçaõ dos Nauticos, e Pilotos, que paſſando a linha duas vezes, ſe tem achado muitas em Goa, Malaca, Ormùs, Japaõ, e China. Em fim como ſejaõ muitas as queſtoens que eſpiculativamente neſtas, e outras materias trate a Fiſica, baſte o que para noticia abreviada toquey; e vejamos com a meſma brevidade o que ſe diz dos Metaes.

(6) *Lactant. l. 3. Divinar. Inſtit. Lucret. l. 1. Poet. D. Auguſt. l. 16. de Civit. Dei. Beda l. de Rarit. tempor.*

Sete ſaõ principalmente os Metaes que a terra em ſuas entranhas cria: Ouro, Prata, Azougue, Cobre, Eſtanho, Chumbo, e Ferro; deſtes mixtos, ou em parte, ou em todo formaõ os Alquimiſtas, e outros Artifices peritos diverſas caſtas de metaes dignos de eſtimaçaõ, ſe he que o naõ faz às vezes algum ſiniſtro ſucceſſo por accidental incendio, havendo muitos autores deſte parecer. (7) No ſeyo, ou entranhas da terra ſe criaõ eſtes metaes (8) e ordinariamente nos montes, e ſerros eſteriles, como ſe vè no Carparo em Alemanha, no Canimeno em França, no Rodope, e Pangeo em Tracia, no Timolo em a Libia, nos Capitaes em a India, nos Perinèos em Heſpanha; e em Portugal naõ fallo, porque naõ ſó nos ſerros, montes, planos, vales, e rios de ſuas Brazilicas Conquiſtas ha immenſo ouro que as Naçoens eſtrangeiras naõ ignoraõ porque o participaõ, mas ainda neſte Reyno ha muito de que por lhe ſer prohi-

(7) *Ariſtot. l. 3. Meteorum Theofraſt. l. de Metalibus. Albert. Mag. Opuſc. de Mineralibus. Georg Agricol. lib. de Ortu & cauſ. Sub ter. eor.*

(8) *Ariſt. l. de Meteor. & alii Philoſophi com.*

bida a extracçaõ, naõ ſe utilizaõ.

De que materia ſejaõ gerados, ou ſe criem na terra eſtes metaes que diſſemos, como tambem outros Mineraes, Enxofre, Salitre, Geſſo, Caparroza, Azeviche, &c. que de todos neſte Reyno ha, opinaõ diverſamente os Autores, como em tudo; mas o commum ſentir comprova ſe geraõ de vapores, humidades, e humidas exhalaçoens da terra, e agua com a virtude dos rayos do Sol mais penetrantes, e influxo dos Aſtros, e Planetas, que conforme a diſpoſiçaõ das qualidades que achaõ, aſſim imprimem ſua penetrativa virtude com a qual os metaes ſe geraõ por altiſſima providencia de Deos Creador de tudo: aſſim o tem commumente os Eſcritores; e para moſtrar o quanto concorrem os Planetas para os metaes com ſeus influxos, dizem que o Sol he cauſa do Ouro, a Lua da Prata, Mercurio do Azougue: Venus do Cobre, Jupiter do Eſtanho, Saturno do Chumbo, e Marte do Ferro; os outros Mineraes tem o ſer pelo influxo de varias Eſtrellas que os procreaõ nos mixtos da terra, agua, e ar, com ſuas exhalaçoens, e humidos vapores.

As Perolas, e pedras precioſas ſemelhantemente ſe criaõ tambem na terra, e mar com a virtude do Sol, Planetas, e Eſtrelas fixas, conforme as diſpoſiçoens que acha, como Plataõ, Ariſtoteles, e outros antiguos, e modernos Filoſofos eſcrevèraõ. (9)

(9) *Ariſtot. l. de Meteor. Plat. l. de Metal. Georg. Agricol. Albert. Mag. & alii commun.*

Quanto aos terremotos, ou tremores da terra de tres modos os tem obſervado os Filoſofos, e he materia de que tratão autores graviſſimos. (10) O primeiro modo porque ſuccedem eſtes effeitos, he quando o tremor faz mover a terra de huma a outra parte, como no Reyno de Perù ſaõ ordinarios; ſegundo, quando levanta, ou abaixa a terra derrubando tambem montes, e edeficios, como na Cidade de Arequina ſe vio, ficando quaſi aſſolada no anno de 1582. e outro na Cidade de Lima com eſtrondoſa ruina no anno de 1586. outro na Coſta de Chile, que derrubou altiſſimas montanhas, e tapou rios, ſaindo em ambos o meſmo mar com furioſo impeto do ſeu centro. Terceiro, quando o tremor he tal que arranca os montes, e os leva comſigo correndo largo eſpaço, como no anno de 1581. ſe vio na Cidade da Paz, que derrubando huma altiſſima ſerra, correo a terra continuadamente legoa, e meya, e entulhou huma grande lagoa, como referem varios Eſcritores Eſtrangeiros.

(10) *Seneca l. 6. quæſt. natural. Cap. 4. Plut. l. 3. de Plac. Plin. l. 2. c. 79. Alb. M. l. 3. tr. 2. Mirandul l. 1. de Exam vanitat. Ariſt. l. 2. c. 7. da Meter.*

Seneca, Melezezio, e Avaximenes com outros Filoſofos antigos, e modernos apontaõ cauſas diverſas à produçaõ de taõ ſiniſtros effeitos. (11) Dizem haver eſtes ſucceſſos quando nas concavidades da terra entrando alguma porçaõ grande de ar que ſe augmente, ſoccede fecharſe a caverna por donde entrou, e porque naõ acha ſahida, ficando violento, faz tremor; outros, que

(11) *Seneca l. 1. quæſt. natural. Meleſius Avaximen. & alii.*

nas entranhas da terra talvez que corcomidas das aguas ſuccede por concavidades cahirem pedaços grandes da meſma terra que fazem eſtremecer a ſuperficie; outros, que os fogos ſubterraneos q̃ ſe geraõ nas entranhas, e concavidades da terra, buſcando, e naõ achando ſahida, neſte diſcurſo, ou rompem, ou fazem tremer a terra; outros, que a abundancia das exhalaçoens, e humidos vapores que ſe geraõ na concavidade da terra, quando ſaõ em tal abundancia que parece jà naõ cabem, buſcaõ dezafogo; e ou arrebenta, ou treme, ou ſe move a terra para os expellir do ventre; eſtes ſucceſſos ſe obſervaõ em qualquer tempo do anno, mas com eſpecialidade no inverno, e ordinariamente nos lugares montuoſos, e ilhados.

Obſervàraõ alguns Filoſofos, que peleyjando nas concavidades da terra dous ventos contrarios occaſionavaõ terremotos grandes, e mais perigoſos nas povoaçoens ſituadas entre montes; de hum faz menção Plinio nos Paizes de Modena, em que correndo dous montes arrazàraõ Cidades, e povoaçoens inteiras. (12) Outras vezes em cazo ſemelhante ſe abrio a terra ſovertendo inteiramente Cidades, tornando-ſe a fechar a tremenda ſcizura que abrio, ſem ſe perceber, o que ſe vio nas Ilhas Ennaria, e Eubea, como na Tracia, e Phenicia junto a Sydonia. Outras vezes he o terremoto tal que levanta, e revolve a terra mudandoa de

(12) *Plin. l. 2. c. 8.*

hum

hum lugar para outro, como ſe vio no Campo de Marrocos em o anno ultimo do Imperio de Tiberio (12) outros dizem que de Nero. Outras vezes de tal ſorte levanta a terra, que faz montes adonde o naõ eraõ, o que ſe vio em Puzol junto do lago de Averno.

(12) *Plin. l.2.c.83.*

Eſtes meſmos effeitos, dizem ſucceder no mar, achando-ſe novas Ilhas por terremoto levantadas; outras vezes debaixo do mar ſe tem aberto a terra, e ſorvido as aguas deixando peixes em ſeco, como ſe vio em Oſtia pouco diſtante de Roma, ſendo Conſules Marco Antonio, e Publio Donabella; e em tempo do Emperador Theodozio ſe vio outro, deixando em ſeco as Naus que com bom vento navegavaõ; e outras vezes ſuccede mudar o terremoto o naſcimento, e correnteza dos rios, como ſe vio na Liguria, e outras mais partes que os Hiſtoriadores referem.

Outras vezes as exhalaçoẽs ſahindo impetuoſamente das entranhas da terra cuberta de agua, alevanta taõ alto que cubrindo a ſuperficie, impellio, e afogou grande numero de gente, como ſuccudeo ao Exercito de Trifon entre as duas Ilhas Vulcanas junto a Tolemaida; outra vez em terra troce os edeficios, ou lhe ſorvete os alicerces como ſe vio em Azia, e Bythinia (13) e tambem em Niza. Outras vezes como as exhalaçoens que cauſaõ os terremotos ſaõ quentes, ſe vem a inflamar de tal ſorte, que levan-

(13) *Euſeb. in chronic. Flegonte.*

levantando incendio arroja chamas de fogo por bocas que abre a terra, e abraza adonde chega.

Saõ os a que chamamos Vulcoens de fogo, huns montes, ou altos ſerros, em cuja eminencia ſe acha aberta huma dilatada boca, pela qual vomitaõ incendios, expellindo lavaredas, arrojando cinzas, e elevando pedras abrazadas tudo com horroſo eſpanto. Entre os antigos, e modernos Eſcritores ſe fazem mais celebrados o Etna, e o Vezuvio. He o Etna a que chamaõ Mongibello hum altiſſimo monte no Reyno de Cezilia junto à Cidade de Catania, em cujo cume todo o anno eſtà neve, na ſua concavidade ſe ouvem grandes bramidos, e eſtrondos; lança pela boca grandes chamas, às vezes com ſemelhanças de globos de fogo com tanto fumo, e cinzas que chegaõ a 100U. paſſos em redondo. (14) O Vezuvio, chamado Monte de Soma, taõ grande como eminente, eſtà na vezinhança de Napoles, delle referem couſas notaveis os Eſcritores, e da parte occidental em que Puzol ſe acha ſituado, experimentaõ os moradores terriveis effeitos occaſionados de fogo, e cinzas.

(14) *Solinus c.* 11.

No Reyno de Perù ha outro, que ſendo menor na elevaçaõ dos incendios, foy exceſſivo nas cinzas que lançou ſobre a Cidade de Quito, e ſuas vizinhanças, em que ſe naõ podia dar paſſo, nem ſe viaõ ruas, ou caminhos no circuito de baſtantes legoas,

che-

chegando-se a escurecer o ar com as grandes nuves de cinza.

Os Vulcoens de Guatimala em o Reino de Mexico saõ notaveis, assim pela eminencia destes montes, como pela quantidade de fogo que vomitaõ; diz a Historia daquelle Reyno que no anno de 1586. desde o mez de Julho atè o fim de Dezembro de dia, e noite esteve hum destes montes lançando rios de fogo pela boca, que correndo ao plano se convertiaõ em cinzas; com que se arruinou a Cidade, e houve mortandade grande. Na Ilha de Irlanda os tres montes Ecla, Elga, e o da Cruz, tem cheyas as eminencias de neve, e as extremidades de fumo: muitas vezes o Elga pela boca lança fogo, e grandes pedras queimadas, ouvindo-se no seu concavo muy espantosos bramidos.

Em Ilhas da Coroa de Portugal, referem os nossos Escritores tem havido medonhos fogos sahidos da terra por occasiaõ de terremotos: especializaõ a Ilha de S. Jorge, e mencionaõ hum tremendissimo successo em que a terra abrio taes bocas, que com bramidos disparou grandes pedras; fez correr pedaços de ferros, e montes arrebatados, e dezunidos pela violencia do fogo que expellia, fazendo tal fumo, e tantas cinzas que o ar escureceo, e muita gente espirou. Tudo atribuem os Filosofos às qualidades da terra, atracçaõ dos vapores, exhalaçoens quentes, e secas, mineraes diversos, e mixtos, como Salitre, Enxofre, e Caparroza, &c. (15)

(15) *Plin. l. 35. Cornel. Tacit. Jorge Agricola Lib. 4. por totum.*

CAPI-

CAPITULO VIII.

Expoem-se à curioſa leitura as propriedades, e effeitos dos outros tres Elementos, Agua, Fogo, e Ar, conforme os Fiſicos, e mais Sabios expertos em outras Sciencias praticaõ.

HE o Elemento da Agua aquelle que entre os mais mereceo lograr a primazia, e que no meyo delle Deos creaſſe o Firmamento (1) moſtra ſer mais poderoſo que os outros, pois ſenhoreando a Terra a humedece, e frutifica, predominando ſobre o fogo a quem extingue, e conſome; e ſubindo á meya regiaõ do Ar, alli com ſuas nuves cauſadas dos groſſos vapores da terra he taõ favoravel à vida humana, que mediante ella vivemos, e com a ſua falta experimentariaõ os homens a dos alimentos, que pela ſua frutificaçaõ nos offerece a Terra.

(1) *Geneſ.* 1.

Eſte Elemento he frio, e humido, e como mais leve que a terra, eſtà ſituado ſobre ella, com a qual forma hum Globo, ou corpo eſferico, e rotundo, occupando, ou cobrindo a ſetima parte da meſma terra, ſem exceder ordinariamente os lemites em que a Divina Omnipotencia o clauſurou. (2) Muitos querem que em lugar mais eminente como Elemento exiſta a Agua, e David ſobre os Ceos a concidèra. (3)

(2) *Geneſ.* 1.

(3) *Pſ.* 148.

Só em ſinco Mares principaes quer com Ptolomeo o Doutor Angelico, e o noſſo famoſo Barros ſe divide o que ſabemos cobre a Terra:

a Terra: Mar Occeano, Mar Mediterraneo, Mar Vermelho, Mar Perſico, e Mar Caſpio. (4) Saõ as aguas do Mar ſalgadas, naõ ſó pelas razoens que Ariſtoteles enſina, mas pelas tres que S. Bazilio, S. Izidoro, Dioſcorides, e Pico Mirandulano inſinuaõ I. Por naõ ſe corromperem, ficando perniciosas aos mortaes: II. Por ſer apta vivenda para os pexes neceſſarios à ſuſtentaçaõ humana: III. Porque naõ ſe congelaſſe impedindo a navegaçaõ, e comercio das creaturas (5) mas de todas eſtas he mayor razaõ a altiſſima Providencia de Deos.

(4) *Ptolom. l. 7. Geograph. cap. 5. D. Thom. in Meteor. Barros Decad. 2. l. 8. cap. 1. ex Ariſtot l. 2. Meteor. cap. 1. Herodot. in Elio.*

(5) *D. Baſil. hom. 4 Exam. D. Iſidor. l. 3. Erimol. Dioſcor. l. 5. cap. 9. Pico Mirand. in Concluſ.*

Quanto ao fluxo, e refluxo do Mar, ſe moſtraõ com eſpecialidade: no Occeano as ſuas operaçoens em o tempo de 24. horas duas vezes; e diſputando qual ſeja a cauſa de tal volubelidade deſte Elemento, cujo diſcurſo como S. Juſtino eſcreve, acabou a vida a Ariſtoteles (6) com a poſſivel probabilidade ſe entende que a Lua lhe occaſiona os movimentos de Oriente a Poente, nos creſcentes, e nos minguantes; e niſto aſentaõ famoſiſſimos Filoſofos. (7)

(6) *D. Juſt. M. in Paraneſi Nazian 2. or. 1. contra Julian.*

(7) *Ptolom. l. 2. c. 12. Cicer. l. 2. de Natura Deor. Eſtrab. l. 3. de ſitu Orbis. Levin l. 2. de occult. nat. mir. c. 41. Alb. M. l. 2. tr. 3. c. 6. D. Thom. in 2. d. 14. q. unic. art. 5.*

Mas jà entrando na duvida, ſe eſtà o Mar mais alto do que a terra, ſupoſto tinha patronos a opiniaõ affirmativa fundandoſe os Autores na interpretaçaõ dos Pſalmos, como tambem no capitulo V. de Hyeremias, e capitulo 28. de Jacob, tem-ſe a parte negativa por opiniaõ mais provavel com a obſervaçaõ de repetidas experiencias, e ſentir de S. Jeronimo, Agoſtinho, Chriſoſtomo,

soſtomo, Damaſceno, Contarino, Caetano, Oncala, Egidio, e Lipomano. (8)

(8) *D. Jer. in Pſ. 32. D. Aug. in Pſ. 135. D. Chryſoſt. hom. 9. Damaſcen. l. 2. Fidei c. 9. & 10. Egid. l. 2. Exam. Contar. l. 2 de Element. Lipom in c. 1. Genes. Caetan. Oncala &c.*

Do Elemento do Ar eſcrevem com vulgaridade os Autores que occupa deſde a ſuperficie da Terra, e Agua atè a Esfera do Fogo, ſendo humido com exceſſo, porque recebe as humidas exhalaçoens da Terra, e Agua. Dividi-ſe eſte Elemento em tres partes, que Franciſco Juſtino, e outros graviſſimos Autores apontaraõ: Superior, Media, e Infima, fazendo-ſe eſtas menſuraveis diſtancias cognoſciveis por diſtinctas propriedades, e effeitos. Na Superior ſe geraõ os Cometas por razaõ da viſinhança do Elemento do Fogo: na Media ſe congelaõ as Chuvas, Neves, Rayos, Pedras, e outras tempeſtades: na Infima habitaõ as Aves, e todas as Racionaes, e Irracionaes creaturas. (9)

(9) *Franc. Juſtin. & alii AA.*

Neſte Elemento ſe vem muitos, e varios accidentes, pois ora eſtà quente, logo frio, humas vezes mais frio, e outras mais quente, variando os exceſſos conforme a conſtituiçaõ das terras, Reynos, e Provincias, reſpectivamente às partes em que ſaõ os rayos do Sol mais, ou menos perpendiculares; e humas vezes ſe vè o Ar mais claro, outras mais turvo a reſpeito dos vapores da terra, e agua que ſempre eſtaõ ſubindo à regiaõ ſuperior, e parte concava; que pela ſuperficie convexa ſempre o Ar como Elemento eſtà claro ſem a menor alteraçaõ; e para os dous Elementos da Agua, e Terra con-

concorre muito em diversificados effeitos (que naõ exponho) este Elemento do Ar. (10)

Que distancia, ou profundidade tenha o Elemento do Ar desde a Terra, e Agua té a regiaõ do Fogo, ha opinioens, mas conforme os computos de Fernelio, Clavio, Borocio, e Joaõ de Sacro Bosco importa quasi sincoenta e dous milhares. (11) Que pela parte concava, ou inferior parte naõ tenha o Ar figura rotunda a respeito dos montes, e vales que preocupaõ a Terra, he opiniaõ mais commua; mas pela parte superior he admitida pelos Autores com mais probabilidade. (12)

Do Fogo (quarto Elemento) questionaõ os Fisicos, e outros sabios, e verificada a sua existencia com a opiniaõ commua autorisada por S. Basilio [13] entendem os mais que he sobre a terceira regiaõ do Ar. (14) He por sua natureza calido, e seco, tendo com mais excesso a propriedade de calido participada do Ar; entendem os Autores que he Elemento puro, e simples sem mixto algum de outro contrario, como tem os outros Elementos. Naõ tem o Fogo em si como Elemento algum incendio com materia alhea na parte superior, e media; só na infima sendo contiguo com o Ar havendo agente, e paciente; tambem no Fogo como Elemento naõ ha fumos, porque he resolluçaõ de toda a humidade, e assim na sua esfera està luzente, nem lá podem chegar as

(10) *Vid. Aristot. in Meteor. & l. 2. de Generat. Plin. l. 37. de Hist. naturali. Alb. Mag. l. 2.*

(11) *Fernel. l. 1. Cosmotheor. Cap. 2. P. Clavius ad c. 1. Joan. de Sacr. Bosc. & Brocii l. 1. Cosmograph. c. 2.*

(12) *Hurtad. de Cælo de 3. S. 5. P. Telles d. 46. S. 4. PP. Conimb. l. 3. de Cælo cap. 8 quæst. 1.*

(13) *D. Basil hom. 3. Hexamer. & com. Philos.*

(14) *Cum Aristot. l. 2. de Cælo c. 3. a tex. 18. Origen. hom. 13 in Exodum. D. Aug. l. 22. de Civit. D. Clem. 1. Stromat. D. Hyer. Ep 123. ad Fab. D. Thom. apud Aleman Philo Jud. l. 3. de v. Mois. P. Hurtad. de cal. d. 3. S. 4.*

Nuves, porque eſtas naõ paſſaõ da ſegunda regiaõ do Ar, nem ſobem ſobre a ſuperficie da Terra por opiniaõ de Vitelio mais que 52U. paſſos (15) outros acreſcentaõ, e diminuem, dizendo huns que 77U. paſſos, e outros que 288U. (16)

(15) *Vitelius hic.*

(16) *Juſtin. in Sacr. Boſco.*

CAPITULO IX.

Da Metafiſica. Moſtraõ-ſe ſeus dogmas principaes, e expendem ſe Autores que nas tres partes da Filoſofia eſcreveraõ.

A Metafiſica aſſim chamada, cujo nome ſoa ſciencia ultra natural, e diſſemos ſer da Filoſofia a parte terceira, mereceo ſer appelidada por Ariſtoteles Filoſofia prima, e por anthonomaſia Filoſofia Theologica (1) pois tranſcendendo ás razoens fiſicas, trata de couſas à viſibilidade remotas, e contempla couſas Divinas em quanto com o lume natural ſe pòdem perceber. Outros lhe chamaõ ſabedoria por inveſtigar couſas excelſas, e oſtentar principios certiſſimos.

(1) *Ariſtot. de Metaph. l. 1.*

Diffinio Ariſtoteles a Metafiſica, Hum conhecimento das couſas extrahido de ſuas altiſſimas cauſas. (2) He eſpiculativa, e verdadeira ſciencia, porque tem demonſtraçoens, e cognoſçoens evidentes, e neceſſarias. Seu objecto adequado naõ he Deos, nem ſubſtancia immaterial em quanto a Deos, e aos Anjos comprehende, nem Ente diviſo em dez generos, nem finalmente ſubſtan-

(2) *Ariſt. l 4. Metaphis. cap. 1. & Lib. 11. Cap. 1.*

ſubſtancia em quanto abſtrahe do material, e immaterial, finito, e infinito; mas ſim o Ente univerſaliſſimo commum a Deos, e ás creaturas, à ſubſtancia, e ao accidente. Seu material objecto he o Ente em toda ſua latitud; e o ſeu objecto de attribuiçaõ he Deos (3) todos os Sabios a eſtimaõ, as Leys Cannonicas, e Civis a reſpeitaõ.

(3) *Ita Compton. Arriag. Oviedo. Vid. Scot.*

Entre a numeroſidade de materias que a Metafiſica comprehende, e por naõ ſer difuſo, naõ expreſſo, moſtra que couſa ſeja o Ente; como ſe divida em Subſtancia, e Accidente, Deos, e creaturas; e ſe a razaõ de Ente tranſcenda formalmente todás as couſas que debaixo delle ſe contem. Como o Ente ſe divida em acto, e potencia. Que couſa he o ſer das creaturas *ab æterno*. Como ſe diſtingaõ a eſſencia, e exiſtencia. Qual ſeja o principio de individuaçaõ, da unidade, verdade, e bondade, propriedades do Ente. O em que conſiſta a formalidade do mal, e ſuas cauſas.

Moſtra outras diviſoens varias do Ente em perfeito, e imperfeito, finito, e infinito, dependente, e independente, ſimples, e compoſto, contingente, e neceſſario, em acto, e em potencia, em ſubſtancia, e accidente, *per ſe*, e *per accidens*. Explica que couſa acreſcente a ſubſiſtencia à ſubſtancia. Que o Accidente neceſſariamente deve inherir a ſogeito; e ſe eſta inherencia he eſſencial razaõ do Accidente. Se pòde, e deve inherir hum accidente a outro accidente; e ſe o accidente

cidente eſpiritual póde ſer eduſido da potencia de ſogeito corporeo, ou o corporeo da potencia eſpiritual; e para que o ſabio, e curioſo Filoſofo ſe poſſa bem capacitar neſta ſciencia, fazendo-ſe bom Logico, Fiſico, e Metafiſico, jà que por naõ encher as margens, e difficultar o prelo pareci avarento na alegaçaõ de Autores, àlem dos primeiros Doutores, e Meſtres que no capitulo IV. deſte livro apontey, lhe offereço o abreviadiſſimo Cathalogo dos ſeguintes, para que buſcando, e lendo, fiquem em todas as tres mencionadas partes da Filoſofia inſtruhidos.

Carolus Racconi.
Georgius Pachimerius.
Euſtachius a D. Paulo.
Joannes a S. Thoma.
Franciſcus de Rees.
Coſmas Alemanus.
Jacobus Priers.
Cornelius Valerius.
Blaſius a Conceptione.
Joannes Murmelio.
Carolus de Abra.
Auguſtinus Húnæus.
Joannes Cæſareus.
Raphael Sancius.
Claramontius.
Petrus Hiſpanus.
Van. Sichen.
Joannes a Cruce.
Georgius Stengelius.
Ferdinandus Caſtrilho.
Georgius Ferrarius.
Balthaſar Tellez.
Theophilus Raynaudus.
Joannes Nieremberg.
Maſtrius.
Poncius.
Bonetus.
Maſſius.
Murcia.
Campanella.
Caramuelis.
Caetanus.
Fraſenius.
Soares.
Vaſquius.

Me-

Merinerus.
Onka.
Smiſing.
Martines.
Capella.
Verdu.
Gallegus.
Flandria.
Serna.
Arauſius.
Villegas.
Villalpandus.
Commentaria Collegii Conimbricencis S. J.
Melchior de Caſtro.
Maginus Paieſius.
Bernardus Pennafiel.
Auguſtinus Bernaldus.
Martinus Smiglecius.
Rodericus de Arriaga.
Benedictus Pereira.
Hyeronimus Dandyno.
Matheus Riccio.
Franciſcus Rodericus.
Chriſtophorus a Sacro Boſco.
Antonius Rubeus.
Franciſcus Gonçales.
Jacobus Biderman.
Niculaus Cabeo.
Joannes Lorins.
Phelippus Trieu.
Jullius Scotus.
Franciſcus Hurtado.
Petrus Hurtado.
Thomaz Comptonus.
Paulus Valius.
Academia Lovianenſis.
Academia Complutenſis.

Et hoc ſufficiat.

CAPI-

CAPITULO X.

Da Medicina. Moſtra-ſe a ſua origem, augmento, e excellencia. Expoem-ſe as ſuas diviſoens, antiguidade, empregos, e projecto.

HE todo o cuidado dos homens a concervaçaõ da ſaude, ſem a qual periga a propria vida (1) e Deos que de tanto bem foy o Autor (2) e depende da ſua ſuprema vontade a noſſa vida (3) por altiſſima providencia foy o que tambem creou a Medicina para ſaude dos homens (4) tambem o meſmo Senhor creou os medicamentos (5) querendo acudiſſemos com promptidaõ aos remedios, os quaes ordinariamente ſaõ preciſos para ajudar a obra da Natureza; determinou que honraſſemos aos Medicos pois ſaõ os que remedios nos applicaõ (6) e ſe as enfermidades nos homens procedem as mais das vezes de exceſſos, o que deshumanamente fizéraõ noſſos Pays primeiros foy cauſa de padecermos nòs taes enfermidades.

(1) *Proverb.* 29. 2.
(2) *Genes.* 2.
(3) *Pſ.* 29. 6.
(4) *Eccleſ.* 28. 2.
(5) *Eccleſ.* 38. 4.
(6) *Idem* 38. 12.

Fez a neceſſidade com que a Medicina ſe reduziſſe a eſpiculaçaõ, e praxe tendo ſó ſido no principio huma mera experiencia. (7) Quem foſſe deſta Arte o Inventor primeiro, tem diverſas opinioens: Diodoro eſcreve que Mercurio entre os Egypcios (8) Plinio diz que Arabo filho de Appollo (9) Clemente, que os Egypcios (10) outros atribuem o invento a Apis famoſo Rey deſta Naçaõ; outros a Eſculapio filho terceiro

(7) *Cornel. Celſo.*
(8) *Diodor. Sicul.*
(9) *Plin. l.* 7.
(10) *Clem. Alex.*

de

de Arsippo, e Arsione; outros a outro Esculapio filho primeiro de Apolo; outros a Arabo filho do mesmo Apolo, e Babilonia; e os mais com Macrobio querem que fosse o mesmo Apolo (11) a quem os gentios tributàraõ adoraçoens de Divino.

(11) *Macrob. l. 1. de Saturnal.*

O antiguo Venuto na sua Harmonia tem que Misray neto de Noè foy o primeiro que principiou a ensinar Medicina por arte (12) dizendo que deste he que os Egypcios a aprendèraõ. O certo he, ser o invento da Medicina antiquissimo: consta que jà na doença, e morte de Jacob assistiraõ homens experimentados, e doutos com o caracter de Medicos, e deste tempo fazem no Texto Sagrado mençaõ delles as letras Divinas, (13) Salamaõ com sua feliz sabedoria fez sobre as virtudes das plantas hum livro medicinal (14) este se perdeo, e alguns Rabinos differaõ que o Santo Rey Ezechias, para haverem de recorrer a Deos os homens, o queimàra. (15)

(12) *Ventus in Harmonia.*

(13) *Genes. 50. 2. Exod. 21. 19. & in multis.*

(14) *Ex 3. Reg. 4. 33.*

(15) *Apud Matute sup. idade 4 c. 16.*

Ficou assim passando o Mundo muitos seculos sem haver com formalidade Medicina, valendo-se os homens de observaçoens, e experiencias, para o que como Plinio, e Estrabo dizem, ou expunhaõ às portas das cazas, e Templos seus enfermos, procurando dos mais experimentados em queixas semelhantes, o concelho, tomando-se em assento (16) ou aprendiaõ dos Brutos os remedios que faziaõ nas suas enfermidades (17) e por esse modo he que mise-

(16) *Plin. l. 8. Estrabo l. 8. de Geogr.*

(17) *Mexia na Silva l. 2. cap. 41.*

ravelmente se governavaõ: só os Gregos adiantando-se mais neste projecto discorrèraõ já scientificamente experientes dividindo com alguma formalidade a Medicina em tres partes: Diethetica, Pharmaceutica, e Chyrugica.

Correndo mais, e com velocidade os tempos, em o anno 3520. da creaçaõ do Mundo, 484. antes do Nascimento de Christo (18) em cuja opiniaõ de Autores Medicos differem pouco os Historiadores, (19) nasceo Hippocrates Grego na Ilha de Coos em que por seu Pay Heraclides era Principe, e XVII. neto de Esculapio [20] o qual por normas scientificas, e praticas pòs em toda sua perfeiçaõ a Medicina, examinando as memorias antiguas, e expondo remedios novos; sogeitou a natureza ao seu conhecimento, conciliou a razaõ com a experiencia; e sendo da nova Medicina o Inventor, foy o primeiro que a reduzio a forma de sciencia, e abreviou tudo em aforismos.

(18) *Istomachus l. de Hipocrate sect. Franco sup. q. 4. n. 4*

(19) *Flescul. hist. p. 1. cap. 7. an. mundi 3618.*

(20) *Henriq. Meibon. in com. ad Hippocrat.*

Pelos annos (com pouca differença) 160. do Nascimento de Christo tambem em Roma floreceo Galeno, natural de Pergamo Cidade de Azia, sendo Emperadores Antonino Pio, Marco Aurelio, e Commodo: fez-se depois de Hipocrates o mais famoso na Medicina, deixando por obra, e sapientissimos escritos no mayor esplendor esta sciencia, razaõ porque os Romanos, e os Gregos a ambos levantàraõ estatua, merecendo

recendo tambem feliz laureola, Mercurio, Izidis, Prodico, Acron, Oziris, Apis, Oro, Chiron, Arabo, Cadmo, Podalyro, Machaon, Caſſio, Calpitano, Aruncio, Avicena, e outros que antes, e depois de Galeno foraõ com diverſificados dogmas na ſciencia Medica expertiſſimos.

Sabido pois que a Medicina he ſciencia eſpeculativa, e pratica, e que ſe como pratica conduz para a applicaçaõ dos remedios, como eſpeculativa trata do corpo humano fiziologicamente, obſerva os elementos, qualidades, e mixturas, temperamentos, idades, humores, eſpiritos, e callido innato de partes ſimilares, e organicas, de faculdades, e ſuas funçoens, do ſono, ſonhos, e vigilias, das cauſas, e ſintomas das doenças, dos dias decretorios dellas, com os motus criticos, e paulatinos, dos ſinaes diagnoſticos, e prognoſticos.

Contempla a Medicina por capitulos innumeraveis, infinitos achaques que ſuccedem ao corpo humano, ou em todo, ou em parte delle, pois he o corpo humano ſeu objecto, ao qual ſe reduz o que ha no Mundo. Obſerva as qualidades da Lua dos mais Planetas, e doze Signos Celeſtes, como tambem as quatro quadras do anno tudo a reſpeito do compoſto fiſico qual he o noſſo corpo.

Divide-ſe a Medicina em ſinco partes: na primeira ſe concideraõ as couſas naturaes, na ſegunda as cauſas, e enfermidades,

na terceira o modo de concervar a ſaude, na quarta os ſinaes que moſtraõ ſaude, e enfermidade, e ſeu termo proſpero, ou adverſo, na quinta cura as enfermidades. (21) Eſta quinta parte ſe divide ainda em tres: Dietetica que he ordenar o regimento, Pharmaceutica que he evacuar os humores, e Chirugia que he curar queixas externas, como feridas, chagas, naſcidas, tumores, ou couſas ſemelhantes.

(21) *Galenus Introd. cap. 5. Ariſtoteles. Apuleus.*

Foraõ ſempre eſtimadiſſimos no Mundo os Medicos, e reſpeitada a Medicina. Ao primeiro Medico que entrou em Roma, e foy Archagato filho de Liſis, natural do Peleponeſo ſendo Conſules Lucio Emilio Paulo, e Marco Livio no anno 535. da fundaçaõ de taõ illuſtre Cidade, deu o Senado Romano grandes iſençoens, e honras; e ſupoſto que obſervado o ſeu methodo foſſem poſteriormente reprovados, e expulſos de Roma, e Italia toda por Marco Cataõ Cenſorino (22) e em Babilonia tambem naõ admitidos (23) nem por iſſo (ſendo a tal opiniaõ de alguns Eſcritores regeitada) deixàraõ de prevalecer em notavel eſtimaçaõ, honrando muitos Principes com ſeus eſtudos eſta faculdade: taes foraõ Dioniſio Rey de Cizilia, Mitridates Rey de Perſia, Giges, e Sabor Reys de Media, Hermes Rey do Egypto, Adriano Emperador de Roma, e Conſtantino IV. de Conſtantinopla com outros muitos por Ficino mencionados (24) e por Eliano eſcritos. (25) Entre os muitos

(22) *Cato Epiſt. ad Marc. fol. Plin. vid. l. 29.*
(23) *Herodot. l. 1. Eſtrabo l. 16.*
(24) *Ficin. Ep. 1. ad Thom. Valer.*
(25) *Elian. l. 9. cap. 22.*

muitos Autores que neſta ſciencia eſcrevèraõ, exponho aos curioſos para o ſeu divertimento, poucos, e ſaõ os ſeguintes:

Hipocrates.	Cornelio Celço.
Galeno.	Merola.
Ariſtoteles.	Duretto.
Avicena.	Baldivino.
Egidio.	Gaſpar Bravo.
Egineta.	Baglivio,
Agatino.	Amato Luſitano.
Albertino Botino.	Mirandela.
Mataſanos.	Alexandre de Frodi-
Ambroſio Pareo.	zeo.
Dioſcorides.	Albenzoar.
Durando.	Chriſtovaõ da Veiga.
Botallo.	Daniel Senneto.
Aſclepiades.	Duarte Madeira.
Fallopio.	Antonio Muza Bar-
Boneto.	zabulo.
Silvio.	Lazaro Riverio.
Eliano.	Joaõ de Colle.
Aquilera.	Alexandre Maſſaria.
Eſculapio.	Alexandre dos Anjos.
Torello.	Cypriano de Barroja.
Altomar.	Averroes.
Garcia.	Arnoldo de Vilanova.
Hortulano.	Benedito Vitorio.
Fernelio.	Brunetto.
Ferrara.	Lucas Tozi.
Ambroſio Nunes.	Joaõ Curvo Sẽmedo.

Supoſto a Cirurgia ſeja parte da Medicina, como naõ ſeja ſciencia mere eſpiculativa, em outro lugar a trataremos, obviando confuzaõ.

CAPI-

CAPITULO XI.

Da Mathematica, Aſtrologia, e Aſtronomia. Moſtraõ-ſe os ſeus inventos, e expendem-ſe os ſeus objectos.

ESTas relevantes ſciencias que foraõ digno emprego dos eſtudos, e curioſa eſpeculaçaõ de Varoens taõ famoſos, e ſabios que o Mundo teve, ſendo diverſas em os nomes, quazi o meſmo vem a ſer em os officios: Enſina a Mathematica as Conſtituiçoens da Esfera, e a diffine dizendo ſer hum corpo, ou couſa ſolida contida em huma ſuperficie, (tendo figura de hum Globo) em cujo meyo ha hũ ponto, chamado Centro da Esfera, do qual todas as linhas levadas à circunferencia ſaõ iguaes, mas a linha recta que paſſa o centro, e chega ás ſuas extremidades de huma, e outra parte, chama-ſe Exos da Esfera.

Moſtra que a Esfera ſe divide ſegundo a ſubſtancia, e ſegundo os accidentes; aponta o numero de diverſas Esferas, e as partes em que ſe divide o Mundo; define as regioens Elementares, penetra as operaçoens dos Elementos, repara na ſituaçaõ dos Pólos, obſerva os movimentos dos Ceos, configura o globo da terra, e agua em corpo rotundo, conta no Ceo as Eſtrelas moveis, e fixas, a qualidade, e quantidade dos Planetas, a diverſidade dos ſignos, e ſuas operaçoens, os creſcentes, minguantes, influxos, e effeitos da Lua, as qualidades,

curſo

curſo, eſtados, alturas, e operaçoens do Sol; e aqui achamos já ligadas, e complexas eſtas ſciencias.

Mas para que poſſamos abreviar o muito que eſta ſciencia comprehende, baſta conſtarnos que trata do Meridiano, Climas, Circulos, Orizontes, Zodiacos, Colluros, Equinocios, Tropicos, Aſtrolabios, Zonas, Paralelos, Motus, Eclipſes, Eſtaçoens, Demonſtraçoens, Incrementos, Computos, Pontos, Atomos, Momentos, Tempos, Mutaçoens, Aſcençoens, Deſcenſoens, queſtionando neſta, e outras materias.

Logo conſecutivamente ſe obſervarmos o de que a Aſtrologia Aſtronomica curioſamente trata, acharemos que (com pouca deſſemelhança) tambem da Esfera, Planetas, Aſtros, e diverſidade de Eſtrelas, expondo ſeus movimentos, influxos, de monſtraçoens, e prognoſticos, tocando outras, e muitas Methamaticas, materias que contempla, e envolve. Inſinúa pelo que nos Aſtros obſerva, ſe haverá doenças, frios, tempeſtades, terremotos, Eclipſes, chuvas, ſecuras, abundancia, ou eſterelidade de frutos; e ainda obſervada aphiſica conſtituiçaõ da creatura, e o aſpecto do Planeta em que naſceo, faz huma, e outra ſciencia ſeus prognoſticos, debaixo da Diſpoſiçaõ Divina: Salva a Aſtrologia Judiciaria prohibida, em que (por tocar neſta materia) ſe vier a propoſito, falarey.

Se agora curioſamente quizermos inveſtigar

veſtigar daquellas illuſtres ſciencias o principio, indagando quem foſſem ſeus primeiros Inventores, e heroes nellas mais peritos, acharemos que (ſem dar credito aos ſonhos de Julio Firmico) por opiniaõ de Diodoro (1) e Hermon (2) que os Chaldeos aſſeverando que os Planetas conduziaõ para alcançar o bem, e fugir do mal, entràraõ a fazer obſervaçoens nos Aſtros por inſinuaçaõ dos Egypcios a quem as enſinàra Mercurio, ou Actino filho do Sol como Diodoro refere (3) mas Jozefo diz que aos Egypcios as enſinou Abraham, dos quaes ſe participàraõ aos Chaldeos, e Gregos. (4) Pherecides, Syro, Pithagoras, e Thales que entre os Gregos praticaraõ primeiro eſtas ſciencias, eſcrevem as aprendèraõ dos Egypcios, e Chaldeos: Plinio atribue eſte invento a Atlante filho de Libia (5) ou a Jupiter Bello (6) e Servio inſinùa que Prometheo foy quem primeiro enſinàra eſtas ſciencias aos Aſſirios. (7)

(1) *Diodor. l. 3.*
(2) *Hermon ad Ovid.*
(3) *Diodor. ſup. l. 3.*
(4) *Joſef. de Antiq. lib. 1.*
(5) *Plin. l. 7.*
(6) *Plen. l. 6.*
(7) *Servius ſup. Eglog. 6. Virgil.*

Repudiadas eſtas opinioens, e outras com mais probabilidade admitidas, ſe entende que Seth filho de Adam foy o primeiro inventor deſtas famoziſſimas Artes (8) e aos ſete Planetas poz o nome. (9) O S. Henoch quarto neto de Seth qualificou mais as normas deſtas ſciencias [10] e foy Noè quem as participou ao Mundo depois do diluvio, e dividio o anno em doze mezes ſolares (11) aſſinando as quatro Eſtaçoens de tempo.

(8) *Joſef. de Antiq. lib. 1. cap. 3.*
(9) *Cedrenus in Compend. hiſtoriali.*
(10) *Genebrard. in Chronic. Euzeb. de Præpar. Evangelica.*
(11) *Matute na Proſap. de Chriſto. id. 2. cap. 1. §. 1.*

Poſte-

Posteriormente muitos mais Inventores houve que para a perfeiçaõ destas sciencias concorrèraõ; porque Hyparcho inventou varios instrumentos Mathematicos, e Aniximandro Milesio formou a Esfera (12) Cleostrato achou os Signos, Pythagoras a Estrela de Venus, Endimion as qualidades da Lua, Eolo a sciencia dos ventos, Thales Grego, Sulpicio, e Palamedes explicàraõ os Eclipses (12) supposto Cicero atribua o invento da Esfera a Arquimedes (13) e Diogenes a Museo (14) affirmando Viturvio que Tirrestes descobrio o vento Aquilo. (15)

(12) *Plin. l. 7. c. 56. & lib. 2. cap. 12. Textor in officin. p. 2. tit. Astolog.*

(12) *Plin. l. 2. & 3. Estrabo l. 6.*
(13) *Cicer l. 1. Tusc.*
(14) *Diogenes.*
(15) *Viturvius.*

Nestas sciencias foraõ famozissimos o S. Rey Ezechias, S. Dionisio Areopagita, S. Justino Martyr; naõ menos o grande Patrica Abraham como Suidas refere (16) os tres Reys Magos, o celebrado Julio Cezar, e antiquissimo Rey Anco com outros muitos; em fim apontarey jà aos curiosos alguns dos muitos Autores que nestas sciencias scientificamente escrevèraõ, para que nelles se devirtaõ.

(16) *Suid verb. Abraham.*

Aristoteles.	Regio Montano.	Manilio.
Ptolomeo.		Hipparco.
Alfragano.	Higinio.	Alcmeon.
Rodigino.	Gelio.	Arzabel.
Pubarchio.	Cleomedes.	Albartegnio.
Boecio.	Possidonio.	Origenes.
Ammiano.	Eratosthenes.	Censorino.
Macrobio.	Viturvio.	Estrabo.
Heziodo.	Propacio.	Policiano.
Ploclo.	Campano.	Hermete.

Calippo.	Joaõ de Monte Regio.	Joaõ de Royas.
Marciano Capella.	Elias Veneto.	Abram Aven.
Heraclides Pontico.	Pedro Nunes.	Eudoxo.
Joaõ Stocflerino.	Joaõ de Regio.	

CAPITULO XII.

Das qualidades, e numero dos Ceos, Planetas, Aſtros, e Eſtrellas em cujo diſcurſo as ſciencias Fiſica, Medica, Aſtrologica, Aſtronomica, e Mathematica ſe occupaõ.

JA' que dos quatro Elementos fica alguma couſa eſcrito, naõ he juſto occaſione aos Criticos motivo de cençura, moſtrando que tendolhe dado noticias da Terra, as naõ teria tambem para lhe dar do Ceo, devendo eu ſolicitalas mais do Ceo do que da Terra; mas porque da Terra, e Ceo trataõ as ſciencias em que anteriormente falley, fallarey em nome das ſciencias, pois no meu naõ me atrevia; e naõ privando aos curioſos de noticias, nem faltando ao que as ſciencias inculcaõ, expendo jà abreviadamente o que na materia do preſente titulo os Sabios inſinuaõ.

Saõ os Ceos de natureza mais nobres, e elevada que as couſas materiaes, e corporeas deſte Mundo todo, porque ſendo eſtas compoſtas com huma meſcla de todos os quatro Elementos, tem natuteza corruptivel; mas o Ceo naõ ſó he livre, e izento de

toda

toda a corrupçaõ, mas huma materia ſimples, e naõ compoſta, nobiliſſima, e reſplandecente, concervando-ſe na meſma fórma em que foy por Deos creado ſem mudança nem impreſſaõ alguma que o preturbe, ſendo a ſua ſuperioridade, e excellencia tanta, que pela virtude activa dos movimentos que faz de Oriente a Poente, e por meyo de ſeus Planetas, e brilhantes Aſtros ſe vivificaõ todas as creaturas, e o Mundo todo ſe concerva, iſto com tanta dependencia, que ſe o Ceo ceſſaſſe em ſuas voltas, e occultando a luz paraſſe em o ſeu gyro, logo as creaturas todas pereceriaõ: deſte ſentido foraõ S. Agoſtinho, S. Baſilio, S. Dioniſio, Philo, Plataõ, e Ariſtoteles. (1)

Em o numero dos Ceos ha diverſas opinioens: os Egypcios, e Chaldeos affirmavaõ que eraõ oito os Ceos, cuja opiniaõ ſeguiraõ Plataõ, e Ariſtoteles (2) muitos PP. e DD. affirmàraõ que eraõ tres fundados no que S. Paulo eſcreve depois que foy ao terceiro Ceo arrebatado; outros Filoſofos, Aſtrologos, e Aſtronomos peritiſſimos com a opiniaõ de Tebicio, Jorge Pubarchio, Alarbe Albareno, Juan Monreal, e Affonço, Rey Heſpanhol affirmavaõ que eraõ onze (3) mas opiniaõ commua, e mais ſeguida conta doze.

No quarto Ceo mais vezinho á Terra eſtà a Lua Planeta primeiro, tem de circulo em ſeu luſtroſo Globo 186. legoas. O ſegundo em que eſtà Mercurio (que he huma

(1) *D. Auguſt. l. 3. de Trinit. c. 4. D. Baſil. hom. 6. Examer. D. Dioniſ. l. 4. de Divinis nom. Philo in lib. de Fabrica mundi. Plato in Theo.*

(2) *Ariſt. l. 2. de Generat. cap. 10. & in lib. de Generat. animalium cap. ultimo. Ariſtot. l 12. de Metaphiſica. cap. 8. Plato l. 10. de Repub.*

(3) *Tebicius. Georg. Pubarch. Alarbe Albaren. Affonço R. de Heſpanha.*

Eſtrela, ou globo de luz aſſim como os mais Planetas) tem quaſi 50. legoas de circuito, e he o menor de todos. No terceiro Ceo eſtà o terceiro Planeta que he Venus, cujo globo de luz tem 198. legoas em redondo, e he o precurſor do Sol. No quarto Ceo eſtà o Sol mayor de todos os Planetas, e com ter a terra 7500. legoas em circuito, he o Sol 166. vezes mayor que toda a terra, na qual faz Veraõ, e Inverno, aſſinala Horas, Dias, Mezes, e Annos, fazendo duas vezes ſolſtiticio, hum a 22. de Dezembro que he o menor Dia, e outro a 22. de Junho que he o Dia mayor do Anno; como tambem moſtra dous Equinocios, hum a 22. de Março, outro a 22. de Setembro.

No quinto Ceo eſtà o quinto Planeta Marte, cujo luminoſo globo he duas vezes mayor que a Terra. No ſexto Ceo eſtà o ſexto Planeta Jupiter, cujo luminoſo globo he 95. vezes mayor que a Terra toda. No ſetimo Ceo eſtà o ſetimo Planeta Saturno, cujo globo he mayor que a Terra 91. vezes. No oitavo Ceo chamado Firmamento eſtaõ as Eſtrelas fixas ſempre na meſma diſtancia ſem movimento ſendo eſtas innumeraveis, ſupoſto os Egypcios, Caldeos, e Babilonicos lhe aſſignàraõ numero a certa quantidade de Eſtrelas a que concideràraõ, e obſervàraõ os influxos, expondo-as em 48. imagens, com a locaçaõ de 1U22. Eſtrelas principaes.

Eſte tal numero de Eſtrelas foy por elles

les devidido em seis partes, ou em seis diversas grãdezas: na primeira ordem puzeraõ as 15. mais luminosas, e lhe chamàraõ as Estrelas de mayor grandeza: na segunda ordem as de segunda grandeza que assignàraõ 45. Estrelas: na terceira 208. na quarta 464. na quinta 212. na sexta 49. acrescentando a estas 5. nebulosas, e 9. tenebrosas.

Todas as Estrelas que concidèraõ os peritos na parte setentrional saõ em numero 360. tres saõ da primeira grandeza, 18. da segunda, 81. da terceira, 167. da quarta, 58. da quinta, e 13. da sexta, huma nebulosa, e 9. occultas. Na parte Meridional concidéraõ as Estrelas em numero 316. sete da primeira grandeza, 18. da segunda, 63. da terceira, 164. da quarta, 54. da quinta, e 9. da sexta com huma nebulosa.

Todas as Estrelas que concidèraõ no Zodiaco, ou Orbe dos signos, saõ em numero 350. sinco da primeira grandeza, 9. da segunda, 64. da terceira, 133. da quarta, 105. da quinta, e 28. da sexta, tres nebulozas, e duas occultas.

Do oitavo Ceo dizem que tem tres movimentos, hum proprio, e dous preternaturaes; O que faz, e experimentamos cada 24. horas he proprio do primeiro movel, ou decima esfera, movendo-se sempre de Oriente a Occidente; o que faz de Occidente a Oriente em tempo de 49U. annos que he proprio da nona esfera; e o que

faz

faz proprio seu, a que chamaõ de trepidaçaõ, ou de acceſſo, e receſſo, o qual movimento em cada hum anno naõ gaſta mais que tres minutos. Dizem que deſte oitavo Ceo à Terra ha vinte e ſeis milhoens, 979U531. legoas. Que tem de concavo 169. milhoens, 593U750. legoas; e que tem de groſſura 26. milhoens, 98U823. legoas. Se fallàra Lucifer verdade, e com tanta preſſa como hum rayo naõ decèra, diria eu que fora elle o que ſem tanta falibilidade as medira, e mais miudeza as contára. Eſcrevi o que os Autores inſinuaõ.

O nono Ceo a que Ptolomeo chama primeiro movel (4) e outros o contaõ ſegundo, na opiniaõ de todos naõ tem alguma Eſtrela, e por ſer diafano lhe chamaõ Ceo criſtalino, e aqueo, porque neſte Ceo ſe collocàraõ. Dizem ter eſte Ceo dous movimentos: hum preternatural cauzado da decima esfera, ou primeiro movel em eſpaço de 24. horas, e outro movimento proprio, no qual gaſta 49U. annos, e ſe move cada anno 26. ſegundos. Da Terra até eſte nono Ceo dizem ſer 53. milhoens, e ter de concavo 339. milhoens, 187U500. legoas.

(4) *Ptolomæus.*

O decimo Ceo, e eſte he o a que commummente chamaõ primeiro movel, faz o ſeu movimento complecto em 24. horas, e a eſta esfera obedecem todos os outros orbes, e Ceos, e ainda a regiaõ do Fogo, e Ar, cujo movimento he muito regular, e uniforme. Eſta esfera em hum dia natural de

24. horas passa pelos 360. graos que contem a circunferencia do Orbe, e máquina universa; e pela parte concava segundo a opiniaõ de Alfraxano anda 253. contos 317U20. legoas com hum movimento de Oriente a Occidente sobre os dous Pólos do Mundo, Artico, e Antartico. (5)

(5) *Alfraxano his.*

O undecimo Ceo a quem S. Agostinho, S. Joaõ Damasceno, S. Boaventura, e S. Thomàs, Beda, Justino Theologo, e celebre Mathematico, Alexandre de Ales, e outros DD. chamaõ Impireo, naõ fazendo mençaõ de duodecimo Ceo, he o lugar em que Deos reside com todos os Espiritos Angelicos, e Bemaventurados: verificaõ que he immovel, e naõ tem materia determinada a movimento, he mais que todos resplandecente, e lucidissimo, de sua natureza uniforme, esferico, e rotundo, sem nenhuma Estrela; he finalmente immenso mar de toda a fermosura, Mundo Angelico intelectual, e Divino, lugar soberano que Deos tem preparado para os seus escolhidos. (6)

(6) *D. Augusſt. D. Bazil. D. Joan. Damsc. D. Bonav. D. Thom. V. Beda. D. Justin. Alex. de Aleſ.*

Tres movimentos fazem os Ceos: O primeiro he proprio do decimo Ceo, que se move de Oriente a Poente, como cingindo, ou abraçando os outros 9. Ceos que tem debaixo de si, aos quaes todos move, e faz dar a mesma volta que elle dà de Oriente a Poente no espaço de 24. horas. O segundo movimento he proprio dos nove Ceos, e o fazem de Poente a Oriente. O terceiro movimento he collateral ladeando-se com

espaçosa

eſpaçoſa proporçaõ atè o Pòlo Artico, e entaõ cauſa Veraõ; e atè o Pòlo Antartico occaſionando entaõ o Inverno. Plataõ, e Ariſtoteles entendèraõ que eſte movimento dos Ceos era cauſado por impulſo ſuperior. (7) Muitos Padres, e Doutores entendem que a cada Ceo deu Deos hum Anjo para o mover, o que naõ implica à Fé, como os meſmos verificaõ (8) e o tempo que cada Ceo gaſta em o ſeu motu, enſinaõ os Mathematicos por obſervaçoens, e conjecturas, mas com diverſidade nas opinioens.

(7) *Plato l. 1. de legib. Ariſtot. l. 8. Phiſicæ. & l. 10 Mathem.*

(8) *D. Dioniſ. Areopag. l. 15. de Celeſt. Hier. ar. q. & c. 8. de Divinis nom. D. Aug. l. 3. de Trinitate. c. 4. D. Gregor. P. l. 4. Dialog. c. 4. D. Bonav. l. 2. ſent. d. 14. ar. 13. q. 2. D. Thomas. opuſc. 10. ar. 3. & q. 6. de Potent. art. 3.*

CAPITULO XIII.

Do Direito Civil, e Canonico. Moſtra ſua Origem diviſoens, ſubdiviſoens, e materias que in utroque Jure ſe comprehendem. Aponta algumas fórmas de antigo Direito, ou Leys antiguas de que eſtas ſe èduziraõ.

DEixadas jà opinioens gentilicas que tudo atribuhiaõ a ſuas falſas Deidades, e omitidas as aſſeveraçoens de Poetas que pintavaõ como queriaõ, tendo jà feyto mençaõ no capitulo terceiro do terceiro livro deſta obra, de alguns legisladores famoſos que no Mundo houve, e aſſentando que Deos com a mayor formalidade depois que inſinuou o Direito natural, deu no alto do monte Synai a Moyſés o Direito, ou Ley Eſcrita; no capitulo preſente antes que do Direito expendamos algumas accepçoens, vejamos jà que quer dizer, ou de donde ſe origina eſte vocabulo *Direito.* Eſta

Esta que hoje passando jà de pratica a espiculativa se reconhece muito famosa sciencia, denominada *Direito*, que na voz latina soa *Jus*, e se entende por *Ley* (1) tendo duas significaçoens especiaes que notou Driedo (2) admitte tres ethymologias: Primeira chama-se *Jus - quod justum sit* (3) Segunda chama-se *Jus* a *Jubendo*, pois he *Jussum* o participio de *Jubeo*, de que extrahida a ultima syllaba fica *Jus*. (4) Terceira Jus deriva-se de *Justitia* (5) e porque a cada hum dà o seu jùs, isto he o seu direito, por isso este que no vocabulo Portuguez se diz *Direito*, na voz latina soa *Jus*. (5)

(1) *Patet. ex § singulorum. Instit. de Rer. divis. & l. jus natur ff. de legibus.*
(2) *Driedo l. 1 de libert. Christian.*
(3) *Conan. lib. 1. comment. Jur. civil.*
(4) *Suar. Granat. lib. 1. cap. 2.*
(5) *L Justitia ff. de Just. & Jure.*

Significada pois a Ley por esta palavra *Jus* (6) definem Ulpiano, e Celço o Direito: *Jus est ars boni & æqui* (7) admittindo os DD. destinçaõ *de æquo ad bonum*. (8) He seu objecto a Justiça; e esta de dous modos se entende: Primeiro genericamente por toda a virtude: Segundo pela especial virtude de dar a cada hum o que he seu; no primeiro se entende o que he ajustado às normas da razaõ, no segundo se significa a equidade que a cada hum se deve de justiça. (9) Os PP. e DD. attendo às Escrituras às quaes se accommoda o commum sentir, tem *per significationem strictam Juris - Facultas quædam moralis, quam unusquisque habet vel circa rem suam, vel ad rem sibi deditam*; (10) daqui se diz Jus *in re*, e Jus *ad rem*.

(6) *Origen. cap. 3. D. Isidor. lib. 5. D. Aug. l 38. quæst. D. Thom. 2.2. q. 57. ar. 1.*
(7) *Ulpian. Jur. con. Celço.*
(8) *Ludov. Vivar ad Aug l. 2. de Civ. Dei cap. 17. & lib. 6. Arist. 5. Ethic. c. 10.*
(9) *D. Thom. 2. 2 q. 57.*
(10) *Vid. etiam Brissonium lib. 9. de Verb. sign. Verbo Juris.*

Tem a Ley varias divisoens, e subdivisoens: saõ as principaes, Ley da Natureza, Ley Divina, e Ley humana. A Ley da na-

tureza chamada Direito natural se subdivide no sentir de Tribuliano em Direito primario, e secundario: o primario que he *insitum à natura* compete a todos os animaes racionaes, e irracionaes, sendo diffinitivo *Quod natura omnia animalia docuit, quæ in Cælo, quæ in terra, quæ in mari nascuntur.* O secundario só a todas as creaturas racionaes compete (11) e este outra vez se subdivide em Ley creada, e positiva, ou Direito positivo, e natural, chamado Direito das gentes. (12)

(11) *Tribulian. hic de Jure naturali.*

(12) *ad Rom. 2. D. Aug. tr. 6. in Joan. D. Isidor. l. 2. & 3. Ethimolog. In Decret. d. 1. Vid. in Jure Civil. Instit. de Jure naturali gent. & Civili. & l 1. ff. de Just. & Jure. Cicer. lib 1. de legib.*

A Ley Divina que no sentir de Platão *Est gubernatrix universi existens in mente Divina* (13) se subdivide pelos Theologos em Eterna, e Temporal: I. *quia in ipso Deo est;* II. *quia ab ipso Deo immediate fertur* (14) e esta segunda ainda outra vez se subdivide em Ley Escrita, e Ley da Graça (15) que os Theologos tornão a subdividir em positiva, e negativa (16) ficando (com explicação esta Ley: Divina, e Humana. (17)

(13) *Plat. in Thima.*
(14) *D. Thom. 1. 2. q. 91. art. 3.*
(15) *Lege novum, & Vetus Testam.*
(16) *D. August. de Vera Relig. D. Thom. de necessitate hujus legis.*

A Ley Humana que o Doutor Angelico subdivide *in Jus gentium, & civile,* subdividindo este outra vez in *Jus scriptum & non scriptum,* sendo este rigoroza Ley, e aquelle *Consuetudo*, o qual tambem *quo ad substantiam* tem verdadeira razão de Ley (18) admitte na torrente dos Doutores *in utroque Jure* muitas outras subdivisoens, sendo entre todas essenciaes, e especialissimas, Ley Civil, e Ley Ecclesiastica, ou Direito Cannonico, e Civil, de que (só tocado) neste capitulo falamos, pois he materia vastissima, e diffusa.

(17) *Proverb. 8 ad Rom. 13. D. Aug. Sup. c. 31.*

(18) *Vid Suar Granatens. l. 5. c. 1. § 2.*

Achão-

Achaõ-ſe enlaçados eſtes dous Direitos Cannonico, e Civil; e ſendo emprego de ambos o bem commum, e bom regimen das gentes, ſó differem em que o Civil obriga ſó com comminaçaõ de pennas, e o Cannonico preciza humas vezes tambem com pennas, e outras com cençuras, e peccado, diſtinguindo-ſe ao meſmo tempo os dous Direitos nas clauſulas de commum, e Eſtatutario, em que o Civil comprehende ſó aos ſeculares, ou na obſervancia da Ley commua por Juſtiniano (de que logo fallaremos) eſtabelecida, ou na Eſtatutaria que os Monarcas em ſeus Reynos determinàraõ; e o Cannonico comprehende naõ ſó aos Eccleſiaſticos, e Regulares, mas a todos os filhos da Igreja, ou na obſervancia preciza tambem da Ley commua poſta pelos Pontifices Romanos, ou na Eſtatutaria [chamada Conſtituiçoens] poſta pelos Arcebiſpos, e Biſpos nas ſuas Diocezes. (18)

Infinitas no Eſtado ſecular tinhaõ ſido as Leys antiguas, e achandoas o famoſo Emperador Juſtiniano em a mayor confuſaõ reduzidas a duzentos mil corpos de livros, ſendo tres os volumes de mayor reſpeito que reſpectivamente a ſeus Autores ſe chamavaõ Hermogeniano, Gregoriano, e Theodoziano, os mandou entregar aos homens mais ſabios do ſeu Imperio, para que unidos os reduziſſem ſubſtancialmente a hum ſó volume (19) o que fizeraõ, e o Emperador o confirmou, mas hoje jà naõ exiſte. (20.)

(18) *Joan. Andr. Panorm. in c. 1. de Jure Calumn n. 7. & ſumitur ex cap. Non debet de Conſang. & affin. Gratian. in Jus Canon. d. 1. 2. & 3. per tot. ex Iſidor. lib. 5. Ethimol. cap. 1. & ſeq. & Expoſ. in Rub de Conſtit.*

(19) *Bald. poſt tex. in lib. Juriſperit. 3. ff. de cauſis.*

(20) *ex tt. Cod. de Juſtiniano.*

Com as memorias antiguas pelo decurſo dos tempos ſe foraõ purificando, e aperfeiçoando as Leys; e das que ſe hiaõ innovando ſe fizèraõ tres volumes em que ſe incluiraõ todas as forças do Direito, tendo o titulo de Pandetas, e Digeſtos, e deſtes conſecutivamente ſe viraõ ſincoenta livros, e o Compendio do Direito. Ficàraõ as ſuas Conſtituiçoens reformadas pelo Emperador Juſtiniano com o titulo de livro dos Autenticos, havendo hoje jà neſtas materias grande numeroſidade de volumes cheyos de Titulos, e Tratados, conſtando o Digeſto de 50. livros, o Codigo de 12. ſendo eſte o fundamento, e fonte de todo o Direito reſtricto ultimamente nos quatro livros da Inſtituta, e merecendo o Direito Eſtatutario Luſitano ſublime credito nos 440. titulos com que a Ordenaçaõ deſte Reyno ſe illuſtra.

Infinitas concidero as materias de que hum, e outro Direito Civil, e Cannonico (com deſtinçaõ nas Criminaes) repectivamente trataõ; e mencionando algumas por noticia ao Leytor, moſtro que ſendo a ſubſtancia de Juſtitia, & Jure, trata de authoritate Judicis, das Acuzaçoens, e Inſcripçoens, Appellaçoens Civeis, e Crimes, Compenſaçoens, e Concizoens, Condutores, e Procuradores, Conſtituiçoens, e Contratos, Fazendas, e Fiſcos, Depoſitos, e Denunciaçoens, Commercios, e Mercadorias, Aquiſiçoens, e Adopçoens, Tutores, e Curadores,

res, Pupîlos, e Patronos, Inceſtos, e Adulterios, Divorcios, e Repudios, Emancipaçoens, e Dotes, Herdeiros, e Heranças, Legados, e Legatarios, Compras, e Vendas, Penhores, e Hipotecas, Teſtamentos, e Teſtemunhas, Preſcriptos, e Preſcriçoens, Acçoens, e Tranſacçoens, Execuçoens, e Excepçoens, de Manu Regia, & punitione delinquentium.

Illuſtráraõ ao Direito com ſeus eſcritos.

GUarnecio, ou Irnerio, denominado Lucerna Juris.
Joaõ Baſſian Cremonenſe - Lucerna Juris.
Bartholo Piceno, e Baldo - Lucernæ Juris.
Donello nos Commentarios do Direito.
Chriſtovaõ da Paz nos Scolios da Ley.
Cardozo, na praxe dos Juizes.
Frederico Hiltropio, nos Proceſſos Judiciaes.
Colero, nos Proceços executivos.
Calvolo na praxe Judicial.
Chercano, nas Opinioens commuas.
Joaõ Copino, na queſtoens de Direito.
Cornelio Brediato, nas Appellaçoens.
Borgnino, no Reportorio das Decizoens.
Cabalino, nas Rezoluçoens Criminaes.
Monticello, nas Regras Criminaes.
Carolo Tapia, nos Direitos Reaes.
Gabriel Pereira, de Manu Regia.
Franciſco Lucas de Parma, no Fiſco.
Gabriel Velaſques, nos Laudemios.
Ludovico Rodolfino, do Braço Secular.
Marco Cautello, nas Donaçoens.

Gutier-

Gutierres, nas Tutellas.
Bruario, nas Heranças.
Cevallos, nas Violencias.
Carrozio, nas Execuçoens, e Sequeſtros.
Cyriliano, na Summa Criminal.
Campano, Cartario, Graphis, Griveldo, nas Dicizoens; e outros &c. naõ mencionando por Eſcritores a Juliano, Papiniano, Julio, Graciano, e outros ſemelhantes que ideàraõ Leys, multiplicando eſtas os nomes pelos de ſeus Inventores.

Mais ſe eſpecialiſáraõ no Direito Cannonico em materias ſingulares, expendendo Sapientiſſimos eſcritos
Franciſco Leaõ, no Foro Eccleſiaſtico.
Anaſtacio Gerſon, nas Immunidades.
Seraphino, nos Privilegios, Juramentos, e Decizoens.
Niculao Garcia, de Benefitiis.
Peres de Lara de Univerſariis.
Bellete, nas Exquiſiçoens Clericaes.
Jacob Strozio, de Offitio Vicarii.
Gabriel Velaſco, e Rodrigues nos Privilegios.
Lotherio, de Re Benefitiali.
Joaõ Franciſco, do poder do Capitulo Sede Vacante.
Pavino, da Viſitaçaõ do Capitulo Sede Vacante.
Fellino, nas Conſtituiçoens.
Charanta, na Summa das Bullas.
Mozzio, nos Contratos.
Bermodo, nos Concubinatos,

Bona-

Bonacoſſa, nos Matrimonios.
Pechio, de Teſtamentis Conjugalibus.
Cenedo, na Pratica Cannonica.
Campanil, in Diverſorio Juris Cannonici.
Molina, Barboza, Soares, e outros, de Juſtitia, & Jure.
Franciſco Paulino Berſi na Pratica Criminal.
Bonacina de Legibus, & Clauſulis.
Franciſco Salgado, na Protecçaõ Real.

E finalmente outros muitos, mas o que fica dito baſte.

CAPITULO XIV.

Da Theologia Moral, e ſua praxe. Moſtra a deduçaõ do ſeu nome, vaſtidaõ a que ſe extende, e materias de que trata.

A Theologia Moral que com todos os Direitos ſe enlaça, e contem tantas materias ſuſcitadas por Sapientiſſimos Autores, illuſtradas com opinioens quaſi infinitas, he entre todas reputada vaſtiſſima ſciencia, pois no foro interior, e exterior nada à ſua comprehençaõ ſe occulta, e tudo com grande utilidade noſſa eſpiritual, e temporal, nella ſe trata.

Moral ſe denomina, derivado o nome *à More* (iſto he, do coſtume) porque dos coſtumes, e acçoens naõ ſó externas, mas internas ſubtiliſſimamente trata. Lorca diz que meſmo ſignifica o coſtume (1) e Soto eſcreve que o coſtume por eſta ſciencia ſignificado he huma certa inclinaçaõ natural pa-

(1) *Lorca diſp. 21.*

ra

ra obrar, ou hum frequente acto livre da vontade com sua natural inclinaçaõ. (2) O Doutor Angelico ensina que he este costume modo repetido de obrar, com tal destinçaõ que se nascer da determinaçaõ voluntaria do Operante, se dizem seus actos materiaes, *sive ad mores spectantes*, e se a tal repetiçaõ de obrar naõ contèm livre determinaçaõ da vontade *proprie non dicitur mos, sed assuetudo*, a qual naõ induz louvor, ou vituperio, merito, ou demerito *Sicut in moribus humanis*, os quaes saõ só louvaveis, ou vituperaveis; e nestes actos só existe a moralidade, pois pelos actos humanos merece, e desmerece a creatura, podendo-se estes entender *latissime*, *magis proprie*, *& stricte* com a formalidade que os Moralistas o explicaõ. (3)

(2) *Soto hic.*

(3) *Apud D. Thom.*

He sciencia esta (em boa opiniaõ) juntamente pratica, e espiculativa, e para a sua perfeita acquisiçaõ muito conduzem os Filosoficos principios, pois tendo muitas diffiniçoens diversas Fisicas, e Metafisicas, essenciaes, e discretivas, admitte subtilissimas divisoens, e subdivisoens, como tambem destinçoens congruentes, e necessarias.

Trata sapientissimamente esta sciencia de *Justitia*, *& Jure*, da Ley *in genere* em quanto comprehende a Eterna, Natural, Positiva, Ecclesiastica: ensina se a Ecclesiastica penal obrigue em conciencia. Que cousa seja Cençura Ecclesiastica, quando, como, e em que casos he justa. Quantas castas ha de Excomunhoens, quem as pòde pôr, e absol-

ver,

ver, e em que pennas, ou Cenſuras incorre quem trata com excommungados: quaes ſejaõ os tolerados, e vitandos: que couſa ſeja Interdicto, e Ceſſatio a Divinis: que couſa ſeja Irregularidade, e os que a incorrem por abuzar das Ordens, por defeito natural, ou corporal, por bigamia, por infamia, e outros crimes graves. Aponta as Propoſiçoens pelos Pontifices condennadas; as Excõmunhoens reſervadas da Bulla da Cea, e às que os Illuſtriſſimos Arcebiſpos, e Biſpos nas ſuas Diocezes reſervàraõ: trata tambem das ſuſpençoens.

Moſtra que couſa ſeja Fé, ſuas diviſoens, e objecto; que Fé he neceſſaria *neceſſitate medii, & præcepti*; da infedilidade, e Excõmunhaõ em que cahem os Hereges; trata da Eſperança, e Caridade; da bondade, e malicia dos actos humanos; Do homicidio caſual, ou voluntario, e duelos; do furto, e rapina; Quando, e como ſe contrahe obrigaçaõ de reſtituir; da reſtituiçaõ, e poſſeſſores de boa, e de mà fé; do mutuo, e uſura; dos Cambios, e Cenſos, das compras, e vendas, dos Contratos, uſuras, e ſimonias; da ſuperſtiçaõ, Idolatria, blasfemia, e Sacrilegio.

Trata dos Eſponſaes, e ſuas diſſoluçoens; do Matrimonio, e ſuas qualidades, de ſuas nulidades, e divorcio, e de ſeus impedimentos impedientes, e dirimentes, do eſtupor, e adulterio. Moſtra q̃ couſa ſeja voto, quantos ha, como, e quando obrigaõ; q̃ couſa ſeja Indulgencia, e Jubileo; que couſa a Im-

munidade Eccleſiaſtica, a quem valha, e em que caſos, que couſa o Jejum Eccleſiaſtico, como, e a quem obriga, e dezobriga. Trata finalmente & unico verbo eſta ſciencia de todos os dez preceitos capitaes da Ley Divina, dos ſete peccados mortaes, ſete Sacramentos, e ſinco preceitos da Igreja; explica as Bullas Pontificias, illuſtra a da Cruzada, e moſtra os privilegios dos Regulares, como tambem outras muitas materias.

Mas porque eſta ſciencia preclara he privativa a meus muitos Veneraveis Irmãos os Senhores Sacerdotes que a ſeu cargo tem o ſer Juizes, e Miniſtros do Sacramento da Penitencia, e nem todos para as congruentes reſoluçoens do foro interno podem fazer nas Aulas applicaçaõ à Poſtila deſta ſciencia, digo

Para os Romaniſtas Confeſſores.

DEvem muito cuidar, e ſaber a obrigaçaõ do Confeſſor, que ſciencia, e prudencia lhe he preciſa, o quanto deve ſervir a todos de exemplo, e evitar todo o eſcandalo. A moderaçaõ que com os Penitentes deve ter; as occaſioens proximas, e peccados de coſtume que deve evitar, incumbindolhe o pacificar diſcordias, fazer que ſe reſtitua o alheyo, e intimar a todos admoeſtaçoens ſaudaveis.

Deve ſaber o inviolavel ſigillo que deve guardar; ſe lhe pòde ſer licito em alguma occaſiaõ uſar da ſciencia da Confiçaõ para

ſupri-

ſuprimir algum mal, ou eſtorvar algum peccado; que couſa ſeja conciencia, e em que potencia reſida; o como eſta ſe divida em recta, erronea, dubia, opinativa, e eſcrupuloſa, que couſa ſeja peccado, como ſe divida, e deſtingua, ſe de algum modo ha peccados veniaes que multiplicados conſtituaõ hum mortal, em que peccados ſeja preciſo declarar as circunſtancias, e quaes os que naõ admitem parvidade de materia. Se he licito, quando, e como o mentir, e o jurar; como, e quando ha de obrigar a reſtituhir, atè quanto, e em que caſos pela Bulla pòde mandar compôr.

Para abſolver deve obſervar os actos do Penitente; ſe leva contriçaõ, ou atriçaõ, que dor, que exame, e que propoſito, evitando em tudo Confiſſoens nullas, e ſacrilegas Communhoens, em attençaõ a ſalvar, e naõ perder as Almas a quem lhe incumbe moſtrar o que baſta para pôr em Graça, ſabendo primeiro o que he neceſſario *neceſſitate medii, & præcepti* para a ſalvaçaõ.

Eſtas, e outras muitas couſas que por naõ ſer diffuſo nem confuſo naõ exponho, ſaõ preciſamente neceſſarias à comprehençaõ dos Confeſſores, os quaes naõ ſó como Romanciſtas, mas como profeſſores da Theologia Moral, àlem dos muitos Santos Padres que com ſeus ſapientiſſimos eſcritos a illuſtràraõ, exponho para que melhor ſe capacitem, alguns Doutores, e Autores que nas materias de Theologia Moral eruditamente eſcrevèraõ.

Leſſio.
Barboſa.
Caſtro Palau.
Covarruvias.
Maſtrio.
Filiucio.
Navarro.
Caetano.
Molina.
Armila.
Corduba.
Salazar.
Paſqualigo
Azor.
Sanches.
Kugler.
Lezana.
Railer.
Marino.
Capiuſchi.
Catalani.
Belarmino.
Reginaldo.
Bearchino.
Babenſtuber.
Henriques.
Ledeſma.
Coninch.
Iſamberth.
Averſa.
Tamborino.
Cheliſon.
Carpenſe.
Hurtado.

Camerota.
Vaſques.
Fagundes.
Saientes.
Henriques.
Lugo.
Amico.
Salas.
Lopes.
Angles.
Vilalobos.
Caſpenſe.
Rebelo.
Tabiena.
Piſanel.
Valentio.
Sylvio.
Alano.
Machado.
Miranda.
Garzia.
Ruteo.
Viguer.
Aragon.
Poncio.
Trullench.
Fauſto.
Rodrigues
Beja.
Herrera.
Merlino.
Mareſcot.
Reginaldo.
Squilante.

Chelliſon.
Paſſerino.
Chamerota.
Graffis.
Pezancio.
Lublin.
Pitigian.
Nigro.
Ripa
Baunio.
Mercer.
Silveſtre.
Sporer.
Salmanticenc.
Bezumbau.
Lacroix.
Layman.
Diana.
Soto.
Suares.
Portel.
Leandro.
Antonio do Eſpirito S.
Torrezilha.
Belſenſe.
Leandro do Sacram.
Vera Cruz.
Dicaſtilho.
Montalbano.
Murcia.
Corell.

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Theologia Especulativa. Mostra se a sua Origem, e as materias de que trata; expende-se desta famozissima sciencia a singular relevancia.

A Theologia especulativa Rainha de todas as sciencias, pois pelas materias altissimas de que trata, tem o cognome de Sagrada, occupando na Igreja os mais sublimados tronos, e dando a seus Sapientissimos Professores { mais que as outras sciencias todas } elevados creditos, traz a origem de seu nome dos dous vocabulos Gregos *Theos*, e *Logos*, que no sentir do grande Agostinho idem valet, ac *sermocinatio de Deo.* (1)

(1) *D. Aug. l. 8. de Civit Dei Cap. 1.*

Contem em si esta relevante sciencia varias divisoens, e denominaçoens, porque *proprie sumpta, ratione medii seu luminis quo illustratur*, de tres modos se destingue, pois se pòde appellidar com tres nomes: Theologia de visaõ, de revelaçaõ, e de raciocinaçaõ; attendidas as tres luzes com que Deos illustrou ao homem: luz da Gloria, luz da Fé, e luz da Razaõ. (2)

(2) *Com. Theologi.*

Ratione subjecti tambem de tres modos a Theologia se denomina: Theologia de Deos, dos Bemaventurados, e dos Viadores: a primeira diz-se Comprehensiva, porque Deos a si, e a todas as cousas comprehende, (3) a segunda, Intuitiva, porque os Bemaventurados vem a Deos mesmo como he; [4] a terceira, Discursiva, pela qual os Viadores

(3) *Vid. ad Hebr. 4.*

(4) *Theologi com. ex Sacra Pagina.*

dores da maravilha das creaturas inferem as excellencias do Creador, e das Sagradas Escrituras chegaõ a extrahir com demonstraçoens dogmas Catholicos; *Prima est in subjecto, adæquato, secunda in subjecto claro, tertia in subjecto obscuro.*

Ratione objecti tambem esta sciencia dè dous modos se divide: *Theologia nesceſſariorum, & Theologia contingentium*; aquella *Respicit Deum ad intra, & secundum se*; esta *Deum spectat operantem ad extra, & per respectum ad creaturas.*

Ratione methodi ainda se devide de dous modos; dizendo-se Theologia positiva, ou expositiva, e Theologia escolastica, ou especulativa: aquella tem por ministerio pôr, e expôr os Mysterios de Fé, Catholicas verdades, e Evangelica Doutrina por modo Oratorio: esta por modo escolastico, e filosofico com sylogismos, e argumentos questiona, e apura as materias mais imperceptiveis.

Esta Theologia em que primeiro fallo, tem a Deos por seu formal, especificativo, e terminativo objecto: he util, e necessaria ao lusimento, concervaçaõ, e augmento da Igreja (5) por acçaõ declarativa, probativa, deffensiva, e discursiva(6) he a nossa Theologia sciencia, no sentido em que a sciencia foy pelo Filosofo diffinida(7) por sciencia especulativa a reputaõ varios Authores, outros com destinçaõ o impugnaõ: Escoto Doutor subtil diz ser simpliciter pratica. (8)

(5) *Colig. ex 2. ad Thimotheum. Concil. Constanc. sect. 8.*
(6) *Ex D. August. de Trinit. Cap. 1.*
(7) *Aristot. 6. Ethic.*
(8) *D. Subtiquast. 4. Prolog.*

Trata

Trata esta sublimada sciencia, de Deos Uno em si subsistente. Da Existencia, e Essencia de Deos; e com Escoto affirma ser a Existencia seu quidditativo predicado. Inquire se por algum modo se pòde Deos deffinir. Explica no modo possivel seu Divino Entendimento, e Intellectiva Potencia, e qual seja o seu primario, e secundario objecto. Trata da sciencia da simples intelligencia, e visaõ; e inquire se conhece Deos os futuros contingentes absolutos.

Expoem a razaõ formal constitutiva, e destintiva da Essencia Divina. Trata das Perfeiçoens Divinas em commum, e investiga se as perfeiçoens attributaes, e modificantes sejaõ *intensive* em numero infinitas, e em Deos existaõ *formaliter*, *virtualiter*, ou *eminenter*. Mostra as perfeiçoens dos Divinos Attributos; e com Escoto resolve que as rellaçoens Pessoaes se destinguem *formaliter* da Divina Essencia. Trata de suas perfeiçoens modificantes, ou attributos negativos; da Simplicidade, Immensidade, e Infinidade de Deos; como tambem da sua Eternidade, Immutabilidade, e Infalibilidade.

Mostra *in Divinis* a pluralidade de Pessoas: *Trinitas in Personis, & Unitas in Essentia*: que o Filho de Deos he Deos consubstancial, e coeterno ao Pay, naõ creado, mas gerado; e o Espirito Santo tambem Deos consubstancial ao Pay, e Filho. Inquire se se dà produçaõ intrinseca in Divinis; se as razoens com que esta se prova, sejaõ demonstraveis,

e se

e ſe ha mais de huma produçaõ; ſe as Peſſoas productas *immediate* procedaõ *per Naturam Divinam*, ou pelo Entendimento, e Vontade, e ſe foy alguma Divina Peſſoa improducta; como ſe deſtinguaõ as Proceſſoens, e ſe a do Eſpirito Santo ſeja geraçaõ. Moſtra as Relaçoens in Divinis.

Trata da Incarnaçaõ do Verbo Divino, e Uniaõ Hipoſtatica, entra a ventilar ſe a creaçaõ da Alma de Chriſto, geraçaõ de ſua Humanidade, e uniaõ della com o Verbo, ſejaõ acçoens realmente deſtinctas. Se a Uniaõ Hipoſtatica foſſe feita em unidade de natureza, ou de Peſſoa, e iſto por verdadeira compoſiçaõ. Se o Divino Verbo terminou Humanidade aſſumpta por razaõ da ſubſiſtencia abſoluta, e commua, ou pela da relativa, e peſſoal. Se o Verbo aſſumindo Humanidade, naõ ſó ſupriſſe a ſua ſubſiſtencia, mas a ſua exiſtencia. Se Deos como commum a tres Divinas Peſſoas, por razaõ da ſubſiſtencia abſoluta podia aſſumir humana natureza. Se poderia o Divino Verbo aſſumir a natureza Angelica, como fez à humana.

Trata da ſubſtancia, e ſubſiſtencia dos Anjos; dos ſeus dotes, e qualidades; do motu local dos Anjos; da ſua virtude cognoſcitiva ainda a reſpeito das couſas materiaes, e immateriaes; da vontade, e amor dos Anjos, e da ſua produçaõ; da malicia dos Anjos, e penna dos Demonios.

Trata de todas as obras da criaçaõ do

Mundo

Mundo; da Creatura humana quanto á eſſencia da Alma; da uniaõ da Alma com o corpo; de todas as Potencias da Alma; do conhecimento da Alma ſeparada; da produçaõ do homem quanto à Alma; do fim eterno da produçaõ do homem; do eſtado, e condiçaõ do primeiro homem *quoad intelectum*; da Graça, Virtude, Juſtiça, que tinha no eſtado da innocencia, e dominio que lograva. Trata da preſciencia, e predeſtinaçaõ; em varias materias da Graça; do modo porque Deos governa o Mundo, e finalmente envolve em ſi eſta ſciencia outras muitas materias Theologicas que nas Aulas ſcientifica, e eſpeculativamente ſe diſcutem. Illuſtràraõ eſta ſciencia com ſeus eſcritos

S. Jeronimo.
S. Agoſtinho.
S. Bazilio.
S. Athanazio.
S. Gregorio.
S. Joaõ Chriſoſtomo.
S. Hilario.
S. Fulgencio.
S. Cypriano.
Alberto Magno.
Hugo Cavellus.
Capreolo.
Marſilio.
Vanek.
Iliſung.
Pennafiel.
Rubion.
Poncio.
Fabro.
Ovando.
O D. Serafico.
O D. Angelico.
O D. Subtil.
Pedro Lombardo.
Alexandre de Ales.
Maſtrio.
Durando.
Caetano.
Aureolo.
EliasCretenſe
Peres.
Licheto.
Gabriel.
Vaſques.
PauloMerger.
Baſolo.
Mairon.
Rada.
Ricardo.
Miranda.
Tertuliano.
Henrique.

Ricardo outro.	Delgadilho.	Vigerio.
Souza Luſit.	Suares.	Antonio André.
Egidio Luſit.	Tatareto.	Bartholomeu de Torres.
Valonio.	Canarienſe.	Almain; e outros.
Herrera.	Plateli.	
Benjumea.	Valentia.	
Llamaſar.	Vumel.	

Mas porque na Theologia Poſitiva, e Expoſitiva tambem devo fallar, ſendo eſta pratica ſciencia para Praticas, e Sermoens taõ util, na qual hoje tanto ſe eſmèraõ os engenhos mais delicados, farey huma breve Peroraçaõ.

A meus muitos amados Irmãos Prègadorés da Evangelica Doutrina.

HE taõ alto, taõ ſublime, e taõ relevante o Miniſterio a que vos applicaes Vòs ò Evangelicos Prègadores, que ſubſtituhindo ditoſamente o lugar dos Apoſtolos Sagrados, verdadeiramente de Chriſto ſois Diſcipulos; e expondo aos Catholicos a verdadeira Theologia nos Pulpitos, mereceis os mais ſublimados creditos. Como eu em Elogios voſſos poſſo ſer averbado de ſoſpeito, ſendo os tres ſentidos da Eſcritura Sagrada - Hiſtorico, ou Literal: Miſtico, ou Moral, e Acomodativo, percebendo-ſe eſte por extençaõ, e aluzaõ: o Literal por proprio, e metaforico; e o Miſtico, ou Moral por Allegorico, Tropologico, e Anagogico, quero ſó moſtrar que em todos eſtes ſinti-

ſintidos por expoſiçaõ eminentiſſima ſó de Hugo Cardeal em ſuas obras aos Textos da Eſcritura, ſendo a vòs applicados, deveis conſiderar o que ſois, e o que haveis de obrar.

Prædicator velut Sol Oritur.
Prædicator eſt os Domini.
Prædicator eſt oculus.
Prædicator Tuba dicitur.
Prædicator dicitur Tonitruum.
Prædicator eſt ſicut Rete.
Prædicator dicitur Canis.
Prædicator eſt Seminator.
Prædicator eſt Sagita.
Prædic. dicitur Æſcandens ſonat, & ardet.
Prædicator eſt Bos triturans.
Prædicator dicitur Pecatorum Incantat.
Prædicator Lingua eſt Calamus Spiritus S.
Præd.eſt Pater corripiendo,Mater lactando.
Prædicator debet eſſe Dies, & Nox.
Prædicator ſignificatur per Columbam
Prædicatores ſunt Manus Domini.
Prædicatores ſunt Milites Domini.
Prædicatores ſunt Equi Dei.
Præd. ſunt Evangeliſtæ,& Judices Eccleſiæ.
Prædic. poſſunt dici Virtutes Cælorum.
Prædicatores ſunt ſagittæ pennatæ.
Prædicatores dicuntur Meſſores.
Prædicatores Sancti, Lucernæ ſunt.
Prædicatores ad cervam comparantur.
Prædicatores Chriſti, Organa veritatis.
Prædicatores Opera, dicuntur Fulgura.
Prædicatotes Oſſa Eccleſiæ dicuntur.

Præd. dicuntur Nubes, vel Nebulæ.
Prædicatores ſunt ſigniferi Dei.
Prædicatores ſunt Tubæ Domini.
Prædicatores deberent eſſe ſicut Angeli.

Prædicatio debet eſſe talis ut inteligant Auditores. Prædicanda omnia quæ ſunt ad ſalutem neceſſaria. Paſſionem Domini prædicare debent. Sanatum peccatorem debent reddere Chriſto. Non debent ceſſare a reprehenſionibus. Debent oſtendere bonam, & ſanam Doctrinam. Debent recte vivere, & humana contemnere. Debent habere opera Juſtitiæ, & Miſericordiæ. Terribiles, & blandos ſe exhibere debent. Debent eſſe vita ſpirituales, & zelo ferventes. Debent immitare Apoſtolos in omnibus quæ poſſunt. Debent poſt Prædicationem ſe convertere ad Orationem.

Expoſitores, e Autores da Theologia expoſitiva. Todos os Santos Padres e Doutores da Igreja Latina, e Grega que eſcrevèraõ.

Nicol. de Lira.	Lonher.	O Incognito.
Hugo Card.	L'Blanc.	Mendonça.
Corn. Alapid.	Pachioqueli.	Menochio.
Cor. Janſenio.	Tertuliano.	Barradas.
Origines.	Berchorio.	Valaſques.
Carthuziano.	Toſtado.	Baeza.
Theophilato.	Barberio.	Tirino.
Caſſiano.	Pineda.	Naxera.
Caetano.	Stela.	Philo.
Silveira.	Cellada.	Maldonado.
Abulenſe.	V. Beda.	Caſſiano.
Lorino.	O Imperfeito.	Boſtrenſe.

To-

Toledo.	Oleaſtro.	Pulſito.
Haymon.	Apiconio.	Magn. Ger-
Pineda.	Spanner.	hohi.
Rabano.	Gayeto.	Dedinger.
Salmeirão.	Celço.	Stromair.
Oliva.	Illiſung.	Franc. Papo.
Lipomano.	Janſenio.	Maximil. De-
Alcuino.	Izichio.	za.
Theodoreto.	Laureto.	Joan. Gerſon.
Ruperto.	Pinto.	Hantaler.
Pereira.	Cartagena.	

E outros quaſi infinitos.

LIVRO OITAVO

Vida Militar.

CAPITULO I.

Moſtra a Origem deſta famoſiſſima Arte taõ celebre em o Mundo; quem foraõ ſeus primeiros Inventores, e quaes os ſolidos preceitos com que inſtrue aos que a profeſſaõ.

A Vida Militar que aos ſeus Profeſſores com gloria, e credito autoriſa, e por ſuas excellencias relevantes muitos Academicos illuſtres (contra a opiniaõ de Cicero (1) às letras a prefiriraõ, por ſer a que com ſuas maximas, e valor conſtante coroa Principes, deffende Reynos, e ſuſtenta Monarquias, primeiro parece ſe praticou no Ceo quando o Arcanjo S. Miguel deſtruhio a Lucifer, e ſeus ſequazes em a primeira batalha (2) e depois na terra foy Marte Deos da Gentilidade (como quiz aſſeverar Diodoro Siculo) o primeiro que a praticou. (3) Cicero diz que foy invento da Deoſa Pallas (4) e eſcreveo Jozefo que Tubalcaim depois do Diluvio foy o primeiro que eſta Arte conheceo, e exercitou (5) mas ſem armas,

(1) *Marc. Tul. Cicer. hic.*

(2) *Apoc. 6.12.v.7.*

(3) *Diodor. Sicul.*

(4) *M. Tul. Cicer. l. 3. de Natur. Deorum.*

(5) *Jozef. l. 1. de Antiq. c. 3.*

armas, e ſem preceitos, como Lucrecio verifica (6) ſem temeridade (pelo que jà deixamos dito) podemos entender que Setubal em ſua fundaçaõ primeira de Portugal, foy o primeiro theatro deſta gloria. (7)

(6) *Lucrec. hic.*

(7) *Vide.*

Outros querem com o meſmo Jozefo por outro modo entendido foſſe antes do Diluvio por Tubalcaim mencionado eſte invento; e que depois delle fora Nino Rey dos Aſſirios o primeiro que com quantidade de gente em campo, mas ſem ordem, deu batalha (8) e Aralio VII. Rey do meſmo Reyno foy o primeiro que formou exercito com ordem, e diſciplina Militar, uſando de paos, pedras, e outros inventos para a peleja, que antes ſe fazia às punhadas, e daqui vem eſte nome, ou vocabulo Latino - *Pugna*, de que pelo noſſo idioma ſe entende - Peleja, ou punhada. (9)

(8) *Juſtin hiſt. l. 1.*

(9) *Colig. ex Laertio.*

Logo todos os Principes, e Monarcas do Mundo querendo eſtabelecer os ſeus Dominios, concervar ſuas Coroas, e perpetuar os ſeus Imperios entráraõ a dar normas certas aos Militares, no que os Romanos ſe eſmeràraõ muito com o mayor cuidado (10) determinando a ſeus Capitaens mais experimentados, e valeroſos (jà havendo diverſa qualidade de armas) eſcreveſſem, e enſinaſſem a ſeus Soldados o bom regimen, e militar diſciplina que haviaõ de obſervar, o que cada vez mais ſe foy aperfeiçoando, e hoje ſe vè reduzido à melhor praxe, ſupoſto que com diverſo methodo, e coſtumes

(10) *Pier. Valer.*

varios

varios em as diverſas Naçoens de que ſe compoem o Mundo.

Enſina eſta Arte Militar aos Soldados

O como haõ de obedecer aos ſeus Officiaes mayores, e Subalternos.

O como haõ de ſaber menear as armas ás vozes, ou ſom de caixa.

O como ſe haõ de exercitar os Soldados para ſerem deſtros.

O como ſe haõ de pôr, e recomendar às ſentinellas.

O como ſe haõ de tomar, e dar as ordens, Santo, e ſenhas.

O como ſe haõ de formar os Eſquadroens.

O como ſe ha de acampar, e alojar Infantaria, e Cavalaria.

O como ſe ha de peleijar em Campanha aberta.

O como ſe haõ de fazer os movimentos na Cavalaria, e Infantaria.

O como ſe haõ de pôr os Cercos.

O como ſe haõ de abrir as minas, e contraminas.

O como ſe haõ de dar os aſſaltos.

O como ſe ha de em huma Praça meter ſoccorro.

O como ſe haõ de fazer levas para os Preſidios.

O como ſe ha de proceder com os fugitivos, ou preſioneiros.

O como ſe haõ de dar os ſaques.

O como ſe ha de mover, e levantar o Exercito; e outras mais couſas.

Ao Soldado Artilheiro enſina eſta famoſa Arte

Que advertencias ha de ter antes de carregar as peças.

Como ſe haõ de cortar os cartuxos, e que pezo reſpective à peça.

Como ha de uſar dos ſoquetes.

Que proporçaõ haõ de ter as cucharas.

Como ſe ha de dar vento, ou folga às balas.

Que quantidade de polvora ſe ha de dar aos cartuxos.

Que advertencia em ordem ao cavalgamento das peças.

Como ſe haõ de fazer as pontarias, e dar fogo.

Como na terra, e como no mar.

CAPITULO II.

Moſtra qual he a incumbencia eſpecial do Militar Soldado Engenheiro, e as couſas em que ſe deve eſtabelecer o ſeu cuidado. Apontaõ-ſe alguns Autores que nas Militares materias eſcrevèraõ.

COmo nem ſó com as mãos, e braços o bom Militar peleja, mas tambem com o Entendimento deſvelado, e cuidadoſo ſeu Cabo, ou vigilante Official labóra, ainda fazendo-ſe neceſſaria a malicia na Milicia, para que prevendo-ſe os damnos ſe anticipe a providencia do remedio: he preciſo que o experimentado Engenheiro preparando-ſe mais para defender do que para offender, alguma Praça por culpa ſua ſe naõ tome.

Que a fortificaçaõ das Praças seja exercicio especial dos Militares Engenheiros, he sabido ainda dos que naõ saõ Militares; e para em todas as Monarquias haver Engenheiros eminentes, cuidàraõ sempre os Principes de que em Aulas publicas (antes de se exercitar) estudassem. Nas guerras de Phenicia, Troya, e Roma daõ Plinio, e Valerio Maximo a entender foraõ Principes, e famosos Capitaens os primarios Engenheiros; e he certo que por industria destes se conseguio que Reynos, Cidades Castelos, e Fortalezas naõ perigassem.

Foy esta Arte ideada para serem as Praças bem deffendidas, e todas suas partes flanqueadas, observada a distancia da parte deffendida, à parte de que se pòde offender. Para ser pois nos seus projectos bem socedido, deve o Militar Engenheiro ter sciencia da solida constrúcçaõ, medidas certas, e idèa do edeficio, dos angulos reiterantes, tenalhas, meyos beluartes, beluartes com golas, flancos, faces, angulos, e cortinas.

Ha de saber que ha flanco recto, e obliquo, ou primeiro, e segundo; observarlhe a conveniencia dos parapeitos, e a necessidade dos fossos, attender à utilidade das trincheiras, terraplenos, falsasbragas, contra escarpas, estradas encubertas, explanadas, e separadas como meyas Luas. Deve ter intelligencia dos revelins, tenalhas, e coroas; observar os reductos, e linha de circunvalaçaõ; saber como se costumaõ atacar as Praças,

ças, como se lhe poem batarias, e contrabatarias, e às minas como se fazem contra minas; e finalmente como se deve haver nos rebates.

Para ser o Militar Engenheiro bem socedido nas emprezas deve obſervar a fortaleza das muralhas, a qualidade, e quantidade da artelharia, o bem montado della, a pervençaõ, e bom recolhimento da polvora, ver de donde podem bloquear, fazer que se arrazem montes de donde bombeem, ter Murteiros, e todos os petrexos belicos prevenidos, e preparados.

Autores que eſcrevèraõ na Arte Militar.

O Conde Purlilias.
Cavallero de la Valleri.
D. Franciſco Lurago.
Don Diego Henriques de Villegas.
Julio Cezar Tirrufino.
Antonio de Ville.
Pietro Opezinghi.
Obizzo Anibale.
Galeaço Gualdo.
Alexandre Patricio Armacano.
Eliano.
Viturvio.
Zepeo.
Lanceay.
Mario Suborgnano.
Diego Garcian.
Lucio Lentulo.
Guilhelmo Choul.
Luis Mendes de Vaſconc.
Dioniſio Halicarnaceo.
Antonio Callo.
Onaſſandro Platonico.
Apiano Alexandrino.
Erard. A. Engenheiro.

E outros muitos.

CAPITULO III.

Moſtra o Originario principio dos Inſtrumentos belicos, e armas defenſivas, e offenſivas de que os Militares antiguamente uſavaõ, e das que hoje praticaõ.

SAbido jà que a malicia humana ideou ſempre todo o mal naõ ſó para ſe colorar a ſi, mas para offender aos outros, jà chamando à vingança, zelo; jà intitulando ao odio, deſpique, ſuſcitando diſcordias, e occaſionando guerras naõ ſó Reaes, mas domeſticas, e Civis; he juſto que exponhamos quem foraõ deſtes Inſtrumentos belicos os Inventores.

Praticava-ſe antiguamente quando ſe aceitavaõ duèlos, havia dezafios, pendencias, ou guerras, pelejar a braços havendo punhadas, dentadas, e couces, como Lucrecio, e Herodoto eſcrevéraõ (1) logo depois ſe foy introduzindo o uſar de paos, e pedras em as peleijas, como refere Diodoro. (2) Hercules dizem foy o primeiro que para defenſa propria veſtio huma pele de Leaõ, e fabricou para arma offenſiva de hum pao groſſo, huma maſſa; do que veyo eſcrever Plinio que os Africanos foraõ os primeiros que com armas ſemelhantes chamadas (na ſua lingua) Phalanges, fizèraõ guerra aos Egypcios. (3)

(1) *Lucrec. Poet. Herodot l. 4.*

(2) *Diodor. l. 1.*

(3) *Plin. l. 7.*

Querem os Hiſtoriadores que Appollo foſſe o primeiro Inventor de arco, e Scitha filho de Jupiter o que para deſpedir do arco inven-

inventou ſettas, e frexas. (4) Panthazilea Rainha das Amazonas dizem inventou a alabarda, machadinha, e faxa de armas. Os Venabulos para os Officiaes de guerra, foraõ invento de Pizèo. Os Dardos foraõ invençaõ de Etolo filho de Marte; e dos de Etholia as lanças. (5)

(4) *Plin.*

(5) *Plin.*

Herodoto, e Plinio diſcordaõ no inventor do Elmo, Eſpada, e Lança; porque eſte quer foſſem os de Lacedemonia, e aquelle que os Egypcios (6) outros dizem que os de Ethiopia foraõ os que inventàraõ as lanças. Præto, e Acrizio tendo entre ſi pendencias, ſe diz foraõ os inventores dos eſcudos, e outros dizem que Chalco filho de Athamante. (7) Midas Meſſenio achou a lorica, ou ſaya de malha. Os de Caria inventàraõ capacetes com penachos. Os de Ethiopia as armas ervadas. Os de Thracia inventàraõ lanças, ginetas, e picas; outros dizem que Tirheno, ficando ſó ſendo a fouce, ou eſpada com figura de arco, invento dos de Thracia. (8)

(6) *Plin. l. 7. Herodot. l. 4.*

(7) *Herodot. l. 4.*

(8) *Clemente.*

Mas entrando logo com artificios de ferro, e bronze, ſupoſto o que diz Diodoro, fora Marte o primeiro que poz em campo exercito de ſoldadeſca jà armada para dar batalha (9) ſe entende que deſtes metaes formàraõ Eudoxo, e Architas varios engenhos de guerra com eſpecialidade os trabucos, e Epeo os vaivens para bater as muralhas de Troya no ſentir de Plinio (10) e Viturvio diz fora dos Carthaginenſes eſte invento para demolir os muros de Cadiz. (11)

(6) *Diodor. l. 6.*

(10) *Plinio lib. 7.*

(11) *Viturv. lib. 10.*

Clazo-

Clazomenio, e Artemon para omeſmo effeito inventaraõ as mantas fortes (12) em outros Authores acho ſer hum ſó Artemon Clazomenio. Outros daõ por author deſtes artefactos a Dionizio, como tambem o engenho dos Arietes para o meſmo effeito; outros o attribuem a Epeo; outros aos Carthaginenſes; outros aos Phenices; finalmente outros a Moyzes. Em o pelejar a cavallo ſe diz tiveraõ os de Theſalia a primazia, aſſim como os de Phrygia em pelejar de carro. (13)

(12) *Poliodor. l. 2.*

(13) *Hec ex Plin. lib. 7. Celio l. 19. c. 32. Herodot. lib. 1.*

Do terrivel, e diabolico invento da Artelharia naõ ſe póde verificar o author, talves que por premiſſaõ Divina, pois ſe fez indigno de ter nome em a terra huma vil creatura que teve induſtria para deſtruir, e abrazar o Mundo. Quem os Authores apontaõ, e lhe fabricaó eſte fabrefacto, he hum Alemaõ por nome Artilhero, como querem huns, (dando nome ao que fez) ou chamado Bertoldo, como dizem outros, ſendo eſte tal o meſmo que inventou tambem a polvora, de quem os Venezianos [primeiro que todos] a participáraõ (14) havendo de pelejar contra os Genovezes.

(14) *Volaterrano. Mendoça. Fern. Lopes na Chronic. del-Rey D. Joaõ I.*

Naõ teve formatura no ſeu principio como agora eſte belico inſtrumento; porque fabricandoſe de varias pranxas de ferro bem apertadas com arcos do meſmo, a que chamavaõ Bombarda, (15) hoje com mais pernicioza perfeiçaõ, aſſim de ferro, como de bronze, fortiſſimas, e de varios calibres ſe

(15) *Niculao Berardo, vid. Text. in off.*

vem

vem fundidas, a que nem os ſoberbos baixeis, altas torres, fortiſſimos caſtellos, ou graviſſimas muralhas eſcapaõ, tendo eſte invento deduçaõ nos terribiliſſimos murteiros para ſe deſpedirem bombas, a que em fórma quaſi ſemelhante correſpondem as granadas, que na guerra manuzeaõ os ſoldados, tudo ordenado pela malicia do demonio para tirar aos homens a vida.

Alguns Authores modernos que quizeraõ apurar antiquiſſimas verdades, verificaõ ſer mais antiga a invençaõ da polvora, e artelharia, ainda fundados no meſmo que Textor eſcreve na ſua officina hiſtorica, obſervados os ſucceſſos que mencionaõ os Chroniſtas antigos; e ſendo aſſim, tambem diſputaõ em tal cazo a meſma antiguidade (como ſupponho) os arcabuzes, eſcopetas, béſtas, eſmirilhoens, clavinas, bacamartes, eſpingardas, e piſtólas, que conſecutivamente ſe uſáraõ em mar, e terra como vemos.

CAPITULO IV.

Apontaõ ſe algumas guerras, e antiquiſſimas batalhas que na terra, e mar por diverſidade de accidentes ſe fizeraõ famoſas, humas, e outras celebres.

SEndo Deos (como he) Senhor de todos os exercitos, (1) e de cuja poderoſa mão pende a ſorte (2) que ou entre felicidades ſe conſegue, ou entre pennalidades ſe experimenta, bem he que pelos exercitos do Senhor entremos a mencionar os que o Mundo admi-

(1)

(2)

rou

rou grandes exercitos, havendo deſde as primeiras guerras do Mundo celebradiſſimas batalhas.

Capitaneando Moyſés ào Povo Hebreo, e diſpondo-o aſſim Deos como Senhor dos exercitos ſahio com innumeravel multidaõ de povo a buſcar liberdade na terra de promiſſaõ, levando quaſi ſeiscentos mil homens de armas capazes de dar batalha; e ſahindo-lhe Tetmoſi Rey do Egypto a cortar o paſſo em o mar vermelho com ſeiſcentas carretas armadas, ſincoenta mil homens de cavallo, e duzentos mil de pè, ficàraõ todos perdidos, e no meſmo mar afogados, pois dividindo-ſe as agoas, paſſou Moyſés com ſeu exercito a pé enxuto, e o exercito dos Egypcios (unindoſe logo as meſmas) foy infelizmente ſubmergido (3)

(3) *Exod.* 14.

Capitaneando Joſué o Povo Hebreo, e tendo ſó quarenta mil ſoldados, ſahiraõ contra elle em batalha vinte e quatro Reis Idolatras com duas mil carretas armadas, e trezentos mil ſoldados combatentes, dos quaes todos Joſué com os ſeus, ajudando-o Deos, glorioſamente triunfou. (4)

(4) *Joſue* 11. *& vid. totum ſuum lib. & Judic.*

Com duzentos mil ſoldados dos onze Tribus de Iſrael, e dez mil do Tribu de Judá, ſahio por vontade de Deos a campo ElRey Saul contra ElRey Amalech, e ſendo os Amalecitas innumeraveis, ficàraõ logo vencidos, e Saul foy o vencedor. (5)

(5) 1. *Reg. cap.* 15.

Com cento e ſincoenta mil ſoldados ſe poz em campo Senacherib Rey dos Aſſirios

para

para combater, ou assolar a fortissima Cidade de Peluzio nos confins do Egypto, deffendida com o soccorro de Taraca Rey de Ethiopia; mas por disposiçaõ Divina querendo destribuir aos Hebreos, ficou este soberbo Rey com todo seu exercito perdido, tornando só com dez companheiros a Ninive, adonde seus proprios filhos o matáraõ. (6)

(6) 4. *Reg. cap.* 19.

Com cento e vinte mil soldados a pè, e doze mil de cavallo mandou ElRey Nabuchodonozor a Holofernes seu Capitaõ general contra os Hebreos, que habitavaõ em Cezilia, Damasco, e no Monte Carmello, de huma, e outra parte do Jordaõ, e com todo este numeroso exercito foy só pelo pequeno povo de Bethulia destruhido, acudindo com industria a valerosa Judith. (7)

(7) *Ex lib. Judith*

Com trinta mil soldados de pè, e sinco mil de Cavallo taõ sómente acõmetteo Alexandre Magno a Dario Rey da Persia, que tinha seis centos mil homens, e ficáraõ vergonhosamente vencidos. Refez-se logo de gente ElRey Dario, pondo logo mais quatrocentos mil homens em campo de pé, e a cavallo, e nesta batalha segunda lhe succedeu como na primeira. Terceira vez poz Dario em campo mais cem mil homens de guerra, em cuja perda ficou seu Reyno assolado, Dario morto, e Alexandre Magno triunfante. (8)

(8) *Ex Fascicul. temporum.*

Com dous milhões de soldados por terra e mar, sete centos mil do seu Reino, e

trezentos mil de ajuda, que lhe deu outro Monarcha, com mais tres mil Naus, e duzentas galeras ſahio Xerxes Rey de Perſia para expugnar Grecia toda; mas naõ ficou bem deſta empreza; porque matandolhe o inimigo em mar, e terra hum milhaõ e novecentos mil homens, perdido ſe retirou com poucos. (9)

(9) *Oroſio, & Faſcicul. tempor.*

Com cento e vinte ſinco mil homens de pé, e a cavallo, e quinhentas Naus de guerra ſahio o Magno Pompeo contra os Corſarios que perſeguiaõ a todo o povo Romano. (10)

(10) *Ex comment. Cæſaris.*

Com exercito de ſincoenta mil cavallos, duzentos e ſincoenta mil homens de pè, e infinito apparato belico ſahio Metridates Rey de Ponto contra os Romanos (como refere Celio) e diz Sabelico ſe valera dos Reys de Azia, Armenia, e Scythia. (11)

(11) *Celio. Sabelico hic.*

Com cem mil homens de pé, e vinte mil a cavalo Soldados ſeus, com mais dez mil acavalo com que o ajudou Galia, e Liguria, e oitenta mil de pé que lhe chegàraõ de Cartago, poz Annibal tremendo exercito contra os Romanos. (12)

(12) *Raviſ. Text.*

Com cem mil homens de pè, e vinte dous mil de cavalo, e quinhentas Naus de guerra poz exercito Antonio contra Cezar que tinha duzentas e vinte Naus de guerra, vinte mil homens de cavalo, e oitenta mil de pè. (13)

(13) *Dion Prus.*

Com ſetenta mil homens de pè, dez mil de cavalo, e ſetenta e ſinco Elefantes armados poz Antigono Rey de Macedonia exercito

cito contra Seleuco Principe de Siria, o qual tinha quatrocentos Elefantes, cento e vinte carretas de guerra, dez mil homens de cavalo, noventa e quatro mil de pè. (14)

(14) *Appiano.*

Com oitocentos oitenta e seis mil Soldados de pè, e cavalo puzèraõ exercito os Gregos contra os Troianos por vingarem o rapto de Elena, tendo os Troianos em defença seiscentos e sessenta mil Soldados, e perto de sinco mil Naus de guerra, em o mar; mas o que naõ podiaõ bem fazer os Gregos, vencèraõ só os enganos de Sinon. (15)

(15) *Darete Phrigio.*

Com seiscentos mil Soldados de pè, vinte e quatro mil acavalo, e oito mil carretas armadas em guerra sahio Sesostre Rey do Egypto para conquistar a Arabia. (16)

(16) *Diog. l. 2.*

Com trezentos mil homens de armas se poz em campo Carlos Martelo Rey de França, e conseguio notabilissimas empreзas. (17)

(17) *Ermilio.*

Com duzentos mil Soldados sahio Uttiges Rey dos Godos, e poz cerco a Roma para a tomar, ou destruhir. (18)

(18) *Estrabo.*

Com duzentos e sincoenta mil Soldados Triganes Rey de Armenia fez guerra aos Romanos, e foy vencido por Luculo Capitaõ Romano tendo cem mil Soldados de pè, e de Cavalaria sincoenta mil. (19)

(19) *Biondo.*

Com setecentos mil homens de pè, e setenta mil acavalo, ajudando setenta mil Toscanos, e Sabinos, vinte mil Umbros, e Sarsenates, setenta e sete mil Sannitos, sin-

coenta mil Japigezes, e Meſapios, trinta mil Lucanos, trinta mil Marcinos, e Ferrentanos, àlem de vinte e ſeis mil cavalos com que todos concorrèraõ, deſtruhiraõ os Romanos aos Francezes que pertendiaõ deſtruhir a Roma. (20)

(20) *Polibio.*

Com trezentos mil Soldados ſahiraõ os Povos de Elvecia intentando mudar-ſe de paiz, e ſahindolhe Arioviſto Rey de Germania com hum poderozo exercito para os deſtruhir, lhe acudio Julio Cezar, e deixou mortos oitenta mil Germanos. (21)

(21) *Ex Comment. Jul. Ceſar.*

Com trezentos mil Turcos de todas as Naçoens barbaras do Mundo ſahio Baiazeto Othomano contra os Chriſtãos que ajudados por ElRey de Ungria, eraõ ſó oitenta mil. (22)

(22) *Paul. Jovio.*

Com duzentos e quarenta mil Turcos ſahio ſeu general o Baxà Oſmano para deſbaratar os Perſas. (23)

(23) *Cezar Campana.*

Eſtas, e outras quaſi infinitas batalhas por numeroſos exercitos ideadas pela arte militar, tem havido em o Mundo com mortandade de innumeravel gente, fazendo-ſe mais celebres humas do que outras pela variedade de accidentes, e ſucceços: Notavel foy a mortandade que experimentou o tremendo exercito dos Turcos no aſſalto que deraõ a Siſach, Caſtelo forte do Capitolio de Zagabria. (24) Celebres foraõ pela mortandade de gente inimiga as batalhas que em occaſioens diverſas dèraõ contra os Turcos Frederico Tieffenbach, o Conde Ferdinando

(24) *Janſonis. Campana.*

do de Ardech, Pedro Huſſaro, Medino Toti, Sigiſmundo Tranſilvano. Naõ menos a em que Coſroas Perſa matou na Paleſtina quaſi novecentos mil Chriſtãos (25) a em que Tito na Judea matou hum milhaõ, e cem mil Hebreos (26) a em que Mario Capitaõ Romano matou trezentos e quarenta mil inimigos (27) a em que Miltiades Athenienſe matou duzentos mil Perſas a Dario; (28) a em que Carlos Martelo Rey de França matou trezentos e ſincoenta mil Viſogodos (29) Truela Rey de Heſpanha na batalha do Salado a quatrocentos mil (30) Affonſo I. Rey de Portugal no Campo de Ourique, Conquiſta de Lisboa, Santarem, &c. Manoel Rey de Portugal na Conquiſta da India (31) e outros em diverſas occaſioens que naõ repito.

(25) *Textor.*

(26) *Textor.*

(27) *Floſcul. hiſtor.*

(28) *Textor.*

(29) *Textor.*

(30) *Vaſconſel. Mariis. Mariana. Caſtilho.*

(31) *Duarte Nunes. Brandaõ. Faria.*

CAPI-

LIVRO NONO

Vida Maritima, Nautica, e Piſcatoria.

CAPITULO I.

Moſtra quem primeiro teve no Mundo eſta Vida, e inventou navegarſe pelo mar. Aponta-ſe quem ideou as embarcaçoens primeiras.

NA terra, e naõ no mar ſabemos todos creou Deos a noſſos pays primeiros, ſupoſto tambem nos pexes lhe deu dominio (1) e os filhos de Adam como ſe naõ coubeſſem na terra, por neceſſidade huns, e os mais delles por cobiça, ſem temerem ariſcar, e fiar a propria vida de duas taboas, atrevidamente como ſe fora firme, e fixo o criſtalino centro, fazem moradas ſobre o mar, naõ havendo perigo que os acobarde, nem ſucceſſo que os intimide, ainda que diante de ſeus olhos tenhaõ exemplos notaveis.

(1) *Geneſ.*

Como eſta vida Maritima (na qual a cada paſſo ſe encontraõ infinitas mortes, em que a ſalvaçaõ corre o mayor riſco) tenha ſeu principio deſde o principio do Mundo, diſcordaõ os Autores na materia do ſeu primeiro invento; porque Eſtrabo diz que El-

Rey

Rey Minos fora o primeiro que ſe embarcou, moſtrando ter Senhorio no mar (2) Diodoro diz que fora eſte invento de Neptuno (3) querem outros que dos Cretenſes; o primeiro factor de embarcaçoens diz Hygino que tambem fora Neptuno: Diodoro diz que o foy Tiphis, e Tibulo: Plinio, que Danao: Euzebio que os Somatraces: e Clemente, que Atlante. (4)

(2) *Eſtrabo lib. 10. de Geograph.*

(3) *Diodor. l. 6.*

(4) *Vide Hygin. Diodor. Plin. Euzeb. Clem.*

A primeira navegaçaõ (diz Plinio) foy principiada no mar vermelho por ElRey Eritheo entre as Ilhas que ali ha, iſto em humas pequenas Barquinhas que ao principio ſe inventàraõ, e deſte ſentir he tambem Fabio Quintiliano. (5) Outros querem naõ foſſe Eritheo (que em outras partes acho Erichthreo) mas ſim os de Miſſia, e Troyanos os primeiros que metèraõ pè em Barca, e as inventàraõ para paſſarem o mar de Heleſponto contra os de Thracia.

(5) *Plin. l. 7. Fab. Quint. l. 10.*

Por huma Barca pois (ſe naõ foy Arca) principiàraõ as navegaçoens em o Mundo, e de tal ſorte com multiplicidade ſe foraõ os inventos augmentando, que por varias Ideas ſendo a vida Maritima bem frequentada, e ſeguida, ſe acha com embarcaçoens infinitas de diverſas lotaçoens, e qualidades que nos Reynos Eſtrangeiros tem pelas linguas nacionaes diverſos nomes com que humas das outras ſe deſtinguem.

Em o noſſo Portugal com diverſidade no tamanho, e na figura vemos Barcas, Barcos, Moletas, Lanchas, Saveiros, Xinxas,

Ca-

Catraias, Canoas, do que tudo ordinariamente se usa para as pescarias; como tambem Fragatas, Botes, e pequenas Lanchas, e Escaleres para breves, e pessoaes transportes; Caravelas, Sumaças, Setias, Gavarras, Barcos longos, Hiates, Pinques, Tartanas, Galeras, Charruas, Pataxos, e Navios para reconduçaõ de fazendas, e ministerio de guerra.

Mas tornando à formalidade da materia, investigando com probabilidade quem fosse o que sobre as aguas para que os homens naõ perigassem, e morressem todos, em hum Baixel lhe deu modo de vida, digo que foy só o mesmo Deos, quando no tempo do universal diluvio determinou a Noè que de madeira fizesse huma arca, para que elle, e outras mais creaturas se salvassem sem morrerem afogados no medonho mar daquelle diluvio. (6)

(6)

A' imitaçaõ desta protentosa arca de que foy Deos o Inventor primeiro, à qual mesmo Jozefo como escrevem alguns Autores, e Berozo Chaldeo, como refere Jozefo chamou Navio, se fariaõ as mais Naus, e posterior a esta fosse muito em bora a primeira Nau grande que se vio (conforme escreve Plinio) huma que mandou fabricar ElRey Danao, a qual passou do Egypto a Persia, supposto Euzebio verifique a fabricaraõ os de Samotracia, e Clemente que ElRey Atlas. [7] Os mais assevéraõ que Neptuno.

(7) *Jozef. lib. 1. antiquit. Plin. lib. 7. Euzeb. lib. 1. de Prapar. Evang. Clem. Berof. Chald.*

CAPI-

CAPITULO II.

Do que deve ao menos ter sciencia pratica o bom Nautico para que as embarcaçoens naõ periguem. Trata de alguns que para mais facilmente navegar, descobriraõ meyos, e de outros que primeiro ideàraõ ligeiras embarcaçoens.

SEmpre he certamente prodigio grande do poder Divino participado ao ser humano, que sendo o mar o mais soberbo Elemento pelos influxos da Lua, e impetuosidade dos ventos a mayor volubilidade, possaõ os homens com mais, ou menos trabalho navegalo em todo o tempo, e buscarem os portos que dezejaõ, sem que se percaõ, supposto careçaõ do mayor sentido para que naõ periguem.

Este deve sempre, e primeiramente haver no Piloto que a governa lembrado (se he Catholico) da conta que ha de dar a Deos daquellas Almas se por sua incuria a embarcaçaõ se submergir, ou for a pique; e se o naõ he, sempre deve cuidar muito no como deve dar conta de si; para o que se lhe faz preciso ser pratico na carta de marear, e sciencia da agulha para o bom governo do leme. Para se exercitarem os Nauticos, e serem expertos na sua arte, devem ter noticia (com especialidade o Piloto) da Astrologia para observar os seus dictames, tendo conhecimento pleno das declinaçoens, e curso do Sol, dos circulos do Zodiaco, do

Orizonte, dos Tropicos, dos Polos, longitud, e latitud do Ceo, e Terra, dos Paralelos, do Emisferio, Zenith, Centro, e da linhà Equinocial, da altura, e graus do Mediterraneo, ſabendo tomar o Sol, e conhecendo ſciente, e advertido para o nocturno tempo as Eſtrelas que lhe haõ ſervir para governo.

Todos eſtes principios da vida maritima, e nautica referem os Hiſtoriadores que fora invento dos Fenicios. Os Copas, e Plateas inventàraõ por dous modos, remos; Icaro inventou as vellas (ſe Eolo como Diodoro diſſe o naõ fez) os maſtros, e antenas do Navio foraõ invento de Dedalo; os de Hetruria inventàraõ as ancoras, a que Eupalamio acreſcentou os dentes, ſe o naõ fez (como outros querem) Anacharſis; Pizeo inventou a quilha, e eſporaõ; e Tiphis inventou o leme. (1)

(1) *De his omnib. Vide Plinium l. 2. 7. & 10. Achiles Boetio no Emblem. 74. Pedro de Medina l. 5 de Arte Navigat. & alios.*

Dos que primeiro ideàraõ em diverſos modos varias embarcaçoens ligeiras, e com effeito as fabricàraõ, ſe diz que os Hircos inventàraõ os Bateis, e os Fenicios as Barcas; que as embarcaçoens de remos foraõ invento dos Erytheos; que Amocles Corintho inventàra as de tres remos, e Damaſthenes as de dous como Thucidedes refere; os Cartaginenſes como Ariſtoteles diz as inventàraõ de quatro remos; Neſichthon Salamino diz Polibio que as inventou de ſinco; Xenagoras Ceziliano as inventou de ſeis; e Alexandre Magno de doze, que

atè

atè o numero de quinze foy invento de Ptolomeo Sother; de Demetrio filho de Antigono atè trinta; de Ptolomeo Philadelpho até quarenta; e de Ptolomeo Philopater a que outros chamaõ Triphon atè sincoenta. (2)

Das mais embarcaçoens se diz que os de Chypre inventàraõ o Bargantil; os de Salamina, ou Athenienses inventáraõ as Charruas para carga; Hippio Tyro inventou com outra forma Navios largos para o mesmo; as Naus grandes diz Plinio foraõ invento de Hipotirio; as Naus mayores com cubertas foraõ inventadas dos Thezalios; Pizeo foy o primeiro que lhe accrescentou as poupas; os Phenices, Esclavonios, Chypres, Copas, Circences, e outros, foraõ inventores de quasi todas as embarcaçoens que àlem destas jà assima mencionamos, sendo esta a intendencia da vida Nautica, e Maritima. (3)

(2) *Vide Plin l. 7. Diodor. l. 5. S. Izidor. Etymol. Thucidedes. Polibio lib. 1. Appiambel. Civ. l. 5. Jul. Polib. lib. 1. Blondo l. 6 Triumph. Horat.*

(3) *Vid. Plin. l. 7. Festo Pompeo. Estrabo l. 7. Plin l. 10. Herodot. l. 5.*

CAPITULO III.

Mostra quem primeiro inventou a Pescaria; quem estimou em muito esta curiosa arte; quem primeiro na terra firme inventou viveiros para ter como no mar os pexes vivos. Apontaõ-se os nomes de pexes que ha no nosso Portugal, e os modos de se pescarem, e quem inventou o sal.

DE Pescadores (sabemos todos) elegeo Christo aos Sagrados Apostolos para seus Companheiros, e Discipulos (1) que constituhio Principes da Igreja, logrando este modo de (1) *S. Math.*

vida a mayor honra, ſuposto jà anteriormente tinha a Arte Piſcatoria grande credito. Deſta, como Euzebio refere, ſoraõ primeiros inventores os de Phenicia (2) foy eſtimadiſſima dos Romanos que della faziaõ hum grande apreço.

(2) *Euzeb. l. 1. de Præpar. Evang.*

O Emperador Nero, como refere Suetonio, foy taõ inclinado a eſta arte, que nella muito ſe divertia, coſtumando peſcar com rede de fio de Ouro, e ſeda, materia de que tambem eraõ as cordas porque puxava. (3) O Emperador Auguſto entende-ſe foy o inventor da peſcaria com anzol, e coſtumava muito peſcar com elle. (4) Daqui veyo que por eſtimaçaõ deſta arte muitas familias Romanas tomàraõ appellido dos pexes; algumas Heſpanholas o concervaõ, e o tem algumas Portuguezas, como ſaõ o de Robalo, Lamprea, Sardinha, Peſcada, Caſſaõ, e outros bem conhecidos na Corte.

(3) *Sueton. in ejus vita.*

(4) *Rat. in offic.*

Os Romanos faziaõ tanto goſto da arte Piſcatoria, que com cuſto grande, e inexplicavel deligencia extrahiaõ pexes eſtrangeiros de varios rios, e golfos para procrear nos mares da Italia em que os lançavaõ; e de Cayo Hircio ſe refere foy o inventor primeiro de fazer viveiros de pexe na terra firme. Miſſor, e Selech ſe tem pelos primeiros inventores do Sal: tudo referem varios Hiſtoriadores.

Os modos porque commumente ſe coſtuma peſcar em noſſo Reyno, he com anzoes, tarrafas, eſpinheis, cubos, covos, e redes

redes de diverſos nomes, e com differentes modos, ſendo mais celebres entre todas as redes de arraſtar, xinxas, e armaçoens. Tambem para os pexes mayores ſe uſa de grandes, e groços anzoes, e arpeos; no Brazil vi peſcar noſſos nacionaes à eſpingarda, e aos Gentios que aſſiſti, e aldeei, vi peſcar à mão nadando velosmente, e tambem à frecha os vi peſcar da borda dos rios.

Ha em o noſſo Portugal infinitas caſtas de pexes, e delicioſos mariſcos, tudo em grãde abundancia, aſſim no Mar, como nas Lagoas, e Rios; de mariſcos temos Mixilhoens, Berbigoens, Cibas, Xocos, Lulas, Oſtras, Lapas, Perceves, Polvos, Navalheiras, Carangeijos, Capateiras, Longueiroens, Ameijoas, Cadelinhas, Camaroens, Eirozes, Burros, Ouriços, Santolas, Lagoſtas, Trutas, e Lampreas.

De Pexes temos Lingoados, Fataſſas, Douradas, Vizugos, Salmonetes, Ruivos, Gorazes, Caxuxos, Azevias, Cabras, Salemas, Peſcadas, Carapaus, Enguias, Sardinhas, Chixarros, Cavalas, Sardas, Serras, Lixas, Canejas, Tintureiras, Arrayas, Ouregas, Sargos, Saveis, Abroteas, Fanecas, Barbos, Robalos, Oeiros, Moreas, Xarroucos, Pargos, Chernes, Judeos, Melgas, Safios, Congros, Caçoens, Badejos, Rodovalhos, Corvinas, Bonitos, Albacoras, Atuns, Pexe Galo, Pexe Rato, Pexe Sapo, Pexe Prego, Pexe Solho, Pexe Eſpada, Pexe agulha, Pexe Anjo, Pexe Rey.

Ha

Ha em fim outras infinitas caſtas de Pexe groſſo, e muito mais miudo nos Rios, e mares deſte Reyno, huns que ſe comem, e outros de que ſe naõ uſa que naõ nomeyo, e finalmente outros deſconhecidos atè dos meſmos Peſcadores. Naõ uſamos de Tubaroens, Toninhas, Eſpadartes, e Baleas, havendo muitos. No Brazil que tem mais falta de Pexe, e o melhor he a Cavala, ſe uſa commumente do Xareu, e da Balea.

CAPITULO IV.

De alguns Pexes monſtruoſos que ha em diverſas Naçoens do Mundo, iſto he, nos mares de diverſos Reynos, e Imperios.

SEndo a Balea o mayor, e mais monſtruoſo Pexe que nos mares do Mundo conhecemos, e aos navegantes intîmida, pois com ſó huma rabanada que dè com ſua cauda, ou badanas póde fundir huma embarcaçaõ ligeira, e perder-ſe ainda huma de alto bordo, razaõ porque eſtas, e aquellas, ou com artelharia lhe atiraõ, ou com eſtrepito que fazem as afugentaõ, coſtumando ſeguir as embarcaçoens que vaõ ſeguidas, e he ſua peſcaria (ſupoſto que de muita conveniencia) perigoſa, tem ſó por inimigo ao Eſpadarte que com repetidas punçoens lhe tira a vida, ainda que na grandeza a naõ iguala.

Parece incrivel, mas tem atteſtaçaõ de Autores graves, que na Islanda ſe vem Baleas taõ grandes como montanhas, e tem muitas

muitas novecentos, e seſſenta pès de comprido, que occupaõ quatro geiras de terra (1) e segundo Appiano Alexandrino que escreveo as guerras Civìs dos Romanos, traduſido por Aleſſandro Braccio Florentino, acho fazer mençaõ de Baleas tamanhas como duas geiras de terra, que explica ſer cada huma tanto, quanto coſtumaõ lavrar dois Bois hum dia todo. (2) Maſſario o confirma (3) e Donato Calvo tambem o refere. (4)

(1) *Joan. Maria Bonardo ne la Minera del Mondo l. 4. c. 5. Vicenzo Tanara Economom. l. 4. f. 406.*

(2) *Appian. Alexandrino trad. por Aleſſandro Braccio de le guerre Civili de Romani.*

(3) *Maſſar. l. 1. cap. 32.*

(4) *Donato Calvo Reſolut. 30.*

Nas prayas do mar de Inglaterra da parte do Setentriaõ ſe achou morto no anno de 1532. em o dia 7. de Agoſto hum Pexe monſtruoſiſſimo, que depois de eſtar muita parte delle comida dos outros Pexes, Aves, e Feras, mal podia hum cento de carros levar o que delle reſtava. (5).

(5) *Olao Magno l. 25. cap. 9. e diz o vira.*

Nos mares da Noroega ha pexes de taõ eſtranha grandeza, e tambem Baleas, de cujos oſſos ſe forma por maõ de Officiaes todo o madeiramento de huma caza, e ainda os traſtes q̃ neſtas coſtumaõ ſervir como bancas, aſſentos, e outras couſas neceſſarias; mas as peſſoas que nellas moraõ tem a pençaõ de eſtar ſonhando ſempre que ſe afogaõ, ou que andaõ no mar entre horriveis tormentas. (6)

(6) *Olao Magno Hiſt. de Paeſi ſetentr. l. 11. c. 15. e 16.*

Do Pexe Remora eſcrevem os Hiſtoriadores que ainda havendo no mar grande tormenta ferrando-ſe em huma Nau por grande que ſeja, a faz parar mais fortemente que huma pezada ancora. (7) No mar mayor de Conſtantinopla ha huns taõ grandes Pexes chamados Moloni, que desfeitos enchem ſinco, ou ſeis Botes cada hum; como tambem

(7) *Tomaſo Tomai Giardino del Mondo cap. 4. Baptiſta Fidel. Cent. 5. c. 16. Meſſia Roſeo. ſelva rinov. pag. 4 c. 19. Athanaſ. Chicher Monum. dela China.*

bem outro grande Pexe chamado Ciſila que naõ ſó nada, mas como hum Paſſaro voa. (8)

(8) *Baptiſta Bald. Ragion. de marav. l. 3.*

Na Africa ha Tatarugas taõ grandes, com eſpecialidade em Cuba que ſobre ſua conxa, ou caſca leva quinze homens, movendo-ſe com eſte pezo. (9) No Reyno de Gedrofia ha Pexes de tal grandeza, que de ſeus oſſos ſe fazem traves para cazas. (10) Na India em o rio chamado Conchi ha grandes pexes com forma humana, e outros com a figura de Bois, e de Cavalos. (11)

(9) *Leon. Africano*

(10) *Grov. Mar. Tur. Prato de curioſità. fol. 43.*

(11) *Agoſtiniano ſuplem. de Chron. l. 15. Jacom. Philip. de Berg.*

Em Arlen de Hollanda anno de 1403. por occaſiaõ de huma grande tormenta ſe vio huma Serea, da cintura para ſima mulher, a qual comia paõ, fiava, e adorava o Crucifixo, miniſtrandoſelhe, mas ſó naõ falava. (12) Na Coſta da Peſcaria India Occidental, em o anno de 1546. foraõ colhidas nove Sereas femeas, e ſete machos com forma humana da cintura para ſima, e de mais grande corpo as femeas do que os machos. (13)

(12) *Gio. Laercio l. déla Fiandra l. 8. Brutio déla marav. de Fiandr l. 8. c. 4. Serpetro. Mercat.*

(13) *Dimas Boſco. Daniello Cartoi hiſt. de Aſia p. 1. l. 7. fol. 487.*

Galantes Pexes ſe achaõ na China, que conforme os tempos mudaõ a natureza, de Inverno vivem nas aguas, e de Veraõ ſe transformaõ em Paſſaros que voaõ. No mar da Arabia o Pexe Signofenice tem as eſcamas liſtradas de ouro, e prata; e o Pexe Lucerna faz de noite tanta Luz com ſua lingua como huma tocha aceza. (14) Por Lambalo Grego foy deſcoberta huma Ilha no Occeano em que vio Pexes com forma redonda, e pès à roda, huma Cruz no meyo do lombo, e em cada extremidade deſta hum ólho, e huma orelha. (15) Baſte para noticia curioſa.

(14) *Gio Maria Turre. prato de Curioſita fl. 43.*

(15) *Diodor. Sicul. Boſſio l. 2. c. 6. Pietro Meſſia. Mambrin Roſ. Franc. Sanſovin. Selva renovata.*

LI-

LIVRO DECIMO

Vida Officioſa.

CAPITULO I.

Dos Julgadores, Advogados, Eſcrivaens, Tabaliaens, e Requerentes; dos Meirinhos, Alcaydes, e Carcereiros. Tocaõ-ſe antiguidades celebres; e moſtra-ſe quem foraõ os primeiros Juizes, quando ſe eſtabelecèraõ, de que materia eraõ as ſuas varas, quem primeiro inſtituhio os carceres, e inventou os azylos.

TEndo jà anteriormente moſtrado quem foſſem os Legisladores primeiros, e expendido qual foſſe no Direito Civil, e Canonico o ſeu principio, devemos paſſar do eſpiculativo ao pratico, moſtrando as operaçoens de quem as poz em execuçaõ.

He aſſim no Eſtado ſecular como no Eccleſiaſtico o Officio de Julgador entre todos mais terrivel; porque tolerando crueis pençoens, e ſofrendo o mais laborioſo diſvello, a naõ ter em ſua maõ huma vara chea de olhos como Iſaias vio *Virgam vigilantem ego video* (1) melhor era aos que pertendem eſta vida tomar o concelho de Chriſto, que naõ

(1) *Jerem. c.* 1. 11.

obſtante determinar ſejaõ ſabios aquelles que julgaõ a terra *Erudimini qui judicatis terram* (2) diz que quem naõ quer depois ſer julgado, naõ ſe exponha a julgar *Nolite judicare, & non judicabimini* (3) pois ordinariamente ſe naõ vem ſahir do Mundo bem julgados aquelles que tomàraõ por officio julgar o Mundo; e carregados de encargos, ſem que na hora ultima lhe valhaõ os reſpeitos que attendeo, os dinheiros que adquerio, e as peitas que em donativos aceitou, correm as Almas dos Julgadores o mayor riſco, pois que oneradas as ſuas conciencias, como *Omne grave tendit deorſum* (4) expoem-ſe a ſahir do Tribunal Divino para o eterno percipicio.

(2) *Pſ.* 2. 10.

(3) *Math.* 7. 1. *Lucæ* 6. 37.

(4) *Ita Philoſophi.*

No Povo Hebreo ſe verifica haver os primeiros Julgadores, entre os quaes ſantamente logrou Moyſés a primaſia (5) ſupoſto alguns Hiſtoriadores digaõ que Cecrops contemporaneo de Moyſés jà antes delle era Juiz. O certo he que entre os antigos taes Miniſtros naõ havia, ſó ſim hum reſpeito tal aos mais prudentes, e mais velhos que voluntariamente lhe obedeciaõ, e como a Oraculos os conſultavaõ.

(5) *Joſefo l.* 1. *& l.* 20. *Antiquit.*

Os Athenienſes conſecutivamente foraõ depois os que com formalidade inſtituhiraõ Juizes, ou Julgadores, ſendo Nino o primeiro que obteve eſte regimen (6) que poſteriormente obſervàraõ os Romanos aos 3185. annos da Creaçaõ do Mundo, tempo em que ſe diz naſceo Abraham. O Magiſtrado dos Julgadores, ou ſeis Juizes do

(6) *Juſtino.*

governo

governo entre os Areopagitas, foy famoſo, e celebrado, e por Solon inſtituhido (7) e o que entre os ſeis ſe ordenava a mais votos, indefectivelmente ſe obſervava. (7) *Plutarch. D. Aug. l. 18. de Civ. Dei.*

Os Lacedemonios por determinaçaõ de Lycurgo ſeu Legislador admittio tambem Julgadores, mas por lhe evitar o perigo da cobiça, deſterrou de ſeu Reyno todo o dinheiro de prata, e ouro, mandando-o ſó bater de ferro. (8) Entre os Romanos novamente para julgar, ſe inſtituhiraõ Senadores, mas ElRey Tarquino o Soberbo, vendo que os taes ſe corrompiaõ com dinheiro, eſtabeleceo ſó entre dous Conſules como rectos Julgadores o governo todo (9) e foraõ eſtes Lucio Junio Bruto, e Lucio Tarquino Collatino (10) e naõ parando ainda aqui eſte modo de governo que durava hum ſó anno, dahi o mais atè doze, ſuccedendo conjurarſe contra os Romanos quarenta Cidades dos Latinos, para o que concorreo Octavio Manilio genro de Tarquino, foy eſte, e os mais Conſules expulſos, elegendo-ſe Ditadores. (11) (8) *Plutarch.* (9) *Titol. l. 2. Dioniſ. Alicarn. l. 4* (10) *Iidem ibi.* (11) *Feneſtela. Titoliv.*

Aſſim ſe entràraõ a denominar os Julgadores entre os Romanos, ſendo nome que avocàraõ dos Gregos (12) ou como quer Licinio, dos Albanos (13) ou dos Cartaginenſes como diz Trogo Pompeo (14) e foy eleito o primeiro Ditador Tito Largio (15) e jà a eſte tempo ſe admitiaõ officiaes menores de Juſtiça que àquelles eraõ ſubalternos, a que chamavaõ Magiſtrados, ſobre os (12) *Dion. Alic. lib. 5. Antiquit.* (13) *Licinio.* (14) *Trog. Pomp.* (15) *Titoliv. l. 2.*

quaes ainda immediatos aos Ditadores, tinhaõ jurisdiçaõ os Tribunos (16) dos quaes foy Aulo Sempronio o primeiro, e andando estes officios de Justiça nos Patricios, e pessoas graves, Publio Licinio Calvo os adulterou no anno 355. da fundaçaõ de Roma pondo-se em homens populares, a tempo que pelos Romanos já estava o Decemvirato instituhido, no anno 300. daquella fundaçaõ. (17)

(16) *Polibio l. 3. Plutarch.*

(17) *Titoliv. l. 3.*

Com estes, e outros nomes semelhantes se appellidavaõ os Julgadores, e officiaes de Justiça entre os Romanos, que tambem para os pupilos admittiaõ Patronos, Advogados, e Requerentes, Escrivaens, e Tabaliaens com vocabulos diversos aos nossos, sendo mais ordinario aos Alcaides, Meirinhos, Carcereiros, quadrilheiros, e outros semelhantes o nome de Lictores que hoje os mesmos Romanos chamaõ Esbirros; e estes eraõ os que acompanhando (como ainda hoje) aos seus Ministros lhe levàvaõ adiante as varas, que naõ era só huma a cada hum, mas hum molho dellas atadas, e dentro delle algumas pequenas alabardas, ou machadinhas. (18)

(18) *Vid. Titoliv. Dionis. Alicarn. Plin. l. 8.*

As prisoens de Carceres, ou Cadeas para os delinquentes foy invento d' ElRey Anco (19) como tambem as algemas, e grilhoens. Jozefo, e Herodoto diz ser isto mais antigo, e o atribuem a Nembroth, pois foy este o primeiro Juiz no Mundo que punio asperamente a quem quer q̃ achou com-

(19) *Titoliv.*

pre-

prehendido em delicto. (20)

As fintas, tributos, ou Cenços que os Julgadores, ou Juſtiças poem ao povo por cabeças, tivèraõ principio no povo Hebreo, a quem Moyſés por diſpoſiçaõ de Deos as poz (21) os Romanos muito as praticàraõ, (22) e os Athenienſes os ſeguiraõ. (23) O primeiro que inventou, e determinou couto, ou azilo, foy Hercules em a Cidade de Athenas. (24)

(20) *Jozef. de Antiq. Herodoto de Antiq.*

(21) *Exod. cap. 30.*

(22) *Titoliv.*
(23) *Joſef. l. 3. ant.*
(24) *Stacio lib. 12. de Thebaida. Vide hunc tom. l. 3. c. 3.*

CAPITULO II.

Dos Cirurgioens, Anatomicos, Quimicos, Boticarios, Herbolarios, e Sangradores. Moſtra-ſe a ſua origem, e antiguidade. Expendem-ſe os ſeus empregos.

A Arte Chirurgica denominada por alguns Autores Medicina miniſtrante, e certamente he parte da meſma Medicina, tendo como eſta por objecto o corpo humano, nelle fizicamente opèra vendo-o neceſſitado; ſe pois da Medicina em outro lugar jà tratámos, da Chirurgia agora alguma couſa diremos.

Deriva-ſe eſte nome Chirurgia de Chiros palavra Grega que quer dizer - mãos, e de - Gio - que quer dizer obra, e he o meſmo que dizer - Artifice natural que cura os danos externos, e iſto faz o Chirurgiaõ nos noſſos corpos, ſem que eſte nome, e exercicio prive de excellencia a Arte, ou lhe diminùa o credito que por ſeu exercicio mereceo, e por ſua antiguidade conſeguio.

Neſta ſe iguala com a Medicina eſta Arte,

Arte, pois tivéraõ ambas igual o naſcimento, ſem que eſta daquella ſe deſtinguiſſe nos ſogeitos, que hoje vemos dividida nos Officios. Seu primeiro Inventor parece foy Eſculapio, de quem os Gregos verificaõ foy o primeiro que atou chagas, e feridas. (1) Eſtrabo na ſua Geografia diz que o famoſo Hipocrates ſe a eſta Arte naõ deu o ſer, ao menos a ſuſcitou vendo o quanto para o corpo humano era preciſa. (2) Comprovaſe que Archagato filho de Lizis natural de Peleponeſſo foy o primeiro Medico Chyrurgiaõ que entrou em Roma no anno oitocentos e ſinco da ſua fundaçaõ, e vendo o bem que curava as chagas, e feridas o chamàraõ ſarador, e lhe dèraõ as izençoens, e foros dos Cavalheiros, ou Patricios Romanos; mas depois que obſervàraõ uſava de cortar membros, e darlhe fogo o appellidàraõ verdugo, e aos mais que o imitàraõ, ſendo em fim dezeſtimados, e expulſos, mas poſteriormente chamàdos. (3)

(1) *Plinio l. 29.*

(2) *Eſtrab. l. 8. eograph.*

(3) *Herodoto. Plutarc. Eſtrabo.*

Diffine Maſcardo a Chirurgia ſer huma antigua, e certa parte de toda a Therapeutica, e hum habito do Entendimento pratico adquirido com eſpiculaçoens, e muitas experiencias. (4) Guido, e Tagaucio em pouco lhe differem, dizendo he Arte que enſina o modo, e qualidade de obrar. (5) Pertence à Chirurgia, e he o ſeu miniſterio ſeparar o que eſtá junto, e extirpar o ſuperfluo, uſando de ferro, tezoura, navalha, lanceta, pinça, e cauterios; une o ſeparado com remedios,

(4) *Maſcard. de Chyrurg.*

(5) *Guido in Tagauc. in Chirurg.*

remedios, fios, agulhas, ataduras, e chumaços; faz incizoens, dilata as fistulas, cura as feridas, e dissolaçoens, corta a parte estiomenada, extirpa as landoas, e lobinhos, cicatriza, applica causticos potenciaes, e ruptorios, consolìda as fracturas, desfaz as nascidas, e resolve de varios modos os tumores. Finalmente para o Chirurgiaõ exercitar bem sua Arte, deve observar o que Amato Lusitano lhe diz nos seguintes versos, em que o Chirurgico ministerio se vè.

Dez cousas deveis trazer
Sempre frescas na Memoria,
Para que com muita gloria
Possais os malles vencer.
Tempo, modo de viver,
A cor, e enfermidade,
A natureza, a idade,
A arte, e a Regiaõ.
Os accidentes que daõ,
E do tempo a variedade. (6)

(6) *Amato Lusitano.*

A Anatomia se deriva das duas palavras Gregas Ana - que quer dizer cousa direita, e Tomos - que quer dizer - divisaõ, o que tudo junto soa - direita divisaõ. He esta Arte huma perfeita divisaõ, ou artificiosa resoluçaõ do corpo humano em suas partes. (7) Querem os Escritores que fosse tambem Hipocrates o primeiro investigador da Anatomia, e Director da sua praxe. Herophilo o seguio, Erasistrato o imitou, Clausias, Gesnero, e Galeno o accreditàraõ. Desta curiosissima Arte observada, e verificada nos

(7) *Ambros. Pareo. l. 2. de corpor. hum Anatom.*

nos corpos mortos, ſe ſeguem exactos, e experimentaes conhecimentos para a utilidade Phizica dos corpos vivos. Para os curioſos lerem a ponto deſta Arte alguns Authores, e no fim do Capitulo exporey os da Cirurgia.

Plinio de Anatom.
Celio Rodigino cap. 29. libr. 16.
Celço lib. 1. de Re Medic.
Ambrozio Pareo l. 2. de Anatom.
Franciſco da Fonceca Henriques Socor. Delphico.
Mathias Honcamp. de hom. figurato.
Octavio Scarlat. de hom. ſimbol.
Regnero l. de mult. organ. fol. 299.
Laurent. Beerlinc verb. Anatom.
Geſnero in vita Galeni.

Os Boticarios, cuja notavel Arte ſe chama Pharmaceutica, tem o nome derivado de hum vocabulo grego Boteco, que aſſim ſe dizia entre elles o lugar em q̃ os medicamẽtos ſe guardavam, e ſeu invento he tam antigo como a Medicina: aſſim o verificam os Eſcritores; e nella parece ſe comprehende a Arte Quimica, e Herbolaria.

Ao Boticario pertence ſaber a definiçam dos medicamentos, a elevaçaõ delles, e ſua compoziçaõ, conhecer as plantas, as pedras, os mineraes, e as partes dos animaes; indagarlhe as virtudes, e qualidades, ſaber extrahir as agoas, eſpiritos, e ſais, tirar tinturas, e extractos, fazer cozimentos e conſervas, unguentos, oleos, lenimentos, electuarios, xaropes, arrobes, triagas, emulçoens, pilulas,

lulas, torciſcos, colirios, bezuarticos, e balſamos, e por eſta razam Bravo diffinio diſcretamente a Pharmaceutica: Pharmatia eſt inſtrumentum Medicinæ dogmaticæ; (8) e aqui fica jà a ſciencia dos Quimicos, e Herbolarios envolvida na Pharmaceutica; porque ſendo do Herbolario a ſciencia conhecer as ervas, e ſaberlhe as virtudes, ou preſtimo, e a do Quimico extenderſe a mais, pois que tambem no conhecimento, e propriedades dos mineraes ſabendo fazer quintas eſſencias, tirar os ſais, e extrahir os Eſpiritos, tudo iſto pertence à Pharmaceutica, e bem o ſabe o curiozo e experiente Boticario.

(8) *Brav. ſect. 1. reſolut. 12.*

Os primeiros Inventores, e os que primeiro dèraõ exercicio a eſta arte nobiliſſima em todos os ſeculos do Mundo eſtimada, ou foraõ Gentilicas Deidades, ou primeiros Reys do Mundo. Langio diz que entre os Egypcios (por opiniaõ de Diodoro Siculo) foy Mercurio, outros que Araco filho de Apollo, outros que o meſmo Apollo; e outros, que Apis Rey dos Egypcios (9) neſtes Povos, e em Babilonia, Roma, e toda Europa foy ſempre eſta Arte eſtimadiſſima. Neſtas admiraveis Artes, ou conjuntas, ou disjuntas da Medicina, eſcrevèraõ.

(9) *Eſtrabo. Plinio. Diodor. Sic. Herodoto.*

Ariſtoteles.	Paulo Zicardo.	Jacobo Silvio
Plinio.		Dioniſio Daça
Hipocrates.	Joaõ Vekero.	Dioſcorides.
Tertuliano.	Jacobo Alchindo.	Andrè de Laguna.
Teobaldo.		

Gabriel Griſley.	Niculao Limery.	Madama Foquet.
Guilherme Plucencio.	Moyſés Charàs.	Muzonio.
Valerio Cordo.	Joaõ Zuelforo.	Gordonio.
Jozé Quercetano.	Niculào Propozito.	Razis.
Bernardo de Senio.	Andrè Mattiolo.	Guido.
Chriſtovaõ de Honeſtis.	Jeronimo de la Fuente.	Theobaldano Bauderon.
Paulo Barbeti.	Luis de Oviedo.	Fernelio.
		Bravo.
		Vid. Valdecebros.

Os Herbolarios tem ſeu principio em Chiron filho de Saturno (10) e dizem ſer eſte o primeiro que as applicou a feridas, e chagas, conſtando ainda entaõ ſó de ervas a Medicina ſem liçaõ. (11) Cornelio Celço dà eſta applicaçaõ a Aſclepiades (12) e Euzebio o invento a Apollo (13) ElRey Metridates admiravelmente eſcreveo a natureza das ervas: Pomponio o traduzio em Latim. Vulgarmente ſe olha para Dioſcorides, e Valdecebros jà mencionados.

(10) *Plin. l. 7.*

(11) *Plin. ibi Ouvid.*

(12) *Cornel. Celç. l. ſ.*

(13) *Euzebio.*

Os Sangradores tambem tem ſua ſciencia no conhecimento das veas, e ſua concizaõ; por diſpoſiçaõ da Medicina fazem as operaçoens, e teve eſta acçaõ jà entre os antigos principio no Hippopotamo monſtro que ſe cria em o Nilo, do qual ſe diz que quando ſe ſente carregado, buſca na terra modo com que ſe fira em huma perna, e lançan-

lançando baſtante ſangue, alivia. (14) (14) *Plin. hiſt.*

Autores que da Chyrurgia, ou mixto, ou ſeparado da Medicina eſcrevèraõ.

Galeno.	Leonardo Botaldo.	Ludovico Septalio.
Fabricio.	Niculao Florentino.	Ambroſio Pareo.
Eſcrodero.	Gaſpar Torreol.	Pedro Floreſto.
Eſcribonio.	Guilherme Placentino.	Joaõ Carolo.
Tagaucio.	Arnaldo de Villa nova.	Faventino.
Guido.	Amato Luſitano.	Alcacer.
Falopio.	Joaõ Eſperling.	Lanfranco.
Mercado.	Pedro de Barros.	Gordonio.
Cornelio.	Joaõ Bravo.	Pereda.
Autuario.	Cezar Magati.	Bertapala.
Dioniſio Daça.		Areteo.
Franciſco Valerio.		Vigo.
Joaõ Andrè da Cruz.		Aecio.
Antonio da Cruz.		Theodoro.
Antonio Ferreira.		Almanzor, &c.

CAPITULO III.

Da Arte Muſica, Poetica, e Pictoria. Moſtra-ſe o ſeu Invento, e admiraõ-ſe os ſeus progreſſos. Aponta-ſe quem inventou os inſtrumentos.

A Muſica de que Caſſaneo eſcreve ter em o Ceo naſcimento (1) e o Evangeliſta lhe admitte repreſentaçoens da Gloria (2) ſe naõ tem por ſeu Inventor a Jubal quinto Neto de

(1) *Caſſan. in Theatr. Glor. Mundi. p. 10. Concid. 51.*

(2) *Apoc. c. 5. 8. & c. 14. 2. & cap. 15. 2.*

Caim, certamente foy eſte quem aos inſtrumentos com arte a acomodou, conforme o que a Sacra Eſcritura refere. (3) Como ſeu invento he muito antigo, razaõ tem de diſcordar nelle os Eſcritores; porque Plinio diz a inventàra Amphion (4) filho de Jupiter, e Antiopia; Horacio diz, que Orfeo, e Lino (5) Eſtacio, que Orpheo (6) Euzebio, que Zetheo, e Amphion Irmãos (7) Solino, que os Candianos (8) Polibio que os Arcàdes (9) Diodoro, que Mercurio (10) e Jozefo, que Tubal filho de Lamech. (11) Outros finalmente lhe apontaõ diverſos inventores, como a Apollo, Muſeo, Tamyrides, Izis, Bardo, Oures, e outros.

(3) *Geneſ.* 4 21.
(4) *Plin. l.* 5.
(5) *Horat art. Poet.*
(6) *Stac. l.* 1. *Thebaid*
(7) *Euzeb l* 2. *de Præpar. Evang.*
(8) *Solino.*
(9) *Polib. l.* 4.
(10) *Diodor. l.* 1.
(11) *Joſef. l.* 1. *antiq.*

Licurgo dizia que a Muſica era natural ao homem (12) Macrobio o approvou dizendo que na Muſica dos Orbes Celeſtes principia a noſſa vida. (13) Deos a enſinou aos homens para alivio dos ſeus trabalhos (14) para modificar ſuas moleſtias (15) para recrear o Entendimento (16) para excitar o animo (17) para alegrar o Mundo (18) e para ſe louvar ao meſmo Deos. (19) Em o Ceo cantaõ os Anjos (20) em o Ar cantaõ as Aves, e apenas na terra a humana creatura naſce, ſe chora, já ſe lhe canta, ſem que admire o ter na Muſica ſocego hum innocente, pois nelle achaõ alegria, e alento ainda os irracionaes.

(12) *Lycurg. apud Patrit. d c.* 15.
(13) *Macrob. l.* 2.
(14) *Chriſolog. ſer* 10.
(15) *Patrit. de Regn.*
(16) *D. Auguſt.*
(17) *Ptolom.*
(18) *Caſſanco in T.*
(19) *Pſ. in diverſis.*
(20) *S. Scrip in div.*

Foi-ſe aperfeiçoando a Muſica pelo decurſo do tempo em diverſos Reynos, e Naçoens, fazendo-ſe novos Inventores; e ſuppoſto

posto Diodoro Siculo diz fora Mercurio o que achàra a harmonia das vozes (21) outros nesta, e nas mais materias Musicas achaõ que com as idèas de Marsias, Olympias Phrigio, Cario, Melanopides, Antippo Sapho, Damon, Polymesto, Pytherno, Philoxeno, e Simon Magnesio a Musica se aperfeiçoou.

(21) *Diodor. l. 1.*

Pela diversidade de opinioens que ha nesta como em todas as materias, querem huns que este nome - Musica tenha sua deduçaõ de Mercurio, outros - da Muzas, e outros de Moysés, attribuindo-se a cada hum destes o seu invento (22) e concidèro ser certo que Moysés foy o primeiro que cantou louvando a Deos, quando sahio do Egypto còm o Povo de Israel livre jà do cativeiro de Faraó (23) mas Adam o primeiro Musico que houve como Parafrastes assevèra, dizendo *Primum cecinit Adam* (24) e assim havia ser, pois Deos lhe infundio todas as sciencias.

(22) *Pineda. Marco Var. Zarlin c. 10. Salin. c. 2. D. Pedro Cerone.*

(23) *Exod. 15. num. 10.*

(24) *Parafrast. hic*

Depois do universal diluvio em que o Mundo todo pereceo (25) em Noè, e seus filhos [por premissaõ Divina] a Musica se concervou, participando estes seu uzo ao novo Mundo. Macedo refere se achàraõ escritos em verso como parte da Musica os vaticinios que escrevèra a Sybilla Caldea que se chamava Sambetha (26) e era nora de Noè. Ha opiniaõ que Chamo, e Mesraimo desta descendencia foraõ os que novamente participàraõ aos Egypcios (depois do

(25) *Ex Gen.*

(26) *Maced. Supr. Arte Magn. Cons. tom. 1. l. 2.*

tal

tal diluvio) esta Arte Musica (27) a Sagrada Escritura menciona, ou dà a entender que no tempo de Labaõ, e Jacob jà se cantava (28) e que ElRey David fora insigne musico. (29) Deste famoso Monarca se escreve que para louvarem a Deos instituhira quatro mil cantores (30) e se naõ desprezava de os acompanhar no canto, entendendo discreto lhe naõ diminuhia esta acçaõ a Magestade Real (31) ElRey Salamaõ seu filho a expensas proprias no Regio, e magnifico Templo que acabou de edeficar (32) os concervou. Temos aos nossos olhos bom retrato, e exemplar.

(27) *P. Athanas. Kirche.*

(28) *Genes. c. 31.*

(29) *1. Reg. 16.*

(30) *Paralel. 1. c. 15. 16. e 25.*

(31) *2. Reg. 6. 8*

(32) *Pineda de Rebus Salom. l. 3. c. 13.*

Mas naõ he de admirar que de hum Rey Soberano fosse a Musica gostoso emprego, naõ só querendo se louve a Deos a coros com multiplicadas vozes, mas ao som de bem afinados orgãos (33) e naõ só ao toque se naõ tambem ao musico concento de tantos, e taõ sonoros sinos (34) como a estas horas que isto escrevo, estou ouvindo, se naõ só tudo a Deos he dedicado, e devído, mas o mesmo Christo Rey de todos os Reys mostrou ser a Musica do seu aggrado, pois na Ley da Graça refere Cassaneo com varios Autores que o mesmo Senhor foy o primeiro que cantou (35) acçaõ que os Evangelistas escrevem fizera no Cenaculo (36) Maria Santissima Mãy sua escreve, S. Agostinho que cantou (37) Baronio diz que a Senhora no templo aprendèra (38) e o mesmo Santo Doutor que Christo a seus

(33) *Ps. 48. 49. 50.*

(34) *Ps. 50.*

(35) *Cassaneo de Concederat. 51.*

(36) *D*

(37) *S. August. in Serm. de Anunc.*

(38) *Baron. an. 60. n. 14. & seq.*

Sagra-

Sagrados Discipulos ensinàra. (39)

(39) *S. August. in Anot. Dominica.*

Pela Arte de Contraponto se devide a Musica conforme o commum dos Autores em Harmonica, Metrica, ou Mensural, e Rhithmetica; ou em canto de Orgaõ, e canto chaõ. Quem se fizer experiente nesta arte, ha de ter plena noticia da invençaõ da maõ, e vozes da mesma Musica, saber a definiçaõ das letras, e signos; as vozes de cada signo, e as propriedades por donde se canta; as mutanças, claves, signaes, e proporçoens; as figuras, pauzas, e suas valias; a perfeiçaõ das figuras, e alfadas; as entoaçoens, mutanças, e semelhanças em claves diversas; reconhecer as vozes que ha em cada signo por cantorìa, e as partes do Compasso, bem advertidos os intervalos, oito tons, falsas, e ligaduras; e finalmente com estas, e mais miudezas se farà destro em o Canto Unisonus, Multiforme, Coral, Gregoriano, Figural, e Mensural.

Para Deos em a Musica ser louvado deixàraõ os Apostolos jà solidos documentos, e preceitos. S. Ignacio Papa ordenou se cantasse a Coros; S. Ambrosio instituhio na Igreja Mediolanense o canto chaõ; S. Ephem erigio na sua Igreja o canto de Orgaõ; Vitaliano Papa inventou o canto à Romana, e o concordou com o Orgaõ; S. Gregorio Magno ensinou a fazer as ascençoens, e descençoens, e pellas letras Dominicaes compoz o Canto da Igreja que chamamos Gregoriano; S. Leaõ Papa reformou

mou o canto dos Hymnos, e Psalmos, alterando o costume antigo. Outros Pontifices, e graves Autores escrevèraõ desta insigne Arte dandolhe preceitos, e regras, dos quaes aponto

S. Damazo Papa.	Vicencio Lusit.
Joaõ XX. Papa.	D. Pedro Cerone.
Joaõ XXII. Papa.	Martin de Tapia.
Benedicto VIII. Pap.	Franciſco Salinas.
S. Jeronimo D.	Joaõ Ottobio.
S. Ambrosio D.	Jozè Zarlino.
S. Joaõ Damascено.	Horacio Tigrini.
S. Thomaz D. Ang.	Vincencio Galiley.
S. Bernardo.	Pedro Poncio.
S. Cezilia.	Jacobo Fabro.
Sambetha Sybilla.	Euclides.
Salamaõ.	Genebrardo.
Alexandre Magno.	Braz Rozetto.
Boecio Severino.	Biscargui.
Adriano Tuberno.	Miravelte.
Franchino Gafforo.	Aratuzi.
Glareano Patricio.	Bermudo.
Marcheto Paduano.	George Riccio.
Joaõ Peres de Moya.	Mesraymo.
Domingos Marcos.	Gregorio Rhano.

D. Luis Gongora. Luis de Camoens. Gracilasso. Joaõ de Mena. Hernando de Herrera. Lope de Vega Carpio Manoel Thomás. Antonio de Souza. Jorge de Monte Mayor. Franciſco de Sá de Miranda. Franc. Rodrig. Lobo. Jorge Ferreira. Simaõ Machado. Boscam. Figueiroa. e outros muitos, e insignes modernos.

Da Poesia em que fallo quando trato das sciencias, só aqui (tocando) falarey entre as mais Artes. Foy sempre a Arte Poetica estimadissima em todas as idades do Mundo, e suposto ao principio naõ teve normas certas, como se vè nos versos das Sybillas, e em alguns antigos Hespanhoes, e Portuguezes, como as profecias do Bandarra,

que

que saõ trovas, em fim se aperfeiçoou pelos Poetas Gregos, e Latinos que ao curioso Leitor já menciono, e outros na marge.

Homero.	Cleophon.	Auzonio.
Antimacho.	Euripedes.	Livio.
Appollonio.	Sophocles.	Plauto.
Rhodio.	Architas.	Terencio.
Aristenes.	Calimaco.	Seneca.
Parthenio.	Phocilides.	Perseo.
Heziodo.	Theacrito.	Catulo.
Alceo.	Symonides.	Ennio.
Hermippo.	Pisandro.	Claudiano.
Alexis.	Lucilio.	Marcial.
Aristofano.	Epicamo.	Stacio.
Diodoro.	Tirteo.	Virgilio.
Eutiches.	Appollodoro.	Ovidio.
Menandro.	Demophilo.	Horacio.
Alcimenes.	Tibulo.	Juvenal.
Aristrarcho.	Ennio.	Lucano.

Da Arte Pictoria que compete na antiguidade com a Poetica como escreve Petracha (13) refere Plinio que Gyges natural de Lidia foy seu primeiro Inventor (14) e em Grecia se atribue este invento a Polignoto Athenienſe como diz Theophrasto, (15) naõ obstante dizer Aristoteles que fora Pirrho parente de Dedalo. (16) O primeiro parecer tem approvaçaõ de Plinio. (17) Os Gregos affirmaõ que em Sicionia foy a Invençaõ primeira da Pintura, e outros que em Corynthio; os Egypcios como Plinio diz tambem mostraõ que entre elles se inventou esta Arte seis mil annos antes

(13) *Petrarch. de Prosper. Sort. dialog.* 41.
(14) *Plin. l. 7.*
(15) *Theophast.*
(16) *Aristotel.*
(17) *Plin. l. 35. cap.* 9.

que passasse a Grecia (18).

(18) *Plinio hic.*

Todos os antigos Escritores comprovaõ que da sombra que faz o corpo humano, observadas suas linhas, sinaes, e movimentos se originou, e inventou a Pintura (19) sendo só hum borraõ, ou sombra sem mais cores o que entaõ se praticava, com alguns sinaes, e desta sorte tem Plinio a inventou Philocles Egypcio, ou Cleantes Corintho (20) e que foraõ Ardices, e Thelaphanes os primeiros que a exercitàraõ. Alguns escrevem que Cleophanto natural de Corintho fora o primeiro que misturou cores diversas na Pintura; mas o Flosculo historico diz que neste engraçado engenho logrou Timantes Grego muito antes a primazia pelos annos quasi 3600. da Creaçaõ do Mundo (21) outros reputaõ ainda a invençaõ da Pintura mais antigua (22)

(19) *Quintilian. lib. 10.*

(20) *Plin. l. 35.*

(21) *Floscul hist. p. 1 cap. 7.*

(22) *Vid. o livr. Defensa de la Pintura.*

Sempre a Pintura foy estimadissima Arte, e a honràraõ muitos Principes. Alexandre Magno entrava muitas vezes na officina de Apelles. (23) ElRey Demetrio fazia o mesmo a Prothogenes. (24) O famozo Socrates entendeo se honrava ainda mais com esta Arte; e em Grecia se exercitavaõ nella só as pessoas principaes sendo prohibido aos homens vìs o aprenderem-na. (25) Entre os antigos Pintores se celebraõ

(23) *Textor.*

(24) *Mexia.*

(25) *Mexia c. 17. Plin. l. 56. Huerta in Plin. l. 7. cap. 38. Erasm. l. 3.*

Arotogenes.	Ciclias.	Serapion.
Apelles.	Timagoras.	Amulio.
Timantes.	Bulano.	Cleophanto.
Aristides.	Socrates.	Pythis.

Ni-

Nicias.	Polygnoto.	Ardices.
Parrazio.	Philocles.	Thelaphanes,
Aglaophon.	Giges.	e outros.

Foy entre todos prodigioſo S. Lucas Evangeliſta.

Dos Inventores de Inſtrumentos que neſte capitulo prometi moſtrar, temos a Jubal de quem o Texto diz foy pay dos que cantàraõ Cythara, e Orgaõ (16) a elle ſe atribue o invento. Quintiliano diz que por Orgaõ ſe entende hum nome generico a todos os inſtrumentos (17) ſupoſto Plinio ſem noticia das letras Sagradas aponta Orpheo por Inventor da Cythara, ou a Amphion. (18) em o nome de Cythara incluem os Latinos o de Harpa. Alguns atribuem a invençaõ da Harpa a Apollo; a da Viola a Mercurio; a da Gaita Paſtoril a Cibelles; a da Flauta grande, a Marſias; a Flauta pequena a Pan; os Pifanos, aos Arcades; a Sanfonina, aos Trogloditas; a Trombeta que chamamos Xaramella a Dirceo, as Trombetas grandes de Metal a Pizeo; mas em tudo iſto ha opinioens, ſe ſe naõ verificàraõ mais em Moyſés, e David eſtes inventos, ou na peſſoa de Tubal.

(16) *Geneſ* 4. 21.

(17) *Quintil. l.* 9. *cap.* 4.

(18) *Plin. l.* 7. *c.* 56. *De hoc vide Plin. Joſef. Plut. Diodor. Dioniz. Thucidides. Polibio. Aul. Gelio. Appian. Virgilio. Euzeb. Horacio.*

CAPITULO IV.

Da Geometria, Escultura, e Arquitetura. Mostra destas tres excellentes Artes os empregos, e aponta os Inventores.

SUposto em materias Geometricas neste Tomo jà tocamos, agora (seguindo sempre o Laconico estilo, falaremos.) Sabem os Doutos que a Geometria he Arte de medir por linhas, e pontos certos; e sem pleno conhecimento desta Arte se prohibia antiguamente entrar nas Academias. (1) De Noè, ou de Abraham traz a sua antiguidade praticada aos Egypcios. (2) Homèro foy o primeiro que principiou a expender suas doutrinas; Anaximandro quem dispoz a primeira taboa Geographica; Hecateo o que deu as primeiras regras à Geometria. (3)

(1) *Quintil. Josefo l 1.antiq.*

(2) *Joz ef l.1.de Antiquit.*

(3) *Laert.l.2.*

Esta he a Arte que pelo engenhozo disvello de seus professores divide o Mundo todo em 360. graus, cada grau em 60. minutos, cada minuto em 60. segundos. Cada minuto tem mil passos Geometricos, cada passo tem sinco pès, cada pè doze polegadas, cada polegada doze linhas, e cada linha doze pontos. Cada grau do circulo da terra tem sessenta mil passos, que valem o mesmo que 60. milhas de Italia, 25. legoas de França, e 18. legoas de Portugal, e Castellà. Por este principio chegaõ a colligir os Geographos ter a terra de circumferencia

6480.

6480. legoas, e da ſuperficie até o centro 1030.

Para ſabio emprego, e acertado exercicio deſta Arte eſcreveo Timoſtenes os portos dos mares; Ptholomeo Egypcio os rios, montes, e Reynos; Diogneto e Archelao certas jornadas, e peregrinaçoens. Marco Tulio refere que Pythagoras ampliou, e augmentou muito eſta Arte, obſervandoſe deſde entaõ melhor as formas, balizas, intrevalos, e grandezas. (4) Neſta Arte tem os curioſos doutos por Eſcritores famozos que a expendèraõ a

(4) *Cicer. lib. de Orator.*

Jozefo.	Eſtrabo.	Celo Rodiginio.
Plinio Maior.	Plataõ.	
Hecateo.	Diodoro.	Ptolomeo.
Thimothenes.	Quintiliano.	Pythagoras.
Diogneto.	Philo.	Marſilio.
Anaximandro.	Herodoto.	Bravo Ramires.
Homero.	Archelao.	
	Bibaldo.	

A Eſcultura Arte taõ inſigne, e notavel que reprezentativamente moſtra aos noſſos olhos como viva a creatura que, ou proxima, ou antiguamente (talvez paſſados ſeculos inteiros) foſſe morta, tem a antiguidade do ſeu invento, entre opinioens quaſi obſcura. Epicado, a quem Macrobio allega, diz que em Hercules tem a Eſcultura ſua origem tanto que vencedor de Heſpanha matàra a Geriaõ, e entaõ mandou fazer de madeira varias efigies dos ſeus Soldados mortos (5) Dioniſio aponta os Pelaſgos por

(5) *Epichad. apud. Macrob.*

Inven-

Inventores (6) Diodoro affirma que foraõ os Ethyopes, e que deſtes aprendèraõ os Egypcios (7) Lactancio diz que o primeiro Inventor fora Prothogenes (8) Pedro Mexia diz que o foy Tubalcaim. (9) O certo he que antes de Jacob jà havia eſta Arte, porque da S. Eſcritura conſta que indo de Mezopotamia levara furtadas ſua Eſpoza Rachel as Eſtatuas de ſeus Deozes. Salvo o melhor diſcurſo, me parece fora o meſmo Deos deſta eſtupenda Arte o primeiro Inventor, quando à ſua Imagem, e ſemelhança formou Adam noſſo Pay primeiro. (10)

(6) *Dion. lib. 1. de Annal. Rom.*
(7) *Diodor. l. 4.*
(8) *Lactant. l. 2. de Doctr. divin.*
(9) *Mexia Silva de var. lic. l. 1. c. 26.*
(10) *Geneſ. 1.*

De barro, pau, e pedra ſe fabricàraõ no Mundo as primeiras Eſtatuas; e aperfeiçoando-ſe cadaves mais eſta Arte, eſcreve Plinio ſe fabricàra em Roma a primeira Eſtatua de Cobre que Eſpurio Caſſio mandou erigir à Deoza Ceres. (11) ElRey Pharnaces dizem mandàra fazer a primeira Eſtatua de Prata em ſua figura, e Georgias Leontino a ſua de mociço, e fino ouro; de cujo metal foy Marco Attilio Glabriaõ o primeiro que em forma equeſtre, e a cavalo mandou levantar Eſtatua a ſeu Pay. (12)

(11) *Plin l 34.*
(12) *Plin. l. 2.*

Carece muito eſta Arte aſſim como à Pintura da Symmetria, a que Eſplenor natural da Ilha de Iſthmo deu com ſeus eſcritos normas certas, e medidas, pois ſem eſtas ſe faria deſproporcionado, e monſtruoſo o artefacto. Em precioſas pedras, Ouro, Prata, Cobre, e Marfim ſe admiraõ em varios Reinos, e Imperios do Mundo obras prodigioziſſimas;

ziſſimas; e Roma parece na Eſcultura levou a Palma. Leyaõ os curioſos as maravilhas do Mundo. Na Arte de Eſcultura foraõ celebres, e inſignes

Bezel.	Protogenes.	Mirmecides.
Mintor.	Praxiteles.	Prigoteles.
Alcon.	Leoncio.	Euricion.
Phydias.	Calicrates.	Miron.
Lyſippo.	Policleto.	Betho.

Na Arquitetura florecèraõ em o Mundo homens peritiſſimos, e muitos Principes ſoberanos a eſtimàraõ; e me parece que deſta Arte ſe deve o primeiro invento à Natureza; porque vivendo no Mundo os primeiros homens em os boſques, e montanhas como Feras, os foy a neceſſidade pouco a pouco precizando a fazerem domicilios. Os primeiros ſe fizéraõ de ramos de arvores que truncàraõ (13) e logo buſcando a Natureza mais abrigo cavàraõ nas extremidades em que facejavaõ os montes fazendo covas como lapas em que moravaõ, do que refere Eſtrabo foraõ os Troglodytas na Heſperia os Inventores. (14)

(13) *Viturvio.*

(14) *Eſtrabo l. 7. de Geograph.*

Correndo o tempo, e obſervando os homens que as Andorinhas ſó por inſtinto natural faziaõ ninhos de barro em que ſe recolhiaõ, ideàraõ o meter na terra paus a pique impondolhe atadas varas de diverſas arvores intermeandolhe barro, e cobrindo as cazas por ſima de canas com feno, e folhas largas de plantas Silveſtres, e de algumas arvores. Viturvio o affirma (15) e eu o con-

(15) *Viturvio.*

o confirmo, porque no primeiro modo que antes deſſe vi, e achey vivendo nos retiros dos Certoens do Brazil as duas naçoens de Gentios que buſquei; e no ſegundo modo os deixey vivendo depois de aldeados, ſupoſto que nas cazas que em eſpaçoza aldea lhe mandey fazer; entraſſe jà algum genero de Arquitetura, porque as fabricàraõ Officiaes noſſos com medidas certas, e direitas ruas, mas na materia ſe naõ diverſificàraõ, ſó na forma, e neſta ſe coſtumaõ fazer quaſi todas as moradas de cazas que ſe achaõ fóra das Cidades, e Villas do Brazil; e ainda neſtas vi eu algumas de peſſoas pobres, fóra das ruas principaes. Em Caſtella, França, Aquitania, e Phrygia diz Viturvio que ainda no ſeu tempo aſſim ſe uſavaõ. Diodoro diz que tambem no Egypto. (16)

(16) *Viturv Sup. Diodor.*

De grandes, e groços ladrilhos de barro ſecos ao Sol (a que nós chamamos - adobes) ſe foraõ poſteriormente fazendo edeficios, como ainda hoje vemos muitos de limitada Arquitetura, e correndo o tempo, tendo antes ſido Doxio filho de Gelio (como Plinio diz) o primeiro que erigio cazas de barro (17) Hyperbio, e Eurialo de Ladrilho, (18) Veſta filha de Saturno eſcreve Diodoro foy a primeira a quem ſe attribue o invento da Arquitetura (19) e abrindo a violencia das aguas eſſas entranhas da terra, moſtrou aos homens excellentes pedrarias, ricos Jaſpes, e finos Porfidos para que dezempoado o humano entendimento uzaſſe

(17) *Plin. l. 6.*

(18) *Idem.*

(19) *Diodor. l. 6.*

de

de fantezias, e idéas com que a Arquitetura ſe aperfeiçoaſſe em ſumptuoſas fabricas, que no Orbe todo, hoje admiramos, dividida jà hoje a Arquitetura em obra Jonica, Dorica, Toſcana, Corynthia, e Compoſita, como enſina o celebre Viturvio, e outros que deſta Arte eſcrevèraõ (20) e eu das dez maravilhas do Mundo direy já (ſó tocado) alguma couſa para credito mayor deſta Arte.

(20) *Viturv l.1.c.2. de Arquitet. Jacob Baroſ.de Arquitet. Sebaſt.Serl l. 1.Pier. Valer.l 46.*

CAPITULO V

Moſtra ſummariamente as dez maravilhas do Mundo, e aponta as mais celebres Cidades de todo o Orbe, em cujas ſumptuoſas fabricas, e protentoſos edificios ſe eſmerou a Arquitetura.

PAra que o curioſo Leitor me naõ critique, e ſupondo-me talvez hidropico de noticias, me chame avarento, pois ſe naõ tomaſſe a empreza de fugir à extençaõ neſte volume, cuidando ſó de dizer muito em pouco, podèra offerecer-lhe muitas mais, quero ſummariamente expender o que o titulo deſte Capitulo contém.

Plinio, Herodoto, e outros graves Autores (1) apontaõ as Piramides do Egypto por primeira maravilha do Mundo em que a Arquitetura ſe eſmerou; foraõ famoſa fabrica dos Reys do Egypto por oſtentar ſua grandeza, e opulencia, cuidando aſſim de ter occupados ſeus vaſſallos. Erigio-ſe a primeira em a Cidade de Arſino, duas em

(1) *Plin.hiſt.nat. libr.36. cap. 12. Herodoto. Dioniſ. Alicarn. & alii.*

Memfis, e outras duas no lago de Meride; a mayor dellas occupa em circulo tres mil quinhentos e trinta e dous pès; a ſegunda tem dous mil novecentos e quarenta e oito; e a terceira que ſendo na grandeza inferior às mais he na fabrica da Arquitetura, e lavor de precioſàs pedras Ethiopias; a mais excellente tem ſó trezentos ſeſſenta e tres pès em cada face da ſua engraçada perſpectiva. A forma he quadrangular, larga em o naſcimento, e aguda em o fim; em huma ſe occupàraõ trezentos, e ſeſſenta homens affectivos no eſpaço de vinte annos; e em tres das outras ſe gaſtou o tempo de ſetenta, e oito annos, e quatro Mezes.

O Palacio de Troya que alguns dizem mandàra fabricar Ciro, e outros que Ylion Monarca daquelle Reyno (2) foy prodigioziſſimo. Occupava eſte o circuito de quinhentos paſſos, e era fabricado ſobre trezentas, e ſeſſenta columnas de Alabaſtro finiſſimo: tinha nos angulos quatro torres de exceſſiva altura, cujos tectos interiores eraõ de fino Criſtal com pedras preciozas intertexto; ſobre cada huma das torres eſtava huma figura toda de ouro em ſima de huma grande columna de odorifero Cedro, e ſobre a cabeça ſe ſuſtentava com o mayor primor lavrado o capitel da columna, tendo volubilidade a figura, porque fabricada por Aſtrologos, e Nigromanticos, por ſi moſtravaõ os tempos, e prognoſticavaõ o bom, ou mau eſtado da Republica. Tinha huma

(2) *Apollodor. l. 3. Virgil l. 2. Æneid. Dionyſ. Alicarn. Dares Phrig.*

ſó

só porta perigoza, nella se viaõ em vulto todas as Imagens de seus Deoses, e dentro havia hum Templo dedicado à Deosa Palas.

O Templo de Ephezo em cuja Arquitetura, e Escultura se gastàraõ duzentos e vinte annos continuos, foy fabricado com despeza dos mais poderozos de Azia, e dedicado à Deosa Diana: tinha de comprido quatrocentos e vinte sinco passos, e de largo duzentos e vinte, com cento vinte e sete columnas de sessenta pès de comprido, atè mais do meyo primurosamente lavradas, e com admiraveis figuras esculpidas, no que por dezempenho dos Reys de Azia (que successivamente cada hum hia pondo sua) se empenhàraõ os Escultores mais famozos, com credito de Tezifonte Arquiteto insigne. Foy queimado este celebre Templo por Erostrato, que atrevido lhe poz o fogo por eternizar seu nome com este facto taõ horrivel. (3) Os de Ephezo o reedificàraõ, e erigiraõ com a mesma perfeiçaõ, mas os Godos quando passáraõ a Africa novamente em vivo fogo o abrazàraõ. (4)

(3) *Salino c. 43.*

(4) *Plin. hist. nat. lib 36. cap. 14.*

Os Laberintos de Creta, Leno, e Italia, foraõ celebrados no Mundo. Fez Dedalo o de Creta com cem ruas de muitas voltas, e muitas portas em circuito, fazendo-se quasi impossivel o sahir a quem nelle entrava: dizem que para sepultura de ElRey Merides se fabricàra este Laberinto de que se naõ acha vestigio, ou noticia. Sabe-se que

Porſena Rey dos Toſcanos mandàra fazer para ſeu ſepulcro na Cidade de Chiuzo o Laberinto de Italia com trezentos pès de comprimento em cada frente, e quinhentos de altura, ſobre a qual elevou ſinco Pyramides, cada huma de ſeſſenta e ſinco pès de largo, cento e ſinccenta de alto, vendo-ſe ſobre cada huma dellas huma grande planxa de Bronze, e ſobre ella hum Cavallo Pegazo, com humas campainhas prezas por certas cadeas, que movidas do vento, por admiraçaõ ſoavaõ; ſobre a Pyramide do meyo eſtava outra de cem pès de altura, e em ſima hum plano de que ſe elevavaõ mais quatro Pyramides que imitavaõ na altura às de baixo. (5) O Laberinto de Lena dizem foy prodigioziſſimo: tinha cento e ſincoenta columnas de admiravel grandeza fabricadas com eſtupenda arte por Rhodo, Cinolo, e Theodoro Arquitetos muito inſignes. Houve tambem no Egypto outro notavel Laberinto, em que depois de ſe andar por intrincados caminhos ſe ſubia por grandes eſcadas a huma muy grande ſala guarnecida com columnas de fino Porfido, e Jaſpe em que ſe viaõ eſculpidas as Eſtatuas dos Deoſes, e Reys do Egypto. Na parte ſuperior deſta grande ſala havia cazas de que ao parecer ſoavaõ como trovoens; e na parte inferior de todo eſte edeficio havia cazas obſcuras, e ſubterraneas, mas primoroſamente lavradas.

(5) *Plin hiſtor. natur. l.7.c.13.*

Os Obeliſcos eraõ tambem Piramides altiſ-

altiſſimas de huma ſó pedra fabricadas, e conſagradas pelos Gentios ao Sol. ElRey Mitris mandou fabricar a primeira, e ElRey Sotis a quatro, cada huma de quarenta e oito covados de altura, em huma das quaes ſe diz andàraõ vinte mil homens occupados. Amenoſis levantou mais dous Obeliſcos na Cidade de Oſpolis com cem covados de alto; e em Alexandria ſe levantàraõ outros dous ambos dedicados a Cezar, hum dos quaes mandou levar Divo Claudio para Hoſtia, e paſſado tempo foy para Roma conduzido pelo Tibere, e levantado no Circo maximo; tinha cento e vinte ſinco pès de alto; chamavaõlhe a agulha de Cezar; mas em o anno de Chriſto 1586. foy mandado levar, e erigir em a Praça de S. Pedro pelo Papa Xiſto V. extrahida huma grande bola de Bronze que tinha em ſima, adonde ſe dizia terem eſtado os oſſos, ou cinzas de Trajano. (6)

(6) *Plin. hiſt. nat. l. 36. cap. 9. 10. & 11.*

O Mauſoleo de Artemiſa, aſſim chamado porque eſta Rainha o mandou fabricar para Sepulcro de ſeu marido Mauſoleo, tinha pela parte Meridional, e Setentrional ſetenta e tres pès, e de alto vinte ſinco covados guarnecido pela parte exterior nas quatro faces com trinta e ſeis maravilhozas columnas ſingularmente fabricadas pelos quatro mais inſignes Eſcultores daquelle tempo Eſcopa, Briaſe, Thimoteo, e Leocare; e ſupoſto Artemiſa morreo antes do Mauſoleo ſe acabar, os Artifices lhe quizeraõ

raõ dar fim para ſublimar ſeu credito neſta maravilha do Mundo admiravel. (7)

(7) *Plin l. 36. cap. 5. c 6*

O Coloſſo de Rhodes era huma magnifica, e ſumptuoſa Eſtatua de Bronze dedicada ao Sol, em cuja fabrica gaſtou doze annos Lindio Eſcultor famozo; tinha taõ notavel grandeza que (como refere Plinio) ſentado hum homem no dedo menor de hum ſeu pè lhe naõ cobria a unha delle, do qúe ſe póde inferir qual ſeria o Corpo. Cahio em terra com hum medonho terremoto duzentos e dez annos antes do Naſcimento de Chriſto, tendo eſtado em pè o tempo de ſincoenta e ſeis. (8) Oſman Rey dos Arabes tomando Rhodes o deſtruhio, mandando-o desfazer, e conduzir em novecentos camelos todo o metal que ſe reputou em vinte e ſete mil arrobas. (9)

(8) *Euzeb. hic.*

(9) *Plin. l. 7.*

Os muros de Babilonia famoſa Cidade dos Chaldeos foraõ contados por maravilha do Mundo: tivèraõ em circuito pela noſſa conta reſpectivamente à que aponta Plinio, quinze legoas, de altura duzentos pès, e ſincoenta de groſſura; a materia da ſua fabrica era ladrilho cozido, e betume do rio Euphrates, que excedia a todo o genero de argamaſſa (10) mandou-os fazer a Rainha Semiramis para credito de ſua opulencia, e grandeza. (11)

(10) *Joaõ de Mena.*

(11) *Plin. ſup. cit.*

O Sublimado Templo que ElRey Salamaõ mandou fazer, e foy a Deos conſagrado, grande maravilha foy do Mundo. Toda à Arquitetura parece ſe eſmerou em ſua fabri-

fabrica: baſta para credito de ſua ſuperior grandeza o dizerſe que ſetenta mil homens trabalhavaõ nella, ſó dando ſerventia a oitenta mil Officiaes; havia àlem de todos eſtes mais tres mil e ſeiſcentos homens que aſiſtiaõ com varias incumbencias, guardas, vigias, e adminiſtraçaõ; com tanto ſilencio ſe obrou que nem ſe ſentia haver ferro, por que vinhaõ (permittindo-o Deos) bem ajuſtadas as pedras todas; pela parte exterior era de Marmore branco lavrado, e dourado em partes, do que ſe pòde colligir qual ſeria o interior, e infinito ouro que havia. Gaſtàraõ-ſe nelle vinte e nove milhoens, e ſetecentos mil ducados, e durou a obra de ſua factura ſete annos, e meyo (12)

(12) *Reg. l. 4. Pſo 117 Joſef. de antiq. lib. 8.*

O Magnificentiſſimo, e em tudo Regio Palacio de Mafra em cujo continente trabalhaõ ha duplicado tempo que no de Salamaõ muitos mil homens, com deſpeza tambem de muitos milhoens, ſeria injuria o naõ ſer contado por decima maravilha do Mundo; pois contendo no ſeu ambito o mais prodigioſo Templo que na qualidade, e perfeiçaõ admirou o Orbe, e hum magnifico Convento em que trezentas peſſoas Religioſas (com pouca differença) habitaõ, e nas cazas vagas que tem ſe podem recolher mais de outras trezentas, he obra naſcida do incomparavel zelo, e generozo animo de noſſo Auguſtiſſimo Monarca, exelço Rey, e Senhor D. Joam V. do nome entre os Reys de Portugal; mas porque a outrem eſta diſ-

cripçaõ

cripçaõ pertence, he precizo me abſtenha ſem que com meu toſco eſtylo, e mal aparada penna intente, e chegue a violar tanta Mageſtade, expondo o aſcenço, e atrio mageſtoſo daquelle Templo; a famoza ſublimidade de ſeu Portico; a maquina de todo ſeu frontеſpicio; a elevada fermoſura de ſeu zimborio, e torres; a maravilha paſmoza de ſeus relogios, e ſinos; a excellencia da pedraria interior, e exterior do ſeu Templo; a grandeza, qualidade, e quantidade de ſeus capiteis, e columnas; a beleza de tantas Eſtatuas de Jaſpe; a conſonancia, e numero dos ſeus orgãos; a magnificencia de ſeu jardim; a capacidade ſuſpenſiva de todo o Convento, e Officinas; e o ſumptuoſo edificio dos torreões, e Palacio que toda eſta mageſtoſa fabrica circula, com os theſouros, e precioſidades todas, que para o culto de Deos em ſi contem. Neſta maravilha decima do Mundo me remeto a quem a eſcrever.

CAPITULO VI.

Appendix ao antecedente Capitulo.

NAõ dezejo, Leytor amigo, và iſto a enfadarte, quando ſó o meu intento he curioſa, e ſabiamente divertirte; e como no corpo do Capitulo que acabou te naõ dey a noticia toda que em ſeu titulo prometi, por ſahir mayor do que eu queria, agora neſte Appendix ao tal Capitulo, te quero participar.

Como

Como na Arquitetura prendem quantos edeficios vem os noſſos olhos, dos quaes ſe adorna a fermoza maquina do Mundo, ſe faz preciſo (pois que tratàmos deſta Arte) mencionar quaes foſſem no Mundo os primeiros, e mayores edeficios. Quem das Divinas letras tem noticia, ſabe que Caim filho de Adam foy o primeiro que edificou Cidade, e a cercou de muros, a que poz o nome de Henoc ſeu filho (1) baſtantes annos depois de eſtar eſte naſcido. (2) Plinio que naõ teve luz das Eſcrituras, affirma que a primeira Cidade, ou povoaçaõ que houve no Mundo, foy Cecropia, fundada por ElRey Cecrope antes dos tempos de Deucaliaõ. (3)

(1) *Ex Geneſi. Joſef. l. 1. Antiq. D. Aug. de Civ. Dei l. 18. cap. 8. Beroſ. de flor. Cald. lib. 1. Chriſoſt. in Gen.*

(2) *D. Aug. ubi ſup.*

(3) *Plin. hiſt. nat. Juſtin. l. 2.*

Eſcrevem outros que Argos foy a primeira Cidade do Mundo, a qual como diz Eſtrabo, he a que o Poeta Homero chamou Pelaſgica, e a fundàra ElRey Phoroneo, da qual Lucano faz menção; naõ ſendo equivocada eſta com outras duas Cidades do meſmo nome, huma Argos em Attica, outra Argos em Achaya. (4)

(4) *Vid. Plin. ſup Eſtrab. l. 1. Geogr Homer. Lucan. l. 6. Pharſ.*

Outros dizem que fora Thebas chamada depois Dioſpolis a Cidade primeira que Phoroneo fundàra, vivendo nos tempos de Jacob: os Egypcios o affirmaõ, e Eſtrabo parece o comprova (5) e finalmente outros daõ à antigua Cidade de Syciaõ (entre todas) a primazia. Só ſe verifica porque a S. Eſcritura o aſſevèra, deverſe a Caim, como diſſemos a primeira fundaçaõ, ſem que

(5) *Eſtrab. l. 17.*

tambem falte quem diga fundàra outras seis Cidades - Mauli, Thehe, Jesea, Celet, Jebet, e a outra que se naõ logrou. (6)

(6) *Philo in Antiq. Bibl.*

As Cidades mais famosas que antiguamente houve no Mundo, de que hoje ha só leve noticia quando nellas tocaõ as historias, foraõ a Cidade de Ebron a que por antonomasia chama o Evangelista S. Lucas Cidade de Judà, e o Cardeal Baronio diz era populosa, e situada nas montanhas de Judéa, em a qual se viaõ as sepulturas dos quatro Patriarcas (que alguns Autores lhe daõ este titulo) Adam, Abraham, Izaac, e Jacob (7) A antigua Cidade de Dan depois chamada Cezarea, em cujo continente se achavaõ os doze Tribus de Israel. (8) A famosa Cidade de Jerusalem antes de sua destruiçaõ; a Cidade de Damasco em que Izaac foy nascido; e finalmente outras naõ taõ celebres por muito populosas, quanto notaveis por antigas.

(7) *Baron. in annal. Hyeron. Natur. Jesu annot. in Luc c. 1. Pedr de Ribadan. Jozef. Carm. l. 3. c. 22.*

(8) *Gabriel. Bermondo Viag. de Egip. l. 2. c. 1. fol. 93. Vincenzo Berdini. hist de la Palestin. p. 1.*

Populosa, e celebre foy a Cidade de Babilonia que Nembrod fundàra na antigua torre de Babel (9) a qual tinha quatrocentos e oitenta estadios, ou dez legoas de circuito, com muralhas de duzentos pès (e mais) de altura, e sincoenta de largura, por sima do qual andavaõ seis carroças a passeyo emparelhadas, com duzentas e sessenta torres: nos muros desta como maravilha do Mundo jà falàmos, e em seu circuito vareaõ os Autores. Competio com esta Cidade a famosa Ninive que de comprido dizem

(9) *Genes. 11. Herodot. Jozefo.*

tinha

tinha a meſma grandeza, outros verificaõ exedia, e tinha muros com cem pès de alto, em que rodavaõ tres coxes de parelha, e ſe afermozeava com mil e quinhentas torres de duzentos pès de altura, logrando em fim mil e duzentos annos de duraçaõ, e mais tivera, ſe o Imperio Aſſirio naõ paſſára aos Gregos, e Babilonios. (10)

(10) *Herodoto l. 1. Arrian. l. 8. Diodor. l. 3. c. 1. e 4.*

Naõ deſmerecem memoria pela grandeza, e fermoſura as notaveis, e antiguas Cidades de Troya, Carthago, Corintho, Lacedemonia, e Athenas (11) a ſempre celebrada Roma, que mereceo ſer cabeça do Mundo, teve no ambito de oito legoas, e meya, quatrocentos e ſincoenta mil vezinhos com ſoberbiſſimos palacios, com fortiſſimos muros, muitas, e altas torres; e para que ſua ſublime maquina, e Arquitetura, em huma palavra diga, de que ſe poſſa colligir o mais, ſó o Amphiteatro de Eſcaulo, ou Sila (ſem ſer o que mais ſe admirava) eſtava ſobre trezentas e ſeſſenta columnas: tinha tres mil figuras de metal, e oitenta mil homens cabiaõ nelle. (12) Baſte por noticia.

(11) *Propert. l. 4. Ovid. Metam. 6. Claudian. Virgil. Æneid. 3.*

(12) *Joaõ Roſſin. de Antiq. Romæ. Andre Fulv. de Antiq. Romæ. Thom. Dempſter.*

CAPITULO VII.

Das Artes de Cavallaria, Alveitaria, e Ferradoria. Mostra os seus ministerios, aponta os seus Inventores, e diz quem foraõ os primeiros que usáraõ de ajaezar os cavallos.

A Arte de Cavallaria que entre todas sempre foy estimadissima Arte, como huma das mais principaes, e mais illustres, porque mais propria do que todas ao exercicio dos mayores principes que o Mundo teve, razaõ porque muitas Naçoens quizeraõ avocar a si este taõ grave como engenhozo invento, tem como as mais opinativo o seu principio, pois a antiguidade lhe deixa admitir diversidade de Inventores.

Cavallo se chama o generoso bruto pella inclinaçaõ que tem de cavar com as mãos na terra (1) e sendo domavel para receber o ensino (principal emprego desta Arte) deu occasiaõ a que alguns Filozofos gentios admitissem verdadeiro discurso ao Cavallo, e o entendimento de Aristoteles se sogeitasse a dizer que tinha memoria, vendo se lembrava do que lhe ensinaraõ. (2) Avicena o comprova (3) Homero, e Virgilio o acreditaõ, admirando com algum discurso a sua fidelidade, e attribuindolhe lagrimas na morte de seus Senhores. (4)

(1) *S. Isidor. l. Etim. Virgil l. 3. Georg.*

(2) *Aristol. l. de Natur.*

(3) *Avicena hic.*

(4) *Homero. Virg. l. 11.*

Na qualidade destes brutos se admite singularidade, e excellencia respectivamente aos terrenos em que nascéraõ: Manoel Fili-

Filiberto Duque de Saboya, Suetonio Tranquilo, Pomponio Mela, Affonço Venereo, Bohemio, Solino, e Abſirto eſcrevèraõ q̃ os que naſcem nas Heſpanhas comprehendendo Portugal, e Caſtella ſaõ mais excellentes, fortes, ligeiros, e fieis do que todos que ha no Mundo, eſpecialiſando os Andaluzes; (5) pelo que o diſcreto Souza Luſitano diz que aquelle celebre Cavallo de Julio Cezar naſcèra em Portugal. (6) Marcial dà primaſia na eſtimaçaõ aos das Aſturias (7) Plinio aos de Galiza (8) Horacio aos de Argos (9) Propercio aos de Elide em Grecia (10) Virgilio aos de Agrigento de Cezilia (11) e Claudiano aos de Cerdenha, Alemanha, França, Corcega, Scythia, Argeo, Irlanda, e Napoles (12)

(5) *Emman. Filibert. Sucton. Tranq. Pompon. Mela. Affonc. Vener. Bohem. Solino. Abſirt*
(6) *Man. de Far. e Souza Epitom. das hiſt. Portug. c. 10. § 13.*
(7) *Martial.*
(8) *Plin.*
(9) *Horat.*
(10) *Propert.*
(11) *Virgil.*
(12) *Claudian.*

De maravilhas da fidelidade de taõ nobre, e generoſo bruto andaõ cheas as hiſtorias: Nizo Senenſe as conta dos que tinha o Emperador Caligula (13) Jeronimo Roman, dos de Ludovico XII. Rey de França; (14) Pineda de hum do Principe Caſtrioto; (15) Filaredo do de Antiocho (16) Homero do de Achiles (17) Plinio do de Nicomedes (18) e ſe de mais quizerem ſaber noticias, leyaõ a Solino, a Plinio no l. 8. a Schede in Chronicon; a Petrarca l. de Utràque fortuna, Dialog. 30. a Pomponio Mela l. 2. cap. 47. a Eſtacio l. 9. a Vincencio in Speculo tom. 1. l. 18. a Eliano l. 6. cap. 47. a Tarquîlo c. 55. a Pontano, Dion, Paulo Jovio, e outros.

(13) *Niſo Senenſ.*
(14) *Jeron. Roman.*
(15) *Pineda.*
(16) *Filaredo.*
(17) *Homer.*
(18) *Plin.*

Mas

Mas discorrendo curiosamente nos empregos desta Arte, escreve Diodoro Siculo que Neptuno fora seu primeiro Inventor (19) Herodoto, que Zebar de Pico (20) e outros que Bellerophonte filho de ElRey Glauco (21) quando sobre o Cavallo Pegazo foy contra a Chimera, como Horacio diz (22) Virgilio escreve que os Peletronios, a que outros chamaõ Lapitas, povos de Thezalia em Grecia foraõ os primeiros que ensinàraõ a arte de domar Cavallos, porque estes primeiro que todos inventàraõ os freyos, e mais arreyos com que se domesticaõ, e governaõ. (23) Apianno diz que os Numîdas praticàraõ o pelejar acavallo, supposto que sem freyos nem jaez algum (24) e Plinio affirma que os de Phrygia inventàraõ o meter cavallos nas corroças ensinando-os para este effeito. (25)

(19) *Diod. Sicul. l. 6.*
(20) *Herodot.*
(21) *Plin. l. 7.*
(22) *Horat. in Cant.*
(23) *Virgil. l. 3. Georgic.*
De his vide Cardan in l. de rer. varietate.
Cel. Rodig. l. 5. & 11. cap 63.
Angel. Polic. in Miscelan.
Gasp. de Rib. in apostil.
(24) *Apian. Alex.*
(25) *Plin.*

No exercicio desta Arte se occupàraõ gostozos Alexandre Magno, o Emperador Carlos V. Julio Cezar, e muitos outros Principes Soberanos dos Reaes Tronos de França, Castella, e Portugal, ficando à primeira nobreza deste Reyno o caracter de Cavalheiros - que ainda hoje com credito concervaõ, deduzido do honrado exercicio de Cavalleiros, que antes tivèraõ seus altos Progenitores, sendo esta a mayor honra de que os Persas muito se prezavaõ, e o mayor favor que os Romanos a algumas pessoas de segunda nobreza permittiaõ.

Esta Arte nobilissima ensina os modos com

com que ſe haõ de domar, enfrear, enſinar, e montar os Cavallos aſſim à brida como à gineta; a conhecer a bondade dos meſmos brutos pelas raças, ſinaes, cores, largura dos peitos, proporçaõ do colo, e feitio da anca; a idade em que ſe haõ de recolher os Potros às Eſtrebarias, a fórma que haõ de ter nas prizoens, o modo com que ſe devem pençar, limpar, e tratar; como ſe haõ de améſtrar nas picarias; como ſe lhe haõ de enſinar habilidades; a idade em que ſe haõ de celar, e enfrear; as cautelas para que ſe naõ desboquem; e o como ſe ha de emmendar os que por fogozos, e eſquentados, ou por froxos, doces, e brandos naõ enfreyaõ, ou por outras muitas razoens que iſto ſuccede.

Inſinua o como ſe deve andar a paſſo, e de andadura; como ſe ha de evitar o empinarem-ſe, e fazer corcovas, quando ſe deve uſar da eſpora; como ſe lhe deve enſinar a fazer lados, entender a perna, e ajudas, a correr carreira com concerto, a fazer trotes, galopes, voltas, e redobres; a puxar os braços, pizar em hum ſó lugar, fazer curvetas, e ſuſpençoens de mãos, lanços, chaças, repeloens, e arremetidas, e voltar de todos os modos; como os haõ de fazer andar na eſcaramuça, correr lanças, canas, juſtas, Patos, alcanzias, e parelhas; tambem o como ſe haõ de enſinar a toirear, e entrar nas Praças com luzimento, e ainda a deſtrar para a Arte Militar.

A Arte de Alveitaria enſina o como ſe haõ

haõ de conhecer, e examinar as idades, achaques, e defeitos dos cavallos; o como, ou por que ſinaes ſe lhe conhecem todas ſuas enfermidades; quaes ſaõ as que os cavallos, e mais beſtas coſtumaõ ter (26) como ſe lhe haõ de curar as fracturas, tumores, toces, inflamaçoens, diſſolaçoens, luxos, poſtemas, fleimoens, areſtins, eſparavoens, chagas, e outras feridas.

(26) *Paſchalio l. 61. Percludio cap. 21. Galen. de mor. Equ.*

A Arte de ferrar he huma mera participaçaõ da de Alveitaria, e nella ſe inclue eſta, a quem ſe permite o exercicio de ſangrar, e carregar os cavallos, e mais beſtas, de curarlhe algumas chagas, e mataduras, de lhe applicar fogo, e cauterios, de eſpalmar, e ferrar os cavallos, remedearlhe as encravaduras, e ferraduras mal aſſentadas.

Deſtas excelentes Artes eſcrevèraõ entre outros mais

Monſieur de la Buſſiniene.	Juan Gomes Eſcamilla.
Monſieur Eſpiney.	Horace de Franchini.
Monſieur del Campe.	Pirro Antonio Ferrato.
Monſieur Rouutay.	
Monſieur de Beaurepe.	Mago Cartaginenſe.
	Paſchoal Gracciolo.
Mareſcal François.	Pietro Creſcenço.
Mareſcal Expert.	Giordano Rufo.
Le Par fait Mareſcal.	Cezar Ruini.
Don Juan de Aries Alva.	Carlo Ruini.
	Gervais Markam.
D. Franciſco Peres Navarrete.	Felippo Scaço.
	Miguel de Paraçuelos.

Bal-

Balthezar Ramires.
Juan Baptiſta Ferrato.
D. Bernardo de Vargas.
Martin Arredondo.
Franciſco Pinto Pacheco.
Dom Manoel Dias.
Publio Vigecio.
Aldroando.
Herman Calvo.
Plagonio.
Redondo.
Abſirto.
Anatolio.
Hierocles.
Diocles.
Theomeniſto.
Colombo.
Pluvinel.
Eugenio Maçano.
Frederico Griſſon.

CAPITULO VIII.

Das Artes Venatoria, Gladiatoria, e Ludatoria. Referem-ſe ſeus primeiros Inventores, coſtumes que obſervavaõ os Antigos, de que ſe extrahiraõ os que ſaõ agora praticados.

A Arte Venatoria que em todos os ſeculos do Mundo mereceo lograr eſtimaçoens grandes, pois ſendo para o exercicio da natureza humana (ſe naõ he com exceſſo grande) muito util, he entre todas a mais divertida, e curioſa, deve ſeu primeiro invento a Diana filha de Jupiter, e Latona, razaõ porque os Gentios a intitulàraõ Deoſa da caſſa, e lhe ſacrificaõ victimas em reverentes holocauſtos. (1)

Mas ſupoſto Diana foſſe pelo Gentiliſmo adorada ſendo como he Deidade fabuloſa, e fementida, em opiniaõ mais ſolida naõ ſe verifica nella eſte invento, mas ſim

(1) *Cicer l. 3. de natura Deorum. Cartario l 6. de Imag Deorum. Joaõ Boccacio l. 5. Genealog. Deorum. Ravis. Text. p. 2. off. Mitol. cap. 8. Natal com. l. 3.*

em Caim, Lamech, Nembroth, e Ezaù, ſendo eſtes os primeiros Caſſadores que o Mundo logo em ſeus principios vio; e andando o tempo ſe participou eſta Arte aos Thebanos, Phrygios, Iſmaelitas, e Idumeos: ultimamente a todas as Naçoens do Mundo, pois nella por todos os Imperios, e Reynos ſe vè gente goſtoſamente exercitada. (2)

(2) *Chriſtov. Soar. de Figueiroa Plaça univerſ. diſc 57.*

Fez o exercicio da caſſa a muitos homens, preclariſſimos, quaes foraõ Ulyzes, Achiles, e Diomedes nas hiſtorias celebrados: a Endimiaõ, Aretuza, Cephalo, Adonis, Helimo, Panope, Hippe, Orion, Parthenio, Animon, Atlanta, Adonis, Pocris Hipolito, e Calixto, os quaes neſta Arte deraõ principio aos creditos do ſeu nome que poſteriormente em outras acçoens abalizàraõ, conſtituindo-ſe para mayores emprezas animoſos, e esforçados.

Pelos mayores Politicos que o Mundo teve, entrou eſta Arte a ſer (mas ſem exceſſo) aos Principes recomendada; e como eſtes ſe naõ ſubordinaõ facilmente a preceitos, Mitridates Rey de Ponto andou à caſſa ſete annos affectivos, ſervindolhe quando à noite ſe deitava de ſobre-ceo o Ceo, pois em todo eſte tempo ſe naõ recolheo ao Palacio. (3) Hum gram Caõ dos Tartaros eſquecido de todo o governo, e ſó na caſſa divertido, ſahia a ella por largo tempo com ſinco mil caens, e dez mil homens caſſadores que ſuſtentava. (4) Outro Rey da Perſia tanto ſe influio na caſſa, que andando dias, e noi-

(3) *Raviſ. Textor in off. verbo venatoris.*
(4) *Bapt. Ramus. vol. 3. cap. 26. Franc Roman. narr. del Rein. de Congo cap. 4 Vincenz. Berdini hiſt. de la Paleſt. p. 2. miſ 36.*

e noites largo tempo com grande comitiva, matou tantas Cabras Silveſtres, e outros animaes com pontas, que ſó das ſuas càveiras poſtas com as pontas viradas para fóra, mandou fazer por galanteyo huma altiſſima, e curioſa torre. (5)

(5) *Pietro de la Vale Viag. di Perſia. lett. 1. adi 17. Março 1617.*

Para o miniſterio da caſſa ſe entende fora Ulyzes o primeiro que de Troya depois de deſtruhida trouxe a Grecia paſſaros, e aves de rapina como Aſſores, Falcoens, Neblis, e outros para o miniſterio da caſſa do ar. (6) Deſtas temos neſte Reyno Perdizes, Codornizes, Rolas, Tordos, Ades, Gançós, Galeiroens, Mergulhoens, Batardas, Pombos, Narcejas, Eſtorninhos, Galinholas, Poupas, Maſſaricos, e Maſſaricos reaes; e de caſſas do chaõ, temos Coelhos, Lebres, Veados, Corças, Gamos, Javalîs, e outras; no Brazil temos Cotîas, Pacas, Tátùs, Caitatùs, Capivaras, Antas, Quatîs, Guaribas, Coxinos, Veados, e Lontras como no Reyno, ſendo eſtas caſſas do chaõ; e do ar temos Motuns, Jâcùs, Papagayos, Jacotingas, Jacupemas, Inhumas, Zabelcis, Jaſſanans, Cavans, e outras infinitas do ar, e chaõ, que naõ repito.

(6) *Belon. Francez. l. 2. de Avibus.*

A Arte Gladiatoria que S. Cypriano eſcrevendo a Donato, reprovou (7) por ſer o ſeu terminativo fim o derramar ſangue humano, e eſta Arte ter tal ſabedoria, que naõ ſó faz a maldade, mas enſina a fazela, teve ſeu principio antiquiſſimo, e ſe entende deverſe o ſeu invento aos Romanos. Del-

(7) *D. Cyprian. Ep. ad Donat.*

la faz menção Julio Capitolino na vida dos Emperadores Maximino, e Balbino, sendo de seus Inventores a idèa adestrar por este principio aos mancebos para que quando fossem à guerra, ou se achassem em algum conflito dezembaraçadamente, e sem temor pelejassem; e os Romanos Emperadores praticavaõ antes de sahirem à guerra, mandar primeiro fazer exercicio aos Gladiadores. Esta Arte se aprende hoje com espada preta para se saber exercitar a branca; e deste curioso exercicio se naõ desprezaõ muitos Cavalheiros, e principaes pessoas.

A Arte Ludatoria que comprehende todos os jogos, e danças, ou bailes, ou a pè, ou acavallo, por opiniaõ de alguns Autores, devem a Hercules filho de Jupiter, e Alcmena o seu invento, sendo o primeiro que os ordenou no monte Olimpo junto a Piza, e Elis Cidades de Arcadia, e em honra de Pelopes se dedicáraõ a Jupiter. (8) Outros affirmaõ que os Povos Datylos de Idà inventàraõ este exercicio (9) e outros que Iphyto restaurou este invento quatrocentos e oito annos antes da destruiçaõ de Troya. (10) Herodoto diz que estes jogos Olimpicos eraõ como contendas, e se faziaõ acavallo (11) dando-se huma Coroa de ramos de Oliveira ao que ficava vencedor.

(8) *Plin. l. 7. Diodor. l. 5. Plutarc. in vita Thæsei.*

(9) *Estrab. l. 8. de Geogr. Diodor. l. 6.*

(10) *Solino.*

(11) *Herod. l. 8.*

Outros antigos modos de jogo havia entre os Gregos, huns se chamavaõ Pithios de que Ovidio faz menção (12) tendo o nome de seu Autor; outros chamados Isth-

(12) *Ovid.*

mos

mos inventados por Thezeo, de que tratão o mesmo Ovidio, e Plutarco (13) aquelles se faziaõ de dia, e estes como encamisada de noite, mas todos acavallo, e armados os Cavalleiros de donde se extrahiraõ os que hoje vemos em toda Europa praticados.

(13) *Ovid. 4. Met. Plutarc.*

Os Antigos Romanos entre outros jogos, e festejos que faziaõ mais Gentilicos, praticavaõ o jogo Circence de que Apiano, Servio, Tulio, e Virgilio tratão (14) este se fazia em hum espaçoso cerco sahindo dous a dous os Cavalleiros emparelhados, e merecèraõ estas festas o titulo de festas Romanas pela sua gravidade. Ainda em Roma se usavaõ outras, a que chamavaõ festas Saturnaes, e no mez de Dezembro se celebravaõ cada hum anno com a mayor solemnidade, sumptuoso apparato, e grande alegria (15) e finalmente usavaõ outros muitos jogos de Cavallaria.

(14) *Apian Guer. civ. Servio sobre o l. 3. das Georgic. Tul. Cicer. Tuoliv. Virgil. l. 5.*

(15) *Marcial. in Geneb. Justin. l. 43. Macrob*

O Jogo do Xadrez que entre nòs se pratica, he taõ antiguo, que foy inventado 3635. annos logo depois de creado o Mundo; dizem fora o discretissimo Xerxes seu autor. (16) O jogo das Tabolas com dados, e o da Péla foy inventado pelos de Lidia em Azia (17) supposto Plinio diga que o jogo da Péla fora inventado por Pytho, que bem o podia ser com diversidade no modo. (18) Do jogo de Dados faz mençaõ Persio com todos os pontos que nelles vemos, e tambem nelles fala Plauto (19) certamente foraõ

(16) *Plutarc. Macrob.*

(17) *Herodoto l. 1.*

(18) *Plin. hic.*

(19) *Persius. Plauto.*

raõ antiquiſſimos; ha opiniaõ ſe foraõ inventados pelos Gregos, ou ſe pelos Romanos, como de Euripedes ſe entende. (20) O jogo dos pares, e nones que os pequenos jogaõ, tambem he antiquiſſimo, e delle faz mençaõ Suetonio Tranquilo na vida do Emperador Auguſto Cezar (21) O jogo pelos dedos (como adevinhaçaõ) huns fexados, e outros abertos, que certamente he galante, e o vi jugar a Italianos, foy tambem antiguamente inventado pelos Gregos. (22)

(20) *Euripedes.*

(21) *Suet. Tranq. in vita Auguſti.*

(22) *Varro.*

A Dança Pirrhica por muito antigua ſe entende foy a primeira; della trataõ muitos autores, e lhe daõ muitos Inventores (23) o certo he que deſta antiquiſſima dança, e daquelles antigos jogos naſcèraõ os infinitos que agora vemos; alguns como Arte ſe aprendem, e com elles (ſe naõ entra vicio) a ocioſidade ſe diverte.

(23) *Plin. l. 7. Sueton. Tranquil. Lucio Apuleyo. Dion. Alicar. l. 7. Solino, Eſtrabo.*

LIVRO UNDECIMO

Vida Laborioſa.

CAPITULO I.

Dos Agricultores, Cavadores, Plantadores, Poceiros, Lavradores, e Valadores. Moſtra quem foraõ os primeiros que ſe occupàraõ neſtes exercicios, e fizeraõ invento para taõ neceſſarios miniſterios.

HE (na opiniaõ de muitos SS. PP.) a vida laborioſa, e ruſtica do campo, aſſim para bem da Alma, como para utilidade de corpo, entre todas excellente vida (1) porque abſtrahida da ocioſidade que he mãy de todos os vicios, a Alma nunca tanto ſe perturba, e com o exercicio ſe faz o corpo ſaudavel. Gentio era Marco Tulio, e o conciderou tambem aſſim, quando em huma Oraçaõ que fez em defença de Roſcio Amerino, diz que a vida camponeza, e ruſtica he melhor do que a vida Civil, pois eſta com os vicios, e laſcivias facilmente ſe corrompe, e aquella he meſtra da temperança, juſtiça, e diligencia. (2)

(1) *D. Auguſt. D. Hyeron. D. Ambroſ. D. Hylar.*

(2) *Cicero in orat. pro Roſc. Amer.*

O primeiro que moſtrou ao Mundo eſta laborioſa vida foy Deos, quando ſem tra-

trabalho, e antes de formar Adam plantou o delicioſo boſque do Paraizo (3) e Adam foy o primeiro que com ſuor do ſeu roſto (4) cavou, e plantou a terra. Bom dezengano era eſte para os grandes, altivos, e ſoberbos do Mundo: lembrarem-ſe que ſeu primeiro aſcendente foy hum pobre cavador de enxada.

(3) *Geneſ.* 1. *caſ.* 2. *v.* 8.

(4) *Cicer. l.* 2. *de natur. Deor.*

De Adam ſe participou a ſeus filhos o miniſterio, e delle herdàraõ os trabalhos. Cicero quiz verificar fora a Deoſa Ceres Inventora primeira da Agricultura (4) Jozefo com opiniaõ mais ſolida atribue a Caim filho de Adam eſte invento (5) pois ſora elle o primeiro que achou o modo de lavrar a terra; e ſendo eſte o Agricultor primeiro com ſeu trabalho, tambem foy o primeiro que em a terra poz plantas, e ſemeou; eſte tambem o primeiro Valador, e o que inventou primeiro pôr balizas em arcos nas fazendas para ſaber cada hum o que era ſeu. (6)

(5) *Jozef. l.* 1. *Ant.*

(6) *Jozef. ubi ſupr.*

Correndo o tempo, como Deos pelo peccado de Adam tinha amaldiçoado a terra, e produzia eſpinhos (7) eſcreve Servio que para eſta procrear, inventàra Pitumno o lançarlhe eſterco, razaõ porque lhe chamàraõ Eſterquilino (8) e cuidando mais os homens na Agricultura, ſendo pela neceſſidade preciſados, continuàraõ a çavar a terra, e porlhe plantas, do que Noè depois que ſahio da arca foy o primeiro inventor, e por ſua propria maõ plantou a vinha (9) e lhe

(7) *Geneſ* 3. *v* 17.

(8) *Servio in l.* 9. *Eneid.*

(9) *Jozef. l.* 1. *ant. Geneſ c.* 9.

lhe colheo o primeiro fruto, plantandolhe tambem as mais arvores, pois Deos por sua misericordia permittia jà que produzissem; e advirto que o invento de Pitumno foy posterior.

Os antiguos que naõ tivèraõ luz das Escrituras, com siniſtro acordo diversamente escrevèraõ, e tendo a Deosa Ceres (como dissemos) por primeira Inventora de toda a Agricultura (materia que em outra parte deste tomo jà tocàmos) em opinioens se dividiraõ. Atheneo escreve que as vides para plantar vinha foraõ inventadas junto do monte Ethna em Cezilia por Oresteo filho de Deucaliaõ. (10) Plinio diz que Eumolpho natural de Athenas foy o primeiro Agricultor que plantou vinhas, e as mais arvores. (11) Diodoro diz que o inventor de todas as arvores, e vinhas, e mais plantas que caressem de agricultura, foy Bacho que chamàra Oziris. (12) Propercio diz que o Inventor de tudo isto foy Icaro pay de Penepole em Athenas. (13) Servio, e Virgilio dizem que Minerva achàra a Oliveira, e inventàra em Athenas o azeite. (14)

(10) *Atheneo.*

(11) *Plin. l. 7.*

(12) *Diodor. l. 4.*

(13) *Proper. l. 2. Eleg.*

(14) *Diodor l. 6. Servio. Virgil.*

Nesta materia só mais se verifica o que refere Euzebio fundado no mesmo dizer de Plinio (supra) que a bebida inventada por Dionisio, ou Bacho fora Cerveja feyta de cevada, porque naquellas terras, e em todo Egypto se naõ produziaõ, nem criavaõ vinhas (15) assim como nos Paizes, e terras do Norte ainda hoje, por isso se usa de cer-

(15) *Euzeb. l. 11. de Præpar. Evang.*

veja, e de fóra ſe levaõ os vinhos. O primeiro que os moſtrou a França foy Arunthe natural de Hetruria em Italia. (16)

(16) *Plutarc in vita Camili.*

O Miniſterio da lavoura foy ſempre muito eſtimado, e andando neſta occupaçaõ Cincinato, foy de Lavrador eleito Ditador, e Emperador Romano: o meſmo ſocedeo a Curio, e outros (17) mas naõ ſó entre os Romanos, porque em outros Reynos, e Naçoens ſe vio a lavoura exercitada pela propria maõ dos meſmos Principes, e Monarcas: nella ſe occupàraõ Attalo, Archelao, Hieron, e Philometer (18) A Xenophonte (como Cicero teſtefica) parecia naõ haver occupaçaõ mais propria de hum Principe, que a lavoura (19) Tem toda a Nobreza. (19)

(17) *Cicero. Caſſan. in catalogo glor. mundi concid. 37. vide.*

(18) *Plin.*

(19) *Tul. in cato. Tex. in l' Nunquam l.Colon. 15.l.1. cod. de Agricolis.*

Mas porque os antigos praticavaõ com trabalho exceſſivo o lavrar à mão ſem mais ajuda, nem inſtrumento que hum agudo pao, como os hiſtoriadores dizem, foy Briges no ſentir de Plinio, Oziris no parecer de Servio, e Tripolemo na opiniaõ mais comprovada de Virgilio, e outros, o primeiro que inventou a fórma de arado (20) ſe he que Ceres o naõ foy, pois dizem inventàra toda a ferramenta de que ſe uſa para lavoura, e mais cultura. (21)

(20) *Plin l. 7. Servio. Virgil.*

(21) *Virgil. Servio.*

E porque a terra para a produçaõ das Plantas padecia eſterilidade de agoas, entrou o engenho dos homens a cavar, e fazer poços para das entranhas da meſma terra as extrahir, do que eſcreve Plinio fora Da-

nao

nao primeiro Inventor vindo do Egypto a Grecia (22) mas certamente he paradoxo; porque a Escritura Sagrada encontra este dizer, verificando que Abraham, e Isaac, e depois delles os Hebreos quando com Moysés sahiraõ do Egypto, fizèraõ (cavando) em os dezertos muitos poços (23) e isto foy no ajustado computo dos Escritores, naõ menos que 393. annos antes que Danao nasceste neste Mundo.

(22) *Plin. l. 7.*

(23) *Genes. 16.*

Foy o tempo mostrando mais esperiencias aos homens, e querendo modificar o seu trabalho, principiàraõ a domar, e domesticar os Bois; pelo que escreve Diodoro fora Dionisio segundo filho de Jupiter, e Prozerpina o primeiro que os meteo no arado a lavrar a terra (24) suposto outros dizem que foy Ceres, outros que Briges, e outros que Tripolemo (25) Em Hespanha refere Tibulo fora ElRey Abides o que ensinàra àquelle povo ainda barbaro, e rustico a lavrar com Bois em o arado. (26)

(24) *Diodor. l. 4. e l. 5.*

(25) *Plin. Virg.*

(26) *Tibulo.*

Jà aberta, lavrada, cavada, regada, e cultivada a Terra, quiz a providencia de Deos como Creador de tudo, que mediante o trabalho humano (para se verificar sua palavra Divina (27) a terra procreasse naõ só espinhos, mas flores, naõ só plantas, e arvores Silvestres, mas frutiferas, para que com seus delicioso pomos os homens se sustentassem, havendo-os só anteriormente no inaccecivel Paraizo. (28) Por diversos Reynos, e Provincias foraõ com muita no-

(27) *Genes. sup.*

(28) *Genes. sup.*

vidade aparecendo: Em o anno 680. da fundaçaõ de Roma trouxe as primeiras Cereijas das partes de Pontho a Italia Lucio Lucullo (29) e no tempo do Emperador Auguſto Cezar lhe trouxe Sexto Papinio de Africa por novidade humas pequeninas Maçans; depois aparecèraõ Figueiras, e outras mais arvores frutiferas, que de humas a outras Naçoens ſe participàraõ.

(29) *D. Hyer. teſt.*

Principiaraõ-ſe a tranſplantar, e enxertar por diverſos modos as arvores, e plantas, e diz Macrobio que deſta acçaõ foy Saturno o primeiro Inventor. (30) Columella explica os taes modos (31) Valdecebro as propriedades, Dioſcorides as virtudes, ſendo talvez, que de todos Plinio a fonte. Deſta ſorte conduzidas humas, tranſplantadas outras, e outras por diverſos modos enxertadas, ſe achaõ em o noſſo Portugal como Jardim do Mundo as mais peregrinas flores, as mais engraçadas plantas, as mais goſtoſas hortaliças, os mais ſaudaveis legumes, e as mais delicioſas frutas, que por dezempenho, ou credito da Agricultura, e ſingular bondade do terreno, nenhum outro Reyno as tem em tanta variedade, e abũdancia, nem taõ boas; e falando ſó nas frutas ordinarias de Portugal, e Brazil ſua Conquiſta, temos. No Reyno

(30) *Macrob. l. 1. Saturnal.*

(31) *Columel. lib. de Arbor.*

Figos de diverſas caſtas.	Peros de diverſ. caſtas.
Uvas de diverſ. caſtas.	Maçans de div. caſtas.
Peras de diverſ. caſtas.	Laranjas da China, doces, e azedas.

Li-

Limoens doces, e azedos.	No Brazil temos entre outras
Limas doces, e azedas.	Limoens, e Limas como no Reyno.
Ameixas de diverſas caſtas.	Melancias como em Portugal.
Ginjas garrafaes, e Galegas.	Bananas.
Cerejas de diverſas caſtas.	Batatas.
Marmellos camoezes, e galegos.	Annanazes.
Melancias, e Meloens.	Araſſazes.
Pecegos, e Romans doces, e azedas.	Goyabas, Supocaias.
Damaſcos, e Frutas novas.	Mamoens.
Abrunhos, Amoras, e outras.	Mangas, Càjuzes.
	Cocos, Aningas.
	Carnaûbas.
	Araticuapés.
	Araticupanans.
	Marmeladas.
	Janipapos.
	Jacas, Ubaias, Embús.

CAPITULO II.

Dos Aceifeiros, Ataſoneiros, Moleiros, Padeiros, e Forneiros. Moſtra-ſe ſua origem, e ſeu utiliſſimo Invento.

MIl modos tem o homem de ganhar a vida com o ſuor do ſeu roſto, e alguns ha para a concervaçaõ commua taõ precizos, que o Mundo padeceria, ſe o homem por neceſſitado naõ ſe ſogeitaſſe; porque como a noſſa natureza mais appetece o deſcanço que a fadiga, ſe tiveſſem todos abundancias, fugiriaõ

giriaõ todos com o corpo ao trabalho.

Achado jà o invento da cultura, lavoura, e cementeira de trigo, e enfadados os homens do ruſtico alimento de Bolotas com que atè eſte tempo ſe ſuſtentàraõ (1) havendo de aceifar, ou cegar o paõ recolhendo o fruto do ſeu trabalho, e tendo-o naõ menor neſte laborioſo exercicio, eſcreve Plinio que Ceres fora inventora do modo, e os enſinàra (2) ſendo tambem a que primeiro inventou a fouce para eſte effeito. (3)

(1) *Plin. l. 7.*

(2) *Plin. l. 7. Diodor. l. 6.*
(3) *Virgil.*

Juſtino em ſeu Epitome he de opiniaõ que Triptolemo nos campos da Cidade de Eleuzis, ſendo Ericteo Rey de Athenas inventàra, e enſinàra aos homens aceifeiros o como haviaõ de cegar com fouce. (4) Ovidio diz que Triptolemo fizera eſte invento em Grecia, e Azia (5) e eſte invento atribue Tibulo a Oziris. (6) Eu tenho por mais certo que Caim filho de Adam ſendo o primeiro que lavrou, e ſemeou, tambem foy o primeiro que no trigo poz a fouce, cegando, e enfeixando, pois he antiquiſſima eſta acçaõ deſde o povo Hebreo, como ſe collige do Sacro Texto, e do ſonho de Jozè do Egypto quando lhe pareceo eſtava com ſeus Irmãos atando em o campo fexes de trigo jà cegado, ou aceifado. (7)

(4) *Juſtin. in Epit. l. 2.*

(5) *Ovid. Faſt. 4.*
(6) *Tibul.*

(7) *Vid. S. Pag. hic & in diverſ.*

He de crer que antes de algum outro Invento, uſariaõ do trigo os antigos na meſma fórma que antes de deſcuberto uſavaõ das bolotas, pois, ou crù, ou torrado, ou coſido em agua ao fogo, o comeriaõ; porque

que naõ tinhaõ outro modo. Diodoro Siculo, e Plinio eſcrevem que Ceres foy a primeira que em Athenas, Italia, e Cezilia deu exercicio a Atafoneiros, e Moleiros, pois de moinhos, ou atafonas foy a primeira Inventora. (8)

(8) *Plin. l. 7. Diodor. Sicul. l. 6.*

Servio eſcrevendo ſobre o livro nono da Æneida, he de diverſo parecer; porque diz tivera Pitumno (já mencionado) a outro irmão chamado Pilumno, e eſte fora o Inventor das atafonas, ou moinhos para ſe moer o trigo, pela qual razaõ era muito honrado dos moleiros, e atafoneiros, a quem os antigos chamavaõ Piſtores, e Pizores. (9)

(9) *Servius in l. 9. Æneid.*

Para do trigo jà moido em farinha ſe fazer paõ houve naõ menor difficuldade em o modo, pois ainda neſte tempo nem padeiros, nem forneiros tinhaõ exercicio, e os naõ havia; atè que ſe inventou o fazerſe da farinha amaſſada com agua, paõ que ao principio ſempre era aſmo, e primeiro o coziaõ ao fogo como bolos a que chamamos - do borralho, e ultimamente em fórno, de cujo invento, diz Plinio, naõ houvera noticia em Italia, ſe naõ depois da guerra de Perſia, que foy pelos annos 580. da fundaçaõ de Roma, e entaõ houve Pádeiros, e Forneiros. (10)

(10) *Plin. c. 11. libr. 18.*

Com a ruſticidade dos antiguos era facil, e boa de accomodar, e faltos de noticia, naõ eraõ coſtumados a manjares perfeitos, e delicados, pois a neceſſidade os compelia

pelia a comer frutas ſilveſtres, perſuadome a que talvez naquelle tempo primeiro os Pàdeiros, e Forneiros amaſſariaõ, tenderiaõ, e cozeriaõ o ſeu paõ, fazendo-o naõ ſó de toda a farinha, mas com toda a ſemea, e farello; porque muito depois ſe inventàraõ em França as joeiras, cirandas, e pineiras groças, que ſe faziaõ de ſedas de cavàllo (como eſcreve Plinio, e em Heſpanha ultimamente ſe inventáraõ as pineiras finas, que ao principio ſe faziaõ de linho, e no Egypto de juncos, e papel, em Italia finalmente de ſedas. (11)

(11) *Plin. de ſupr. dictis lib* 18.

Mas naõ obſtante tudo o dito, pondo os olhos na Sagrada Eſcritura, encontro nella Jacob mandando ſeus filhos ao Egypto comprar paõ (12) e ſendo os Hebreos ſem duvida aquelles que primeiro deraõ à terra cultura, e ſemeàraõ o trigo, naõ ſem razaõ me capacito ſeriaõ tambem elles os primeiros inventores de ſe fazer do trigo, paõ, e do Texto conſta o foraõ buſcar, porque famintos. (13)

(12) *Geneſ c.*42.

(13) *Geneſ. ubi ſupr.*

Memoravel foy eſta fome; e de nove faz mençaõ a Eſcritura, que a todas experimentàraõ os Hebreos. A primeira foy logo no principio do Mundo vivendo Adam, e Eva (14) a ſegunda vivendo Lamech; (15) a terceira no tempo de Abraham (16) a quarta no tempo de Iſaac (17) a quinta no tempo de Jacob (18) a ſexta no tempo de Boos, e Ruth (19) a ſetima no tempo de David [20] a oitava no tempo de Elias

(14) *Geneſ.* 1.
(15) *Geneſ.* 5.
(16) *Geneſ.* 12.
(17) *Geneſ.* 16.
(18) *Geneſ* 42.
(19) *Ruth.* 1.
(20) 1. *Reg.* 21.

Pro-

Profeta [21] e a nona no tempo de Elizeo em Samaria. [22]

(21) 3. *Reg.* 17.

(22) 2. *Reg.* 6.

De huma notabiliſſima fome ſe faz menção no Teſtamento novo, a qual vaticinou Agabo Profeta, e eſta preocupou ao Mundo todo deſde Levante a Poente, vendo-ſe precizados os homens a comer raizes da terra (23) naõ ſeria eſta taõ temida em certos Paizes da Noroega, ſe he certo o que Bartolini, e Niculó Angelo Tinaſſi eſcrevèraõ: que alli ſe faz huma certa caſta de paõ; que ſe lhe concerva, e dura quarenta, e mais annos amaſſado ſem corrupçaõ, tanto melhor quanto mais antigo; he coſido entre pedras (parece que de ſevada, e trigo) mas pòde hum homem ſem temer a fome, fazer de huma vez paõ para toda a vida. (24)

(23) *Acta Apoſt. c.* 11.

(24) *Thom. Bartol. l.6. de la Medicina de Popoli de Dinam. Niculó Angelo Tinaſi Giornale de Literati del* 1669.

CAPITULO III.

Dos Cozinheiros, Paſteleiros, Confeiteiros, Azeiteiros, Taverneiros e Queijeiros. Moſtra quem, quando, e como ſe inventàraõ diverſidade de iguarias nas mezas, e ſobremezas para goſto, e regallo do corpo humano.

JÁ no capitulo antecedente fica dito a parcimonia que talvez por neceſſidade obſervàraõ os primeiros povoadores do Mundo, e coſtumando eſtes ſó comer para viver, os ſeus deſcendentes primeiros ſó coſtumavaõ viver para comer; que como ſaõ appetencias da natureza humana, ſupoſto ſeja Filoſofia certa, que ninguem apetece o mal, ſe naõ com apparencias

(1) *Com. Philozof.* de bem (1) achàraõ finalmente eſte bem, e muito à ſua cuſta vieraõ a experimentar o mal, pois que ſem deſpezas nutrindo-ſe os antiguos com o que a terra voluntariamente produzia, depois ſe lhe corrompeo a natureza com as iguarias que para proprio appetite inventàraõ.

Entrou-ſe a cuidar no modo com que o corpo tiveſſe regalados, e ſaboroſos mantimentos, e naõ ſe praticando neſtes algum genero de tempero, deu Coco aos cozinheiros nome, e principiou a haver cozinhas, e Cozinheiros. Hiperboreo filho de Marte diz Plinio fora o primeiro que matàra Boy (2) mas entendo que ainda a eſte tempo ſe fazia o que eu vi obrar aos Gentios com que lidey, guardando o primitivo inſtituto, pois matando qualquer Âve, ou animal quadrupede, da meſma ſorte que o criàra Deos, aſſim ſó deſpedaçado, e ſem mais modo nem tempero o aſſavaõ mal em eſpetos de pao, e o comiaõ.

(2) *Plin. l. 7.*

Como nenhuma couſa ao principio tenha ſer perfeito (3) foraõ os antigos pouco a pouco fazendo inventos, e ja ſobre as carnes que aſſavaõ, coſtumavaõ lançar bagos de trigos, e vinho (4) a tempo que eraõ jà paſſados baſtantes annos da Creaçaõ do Mundo, pois ainda muitos depois refere Aſclepiades, natural de Chypre, que reinando Pigmaleaõ no Oriente naõ havia ainda o uſo de comer carnes (5) e Cheremon Eſtoico eſcreve que os Sacerdotes Egypcios nem

(3) *Fabio Quintiliano.*

(4) *Virgil.*

(5) *Aſclepiades.*

nem ainda ovos, ou leite comiaõ, dizendo que os ovos era carne clara, e deſtilada, e o leite ſangue ſó demudado na còr (6) e os Indios Brachmanes, como Euzebio teſtefica, naõ comiaõ couſa que padeceſſe morte. (7)

(6) *Cheremon.*

(7) *Euzeb. l. 6. de Præp. Evang.*

Eſte coſtume obſervàraõ muitos annos os Gregos, Cretenſes, Athenienſes, e Babilonicos, como eſcrevem Euripides, e Xenocrates (8) e da meſma ſorte os Eſpartanos ſeguindo as Leys Cibarias de Lycurgo (9) atè que ſe demaſiàraõ os Gregos, e em ſua imitaçaõ os Romanos havendo logo cozinhas, e tendo exercicio grande os Cozinheiros, inventando-ſe pelo tempo adiante infinita variedade de iguarias que ſe davaõ em publicos, e eſplendidiſſimos banquetes, tendo que fazer os Paſteleiros, Concerveiros, e Confeiteiros logo deſde o tempo que ſe deſcobriraõ os materiaes conducentes para eſta variedade de viandas que eſtamos vendo praticadas.

(8) *Euripedes Xenocrates.*

(9) *Valer. Max.*

Chegou iſto a tal exceſſo (ſendo jà inventado por Mizor, e Selech o uſo do ſal) que para naõ faltar em qualquer tempo o regalo, inventou Marco Lelio viveiro grande de Aves (10) e depois o imitou em Roma o Emperador Alexandre, como refere Lampridio (11) Outros os fizèraõ de peixes. Hirpino inventou o fazer tapadas para nellas terem prompta caſſa groſſa, e miuda para os banquetes (12) como hoje vemos ter ſó para divertimento os Principes, e pa-

(10) *Plinio.*

(11) *Lamprid.*

(12) *Plin. l. 8.*

ra utilidade propria alguns particulares. Em Inglaterra he mais commum. Para evitar os exceſſos eſtabaleceo Catão Leys Cibarias em Roma; mas no Egypto gaſtou Cleopatra duzentos e ſincoenta mil ducados ſó em huma cea (13) Naõ falo no banquete de Balthezar, e outros de que a Eſcritura falla.

(13) *Plin. l. 9.*

Os Azeiteiros, em cujo nome comprehendo os Lagareiros, iſto he, os que fabricaõ, e vendem o azeite, tambem tem muito antiguo o ſeu principio: Cicero, e Diodoro atribuem, ou a Minerva, ou a Ariſteo o ſeu invento (14) porque dizem os enſinàraõ a extrahir da azeitona o azeite; mas Juſtino affirma que os Athenienſes foraõ os que primeiro delle uſáraõ, e o vendèraõ. (15) Herodoto entende que eſta acçaõ foy primeiro dos da Cidade de Epidauro (16) mas Plinio aſſenta que Ariſteo Athenienſe foy o que inventou os lagares, e moinhos de azeite, que uſára deſte, e ſe principiava a vender.

(14) *Cicer. l. de Natur. Deor. Diodor. l. 5.*

(15) *Juſtin l. 13.*

Eu quaſi ſuponho eſtas opinioens apocrifas, lembrando-me, diz a S. Eſcritura que no tempo de Noè ſahira da arca huma Pomba, e quando a ella tornàra, levava hum ramo de Oliveira no bico (16) e Jozefo nas Antiguidades Judaicas diz que jà Moyſés uſava de azeite, por melhor concervar o lume para os Sacrificios (17) e tudo iſto he muito mais antiguo do que o que contèm as opinioens referidas, e expoſtas.

(16) *Geneſ 8.*

(17) *Jozefo de Antiquit.*

Os primeiros Tarverneiros (iſto he) os pri-

primeiros que publicamente abriraõ taverna, e puzèraõ caza para vender vinho, diz Herodoto que foraõ os de Lydia em Azia; e como eſtes tinhaõ ſido inventores de muitos jogos, para hum, e outro effeito abririaõ a paleſtra. (18) Com ſuperſtiçaõ antigua, mas gracioſa inventou Staphilo filho de Sytheno a miſturar, e lançar agua no vinho. (19)

(18) *Herodoto.*

(19) *Diodor. Sicul. l. 5. Plinius.*

O invento de coalhar o leite, e queijar, dizem Diodoro, e Plinio ſe deve a Ariſteo, pois foy o primeiro que o fez (20) e Gorgoris, como Juſtino eſcreve, inventou tirar o mel (21) mas diſcorre com opiniaõ mais ſegura quem attribue aos Hebreos eſtes inventos; porque certamente foraõ os que primeiro uſáraõ de leite, e mel (22)

(20) *Diodor. Plin.*

(21) *Juſtin. l. 44.*

(22) *Jozef. Ant.*

CAPITULO IV.

Dos Oleiros, Paneiros, Sombreireiros, Tintureiros, Tendeiros, e Pineireiros. Moſtra ſe quem foraõ os Inventores deſtes exercicios, e os que primeiro neſtes miniſterios ſe occupàraõ,

NO tempo em que os homens viviaõ à providencia de Deos com a generalidade que no Mundo vivem todas as mais creaturas, naõ cuidavaõ tanto no regalo, e alinho do ſeu corpo, como hoje, em que parecendo a alguns que huma camiza de fino linho lhe offenderà o coiro, ſe naõ contentaõ ſem as uſar de cambraya, ou hollanda, que lhe naõ mortifique a pelle: naõ repàraõ na ſuperfluidade

dade do cuſto, por naõ privar de delicias a carne.

Aſſim meſmo podiaõ viver ſem Olarias, pois ou o Sol com a virtude dos ſeus rayos lhe miniſtrava nas plantas, e pomos o ſuſtento, ou o fogo ſem mais que o intenſo de ſuas chammas lhe preparava as iguarias com que ſe coſtumaõ ſuſtentar; mas como ſe prevaricou no interior, e exterior a humana natureza, foy erradamente permitido que o corpo exteriormente ſe veſtiſſe, aſſim como o individuo interiormente ſe trataſſe.

Em fim: inventou-ſe a Olaria, e houve logo o Officio de Oleiro em o Mundo; diſcordaõ os Eſcritores (como ſuccede em tudo o que he antiguo) em quem foſſe o primeiro inventor de Olaria. O meſmo Plinio ſe encontra; porque no capitulo 7. de ſua hiſtoria dà por inventor a Chorebeo natural de Athenas, e no livro 35. aponta a Dibutades por ſeu primeiro inventor (1) moſtrando-o natural de Sycionio, e factor deſte invento em Corintho.

(1) *Plin. l. 7. Plin. l. 35.*

Outros dizem que Rheco, e Theodoro na Ilha de Samo foraõ os primeiros inventores da Olaria; outros que Demaratho natural de Chorintho, pay de Tarquino Priſco, a quem acompanhàraõ Eugrammo, e Euchiro indo deſterrado para Italia, e naquelle Paiz deixáraõ eſtes o tal invento. Liſiſtrato natural de Sicionia, e irmaõ de Liſſippo foy o primeiro que fez obras de barro

por

por molde, e daqui se foy inventando o fazer vazos, e toda a mais louça. (2)

(2) *De tudo o contheudo Vide Plinium.*

Mas porque toda sorte de louça que se fazia era à maõ, ou quando muito por moldes, entrou Anacharsis Filosofo natural de Scythia a facilitar este projecto inventando a roda em que os Oleiros trabalhaõ, como alguns Authores dizem (3) e para, até em materia taõ ligeira haver opinioens, Homero o contradiz, e Diodoro affirma ser este invento de Thaleo sobrinho de Dedalo (4) outros querem fosse Hyperbio natural de Coryntho, o inventor.

(3) *Plin. li. 7. Diogenes Laertio l. 1. Estrabo l. 7. Ephoro, & alii.*

(4) *Diodor. l. 5.*

Sabido pois que os Paneiros saõ entre nòs aquelles que só tem a incumbencia de publicamente vender panno de linho, e outros generos semelhantes, pelos quaes, outras naçoens entendem os que fabricaõ o mesmo panno, e a estes chamamos nòs teceloens, ou tecedeiras, por ser ministerio em que neste Reyno ordinariamente se occupaõ molheres, deixando aos homens o exercicio de tecer pannos de lan, bem he que por naõ fazermos confuzoen,sdeixemos isto para quando do tal officio tratamos.

Os Sombreireyros (derivado o vocabulo do nome Hespanhol - Sombrero) pelos quaes entendemos os que fabricaõ chapeos, denominando só Chapeleiros aos que depois de feitos os vendem, trazem naõ tanto antiguo, quanto obscuro o seu principio; porque costumando os antiguos trazerem sempre as cabeças descobertas, naõ se pòde verificar

rificar o tempo em que os chapeos, ou carapuças principiàraõ a ter uſo. De agulha (como hoje vemos muitas) ſe entende foraõ inventadas pelos de Phrygia habitadores do monte Yda, que neſta obra de agulha ſe occupavaõ, digo das carapuças; e dos chapeos que ſó aos Principes, e Senhores ſe permitiaõ, entendem huns, que foraõ os Athenienſes primeiros Inventores; outros, que os Toſcanos, e outros que os Britanos, pois foraõ eſtes os primeiros que para ſemelhante obra uſáraõ do pello de animalejos. (5)

(5) *Vide Euzeb. Varronem. Juſtinum. Servium.*

Os Tintureiros na opiniaõ de Plinio trazem ſeu principio dos da Cidade de Sardis em Lydia, os quaes foraõ primeiros Inventores de tingir as lans, mas naõ eſpecifica de que cores, ou com que tintas. (6) Polux em o livro primeiro ao Emperador Commodo diz por opiniaõ dos Tyrios que Hercules inventàra o Carmezî. (7) O meſmo Plinio mencionado diz que de huns pequenos pexes que ſe criaõ em huma conxa, quando feridos ſe tirava huma tinta que tinhaõ na graganta de q̃ uſavaõ antiguamente os Tintureyros, e era a còr como de Roza. (8) Ainda o meſmo Plinio aponta outra tinta extrahida tambem de outro ſemelhante pexe a que chamavaõ Murex, ou Conchylium. (9)

(6) *Plin. hic.*

(7) *Polux l. 1. de Verbis idoneis ad Commod. Imperat.*

(8) *Plin. l. 9. c. 36.*

(9) *Plini ubi ſupr.*

Os Tendeiros (que aſſim chamamos aos que em pequenas loges coſtumaõ vender varios generos comeſtiveis, e naõ comeſtiveis, e às de mais porte denominamos - loges

ges de Mercearia) tem antiguo o seu principio; destes com especialidade falla Tulio Cicero, e reputa o seu exercicio por cousa baxa, e vil (10) se tem seu emprego em cousas ordinarias. Herodoto diz que foraõ inventores deste ministerio os de Lydia. (11) Jozefo diz que o costume de comprar, e vender he quasi desde o tempo de Noè. (12) Os Pineireiros tivèraõ em Hespanha o seu principio, em França o seu invento; no Egypto, Italia, e mais Reynos da Europa o seu exercicio. Vejaõ o cap. 2. deste 11. livro.

(10) *M.Tul. Cicer. l.1.Offitior.*

(11) *Herodot.l.1.*

(12) *Jozef.l 1 ant.*

CAPITULO V.

Das Fiandeiras, Tecedeiras, Costureiras, Rendeiras, e Lavandeiras. Mostra-se a antiguidade, e Origem destes ministerios, e quem os inventou para limpeza, e tratamento do corpo humano.

SEndo Deos como he em todas suas obras admiravel, o he naõ menos em sua alta Providencia; pois insinuando aos homens que ponhaõ os olhos nas Aves, e observem como se trataõ, que conciderem os Lirios do campo, pois sem trabalhar, nem fiar se vestem (1) fia das humanas creaturas se utilizem com seu trabalho, fiando, tecendo, e cozendo o linho, que feyto em panno servisse para cobrir a nossa nudêz, e para isso o criou, depois que a mais fatal miseria fez a nossos primeiros pays abrir os olhos. (2)

(1) *Math.c.6.*

(2) *Genes. 3.*

Quem fosse a primeira creatura que ten-

do conhecimento da erva, a que chamamos linho - entaõ por obra da Natureza naſcido, agora por diligencia, dos homens ſemeado, ha opinioens como em tudo: Plinio diz que Arachne donzella, natural de Lydia fora a primeira a que ſe atribue eſte invento. (3) Ovidio no ſeu Methamorphozi diſto meſmo faz menção, expondo que Arachne como foſſe muito ſabia em o fiar, e tecer, tivera huma contenda grande com Minerva, a qual a converteo em Aranha. (4)

(3) *Plin. l 7.*

(4) *Ovid. 4. Metamorphos.*

Mas obſervado bem, o meſmo Plinio no mencionado livro ſe contradiz; pois refere que os Egypcios inventàraõ as artes, e modos de tecer. (5) Outros alludindo à fabula de Ouvidio dizem que com effeito Minerva fora a inventora de todos os tres miniſterios, fiar, tecer, e cozer, pelo que os antiguos chamavaõ a eſtes miniſterios - Arte de Minerva. Outros aſſeveraõ que Pallas inventàra o fazer rendas, ou que eſtas tivèraõ principio com agulhas, chamandoſelhe antiguamente - apegamentos.

(5) *Plin. ubi ſup. l. 7.*

Auzonio, e Ouvidio celebres Poetas attribuem com ſingularidade a Pallas o invento de fiar, e tecer, moſtrando-a neſtes exercicios eminentiſſima (6) mas Cloſter filho de Arachne, como verifica Plinio, foy o primeiro que para fiar inventou os fuzos. (7) Em Italia ſe prohibia por Ley expreſſa que nenhuma mulher ſahiſſe ao campo com roca na cinta, nem foſſe fiando por lugares em que ſe achaſſe trigo ſemeado, pois ti-

(6) *Ovid. in Arte amandi. l. 1. Auzon.*

(7) *Plin.*

nhaõ

nhaõ niſto ſuperſticioſamente mau agouro. *

* *Toca a mattria deſte cap. no 19. do 1. livro deſta obra.*

Mas tudo o ditto reputaremos apocrifo ſe olharmos para as letras Sagradas; porque os Hebreos com muita anterioridade praticàraõ o uſo do linho (8) ſupoſto que no Deuteronomio o uſo de veſtiduras tecidas de lan, e linho foſſe prohibido (9) mas poſteriormente, ou ſó de linho, ou ſó de lan foraõ permitidas, hoje de toda, e qual ſorte ſaõ com muita vulgaridade uſadas.

(8) *Coliç. ex Sacr. Pag. Exod. 9.*

(9) *Deuter. 22. Joſue 2.*

E porque o linho depois de fabricado, feito em panno, cortado em roupa, coſido, ou com rendas, ou ſem ellas, e trazido no corpo, ou pelos ſudoriferos excrementos ſe enxovalha, ou por qualquer outra cauſa ſua alvura, e candidez ſe macùla, foy preciſo que a razaõ natural fizeſſe nos rios de agua lavar a roupa, tendo com eſte miniſterio as Lavandeiras exercicio de veraõ laborioſo, e muito mais trabalhoſo de Inverno; e para que em tudo houveſſe providencia, inventou Nicias Megarenſe o lavarſe a roupa com ſabaõ, que elle primeiro fabricou, para a branquear. Plinio he de contrario ſintir, porque aos Francezes he que atribue eſte invento. (10)

(10) *Plin. l. 28. cap. 12.*

CAPITULO VI.

Dos Alfayates, Bordadores, Algibebes, Capateiros, e Curtidores. Moſtra-ſe quem de todas eſtas Artes foraõ os primeiros Inventores, que coſtumes obſervàraõ, e que antiguidade tivèraõ.

BEm podiamos ſem temeridade dizer que o officio de Alfayate he officio do peccado; pois o primeiro peccado fez ao primeiro homem Alfayate, quando ſem moldes, e ſem tezoura, por naõ ter donde cortar, naõ de fino panno, e luſtroſa ſeda, mas de verdes folhas para ſi cozco a primeira gala (1) que lhe ſervio de cazaca, e de camiza para cobrir ſua nudez. (2)

(1) *Geneſ* 2. & 3.

(1) *Geneſ. ibi.*

Seus filhos que jà de outra ſorte achàraõ a noſſos primeiros pays veſtidos, pois Deos lhe tinha jà dado tunicas de pelles (3) deſtas continuàraõ a fazer veſtidos para ſi; e aperfeiçoando-ſe pouco a pouco eſtes primeiros Alfayates, fóraõ dando figura aos veſtidos o geito do corpo, pois ainda nem de cutra ſeda havia córtes, e veſtiaõ todos do meſmo panno.

(3) *Geneſ.* 3.

Correndo tempo foy dimittida a aſpereza das pelles, e ſó uſadas por grande delicia as lans, e deſtas que tambem enſinou Pallas a fiar (4) inventou a meſma o fazer veſtidos. (5) Euzebio tratando das couſas de Phenicia diz que Uſo deſcendente da geraçaõ de Siculo fora o primeiro que inventou fazer veſtidos para os corpos, ou de

(4) *Plin. Diodor. l. 6.*
(5) *Diodor. ibi.*

lan,

lan, ou de cabellos de animaes. (6) Varro escreve que esta casta de cobertura do corpo fabricada de cabellos de cabra, e outros animaes teve em Cilicia o seu invento, e por isso se chamavaõ estas vestiduras - Celicio. (7)

(6) *Euzeb. l. 1. de Prepar. Evang.*

(7) *Varro.*

Os Povos de Scythia, chamados Ceres, dando ao exercicio dos Alfayates mayor estimaçaõ, foraõ os que inventàraõ a seda de folhas de certas arvores que tinhaõ no seu Paiz (8) do que tambem Virgilio nas Georgias faz mençaõ (9) e Solino o commenta de outra sorte. (10) Plinio escreve, que na Ilha de Coa se achàraõ primeiramente os Guzanos chamados Bombyces, hoje taõ conhecidos fabricadores da seda. (11) Servio diz que estes mesmos se achavaõ entre os Ceres. (12)

(8) *Plin. l. 7.*

(9) *Virgil. l. 2. Georgic.*

(10) *Solin. hic.*

(11) *Plin. l. 11.*

(12) *Servio hic.*

Aristoteles, e Plinio referem que Pamphilia filha de Platis inventàra o modo de se tirar, fiar, e tecer a seda. (13) No tempo do Emperador Aureliano pelos annos 284. de nossa redempçaõ se principiou a usar tendo tanto valor hum arratel de seda como outro de ouro. (14) Pelos annos 550. se principiou jà a lavrar quantidade de seda por toda Europa, e della entràraõ os Alfayates a fazer vestidos com medidas justas, e em diversas fórmas, como em outra parte jà neste livro faley.

(13) *Aristot. l. de Animalib. Plin. l. 11.*

(14) *Vopisco.*

Mas entrando o luxo, e jà naõ satisfeitos os homens vestidos desta sorte, entràraõ a ter exercicio os Bordadores ficando os ves-

veſtidos mais precioſos, e mais ricos, quando jà naõ ſó tecidos com fino ouro (o que Atalo Rey de Azia inventou, como Plinio eſcreveo (15) mas bordados com agulha como os Phrygianos inventàraõ, ſem variedade de cores, ou com variedade dellas, que aſſim foy dos Babilonicos o Invento, e Marcial o aſſeverou. (16)

(15) *Plin. l.8.c 1.* 23.

(16) *Martialis P. E toca-ſe neſtas materias em o cap. 19. do 1. livro deſta obra, attendida a variedade de muitos AA.*

Taõ pouco ſe cuidava de precioſidade de veſtidos em o principio do Mundo, como ſe praticava em trazer os pès calçados; pois nos primeiros ſeculos andavaõ os homens com os pès nùs, e como entre todos era eſtylo comuniſſimo nenhum diſto ſe deſpreſava; principiou a uſarſe o calçado por hum toſco, e pequeno reſguardo de pelles cruas de animaes ſem forma nem figura, e era o que nos pès ſe trazia; mas correndo o tempo inventou Boetho, ou Boethio, como diz Plinio, a arte de C,apataria (17) curtindo primeiro os couros, e ſolas para com mais commodidade ſe fazerem os calçados, que de tenues ſervilhas paſſáraõ a ſer çapatos, ſupoſto hoje por moda bem redicula de çapatos ſe achaõ quaſi tranſmutados com antigua novidade em ſervilhas.

Mas deixadas neſta materia as mais opinioens que encontro, tenho ſó por certa a que com as letras Sagradas ſe autoriſa; porque lendo no Exodo que aparecendo Deos a Moyſés em huma C,arça, e querendo eſte examinar certo prodigio, lhe mandou o meſ-

mo

mo Deos que primeiro deſcalçaſſe os çapatos (18) e ſendo final certo de que ſe uſavaõ (18) *Exod.* 3. jà naquelle tempo, pois andava Moyſés calçado; eſtou pela opiniaõ que dos antiguos Hebreos ſahiraõ os primeiros C,apateiros. Dos Algibebes ſe diz como dos Alfaiates ſe eſcreve.

CAPITULO VII.

Dos Ourives do Ouro, e Prata, Cravadores de Diamantes, Enſaiadores, e Moedeiros. Trata-ſe de quem primeiro deſcobrio aquelles precioſos mineraes; quem primeiro mandou bater moedas, e ſe moſtra quem para taõ engenhoſas artes deſcobertas achou invento,

NA mais, ou menos eſtimaçaõ que o Mundo dà às couſas, conſiſte toda ſua valia, e precioſidade; porque ſe os homens mais fizeſſem caſo do ferro, e menos preciaſſem a prata, e ouro, certamente valeriaõ eſtes metaes muito menos do que o ferro; eu o vi com os meus olhos nos gentios a quem já diſſe que aſſiſti, pois dezeſtimando o ouro, e chamandolhe barro amarelo, ſó de huma ordinaria faca, ou machado, ou qualquer pedaço de folha velha para as ſuas flexas faziaõ a eſtimaçaõ toda; ſó a iſto diligenciavaõ roubar, e do ouro (ſe alli foſſe permittido, e o houveſſe) nada cuidariaõ de extrahir.

Mas como a cobiça, e ambiçaõ nos homens foſſe ſempre ſubindo de monte a monte, vendo mais luzir o ouro, e prata, desfazem ſerros, arrazaõ montes, ſuppri-

mem

mem, e cortaõ rios, cávaõ, e dezentranhaõ vallas, para que ſe enchaõ de eſtimaçaõ do Mundo, ficando cheyos quando com abundancia poſſuidores dos metaes a que o Mundo dà a mayor eſtimaçaõ, ſem que para os poſſuhir ſe lhe repreſente impoſibilidade que naõ poſſaõ commodamente vencer, nem perigo que hajaõ de recear.

Ha opiniaõ entre os Eſcritores quem foſſe o que primeiro deſcobrio ouro, e prata. Herodoto eſcreve que no monte Pangeo de Tracia a donde ha abundancia deſtes metaes fora o deſcobrimento primeiro. (1) Plinio refere que Cadmo natural de Phenicia foy o primeiro que logrou com fortuna eſte invento. (2) Diodoro o attribue aos povos Dactilos do monte Yda. (3) Outros finalmente mais ſe diverſificaõ em opinar apontando a Erictonio, Ceaco, e Mercurio por primeiros deſcobridores da prata, e a Eclis, Thoàs, e Sol filho de Occeano por deſcobridores do ouro, de que Theacreo Appio, e Eſtruzio ſe diz foraõ os primeiros artifices, a que vulgarmente chamamos ourives da prata, e ouro, que com mais razaõ àquelles chamaõ os Heſpanhoes Plateros.

(1) *Herodot. l. 6.*

(2) *Plin. l. 7.*

(3) *Diodor l. 6.*

Correndo mais o tempo, creſcendo a induſtria, e goſtando mais os homens de uſar ouro, e prata, diz Ephoro que eſta ſe principiou a lavrar melhor na Ilha Egina por Phidon (4) e Eſtrabo dà a Phedon a primazia (5) Herodoto dà aos de Lydia por Inven-

(4) *Ephoro.*

(5) *Eſtrab. l. 8. de Geograph.*

ventores (6) e Praxiteles em tempo do grande Pompeo foy o primeiro que inventou fazerem-se espelhos de burnida prata (como Plinio escreve) no que foy este primeiro Artifice; e destes dous metaes se continuou a fazer varias obras como estamos vendo.

(6) *Herodot.*

Naõ acho Escritor que ao certo diga quem primeiro buscou, e inventou usarem-se Diamantes, e pedras preciosas: fabulosamente no sentir de Plinio se atribue a Prometheo este invento (7) Appiano lhe mostra antiguidade antes da terceira guerra Africana (8) Homero o suppoem depois da guerra de Troya (9) Euzebio o contradiz apontando mais de 350. annos antes desta (10) Jozefo dà em todos estes inventos a primasia aos Hebreos (11) eu o creyo, porque a Sagrada Escritura o insinùa; pois quando Moysés por mandado de Deos ornou aos Sacerdotes lhe poz aneis, e cadeas, ou colares de ouro vendo-se engastadas neste em os hombros duas, e no Racional pendente ao seu peito, doze preciosissimas pedras bem pullidas, e cravadas (12) occupação que vemos ter os Pullidores, e Cravadores de Diamantes.

(7) *Plin l. 37.*
(8) *Apian. Alex.*
(9) *Homero.*
(10) *Euzeb. l. de Præp.*
(11) *Jozef l. 3. Antiq.*
(12) *Exod. 28.*

E tratando finalmente dos Ensayadores, e Moedeiros, sem que por estes entenda (como entre nòs se denominaõ) certos homens previlligiados que da moeda tem cuidado, e conta, mas sim todos os que tem por officio o fabricàlla, acho tambem na

materia opinioens infinitas; e praticando-se no principio do Mundo o comprar com humas couſas a outras, concordaõ ſó os hiſtoriadores em que foy de coiro, ou ſola o primeiro dinheiro que ſe vio uſar no Mundo.

Naõ chegaõ a averiguar por nenhum principio quem foy o primeiro que mandou bater, e cunhar moeda, nem qual o primeiro Enſayador, ou Moedeiro que a fabricou, principalmente fallando das de ouro, e prata, pelo que diz Plinio que o nome deſtes naõ chegou ao noſſo conhecimento [13] ſó Herodoto eſcreveo que os de Lydia foraõ os primeiros que fabricàraõ moedas de ouro, e prata para uſarem dellas. (14)

(13) *Plin. l. 33.*

(14) *Herodot. l. 1.*

Eu naõ dando na materia muita razaõ a Herodoto por ter repetidas vezes viſto a S. Eſcritura, facilmente me deixo perſuadir que muito antes de haver Lydia no Mundo foy proprio dos primeiros filhos de Adaõ eſte invento; naõ aſſevero de que metal foſſe a materia, mas digo que no tratamento, e eſtimaçaõ foy dinheiro. Jozefo eſcreve que Caim goſtàra jà de o ajuntar [15] O Texto diz que Abraham comprara com dinheiro para Sara a ſepultura (16) e a Jozè do Egypto foraõ ſeus Irmãos comprar trigo com dinheiro. (17)

(15) *Jozef. de Ant.*

(16) *Geneſ. 23.*

(17) *Geneſ. 42.*

Em o anno 647. da fundaçaõ de Roma ſe principiou naquelle Emporio (q̃ ſe duvida foſſe jà Imperio) a bater, e lavrar moeda de ouro (18) e ſe chamàraõ Ducados as primeiras que ſe fizèraõ (nome que ſe lhe con-

(18) *Plin.*

cerva

cerva hoje) e antes, porque no anno 484. da meſma fundaçaõ ſe principiàra a fazer jà a moeda de prata (19) ſendo o cunho que ſe lhe poz - hum carro com dous cavallos. Titolivio, e Eutropio ſaõ opoſtos à opiniaõ de Plinio, porque diſcordaõ no anno, e Eutropio naõ diz que em Roma, mas que ſe vira, e conhecèra moeda no Mundo no anno ſexto da primeira guerra Africana, que foy o de 483. da fundaçaõ de Roma. (20)

(19) *Plin. ſupr.*

(20) *Titoliv. in Rom. Entrop. l. 2. hiſt.*

O dinheiro de metal, e cobre que ſe uſa, foy no ſentir de Plinio, invento de Servio Tullo Rey de Roma (21) era moeda groceira, e naõ lavrada, como Timeo eſcreve, tendo por cunho de huma parte a figura de Jano com duas caras, e da outra a poupa de hum navio (22) contra o ſentir de Plinio, que diz era figuras de Gado o ſeu cunho, ao que aſſentia Macrobio, porque a eſte tempo em Italia ainda naõ havia, nem tinha reinado Jano. (23) Ovidio, e Eutropio aſſevèraõ ſer eſte invento de Saturno. (24)

(21) *Plin. l. 33.*

(22) *Plin. hic. Timeus.*

(23) *Macrob. ad. l. 18. Plin. cap. 3. Vid. Saturnalia.*

(24) *Ovid Faſt. 1. Entrop. l. 1.*

CAPITULO VIII.

Dos Fundidores, Sineiros, Caldeireiros, Latoeiros, e Picheleiros. Moſtra a antiguidade no invento; aponta quem primeiro achou o fogo, e deſcobrio os inferiores metaes.

CHea de eſcuridaõ eſtava a terra quando Deos no principio do Mundo fez a Luz (1) e fabricando com alta providencia aquelles dous grandes luminares para de dia, e de

(1) *Geneſ. 1.*

noite illuſtrar ao Orbe todo (2) diz quando jà humanado, e naſcido, que elle viera introduzir o fogo em a terra, e que nenhuma outra couſa queria, ſe naõ que ſe acendeſſe; (3) mas entendido eſte fogo pelo de ſeu amor Divino, vejamos antes de tudo quem primeiro achou, e acendeo no Mundo o fogo material.

(2) *Geneſ. ibi.*

(3) *Luc. 12.*

He opiniaõ de Virtuvio que no principio do Mundo em que andavaõ mais às eſcuras os homens, ſendo as arvores agitadas pelos ventos, e roçando-ſe com violencia dous troncos hum com o outro, ſahio fogo, e daqui o aprendèraõ os homens a tirar, e concervar, ajuntandolhe mais lenha. (4) Diodoro pelo contrario affirma que foy Vulcano o primeiro que achou o fogo, cauſa porque o fizeraõ ſeu Capitaõ os Egypcios; (5) e outros attribuem eſte invento aos povos Ydeos Dactilos. Aſſinto com a experiencia à opiniaõ primeira, porque achandome eu em outra parte do Mundo, quando na America a duas Naçoens de Gentios (como diſſe) affiſti, naõ tendo com eſpecialidade huma dellas jà mais communicaçaõ com gente, lhe via ſempre que queriaõ, ferir fogo, esfregando dous pequenos paos hum com outro: aſſim o acendiaõ, e eu meſmo para experimentar o fiz com minhas mãos algumas vezes.

(4) *Viturv. l. 2. Architt.*

(5) *Diodor. l. 1.*

Andando o tempo (diz Plinio) Pyrodes filho de Cilice inventou o tirar fogo da pederneira, e Prometheo o enſinou a receber,

ber, e concervar na iſca (6) para deſta ſe communicar à materia em que melhor ſe concervaſſe. Para alumear de noite no interior das cazas, diz Clemente, que inventàraõ os Egypcios as candeas (7) e para com fortidaõ, e violencia ſe acenderem lenhos, ou carvoens para derreter metaes, diz Eſtrabo, que inventàra os folles Anacharſis natural de Scythia. (8)

(6) *Plin. l. 7.*

(7) *Clem. Alex.*

(8) *Eſtrab. l. 2. Geogr.*

Como naõ podia haver no Mundo fundidores ſem primeiro haver materia (iſto he) metaes que ſe fundiſſem variando muito as opinioens em os inventos, diz Eſtrabo, que o Chumbo foy primeiro deſcoberto nas Ilhas Caſſiterides por Midacrito. (9) Solino diz que (por opiniaõ de Calidemo) fora o Eſtanho achado em huma parte de Creta chamada pelos antiguos - Caltis. (10) Plinio eſcreve que Cynira filho de Agriopa em a Ilha de Chypre naõ ſó fora quem deſcobrio o Eſtanho, mas inventàra a tenàs, martello, e mais traſtes com que depois de fundido ſe coſtuma fabricar. Os de Pannonia certa parte de Ungria (diz Clemente) o principiàraõ a uſar (11) ſendo em fim por opiniaõ de Plinio, e Diodoro os povos chamados Ydeos Dactilos deſcobridores, e inventores dos mais metaes. (12)

(9) *Eſtrab.*

(10) *Calidem. apud Soli.*

(11) *Plin. l. 7. e 34. Clem.*

(12) *Plin. Diodor.*

Lydo natural de Scythia, em o ſentir de Ariſtoteles [13] Dela natural de Phrygia na opiniaõ de Theophraſto (14) os Thelchines no parecer de Eſtrabo (15) foraõ no Mundo (como eſtes Autores dizem] os primei-

(13) *Ariſtot.*

(14) *Theophraſt.*

(15) *Eſtrab. l. 14.*

mei-

meiros que inventàraõ vazar, fundir, e ſoldar os metaes, do que com a variedade de metaes, ou puros, ou ligados que ſe deſcobriraõ, foraõ inventados os officios de que neſte breve capitulo trato, ficando praticado o uſo do Bronze, Lataõ, Eſtanho, Cobre, e Chumbo. Mas com licença dos mencionados Eſcritores dou mais credito à Sagrada Eſcritura em que achando a Tubal Caim fabricando Bronze, entendo ſerem todos eſtes inventos mais antiguos (16) e em tempo de Moyſés jà devia haver Fundidores; porque havia ſinos. (17)

(16) *Geneſ.* 4.

(17) *Joſef. de antiq. & vid. S. Script.*

CAPITULO IX.

Dos Relojoeiros, Ferreiros, Sarralheiros, Eſpadeiros, e Eſpingardeiros. Aponta quem foſſem deſtas artes os Inventores, e moſtra ſua muita antiguidade no invento.

DIſpoſta pelo Artifice mais ſupremo a diviſaõ do tempo em dias, e noites (1) e dando inteligencia aos homens pàra nas noites, e dias fazer ſubdivizaõ em horas, quartos, e minutos, diz Macrobio que eſte nome - Hora tomou o vocabulo de Appollo, que em Grego ſe diz - Horo, e mais proprio na lingua Egypcia, pois pelo Sol (que pelos Poetas Appollo ſe denomin a) foy primeiramente o dia repartido em doze horas.

(1) *Geneſ.* 1.

Dizem que Hermes Trimegiſto em o Egypto ſervindolhe de incentivo hum animal dedicado a Serápis foy o primeiro Inventor

ventor deſta divizaõ; e Anaximenes Milezio natural de Lacedemonia fez com a ſombra do Sol o primeiro invento que pelos Gregos foy chamado - Gnomon, e por nòs Relogio do Sol (2) que em quanto com vulgaridade o naõ participou, ſe admittia por obſervaçoens divizaõ de horas, ou olhando para Oriente, Zenith, e Poente, ou reparando de huns para outros dias na ſombra que em diverſos edificios o Sol fazia.

(2) *Plin. l. 2. cap. 72. e 76.*

Em o anno 595. da fundaçaõ de Roma, referem alguns Autores que Scipiaõ Naſica inventàra o Relogio de agua, que caindo pinga a pinga com proporçaõ por hum eſtreito foramen gaſtava juſtamente o tempo de huma hora; mas eſte invento atribuhio Viturvio a Creſibio natural de Alexandria. (3) Cicero no que eſcreve (ſe bem ſe reparar) a hum, e outro involve. (4)

(3) *Viturv. l. 9. de Architet.*

(4) *Cicer. l 2. de Natur. Deor. & l. 2. de quæſt. Tuſcul.*

Correndo o tempo, apurando-ſe aos homens o diſcurſo, ou por impulſo da naturalidade, ou por repetidas experiencias ſe inventou à imitaçaõ do de agua o relogio de area de que uſamos com o nome de Ampulheta; e tambem as agulhas de marear; mas ſubindo o invento mais de ponto, e eſmerando-ſe a curioſidade engenhoſa neſta arte, ſe fizeraõ relogios de ferro, bronze, prata, e ouro com rodas, e pezos naõ ſó dando por engenho em hum ſino as horas, mas com o moſtrador apontando-as com quartos, e minutos igualmente repartidos, moſtrando tambem o curſo, e movimento dos Planetas,

tas, e dias do Mez. Hoje ſe fazem huns de doze, outros de vinte e quatro horas, conforme o uſo do Paiz, huns com repetiçaõ, outros ſem ella, mas por notabiliſſimos inventos, e engenhoſa ſubtileſa, e quem foſſe deſtes o Inventor primeiro naõ he ao certo conhecido dos hiſtoriadores.

Os Ferreiros tem certamente muito antiguo o invento da ſua arte; dividem-ſe (como ſempre) em opinioens os Autores: huns dizem que os Ciclopas foraõ os primeiros que fabricàraõ ferro; querem outros que os Calybas foſſem os Inventores primeiros da Ferraria (5) outros tem que Selmente, e Damnameneo foraõ na Ilha de Chypre os primeiros deſcobridores do ferro (6) e Herodoto affirma que o primeiro artifece, e Inventor de ajuntar, e ſoldar ferro foy Glauco natural de Chio. (7) Eu moſtro o que os hiſtoriadores eſcevèrraõ, e creyo o que a Sagrada Eſcritura diz com tanta mais antiguidade que entre os Netos de Adam he mencionado jà Tubal Caim por official em todas as obras de bronze, e ferro. (8)

(5) *Lege Plin. hic.*

(6) *Clem. Alex.*

(7) *Herodot. l. 1.*

(8) *Geneſ. 4 v. 22.*

Os Sarralheiros em o noſſo Portugal fazem figura à parte, e ſaõ rigoroſamente ferreiros de obra miuda fabricada ao torno, e lima; conſtituhe-ſe mais engenhoſa a ſua arte, mas delles ſe diz o meſmo que dos Ferreiros. Os Eſpadeiros tem por Inventores da ſua arte aos Thracianos, ſendo a primeira figura de eſpada que houve como huma

fouce

fouçe, da qual (ſupoſto que mais pequena) tem imitaçaõ às com que hoje ſe pratica cortar a erva, ou trigo; o tempo, e uſo das couſas enſinou a fazer eſpadas de varios modos. Plinio dà por inventores das eſpadas aos Lacedemonios. [9] Da arte, e officio dos Eſpingardeiros vide na Arte Militar quando da Artelharia, e mais armas jà tratamos.

(9) *Plin. l. 7.*

CAPITULO X.

Dos Contratadores, Mercadores, Douradores, Impreſſores, Livreiros, Cirieiros, e Curradores. Moſtra-ſe a antiguidade no invento deſtas artes; e trata-ſe das mayores Livrarias do Mundo.

TOda chea de idèas, ancioſa de intereces, e chea de cubiças he certamente a vida do homem, que envolvido nas vaidades do Mundo ſervindolhe de eſtimulo proprio o luzimento alheyo, a inveja o arraſta, e a miſeria propria o percepita; pençaõ terrivel dos mortaes, que eſtando nas mãos de Deos as ſuas ſortes (1) nenhum com a ſua ſorte ſe contenta! (2) Chamava meu P. S. Franciſco à pobreza - ſua Senhora (3) e debaixo de ſuas bandeiras conſeguio no Mundo mil vitorias: os homens a deſpreſáraõ, e fazendo-ſe eſcravos das riquezas, ou bem, ou mal adquiridas no Mundo ſe expoem a mil perigos.

(1) *Pſ. 30.*

(2)

(3) *Ex Chron. Seraph.*

A muitos vivem ſogeitos os Contratadores, e Mercadores, pois ſendolhe mais

certas as perdas do que as ganancias, muitas vezes lhe ſuccede que na meſma hora que ſe achavaõ no auge da mayor riqueza, ſe viraõ no lodo da mayor miſeria, e vivendo muito inteiros no trono do luzimento, ſe vem quebrados, e desfeitos no tumulo da infelicidade.

A eſte modo de vida (de que Plinio eſcreve fora inventado para beneficio dos homens (4) ſendo na fórma que os Troyanos o praticavaõ, e naõ do modo que os homens hoje uſaõ, tal que foy por Horacio (ſendo Gentio) reprovado (5) e Cicero no livro primeiro dos officios o naõ approva) ſe applicáraõ Varoens muito excellentes, como foraõ Plataõ, Solon, Hypocrates, Tales Milezio, e outros muitos, ſervindolhe ſem cobiça de exercicio honeſto o que hoje a muitos ſerve de percipicio afrontoſo.

(4) *Plin. l. 33.*

(5) *Cicer. l. 1. offic.*

Ha opiniaõ entre os Eſcritores ſobre quem foſſe no Mundo o inventor primeiro deſte tal modo de vida. Plinio diz que foraõ os de Phenicia (6) e Plinio parece que tambem ſe contradiz apontando Libero Pater; (7) Herodoto eſcreve foraõ os de Lidia. (8) Diodoro lhe aponta por inventor a Mercurio (9) Julio Cezar verifica que como a tal ſe levantàraõ eſtatuas (10) e Jozefo entende ſer eſte invento muito mais antiguo do que ſe refere, pois jà quaſi no tempo de Noè fora praticado. (11)

(6) *Plin. l. 7.*

(7) *Plin. ibi infra.*

(8) *Lib. 1. Herodot.*

(9) *Diodor. l. 6.*

(10) *Jul. Ceſ. in com.*

(11) *Joſef. l. 1. Ant.*

Os Douradores tem o ſeu principio quaſi taõ antiguo como artifices do ouro em

que

que jà falamos, e ſe atribue eſta idèa aos meſmos inventores, que correndo o tempo tanto ſe apuràraõ, que com eſte artefacto fizeraõ parecer ouro aos metaes inferiores, ſuperficialmente dourando-os jà com fogo, jà com agua, e jà com fumo, atè que finalmente em diverſo officio dèraõ na idéa de ſe bater entre delgados pergaminhos o graõ de ouro eſtendendo-o em huma folha tenue para que aſſim atè paos, e pedras ſe douraſſem como vemos.

Os Impreſſores, e Livreiros diſputaõ ſua antiguidade; e ſendo certo que de livros manuſcritos houve antiguamente muitos com encadernaçaõ ornados, de que ſe viaõ cheas muito graves Livrarias, merecendo ſeus autores ſublimado credito, e ſendo dignos de toda a eſtimaçaõ alguns originaes que ainda hoje ſe achaõ, he ſem duvida que a Impreſſaõ os divulgou, e o prelo os accredita por muitos principios, excellentes.

Ha duvida quem foſſe da impreſſaõ o primeiro inventor, e pertende Polliodoro tirar todas, dizendo, que com curioſa indagaçaõ achára ſer hum Cavalheiro Alemaõ chamado Joaõ Cutembergo, naſcido em a Cidade de Moguncia, adonde ſe exercitou primeiro eſta arte, achando tambem o meſmo a nova fórma de tinta que para o tal miniſterio uſaõ, e ainda hoje os Impreſſores praticaõ (12) dahi a 16. annos em o de 1458. Conrado tambem Alemaõ a eſtabaleceo

(12) *Polliodor. l. 2. Pineda na Monarchia Eccl. l. 1. c. 13. Floſcul. hiſt. p. 2. c. 3.*

leceo em Roma, e depois maravilhoſamente Niculao Genſon Francez, dizem que a aperfeiçoou, e pulio (13) participando-ſe, e no fim a muitos Reynos eſtrangeiros adonde ſe reconhece utiliſſima, e eſtimadiſſima.

(13) *Idem ibi Polyod.*

Os primeiros livros que ſe imprimiraõ (como eſcreve Raphael Volaterrano) foraõ os que eſcreveo Santo Agoſtinho *De Civitate Dei* (14) e os que Lactancio Firminiano compoz *De Divinis Inſtitutionibus*. Outros Eſcritores com menos razaõ o contradizem, entendendo que na China fora mais antiguo o invento da impreſſaõ que poſteriormente pelos Moſcovitas, e Tartaros ſe nos participàra.

(14) *Raph. Volater Mexia Sylva. de var. lic. l. 3. c 2.*

Muito mais antiguos que os Impreſſores foraõ ſem duvida os Livreiros no exercicio; ſeiſcentos, e ſetenta annos antes do diluvio foy compoſto o primeiro livro de que temos noticia, por Henoch quinto Neto de Adam (15) Noè o concervou em o diluvio, e os Judeos o conſumiraõ (16) Beda, e Tertuliano nelle falaõ. (17) Hum anno depois do diluvio ſe entende fora eſcrito em Chaldea outro livro de hiſtoria (18) mas he certo, e de fé que o livro de Job, que alguns differaõ, o eſcrevèra Moyſés em o Egypto (19) e S. Jeronimo o achou nas linguas Hebrea, Chaldea, e Syriaca attribuindo-o ao meſmo S. Job, foy o primeiro que ſe compoz. (20) Seguio-ſe a hiſtoria do Genezis atè o cap. 34. do Deuteronomio que Moyſés eſcreveo (21) e o imitàraõ conſecuti-

(15) *D Aug. de Civ. Dei l. 15 c. 23.*
(16) *Origen in Joan. tom. 8. cap 1. & homil. ſup. l. Numer.*
(17) *Beda in Ep Judæ. Tertul. de habit mul.*
(18) *Beroſo.*
(19) *Matute c. 6. ex Ant. Beuter.*
(20) *D. Hyer. in prolog. ad lib. Job.*
(21) *Matute. d. §. 3.*

cutivamente Jozuè, e outros Eſcritores Santos.

Dando mayor exercicio aos Livreiros, e adorno às Livrarias, compoz Salamaõ oito mil livros (22) Ariſtrarcho fez commentàrios ſobre mil livros, Galeno eſcreveo cento e trinta volumes, Theophraſto trezentos, Servio Sulpicio cento e oitenta, Chriſippo ſete centos. Plataõ, Ariſtoteles, Origenes, Chriſoſtomo, Agoſtinho, e outros que na antiguidade florecèraõ, compuzèraõ numeroſa multidaõ de livros; mas por eſtes ſe naõ devem entender corpos de livros como v. g. eſte volume, mas ſem livros como v. g. os doze que em ſi contem eſte unico tomo; iſto, ou conjunctos, ou em Tratados diſperſos.

(22) *Genebrard. in Cron.*

Sendo pois primeiro que todos (no commum ſentir dos Eſcritores) os Hebreos, os Gregos, os Egypcios, e os Chaldeos quem primeiro cuidou em livros (23) quer Laercio que Anaxagoras (24) e Aulo Gelio que Piſiſtrato tirano de Athenas fora o primeiro que ajuntàra Livraria. (25) De Athenas extrahio Xerxes muitos mil volumes quando a tomou, e os conduſio a Perſia; e em tempo de Seleuco (a que outros chamaõ Nicanor) Rey de Macedonia ſe reſtituhiraõ. (26) Os Ptolomeos Reys do Egypto ajuntàraõ taõ famoſa Livraria que ſe diz continha quaſi ſetecentos mil volumes. (27) Os Reys de Alexandria, e Pergamo em competencia hum do outro as tivéraõ famoſi-

(23) *Jozefo contrà Apion.*
(24) *Laercio l. 2.*
(25) *Aul. Gel. l. 6 S. Izidor. Etim. l. 6. Volater. antrop. 8.*
(26) *Aul. Gel. ſupr.*
(27) *Ammian. Marcel. Senec. Aul. Gel.*

famoſiſſimas (28) a Livraria de Theophraſto unida com a de Ariſtoteles (que lha deixou) foy muy notavel, e celebradiſſima. (29) Em Roma ſe admira a do Vaticano, ſendo tambem notavel a de Frederico Feltrio Duque de Urbino, e a da Univerſidade de Oxonia. Pamphilio Martyr, ajuntou entre Catholicos, a primeira com trinta mil volumes. (30)

(28) *Plin. l. 15.*

(29) *Eſtrab. l. 13.*

(30) *S. Izidor. l.c.*

Os Cirieiros trazem ſeu principio muito antiguo jà deſde o tempo dos Hebreos, Romanos, e Pelaſgos. (31) Os Curradores poſteriormente ao tempo em que ſe principiou a uſar calçado. (32)

(31) *Joſef. de Antiq.*

(32) *Idem ibi.*

CAPITULO XI.

Dos Cabeleireyros, Barbeiros, Vidraceiros, Correeiros, Celeiros, Albardeiros, Cordoeiros, e Odreiros. Moſtra-ſe a origem, e antiguidade no invento deſtas Artes.

NAõ tem as creaturas humanas no ſeu corpo couſa que mais o orne, componha, e afermozee que os cabellos, pois hum diſcreto eſcreve que nos meninos parecem mimo, nas mulheres accreditaõ a fermoſura, nos homens inculcaõ reſpeito, e affectaõ veneraçaõ aos velhos, que a naõ ſer aſſim, pareceriaõ taõ mal como o Jardim ſem flores, a planta ſem folhas, o prado ſem relva, e arvore ſem frutos.

(1) *Cornel. Tacit. Silio Italico. Statio Papinio. Octavio Scarlatino. Titolivio. Luciano. Aldiovano. Julio Cezar. Plutarcho. Accio. Tibullo. Ovidio. Virgilio.*

Os antiguos ſe preſavaõ tanto dos cabelos, que delles faziaõ offerta, e reverentes Sacrificios a ſeus Deoſes. [1] Os noivos praticavaõ

ticavaõ cortar alguns hum ao outro offerecendo-os a Hipolito que idolatravaõ, para terem ſucceſſo feliz na ſua pertençaõ. (2) Nos funeraes dos mortos levavaõ todos ſoltos os ſeus cabellos (3) outros os enchiaõ de pòs (4) e outros os arrancavaõ da cabeça para ſinal de ſentimento (5) as mulheres Egypcias obſervàraõ eſte rito (6) Os de Ninive enchèraõ os ſeus de pò, e cinza para ſinal de penitencia. (7)

(2) *Pauzan. l.2. de Hipolito.*
(3) *Aldiovan.*
(4) *Homer. Illiad. 21. Virgil. Æneid.12.*
(5) *Jul. Caſ. l. 6. de bello Galico.*
(6) *Octav. Scarlat. in hom figurato.*
(7) *Joan c.13.*

Coſtumavaõ os homens nos ſeculos antiguos para ſinal de ſentimento naõ cortar os cabellos, nem fazer a barba (8) e nos poſteriores ſeculos o contrario ſe praticou, pois para o meſmo effeito rapavaõ naõ ſó as cabeças, mas as proprias ſobrancelhas. (9) No preſente ſeculo todo metido a módas dando-ſe o mayor exercicio aos barbeiros, rapaõ-ſe as cabeças deſprezando os cabellos proprios, e eſtimando os dos hereges em cabeleiras; e ſendo oprobio nos antiguos o fazer de cabelos brancos, pretos (10) hoje por gravidade fazem ainda nas cabeleiras os cabelos pretos, brancos: ſem eſta vaidade louca ſe diz que em o noſſo Portugal fora o Senhor Rey Dom Pedro o primeiro que uſou cabeleira preta para juſto adorno da Mageſtade. Em França he moda mais antigua. Amburgo lhe deu eſtimaçaõ; tem os Cabeleireiros bem que fazer pelo officio, porque a vejo mòda bem ſevandijada.

(8) *Cicer. l.4. in Verrem.*
(9) *Diodor. de Iſid. & Oriſid. Jul. Firmic de iis.*
(10) *Martial l. 2. Epigram. 3.*

Os Barbeiros (cujo officio no tempo antiguo naõ tinha exercicio, pois ſe prezavaõ

vaõ muito os homens de ter barbas na cara, e as mandavaõ por caſtigo rapar a algum delinquente) tivèraõ por inventores da ſua arte aos povos Abantes, que por ſerem muito belicozos, e naõ terem nelles que pôr mãos os inimigos, tiravaõ os cabellos das barbas para melhor peleijar (11) ſupoſto alguns dizem que eſte coſtume ſe extrahira dos Arabios, ou dos Miſſios. Era naquelle tempo coſtume tanto que algum mancebo tinha barba que lhe foſſe apontando, o levavaõ à Ilha de Delphos offerecer a Deos as primicias dos ſeus cabellos. Thezeo obſervou eſte coſtume, e por naõ ter ainda barba ſe lhe rapou na teſta o cabello [12] iſto ſem aquella razaõ, mas talvez por tal principio ſe pratica hoje por moda.

(11) *Plutarch. in vita Theſei.*

(12) *Plutarch. ibi.*

Aſſim ſe introduzio o barbearſe de ſorte que jà Alexandre Magno mandava a ſeus Capitaens que fizeſſem andar aos Soldados todos com as barbas feitas. Scipiaõ Africano todos os dias fazia a barba, e o meſmo ſe eſcreve do Emperador Auguſto Cezar; o que ſe naquelle tempo era de admiraçaõ neſte o fazerſe naõ cauſa novidade. (13) Em Italia apparecèraõ os primeiros barbeiros em o anno 490. da fundaçaõ de Roma.

(13) *de his vide Plin in hiſt. natur. l. 7.*

Os Vidraceiros diſputaõ tambem antiguidade, pois como Plinio eſcreve, ha huma parte de terra em Syria a que chamaõ Phenicia, e fica perto de Judèa nas raizes do Carmello, adonde ſe acha huma lagoa chamada Candebæa, da qual naſce o rio Beló, e corre

e corre por junto da Cidade de Ptolemaida no eſpaço de ſinco mil paſſos em que entra no mar, em cuja ribeira (tresbordando) de ſeus limos, ervas, e lodo tudo envolvido com arêa infundindolhe virtude o calor do Sol, e ſalitrando-ſe, ſe fórma ultimamente excelentiſſimo vidro de que ſe fazem admiraveis obras (14) e daqui ſuponho tirâraõ idèa os fabricadores de vidro para dar exercicio aos Vidraceiros que com excellencia da arte ſe eſmeraõ nos artefactos. Os Venezianos artifices ſempre foraõ eminentes, mas a fabrica que ha hoje em Portugal (a expenſas de noſſo grande Monarca) tudo excede. Eſcreve-ſe que huma filha de Noè inventàra o primeiro eſpelho.

(14) *Plin. hiſtor. natural. l. 36. Jozefo l. 2. de belo Judaic.*

Os Correeiros trazem ſeu principio de huns povos de Thezalia chamados Peltronicos; e da meſma ſorte os Celeiros, pois foraõ aquelles os que Virgilio diz inventàraõ, e fizèraõ arreyos, jaezes, e cella para os cavallos (15) ſupoſto Diodoro dà a Neptuno a primazia (16) e Horacio a Belerophonte. (17) Deu eſte invento occaſiaõ a que os Albardeiros formaſſem officio à parte fazendo tal fórma de jaezes naõ ſó para as beſtas menores, mas para as grandes de carga; ſe eſte invento naõ foſſe primeiro que o das celas, e ambos muito mais antigos do que os Autores allegados eſcrevéraõ, pois por teſtemunha de Jozefo jà os antiguos Hebreos uſavaõ ſervirſe com beſta

(15) *Virgil in Georgic. l. 3.*
(16) *Diodor. l. 6.*
(17) *Horat. in Cant.*

de carga, a qual he certo lhe naõ haviaõ pôr
(18) *Jozefo de ant.* ſobre os lombos (18) e ſó quando ſe uſou domar, e montar cavallos he que ſe inventàraõ as cellas.

Os Cordoeiros moſtraõ ter a meſma antiguidade, pois eraõ as cordas precizas para o meſmo miniſterio; jà para outros miniſterios, e ſerviço ſe uſavaõ no tempo de
(19) *Numer.* 3. Moyſés como do Texto conſta (19) os Odreiros ſaõ no invento do ſeu officio antiquiſſimos jà do tempo dos Hebreos; e do Geneſis conſta que Abraham puzèra hum odre de agua às coſtas do filho que tivèra de
(20) *Geneſ.* 21. Agar, e chamàra Iſmael. (21)

CAPITULO XII.

Dos Entalhadores, Imaginarios, Carpenteiros, Torneiros, Tanoeiros, Coxeiros, Cabouqueiros, Canteiros, Alvineos. Moſtra-ſe a antiguidade de ſeu invento, e tocaõ-ſe algumas particularidades na materia.

SAõ certamente eſtes primeiros ſeis officios hoje taõ neceſſarios, e eſtimados, que ſem elles muito mal ſe governaria o Mundo, incomodando-ſe na ſua falta os homens. Todos ſeis ſe reduzem ſó a hum, que he o de Carpentaria, pois em madeira, e quaſi com os meſmos inſtrumentos exercita cada hum, ou neſte, ou naquelle miniſterio a ſua incumbencia; mas porque entre nòs ſe pratica o dividirſe eſta intendencia em officios diverſos, tomando cada hum o nome das

obras

obras em que privativamente tem o seu emprego, todas com sua divizaõ intituley, e tocarey em todas.

A toda a obra de madeira chamaõ sem distinçaõ os historiadores - *Opera lignaria*: e ainda com as mencionadas divisoens digo que he antiquissima sua arte em o Mundo, e jà no tempo dos Hebreos. Os Entalhadores tivèraõ ao que parece seu principio na estupenda fabrica do Propiciatorio, e tabernaculo que o mesmo Deos como Supremo Artifice ideou (1) e por isso com maxima razaõ tem ainda hoje esta arte nos Templos Sagrados o seu emprego, participando primeiro da sua excellencia o Templo que Salamaõ dedicou a Deos. (2)

(1) *Exod.* 26.

(2) *Regum.* 4. *l.*

Da arte dos Imaginarios (supposto que naõ em madeira) parece foy o mesmo Deos primeiro Inventor quando à sua Imagem formou o primeiro homem (3) e adulterandoa com a mayor insolencia os homens, fizeraõ estatuas, ou imagens que atrevidos idolatràraõ, pondo-as em lugar de seu Deos. (4) Entre nòs tem os Imaginarios, e Estatuàrios sua distinçaõ; porque exercitando-se estas ordinariamente em obras, e figuras de pedra assim Divinas como profanas, aquelles só tem por particular empreza fazer Imagens Sagradas.

(3) *Genes.* 1.

(4) *Vid. lib. Exod.*

Os Carpenteiros parece podiaõ ter sua disputa com os Caixeiros, se ainda quizermos destes supor distinto officio; porque

tendo a Moyſés por ſeu primeiro inventor quando Deos no Monte Sina lhe mandou fazer huma arca (5) ſe he que jà antes diſto naõ havia exemplar entre os Hebreos, attendido o livro do Exodo (6) e de Noè ſabemos que diſpondo-o Deos fez outra famoza arca (7) do que ſe colhe ter ſeu invento a origem deſde o principio do Mundo. Aſſentando niſto como certo, vejamos o que neſta materia os Hiſtoriadores eſcrevèraõ.

(5) *Deuter.* 10.

(6) *Exod.* 7.

(7) *Geneſ. c.* 6.

Jozefo no livro 8. das antiguidades aponta Inventores da Carpentaria aos de Tiro (8) a cujo Rey ſupplicàra Salamaõ officiaes para trabalhar no Templo que para Deos fazia; mas Plinio ſendo de diverſo parecer, refere fora Dedalo o primeiro Inventor deſta arte, para cuja exacçaõ elle meſmo inventàra a ſerra, enxò, e olivel com ſua chumbada; tambem o grude para unir as taboas (9). Perdice ſobrinho de Dedalo no ſentir de Ovidio (10) ou Thalao ſobrinho do meſmo Dedalo na opiniaõ de Diodoro foy o inventor da ſerra, e do compaſſo. (11)

(8) *Jozef. l.* 8. *ant.*

(9) *Plin. l.* 7.

(10) *Ovid. l.* 8. *Metam.*

(11) *Diodor. l.* 5.

Os Torneiros tivèraõ por meſtre, e primeiro Inventor da ſua arte a Theodoro Samio, pois foy o primeiro que inventou o torno, e chave, dando regras de como ſe havia uſar delle. Os Tanoeiros tem a Seuſipio por Inventor da ſua arte, e foy o que primeiro enſinou a unir com arcos as aduèlas,

fazendo-

fazendo-se pipas, e outras vazilhas, ou vazos semelhantes para recolhimento do vinho, azeite, e quaesquer outros licores. Dizem que Pentezilèa Rainha das Amazonas inventàra a segura, traste principal daquelle officio. (12)

(12) *Hac ex Plin.*

Os Coxeiros (porque aqui quero entender naõ os que assim se chamaõ, e governaõ as carruages altas, mas os que como officiaes as fabricaõ) tivèraõ por Inventora de sua arte a Minerva quarta filha de Jupiter, e de Coriphe como escreve Cicero. (13) Plinio he de opiniaõ contraria, porque escreve foraõ os de Phrygia os primeiros Inventores, e que primeiro fabricàraõ carruages de quatro rodas (14) e se atè no officio de Canastreiros quizermos fallar, o qual parece tambem no de Carpentaria se inclue, acharemos por opiniaõ de Servio que delle foy Ceres a Inventora. (15)

(13) *Cicer. in lib. de natur. Deor.*

(14) *Plin. supr.*

(15) *Serv. Sup. l. 4. Georgic.*

Os Pedreiros (cujo officio em o de Cabouqueiros, Canteiros, e Alvineos se divide, sendo os primeiros aquelles que das pedreiras costumaõ arrancar a pedra; os segundos, que a prepàraõ com picoens, escodas, e escopolos pondoas em aptidaõ para servirem nos edeficios; os terceiros, que de tosca pedra, e cal fazem ao camartelo, e colher as ordinarias paredes) tivèraõ aos filhos de Adam por primeiros Inventores; (16) Caim foy o primeiro que arrancou pedra, que a lavrou por seu modo, e que tam-

(16) *Jozef. de antiq. lib. 1.*

tambem fez paredes, e muros; aperfeiçoaraõ-se mais na torre celebrada que por idèa de Nembroch se fez depois do diluvio, e posteriormente no famoso Templo de Salamaõ se vio esta arte em todos os tres ministerios aperfeiçoada. (17) Na mencionada torre se viraõ os primeiros tejolos; e Cynira inventou as telhas. (18)

(17) *Vide Exod. & Jozef. de ant.*

(18) *Hæc ex Plin.*

LIVRO DUODECIMO

Vida Perdida.

ANTILOQUIO.

SEndo certo como ſabem os diſcretos que moral, e fizicamente vive o homem, e que com a deficiencia total dos vitaes alentos, hade em fim ſatisfazer ao infalivel eſtatuto perdendo a vida, me faz admiraçaõ grande haja no Mundo humanas creaturas que a intentaõ ganhar nos meſmos exercicios que as poem em aptidaõ de a perder; e ſe a meſma vida he morte, como lhe pòde ſer a morte vida? Mas como vejo muitos a acabaõ antes de acabar, naõ acabando de entender que he certamente exercicio de morte o que naõ he recta occupaçaõ na vida, ſendo a minha idèa neſta obra moſtrar por todos os modos o Conſtitutivo de hum Varaõ perfeito, e vendo ſe diz eſtar perfeito tudo o que ſe moſtra acabado, querendo eu neſte capitulo pôr à preſente obra complemento, ſem faltar à formalidade do meu aſſumpto, jà em a vida perdida moſtro a obra acabada; e vendo que em muitos he huma perdiçaõ o

modo

modo de vida que exercitaõ atè que a Parca corte o fio, e naturalmente morraõ, moſtrarey com divizaõ a vida perdida: Vida perdida por exercicio: Vida perdida por natureza.

DIVIZAM I.

Vida perdida por exercicio.

CAPITULO I.

Dos Comediantes, Reprezentantes, e Farſiſtas que nos teatros, e tablados publicos tem por vida o fazer tragicomedias, e comedias. Moſtra-ſe a origem de que teve deduçaõ eſte exercicio. Aponta-ſe quem foy deſta arte o Inventor.

COm maximo acerto diſcorreo quem toda a vida do homem com huma comedia, ou tragicomedia a comparou; porque ſe daquella differe eſta em reprezentar trágicos, e triſtes os finaes ſucceſſos, e a outra em moſtrar comicos, e plauſiveis os ſeus principios, parecendo de huma, e outra ſorte huns, e ſendo outros os Farſiſtas que reprezentaõ, pois como homens de duas caras naõ ſaõ aquillo que moſtraõ, nem inculcaõ permanencia: taõ pouca ſe experimenta na vida humana, que naõ tendo ſubſiſtencia em hum ſó eſtado, atè parece que as naturezas ſe mudaõ nos accidentes, pois entre variedades, e ſucceſſos ſe encontraõ goſtos com pennas, prazeres com pezares, fortunas com diſgoſtos, riquezas

riqueſas com miſerias que preciſando ao homem naõ ter ſempre a meſma cara lhe faz ſer hum, parecer outro.

Nas Comedias ſe eſtà vendo reprezentado o que o Mundo com realidades verifica; porque affectando os homens ſer o que naõ ſaõ, vivem como naõ haviaõ viver ſe pelo que foraõ bem regulaſſem o que eraõ: aſſim vivem no tablado deſte Mundo, e aſſim ganhaõ vilmente a vida os farſiſtas reprezentantes no tablado da Comedia, em que ſe vè o diſcreto ſendo Bobo, o neſcio feito Galan, ao vilaõ feyto Dama, ao ſezudo feito farça, ao fraco feyto valente, ao nobre feito lacayo, ao muxila feito Duque, ao pedinte feito Rey: iſto em quanto naõ affectaõ reprezentaçaõ de Divindades, ſendo eſte modo de vida huma perdiçaõ.

A fórma, e coſtume de fazer tablados eſcreve Caſſiodoro que tivèra nos Gregos a ſua origem (1) porque querendo eſtes nos dias feriados, e feſtivos ter algum divertimento para deſcanço das fadigas deſta vida, naõ ſó nas cazas particulares, e grandes, mas ainda nos boſques erigiaõ tablados a que chamavaõ Teatros em que ſe divertiaõ com varios, e graciozos feſtejos.

(1) *Caſſiodor. in Epiſtol.*

O primeiro que inventou fazer Teatro diz Euzebio que fora hum Dioniſio (2) do que ervio Sentendeo o erigira à honra do Deos Bacho. (3) Plutarco refere na vida de Thezeo que houvera tambem Teatros em Athenas (4) e Eſtrabo faz mençaõ de que

(2) *Euzeb. l. 2. de præpar. Evang.*

(3) *Servius.*

(4) *Plutarch. in vita Thæſei.*

antiguamente os houvèra tambem na Ilha de Antidorro na veſinhança de Alexandria.
(5) *Eſtrab. l. 17.* (5) Paſſou finalmente eſte coſtume aos Romanos, entre os quaes ſe praticou fazer theatros, ou tablados em o anno 391. da fundaçaõ de Roma ſendo Conſules Cayo Sulpicio Petico, e Cayo Licinio Eſtolon, mandando vir de Hetruria reprezentantes, e farciſtas para com galanteyos, e momos divertir publicamente ao povo afflito com peſtilenciaes enfermidades. (6)
(6) *Plutarch. Plinius. Servius.*
Quinto Catulo (como eſcreve Plinio) foy o primeiro que inventou toldarem-ſe os tablados, ou theatros (7) e Marco Eſcauro ſendo Edil o imitou em outro tablado publico que fez por trinta dias (pois era coſtume fazerem-ſe taes dias determinados. (8)
(7) *Plin. l. 19.*
(8) *Plin. l. 36. c. 15.*
Cayo Curio no tempo de Julio Cezar fez dous tablados portateis de madeira para ſe repreſentar Tragicomedia, e o grande Pompeo (como diz Cornelio Tacito) foy quem primeiro em Roma mandou fazer tablado fixo de boa pedraria para que nelle como em lugar certo, e publico tiveſſe o povo o ſeu divertimento vendo fazer as Comedias. (9)
(9) *Cornel. Tacit. Plutarc. Sueton. Tranquil.*
Scipiaõ Africano, e Valerio Sempronio ſendo Conſules inventàraõ o pôr cadeiras nos tablados publicos para os Senadores, e Cavalheiros; e para as peſſoas limpas mandou fazer como degraus de eſcada com taboados para ſeu aſſento, o que ainda hoje entre nòs vemos praticado, determinando que a gente ordinaria do povo viſſe as Comedias a pè. (10)
(10) *Titoliv. l. 4. de bel. Macedon. Plutarch. Valer. Max.*
Opri-

O primeiro que compoz Comedia em verſo, e fez que ſe recitaſſe publicamente em tablados, foy Livio Andronico no anno 513. da fundaçaõ de Roma: iſto entre os Latinos (11) e o imitàraõ goſtoſos Accio, Pacuvio, Seneca, e Ovidio: das Tragedias, e Tragicomedias diz Quintiliano fora Eſchilo o inventor, e primeiro que as compoz, (12) merecendo a primaſia entre os antiguos, e principaes autores das Comedias Ariſtophanes, Eupolis, e Cratino. Varro atribue aos Athenienſes o invento das Comedias: e traz eſte vocabulo ſua origem da palavra Grega - Comazein, que quer dizer zombar, ou galantear. He eſte modo de vida viliſſimo por inſinuaçaõ das letras Divinas, e Leys humanas.

(11) *Donati Calv.*

(12) *Quintil. l. 10.*

CAPITULO II.

Dos Dançadores, Jogadores, e Toureiros. Moſtra-ſe a antiguidade deſtes exercicios: Aponta-ſe quem, e como os inventou.

NAõ pòde negar quem com acerto diſcorrer, que he vida perdida o exercicio que neſtes tres miniſterios os homens tomaõ por vida, pois imitando ordinariamente ao Gentiliſmo barbaro, excedem ao divertimento licito, e ficando o ſeu miniſterio vicioſo antes ſe pòde chamar - morte do que vida, pois a chega moralmente a perder quem em ſemelhantes exercicios (por vida) ſe reſolve occupar.

Inventàraõ os antiguos as danças, ou bailes para alivio nos ſeus trabalhos, e a poſteridade adulterando eſte fim, fatigando-ſe neſte exercicio deſcobrio neſte trabalho o ſeu alivio, fazendo vicioſo o que por paſſatempo ſe licitava. Os Doutores Moraes, e Miſticos com ſolidos fundamentos o arguem (1) outros reputaõ eſte exercicio por incentivo da deshoneſtidade (2) muito mais no preſente tempo o fariaõ ſe obſervaſſem os meneyos, e acçoens que com as modas pelo Demonio introduzidas hoje ſe obraõ em diverſas danças; e como eſtas ſe fazem por quaſi infinitos modos, dando a diſſoluçaõ licencioſa a cada huma ſeu nome, occulta-ſe o de ſeus Inventores.

(1) *D. Auguſtin. D. Ambroſ. D. Hyeron. & alii. ex operib.*
(2) *D. Cyprian. D. Bernard. D. Fulgent.*

Os que tem, ou por vicio, ou por officio ao jogo, e Jogadores ſe appellidaõ, tambem ſe occupaõ em exercicio depravado: he morte a ſua vida, e a que tem lhe naõ condùz de utilidade para a morte, pois he ſempre, ou morte viva, ou vida morta. O Jugador eſquece-ſe de ſi, e atè de Deos ſe chega a eſquecer quando, influido no exercicio do jogo o deixou ficar por vicio, ou por officio, entrando ao principio com pès de lan por divertimento.

Tem neſte Mundo o jogo perdido a muitos homens, e tambem tem totalmente deſtruhido a muitas cazas; porque, ou induzidos de taõ goſtoſo appetite, ou prezumindo de arguir exceſſo aos mais em a deſtreza, ou arraſtando-os a ambiçaõ no ganho,

nho, ou parecendolhe que ficaõ mal se naõ recupèraõ a perda, cada vez mais se individaõ, atè que de todo se perdem. Chega-se a perder no jogo (para que de huma vez tudo diga) a honra, o credito, a fama, a fazenda, a saude, a vida, e a Alma; a honra, porque muitos como dezesperados chegàraõ a jugar as mulheres que recebèraõ: o credito, porque cahiraõ em infamia (como escrevem os Doutores (3) a fama, porque acabado o que tinhaõ que jugar, entraõ a furtar; a fazenda, porque, ou a empenhaõ, ou a perdem toda, deixando mulher, e filhos em o mayor dezamparo; a saude, porque se enchem de paixoens, cançaõ os espiritos, esquentaõ o cerebro, e enlouquecem (4) a vida, porque se despicaõ de hum pique, ou desconfiança às facadas; e a Alma, porque em tal caso (estando antes tambem preocupada de outros vicios a que este a incitou) para o Inferno caminha (5)

(3) *Paris de Puteo in vers. lud honor n. 9. & vers. ludus est n. 14.*

(4) *Casalup. de Ludo. n. 27. Par. de Put. sup.*

(5) *Juan Huarte de S. Juan Exame de ingenios cap. 8. in fin. Stefan Costa in tract. de ludo. Tullius in l. offic. Galen. l. art. medic. c. 12.*

A isto tudo se expoem os jugadores que tem este officio por vida, se chegaõ a exceder o divertimento licito, e moderado, porque em tanto só tem o appellido de curiosos. Os antiguos a que toda via naõ faltava a luz da razaõ, desta sorte o praticavaõ, e os primeiros jogos que os historiadores mencionaõ se viraõ no Mundo, e ainda hoje entre nòs se concervaõ, foraõ a choca que os pequenos jogaõ em as ruas, buscando por lugares mais acommodados aos adros: Perseo falla neste jogo. (6) O das Damas, e Xa-

(6) *Perseus.*

drez

drez que se jogaõ em huma taboa, e dizem o inventàra Xerxes 3435. annos depois da creaçaõ do Mundo. (7)

(7) *Plin.*

O truque de taco do qual nasceo depois o da laranginha, e bola saõ antiguos, e mais ainda o saõ o dos dados, tabolas, e pella, que como refere Herodoto, foraõ inventados pelos de Lydia. (8) Plinio na opiniaõ discrepa, asseverando que hum homem chamado Pytho fora o que inventou jogarse a pella (9) depois se introduzio o dos pares, e nones, que he como adevinhaçaõ, no qual falla Suetonio Tranquilo na vida do Emperador Augusto Cezar (10) outros mais de que Persio, e Plauto fazem mençaõ; e ultimamente o das cartas, e neste mil varieda-des, humas que inculcaõ galanteyo, e outras que induzem perdiçaõ: sendo destas nas cazas de jogo mais communs os do Pacau, Banca, centos, piques, quinto, quarto, e arrenegada.

(8) *Herodot. lib. 1.*

(9) *Plin. lib. 7.*

(10) *Sueton. Tranq. in vita Augusti Cæsaris. Vide Persium. & Plautum.*

O exercicio, e vida dos Toureiros tambem he por natureza vil, e mais proxima aos incidentes da morte que à concervaçaõ da vida: ha opinioens sobre quem inventou o tourear; querem huns fossem os Pelasgos, outros que os Athenienses, e outros que os Romanos. O certo he ser rito Gentilico injustamente em Reynos Catholicos tolerado, e às pessoas Ecclesiasticas (por Direito) atè nas vistas prohibido, he lutar com huma braba féra, e expor voluntariamente a vida a huma morte infeliz, e disgraçada (11)

(11) *De his vide Plin. Plaut. Tullium Justin. Cyprian. & ex Jur. Can.*

CA-

CAPITULO III.

Dos Bebados, Ladroens, e Homicidas. Propoem-se exemplares monſtruoſos neſtes vicios. Moſtra-ſe ſer morte vergonhoſa o perſiſtir no exercicio de taõ depravada vida.

PAra tudo ha gente no Mundo: e ſupoſto a natureza humana (como a Filoſofia enſina) naõ appetece o mal ſe naõ com a razaõ, ou apparencias do bem (1) ha no Mundo homens que viciando voluntariamente o meſmo bem, conhecem, e appetecem o ſeu mal; eſtes ſaõ os bebados, que experimentando outras vezes, lhe faz mal o muito vinho, ſempre o appetecem pelo muito que o goſtaõ, e ſempre lhe ſabe muito bem.

(1) *Com. Philoſ.*

He eſte hum dos vicios mais peſſimos que pòde ter qualquer homem, que ſe eſte no raciocinar tem o diſtinctivo do bruto (na razaõ de animal) tomado do vinho parece que de hum bruto ſe naõ diſtingue. Ver no Mundo a hum homem bebado, he ver hum bruto, ou hum cavallo ſem freyo, hum barco ſem leme, Campanario ſem grimpa, relogio ſem pendula, e roca ſem ſizo. Faz o demaſiado vinho ao entendido, louco; ao ſezudo, fallador; ao fraco, valente; ao forçoſo, cobarde; ao melencolico, alegre; ao honeſto, laſcivo; ao ſadio, enfermo; e ſomnolento ao eſperto.

Jà o ver a quatro bebados entrar na taverna, viſitar as pipas, obſervar as medidas, eſcorrupixar os copos, jugar duas mãos, fazer

fazer gritarias, contar ſuas farças, armarem bulhas, fazerem-ſe amigos, dezafiar a huns, ameaçar a outros, e compor-ſe tudo com quatro azeitonas, e mais vinho, he certamente couſa vergonhoſa! Eſta he a vida de muitos que principiando a beber, ou para coſimento do eſtomago, para terem alento no trabalho, ou taõ ſómente por moderado uſo vendèraõ fazendas, deſtruhiraõ cazas, diſſipàraõ bens, roubàraõ os alheyos, ficàraõ ſem credito, perdèraõ a honra, e com vida taõ perdida por exercicio porque vièraõ a demaſiar-ſe no vinho com o mayor exceſſo, perdèraõ antes de tempo naturalmente a vida.

No capitulo 18. do primeiro livro deſta obra arguì jà eſte abominavel vicio, de que para emmenda de outros puz exemplares monſtruoſos; ſe mais quizerem ver ainda em homens graves que cahiraõ neſte erro, tem a Cleomenes Rey dos Eſpartanos que de propoſito ſe embebedava para pelejar à imitaçaõ dos Tracios (2) Andebunto Rey de Inglaterra que a todos os comeres bebia com o mayor exceſſo, com o copo na maõ cahio morto (3) Atila que pela ſua tirania ſe intitulou *Flagelum Dei*, bebeo vinho com tal exceſſo que arrebentandolhe as veas, eſtalou (4) Niſeo tirano de Siracuſſa ſendolhe dito pelos agoureiros que morria, para ſe deſpedir do vinho, embebedouſe para morrer. (5) Se em Horacio lerem as acçoens de Cataõ, Homero, e Ennio homens famoſos

(2) *Pilitian. Dante.*

(3) *V. Beda.*

(4) *Paul. Jovio E-log.*

(5) *Plutarch.*

famoſos no Mundo lhe acharàõ a nodoa, e desluſtre que lhe occaſionou o muito vinho. (6)

(6) *Orat. l. 3. & in Epiſt.*

Os Ladroens de quem ſe diz tivèraõ a Jepte por ſeu Inventor, e Principe, e hé o ſeu officio roubar os bens alheios, humas vezes deſpojando a ſeus proximos da bolça, e outras privando-os da vida, tem certamente vida perdida por exercicio, e ſendo colhidos, ou prezos, tem por ley expreſſa em todas as Monarquias violenta, e afrontoſa morte: ſó no Reyno de Inglaterra (ouvi dizer) ſe perdoa aos que por trique (iſto he por habilidade, e ſem violencia) furtaõ.

Tem antiquiſſimo principio eſte peſſimo, e depravado uſo: jà delle a Sagrada Eſcritura fala no tempo de Jacob, de Jozè, e de Labaõ (7) e Deos o prohibia naõ ſó na Ley Eſcrita (8) mas tambem Chriſto na Ley da Graça (9) he entre todos os Doutores, e PP. como pernicioſo vicio reprovado, e pelo Direito commum he todo o delinquente ſeveramente punido (10)

(7) *Geneſ. c. 30. & 31. c. 40.*
(8) *Exod. 20. Levitic. 19. Deuter. 5.*
(9) *Math. 19.*
(10) *In Jur. ff. de Furto.*

Introduzio-ſe no Mundo eſte vicio, e maligno uſo depois que a inveja, cubiça, e ambiçaõ prevalecèraõ; e chegou logo a tal exceſſo, que naõ ſatisfeitos jà os homens de roubar por todos os modos que podem, os bens alheyos, querendo avultar furtando, ſe expozèraõ atrevidos ſem temor nem da Juſtiça Divina, nem da Humana, a ſer crueis homicidas, ou por vingança de qualquer natural, e licita reziſtencia, ou porque (co-

mo homem morto naõ falla) o seu insulto se naõ divulgasse, ou soubesse, e nunca alguem os prizionasse.

Dos que exercitàraõ este modo de vida infame (11) mostraõ por escandalozos exemplares os historiadores antiguos a Espartaço, o qual de pequeno ajuntando-se com outros, e exercitando-se em furtos limitados, veyo a ser, como nenhum do seu tempo, famoso ladraõ de estradas, e facinoroso homicida, e tanto chegou a enriquecer com os bens alheyos, que fazendo-se forte com gente armada, poz guerra atrevidamente aos Romanos, mas colhendo-o às mãos foy castigado como merecia. (12)

(11) *Ex Jure.*

(12) *Colio.*

Titigia ladraõ famoso que toda sua vida (neste officio) gastou em os bosques de Arcadia sahindo a fazer latrocinios indiziveis, sem que ainda fortificados lhe escapassem povos pequenos, nem armados perdoasse a viandantes, tirandolhe por gosto cruelmente a vida, e roubando-os. (13) Euribato se nos roubos, e homicidios o igualou, na malicia, e destrezas engenhosas o excedeo. (14) Ataba, e Numenio unidos, foraõ dous ladroens taõ dezalmados, que com a mayor insolencia nada respeitàraõ, roubando cazas, e tirando vidas. (15)

(13) *Zenodoto.*

(14) *Textor. in off.*

(15) *Herodoto.*

De outros muitos faz mençaõ a antigua historia; mas para mostrar que este vicio chega tambem aos grandes, aponto ao Emperador Nero, e a Caioverre Governador

de

de Cezilia pela Republica Romana, famoziſſimos ladroens ao grave, pois cuidando ambos de enſopar em ſi os bens de todos, por induſtrias fizeraõ ſeus todos os dinheiros, e riquezas dos que dominavaõ, vendendo as mercès, tomando as poſſeçoens, desfardando as cazas, e deſpojando de toda a preciosidade, e riqueza atè os templos dos Deoſes. (16)

(16) *De Ner. vide Cornel. Tacit. de Caio Ver. vide Lactant. Firmin. l. 2.*

CAPITULO IV.

Da Arte Meretricia, e Bruxarias. Moſtra a malignidade dos enfeites concurrentes para afectar as laſcivas fermoſuras. Expoem a antiguidade nos ſeus malignos inventos.

NAõ ſem juſtificadiſſima cauſa unî eſtas duas Artes pèſſimas em hum ſó capitulo, porque como ambas inculcaõ transformaçoens da creatura, ſendo as transformadas muitas, hum he o que as tranforma. He o demonio autor de todo o mal, e ſendo eſtas artes por natureza pèſſimas, quem podia ſer o inventor dellas ſe naõ o meſmo demonio?

Saõ as Almas templo de Deos, e membro de ſeus membros, que unidos no miſtico corpo da Igreja, tem por cabeçaa Chriſto (1) mas deſmembrando-as o peccado, e o demonio transformando-as, facilmente ficaõ com luciferina arte para os mais peſtiferos exercicios reunidas. Taes ſaõ os de que trata o capitulo preſente, e ambos diſputaõ antiguidade grande, moſtrando as

(1) *1. ad Corint. 3. 2. ad Corint. 6. Epheſ. 4. & 5. Coloſ. 1.*

meſmas letras Divinas jà no tempo de Judas filho de Jacob (ſe naõ he ainda mais antiguo) ter em Thamar a Meretricie ſeu principio; (2) e jà no tempo de Saul ter em Pytoniſſa a Bruxaria o ſeu invento. (3)

(2) *Geneſ.* 38. *Ruth.* 4. 2. *Regum.* (3) 1. *Reg.* 28.

Tem dominaçaõ nos animos cobardes a Meritricie como inſinuou o Evangeliſta Aguia (4) e he trato, e officio taõ aſqueroſo, taõ baxo, taõ infame, e taõ vil, quanto naõ pòde bem a penna explicar. Saõ ſuas cazas como açougue publico, no qual ſe expoem para o povo carne de varios animaes ao talho. Saõ tolleradas pelo Direito Civil, por evitar mayor ruina (5) mas em publica Praça por hum Porteiro vil apregoadas. Naõ ſey poſſa haver no Mundo mayor miſeria, nem que huma mulher torpe poſſa chegar a mais fatal deſgraça.

(4) *Apoc.* 17. & 19.

(5) *Vid. in Jur. com.*

Neſta cahiraõ algumas mulheres antiguamente, e como eraõ menos em o numero, dellas os Eſcritores hiſtoriàraõ. Plinio Herodoto, e Plutarcho fazem mençaõ de Rodopea: Propercio, de Taide; Mondogneto, de Lamia; Gelio, de Gliceria, e Leoncia; Origenes, de Celia, Ermia, e Sempronia; Claudiano, de Laide; Crinito, de Trine; Livio, de Faucola; Dante de Sinope, e Flora; Coſto, de Polinda, e Beronice; Paulo, de Roſmanda; Sexto Aurelio, de Fauſta; Contarino, de Porcia; Bergamo, de Lucrecia; Plutarcho, de Cleopatra. Hoje qualquer mundano farà mençaõ de muitas mil. (6)

(6) *Plinius. Herodot. Plutarch. Propertius. Mondogneto. Gelio. Origenes. Claudian. Crinito. Livio. Dante. Thom. Coſto. Paul. Diacon. Sext. Aurel. Luigi Contarini. Fillippo de Bergamo. Plutarch.*

Muito

Muito conduzio para eſte laſcivo trato, que moralmente he morte viva, a invençaõ dos enfeites, cheiros, e unguentos, eſtimulos tudo da laſcivia, do que foy autora, e inventora Venus mulher mais torpe que o Mundo teve, a quem os Gentios deraõ adoraçoens como Deoſa, cativos da ſua formoſura (7) eſta foy a que eſtabeleceo a arte Meretricia como affirma Lactancio Firminiano (8) e a que induzio as mulheres da Ilha de Chypre que ganhaſſem publicamente com ſeus corpos (9) como refere Juſtino; eſte coſtume ſe imitou pelas mulheres de Babilonia, participou-ſe às Aſſirias, Gregas, Hetrurias, e Romanas, como Herodoto, e outros eſcrevèraõ (10) Para os enfeites concorreo Medèa (11) tambem os povos Abantes.

(7) *Ovid. Virgil.*

(8) *Lact. Firm. l. 1. Hiſtor. Sacra.*

(9) *Juſtin. hiſt. l. 18.*

(10) *Herodot. Plutarch. Alex. Mag. Diogenes.*

(11) *Clemente.*

A Arte de Bruxaria diabolica, e abominavel he emprego mais proprio das mulheres que dos homens, por ſerem aquellas mais faceis de enganar pelo demonio, o qual como Inventor, e meſtre de taõ maldita arte lhe dà traças muito ſuas para eſte exercicio. He deſte o primeiro enſayo arrenegar de Deos, e offerecerſe ao demonio fazendo, e tendo com elle hum expreſſo pacto, de tal ſorte que hum demonio lhe aſſiſte ſempre como Anjo da ſua guarda.

He ſabida, e a muitos muy notoria a occupaçaõ em que as Bruxas ſe exercitaõ, pois ſendo màs para ſi meſmas (12) o ſaõ tambem com eſpecialidade para as crianças in-

(12) *Ripa. Dionizio. Joaõ Oven.*

nocen-

nocentes cujo ſangue extrahem com o perigo de vida as menos vezes, que as mais he com morte certa (13) capacitandoas o demonio (principalmente às que ſaõ velhas) que com aquelle innocente ſangue bebido lhe hade ſer a mocidade renovada. (14)

(13) *Mart. del Rio.*

(14) *Marſil. Ticin. l.2. de vita longa cap. 11.*

Para mais a ſeu ſalvo fazerem as Bruxas o ſeu effeito, ſe convertem por arte do demonio em diverſas formas, transformando-ſe ordinariamente em limitadas figuras para mais ſe lhe facilitarem as entradas (15) outras vezes fazem o ſeu emprego para provocar a actos venereos; outras tirando honras, e fazendo perder vidas; outros roubando peças, e extraindo fazendas, uſando para eſtes, e outros effeitos de unguentos, e unturas com ajuda do demonio fabricadas; (16) ſe os curioſos quizerem mais ſaber neſta materia, leyaõ os ſeguintes autores abaixo poſtos por naõ occupar tanto as margens.

Pedro Cieza in deſcript. Indiæ. Ovid. Faſtor. 6

(15) *D. Hyron. in Epiſt. ad Paul. D. Auguſt. l.21. de Civit. Dei. D. Thom 2.2. quæſt. 12. art 2.*

Baptiſta Codronchio.	Antonoio Ferreira.	Grillando.
Sebaſtiaõ Michel.	Garcislao Inca.	Apuleyo.
D. Ramires del Prado.	Peres de Lara.	Plutarcho.
D. Franciſco de Affonceca Henriques.	Creſpeto.	Plinio.
AmericoVeſpuzio.	Propercio.	Senneto.
	Boetho.	Rozeo.
	Zacuto Luſitano.	Xiphilino.
	Remigio.	Torreblanca.
	Brognolo.	Joaõ Oven.
		Hyeronimo Vida.

CAPI-

CAPITULO V.

Da Arte Magica, e ſuas muitas divizoens. Moſtra ſe a ſua antiguidade, e Origem; Declara-ſe o ſeu invento. Toca-ſe na Judiciaria, ſendo todas prohibidas em uſo.

A Arte Magica em que muitos antiguamente florecèraõ com o ambicioſo dezejo de ſaber couſas futuras, e tem ſua deduçaõ dos principios Phizicos, e Mathematicos, como os Eſcritores aſſevèraõ, e ſendo (como me capacito) directa, ou indirectamente ſeu Inventor primeiro o demonio, teve (como Plinio, e Euzebio eſcrevéraõ) em Perſia a ſua origem por Zoroaſtes Rey dos Battrianos aos quatro mil annos da creaçaõ do Mundo, mil cento e oitenta e ſinco annos da fundaçaõ de Roma, e novecentos antes da guerra de Troya. (1)

Foy Thezalia a primeira Regiaõ que ſe infamou com eſta arte (2) e Plinio achou (como diz) ainda reliquias della no ſeu tempo em a ley das doze taboas. (3) Pythagoras, Empedocles, Democrito, e Plataõ foraõ nella eminentiſſimos, e Hoſtaſthenes fez glozas ſobre ella. (4) He moralmente fatal perdiçaõ de vida o ſeu exercicio. He ſua empreza adivinhar futuros mediante o pacto com o demonio; ſaõ ſeus membros os ſeguintes, e eſſes as ſuas divizoens.

Geomancia - modo de adivinhar pela terra. Mantuano faz della menção (5) he heretica,

(1) *Plin. l. 30. Euzeb. l. 10. de Præpar. Evang. & in l. de Tempor.*

(2) *Lucan. l. 6. de bel. Pharſalic. Apuleyo l. 1.*

(3) *Plin. l. 3.*

(4) *Plin. l. 30.*

(5) *Mantuano in Apoleon.*

retica, e ſuſpeita de pacto. (6)

(6) *Extravag. Sixti 5. an.* 1586.

Hidromancia - era modo de adivinhar pela agua; heretica, e ſuſpeita de pacto. (7)

(7) *Extravag Joan. 22. & Sixti. 5. an.* 1586.

Aerimancia - modo de adivinhar pelo ar; heretica, e ſuſpeita de pacto. (8)

(8) *In Extrav. Sixti.*

Pyromancia - modo de adivinhar pelo fogo; prohibido, e ſuſpeito de pacto. (9)

(9) *Sixt. 5. & in c. Igitur. 26.*

Chyromancia - modo de adivinhar pelas linhas das mãos; falça, váa, e eſcandaloſa, prohibida como tal. (10)

(10) *Barboza de Poteſtat. Epiſcop. & in Extravag. Sixti.*

Nicromancia - modo de adivinhar pelas ſombras, ou corpos mortos; condemnada por Direito Divino, e humano (11)

(11) *Levitic.* 10. *Deuteron.* 18. *Judic.* 12. *Iſaiæ.* 8. *Job.* 13. 1. *Reg.* 6. 4. *Reg.* 1. *In Jure C. qui ſine Salv.* 26. *q.* 6. *Nec. mirum.* 26. *q.* 5. *l. prætor.* § *adverſ. c. de Sepulchr. viol. l. mult. c. de Malef. l.* 2. *t.* 23. *part.* 7.

Rabdomancia - modo de adivinhar por entre dous paus iguaes, e encantados, a que vulgarmente ſe chamava - Varinha de Condaõ; uſava-ſe de mais modos, mas todos ſaõ prohibidos.

Dactilomancia - modo de adivinhar pelos aneis fabricados com certos caracteres, e encantados; prohibida.

Alectromancia - modo de adivinhar pelo Abecedario dividido em partes iguaes.

Arithmancia - modo de adivinhar pelos computos, e letras da Arithmetica.

Onomancia - modo de adivinhar pelas ſignificaçoens dos nomes, e ſuas Ethymologias. He tolerado em o fazer Anagramas.

(12) *Bonacin. in præc. Decalogi diſp.* 3. *q.* 5. *D. Thom. p.* 1 *q.* 115. *art.* 4. *Mayol. t.* 2. *can. col.* 2.

Phizionomia - modo de adivinhar pelas feiçoens do roſtro, permittida em quanto ſe contèm dentro dos lemites da natureza, (12) mas em quanto julga dos dons Divinos, he reprovada, e prohibida. (13)

(13) *D. Paul. ad Cor.* 1. *cap.* 12. *v.* 1. *Torreblanc l.* 7. *c.* 7. *Binsfeldio in l. Reg.*

Ono-

Onomancia - modo de adivinhar pelas unhas; prohibido.

Ariola - modo de adivinhar pelos Idolos, e aras (14) he prohibida por falsa, e hereticа (15) jà no Deuteronomio se prohibia. (16)

Cephalmancia - modo de adivinhar pela cabeça de qualquer creatura, assada no fogo, e encantada com certos ritos, e ceremonias.

Estoicheomancia - modo de adivinhar pelas primeiras palavras que se encontraõ, aberto qualquer livro.

Coscinomancia - modo de adivinhar por huma joeira, ou crivo, ou pineira.

Cleidomancia - modo de adivinhar por hum prego, ou cravo de metal pregado no meyo de hum circulo cheyo de letras barbaras.

Cratomancia - modo de adivinhar por hum bocado de paõ metido por maõ de Sacerdote na boca de outrem.

Castrolomancia - modo de adivinhar por huma garrafa cheya de agua com huma luz diante posta na maõ de huma Donzella.

Acristalomancia - modo de adivinhar por pedaços de cristal, mostrando o demonio figuras.

Castropomancia - modo de adivinhar pelos espelhos encantados, para saber o termo das doenças.

Axiomancia - modo de adivinhar por enxòs, e machadinhas luzentes.

Pardenomancia - modo de adivinhar se a

(14) *D. Isidor. l. 8. etim c. 9.*
(15) *Suar. l. 2. Decal. cap. 37. Tolet. in Sum. l. 4. cap 14. n. 2. Simanc. de Cathol. instit. t. 3. a n. 1. Zech. in sum. p. 1. t de fide c. 14.*
(16) *Deuter. c. 18.*

mulher eſtà virgem, ou naõ.

Amniomancia - modo de adivinhar pela tunica, ou membrana da creatura quando naſce.

Omphalomancia - modo de adivinhar pelos nòs da vea umbrical, ou do embigo, quando naſce a creatura.

Auruſpicina - arte de adivinhar pelas entranhas, membros, fibras, e partes dos animaes naõ ſó racionaes, mas irracionaes, que de todos fazia o gentiliſmo Sacrificio. (17) Os antiguos ainda ſubdividiaõ eſta em oito partes que por fugir à extençaõ naõ individùo, e dellas trataõ os Autores que à marge aponto. (18)

(17) *Juvenal. Joan. Stuchius. Sueton. Horat. Virgil. & primo vide S. Script. Pſ. 1 5. v. 37. Exech. c. 23. v. 39. 4. Reg. 16.*

Augurio - modo de adivinhar pelas vozes de diverſos animaes, com eſpecialidade de diverſas Aves.

(18) *Silius Italic. Lucan. Mantuan. Jozefo. Lactancio. Mayolo. Seneca. Arnobio. Alex. Neapol. Stuchie. Camerario. Luciano. Nicephor. Euzeb. & alii.*

Auſpicio - modo de adivinhar pelo voo das meſmas Aves.

Preſtigio - he pôr fantezias no ſentido commum para revelar os futuros.

Aſtrimancia - he modo de adivinhar pelas Eſtrelas as vidas, mortes, e naſcimentos das creaturas.

Pytonica - modo de hir por familiar a qualquer parte do Mundo.

Acabala - modo de adivinhar pelas letras, e figuras.

Horoſpicio, e Horoſcopio - modo de adivinhar pelas horas do dia.

Sortilegio - modo de adivinhar pelos dados, naipes, e ſortes.

Ima-

Imaginaria - modo de adivinhar por imagens de cera, pedra, e pau.

Encanto - he para com palavras confundir os ſentidos.

Notoria - he modo de aprender todas as ſciencias ſem meſtre, nem eſtudo, nem exercicio algum.

Breviaria - he pôr ſinaes, caractères, ou letras em hum papel, traxendo-ſe eſte ao peſcoço.

Caratheria - modo de adivinhar por rubricas, e cifras.

Ligatura - modo de fazer impotentes aos homens.

Chimica - modo de mudar a ſubſtancia de hum metal em outro.

Aſtrologia Judiciaria - he a fonte donde manaõ todas eſtas ſuperſtiçoens, em quanto concidèra, e julga os futuros contingentes, e por modos ſuperſticioſos faz nas Eſtrellas, e Aſtros ſiniſtras obſervaçoens, e varios diſcurſos; o que tudo, e quaſi tudo o que contem as eſpecies da Magica mencionadas he prohibido no uſo pelos Pontifices Romanos com eſpecialidade por Siſto V. in Extravag. jà alegada; e neſtas materias eſcrevèraõ os Autores que aos curiozos (ſe quizerem mais individuar noticias) jà exponho, e ſaõ os ſeguintes:

S. Agoſtinho.	Phyloſtrato.	ximo.
S. Cypriano.	Caſſiodoro.	Herodoto.
S. Thomàs.	Origenes.	Jamblico.
S. Izidoro.	Valerio Ma-	Catullo.

Lemnio.
Egydio.
Mexia.
Mendoça.
Pedro Binsfeldio.
P. Antonio Vieira.
Thomàz Moro.
Eſtacio Pipino.
Bento Remigio.
Joaõ deMena.
PaulloGrilando.
Joaõ Azor.
Toſtado.
Eſtrabo.
Yepes.
Glicas.
Pictorio.
Juvenal.
Claudiano.
Martin del Rio.
Martin de Roã.
Carlos deBaucio.
Torre Blanca.
Bulengero.
Ariſtophanes.
Covarrubias.
Reuclino.
Pletomnio.
Joaõ Brodeo.
Zonaras.
Anniano.
Cardano.
Arnobio.
Marcial.
Candido Brognolo.
Thomàz Sanches.
Guilhelmo Parizienſe.
Celio Rodiginio.
Joaõ Diacono.
Simaõ Mayolo.
Predro Gregorio.
Alexandre ab Alex.
Raphael de la Torre.
Valle deMoura.
Nicephoro Calixto.
Alexandre Neapol.
Octavio Scarlatino.
Franciſco Pico.
Lucano, e outros.

CAPI-

CAPITULO VI.

Dos Feiticeiros, Mezinheiros, e Benzedores. Falla nos Amentadores, e Emprazadores: tocando só estas materias.

JA bastava o que no capitulo antecedente fica dito para que claramente se conhecesse a malevolencia destas artes, que como tambem se estabelecem no magisterio do demonio, necessariamente haviaõ ser moralmente lastimosa perdiçaõ de vida para os que as exercitaõ, ficando justamente accredores à mayor infamia, de que por nenhum pertexto, conforme as letras Divinas, e humanas, se escuzaõ, pois que todos os Catholicos, e Sapientissimos Escritores as abominaõ como cousa do demonio, e vigorosamente as reprovaõ.

Os Feiticeiros, a que os Latinos chamaõ tambem Emplasmadores, tem seu exercicio (por pacto com o demonio) em perseguir as humanas creaturas, ordinariamente sendo rogados de outras, sem que seja necessaria outra causa mais que huma raiva, vingança, ou inveja; e tambem algumas vezes por exercicio e influxo da malignidade propria. Costumaõ para isto observar os quatro humores de que o corpo humano se compoem, isto por ciencia do demonio, que com elles magistralmente opèra, para que no mais apto se possaõ introduzir achaques, e enfermidades varias, atormentando gravemente o corpo da miseravel, e paciente creatura,

Vejaõ os Autores allogados no fim deste cap. 6.

creatura, affectando ſempre o parecer doença natural, para q̃ alguns Medicos obſervando os ſyntomas apparentes que o demonio, illudindo-os, lhe repreſentavaõ, teimando em lhe applicar remedios, e vencer ſalarios, atè que deſtruida a natureza, e exhaurida a bolça (repugnando em tanto, que os Exorciſmos da Igreja ſe lhe appliquem) vem a perder a vida, ſem ſaber de que, ſe a Igreja por ſeus Miniſtros naõ acudir, por mais que a Medicina ſe empenhe ſcientificamente a curar.

Os Mèzinheiros concordaõ quaſi com os Feiticeiros, e ſaõ ſuſpeitos de pacto com o demonio, pois o ſeu curativo que he ſempre por palavras muitas vezes Santas, e Divinas, com cruzes, bençãõos, e acçoens, he abſolutamente prohibido, aſſim como o curar dos Feiticeiros, diſſolvendo por affectada, e diabolica virtude os maleficios que, ou elles meſmos, ou outros fizeraõ, o que na melhor opiniaõ naõ pòdem ſem fazer novo maleficio; e ſó os Miniſtros da Igreja tem autoridade para (com o poder Divino) poder curar queixas eſpirituaes; nem o enfermo ſem culpa graviſſima pòde admitir curas dos taes mèzinheiros, e feiticeiros pela razaõ do pacto que ſe inclue, e envolve entre mil modos eſtravagantes, e rediculos obſervados neſtas curas.

Vide infra.

Paul. ad Cor. 1. 12. & 14.

Os Benzedores (naõ falo em os que benzem, ou curaõ *Per gratiam gratis datam*, pois ha peſſoas a quem Deos quiz dar eſte dom) coinci-

coincidem com os mezinheiros, e pelas razoens jà ditas ſaõ ſuas benzeduras ſuperſticioſas como no Mundo por uſo, ou abuſo ſe praticaõ; os Theologos Moraliſtas as reprovaõ, e neſte erro cahem mais do que os homens as mulheres, que como ſaõ mais metidas a devotas, facilitaõ-ſe mais com affectada virtude neſtas benzeduras, ou bixancoros.

Os Amentadores, e Emprazadores cujo officio, e exercicio he bem ſabido (repreſentando-ſe eſte neceſſario, pois conduz para o goſto dos Principes nas reaes caſſadas; e aquelle util, pois domeſticando dos meſmos Touros a brabeza com facilidade nas conduçoens os aggrèga para a ſuſtentaçaõ commua) reputa-ſe por ſuſpeito de pacto, ſendo abominavel, e prohibido como eſpecie de Feitiçaria. Iſto baſta na preſente materia em que jà diſſe mais por outra vez, e ſe quizerem os Leitores mais noticias, pòdem ler em os ſeguintes Autores ſobre eſte capitulo.

Traliano.
Gordonio.
Varraò.
Mayolo.
Caetano.
Farinacio.
Grillando.
Azor.
Llamas.
Zerola.
Quinto Sereno.
Martin de Arles.
Torreblanca.
Gatinaria.
Taranta.
Simancas.
Cardano.
Jacob Graffis.
Torreblanca.
Thomàz Moro.
Valle de Moura.
Martin del Rio.
Vera Cruz.
Eſtevaõ Bubalo.

Andrè

Andrè Lourenço.	Sonco.	Genebrardo.
Pedro Thyrreo.	Ripa.	Binsfeldio.
Franciſco Pico.	Sanches.	Eſpirengerio.
Joaõ Oven.	Bozio.	Toſtado.
Leſſio.	Moura.	Baſſimo.
Jamblico.	Foſtado.	Tralliano.
Beza.	Bodino.	Aſpiculeta.
	Candido.	Amniap.
	Ciruelo.	Carlos de Baucio. *
	Leoncio.	

* *Sed non Legito prohibis hicto, neque in alia materia.*

DIVIZAM II.

Vida perdida por natureza.

CAPITULO VII.

Dos Enfermos actuaes, e habituaes. Moſtra de que procede aos mortaes as doenças, e achaques que padecem, pondo-ſe em proxima aptidaõ de perder fizicamente a vida.

NOs Seculos antiguos em que as vidas dos homens eraõ mais largas, entendia o barbaro Gentiliſmo que de ſeus falſos Deoſes quando irados lhe procedia immediatamente alguma doença que padeciaõ, e aſſim querendo modificarlhe (por utilidade propria) o ſeu furor, lhe offereciaõ em cruento Sacrificio o filho, ou prenda que mais extremoſos amavaõ. (1) Devota impiedade! Com perda de alhea vida queriaõ concervar ſem enfermidade a ſua propria.

(1) *Alceo. Polybio. Plutarch.*

Seneca

Seneca (ſupoſto que Gentio) com claro diſcurſo obſervando, e reflectindo o bem empregadas que eraõ as enfermidades nos impios, que com a morte acabavaõ, todo eſtimulado eſcreveo: *Miranda res eſt impium mortuum eſſe, cum nunquam vixerit* (2) reputando por graviſſimas enfermidades actuaes, e habituaes aos vicios que naõ ſó moral, mas fiſicamente tambem mataõ, diz que he de admirar morra o impio, ſem nunca ter vivido. (2) *Seneca.*

Saõ as enfermidades (como os Doutores Miſticos aſſevèraõ) mimos, e favores de Deos (3) mas reſpondem impacientes os impios que naõ querem de Deos eſſes mimos, ou favores; Deos os faz para que os homens com eſte deſpertador cuidem logo de applicar promptiſſimos remedios para ſaràrem das enfermidades da culpa reſtituindo-ſe à vida da Graça; e os peccadores tendo de graça eſte ſaudavel remedio (ſem poderem dizer como o Paralitico da Picina (4) pois no meſmo ponto, e hora Deos como Medico Divino lhe acode, naõ ſe querem aproveitar, de ſorte que huns pejando-ſe, e repugnando ao vomito de ſuas culpas fazem como diz S. Jeronimo incuravel a ferida: *Si erubeſcit ægrotus vulnus Medico detegere, quod ignorat Medicina non curat* (5) outros oppondo-ſe à tolerancia de todo o eſpiritual remedio ao Divino Medico de nenhuma ſorte buſcaõ, e perſiſtindo com actual, e habitual enfermidade, morre moralmente a Alma, e fiſicamente o corpo, tendo ſuccedido a muitos (3) *S. Thereſ. in oper. D. Auguſt. de Civit. Dei.*

(4) *Joan. 5.*

(5) *D Hyeronim.*

ſerem ſepultados no inferno em corpo, e Alma. (6)

(6) *Vid. P. Andrada in Itiner.*

Mas paſſando jà (ſem digreçaõ) do moral para o fiſico, queſtionaõ os Doutores da arte Medica, qual ſeja a cauſa das enfermidades nas creaturas humanas; e obſervando os modernos as maximas de Hipocrates, Galeno, Avicena, Ariſtoteles, e outros antiguos que com ciencia, e experiencia na materia eſcrevèraõ, dizem huns que o fomento, e formento das noſſas enfermidades he a craſſidaõ, a qualidade, e algum exceſſo dos comeres, que, ou ſendo por natureza indigeſtos, ou naõ os podendo o eſtomago por alguma das cauſas ditas digirir; naõ fazendo o cozimento, e fermentaçaõ neceſſaria, ſe corrompem, e participando-ſe à maſſa ſanguinaria os excrementos, padeſſe o corpo enfermidades. *

* *Hipocrates. Galen. Avicen. Ariſtol. & ex his recentiores AA. Medicin. ſuo loco expoſiti.*

Aſſevèraõ outros que da intemperança dos climas; outros, que da groſſura das aguas, ou crueza de outras; outros, que da veſinhança das lagoas; outros, que da corrupçaõ dos ares; outros, que do influxo dos Planetas; outros, que da variedade dos tempos; e outros, que da dezigualdade das quadras, procedem aos mortaes as enfermidades que padecem, o que tudo a meſma experiencia nos moſtra, pelo que em os noſſos corpos ſentimos, pois, ou motivando-o os vapores que da terra ſe levantaõ, ou occaſionando-o o nimio calor do Sol que tudo abraza, ou cauſando-o a demaſiada chuva que

tudo

tudo innunda, as enfermidades ſe geraõ, e nós gememos. *

Outros Eſcritores dizem que da mà compleiçaõ da creatura, e depravada conſtituiçaõ dos humores, ou fleumaticos, e frios, ou aduſtos, eſcorbuticos, e colericos gerados na creatura, ou pela intemperança no beber, ou pelo exceſſo na laſcivia, ou pelo trato violento, ou pela falta de exercicio moderado (a naõ ſer por algum dos modos aſſima expreſſados) ſe gèraõ as doenças, e enfermidades, fazendo a muitos homens caqueticos, e deixando a outros hidropicos; conſtituhindo a outros eticos, ou tizicos, e outros ficando pobres, e corruptos; outros com erpes malignados, e outros com parlezias, e eſtupores, todas certamente enfermidades mortaes, com que a vida de ordinario fizicamente ſe perde ſem que os remedios facilmente aproveitem.

Outros finalmente ficando com habituaes, achaques, ou tolhidos por ciatica, ou cegos por gota ſerena, ou tartamudos, e lezos por accidente apopletico, ou coxos, e aleijados por nacença, e qualquer dezaſtre, ou gotozos pela mà qualidade de humores, ou em fim padecendo outras ſemelhantes enfermidades, e outros experimentando o achaque da velhice que he doença habitual, ſem remedio, vem neceſſariamente a pagar o tributo à natureza fiſicamente perdendo a vida, e cuſtandolhe mais que aos moços o apartarſe deſte Mundo, talvez por lhe te-

rem mais amor jà que mais tempo o logràraõ, chegaõ precizados a ſogeitarſe à morte eſtranhando-o por ſer a primeira vez. *

CAPITULO VIII.

Das Mortes naturaes, cazuaes, e repentinas. Moſtra-ſe os irreperaveis damnos no dezacerto tanto que a Alma ſe ſepara, e a terribilidade do Juizo a que por força ſe ſogeita.

Oncluindo-ſe a vida da creatura por diſpoſiçaõ do Creador, e chegado o dia, e hora por todas ignorada (1) havendo neceſſariamente de dar complemento, e ſatisfaçaõ ao infalivel Eſtatuto (2) chega com rebuços a morte, a huns fazendo-ſe medonha, e a outros deſconhecida, quando jà com mais, ou menos preça fazendo o ſeu effeito (ſe de repente naõ vem) principia a exercitarſe nos deſpojos, pois quebrantando as forças, ventilando os alentos, desfalecendo os eſpiritos, enfraquecendo as potencias, debilitando os pulſos, fugindo o calor, parando na circulaçaõ o ſangue, privando do exercicio aos ſentidos, e totalmente desfalecendo o coraçaõ; ſendo eſte o principio da vida (3) he em tal cazo o ultimo deſpojo da morte. (4)

(1) *Math.* 25. 13.

(2) *ad Hebr.* 9.27.

(3) *Com. Philoſ.*

(4) *Com. Medic.*

He a morte no commum ſentido dos Doutores huma ſeparaçaõ da Alma com fiſica privaçaõ da vida. (5) Plutarco eſcreveo que o homem naturalmente principia a morrer, tanto que entra a caducar (6) ainda

(5) *Ariſtoteles. Plato. Galen.*

(6) *Plutarch.*

da Seneca requintou mais este conceito dizendo, que apenas a creatura nasce, logo para a morte acceleradamente caminha (7) tanto se verifica esta asseveraçaõ Catholica, supposto escrita por huma pena gentilica, que tendo approvaçaõ dos mysticos Doutores, com a mesma experiencia se comprova quando vemos que com mais, ou menos annos, e em toda a idade; a humana creatura morre, algumas tanto que nascem, e outras antes de viverem fóra do claustro materno, nem ser nascidas.

(7) *Seneca Ep. 24.*

Em tudo isto entendo discorreria o Santo Job, quando disse, que os dias da vida do homem eraõ breves (8) S. Jeronimo nos que vivèraõ, ou dez mil annos (tanto que a morte chega) os suppoem iguaes (9) e Santo Agostinho em tudo o que tem fim generaliza esta brevidade de vida (10) porisso David reputando toda sua idade por dias, mencionou annos só na eternidade (11) e como a morte a ninguem guarda respeitos, e igualmente entra em as cabanas dos pobres, como nos Palacios dos Principes, o que ainda hum gentio observou (12) porisso devem certificarse todos de qualquer sexo idade, e qualidade que sejaõ por mais que desejem, ou affectem duraçoens na vida, haõ de os seus annos nesta parecer dias, e só annos na Eternidade.

(8) *Job. 10.*

(9) *D. Hieron. in Epitaph. Nepotiani ad Heliodor.*

(10) *D. Augusti. in Ps. 61.*

(11) *Ps. 76. 6.*

(12) *Horatio.*

He opiniaõ certa entre os Doutores fundados no que se colige do livro da Sabedoria (13) que Deos naõ fez a morte, nem se ale-

(13) *Sap. 1. 13. Sap. 2. 23.*

gra

gra com a deſtruiçaõ dos vivos, antes creou ao homem immortal, ou inexterminavel, iſto he, em eſtado que a Alma ſe naõ apartaſſe do corpo, nem eſte ſe exanimaſſe, mas o homem (a ſeu tempo) em corpo, e Alma ao Ceo ſubiſſe; porèm como chegou a peccar o primeiro homem, pelo peccado entrou no Mundo a morte, e conſtituhindo-ſe penna juſta do peccado, como chegou a todos o peccado, a todos tambem chegou a morte. (14)

(14) *Rom. 5. 12.*

Infinitas vezes ſuccede fazerem os meſmos homens anticipar a morte ſem que naturalmente (iſto he) por natural enfermidade, ou velhice percaõ a vida; iſto ſuccede nas mortes cazuaes, e repentinas, pois dando occaziaõ a algum precepicio, e deſaſtre, ou tirando huns aos outros a vida, ou de qualquer outro modo, quando repentinamente em qualquer accidente chega a morte, ſe faz naõ ſó corporal mas eſpiritualmente mais ſenſivel a total perdiçaõ de vida, pois ordinariamente experimenta irreparaveis dannos no dezacerto a Alma tanto que do corpo ſe ſepàra.

Vide (15) *Valer. Maxim. de morte non vulg. Textor. t. de gaudio & riſ. mortui. Huerta no probl. do rizo. Aul. Gel. nas noites Atic. Franco nos Camp. Elizios. Floreſto nas obſervaçoens. Aſtolfo na Offic. hiſtorica. Barroſ. nas Decad. Plutarc. Galen. Fulgozo. Mexia. e outros muitos.*

Deſta qualidade de mortes, e outras ainda mais inſolitas eſtaõ as hiſtorias cheias, hũas ſuccedidas por alegria, e goſto grande, outras occazionadas por grãde penna, e ſentimento: aponto ao curioſo leitor alguns Eſcritores em que as lí (15) e naõ como a reſoluçaõ de as expender por ſer minha empreza eſcrever laconico, e fugir a digreçoens,

çoens, podendo fazer hum volume grande só nesta vastissima materia.

Naquella separaçaõ da Alma (em que eu fallava) quando do corpo saindo, se retira, ponto que ninguem póde evitar, só se no Mundo naõ nascer (16) e nem com o mesmo Filho de Deos se dispençou, he que está todo o perigo; porque importaria menos que naturalmente morresse o corpo, se naõ houvesse o risco de morrer espiritualmente a Alma, que para esta assim naõ padecer morte eterna, havia o homem necessariamente ter neste Mundo vida ajustada.

(16) *D. Aug. in Joan.*

O Juizo particular de Deos a que a Alma, tanto que separada do corpo, he conduzida, inculca pelo risco da sentença a mayor terribilidade: assim o entendem S. Ambrosio, e S. Anselmo ponderando as palavras de S. Paulo (17) e mais claro ainda o insinuou o Ecclesiastico (18) se pois tanto que a morte chega naõ he já tempo de merecer nem desmerecer, claro fica ser só tempo de premear, e castigar o que se tiver merecido, ou desmerecido, e assim convinha à rectidaõ da Justiça Divina, pois o mais seria demorar o premio aos bons, e dilatar o supplicio aos màos.

(17) *D. Ambr. & D. Anselm. in Ep. D. Paul. 9. 27. ad Hebreos.*

(18) *Eccles.* 11.29.

O tempo em que se fórma este Tribunal, e se conclue este Juizo, he precisamente o mesmo instante da morte de cada hum: todos os Santos o temèraõ, e muitos conciderando este perigo dezejariaõ naõ ter no Mundo apparecido, pois ao dia em que nascèraõ,

(18) *Job. c. 3.*

cèraõ, amaldiçoàraõ (18) Que ſuccederà aos miſeraveis peccadores que vivèraõ toda ſua vida diſtrahidos, e no fim ſem a neceſſaria penitencia acabàraõ? No Juizo da penitencia, e exame de noſſas conciencias he bem que nos condemnemos, antes que nos condemnem: mas no Juizo de Deos ninguem antes que o condemnem ſe condemne.

Neſte particular Juizo conſequente fatal da morte ha de a Alma ter, ou boa, ou mà ſentença, e entre ellas ha differença grande para os bons, e para os màos, que como a ſalvaçaõ, e condemnaçaõ ſaõ extremos naõ ſó diſtantes, mas oppoſtos, nunca ſe podem unir em hum ſó ſogeito. Sogeite o homem o ſeu juizo em vida à concideraçaõ da morte para que com modificados temores eſteja prevenido chegando neceſſidade taõ extrema; que ſe o neſcio tem ſó as eſperanças na vida, e guarda os temores para a morte, o prudente guarda as eſperanças para a morte, e tem os temores na vida.

CAPI-

CAPITULO IX.

Moſtra a mayor duraçaõ de tempo que os homens tivèraõ neſta mortal vida; e o quanto attribuhia o Gentiliſmo às tres Parcas, e Fados os incidentes da morte. Apontaõ-ſe com probabilidade as razoens porque antiguamente eraõ as vidas mais largas.

ADmirados os homens que agora vivem de ver o pouco que a vida dura, e obſervando o que referem as letras Divinas, e humanas dos homens que no primeiro ſeculo do Mundo, e atè o tempo do univerſal diluvio vivèraõ, entràraõ a queſtionar ſe eraõ Solares, ou Lunares aquelles annos; deſta naſcèraõ ainda novas opinioens nos homens ideados pela variedade de ſeus diſcurſos, porque huns verificàraõ naõ ter naquelle tempo mais de tres mezes cada anno; outros diſſeraõ que cada mez era de tres dias; e outros eſcrevèraõ que cada dia era de tres oras; mas refutando-ſe comó apocrifas eſtas opinioens taõ ſiniſtras, moſtro em poucas palavras com a razaõ, com a Fizica, e com a Sacra Eſcritura, Padres, e Doutores ſerem no tempo antiguo os dias, mezes, e annos, como agora.

He ſem duvida que creando Deos o Ceo, e a terra (1) diſpoz, e regulou com alta providencia eſta prodigioſa maquina do Mundo; e com o Sol, e Lua que no quarto dia o meſmo Deos creàra, quiz ſe abalizaſſem os tempos, os dias, e os annos. (2) Em

(1) *Geneſ.* 1. 1.

(2) *Geneſ.* 1. 14.

o ſexto dia formou Deos o primeiro homem (3) o qual viveo novecentos, e trinta annos; iſto aſſentado como certo (4) digo com a milhor opiniaõ (5) que foraõ Solares, e naõ Lunares eſtes annos, ainda que Marco Varro Author antiguo o impugna (6) e ſendo eſta opiniaõ dos DD. e PP. ſe confirma com a razaõ; porque

(3) *Geneſ.* 1. 27.

(4) *Geneſ* 5.

(5) *Joſef. l.* 1. *ant. Lactant. Firm. D. Aug l* 15. *de Civitate Dei.*

(6) *Marc. Varr.*

Cada hum anno Solar (como contamos os que vivemos) tem doze Luas numeradas de conjunçaõ a conjunçaõ: logo ſe os annos que v. g. Adam no primeiro ſeculo viveo, foraõ Lunares, ſegue-ſe que no preſente ſeculo vivemos nòs mais do que Adam. Prova-ſe. No preſente ſeculo tem havido homens que vivèraõ 130. annos Solares, os quaes ſendo numerados - Lunares, moſtra-ſe que chegaraõ a viver por eſta conta mais de mil e trezentos annos, tendo ſó Adam no primeiro ſeculo vivido, como diz o Texto, novecentos e trinta annos. Logo ſe he opiniaõ communiſſima que as idades agora ſaõ mais curtas, ſegue-ſe (ſem duvida) que os annos que Adaõ, e outros vivèraõ, foraõ Solares.

Ex Geneſ. 5.

A Fiſica, e natural Filoſofia moſtra que de doze annos principia o homem (com pouca differença) a ter potencia de gerar: a Eſcritura diz que Caim de ſetenta annos geràra oito filhos (7) logo, ſe eſtes annos foſſem Lunares (attendido o que fica dito) ſegue-ſe que de ſeis annos, e tantos mezes os gerou; logo ſe iſto ſegundo a ordem da

(7) *Geneſ.* 5.

natureza

nátureza he impoſſivel, e hum anno Solar he o meſmo que doze Lunares, ſegue-ſe que naõ eraõ Lunares ſe naõ Solares os annos que Adam, Caim, e outros vivèraõ.

Prova-ſe com a meſma Eſcritura ſerem entaõ os mezes do anno como agora, tendo cada hum (huns pelos outros) trinta dias, e cada anno doze mezes; porque da arca de Noè em tempo do diluvio, ſe refere que andando ſobre as aguas, parou, e deixou de andar nellas em o dia 27. do ſetimo mez. No ſetimo mez ſe moſtra, naõ conſtar de tres o anno, e no numerar os dias ſe moſtra que de tres ſó naõ conſtava cada mez. (8) (8) *Geneſ. 6.*

Mas para que naõ fiquem em ſilencio os annos que Adaõ, e muitos de ſeus deſcendentes vivèraõ, achamos nas letras Divinas os ſeus annos na fórma ſeguinte computados. (9) (9) *Geneſ. 5.*

Adam viveo 930. an.	Heber viveo 467. an.
Eva (em boa opiniaõ) 930.	Jacob viveo 175. an.
	Joſuè viveo 110. an.
Seth viveo 912. an.	Salamaõ ſó 94. an.*
Cainan viv. 910. an.	Tobias viv. 112. an.
Malalael viv. 895. an.	Sara viveo 117. an.
Enoch viv. 965. an.	Jared viveo 962. an.
Reu viveo 302. an.	Faleg viveo 239. an.
Nacor viveo 148. an.	Sarug viveo 230. an.
Aram viveo 205. an.	Tharè viveo 205. an.
Matuzalem viveo 969. an.	Abraham viv. 175. an.
	Lamech viv. 777. an.
Noè viveo 905. an.	Sem viveo 600. an.
Arfaxad viv. 338. an.	Sala viveo 433. an.

* *Outra opiniaõ tem 57. 17. que tinha quando entrou a reinar, e 40. que reinou.*

Izaac viveo 185. an.
Aram irmão de Moyſés 123. an.
Heli viveo ſó 98. an.
Job viveo 103. an.
Moyſés viv. 120. an.
Judith viv. 195. an.

Nos poſteriores ſeculos em que as idades jà eraõ mais curtas, achamos nas letras humanas, e nas Eccleſiaſticas - a

Perpena que viveo 100. an.
Metello P. dos Idolos viv. 100. an.
Gorgias Leontino viv. 307. an.
Iſocrates viv. 100. an.
Hipocrates Coo viv. 104. an.
Orbileo Benevent. viv. 100. an.
Neſtor viv. 300. an.
Lizimaco viv. 100. an.
Argatorio viv. 300. an
Dandone viv. 500. an.
Litonio viv. 300. an.
Tito Fulonio viveo 150. an.
Joaõ de Tempos viv. 361. an.
Narcizo Patriarcha viveo 116. an.
S. Antaõ Ab. viveo. 105. an.
Egidio Ab. viveo 100. an.
Tito diſcipulo de S. Paulo 101. an.
S. Paulo I. Eremita viveo 113. an.
Pacomio Ab. viveo 110. an.
Proſdocimo B. viv. 114. an.
Florẽtino viv. 123. an
Guarino Biſpo viv. 110. annos.
Vicencio viv. 120. an.
Cronio Anacoreta viveo 155. an.
Hugo ſucceſſor de S. Bern. viv. 117. an.
Simaõ Cleofas viveo 120. annos. (10)

(10) *Textor. Baronio. Barbarano. Ribadaneira, & alii.*

Os Poetas, Filoſofos Stoicos, e Aſtronomos antiguos attribuhiaõ às tres fabuloſas Parcas os incidentes da morte, e denominando-as Cloto, Lachezis, e Antropos, diziaõ

diziaõ ter a primeira a roca, a ſegunda o fio, e a terceira o corte; outros as confundiaõ com as Fadas, e de humas, e outras verificavaõ depender a ſorte, ou boa, ou mà da morte. (11) Outros finalmente às Parcas, e Fados attribuhiaõ todos os effeitos naturaes, e voluntarios, todas as inclinaçoens a vicios, e a virtudes, todas as paixoens do animo, todas as tentaçoens, dezejos, e concupicencias (12) e como neſtas materias prende o ajuſtado, ou dezajuſtado da vida, com apparente razaõ lhe attribuhiaõ, como diſſemos, os incidentes da morte.

(11) *Homero. Heziodo. Licofron. Marcial.*

(12) *Seneca. Ptolomeo. Democritus. Epicuro. Criſſipo Eſtoico.*

As razoens porque com probabilidade ſe entende eraõ antiguamente, mais do que agora, as vidas largas, ſuponho ſer porque naquelle tempo tinhaõ os homens melhor compleyxaõ, harmonia, e proporçaõ de humores. II. porque naõ uſavaõ de viandas fortes, e indigeſtas, nem tanto, como agora, variaõ de manjares. III. porque naquelle tempo, mais do que agora, eraõ mais benevolos os influxos dos Planetas, os aſpectos, e conjunçoens dos Aſtros. IV. porque mais proximos a Adam tivèraõ noticia, por elle participada, das virtudes curativas que em ſi continhaõ os mineraes, ervas, e plantas. V. porque a Divina Providencia quiz entaõ alargar mais a vida aos homens, pois aſſim convinha para a multiplicaçaõ, e propagaçaõ do Mundo; mas todos eſſes (aſſim como a todos nòs indefectivelmente ha de ſoceder) morrèraõ, e acabàraõ, vindo

do a experimentar os horrores da ſepultura. (13)

(13) *Job.* 14. 5. *Pſ.* 88. *v* 49. *Eccleſ.* 9. *v.* 12. 1. *Reg.* 15. 32. *Iſaiæ* 2. 10. *Eccleſ.* 12. 5. *ad Rom.* 5. 12. *ad Hebr.* 9 27.

CAPITULO X.

Da formalidade que os Gentios obſervavaõ com os ſeus mortos, o diverſo modo de ſepulturas que lhe davaõ, os exceſſos que obravaõ, as honras, e vilipendios que lhe faziaõ. Toca-ſe nas Pyramides, e Obeliſcos que peſſoas grandes para ſepultura propria fizeraõ.

SEjaõ os Obeliſcos, e Pyramides (materia em que por outro principio jà falley) a primeira que ſe trata neſte capitulo, para que ſe veja o como a vaidade da vida ſe perpetuava entre os antiguos ainda nos horrores da morte; pelo que Plinio ainda que gentio chama a eſtas obras huma oſtentaçaõ vãa para demonſtraçaõ de grandezas Reaes (1) e Diodoro reputando eſtalagens os Pallacios em que os Principes habitaõ quando vivos, aprova, e reputa por cazas, e habitaçoens perpetuas as que com magnificencia ſe fabricaõ para depois da morte. (2)

(1) *Plin. hic.*

(2) *Diodor.*

Na mais ſolida opiniaõ naõ ſe erigiaõ tanto os Obeliſcos, quanto as Piramides para ſepulturas dos Principes, pois conſta que os que fabricàraõ Obeliſcos, tivéraõ o fim de dar ſatisfaçaõ a votos, ou promeſſas; intentando outros por tal principio modificar a ira de ſeus Deoſes quando com algum barbaro inſulto os tinhaõ eſtimulado. (3)

(3) *Plin. Heſiod. Juſtin.*

Tinhaõ os Obeliſcos (a que a poſteridade chamou agulhas) figura rotunda, com altura,

altura, ou grandeza desmensurada. Referem os Escritores que no Egypto tivèraõ sua origem, e consecutivamente em Roma a sua imitaçaõ, sendo ElRey Mitres Rey dos Egypcios o primeiro que tal mandou erigir em a Cidade do Sol (4) ElRey Socris seu (4) *Plinius l. 36.* successor levantou quatro de quarenta e oito covados de altura, e Ramases que reinou ao tempo em que Troya se destruhio, mandou fabricar dous: hum de quarenta covados, e outro de noventa e nove pès em altura. A estes Monarcas imitàraõ outros, como foraõ os Reys Mirne, e Phio, a quem outros Escritores chamaõ Smare, e Eraphio. ElRey Ptolomeo Philadelfo o fez tambem em Alexandria. (5) (5) *Vide Plin. Estrab. Herodot. Cornel. Tacit.*

Dos referidos, e outros muitos que houve com especialidade no Egypto, conduzio dous a Roma o Emperador Augusto Cezar (*6*) extrahidos da Cidade de Heliopoli, dos quaes hum que refere Plinio ter sido obra de ElRey Semneserteo (7) foy levantado na praça, e Circo maximo; e o outro que fabricàra ElRey Sesostris foy erecto no campo Marcio. Tambem o Emperador Cayo Caligula conduzio outro que se colocou no Vaticano (8) e deixados ou- (8) *Plin. l. 16.* tros. (6) *Ammian. Marcelino.* (7) *Plin. hic.*

Das Piramides faz tambem (com outros) Plinio mençaõ, e diz houvèraõ tres entre as Cidades de Memphis, e Delta (*9*) (9) *Plinius.* em huma das quaes que era mayor, escreve Diodoro que trabalhàraõ trezentos e seten-

ta

(10) *Diodor. lib. 2.* ta mil homens vinte annos (10) a qual fez para sua sepultura ElRey Chemis, a quem Herodoto chama Cheope (11) mas se esta assim como a segunda que edeficou Chabreo como diz Diodoro, ou Cheprene, como tem Herodoto, e a terceira que fez ElRey Micerino, foraõ na opiniaõ de Estrabo, e Marcial as que se reputàraõ por huma das maravilhas do Mundo em que jà falley (12) achamos outras nas historias, cuja primeira invençaõ no sentir de Diodoro se atribue aos Ethiopes, e muitas que entre os Hebreos se praticavaõ por deposiçaõ de Jozefo, sendo fabricadas todas para sepultura dos mortos. (13)

(11) *Herodoto.*

(12) *Diodoro Herodoto. Estrabo. Marcial.*

(13) *Diodor. Jozef. l. 2. ant.*

Das mais acçoens que com seus mortos a Gentilidade fazia, e o titulo deste capitulo aponta, fazem mençaõ muitos historiadores antiguos. (14) Entre os Egypcios quando algum morria, lhe extrahiaõ os intestinos, e depois de os lavarem lhos introduziaõ outravez com varios unguentos, e aromas; logo metiaõ o tal corpo setenta dias em sal; passados estes o tiravaõ em hum lençol todo cuberto de goma, que metido em huma imagem de madeira oca para este effeito fabricada, o enterravaõ entaõ com grande pranto, depois de feitas estas honras.

(14) *Plin. Raiz. Text. Massini. Aulo Gel. Viturv. Cicero. Lucan. Servius. Herodot. S. Hyeron.*

Os Tibarenes tanto que viaõ algum que caducava por velhice, o penduravaõ no campo em paos, ou ramos de arvores. Os Ethiopes denominados Macrobios, metiaõ

aos

aos seus mortos em huns Sepulchros de vidro. Os Nasamoens sepultavaõ aos seus mortos assentados. Os Albanos habitadores do monte Caucazo reputavaõ por iniquidade o fazer cazo, nem ter com os mortos attençaõ, e os sepultavaõ com desprezo. Os Hircanos vendo estar algum para morrer, o lançavaõ aos caens ainda semi-vivo. Entre os Scithas quando algum morria, enterravaõ com elle vivas as pessoas que mais o amàraõ. Os Taxilos lançavão os corpos de seus defuntos aos Butires para que os comessem.

Os Bactrianos botavão aos caens (que criavaõ para este effeito) os corpos dos que erão jà velhos. Os Caspios lançavão a quaesquer féras os corpos dos seus defuntos. Os de Thracia enterravão os seus mortos com grandes galhofas, e rizos. Os Ethiopes lançavão seus mortos às profluencias dos rios, tendo esta pela mais honrada sepultura. Os Nabatheos reputavão a seus mortos como esterco, e nas estrebarias botavão os corpos de seus Principes. Os Assirios metião a seus defuntos em mel, e os untavão todos com cera. Os Parthos expunhaõ seus defuntos às aves para que os comessem. Os Hiperboreos embriagavaõ a seus velhos, e os despenhavaõ de hum rochedo dandolhe no mar a sepultura. Os Scythas Aziaticos costumavaõ com grande festa comer aos seus mortos, e beber pelas caveiras. Os Romanos finalmente, e à sua imitaçaõ outras

muitas Naçoens do Mundo praticàvaõ queimar aos seus mortos, e dar às cinzas sepultura.

CAPITULO XI.

Dos Funeraes, nojos, e lutos antigua, e modernamente praticados por occasiaõ de mortes. Tocaõ-se cazos estupendos. Apontaõ-se tambem mortes insolitas.

HE antiquissimo no Mundo entre os que tem luz da razaõ mostrar com expressoens externas nas mortes de seus parentes, e amigos o sentimento; e tendo ainda no Gentilismo os funeraes, nojos, e lutos o seu principio, hoje em racionaes normas se vè no Christianismo praticado.

Em o Povo Hebreo tivèraõ jà estas acçoens a sua origem (1) mas com diversidade; porque se depois de ungidos, e amortalhados em candidos lençoes os seus defuntos com funeraes moderados rapavaõ a cabeça, e barba vestindo-se de escuro saco para mostrar o mayor sentimento com lagrimas em o seu luto, como tambem Isaias insinùa (2) e com veste semelhante chorou Jacob a Jozè seu filho, e tambem David a seu filho Absalam (3) agora se uza o vestir em todo o corpo hum preto luto, e deixar crecer as barbas. Entre os Hebreos durava o nojo trinta dias; em a diversidade de Naçoens que ha no Mundo se pratica hoje por varios, e differentes modos.

(1) *D. Hyeronim. ex Sacra pagina.*

(2) *Isaiæ.*

(3) *D. Hyron.*

Os Romanos que prezumiraõ de mais politicos

politicos, e attentos, foraõ exactiſſimos nos funeraes de ſeus Principes: duravaõ eſtes o tempo de ſete dias, e acabados eſtes levavaõ a figura de ſeu Emperador ungida com infinitos aromas, e unguentos entre mil ceremonias, a huma praça publica adonde eſtava feito hum muito elevado mauſoleo cheyo de muitas luzes, adonde repetindo outras muitas ceremonias, ultimamente era queimado como ſe uſava naquelle tempo. Herodiano faz menção deſte antiguo rito. (4)

(4) *Herodian. lib. 4.*

Foy em Roma Junio Bruto o primeiro em cujas exequias, e funeral pompoſo houve fórma de Sermaõ, do qual foy Valerio Publicola o Orador; muitos hiſtoriadores tem eſta acçaõ por mais antigua no invento: huns a atribuem aos Gregos, e outros aos Athenienſes por Solon ſeu legislador (5) e ſó nas exequias, e funeraes dos Varoens ſe praticava; mas pelo decurſo dos tempos concedeo o Senado Romano que tambem nas exequias de matronas ſe oraſſe. (6)

(5) *Aulo Gel. lib. 17. Anaximenes Orator.*

(6) *Plutarch. in Vita Camilli.*

Eſte coſtume de orar nas exequias dos Defuntos ſe pratica entre os Catholicos por indulto do Papa Pelagio primeiro. S. Iſidoro entende que ſe uſava jà no tempo dos Apoſtolos (7) mas S. Ambroſio ſegue a opiniaõ que procedèra eſta ceremonia dos Hebreos. (8)

(7) *D. Iſidor.*

(8) *D. Ambroſ.*

Em os enterros praticavaõ os antiguos hir o corpo adiante de tudo, e conſecutivamente todos os que o acompanhavaõ. (9) O uſo de tumbas, ou eſquifes tambem he

(9) *Serius. Virgil. de Pallante.*

(10) *Marcello.* antiquiſſimo (10) e ſó ao defunto precediaõ
(11) *Virgil.* trombetas que lhe tocavaõ. (11) O coſtume de pôr grandes pedras ſobre as ſepulturas com letreiros gravados, e eſcudo de armas aberto ao buril teve ſua origem dos
(12) *Cicero l. 2. de legib.* Gregos a quem imitàraõ os Romanos (12) e finalmente as honras todas que nos funeraes, e exequias (dito melhor, no ſentir de
(13) *Servius hic.* Servio, obſequias (13) que ſe fazem aos defuntos, ſe ampliáraõ deſde o Pontificado de Joaõ XVIII. (falo entre os Catholicos) tendo fundamento na repreſentaçaõ de Odilon Abbade Cluniacence, e ſe offerecèraõ mais fervoroſamente Sacrificios pelos mor-
(14) *D. Petrus Damian.* tos (14) ſendo jà coſtume entre os Gregos, e Romanos offertarem varias oblaçoens.
(15) *Plutarch. Ti-* (15) Omitto fazer menção de varias mortes inſolitas, porque para noſſa confuzaõ, e exemplo naõ ſó eſtaõ cheas as hiſtorias, mas com os noſſos olhos as eſtamos muitas vezes vendo.

CAPITULO XII.

Trata dos ultimos paraciſmos da vida, dos crueis eſtragos da morte, da ultima conſtituiçaõ do corpo tanto que eſpira, e finalmente da corrupçaõ, e reſoluçaõ ultima do corpo na ſepultura.

JA no capitulo 8. precedente deſte livro mencioney o que neſte eſcuſava repetir; e ſó para dar complemento à formalidade do aſſumpto deſta obra, omittidas as opinioens de Monravà, e outros modernos Eſcritores Luſitanos que venero,

venero, e li curioſamente, aſſim como nos doutos Mirandela, e Feliciano de Almeida, obſervey a fórma da geraçaõ do homem que no principio deſta obra (com attençaõ aos antiguos) naõ ſegui, agora concluhirey breviſſimamente com o commum ſentir dos mais.

Morta finalmente a racional, e vivente creatura, e proſtrado aquelle fizico compoſto pelos eſtragos da morte, como Monravà no corpo humano deſcobrio naõ menos que vinte e ſinco humores que compoem a maſſa ſanguinaria, e della ſaõ filtrados, e ſegregados pelas viſceras, ſendo ſerto que a Alma eſtà em todo o corpo, e em qualquer parte delle, he ſem duvida que retirando-ſe a Alma, e ſepultando-ſe o corpo todos os humores padecem corrupçaõ; ficaõ logo eſtupidos todos os ſucos animaes que circulavaõ pelos nervos, e davaõ fortaleza aos membros para os ſentimentos, e movimentos; e vay logo a terra produzindo o ſeu effeito reduzindo o cadaver a podridaõ. *Monravá cap. ſingul.*

Os inſtetinos primeiramente ſe corrompem por cauſa do excremento nelles detido; aos miolos chega logo a corrupçaõ por ſerem de ſuſtancia tenue, e fria; tambem logo acomete o figado por receber em ſi o ſangue mais excrementicio, e craſſo às carnes em que os humores ſe embebiaõ, vay logo tambem a corrupçaõ; e ultimamente chega à ſuſtancia cartiliginoſa, e oſſos eſponjozos;

jozos; ultimamente no commum ſentir de muitos Doutores ſe reſolve o corpo, dizem huns que em tres, e outros que nos quatro Elementos, que todos Monravà nega; ſendo muito para admirar o que S. Agoſtinho diz, ficar de hum corpo na ſepultura ſó duas onças de terra, razaõ porque nunca a terra creſce por mais corpos q̃ ſe enterrem em huma ſepultura; nella acaba tudo, e com eſta reſoluçaõ tomo eu a de dar jà o fim a eſta obra complectado o projecto da minha idèa com a ultima reſoluçaõ do corpo na ſepultura.

D. Aug.

Finis Laus Deo, B. Virgini, ac Glorioſæ Annæ, Parenti Franciſco, ac B. Joſepho.

INDICE DOS LIVROS DA SAGRADA ESCRITURA EM O VELHO, E NOVO TESTAMENTO,

Dos Sagrados Concilios, Bullas, e Conſtituiçoens Apoſtolicas, Santos PP. e DD. da Igreja, Dos Interpretres, e Expoſitores Eccleſiaſticos das letras Divinas.

Dos Doutores, e Autores em todas as ſciencias, e Artes Liberaes, Politicas, Mecanicas, Profanas, e Serviz.

Com cujas opinioens, e jà corretos Eſcritos eſte unico Tomo por allegaçaõ, e remiçaõ ſe accredita, e ennobrece.

Aos Leitores Sapientiſſimos proteſto que ſe naõ obſtante o nimio trabalho que me occaſionou neſte Index o exame dos Autores, eſcrupuliſando depois de acabada a obra ſe acazo por alegaçaõ, ou remiçaõ apontaria alguns que, ou em todo, ou em parte foſſem prohibidos, ou naõ eſtiveſſem correctos (ſendo precizo buſcar os antiguos para ſatisfaçaõ do meu aſſumpto, e delles me parece naõ extrahi couſa repugnante) aſſim aos Indices cõmo nõ corpo do volume, hey por riſcados os que eſtiverem inhibidos, e poſta a nota - Authoris damnati, & operis permiſſi, *nos que em todo, ou em parte eſtiverem tolerados, ſupoſto ha muitas equivocaçoens de nomes com outros que naõ tem prohibiçaõ. Em tudo me ſogeito à preza da fé, e diſpoſiçaõ da S. Igreja Catholica Romana.*

A

ABdias Babilonico.
Acibano.
Accurcio.
Abraham Bzovio.
Abraham Hortel.
Abſirto.
Abulenſe.
Abencenif.
Adam de Brema.
Adam Contzen.
Ademaro.
Ademaro Lucio.
Adeodato.
Adricomio.
Adon de Vienna.

Aecio

Aecio.
Affonço Rey.
Affonço Africano.
Affonço de Albuquerque.
Affonço Ciacon.
Affonço Toſtado.
Agatino.
Agezislao.
Agripino.
Agrida.
Aguilera.
Aguirre Card.
S. Agoſtinho.
Agoſtinho Barboza.
Agoſtinho de Quiros.
Agoſtinho Manrique.
Aymonio.
Aymeno.
Ayllon.
Ayton Armeno.
Alciato.
Alcinon.
Alcuino-non de Trinitate.
Alcmeon.
Albenzoar.
Alberto Magno.
Albertegnio.
Albertino Botino.
Alexandre de Ales.
Alexandre Armacan.
Alexandre ab Alexand.
Alexandre Benedetto.
Alexandre Braccio.
Alexandre dos Anjos.
Alexandre Eſculeto.
Alexandre Frodizeo.
Alexandre Magno.
Alexandre Maſſaria.
Alexandre Neapolitano.
Alexandre Veltuelo.
Aldroando.
Alfaro.
Alfragano.
Almanzor.
Alanuzi.
Alagona.
Algero Cluniacence.
Alfraxano.
Alderizio.
Almeida.
Alcacer.
Aloyzio Novarino. Correcto.
Aloyzio de Piza.
Alfonço de Avila.
Alonço Lopes de Haro.
Alonço Loſchi.
Alonço Myrtho.
Alonço de Medina.
Alonço de Oraglia.
Alonço Remon.
Alonço de Oraglia.
S. Amadeo.
S. Ambrozio.
Ambroſio de Aulio.
Ambroſio del Loro.
Ambroſio Catharino. Cor.
Ambroſio Calepino.
Ambroſio Eſpartano.
Ambroſio de Morales.
Ambroſio Nunes.
Ambroſio Pareo.
Ambroſio de Zerda.
Amadeo Baiucence.
Ammalio.
Amalario Fortunato.
Americo Veſpuci.
Amonio Alexandrino.
S. Anaſtacio Synaita.
Anacleto P.
Anaſtacio Fabio.
Anacharſes Scytha.
Ananian.
Anatolio.
Angniai.
Anaxalmo.
Anaximenes Orad.
S. Anſelmo B. de Luca.
S. Anſelmo B. de Cantuar.
Anſelmo Laudonenſe.
Anaſtacio Gerſon.
Anaſtacio Anthioq.
Anaſtacio Bibliot.
Anaſtacio da Paz.
Aniceto P.
André de Parma.
André Fragenſe.
André de Monſerrata.
André de Rezende.
André Barbacio.
André Duiquenè.
André Eborenſe Correcto.
André Biſconi.
André Ferreira.
André Fulgoz.
André de Parma.
André Palladio.
André de Padilha.
André Rovetti.
André Lourenço.
André Mattiòlo.
André Siculo Barbacio.
André Tiraquela.
André Traquet.
S. Antonio Ab.
S. Antonio de Lisboa.
Antonio Angelo.
Antonio de Barros.
Antonio Beutero.
Antonio Brandaõ.
Antonio Callo.
Antonio Corduba.
Antonio Cordeiro.
Antonio da Cruz.
Antonio Cerpenſe.
Antonio Conciolo.
Antonio de Eſpizaina.
Antonio Franc. Rinieri.
Antonio Diana.
Antonio Galonio.
Antonio Ginter.
Antonio Gomes.
Antonio de Lupidi.
Antonio Machares.
Antonio Maria Groza.
Antonio de Macedo.
Antonio Monacbleno.
Antonio Magiro.
Antonio de Monteçuelo.
Antonio Muza Bariabulo.
Antonio de Nebrixa.
Antonio de Oſma.
Antonio de Orizil.
Antonio Paullo Maſſini.
Antonio Pereira Rego.
Antonio Pimenta.
Antonio Sanches Tortol.
Antonio de Silis.

Antonio de Souza.
Antonio de Souza de Macedo.
Antonio do Espirito Santo.
Antonio de Soto Castro.
Antonio Torrequemada naõ no Jardim de flores.
Antonio Reislingar.
Antonio de Veneza.
Antonio Vieira.
Antonio de Vibres.
Antonio de Ville.
Antonio de Uucana.
Antonio de Uzança.
S. Antonino de Florença.
S. Appollonio.
Appollonio Thienneo.
Appollodoro.
Aponense.
Apianno Alexandrino Sine notis aliorum.
Aquila.
Aquilante.
Arato.
Arador.
Arnoldo Ubion.
Arnoldo Duacence.
Arnoldo Carnotense.
Arnoldo de Villanova, Non in impres. Lugdun.
Aretinio.
Aretio.
Artemidoro Non in Somniis.
Archagato.
Armano Quinto Curcio.
Arnobio.
Arbiol.
Archilogo.
Aristophanes.
Aristoteles.
Aristides Milesio.
Arduino.
Arriaga.
Arquimedes.
Arzabel.
Ascanio Centorio.
Asclepiades.
Asdrekim.
S. Athanazio.
Athau Kirker.
Atheneo.
Aurelio Vitorio.
Aurelio Crecencio.
Aubano.
Auberto Mirrheo.
Averroes.
Avicena.
Avitto.
Aventino.
Avaximenes.
Authumario.
Aulo Gelio.
Auziens Scorides.
Auzonio.

B

Baglivio.
Bachiario.
Bacario.
L'Blanc.
Baldo.
Balthezar Ramires.
Baptista Baldigara.
Baptista Egnacio.
Baptista Fulgozo, Corecto.
Baptista Montano.
Barbarano.
Barberio.
Barboza.
Bartholomeu Anglico.
Bartholomeu dos Anjos.
Bartholomeu Aldrovando.
Bartholomeu Ambrozini.
Bartholomeu Durando.
Bartholomeu Gavanti.
Bartholomeu de Ledesma.
Bartholomeu Mastrio.
Bartholomeu Marliano.
Bartholomeu do Quental.
Bartachino.
Baiolo.
Bartolo.
Bartolo Dionigi.
Bartolo Marlio.
Barthom. de Ossuna.
Bachiario.
S. Bazilio.
Bazilio Emperador.
Bazilio Ponce, Correct in cap. 6.
Bazilio Morales.
Bauderon.
S. Bernardo.
V. Beda.
Belarmino C.
Bellete.
Belluga.
Belingerio.
Benedito VIII. P.
Bento Egidio.
Bento Egidiano.
Bento Pereira.
Benjumea.
Bermodo.
Beredo.
Bernon de Auguia.
Berterio.
Bertoldo.
Berozo Caldeo.
Berozo Ammiano.
Benedito Periander.
Bernardo Cerpense.
Bernardo Corio.
Bernardo de Senio.
Bernardo de Vargas.
Bernardo de Britto.
Bernardo Bissi.
Bernardo de Luxemburgo.
Berchorio.
S. Bernardino de Sena.
Bernardino de Bustis.
Bernardino Apiconio.
Bernardino Escardeone.
Bernardino Historiador.
Bernardino de S. Thomas.
Bertapalo.
Bias Montano.
Bignoni.
Bissanon.
Biondo.
Bion.
S. Boaventura Card.

S. Bonifacio.
Boecio - Correcto.
Boecio Severino.
Bocio.
Bulducio.
Boldeo.
Bobadilha.
Bojardo.
Bombo.
Bomberger.
Bonacina.
Bonacoſa.
Bonarcio.
Bonardo.
Bonifacio P.
Bonfadio.
Bonfinio.
Bondo.
Boſſo Milanes.
Bomberger.
Borgnino.
Bras Rozetto.
Brandolino.
Buccelino.
Budeo.
Bridias.
Bruario.
S. Bruno.
Bruno Aſtienſe.
Brunacio.
Bruneto.
Brito.
Brogonolo Candido.

C

CAlcatondila.
Caldas.
Calixto Papa.
Caetano.
Caſtilho Expoz.
Calomio.
Calvolo.
Caſtejon.
Campano.
Camilo Pulſito.
Canizio.
Cayo Plinio.
Carolo Abremo.
Carlos Aremberg.
Carlos Colona.
Carolo Guyeto.
Carlos de Graffis.
Carlos Eſtevan.
Carolo Sigon.
Carlo Paſſi.
Carlo Tapia.
Carleval.
Cayo Vellio.
Cayman.
Camoens.
Cavalliere de la Valieri.
Cardozo.
Cátzberto.
Claudio Fraſenio.
Claudio Lacroix.
Claudio Mario.
Claudiano.
Cleantes.
Clearco.
Clitarco.
Cedreno.
Celio Rodegino.
S. Clemente Papa.
Clemente Alexandrino.
Clemente Florentino.
Caſtro Palau.
Caſſaneto Fabio.
Caſſiodoro.
Carrozio.
Cerpa Durante.
Cepolla.
Cevallos.
Cenſorino.
Cezar Baronio.
Cezar Magatti.
Cezar Ruini.
S. Cezario B. de Arles.
Chaves.
Cheriano.
Chriſtoforo Bailer.
Chriſtovaõ de Honeſtis.
Chriſtoforo Landino.
Chriſtovaõ da Paz.
Chriſtovaõ da Veiga.
Chriſtiano Adricomio.
Chriſtiano Druthmero.
Chriſtiano Maſſeo
Non in libro 2.
Chamo.
Cheriano.
Cherubino Chirerdazzi
Chriſtoforo Borri.
S. Gyrillo Hyeroloſomit
S. Cyrillo Alexandrino.
S. Cypriano.
Cypriano de Barroja.
Cimio.
Concilio Niceno.
Concil. Conſtantinopol.
Concil. Aurelianenſe.
Concil. Cabilonenſe.
Concil. Claramonceuſe.
Concil. Lateranenſes.
Concil. Cartaginenſes.
Concil. Lugdunenſe.
Concil. Calcedonenſe.
Concil. Antioqueno.
Concil. Conſtancience.
Concil. Toletano.
Concil. Rhemenſe.
Concil. Vercellence.
Concil. Mogutino.
Concil. Florentino.
Concil. Tridentino.

Conſtituiçoens por Bullas Apoſtolicas de

Honorio III.
Gregorio IX.
Urbano VIII.
Bonifacio IV.
Eugenio IV.
Martinho V.
Xiſto IV.
Innocencio VII.
Paulo II.
Leaõ X.
Niculao V.
Clemente V.
Adriano VI.
Pio IV.
Pio V.
Gregorio XIII.
Julio III.
Paulo III.
Alexandre VIII.
Paulo IV.
Eugenio IV.
Gregorio XIII.
Bonifacio VIII.
Gregorio XV.
Julio II.
Innocencio VIII.

Cle-

Clemente VI.
Clemente VII.
Paulo V.
Benedito XI.
Columella.
Columbano.
Colero.
Coninch.
Contarino Card.
Conrado Vitorio.
Conſtanzo Felice.
Conſtantino Cayeta.
Corio.
Corides.
Coriolan Scipione.
Cornelio Tacito.
Cornelio Janſenio Cor.
Cornelio Celço.
Cornelio Nepos.
Cornelio Alapide.
Cornelio Kempio.
Cornelio Brediato.
Coſimo Bartholi.
Coſmo Magalino.
Covarrubias.
Crecencio.
Creſentino.
Creſpo.
Cricias Philozof.
Crinito - correcto.
Cromero.
Curcio - non in Areſtoanor.
Cuſpiniano.

D

Decretos Apoſtolicos de

CLeto Papa.
Anacleto Papa.
Zepherino Papa.
Gelazio Papa.
Hormiſda Papa.
Virgilio Papa.
Adriano Papa.
Melchiades Papa.
Damazo Papa.
Theodato Papa.
Alexandre Papa.
Evariſto Papa.
Soter Papa.
Fabiano Papa.
Higino Papa.
Victor Papa.
Ciriaco Papa.
Felix Papa.
Alexandre Papa.
Clemente Papa.
Xiſto IV. Papa.
Pelagio II. Papa.
Martinho IV. Papa.
Joaõ XXII. Papa.
Eugenio III. Papa.
Pio III. Papa.
Pio V. Papa.
Gregorio IX. Papa.
Innocencio II. Papa.
Paullo II. Papa.
Innocencio III. Papa.
Leaõ VI. Papa.
Leaõ X. Papa.
Paullo V. Papa.
Demoſthenes.
Democrito.
Direito Cannonico.
Direito Civil.
Dinis B. de Alex.
S. Dionizio Areopagita.
Dinis B. de Corintho.
Diana.
Dicearco.
Dion Pruſſeo.
Dion Niceno.
Dionizio Patavio.
Dionizio Carthuziano.
Dionizio Africano.
Dionizio Carli.
Dionizio Hensbert.
Dionizio Daça.
Dionizio Alicarnaceo. Abſque notis aliorum.
Dionizio Abbade.
Diniz Monje.
Dicaſtilho.
Dicearco.
Dioſcorides.
Diogenes Laercio.
Diogenes Cynico.
Diodoro Siculo.
Dirkink.
Diogo Calado.
Diocles.
Diogo de Caſtilho.
Diogo Gutierres.
Diego Garcian.
Diego Gonçales.
Diogo Henriques de Villegas.
S. Dorotheo.
Donato Calvo.
Donello - non in Jure Civ.
Doſitheo.
Domingos Nano.
Domingos Marcos Duraõ.
Dominico Macrobio.
Dorotheo Archimandrita.
Driedo.
Drubabau.
Duarte Madera.
Duretto.
Durando.
Dupaſquier.

E

SEucherio.
S. Eugenio.
S. Epifanio.
Eglaſco.
Eliano.
Elio.
Egidio Ab.
Egidio Luzitano.
Egidio de Coninch.
Eglaſco Senio.
Egineta.
Egezippo.
Eginardo.
Eliano.
Eleo Lampridio.
Epicteto - ſine com. alior.
Epicuro.
Epicardo.
Ephoro.
Epiponio.
Epulemo.
Emilio Probo.
Empedocles.
Ephrem Syro.
Enneas Sylvius.

Atrenta ejus retractatione.
Ennio Poeta.
Ennodio.
Ennomao. Magno.
Ennomao Grego.
Eraſmo - de Orbe Permittitur cum nota.
Ergaſto Brot.
Ermilio.
Ermino Sozomeno.
Ermippo.
Euclides.
Erodio.
Eſculapio.
Eſcrodero.
Eſtacio.
Eſtevaõ B. de Colonia.
Eſtevaõ B. de Aſtun.
Eſtapleno.
Eſtrabo.
S. Eucherio.
Euclides.
Eudemo.
Eugenio Maçano.
Eunapio.
Euſtachio Rodulfo.
Eutropio.
Euthimio.
Euthimio Zigabeno.
Eugubino - Venetiæ correct.
Evandro.
Evagrio.
Euripedes.
Euzebio Niceno.
Euzebio Pamfilio.
Euzebio Niriemberg.

F

FAbio Quintiliano.
Fabricio.
Facello.
Fagundes.
Fallopio.
Farinacio.
Feneſtella.
Feſto Pompeo.
Feſſio.
Felippe de Bergamo.
Felippe Eſtacio.
Felippe Boetio.
Felippe Briecio.
Felippe Dias.
Ferreira.
Ferreiras.
Felix Pallacios.
Felix Theologo.
Felix Poteſtas.
Felice Gerardo.
Filoſtrato.
Feliucio.
Filonio.
Flavio Jozè.
Fabio Vopiſco.
Floro.
Florentino.
Fortunato.
Fontana.
Fontanella.
Formozo.
Formozan.
Franciſco Aitheneo.
Franciſco Avanzi.
Franciſco Amazzi.
Franciſco de Ananzi.
Franciſco Alumno.
Franciſco Alveres.
Franciſco Brandaõ.
Franciſco de Alva.
Franciſco Paullo Berſi.
Franciſco Ptolomeu.
Franciſco Peres Navarrete.
Franciſco Patricio.
Franciſco Pellizario.
Franciſco Papo.
Franciſco Petrenſe.
Franciſco Palermitano.
Franciſco Lucas de Parma.
Franciſco de Leaõ.
Franciſco de Lorim.
Franciſco Lopes da Camera.
Franciſco Lurago.
Franciſco Curcio.
Franciſco Manoel.
Franciſco de Monte Alv.
Franciſco Marchezi.
Franciſco de Ripa.
Franciſco Riberenſe.
Franciſco Guicciardino. Impreſ. Venet. Corret.
Franciſco de Monſaõ.
Franciſco de la Reina.
Franciſco Cecoperio.
Franciſco Salinas.
Franciſco Sanſovino. Cor.
Franciſco Spinola.
Franciſco Salgado.
Franciſco Silvio.
Franciſco Spinel.
Franciſco Uvande.
Franciſco Schmatzgueber.
Franciſco de Oviedo.
Franciſco Valerio.
Franciſco Ulloa.
Franciſco Zabarella.
Freculpho.
Frederico Hiltropio.
S. Fulgencio.
Frutuozo.
Frutuozo de Santiago.

G

GAbriel Velaſques.
Gabriel Velles.
Gabriel de Vivar.
Gabriel de Bremo.
Gabriel Pereira.
Gabriel Berbondo.
Gabriel Gryslei.
Gabriel Beato.
Gabriel Alonço de Herrera.
Gaſpar Baldo.
Gaſpar Bravo.
Gabriel de Toro.
Gaſpar Nunes.
Gaſpar Torriol.
Gaſparo Villela.
Gaſpar de la Fuente.
Gaſpar dos Reis Frãco.
GaſparoNugei.
Garcia.
Gallo.
Galleno.
Galeaço Gualdo.

Gailhardo.
Garibay.
Garimberto,
Gaudencio.
Gaudencio Bontempe.
Gatinario.
Gavanto,
Gennadio.
Genebrardo.
Geminiano.
Genicio.
Gelio.
George Bucamenſe.
George Scolare.
George Cedreno.
George Eſcorraglio.
George Valla.
Gerardo Marcinoni.
Germano.
Gerardo Belga.
Gervais Markam.
Gil Gonçalves de Avila.
Giogozzi.
Girolamo de Franchi.
Giraldo.
Gisberto.
Gilberto Cognato.
Glabero.
Glareano Patricio.
Gomezio Bayo.
Gonetto,
Gordono.
Gneo Gelio.
Giurba.
Giordano Rufo.
Gonçalo de Avila.
Gonçalo Biſcargni.
Gonçalo Fernando.
Gonçalo de Oviedo.
Graciano.
Gracia.
Granados.
Graciano de Luca.
Grancio Saxonio.
Graffez.
Graffio.
Gravina.
S. Gregorio Papa.
S. Gregorio Nazianz.
S. Gregorio de Tourſ.
Gregorio Niceno.
Gregorio Lopes Madera.
Gregorio Panienſe.
Gregorio Turonenſe.
Grevedo.
Grutero.
Guazzino.
Gueznay.
Guerreiro.
Guido Arctino.
Guido Bononienſe.
Guido Carm.
Guicciardo.
Guicciardino.
Guilhelmo Amazio.
Guilhelmo Durando.
Guilhermo Matheo.
Guilherme Plucencio.
Guilhelmo Choul.
Guilhelmo de Parîs.
Guilhelmo de Tiro.
Guilherme Monge.
Guilhelmo Henrincx.
Guilhelmo Placentino.
Guilherme de Podio.
Gutierres.

H

HAymon.
Hantaler.
Hartman Schedel.
Hector Boecio.
Heitor Pinto.
Hector Bencio.
Heginio.
Helduino.
Hegezippo.
Hegizandro.
Henrique Celio.
Henrique Arpio. Heſp.
Henrique de Aſſis.
Henrico Kalteicen.
Henrique de Vilalobos.
Henrique Suzo.
Henrique Engelgrave.
Heraclito.
Heraclides Pontico.
Herodoto.
Hermete,
Herrera.
Hernandes de la Torre.
Heredia.
Hermozilla.
Hermes Trimegiſto.
Herodiano.
Hermano Aleijado.
S. Hyconimo.
Hyeronimo Plati.
Hyeronimo Fabricio.
Hyeronimo Coneſtagio Cor.
Hyeronimo de Caſtilho.
Hyeronimo Vides.
Hyeronimo Fabricio.
S. Hilario.
Hieroteo.
Hierocles.
Hincmaro de Remſ.
Hildeberto.
Hipocnate.
Hipocrates.
Hipolito.
Hiparco.
Hiſrauger.
Hizoppo.
Homero.
S. Hormiſda P.
Horacio Scoglio.
Horace de Franchini.
Hondenda.
Hoſſino. hiſtor.
Hoſtienſe.
Holſtenio.
Hozio Card.
Hugo de S. Caro.
Hugo Vitorino.
Hugo Floriacence.
Hugo Cavello.
Hugo Linſcotano.
Hugo Fortunato.

J

JAcobo Alchindo.
Jacobo Aſdereth.
Jacobo Auzienſe.
Jacobo Andrec.
Jacobo Bracelo.
Jacomo Boſſi.
Jacob Fellippo.
Jacob Finielio.
Jacob Floreſti.
Jacobo Fabro.

Jacob Giacco.
Jacobo de Lorena.
Jacobo Illiſung.
Jacobo de Miranda.
Jacob Pignateli.
Jacobo Pamelio.
Jacobo Plateli.
Jacobo Perim.
Jacomo Saliani.
Jacob Strozio.
Jacobo Silvio.
Jacobo Tirinio.
Janſenio.
Janſenio.
Ichico Eſculano.
Idacio.
S. Ignacio Antioch.
S. Ignacio M.
Ignacio Pereira.
Ilheſcas.
S. Joaõ Climaco.
S. Joaõ Chrizoſtomo.
S. Joaõ Damaſceno.
Joaõ Duns Eſcoto D. Subt.
Joaõ Bohemo.
Joaõ Baptiſta Mattioli.
Joaõ Baptiſta Ramuzio.
Juan Baptiſta Ferrato.
Joaõ Baptiſta Goneto.
Joaõ Baptiſta Lezana.
Joaõ Baptiſta Velo.
Joaõ Baptiſta Rizzoli.
Joaõ Bleth.
Joaõ Botero Polaco.
Joaõ Bohemo Aſtun.
Joaõ Bravo.
Joaõ Buſſherſ.
Joaõ Colgan.
Joaõ Baptiſta Fidele.
Joaõ Bermudo.
Joaõ de Barros.
Joaõ Bocacio Corect. an. 1572.
Joaõ Baptiſta Porta Em Neapoli an. 1588.
Joaõ Aman.
Joaõ Caſſiano.
Joaõ Capreolo.
Joaõ Caramuel. Heſp.
Joaõ Clericato.
Juan de la Cruz.
Joaõ Copino.
Joaõ Azor.
Joaõ Cochleo.
Joaõ Clericato.
Joaõ de Colle.
Joaõ Deſprevetz Impreſ. non in Bailau.
Joaõ Drubario.
Joaõ Dedinger.
Joaõ Damiano de Becis.
Joaõ Felice Aſtolfo.
Joaõ Franciſco Romano.
Joaõ Fernelio.
Joaõ Hetruſco.
Juan Huarte de S. Juan Heſp. Cor. an. 1576. por Gregorio. XIII. P.
Joaõ Gerſon.
Joaõ de S. Geminiano.
Joaõ Libaut.
Juan Gomes Eſcamilla.
Joaõ Leme Africano.
Joaõ de Luna.
Joaõ Lourenço Anania.
Joaõ Doglioni.
Joaõ Maria Bonardo.
Joaõ Mandavilla.
Joaõ de Monteçuelo.
Joaõ Micrel.
Joaõ Maior Eſcoces.
Joaõ Microſlogui.
Joaõ Mulano.
Joaõ Macrino.
Joaõ Montereal.
Joaõ Mariana Heſp.
Joaõ Maria Aſtuſi.
Joaõ de Pineda.
Joaõ Paſſevino.
Joaõ Franciſco Loredano.
Joaõ Pio Bolonhes.
Joaõ Paulo Oliva.
Joaõ Pico - naõ Franciſco.
Joaõ Poncio.
Joaõ Peres da Maia.
Joaõ Neviſan.
Joaõ Eſperling.
Juan del Poggio.
Jean Nevizan.
Joaõ de Salas.
Joaõ da Silveira.
Joaõ Polemario.
Joaõ Schimidio.
Joaõ Stocflerino.
Joaõ Tarcagnota.
Joaõ Tarſagni.
Joaõ Stefano Menochio.
Joaõ de S. Thomaz.
Joaõ Tiepoli.
Joaõ Tritemio.
Joaõ de Tiro.
Joaõ de Torres.
Joaõ Papienſe.
Joaõ de Ypre.
Joaõ Thritemio.
Joaõ Aires de Alva.
Joan Keplero.
Joaõ Torrequemada.
Joaõ Raguzio.
Joaõ Villani.
Joaõ de la Haye.
Joaõ Kusler.
Joaõ Juliano.
Joaõ Uvanzung.
Joaõ Verlingio.
Joaõ Vital.
Joaõ Reulin.
Joaõ Vetero.
Joaõ Zuelforo.
Giovani de Franchi.
Giovani Gonçal.
Giovan. Carlo Saracini.
Joaõ XX. Papa.
Joaõ XXII. Papa.
Joaõ de Regio.
Joaõ de Royas.
Joachim Abbade.
Joachim de Mirandula.
S. Ildefonço.
Jonas Abbade.
Jonas Aurelianenſe.
Jorge Pubarcio.
Jorge Agricola.
Ignacio Garveſon.
Jozeph de Barzia.
Jozè da Coſta.
Jozé Barrozo de Almeida.
Jozefo Betuſſi.
Jozefo Hebreo.
Jozefo Maria.
Jozefo Maſſini.

Jozè Peres.
Jozè Lopes.
Jozepho Villani.
Jozè Teixeira.
Jozè Mancio.
Jozè Zarlino.
Jonechio.
Josciano.
Joviniano.
Jozippo.
Ipparchion.
Julliano Emperador.
Julliano Cezar.
Julliano Pomacio.
Julio Africano.
Julio de Castilho.
Julio Cezar Emper.
Julio Cezar Tirrufino.
Julio Claro.
Julio Barbarano.
Julio Capitolino.
Julio Firmico.
Julio Obsequente.
Julio Orlando.
Julio Materna.
Julio de Toledo.
S. Justino M.
Justino Emper.
Justo Lypsio.
Justo Redden.
Justino Theolog.
Junilio Africano.
Juvenal.
Juliaõ de Tolledo.
Ingulfo.
S. Ireneo.
Iranzo.
Izachar.
Izachardo.
Izidoro.
Izichio.
Izauro.
Izigono.

L

LActancio.
Lacroix.
Lacerda.
Layman.
Llamazar.
Lando.
Lanuza.
Lancelot.
Lancelay.
Lanceloti Perug.
Laura.
Laureto.
Landim.
Langio.
Landfranco B.
Laurencio de Rodulf.
Late Franco.
Lampognani.
Lazaro Riverio.
S. Leaõ P.
Leaõ Hebreo.
Leaõ Hostiense.
Leaõ Modene.
Leandro Alberto.
Leandro B.
Leandro do Sacram.
Lessio.
Levino.
Le Parfait Mareschal.
Le Payge.
Leon Baptista.
Leoncio.
Leoncio de Bizanço.
Leoncio de Nicoroli.
Leonardo Botaldo.
Leonardo Jansenio.
Leonardo de Penafiel.
Leotardo.
Livro do Genezis.
Livro do Exodo.
Livro do Levitico.
Livro dos Numeros.
Livro do Deuteronomio.
Livro de Josuè.
Livro dos Juizes.
Livro dos Reys.
Livro do Paralipomenon.
Livro de Tobias.
Livros dos Macabeos.
Livros dos Psalmos.
Livro dos Proverbios.
Livro do Ecclesiastes.
Livro da Sabedoria.
Livros do Ecclesiastico.
Livro de Isaias.
Livro dos Evangelhos.
Livro dos Actos Apostolicos.
Livro das Epist. de S. Paulo.
Libanio.
Libio Aldrovando.
Libio Podoyano.
Lipsias.
Lipomano.
Livio.
Lisieux.
Loccio.
Lonher.
Lope de Vega Carpio.
Lope de Vega Arcadio.
Lorino.
Lourenco Surio.
S. Lourenço Justiniano.
Lourenço Susliga.
Lourenço Anania Cor.
Lourenço Beerlinch.
Lorenço Landemerch.
Lorenço Macelli.
Lourenço Russio.
Lotherio.
Lucano.
Lucas Pennoto.
Lucas Acheri.
Luca de Linda.
Lucas Tozzi.
Lucrecio Poeta.
Ludgero.
Lucio Ampelio.
Lucio Anneo.
Lucio Floro.
Lucio Lentulo.
Lucio Mussiano.
Lucio Junior.
Lucio Dextro.
Lucio Siculo.
Ludovico Bibaldo.
Luciano.
Lucidio.
Ludgero.
Ludovico Babenstuber.
Ludovico Blozio.
Ludovico Barto.
Ludovico Bertaman.
Ludovico Claviteli.
Ludovico Caspense.
Ludovico Carpensato.
Ludov. Guicciard. expurg.

Ludo-

Ludovico Septalio.
Ludovico Lopes.
Ludovico Nogueira.
Ludovico Rodolfino.
Ludolfo de Saxonia.
Lupo Geminiano.
Luitprando.
Luigi Contarini.
Luis de Camoens.
Luigi Bembo.
Luis de Granada.
Luis de Miranda.
Luigi Sarti.
Luis Mendes de Vasconc.
Luis de Oviedo.

M

S. Macario.
S. Macrobio.
Mago Cartaginense.
Magaschenis.
Macedo.
Manilio.
Malvenda.
Malvezzi.
Marco Antonio Genuense.
Marco Aurelio Cassiodato.
Marco Antonio Blanco.
Marco Jansonio.
Marco Polo.
Marco Varro.
Marco Julio Cicero.
Marco Gerhoho.
Mascardo.
Maldonado.
Marcos Heremita.
Mario Sabornano.
Marineo Cesiliano.
Manilio Torcato.
Mambrino Rozeo.
Marcelino Conde.
Marcial.
Marcheto Paduano.
Mario Cautello.
Marcel Cala.
Marliano.
Mariette.
Martene.
Manoel Bricerio.
Manoel Baptista Castro.
Manoel Briecio.
Manoel Conciencia.
Manoel Dias.
Manoel de Faria, e Souza.
Manoel de Gusmaõ.
Manoel Rodrigo.
Manoel Severim de Faria.
Manoel dos Santos.
Manoel Eziches.
Manoel Leal.
Manoel Bernardes.
Magnino.
Manucci.
Mangil.
Mastrio.
Masse.
Martin Carrilho.
Martino Binax.
Martene.
Martino Egnacio.
Martin de Tapia.
Martin Aredondo.
Martino Cromeno.
Martin Garreto.
Martinho Cistercience.
Martin del Rio.
Martin Marcelo.
Mario Saborgnano.
Manucci.
Magnino.
Mantica.
Mantienso.
Mangil.
Masseo.
Mathias Palmieri.
Matheus Palmieri.
Matteo Villani.
Matute.
Maresçal Expert.
Maresçal François.
S. Maximo.
Maximo Planude.
Maximo Tirio.
Maximo Bispo.
Maximo Deza.
Maxencio.
Maximiliano Transilvano.
Maximiliano Ungaro.
Medices.
Militon.
Melezio.
Melga.
Melino.
Melchiades P.
Memphodoro.
Menochio correcto.
Menologio Greg.
Mendoça.
Manandro.
Mena.
Merculo.
Merculo Boherio.
Merculo.
Merlino.
Mesraimo.
Metoastenes.
Mexia Silvio.
Michel Angelo.
Michael Augustin.
Michel Belo.
Miguel Bauldri.
Miguel Glicas.
Miguel Justiniano.
Miguel de Missaldo.
Miguel de S. Catherina.
Miguel da Paraçuelos.
Miguel de Servantes.
Miguel Tivien.
Michael Riccio.
Miltiades.
Micrologo.
Michalor.
Minoe.
Miravette.
Mizaldo.
Moderato.
Molina.
Mondogneto.
Montano.
Monticelo.
Montalbano.
Monedula.
Mostasso.
Monsieur Sabá.
Monsieur de Loir.
Monsieur de la Primadaute.
Monsieur Beaurepe.
Mõsieur de la Buciniene.

Monsieur

Monſieur del Campe.
Monſieur Eſpynei.
Monſieur Deni.
Monſieur Rowtay.
Mariſſoto.
Mozzio.
Moyſés Barcepha.
Moyſés Charás.

N

NAtal Conde.
Natanael.
Nauclero.
Naucates Eritreo.
Naxera.
Nazianzeno.
Nebridio.
Negidio.
Neſſenio.
Nicephoro B.
Nicephoro Calixto.
Nicephoro Gregoras.
Nicetas.
Nicolás Janós Voog.
Niculao Lanlci.
Niculao Hanopo.
Niculao Florentino.
Niculao Copernico.
Niculao Giles.
Niculao de Oliveira.
Niculao Serpetro.
Niculao de Lira.
Niculao Taleone.
Niculao Sandero.
Niculao Lamery.
Niculó de Conti.
Niculó Leoniceno.
Niculó Doglioni.
Niculó Granucci.
Niculao Propozito.
Niculao Garcia.
Niculao Miguel.
Nitardo.
Nogueirol.
Nonio Marcello.
Nogueira.
Nuza.

O

SOdo.
S. Obbizo Anibale.
Ochamo.
Ochogavia.
Octavio Maria.
Octavio Patricio.
Octavio Pancirolo.
Oldrado.
Olao Magno.
Oliva.
Oncala.
Oneſcricio.
Onufrio Panuino.
Onofrio Zarabino.
Optato Melivet.
Onoſſandro Platonico.
Origenes.
Orgelitano.
Oracio Tigrini.
Orozio.
Othon Monge.
Ovidio.
Ovivaldo.
Ozaſco.
Oziris.
Ozorio.

P

PAciano.
Pachioqueli.
Pagnino.
Papias.
Paſchazio Rathberto.
Paſchoal Cariciolo.
Palephato.
Palladio Heitor.
Pamphilio Saxo.
Paris de Puteo.
Paredes.
Panuino.
Paulino B.
Panteno.
Pantaleaõ Diacono.
Patricio Spini.
Patricio Spora.
Paullo Merger.

Paullo Middelburgence.
Paullo de Palacios.
Paullo Veneto.
Paullo Barbeti.
Paullo Biſciol.
Paullo Egineta.
Paullo Jovio.
Paullo Emilio.
Paullo Mametio.
Paullo Baringa.
Paullo Juris Conſulto.
Paullo Maria Maſſini.
Paullo Grilando.
Paullo Morigia.
Paullo Antonio Ranci.
Pauletto.
Paullo Orozio.
Paullo Ozorio.
Pauzanias.
Paxamo.
S. Pedro Chriſologo.
S. Pedro Damiaõ.
Pedro Celence.
Pedro Calvo.
Pietro Catalani.
Pedro Lombardo.
Pedro Floreſto.
Pedro de Barros.
Pedro de S. Catherina.
Pedro de Cluni.
Pedro Comedor.
Pedro Blecence.
Pedro Aureolo.
Pedro de Pallude.
Pedro de Aliaco.
Pedro de Natalibus.
Pedro Bertrando.
Pedro Barboza.
Pedro de Avila.
Pietro Opezinghi.
Pedro de Portug. Surita.
Pedro Gregorio Tolozano.
Pedro Bonze.
Pedro Bezencio.
Pedro de Lima.
Pedro Raulino.
Pedro Patronio.
Pedro Milanez.
Pedro de Pulgar.
Pedro Remigero.
Pedro Baviſtau. Correct.

Pedro Falerio.
Pedro Mexia.
Pedro Alforoli.
Pedro Amon.
Pedro de Canedo.
Pedro Talezio.
Pedro Poncio.
Pedro Canutio.
Pedro Cerone.
Pedro Lopes Zamora.
Pedro Marchanaio.
Pedro de Miranda.
Pedro Mathei.
Pedro Bombo.
Pedro Georgio.
Pedro Gerardo.
Pedro Raccor.
Pedro Juſtiniano.
Pedro de Ledeſma.
Pedro Celço.
Pedro de la Vale.
Pedro Lauro.
Pedro Nunes.
Pedro Tartareto.
Pedro Aponenſe.
Pedro de Lara.
Peres de Lara.
Pereira.
Peres Aldrete.
Peres.
Pereda.
Periandro.
Perſiano.
Petracha.
Petiarchon.
Petavio
Pezancio.
Pictorio.
Pignateli.
Pindaro.
Pineda.
Pinheiro.
Pio Roſſi.
Pitaco.
Pitagoras.
Pinto Ramires.
Pitaco Mitilenſe.
Pirrho Antonio Ferrato.
Poente.
Polibio. Hiſt.
Polibio Megapolitano.
Pollione Trabelio.
Polux.
Politano.
Poliodoro Virgilio. Cor. Por Gregr. XIII. an. 1576.
Pomponio Leto.
Pomponio Siculo.
Pompciano.
Pompeo Vizani.
Pontano.
Ponce.
Poncio Diacono.
Plauto.
Plataõ.
Platina.
Plutarco.
Plagonio.
Pluvinel.
Placato.
Plinio mayor.
Plinio Junior.
Phavorino.
Phebo.
Phedro.
Philo.
Phocio.
Phoclides.
Philoſtrato.
Phelippe de Pera.
Phelippe de Creta.
Phelippe Secinara.
Phelippe Dupaſquier.
Phelippe Pincinello.
Prateolo.
Primazio Africano.
Proſpero.
Procopio.
Propercio.
Probo Emilio.
Prophyrio.
Prochardo.
Ptolomeo.
S. Publio M.
Publio Cyro.
Publio Mimo.
Publio Vegecio.
Pulchrio.
Pubarcio.
Purlilias Conde.

Q

Quadrato Ariſtides.
Quercetano.
Querubino Guillelmo.
QuerubinoChirardazzi.
Quintiliano.
Quinto Curcio.
Quinto Sereno.

R

Rabano.
RabanoMagnencio.
Rabi Moyſés.
Rabi Charàs.
Rabiſſela.
Raconio.
Rafael Volaterrano.
Rafael Bluteau.
Rafael de la Torre.
Rafael de JESUS.
Radero.
Raſſello.
Raſſis Almançor.
Ramon.
Raymundo Capiuſchi.
Raymundo Jordaõ.
Raymundo Lulo.
Raymundo Vicente.
Raymundo Vorect.
Raymundo Salio.
Ratier de Verona.
Ravizio Textor.
Reccio.
Reginaldo.
Reginon de Alem.
Remigio de Auxerre.
Reinfleſtuel Anacleto.
Reinozo.
Richardo Vitorino.
Richardo Bartolin.
Riſcello.
Ribeiro.
Rocco Benedeti.
Roblaes.
Roberto Holcoth.
Roboledo.
Roberto Gagvin. cor.
Rodoando.

Rodri-

Rodrigo da Cunha.
Rolando do Vale.
Rothordano.
Rozacio.
Rubeo.
Ruffielo.
Rufino Aquila.
Rufino Aquilenſe.
Ruperto Abbade.
Rutilio.

S

SAbal.
Sabano.
Sabelio.
Salviano.
Sabino Maſſurio.
Sabino Bononienſe.
Salgado.
Salmeiraõ.
Salluſtio.
Salzado.
Saliceto.
Sayro.
Sameiro.
Samuel.
Sanches.
Sanſovino.
Sannazar.
Saxo Gramat.
Scaligero.
Scobar.
Schola Salmanticence.
Sevola.
Sepione Amirato.
Sedulio.
Sebaſtiano Dupaſquier.
Sebaſtiaõ Cezar de Menezes.
Sebaſtiaõ Abreu.
Sebaſtiaõ da Coſta.
Sedarco.
Secinara.
Segiſmundo Libero.
Septimio.
Severo Sulpicio.
Severino Boccio.
Serrario.
Servio.
Servio Antemonas.
Serafino de Freitas.
Seraphino.
Seneca.
Setho.
Sennerto.
Sexto Cecilio.
Sexto Aurelio.
Spondano.
Spondano David.
Samaniego.
Sigisberto.
Sigonio.
Simancas.
Simacho.
Simaõ Metaphraſte.
Smaragdo Ab.
Silvio.
Silio.
Silis.
Sinforiano.
Sifilinio.
Silveſtro Prierio.
Silva.
Synodo de Achaia.
Synodo Niceno.
Speral.
Socrates.
Soares Granatenſe.
Soares Luzitano.
Solorzano.
Solino.
Soto.
Sotapan.
Souza.
Souzath.
Sozom.
Sozomeno.
Sparciano.
Stacio Poeta.
Stela.
Staiban.
Stefano Fagundes.
Strabo.
Strabo Vvalfrido.
Strofa.
Suetonio.
Suetonio Tranquilo.
Suidas.
Sulcero.
Sulpicio Severo.

T

TAbiena.
Tacito.
Tamaio.
Tamborino.
Tarazio.
Tarcagnota.
Tarentino.
Temiſtocles.
Theodoro.
Theomeneſto.
Themiſtio.
Theocrito.
Theogono.
Theodoro Eſtudita.
S. Theodoro Cantuar.
Theodoreto.
Theodoreto B. de Ciro.
Theophraſto.
Theophilato.
Theophilo Antiocheno.
Tiraquela.
Timeo.
Thimoteo Milezio.
Tibulo Poeta.
Tiberio Gracco.
Thiberio Decia.
Titelman.
Titolivio.
Terencio.
Traliano.
Tertuliano.
Titelman.
S. Thomas de Aquino.
S. Thomàs de Vilanova.
Thomàs Moro.
Thomàs de Cantiprato.
Thomàs Vvaldenſe.
Thomàs Franciſc. Rotaro.
Thomazo Garzoni.
Thobias Lonher.
Tomazo Tomai.
Tholezano.
Torniello.
Torrecilha.
Toledo Card.
Thomàs Boſſio.
Tomazo Faſcello.

Traliano.
Traſcas M.
Trivienſe.
Trogo Pompeo.
Tretzes.
Trugillo.
Trulench.
Tucidides.
Turriano.

V

Valerio Maximo.
Valerio Cordo.
Valerio Probo.
Valerio Flacco.
Valerio Eubun.
Valençuela.
Valencia.
Valaſco.
Vaſco Mouzinho.
Valaſques.
Vancio.
Varro.
Vegecio.
Velcio.
Veſpucio.
Veſpucci Florentino.
Veltuelo.
Veiga.
Viadana; non Vidianus.
Vicencio Lerinenſe.
Vincencio Balbacence.
Vincencio Tanara.
Vincencio Galilei.
Vincencio Petra.
Vincente Candido.
Vincencio de Buſtis.
Vincencio Bellovac.
Vincencio de Rhodes.
Vicente Luzitano.
Viturvio.
Vivio.
Vivien.
Virgilio Poeta.
Vital de Algeriza.
Viegas Luzitano.
Vivaldo.
Vivar.
Volaterrano.
Urtizio.
Urelio.
Witiquindo.
Wernero Rolcuvind.
Wech.
Weſpergence.
Wulpinio.
Vulpiano.
Uzuardo.

X

Xamar.
Xenio.
Xenocrates.
Xiphilino ſine annotationibus aliorum.
Xenophonte; permititur; ſed Præfatio damnatur.

Z

Zacharias M.
Zacharias Card.
Zachias.
Zabelio.
Zarantk.
Zacheo Cezarienſe.
Zecio.
Zelfo.
S. Zeno.
Zenon.
Zenobio.
Zenodoto.
Zeuzipo.
Zonaras.
Zuleta.

INDICE SEGUNDO

DE ALGUNS HISTORIADORES, Escritores, Annalistas, e Chronografistas Ecclesiasticos, Politicos, e Profanos,

Que Do Mundo universalizado, e singularizado historiàraõ. Com cujas Opinioens por extraçaõ do primeiro Index este volume se accredita, e aos curiosos se participa

NIcolás Janòz Voog, nos celebres Atlas Mundi.
Hartman Schedel, no famoso Tomo Ætas Mundi.
Jozefo Rozacio, in ÆtatibusMundi.
Pedro Bonze, de Origine Mundi.
Affonço de Avila, in Tractatu de Opere Mundi.
Beredo, de Cursu Mundi.
Manoel Bricerio, de Orbe.
Philo, in Fabrica Mundi - non Maximilian. Philo.
Franciſco Alumno, ne la Fabrica del Mondo.
Giováni Franceſco Anania, ne-la Fabrica del Mondo.
Geováni Lorenço Anania, en la Hiſtoria del Mondo.
Bonardo Trattegiano, ne-la Minera del Mondo.
Marco Polo, ne-la Maraviglie del Mondo.
Giovánia Maria Bonardo, ne-le Maraviglie del Mondo.
Annanias Fabio ne-lo Trattato del Mondo.
Juan Botero, en la Rellacion del Mondo.
Chriſtiano Maſſini, ne-la Hiſtorie del Mondo.
Giovanni Mandavilla, ne-le Maraviglie del Mondo.

Giovanni Tarcagnota, Hiſtoria del Mondo.
Giovan Tarſagni Hiſtoria del Mondo.
Tomazo Tomai, Giardino del Mondo.
Lucio Ampelio,(naõ Appuleio)Noticcie del Mondo.
Fr. Bartholomeu de Oſſuna Hiſtoria do Mundo.
Selim, de Mirabilibus Mundi.
Germano, in Chronico Orbis terrarum.
Franciſco de Lorim, in Tractatu de Mundo.
Franciſco de Alba, in Mirandis Orbis.
Abramo Orteli, Theatrum Orbis terrarum.
Wernero Roleuvind, in Faſciculo temporum.
Cezar Campana, na Hiſtoria do Mundo.
Eneas Sylvio na Hiſtoria do Mundo, cum retractat. & non de geſtis Concilii Baſilienſis.
Antonio Poſſevino, Hiſtoria del Mondo.
Joſeph Script. Latin. de Antiquitatibus.
D. Pedro Cubero, in rebus Mundi.
Pedro Celio, de Statu Mundi.
Jacomo Saliani, nos Annaes do Mundo.
Veſpaziano Angelico, Memorial do Mundo.
Cornelio Tacito, nos Anaes do Mundo.
Chriſtiano Adricomio, nos Annaes do Mundo.
Caſſaneo Cor. in Catalogo Gloriæ Mundi.
Iſſachardo, in Apologia communis Orbis.
Dechales, Mundo Mathematico.
Phelippo Pincinello, Mundo ſimbolico.
Celio Rhodigino, de Antiquitatibus.
Fabio Pictor, de Aureis Sæculis.
Joaõ Bohemo de Moribus Gentium.
Ravizio Textor in Officina hiſtorica.
Baptiſta Fulgozo de Mirabilibus in cap. 6. deleto §. 62.
Baptiſta Baldigara, Deſcripçaõ das maravilhas.
Aſtolfo ne-la Officina hiſtorica. Appol-

Appollodoro, Archilogo de Temporibus.
Aſcanio Centorio na Officina hiſtorica.
Joaõ Baptiſta Porta Maravilhas da narureza, & non in Magia naturali prohibita.
Belforeſt in Tractatu de Prodigiis naturæ.
Plinio in Hiſtoria naturali.
Franciſco Ptolomeu de Vetuſtabus admirandis.
Luigi Contarini, Giardino del Mondo.
Franciſco Spinola in Tratatu de Antiquitate.
Miguel Juſtiniano in Theatro vitæ humanæ.
Lourenço Beerlinch in Theatro vitæ humanæ.
Pedro Baviſtau nas Hiſtorias antiguas, naõ no terceiro livro.
Reginaldo Pello de Adverſitatibus naturæ.
Areſtas Bibliotecario, na Hiſtoria Pontifical.
Ilheſcas, na Hiſtoria Pontifical.
Octavio Panciroli, in Tractatu de Eccleſia Romana.
Octavio Patricio, de Eccleſia Romana.
Niculao Sandero, na Monarchia Eccleſiaſtica.
Pineda, na Monarchia Eccleſiaſtica.
Sebaſtiaõ Cezar de Menezes, na Hyerarquia Eccleſiaſtica.
Nicephoro Calixto, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
D. Rodrigo da Cunha, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Evagrio, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Sozomeno, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Rufino, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Beda V. na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Theodoro, na Hiſtoria Eccleſiaſtica. Non exprohibitis.
Simaõ Metaphraſte, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Euzebio Cezarienſe, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Niculao Taleone, Hiſtoria Santa.

Sulpi-

Sulpicio Severo, na Hiſtoria Sacra. Sine coment. Druſii.
Franciſco Marchezi, no Diario Sacro.
Sexto Bononienſe, na Biblioteca Santa.
Jacobo Perim, de Statu Græcorum.
Xenophonte, de Geſtis Græcorum. Sine coment. aliorum.
Berozo, de Floribus Chaldaicis.
Eraſmo Muſſio, de Ægyptiorum Republica.
Gabriel Berbondo, Hiſtoria de lo Egypto.
Mezancio, de Hiſtoria Ægyptiorum.
Pedro de Miranda, in Tractatu de Orbe, & Urbe Romana.
Baptiſta Egnacio, de Romano Principatu.
Julio Obſequente, de Prodigiis Romanorum.
Andrè Palladio, Maravilhas de Roma.
Antonio Maria Gioiozi Maraviglie de Roma.
Bartholomeu Marliano, Antiguidades de Roma.
Joaõ Roſſino, de Antiquitatibus Romæ. Cum nota in Comment.
Bartalo Marlio, de Antiquitatibus Romæ.
Andrè Fulvio, in Antiquitatibus Romæ.
Franciſco Spinola, in Tractatu de Antiquit. & diſpoſ. Romanorum.
Eutropio, de Geſtis Romanorum.
Belingerio, de Triumphis Romanorum.
Thomàs Dempſter, nas Antiguidades de Roma. Hic permit.
Titolivio, na Hiſtoria Romanã.
Libio Padovano ne la Hiſtoria Romanã.
Andre de Parma, in vita Imperatorum.
Ariſtides Milezio na Hiſtoria de Italia.
Sigonnio, de Regno Italico.

Felippo

INDICE SEGUNDO

DE ALGUNS HISTORIADORES, Escritores, Annalistas, e Chronografistas Ecclesiasticos, Politicos, e Profanos,

Que Do Mundo universalizado, e singularizado historiàraõ. Com cujas Opinioens por extraçaõ do primeiro Index este volume se accredita, e aos curiosos se participa

NIcolás Janòz Voog, nos celebres Atlas Mundi.
Hartman Schedel, no famoso Tomo Ætas Mundi.
Jozefo Rozacio, in ÆtatibusMundi.
Pedro Bonze, de Origine Mundi.
Affonço de Avila, in Tractatu de Opere Mundi.
Beredo, de Cursu Mundi.
Manoel Bricerio, de Orbe.
Philo, in Fabrica Mundi - non Maximilian. Philo.
Franciſco Alumno, ne la Fabrica del Mondo.
Giováni Franceſco Anania, ne-la Fabrica del Mondo.
Geováni Lorenço Anania, en la Hiſtoria del Mondo.
Bonardo Trattegiano, ne-la Minera del Mondo.
Marco Polo, ne-la Maraviglie del Mondo.
Giovánia Maria Bonardo, ne-le Maraviglie del Mondo.
Annanias Fabio ne-lo Trattato del Mondo.
Juan Botero, en la Rellacion del Mondo.
Chriſtiano Maſſini, ne-la Hiſtorie del Mondo.
Giovanni Mandavilla, ne-le Maraviglie del Mondo.

Giovanni Tarcagnota, Hiſtoria del Mondo.
Giovan Tarſagni Hiſtoria del Mondo.
Tomazo Tomai, Giardino del Mondo.
Lucio Ampelio,(naõ Appuleio)Noticcie del Mondo.
Fr. Bartholomeu de Oſſuna Hiſtoria do Mundo.
Selim, de Mirabilibus Mundi.
Germano, in Chronico Orbis terrarum.
Franciſco de Lorim, in Tractatu de Mundo.
Franciſco de Alba, in Mirandis Orbis.
Abramo Orteli, Theatrum Orbis terrarum.
Wernero Roleuvind, in Faſciculo temporum.
Cezar Campana, na Hiſtoria do Mundo.
Eneas Sylvio na Hiſtoria do Mundo, cum retractat. & non de geſtis Concilii Baſilienſis.
Antonio Poſſevino, Hiſtoria del Mondo.
Joſeph Script. Latin. de Antiquitatibus.
D. Pedro Cubero, in rebus Mundi.
Pedro Celio, de Statu Mundi.
Jacomo Saliani, nos Annaes do Mundo.
Veſpaziano Angelico, Memorial do Mundo.
Cornelio Tacito, nos Anaes do Mundo.
Chriſtiano Adricomio, nos Annaes do Mundo.
Caſſaneo Cor. in Catalogo Gloriæ Mundi.
Iſſachardo, in Apologia communis Orbis.
Dechales, Mundo Mathematico.
Phelippo Pincinello, Mundo ſimbolico.
Celio Rhodigino, de Antiquitatibus.
Fabio Pictor, de Aureis Sæculis.
Joaõ Bohemo de Moribus Gentium.
Ravizio Textor in Officina hiſtorica.
Baptiſta Fulgozo de Mirabilibus in cap. *6*. deleto §. *62*.
Baptiſta Baldigara, Deſcripçaõ das maravilhas.
Aſtolfo ne-la Officina hiſtorica.

Appol-

Appollodoro, Archilogo de Temporibus.
Aſcanio Centorio na Officina hiſtorica.
Joaõ Baptiſta Porta Maravilhas da narureza, & non in Magia naturali prohibita.
Belforeſt in Tractatu de Prodigiis naturæ.
Plinio in Hiſtoria naturali.
Franciſco Ptolomeu de Vetuſtabus admirandis.
Luigi Contarini, Giardino del Mondo.
Franciſco Spinola in Tratatu de Antiquitate.
Miguel Juſtiniano in Theatro vitæ humanæ.
Lourenço Beerlinch in Theatro vitæ humanæ.
Pedro Baviſtau nas Hiſtorias antiguas, naõ no terceiro livro.
Reginaldo Pello de Adverſitatibus naturæ.
Areſtas Bibliotecario, na Hiſtoria Pontifical.
Ilheſcas, na Hiſtoria Pontifical.
Octavio Panciroli, in Tractatu de Eccleſia Romana.
Octavio Patricio, de Eccleſia Romana.
Niculao Sandero, na Monarchia Eccleſiaſtica.
Pineda, na Monarchia Eccleſiaſtica.
Sebaſtiaõ Cezar de Menezes, na Hyerarquia Eccleſiaſtica.
Nicephoro Calixto, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
D. Rodrigo da Cunha, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Evagrio, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Sozomeno, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Rufino, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Beda V. na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Theodoro, na Hiſtoria Eccleſiaſtica. Non exprohibitis.
Simaõ Metaphraſte, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Euzebio Cezarienſe, na Hiſtoria Eccleſiaſtica.
Niculao Taleone, Hiſtoria Santa.

Sulpicio Severo, na Hiſtoria Sacra. Sine coment. Druſii.
Franciſco Marchezi, no Diario Sacro.
Sexto Bononienſe, na Biblioteca Santa.
Jacobo Perim, de Statu Græcorum.
Xenophonte, de Geſtis Græcorum. Sine coment. aliorum.
Berozo, de Floribus Chaldaicis.
Eraſmo Muſſio, de Ægyptiorum Republica.
Gabriel Berbondo, Hiſtoria de lo Egypto.
Mezancio, de Hiſtoria Ægyptiorum.
Pedro de Miranda, in Tractatu de Orbe, & Urbe Romana.
Baptiſta Egnacio, de Romano Principatu.
Julio Obſequente, de Prodigiis Romanorum.
Andrè Palladio, Maravilhas de Roma.
Antonio Maria Gioiozi Maraviglie de Roma.
Bartholomeu Marliano, Antiguidades de Roma.
Joaõ Roſſino, de Antiquitatibus Romæ. Cum nota in Comment.
Bartalo Marlio, de Antiquitatibus Romæ.
Andrè Fulvio, in Antiquitatibus Romæ.
Franciſco Spinola, in Tractatu de Antiquit. & diſpoſ. Romanorum.
Eutropio, de Geſtis Romanorum.
Belingerio, de Triumphis Romanorum.
Thomàs Dempſter, nas Antiguidades de Roma. Hic permit.
Titolivio, na Hiſtoria Romanã.
Libio Padovano ne la Hiſtoria Romanã.
Andre de Parma, in vita Imperatorum.
Ariſtides Milezio na Hiſtoria de Italia.
Sigonnio, de Regno Italico.

Felippo Braccio, de Admirandis Italiæ.
Leandro, na Hiſtoria Italica.
Tomazo Faſceli, ne la Hiſtoria de Cecilia.
Leandro Alberto, Tratado do Reyno de Napoles.
Bernardo Corio, Hiſtoria de Milaõ.
Martino Carriglio, Hiſtoria de Sardenha.
Bombo, na Hiſtoria de Veneza.
Pompeo Vizani, Hiſtoria de Bolonha.
Cherubino Chrirardazzi, Hiſtoria de Bolonha.
Ludovico Jacobilli, Bolonha illuſtrada.
Martino Cromeno, Hiſtoria de Polonia.
Luglio Orlando Malavolti, Hiſtoria de Sena.
Michel Angelo, Memorie de Fiurence.
Eroſtrato, na Hiſtoria dos Godos.
Julio de Caſtilho na Hiſtoria dos Godos.
Fr. Hieronymo de Caſtro na addiçaõ a Caſtilho, Hiſt. de Godos.
Paulo Diacono, na Hiſtoria dos Longobardos, non in impreſ. Baſileæ an. 1569.
Cornelio Kempio, de Origine Triſiæ.
Ludovico Clavitelli, Hiſtoria de Cremona.
Patricio Spini, Hiſtoria de Breſcia.
Doſitheo, Hiſtoria de Lidia.
Sigiſmundo Libero, Hiſtoria do Imperio Moſcovita.
Plinio, na Hiſtoria de Saxonia. Sine coment. aut anot. aliorum.
Jovio, na Hiſtoria de Ungria.
Bonfinio, de Rebus Ungariæ.
Callimaco, Hiſtoria Ungarica, abſque notis; & emend. alior.
Joaõ Drubario, in Hiſtoria Bohemiæ.
Alberto Krantzio, Hiſtoria de Dania. Correcto.
Cornelio Tacito, de Moribus Germanorum.

Beda, in Hiſtoria Angliæ.
Andrè Eborenſe nos Annaes de Olanda, deletis delendis.
Poliodoro, na Hiſtoria de Inglaterra.
Briecio, Maravilhas de Flandres.
Franciſco de Wande in Hiſt. lachimoſa Regni Scotiæ.
Pauzanias, de Regione Beotica.
Olao Magno, Hiſtoria dos Paizes Setentrionaes.
Jozè Betuſſi, Hiſtoria de Verona.
Lancillotti Perug - Hiſtoria Olivetana.
Monſieur de Loir, Hiſtoria do Levante.
Aſcanio Centorio, Hiſtoria da Tranſilvania.
Vincenzo Bardini, Hiſtoria da Palleſtina.
Chriſtiano Adricomio, Hiſtoria de Hieruſalem.
Jacobo Aſdrek, Hiſtoria da Paleſtina.
Brochardo, na Deſcripçaõ de Hieruſalem. Non ille Calvin.
Stefano. Luzigniano, Hiſtoria de Chipre.
Franciſco Riberenſe, de Statu Perſico.
Carlo Paſſi, Hiſtoria de la Perſia.
Catatinzeno, Hiſtorie de la Perſia.
D. Franciſco de Olivares Murilho, Hiſtor. Turqueſca.
Jacobo de Miranda, in Hiſtoria Africana.
Luca de Linda, Tratado de la Tartaria.
Andrè Arbatenſe, de Statu Tartariæ.
Guido, Hiſtoria dos Scythas.
Alfonço de Ovaglia, Hiſtoria do Reyno de Cile.
Paulo Veneto, in Hiſtoria rerum Orientalium.
Joaõ Bohemo, Hiſtoria de Barbaria.
Leandro Albero Tratado da Romanhia.
Chriſtoforo Borri, Rellaçaõ do Reyno de Conxinxina.

Teles,

Teles, na Ethiopia alta.
Joaõ de Gonçales Hiſtoria da China.
Fr. Joaõ Gonçalves de Mendoça, Hiſtoria da China.
Pedro Avanzi, Hiſtoria da China.
Martinho Ignacio, Hiſtoria da China.
Athanazio Chicher, Honumento da China.
Joaõ Franciſco Romano, Hiſtoria do Reyno de Congo.
Joaõ de Barros Hiſtoria da India.
Chriſtoforo Colombo, Hiſtoria da India.
Vicente Maria, Hiſtoria das Indias Orientaes.
Jozefo Maria, Hiſtoria Oriental da India.
Jozè da Coſta, Hiſtoria moral dos Indios.
Manoel de Faria e Souza, Azia Portugueza.
Serafino de Freitas, de Juſto Imperio Luſitanorum Aziatico.
Luca de Linda, Tratado dos Brazis.
Monſieur Deni, Diſcurſo da Coſta da America.
Daniel Carolo Hiſtoria da Azia.
Franciſco Bencio, Hiſtoria do Perù.
Alvaro Nunes, Rellaçaõ da India.
Joaõ Baptiſta Ramuſſio, Hiſtoria da India.
Gonçales de Oviedo Noticia dos Indios.
Bernardo Serponti, Tratado do Occidente.
Manoel de Faria e Souza, Europa Portugueza.
Antonio de Souza de Macedo, Excellencias de Portugal.
Vaſconcelos, In Deſcriptione Luſitaniæ.
Gaſpar Eſtaço nas Antiguidades de Portugal.
Fr. Franciſco Brandaõ, Na Monarquia Luzitana.
Brito, na Monarquia Luzitana.
Fr. Bernardino da Silva, na Defençaõ da Monarquia Luzitana.

Niculao Serpetro, Maravilhas de Portugal.
Niculao de Oliveira, Excellencias de Portugal.
Ferdinando Cortes, Narraçaõ de Heſpanha.
Madera, Excellencias de Heſpanha.
Tamaio, nas Novidades antiguas de Heſpanha.
Lucio Siculo, na Heſpanha illuſtrada.
Joaõ Marianna, nas Couſas de Heſpanha.
Caramuel, nas Couſas de Heſpanha.
Fr. Franciſco Diago, nos Annaes de Valença.
Avila, in Theatro Matriti.
Salazar, Hiſtoria das Indias de Heſpanha.
Martino Clevero, Hiſtoria das Filipinas.
O P. Antonio Cordeiro, na Inſulana Portugueza.
Roberto Gagvin, de Francorum geſtis.
Aymonio, de Geſtis Francorum.
Pietro Mattei, Hiſtoria de França.
Molina, Galia deſcripta.
Guicciardino, na Hiſtoria de França, naõ de Italia.
Pipino Maſſon, de Mirabilibus Galiæ.
Andrè de Cheſne, Hiſtoria de França.
Miguel Angelo Mariani, Memorias de la Francia.
Felippo Briecio, Maravilhas de França.
Bolonhes Sinforiano, in Horto Galico.
Neriemberg, na Hiſtoria natural.
Methaſtenes, de Juditio temporum.
Spondano David, de Secretis naturæ.
Henrique Celio, de Antiquitate.
Antonio Pimenta, de Rebus naturalibus.
Poliodoro Virgilio (correcto) de Inventoribus rerum.
Papinio Michel, de Differentibus invent.
Valerio Maximo, de Inſtitutis antiquis.
Joaõ Emicilo na Hiſtoria varia.
Andrè de Piza, in Tractatu de mirabilibus.

Plataõ,

Platão, in libro de Inventoribus.
Bartholomeu Anglico, de Proprietatibus rerum.
Bondo, in libro de Prodigiis.
Cezar Eſtarbachenſe, de Illuſtribus miraculis.
Orgelitano, de Prodigiis, & miraculis.
Souzath, de Mirabilibus.
Jacobo Gracco, de Natura animalium.
Henrique de Aſſis, de Natura animalium.
Hieronymo Cortes, Hiſtoria dos animaes.
Joaõ Geminiano, de Metalibus, & lapidibus.
Diogo de Funes e Mendoça, na Hiſt. das Aves, e animaes.
Gaſpar dos Reys Franco, nos Campos Elizios.
Philo (non Maximil. Philo) de Confuſione linguarum.
Chriſtovaõ Soares de Figueiroa - Plaça univerſal.
Donato Calvo, Prodigi di Natura.
Lampognani de Prodigiis.
Ludovico Dominiche ne-la varia hiſtoria.
Alexandre ab Alexandro Genialium dierum.
Juan Huarte de S. Juan, Examen de Ingenios - Correct.
Thomàs Garçon Theatro de los Ingenios.
Ortelio, in Theatro.
Crinitto, de Republica.
Yepes, em as Centurias.
Franciſco Soares Toſcano, nos Paralelos.
Joaõ Stefano Menochio, nas Centurias.
Antonio de Orizil, nos Emblemas.
Solorzan, em os Emblemas.
Fr. Franciſco de Mendoça, no Viridario dos Problemas.
Heitor Pinto, nos Dialogos.
Marìs, em os Dialogos.

Pierio Valeriano nos Geroglificos.
Villadiego, no Catalogo.
Mexia, na Silva de varia liçaõ, non in cap. 9. libri 1.
Eſtrabo, na Geografia; Correcto.
Pedro à Natalibus, nos Annaes.
Zonaras, em os Annaes.
Flavio Dextro, nos Annaes.
Cornelio Tacito, nos Annaes.
Cedreno, na Chronologia, e Compendio hiſtorial.
Caſſiodoro, nas Chronicas.
Auberto Mirrheo, in Cronicon.
Gordono, na Chronica.
Hirſauger in Cronico.
Marco Maximo in Cronicon.
Onufrio, in Cronico.
Julliano Toletano, na Chronica.
Guilhelme Matheo, no Eſpelho hiſtorial.
Joaõ Buſshers, no Floſculo hiſtorial.
Joaõ Schimidi, no Diario hiſtorial.
Blozio, no Floſculo hiſtorial.
Joaõ Michrel, Syntag. hiſtorial.
Alfonço Loſchi, no Compendio hiſtorial.
Lourenço Surio, na hiſtoria varia expurg. an. 1559.
Sozomeno, na Hiſtoria Tripartita.
Socrates, na Hiſtoria Tripartita.
Theodorico (naõ - Conrado) na Hiſtoria Tripartita.
Victor (non - Conradus) na Hiſtoria Tripartita.
Ludovico Dolce, ne-lo Diario hiſtoriale, Correto.
Cocleo, na Hiſtoria varia.
Dionizio Alicarnaceo, na Hiſtoria varia.
Sine notis aut commentis aliorum.
Joaõ Emicilo, na Hiſtoria varia.
Gregorio Maçano, na Hiſtoria varia.
Hector Boetho, na Hiſtoria varia.

Baſte para o curioſo Leitor, a quem advirto que nem neſte ſegundo Indice vaõ todos os Hiſtoriadores de cujas noticias para eſta obra me valì, nem no Indice primeiro vaõ expreſſados todos os Autores que por allegaçaõ, e remiſſaõ apontey, por lhe naõ occazionar molaſtia na leitura; como tambem nem a todos os que vaõ incertos nos Indicices cito no corpo do Volume por ſeus nomes por naõ encher mais as marges fazendo-as imperceptiveis para o Prelo.

INDICE TERCEIRO

DOS LIVROS, E CAPITULOS todos desta obra.

LIVRO PRIMEIRO.

Das primeiras acçoens, e operaçoens da Creatura Humana.

CAPITULO I.

DA Existencia primeira da Racional Creatura, e como adulterou o fim para que foy por Deos creada.

CAPITULO II.

Da geraçaõ, e formaçaõ da Creatura Humana em o ventre materno, e suas operaçoens desde o instante primeiro.

CAPITULO III.

Da Parturiçaõ, e nascimento da Racional Creatura, occurrencia de perigos, successos notaveis, e monstruosidades que no Mundo se admiraõ por excesso, ou defeito, accidente, ou superfluidade da natureza humana.

CAPITULO IV.

Continua-se, e confirma-se a materia antecedente com cazos singulares, e successos estupendos.

CAPITULO V.

Da Constituhiçaõ substancial, corporea, e quantitativa da Creatura humana depois que do ventre materno he sahida. Trata-se dos Gigantes, e Pigmeos.

CAPITULO VI.

Continua-se a materia do Capitulo antecedente; autoriza-se, e comprova-se com varias noticias.

CAPITULO. VII.

Da creaçaõ que na sua primeira infancia se deve dar á Creatura nascida; como as Mãys se naõ devem desprezar de ser as proprias, que com seu mesmo leite criem a seus filhos; e a naõ ser assim: condi-

çoens que haõ de ter as amas que os criarem. Expoem-se ſucceſſos notabiliſſimos.

CAPITULO VIII.

Continùa a meſma materia, com diviſaõ eſpecial aos que por naſcimento ſe deſtinguem Principes, e Senhores.

CAPITULO IX.

Propoem-ſe lances ſingulares de amor de Pays, e Mãys para ſeus filhos, e deſtes para ſeus Pays, e Mãys.

CAPITULO X.

De como os Pays cuidadoſamente devem procurar o Sacramento do Baptiſmo a ſeus filhos recem naſcidos naõ lho demorando. Moſtra-ſe a qualidade de Baptiſmos que ſe uſavaõ; quaes os que admitte a Igreja; quem foraõ ſeus Inventores, e as primeiras peſſoas que no Mundo os recebèraõ.

CAPITULO XI.

Continùa a materia do antecedente, confirmada com opinioens de Selectiſſimos DD. e Theologos. Admiraõ-ſe prodigios da Sagrada Fonte Baptiſmal, e deſcreve-ſe de outras notaveis fontes, como materia apta, ſingulares maravilhas.

CAPITULO XII.

De como logo na primeira flor da Puerecia tendo jà a Creatura de poucos annos algum uſo de razaõ, a devem hir applicando ao conhecimento do verdadeiro Deos, inſtruindoa na Catholica doutrina. Moſtra-ſe a diverſidade de Deoſes: quaes foraõ os primeiros da Gentilidade, os primeiros Templos, Idolos, e Idolatras.

CAPITULO XIII.

De como os Pays deſde a meninice devem dar principio, e applicar ſeus filhos no aprender a ler, eſcrever, e contar, pondo os em aptidaõ para qualquer vida que hajaõ de ſeguir. Expoem-ſe quem foraõ daquellas tres Artes os Inventores, e que uſos obſerváraõ diverſas Naçoens do Mundo.

CAPITULO XIV.

Continùa a meſma materia, moſtrando o modo antigo com que ſe eſcrevia, e a forma com que as letras ſe eſtampavaõ. Trata-ſe de peſſoas que nos poſteriores ſeculos foraõ neſta acçaõ eminentes.

CAPITULO XV.

Dos celebres, e antiquiſſimos modos de contar praticados em diverſos Imperios, Reynos, e Naçoens do Mundo todo.

CAPITULO. XVI.

De como he convenientiſſimo para o trato da Civilidade a aplicaçaõ da Ortografia. Moſtra-ſe o como ſe deve uſar na loquella, e na eſcripta.

cripta. Aponta-ſe os que houve mais eminentes, e primeiros Inventores; Expoem ſe diverſidade de linguas, e ſeu principio.

CAPITULO. XVII.

Moſtra-ſe por obſervaçoens clariſſimas que entre as mais linguas eſtrangeiras, a lingua Portugueza de que neſte Reino uſaõ os Politicos, he no expreſſivo a mais excellente, na pronuncia a mais admiravel, e na copia a mais peregrina.

CAPITULO XVIII.

Como os Pays deſde a puericia devem coſtumar, e criar ſeus filhos com a moderaçaõ devida, e ſem exceſſos no comer, beber, e dormir; apontaõ-ſe com ſucceſſos muy notaveis as perniciosas conſequencias que do contrario ſe ſeguem.

CAPITULO XIX.

Como os Pays devem coſtumar ſeus filhos deſde ſua adoleſcencia em o honeſto modo de trajar, e veſtir conforme a qualidade das peſſoas. Expoem-ſe o coſtume que em diverſas Naçoens do Mundo ſe praticou. Quem foraõ ſeus primeiros Inventores. Abominaſſe o luxo, e declaraõ-ſe as perniciosas conſequencias que de contrario ſe ſeguem.

CAPITULO XX.

De como em os que naſcèraõ Principes, e Senhores, para deſtinçaõ da peſſoa, e eſplendor da Mageſtade, póde ſem viciosa cenſura ſer admittido o exceſſo em as galas, a riqueſa, e priciozidade nos veſtidos.

LIVRO SEGUNDO

Da Vida Eſpiritual.

CAPITULO I.

DE como para qualquer eſtado que hajaõ de tomar, e ter os filhos, ou ſejaõ Principes, ou nobres, ou mechanicos, ou plebeos; devem os pays inclinalos logo em o principio ao caminho das virtudes, moſtrandolhe que he a raiz de todas a Santa humildade.

CAPITULO II.

De como os Pays deſde a doleſcencia devem perſuadir, e preciſar ſeus filhos à recta obſervancia da Ley Divina, e ſeus dictames, moſtrandolhe o quanto eſperitual, e temporalmente lhe he conveniente. Apontaõ-ſe para exemplo noſſo varios caſtigos do Ceo cahidos em os erros da Gentilidade por falta de obſervancia de ſuas Leys dadas por ſeus falços Deoſes.

CAPITULO III.

De como ſe devem prezar muito de honrar a Religiaõ Chriſtãa com eſpe-

eſpecialidade os que ſe accreditaõ Catholicos, experimentando por iſſo na vida eſpiritual, e temporal grande conveniencia. Apontaõ-ſe peregrinas acçoens de Principes, e grandes Senhores que felizmente a obſervàraõ.

CAPITULO IV.

Moſtra que com actos internos da vida eſpiritual deve indeferentemente qualquer Catholico honrar a Deos fugindo de o offender com a torpeza dos vicios. Apontaõ-ſe por ſaudaveis remedios, penitencias, e jejuns. Apontaõ-ſe os modos, e inſtituiçoens que antiguamente ſe praticàraõ.

CAPITULO V.

De algumas virtuoſas acçoens, e exercicios utiliſſimos á vida Eſpiritual Prova-ſe o quanto eſta he eſtimada de Deos para credito da Religiaõ Chriſtãa. Moſtraõ-ſe Jucceſſos infeliciſſimos de Principes que a naõ eſtimàraõ, e a perſeguiraõ.

CAPITULO VI.

Dos Hereziarcas, hereticos Inventores de perniciozas doutrinas, e Sectarios que no Mundo tem havido, naõ ſó antes da vinda de Chriſto, mas nos primeiros quatro ſeculos depois. Tocaõ-ſe os pontos principaes de ſeus erros condenodos.

CAPITULO VII.

Dos Hereziarcas, hereges, e Sectarios que houve nos ſeis ſeculos ſeguintes.

CAPITULO VIII.

Dos Hereziarcas, hereges, e Sectarios que houve nos ultimos ſete ſeculos.

CAPITULO IX.

Perſeguiçoens que a Santa Igreja Catholica tem padecido por ſeus inimigos. Annos em que a experimentou, occaſionadas por Barbaros Sciſmaticos, e hereges.

CAPITULO X.

Sciſmas que houve contra a S. Igreja Catholica, e Sciſmaticos Pontifices nos dezaſete ſeculos depois do Naſcimento de Chriſto.

CAPITULO XI.

Dos nomes, numero, e vaticinio das Sybilas, que predicèraõ os Jucceſſos miſteriozos no Naſcimento, Vida, Morte, e Reſſurreiçaõ de Chriſto fundamento originario da vida eſpiritual.

CAPITULO XII.

Concilios geraes celebrados pela univerſal Igreja, por refutaçaõ dos erros eſtabelecimento da Fé, deffença do Chriſtianiſmo, e credito da vida Eſpiritual.

LIVRO TERCEIRO

Da Vida, e Eſtado Real.

CAPITULO I.

DA Eſſencia qualitativa de hum perfeito Monarca, ſublimidades que logra, e laborioſo diſvello a que ſe ſogeita neſta vida.

CAPITULO II.

Explica-ſe a intelligencia deſte nome - Rey - e ſe moſtra como, e quem foy o primeiro que no Mundo houve, modos de governo, fórmas de Coroa, e Cetro, e ſeus primeiros Inventores.

CAPITULO III.

Da Invençaõ das Leys, determinaçaõ dos carceres, previllegio dos azillos, impoſiçaõ de tributos, inſtituhiçaõ de Juſtiças, e outras acçoens ſó proprias de Reys, ou Principes ſoberanos.

CAPITULO IV.

Cathalogo dos Principes Reys, Emperadores, Pontifices, e mais Potentados que tem havido no Mundo deſde o principio da ſua creaçaõ, atè o tempo prezente.

CAPITULO V.

Eſpecializa-ſe quanto a Portugal a materia do antecedente Capitulo. Moſtraõ ſe os principios, e antiguidades da Luſitania, ſua primeira fundaçaõ, e Reys primeiros mais individualmente, como tambem a fundaçaõ de Lisboa, e de outras povoaçoens ſucceſſivas.

CAPITULO. VI.

Reys que ſe ſeguiraõ, e povoaçoens que ſe continuàraõ. Moſtra ſe como a Luſitania deu origem a Troya, ſer a Caſtela, fundaçaõ a Roma, e reſtauraçaõ a Cezilia.

CAPITULO. VII.

Eſtragos que padeceo Heſpanha, invazoens que Luſitania teve modo com que ſe rebatèraõ, e varias povoaçoens illuſtres que conſequentemente na Luſitania ſe fundàraõ.

CAPITULO VIII.

Moſtra-ſe a lealdade que os Luſitanos tiveraõ ſempre a ſeus Principes. O valor agigantado com que defendèraõ ſeus Dominios. O esforço com que triunfáraõ dos Romanos em doze batalhas ſucceſſivas que lhe deraõ.

CAPITULO IX.

Continùa a materia do Capitulo antecedente, comprovada com ſucceſſos de outras muitas batalhas, em que contra os Romanos ficáraõ os Luſitanos victorioſos.

CAPITULO X.

Moſtra-ſe a pezar dos Criticos a dilatada extençaõ de Portugal ainda a reſpeito dos mais Reinos, e Imperios do Munao para credito da Naçaõ.

CAPITULO XI.

Moſtra ſe a grandeza intenſiva de Portugal, numero da gente, ſem fazer mençaõ das Conquiſtas, e reſenha ſó da famoſa Cidade de Liſboa, iſto antiguamente, pois ſe acha hoje avultada.

CAPITULO XII.

Vida Civil, e Politica, obſervada pellos Illuſtres, e Nobres.

LIVRO QUARTO

Vida Eccleſiaſtica.

CAPITULO I.

DO Altiſſimo Eſtado Sacerdotal, ſua primeira Inſtituiçaõ, dignidade excelça, e veneraçaõ grande, imitada depois pelos Gentios, e poſteriomente reformada por Chriſto na Ley da Graça.

CAPITULO II.

Fas-ſe mençaõ, para noticia de quem foraõ os ſetenta e dous Diſcipulos de Chriſto. Explica-ſe o modo porque foraõ quaſi todos ordenados Sacerdotes; que dignidades occupàraõ na permitiva Igreja; e de que principio provèm trazerem os Sacerdotes feita em a cabeça coroa.

CAPITULO III.

Moſtra-ſe quem foy o primeiro Sacerdote, que depois de Chriſto diſſe Miſſa; modo com que antiguamente ſe dizia; additamentos, que lhe fizèraõ diverſos Pontifices Romanos; e razaõ porque no fim ſe diz; Ita Miſſa eſt.

CAPITULO IV.

Moſtra-ſe quem determinou com formalidade as veſtes Pontificaes; o uſo, e principio de ſe ſagrarem vazos, e paramentos Sacerdotaes; o modo com que antiguamente ſe conferiaõ os graos das Ordens com diverſidade à forma que hoje na Igreja por determinaçaõ Pontificia ſe pratica.

CAPITULO V.

Das Eleiçoens dos Pontifices Romanos, ſeu poder, e authoridade em todo o Mundo. Trata-ſe da erecçaõ da Dignidade Cardinalicia, Archiepiſcopal, e Epiſcopal.

CAPITULO VI.

Da relevante Dignidade Patriarcal. Moſtra ſer Conſtantinopla

quem na elevaçaõ deſte titulo em ſeus Prelados logrou a Primazia. Aponta-ſe quem foraõ os que teve, e termos a que ſua authoritativa juriſdiçaõ ſe extendia.

CAPITULO. VII.

Da ſegunda Igreja Patriarcal de Alexandria, deſtrictos a que ſe extendia ſua juriſdiçaõ, e Patriarcas Gregos, e Latinos que occupàraõ aquelle Trono.

CAPITULO VIII.

Da Santa, e famoſa Patriarcal de Antioquia, ſua ampla juriſdiçaõ, termos a que ſe extendia, e Prelados que a governàraõ.

CAPITULO IX.

Da quarta, e famoſa Patriarcal de Jeruſalem, Patriarcas que teve, e deſtrictos a que ſua ampla juriſdiçaõ ſe extendia.

CAPITULO X.

Moſtra o fundamento aluzivo que ſe ſupoem haver para a Creaçaõ dos Biſpos, Arcebiſpos, e Patriarcas com ſuas Collegiadas. Aponta-ſe a prreheminencia da veſte chamada - Palio - a alguns Prelados concedido; e expoem-ſe o principio que teve a acçaõ de beijar o pè ao Papa, e a maõ naõ ſó aos mais Principes Eccleſiaſticos, mas ainda Seculares.

CAPITULO XI.

Da Parcimonia com que antiguamente viviaõ os Sacerdotes em pobreza, e Caſtidade conjugal. Moſtra-ſe quem lhe concedeo os Dizimos, e Permicias; e ultimamente quem os diſpenſou em poderem ter herdades, rendas, e poſſeſſoens.

CAPITULO XII.

Moſtra de donde teve origem o Coro em que os Sacerdotes louvaõ a Deos nos Templos; Quem inſtituhio as ſete Horas Canonicas; Quem determinou ſe cantaſſem os Pſalmos, e ordenou mais cantos em a Igreja com orgaõ; Quem aſſinalou formalidade na reza, e compoz primeiro as liçoens que nella ſe dizem.

CAPITULO XIII.

Expoem-ſe o uſo dos Sacramentos da Igreja a beneficio dos Catholicos. Moſtra-ſe o principio da ſua inſtituiçaõ, e o modo de que ſe uſàraõ antiguamente.

CAPITULO XIV.

Do originario coſtume de ſe dedicarem, e ſagrarem os Templos; de ſe guardarem as Feſtas; de ſe Cannonizarem os Santos; de ſe venerar ſuas Reliquias, e pôr no Altar ſuas Imagens.

CAPITULO XV.

Da origem que teve o uſar-ſe de Lampadas nas Igrejas, acender

vélas,

vélas, ornar Altares, tocar os Sinos, offerecer milagres de cera, ou pintados.

CAPITULO XVI.

Moſtra quem inſtituhio na Igreja as Litanias, e Preces; a origem de ſe fazerem prociſſoens feſtivas com bandeiras, Cruzes, danças, e feſtins, o coſtume de fazer votos aos Santos.

CAPITULO XVII.

Do principio porque aos Fieis contidos no Gremio da Igreja concedèraõ os Pontifices Romanos Jubileos, Eſtaçoens, e Indulgencias, vigorando-ſe eſtas por meyo de Bullas Pontificias.

CAPITULO XVIII.

Do modo que antiguamente ſe praticava em dar, e aceitar os juramentos, reſpectivamente aos de hoje; e do uſo de proceder com cenſuras contra os delinquentes contumazes.

LIVRO QUINTO

Vida Religioſa, e Monaſtica.

CAPITULO I.

QUe couſa ſeja a vida Monaſtica, e quaes os ſeus primeiros Inſtituhidores. Moſtra-ſe que muitos Principes a illuſtráraõ, e nos dezertos a ſeguiraõ.

CAPITULO II.

Que couſa ſeja o ſoberano eſtado da vida Religioſa; quem foſſe ſeu primeiro Inſtituidor, e quaes as primeiras peſſoas que ſeguiraõ eſte Inſtituto.

CAPITULO III.

Moſtra-ſe quem foraõ na Ley da Graça os primeiros que eſtabalecèraõ diſperſamente Conventos para a vida Religioſa; e quaes os primeiros que com formalidade de Religioſa vida inſtituhiraõ Ordens, ou Religioens Sagradas com votos ſolemnes, Regra certa, e approvaçaõ Pontificia.

CAPITULO IV.

Da Inſtituhiçaõ das Religioſas Ordens de Valeumbroza, dos Conegos Regrantes, de Grande monte, da Carthuxa, de S. Antaõ, e de Ciſter. Fala-ſe na de S. Bazilio, S. Agoſtinho, e outras.

CAPITULO. V.

Da Illuſtre Congregaçaõ da dita Ordem de S. Bernardo, da Fonteuradenſe, dos Humilhados, dos Permonſtratenſes, dos Guilhelmitas, dos Cruciferos, dos Trinitarios, Pauliſtas, Mercenarios, e das Ordens de Valde-Couves, e Eſcolaſticos.

CA-

CAPITULO VI.

Das duas Sagradas Religioens Dominicana, e Franciſcana, Colunnas da S. Igreja Catholica.

CAPITULO VII.

De algumas Religioſas Ordens que ſahiraõ da Serafica Familia, Reformas, e Fundaçoens para que concorrèraõ ſeus Filhos; e expoem-ſe primariamente no modo poſſivel a protentoſa extençaõ a que no Orbe ſe dilata toda a Familia Serafica nas tres Ordens.

CAPITULO VIII.

Moſtra o principio das Ordens Cluniacence, Camaldulenſe; Grandemontenſe, Hieronymos, Montolivetanos, Olivetanos, Celeſtinos, e Gilbertos. Aponta a de S. Bazilio, Agoſtinho, e Hieronymo.

CAPITULO IX.

Das Ordens dos Silveſtrinos, Servitas, Carmelitas, Jezuatos, Hieronymos mendicantes, Eſcopetinos, Juſtinos, Ambrozios, Theatinos, Bernabitas, Jeſuitas, Agoſtinhos deſcalços; e da Congregaçaõ de noſſa Senhora, dos Padres Nerios, ou Congregaçaõ do Oratorio, e dos Beneditinos reformados, das Ordens de S. Joaõ de Deos, da de Chriſto, e da de S. Eſpirito.

CAPITULO X.

Das Ordens Militares, e das dos Terceiros Seculares.

LIVRO SEXTO.

Vida Conjugal.

CAPITULO I.

DE como entre todos os Eſtados logra o do Matrimonio a primazia pela ſua antiguidade, ſendo no principio a todos indifferente. Moſtraõ-ſe as excellencias deſte nexo, e os extremos deſte vincullo.

CAPITULO II.

De como no prudente acerto da eleiçaõ eſtá todo o bom ſucceſſo da vida Conjugal. Moſtra-ſe que a Deos ſe hade recorrer. Aponta-ſe o que na prezente materia antiguamente ſe praticava.

CAPITULO III.

Dos coſtumes celebres, uſos profanos, e ritos gentilicos que no Barbariſmo cego, e Genteliſmo idolatra antiguamente ſe viraõ, e por muitas Naçoens ſe imitàraõ.

CAPITULO IV.

Das pençoens laborioſas a que ſe ſogeitaõ os que tomaõ o Eſtado, e vida Conjugal.

CAPITULO V.

Moſtra finezas extremozas, e exceſſos notaveis que ſe obſervàraõ em peſſoas que contrahiraõ o Eſtado conjugal.

CAPITULO VI.

Moſtra que ordinariamente naõ póde haver no mundo para o homem mayor trabalho, e ruìna (ou cazado, ou por cazar) do que tratar, e ſofrer huma molher. Apontaõ-ſe por maravilha algumas em què eſte concetto ſe naõ vio verificado por heroicas acçoens que obràraõ.

APPENDIX A ESTE VI. LIVRO.

Em que ſummariamente ſe expoem a todos os Eſtados, e qualidade de peſſoas a precauçaõ, e utilidades da vida continente.

LIVRO SETIMO.

Vida Literaria.

CAPITULO I.

MOſtra as Excellencias, utilidades, e effeitos da Sabedoria; expoem o quanto para a aprehençaõ das ſciencias ſe faz preciza a Arte da Memoria; apontaõ-ſe algumas peſſoas, q̃ neſta foraõ notaveis.

CAPITULO II.

Da Gramatica, e Rhétorica; moſtra-ſe a ſua origem; e ſe lhe explanaõ as excellencias.

CAPITULO III.

Da Oratoria, e Poezia; explanaõ-ſe os ſeus principios, declaraõ-ſe as qualidades, e moſtra-ſe deſtas duas Scientificas Artes a relevancia. Toca-ſe na Satyra, e na Hiſtoria.

CAPITULO IV.

Da Filozofia genericamente entendida. Moſtra-ſe a ſua origem, e conſiſtencia. Apontaõ-ſe os ſeus Inventores; e explanaõ-ſe os ſeus progreſſos. Toca-ſe na natural Filozofia, e Moral.

CAPITULO. V.

Da Logicaou, Dialectica. Toca-ſe tambem na Etica, e moſtraõ-ſe ſuas divizoens, tractabilidade, e origem.

CAPITULO. VI.

Da Fiſica como eſpeculativa Sciencia. Aponta-ſe ſeu originario principio.

CAPITULO. VII.

Do Elemento da Terra conforme os Fiſicos, Coſmografos, e Geografos praticaõ. Trata dos Metaes, que a terra cria, terremotos que faz, e vulcoens de fogo que lança.

CAP.

CAPITULO VIII.

Expoem-se à curioſa Leitura as propriedades, e effeitos dos outros tres Elementos Agoa, Fogo, Ar, conforme os Fiſicos, e mais ſabios expertos em outras Sciencias praticaõ.

CAPITULO IX.

Da Metafiſica. Moſtraõſe ſeus dogmas principaes, e expendemſe Autores que nas tres partes da Filoſofia eſcrevèraõ.

CAPITULO X.

Da Medicina. Moſtra-ſe a ſua origem, augmento, e excellencia. Expoem-ſe as ſua diviſoens, antiguidade, empregos, e projectos.

CAPITULO XI.

Da Mathematica, Aſtrologia, e Aſtronomia. Moſtraõ-ſe os ſeus inventos, e expendem-ſe os ſeus objectos.

CAPITULO XII.

Das qualidades, e numero dos Ceos, Planetas, Aſtros, e Eſtrelas, em cujo diſcurço as Sciencia Fiſica, Medica, Aſtronomica, e Mathematica ſe occupaõ.

CAPITULO XIII.

Do Direito Civil, e Canonico. Moſtra ſua origem, diviſoens, ſubdivizoens, e materias que in utroque jure *ſe comprehendem. Aponta algumas fórmas do antigo Direito, ou Leys antiguas de que eſtas ſe eduziraõ.*

CAPITULO XIV.

Da Theologia Moral, e ſua praxe. Moſtra a deduçaõ do ſeu nome; Vaſtidaõ a que ſe extende, e materias de que trata.

CAPITULO XV.

Da Theologia Eſpeculativa. Moſtra ſe a ſua origem, e as materias de que trata; expende-ſe deſta famoziſſima Sciencia a ſingular relevancia

LIVRO OITAVO

Vida Militar.

CAPITULO I.

MOſtra a origem deſta famoziſima Arte taõ celebre em o Mundo Quem foraõ ſeus primeiros Inventores; e quaes os ſolidos preceitos com que inſtrue aos que a proffeſſaõ.

CAPITULO II.

Moſtra qual he a incunbencia eſpecial do Militar Soldado Engenheiro, e as couſas em que ſe deve eſtabalecer o ſeu cuidado. Apontaõ-ſe alguns Autores que nas Militares materias eſcrevèraõ.

CAPITULO III.

Moſtra o originario principio dos inſtromentos bèlicos, e armas deffenſivas, e offenſivas de que os Militares antiguamente uſavaõ, e das que hoje praticaõ.

CAPITULO IV.

Apontaõ-ſe algumas guerras, e antiquiſſimas batalhas, que na terra, e mar por diverſidade de accidentes ſe fizèraõ notaveis humas, e outras celebres.

LIVRO NONO

Vida Maritima, Nautica, e Piſcatoria.

CAPITULO I.

Moſtra quem primeiro no Mundo teve eſte modo de vida, e inventou navegar-ſe pelo mar. Aponta-ſe quem ideou as embarcaçoens primeiras.

CAPITULO II.

Do que deve ao menos ter ſciencia pratica o bom Nautico, para que as embarcaçoens, naõ periguem. Trata de alguns que para mais facilmente navegar deſcobriraõ meyos, e de outros que primeiro ideàraõ ligeiras embarcaçoens.

CAPITULO III.

Moſtra quem primeiro inventou a peſcaria; quem eſtimou em muito eſta curioſa arte; quem primeiro na terra firme inventou viveiros para ter como no mar os pexes vivos. Apontaõ-ſe nomes de pexes que ha no noſſo Portugal, os modos de ſe peſcarem, e quem inventou o ſal.

CAPITULO IV.

De alguns pexes monſtruoſos que ha em diverſas Naçoens do Mundo, iſto he, nos mares de diverſos Reinos, e Imperios.

LIVRO DECIMO

Vida Officioſa.

CAPITULO I.

Dos Julgadores, Advogados, Eſcrivaens, Tabaliaens, e Requerentes; dos Meirinhos, Alcaides, e Carcereiros. Tocaõ-ſe antiguidades celebres, e moſtra-ſe quem foraõ os primeiros Juizes, quando ſe eſtabalecèraõ, de que materia eraõ as ſuas varas; quem primeiro inſtituhio os carceres, e inventou os azilos.

CA-

CAPITULO II.

Dos Cirurgioens, Anatomicos, Quimicos, Boticarios, Herbolarios, e Sangradores. Moſtra-ſe a ſua origem, e antiguidade expendem-ſe os ſeus empregos.

CAPITULO III.

Da Arte Muzica, Poetica, e Pictoria. Moſtra-ſe o ſeu invento, e admiraõ-ſe os ſeus progreſſos; aponta-ſe quem inventou os Inſtromentos.

CAPITULO IV.

Da Geometria, Eſcultura, e Arquitetura. Moſtra deſtas tres excellentes artes os empregos, e aponta os Inventores.

CAPITULO. V.

Moſtra ſummariamente as dez maravilhas do Mundo, e aponta as mais celebres Cidades de todo o Orbe em cujas ſumptuozas fabricas, e protentozos Edeficios ſe eſmerou a Arquitetura.

CAPITULO. VI.

Appendix ao antecedente Capitulo.

CAPITULO. VII.

Das Artes de Cavalaria, Alveitaria, e Ferradoria. Moſtra os ſeus miniſterios; aponta os ſeus Inventores; e diz quem foraõ os primeiros que uſáraõ de ajaezar os Cavallos.

CAPITULO VIII.

Das Artes Venatoria, Gladiatoria, e Ludatoria. Referem-ſe ſeus primeiros Inventores, coſtumes que obſervavaõ os antiguos, de que ſe extrahiraõ os que ſaõ agora praticados.

LIVRO UNDECIMO

Vida Laburioza.

CAPITULO I.

DOs *Agricultores, Cavadores, Plantadores, Poceiros, Lavradores, e Valadores. Moſtra quem foraõ os primeiros que ſe occupàraõ neſtes exercicios, e fizeraõ invento para taõ neceſſarios miniſteiros.*

CAPITULO II.

Dos Aceifeiros, Ataſoneiros, Moleiros, Pádeiros, e Forneiros. Moſtra-ſe a ſua origem, e ſeu utiliſſimo invento.

CAPITULO III.

Dos Cozinheiros, Paſteleiros, Confeiteiros, Azeiteiros, Taverneiros, e Queijeiros. Moſtra quem, quando, e como ſe inventàraõ diverſidade de iguarias nas mezas, e ſobremezas para goſto, e regalo do corpo humano.

CAPITULO IV.

Dos Oleiros, Paneiros, Sombreireiros, Tintureiros, Tendeiros, e Pireireiros. Moſtra ſe quem foram os Inventores deſtes exercicios, e os primeiros que ſe ocupàraõ neſtes miniſterios.

CAPITULO V.

Das Fiandeiras, Tecedeiras, Coſtureiras, Rendeiras, e Lavandeiras. Moſtra-ſe a antiguidade, e origem deſtes miniſterios, e quem os inventou para limpeza, e tratamento do corpo humano.

CAPITULO VI.

Dos Alfaiates, Bordadores, Algibebes, Capateiros, e Curtidores. Moſtra-ſe quem de todas eſtas artes foraõ os primeiros Inventores, que coſtumes obſervàraõ, e que antiguidade tivèraõ.

CAPITULO VII.

Dos Ourives do ouro, e prata, Cravadores de diamantes, Enſayadores, e Moedeiros. Trata-ſe de quem primeiro deſcobrio aquelles preciosos mineraes, quem primeiro mandou bater moeda, e ſe moſtra quem para taõ engenhozas artes deſcobrio o invento.

CAPITULO VIII.

Dos Fundidores, Cineiros, Caldeireiros, Latoeiros, e Picheleiros. Moſtra a antiguidade no invento, aponta quem primeiro achou o fogo, e inferiores metaes.

CAPITULO IX.

Dos Relojoeiros, Ferreiros, Sarralheiros, Eſpadeiros, e Eſpingardeiros. Aponta quem ſoſſem deſtas Artes os Inventores, e moſtra ſua muita antiguidade no invento.

CAPITULO X.

Dos Contratadores, Mercadores, Douradores, Impreſſores, Livreiros, Curieiros, e Surradores. Moſtra-ſe a antiguidade no invento deſtas artes, e trata-ſe das maiores livrarias do Mundo.

CAPITULO XI.

Cabeleireiros, Barbeiros, Vidraceiros, Correeiros, Celeiros, Albardeiros, Cordoeiros, e Odreiros. Moſtra-ſe a origem, e antiguidade no invento deſtas artes.

CAPITULO XII.

Dos Entalhadores, Eſtatuarios, Carpenteiros, Torneiros, Tanoeiros, Coxeiros, Cabouqueiros, Canteiros, e Alvineos. Moſtra-ſe a antiguidade de ſeu invento, e tocaõ-ſe algumas particularidades na materia.